O S H O

Vislumbres de uma infância dourada

A autobiografia de um rebelde iluminado

Sessão 1

É uma formosa manhã. O sol segue saindo uma e outra vez mas sempre é novo. Não envelhece nunca. Os cientistas dizem que tem milhões de anos. Bobagens! Vejo-o todos os dias. Sempre é novo. Nada envelhece. Mas os cientistas são enterradores, por isso digo que têm esse aspecto tão grave, tão sério. Esta manhã se volta a repetir o milagre da existência. Está acontecendo em cada momento, embora só o descobrem uns poucos, muito, muito poucos.

A palavra «descobrir» é muito formosa. Descobrir o momento tal como é, vê-lo tal como é, sem acrescentar nada, sem suprimir nada, sem nenhum trabalho de edição; vê-lo tal como é, como um espelho... Graças a Deus, o espelho não edita; se não, não haveria nenhuma só cara no mundo que se ajustasse a seus requisitos, nem sequer a da Cleopatra. Não haveria nenhuma cara adequada para o espelho, pelo simples feito de que se te começar a recortar, a editar e a acrescentar te começará a destruir. Mas os espelhos não são destrutivos. Até o espelho mais feio é formoso em sua indestrutibilidade. Simplesmente reflete.

antes de entrar em sua Arca do Noé estava de pé olhando o amanhecer..., tão formoso, ao menos hoje, e a quem lhe importa o manhã...? O manhã nunca chega. Jesus diz: «Não pense no manhã...»

Hoje faz um dia tão esplêndido que por um momento me lembrei da formidável beleza do amanhecer nos Himalayas. Ali, quando está rodeado de neve e as árvores parecem noivas, como se tivessem florescido com flores brancas de neve, a um deixam de interessar os chamados peixes gordos, os primeiros ministros, os presidentes mundiais e os reis e rainhas. De fato, os reis e as rainhas acabarão existindo somente nos baralhos, que é onde lhes corresponde estar. E os presidentes e primeiros ministros ocuparão o lugar dos curingas. Não se merecem nada mais.

Essas árvores das montanhas com suas flores brancas de neve..., e sempre que via cair a neve de suas folhas me vinha à memória uma árvore de minha infância. Esse tipo de árvore só cresce na Índia; chama-se madhumalti; madhu significa doce, malti significa reina. Jamais conheci uma fragrância mais maravilhosa e mais penetrante; já sabem que sou alérgico ao perfume, por isso o distingo imediatamente. Sou muito sensível ao perfume.

O madhumalti é a árvore mais bela que lhes possam imaginar. Deus o deveu criar o sétimo dia. Liberado de todas as preocupações e as pressas do mundo, tendo acabado contudo, inclusive com homens e mulheres, deve ter criado o madhumalti em seu dia livre, em um dia de festa, um domingo..., por esse velho costume de criar. É difícil livrar-se dos velhos hábitos.

O madhumalti floresce com milhares de flores ao mesmo tempo. Não só uma flor aqui e outra lá, não; esse não é o estilo do madhumalti, nem o meu tampouco.

O madhumalti floresce com riqueza, com luxo, com abundância; milhares de flores, tantas que não pode ver as folhas. A árvore se cobre completamente de flores brancas.

As árvores talheres de neve sempre me recordaram ao madhumalti. Claro, que não têm perfume, para mim é uma sorte que a neve não tenha perfume. É uma lástima não poder voltar a ter as flores do madhumalti em minhas mãos. A fragrância é tão forte que se pulveriza ao longo de quilômetros, e recorda que não estou exagerando. Basta um só madhumalti para encher todo o bairro com seu imenso perfume.

Adoro os Himalayas. Tivesse-me gostado de morrer ali. É o lugar mais belo para morrer; para viver também, é obvio, mas no que se refere a morrer é o sítio por excelência. Ali é onde morreu Lao Tzu. Nos vales dos Himalayas morreu Buda, morreu Jesus, morreu Moisés. Não há nenhuma outra montanha que se possa atribuir ao Moisés, ao Jesus, ao Lao Tzu, a Buda, a Bodhidharma, a Milarepa, a Marpa, a Tilopa, a Naropa e a milhares de pessoas mais.

Suíça é formosa mas não se pode comparar com os Himalayas. É muito cômodo estar na Suíça com todos seus adiantamentos modernos. É muito incômodo estar nos Himalayas. Ainda não chegou nenhum tipo de tecnologia; nem estradas, nem eletricidade, nem aviões, nem ferrovia, nada de nada. Mas então é quando surge a inocência. A gente é transportado a outro tempo, a outro ser, a outro espaço.

Tivesse-me gostado de morrer ali; e esta manhã, de pé, contemplando o amanhecer, senti-me aliviado ao saber que não passa nada se morrer aqui, especialmente em um dia tão formoso como hoje. E escolherei morrer um dia no que me sinta parte dos Himalayas. Para mim a morte não é só um final, um ponto final. Não; para mim a morte é uma celebração.

A lembrança da neve caindo das árvores, como flores caindo do madhumalti, inspirou-me um haiku.....

Os gansos selvagens
Não pretendem refletir-se.
A água não tem mente
Para receber suas imagens.

Ah! que formoso. Os gansos selvagens não pretendem refletir-se, e a água tampouco tem intenção de receber o reflexo e, entretanto, o reflexo está aí. Essa é a beleza. Ninguém o tem proposto mas está aí; Isto é o que eu chamo comunhão. Sempre odiei a comunicação. A comunicação é repugnante para mim. Pode ver como acontece entre marido e mulher, entre chefe e criado, e assim sucessivamente. Em realidade, não acontece nunca. Minha palavra é comunhão.

Vejo o Buda Hall com toda minha gente..., só um instante, como um brilho, tantos momentos de comunhão. Não é somente uma reunião; não é uma igreja. A gente não vem aqui como um trâmite. A gente vem para mim, não ao sítio. Sempre que há um professor e um discípulo (embora só fosse um professor e um discípulo, isso não importa) produz-se uma comunhão. Está acontecendo agora mesmo embora só vós estejam quatro. Provavelmente, nem sequer seja capaz de contar com os olhos fechados, menos mal; só assim se pode permanecer no mundo do incontável..., e além disso, livre de impostos! Quando aprende a contar aparecem os impostos. Sou incontável, ninguém me aplicou nenhum imposto.

Grupo Provisão estuda mecânica quântica , PNL
venha participar : 65 9 9632 0674

Eu era professor na universidade. Quando me quiseram aumentar o salário os pinjente que não. O reitor não dava crédito.
-por que não? -perguntou-me.
-Se cobrasse mais do que pagamento agora -respondi-lhe- teria que pagar impostos, e ódio os impostos. Prefiro seguir com o mesmo salário a cobrar mais e que me incomodem os inspetores de Fazenda.

Nunca transbordei o limite permitido para não ter que pagar Impostos.

Jamais paguei o imposto sobre a renda; de fato não tenho ganhos. estive dando ao mundo, não tomei nada do mundo. trata-se de um desembolso, não de um ingresso. entreguei meu coração e meu ser.

Menos mal que as flores estão livre de impostos, se não, deixariam de florescer; menos mal que a neve está livre de impostos, se não, não nevaria, me acreditem!

Devo lhes dizer que depois da revolução russa algo ocorreu com os gênios russos. Todos desapareceram: Leão Tolstói, Fedor Dostoievski, Turgénev, Máximo Gorki. Entretanto, na Rússia atual, os escritores, os novelistas e os artistas são as pessoas melhor remuneradas e mais respeitadas. O que ocorreu? Então, por que já não se escrevem livros como Os irmãos Karamazov, Anna Karenina, Pais e filhos, A mãe ou Apontamentos da tumba? por que? Milhares de vezes me perguntei: por que? O que aconteceu aos geniais novelistas russos?

Não acredito que nenhum outro país possa competir com a Rússia. Se selecionar as dez melhores cria novelas do mundo, necessariamente terá que incluir cinco novelas russas, deixando as outras cinco para o resto do mundo. O que foi que essa fabulosa genialidade? morreu! Não se pode dar ordens às flores, para elas não existem os dez mandamentos. As flores florescem, não lhes pode ordenar que floresçam. A neve cai, não pode decretar um mandamento, não pode fixar uma data. Isso é impossível e o mesmo acontece com os Budas. Dizem o que querem dizer, quando o querem dizer. São capazes de dizer, inclusive a uma só pessoa, o que todo mundo teria querido escutar.

Agora estão aí, certamente só quatro pessoas. Digo «certamente» porque não me dão bem as matemática, e com os olhos fechados..., podem-lhes imaginar..., e com lágrimas nos olhos, não porque estejam aqui pressente só quatro pessoas, mas sim por esta manhã tão formosa, pelo amanhecer.

Graças a Deus. Ele pensa em mim; embora não exista, pensa em mim. Eu o nego e, entretanto, segue pensando em mim. O grande Deus. A existência parece ocupar-se. Mas não conhece os caminhos da existência; são imprevisíveis. Sempre amei o imprevisível.

Minhas lágrimas são pelo amanhecer. A existência me cuidou. Eu não o tinha pedido. Tampouco me respondeu. Mesmo assim houve um cuidado. Os gansos selvagens não pretendem projetar seu reflexo. A água não se propõe refletir suas imagens...

Assim é como estou falando. Não sei qual vai ser a frase seguinte, ou se for havê-la. A incerteza é formosa.

Lembrança outra vez a aldeia onde nasci. Para começar, é incompreensível por que a existência escolheu esse pueblecito. É como tinha que ser. O povo era precioso. viajei ao largo e ao longo, mas nunca vi uma beleza equiparável. A gente nunca volta para o mesmo. As coisas vêm e vão, mas nunca é o mesmo.

Posso vê-lo ainda, um pequeno povo. Umas quantas cabanas perto de um lago e as altas árvores onde estava acostumadas jogar. No povo não havia escola. Isto tem muita relevância porque, durante quase nove anos, não recebi educação, e esses são os anos mais importantes. Depois, embora o tentem, já não lhe podem educar.

Em certo sentido, ainda sigo sem educar, embora tenha muitos títulos. Qualquer pessoa carente de educação os poderia conseguir. E não qualquer título, a não ser um título de professor de primeira categoria; isso também o pode fazer qualquer parvo. Todos os anos o fazem tantos parvos que não tem importância. O importante é que durante os primeiros anos não recebi educação. Não havia colégio, nem estrada, nem ferrovia, nem agência de correios. Que bênção! Esse pequeno povo era todo um mundo. Inclusive em minhas épocas afastado daquele povo seguia nesse mundo, sem educar.

Tenho lido o famoso livro do Ruskin Lubrifico this Last, e enquanto o lia estava pensando no povo. Lubrifico this Last..., esse povo permanece inalterável. Não há estradas que o comuniquem nem ferrovia que o cruze, nem sequer agora, depois de cinqüenta anos; não há agência de correios, nem delegacia de polícia, nem médico; de fato, ninguém fica doente nesse povo porque é muito puro e não há contaminação. conheci a gente do povo que nunca viu um trem, que se pergunta como será, que nem sequer viu um ônibus ou um carro. Não saíram nunca do povo. Vivem felizes e tranqüilos.

O lugar onde nasci, Kuchwada, era um povo onde não havia ferrovia nem agência de correios. Havia umas colinas, melhor dizendo, uns montículos, mas também havia um lago precioso e algumas cabanas, cabanas de palha. A única casa de tijolos que havia é onde eu nasci, e tampouco era uma grande casa. Não era mais que uma casita.

Lembro-me dela e posso descrever cada detalhe..., mas mais que da casa ou do povo, lembro-me da gente. Embora me topei com milhões de pessoas, as desse povo eram mais inocentes que nenhuma, porque eram muito primitivas. Não sabiam nada do mundo. No povo não tinha entrado nem um periódico. Agora podem entender por que não havia escola, nem sequer uma escola primária... Que bênção! Os meninos modernos não o podem permitir.

Durante esses anos não recebi educação, e foram os mais formosos.

Sim; devo confessar que tive um professor particular. Esse primeiro professor também era analfabeto. Não me instruía, mas sim tentava aprender enquanto me ensinava. Pode ser que conhecesse o famoso dito «a melhor maneira de aprender é ensinar», mas era um bom homem, amável, não era o típico professor antipático. Para ser professor terá que ser antipático. É parte da profissão. Ele era agradável; muito delicado, como a manteiga. Tenho-lhes que confessar que lhe estava acostumado a pegar; mas não me devolvia isso, simplesmente ria e dizia:

-É um menino e me pode pegar. Eu sou um ancião, e não lhe posso devolver isso. Quando for major o entenderá.

Isso é o que me disse, e é verdade, entendo-o...

Era um aldeão simpático e tinha uma grande intuição. Às vezes a gente de povo tem uma intuição da que carecem as pessoas civilizadas. Gesso me recorda...

Vai uma mulher bonita à praia. Vendo que não há ninguém ao redor, se nua. Justo antes de entrar na água um velho o para e lhe diz: -Senhora, sou o policial do povo. Está proibido banhar-se nesta praia. A mulher o olhe surpreendida e pergunta: -Então, por que não me impediu que me despisse? O velho não pode parar de rir, e lhe diz com lágrimas nos olhos: -Porque não está proibido despir-se, por isso esperei detrás de uma árvore!

Um aldeão incrível..., esse é o tipo de gente que vivia no povo, gente singela. O povo estava rodeado de pequenas colinas e havia um lago. Só Basho pode descrever esse lago. E tampouco o descreve, simplesmente diz:

O velho lago Salta a rã Plop!

É isto uma descrição? Só se menciona o lago e a rã. Não há descrição do lago ou da rã..., E plop!

No povo havia um velho lago, muito antigo e rodeado de velhas árvores, talvez tivessem centenas de anos, e formosas rochas ao redor..., e, naturalmente, saltavam as rãs. Dia detrás dia podia ouvir o «plop» uma e outra vez. O som das rãs ao saltar contribuía realmente ao silêncio lhe reinem. Esse som enriquecia o silêncio, o fazia mais eloqüente.

Essa é a beleza do Basho: podia descrever algo sem ter que descrevê-lo. Podia dizer algo sem pronunciar nenhuma só palavra. «¡Plop!» Mas, é isso uma palavra? Não há nenhuma palavra que possa fazer justiça ao som de uma rã saltando ao velho lago, mas Basho lhe fez justiça.

Eu não sou Basho, e o povo necessitava um Basho. Provavelmente, ele tivesse feito uns esboços preciosos, uns quadros e uns haikus... Eu não tenho feito nada sobre esse povo; perguntarão-lhes por que não tornei nem sequer de visita. Basta-me com uma vez. Nunca vou duas vezes aos sítios. Para mim não existe o número dois. deixei muitos povos, muitas cidades, para não voltar nunca mais. O que se foi, foi-se para sempre, essa é minha forma de ser; assim nunca voltei para povo. A gente dali me mandou mensagens para que voltasse para menos uma vez. Respondi-lhes por meio de um mensageiro: Já estive ali uma vez e não tenho o costume de ir duas vezes. Mas o silêncio do velho lago permanece comigo. De novo, lembro-me dos Himalayas; a neve..., tão formosa, tão pura, tão inocente. Só se pode ver com os olhos de um Bodidharma, de um Jesus ou de um Basho. Não há outra maneira de descrever a neve; só a refletem os olhos dos budas. Os idiotas a podem pisotear, podem fazer bolas de neve com ela, mas só os olhos dos budas podem refleti-la. Embora...

Os gansos selvagens
Não pretendem refletir-se.
A água não tem mente
Para receber suas imagens...

E, entretanto, o reflexo está aí. Os budas não querem refletir a beleza do mundo, nem pretende o mundo, de maneira nenhuma, ser refletido pelos budas, mas é refletido. Ninguém quer, mas acontece, e quando acontece é formoso. Quando se faz, é ordinário; quando o faz, é um técnico. Quando acontece é um professor.

A comunicação forma parte do mundo do técnico; a comunhão é a fragrância do mundo do professor. Isto é comunhão. Não estou falando de nada em particular... Os gansos selvagens e a água...

Sessão 2

Acabo de ter uma experiência dourada ao sentir como um discípulo trabalhava tão amorosamente sobre o corpo de seu professor. Por isso estou ainda sem respiração. E isto me recorda minha infância dourada.

Todo mundo fala de sua infância dourada mas poucas, muito poucas vezes, é certo. Em geral é mentira. Embora haja tanta gente que conta a mesma mentira que já ninguém a detecta. Inclusive os poetas se passam a vida cantando canções de sua infância dourada. Por exemplo, Wordsworth " embora não seja um tipo nada

desprezível; mas uma infância dourada é algo extremamente estranho, por uma singela razão: onde a pode encontrar?

Em primeiro lugar, tem que escolher seu nascimento. Isso é quase impossível. Não pode escolher seu nascimento a menos que tenha morrido em estado de meditação; só pode acessar a esta eleição o meditador. Ele morre conscientemente, por isso obtém o direito a nascer conscientemente.

Eu morri conscientemente. Em realidade não é que morrera, mas sim me mataram. Teria-me que ter morrido três dias mais tarde, mas não puderam esperar nem sequer três dias. A gente tem tanta pressa. Surpreenderá-lhes saber que o homem que me matou é, atualmente, meu sannyasin. Não veio para tomar sannyas, a não ser para me matar de novo... mas se persistir em seu jogo, eu persisto no meu. Ele mesmo me confessou isso mais tarde, depois de ser sannyasin durante sete anos.

-Amado professor -disse-, agora lhe posso confessar isso sem medo; fui ao Ahmedabad para te matar. -meu deus, outra vez! -exclamei. -Que quer dizer com «outra vez»? –me perguntou. Isso é outra questão, continua... -respondi-lhe. -Faz sete anos, no Arnhedabad -disse-, fui a seu encontro com um revólver. A sala estava tão abarrotada que os organizadores permitiram que a gente se sentasse no estrado.

Pois a este homem, armado com um revólver para me matar, lhe permitiu sentar-se a meu lado. Que oportunidade!

-por que deixou acontecer a ocasião? -perguntei-lhe.

-Não te tinha ouvido falar nunca -respondeu-, só tinha ouvido falar de ti. Quando te ouvi falar pensei que preferiria suicidarme antes que te matar. Por isso me tenho feito sannyasin, esse foi meu suicídio.

Faz setecentos anos este homem me matou de verdade; envenenou-me. Naquela época também era meu discípulo..., mas sem um Judas é muito difícil que haja um Jesus. Eu morri conscientemente, por isso tive a grande oportunidade de nascer conscientemente. Escolhi a meu pai e a minha mãe.

Milhares de idiotas estão fazendo o amor em todo mundo, a todas as horas. Milhões de almas nonatas estão listas para entrar em um ventre qualquer. Esperei setecentos anos até o momento preciso, e dou graças à existência por havê-lo encontrado. Setecentos anos não é nada comparado com os milhões e milhões de anos que ficam por diante. Só setecentos anos -sim, digo só- e escolhi um casal muito pobre mas muito íntimo.

Acredito que meu pai nunca olhou a outra mulher com o mesmo amor que sentia por minha mãe. E é impossível imaginar -até para mim, que me posso imaginar toda classe de coisas- que minha mãe tivesse outro homem, nem em sonhos... impossível! Conheci-os aos dois, eram tão íntimos, tão amigos, estavam muito satisfeitos embora fossem muito pobres..., pobres mas ricos. Eram ricos em sua pobreza graças a sua intimidade, ricos pelo amor que sentiam o um pelo outro

Felizmente, nunca lhes vi brigar. Digo «felizmente» porque é muito difícil encontrar um marido e uma esposa que não se estejam brigando. Só Deus sabe quando encontram tempo para o amor, e provavelmente tampouco saiba. Ao fim e ao cabo, tem-se que ocupar de sua própria mulher..., especialmente o Deus hindu. Ao menos, o Deus cristão está em uma situação mais favorável: não tem algemas, não tem mulheres, por não mencionar à esposa! Porque uma mulher é mais perigosa que uma esposa. Pode suportar a uma esposa, mas a uma mulher... está fazendo o parvo outra vez! Não pode suportar a uma mulher, ela te «atrai»; uma esposa te «distrai».

Note em meu inglês! Ponha entre aspas para que não haja mal-entendidos, embora, faça o que faça, todos me vão interpretar mau. Mas tenta-o, ponha entre aspas: a esposa «distrai», a mulher «atrai».

Nunca vi brigar a meu pai e a minha mãe, nem sequer arreganhar. A gente fala de milagres; eu vi um milagre: minha mãe não o para recriminações a meu pai. É um milagre porque durante séculos a mulher esteve tão dominada pelo homem que aprendeu técnicas ocultas: as recriminações. As recriminações são violência disfarçada, violência mascarada. Nunca vi a meu pai e a minha mãe em uma situação de briga.

Quando morreu meu pai estava preocupado por minha mãe. Não acreditava capaz de sobreviver. quiseram-se tanto que quase se feito um. Ela sobreviveu somente porque também me queria .

Preocupei-me por ela constantemente. Queria que estivesse perto de mim para que pudesse morrer completamente realizada. Agora sei. Vi-a, vi dentro dela, e lhes posso dizer -e através de vós saberá, algum dia, o resto do mundo- que se iluminou. Eu era seu último apego. Agora não fica nada ao que apegar-se. É uma mulher iluminada, analfabeta, singela, sem nem sequer saber o que é a iluminação. Essa é a beleza! pode-se ser um iluminado sem saber o que é a iluminação, e viceversa: pode saber tudo sobre a iluminação e não te iluminar.

Escolhi a este casal, só eram uns populares. Poderia ter eleito que fossem reis e rainhas. Estava em minhas mãos. Há todo tipo de ventres disponíveis, mas eu sou um homem de gostos singelos: sempre me conformo com o melhor. Era um casal pobre, muito pobre. Não seriam capazes de entender que meu pai só tinha setecentas rupias; isso são trinta dólares. É tudo o que possuía e, entretanto, escolhi-lhe para ser meu pai. Tinha uma riqueza que os olhos não podem ver, uma realeza que é invisível.

Muitos de vós lhe viram e hão sentido sua beleza. Era um homem singelo, muito singelo, inclusive poderiam dizer que era popular, mas era incalculablemente rico, não no sentido mundano a não ser no sentido espiritual, se existir...

Trinta dólares, esse era todo seu capital. Eu não sabia. Só me inteirei mais tarde, quando seu negócio estava em bancarrota... ¡Y era muito feliz!

-Dada -perguntei-lhe; lhe estava acostumado a chamar assim, dada quer dizer pai-, Dada, logo estará em bancarrota, e apesar de tudo é feliz. O que ocorre? São falsos os rumores?

-Não; os rumores são totalmente certos -respondeu-. A quebra é inevitável, mas me sinto feliz porque economizei setecentas rupias. Com isso comecei. E te vou ensinar o Sítio... Então me ensinou onde tinha escondido as setecentas rupias e me disse: Não se preocupe. Só comecei com setecentas rupias. O resto não nos pertence, que se vá ao inferno. O que nos pertence está escondido neste lugar, e lhe ensinei isso. VOCÊ é meu filho maior, recorda este lugar.

Sei onde está..., não o contei a ninguém nem vá fazer, porque embora foi generoso ao me contar seu segredo, eu não sou seu filho nem ele é meu pai. Ele é ele mesmo, e eu sou eu mesmo. «Pai e filho» são só formalidades. Essas setecentas rupias seguem enterradas em algum lugar, e seguirão aí a não ser que alguém as encontre por acaso.

Embora me ensinaste o sítio -o pinjente-, eu não o vi.

-O que quer dizer? -perguntou-me.

-Muito singelo -respondi-. Não o vejo e não o quero ver. Não pertenço a nenhum patrimônio, pequeno ou grande, rico ou pobre.

Ele, por sua parte, era um pai carinhoso, embora por minha parte eu não possa dizer o mesmo; sinto muito.

Era um pai carinhoso. Foi o único que se preocupou quando deixei meu emprego na universidade, ninguém mais. Nenhum de meus amigos estava preocupado. A quem lhe importava? Em realidade, muitos de meus amigos se alegraram de que deixasse a praça vacante; assim a poderiam ter eles. equilibraram-se. Só se preocupou meu pai.

-Não tem por que preocupar-se -tranqüilizei-lhe.

Mas não foi de grande ajuda o dizer-lhe Sem me contar nada, comprou um grande terreno, porque sabia que se me contava isso lhe teria dado um cabeçada. Construiu uma casita preciosa para mim, exatamente como me teria gostado que fora. Lhes ides surpreender: tinha até ar condicionado, todos os adiantamentos modernos.

Estava perto do povo, tinha um jardim que dava à borda do rio e havia umas escadas que conduziam até ali para que me pudesse banhar..., tinha velhas árvores, antigos, e ao redor reinava um silêncio absoluto, não havia ninguém mais em quilômetros à redonda. Mas nunca me disse isso.

Menos mal que meu pobre pai está morto; se não, lhe teria dado muitos desgostos. Mas me queria muito e tinha muita compaixão por seu filho vagabundo.

Sou um vagabundo. Nunca tenho feito nada por minha família. Não me devem absolutamente nada. Eles têm feito por mim tudo o que fizesse falta. Tinha boas razões para escolher a esse casal..., seu amor, sua intimidade, sua quase unidade. Assim é como, depois de setecentos anos, tornei a entrar em um corpo.

Minha infância foi de ouro. Insisto que não estou usando um clichê. Todo mundo diz que sua infância foi dourada, mas não é assim. A gente acredita que sua infância foi dourada porque sua juventude está podre; e mais até sua velhice. Naturalmente, a infância se volta de ouro. Minha infância não foi dourada nesse sentido. Minha juventude foi um diamante, e se chegar a ser um ancião serei de platina. Certamente, minha infância foi dourada, não só simbolicamente, mas também absolutamente dotada; não poeticamente, a não ser literalmente, objetivamente.

Durante a maior parte de meus primeiros anos vivi com os pais de minha mãe. Esses anos são inesquecíveis. Embora alcance o paraíso de lhe Dêem, seguirei recordando esses anos. Um pueblecito, gente humilde, mas meu avô -refiro-me ao pai de minha mãe- era um homem generoso. Era pobre, mas rico em sua generosidade. Repartia o que tivesse entre todos e cada um. dele aprendi a arte de dar; tenho que reconhecê-lo. Nunca lhe vi negar algo a nenhum mendigo nem a ninguém.

Eu chamava o pai de minha mãe «Canção de ninar»; assim é como se chama na Índia ao pai da mãe. À mãe de minha mãe lhe dizem «Nani». Lhe estava acostumado a perguntar a meu avô:

-Canção de ninar, onde encontraste uma mulher tão formosa?

Minha avó parecia mais grega que hindu. Quando vejo rir a Mukta, lembro-me dela.

Talvez por isso tenho debilidade pela Mukta. Não lhe posso dizer que não. Embora não esteja bem o que me pede, sempre lhe digo «de acordo». Assim que a vejo me lembro automaticamente de meu Nani. Provavelmente tivesse um pouco de sangue grego. Nenhuma raça se pode declarar pura. Os índios, particularmente, não deveriam atribuir-se pureza de sangue; os hunos, os mongois, os gregos e muitos outros atacaram, conquistado e reinado sobre a Índia. mesclaram-se com o

sangue a Índia, e isto era muito evidente em minha avó. Suas facções não eram índias, parecia grega, e era uma mulher forte, muito forte. Quando minha Canção de ninar morreu não teria mais de cinqüenta anos. Minha avó viveu até os oitenta e estava cheia de saúde. Inclusive então, ninguém pensou que ia se morrer. Prometi-lhe uma coisa, que eu voltaria quando se muriese, e que esta seria minha última visita à família. Ela morreu em 1970. Tinha que cumprir minha promessa.

Durante os primeiros anos minha avó foi para mim minha mãe; esses são os anos de crescimento. Este círculo é para minha avó. Minha mãe veio depois; eu já tinha crescido, já era feito de uma certa maneira. E minha avó me ajudou imensamente. Meu avô me amava, embora isso não fora de grande ajuda. Era muito carinhoso, mas para ajudar faz falta algo mais: um certo tipo de força. Ele sempre tinha medo de minha avó. De alguma forma, era um calzonazos. Na hora de dizer a verdade, eu sempre sou sincero. Queria-me, ajudava-me... mas o que lhe vou fazer se era um calzonazos? O noventa e nove vírgula nove por cento dos maridos os são, assim não passa nada.

Lembrança um incidente que não contei nunca. Era uma noite escura; chovia, e um ladrão entrou em nossa casa. Naturalmente, meu avô estava assustado. Todo mundo se deu conta que estava assustado, embora o tentou dissimular o melhor que pôde. O ladrão estava escondido detrás de uns sacos de açúcar, em uma das esquinas de nossa pequena casita,

Meu avô era um mascador incansável de pão. O pão é uma folha de betel. Ele era um mascador de pão contumaz, como os fumantes empedernidos. Sempre estava preparando pão, e se passava todo o dia mascando. Começou a mascar pão e a cuspir-lhe ao pobre ladrão que estava escondido na esquina. Eu observava esta desagradável cena e disse a minha avó, com quem estava acostumado a dormir: -Isto não está bem. Embora se trate de um ladrão, deveríamos comportamos com educação. Cuspir? Que brigue ou que deixe de cuspir! Minha avó perguntou:
-Você que faria?
-Daria-lhe uma bofetada -pinjente- e lhe jogaria da casa.
Eu tinha nove anos como muito. Minha avó riu e disse:
-De acordo, irei contigo. Talvez necessite ajuda.

Ela era uma mulher alta. Minha mãe não lhe parece em nada, nem em beleza física, nem em sua ousadia espiritual. Minha mãe é singela; minha avó era uma aventureira. Veio comigo.

Estava espantado! Não podia acreditar o que estava vendo: o ladrão era o homem que estava acostumado a vir a me dar aulas, era meu professor! Golpeei-lhe com força, mais ainda porque se tratava de meu professor.

-Se só fosse um ladrão te perdoaria -disse-lhe-, mas me estiveste ensinando coisas importantes, iY de noite faz estas coisas! Agora, sal correndo tão rápido como pode antes de que te agarre minha avó, se não, te vai moer.

Era uma mulher grande, alta, forte e formosa. Meu avô era pequeno e não muito bonito, mas se levavam bem. Nunca discutia com ela, não podia, assim não havia nenhum problema.

Recordo a aquele professor, o erudito do povo, que estava acostumado a vir a me dar aulas algumas vezes. Também era sacerdote do templo do povo.

-O que vai passar agora com minha roupa? -disse-me-. Seu avô me há talher de escupitajos. Danificou-me a roupa.
Minha avó riu e lhe respondeu: -Volta amanhã, darei-te roupa nova.

E, em efeito, deu-lhe roupa nova. Não veio, não se atreveu, mas ela se aproximou da casa do ladrão, levou-me com ela e lhe deu a roupa nova, lhe dizendo:
-Sim; meu marido foi muito mau ao te danificar a roupa. Isso não está bem. Pode voltar cada vez que necessite roupa.

Esse professor nunca voltou a me dar aulas... não porque lhe dissessem que não, mas sim porque não se atrevia. Não só deixou de vir a me dar aulas, mas também deixou de vir à rua onde vivíamos; deixou de passar por aí. Mas eu não me esquecia de lhe visitar todos os dias e cuspir diante de sua casa para recordar-lhe Lhe estava acostumado a gritar:

-Esqueceste-te que essa noite? Você que estava acostumado a me dizer que fosse leal, sincero, honesto e toda essa mierda.

Ainda lhe posso ver com os olhos encurvados, incapaz de me responder. Meu avô queria que me fizessem a carta astral os melhores astrólogos da Índia. Estava disposto a pagar o que fosse pela carta astral embora não era muito rico -nem sequer era rico e muito menos muito rico-, mas era a pessoa mais rica do povo. Fez um comprido viaje até o Benarés e viu os astrólogos mais famosos. Notando-se nas notas e datas que meu avô havia trazido, o astrólogo mais importante disse:

-Sinto muito, mas não posso fazer esta carta natal até que passem sete anos. Se o menino sobreviver lhe farei a carta grátis, mas duvido que sobreviva. Se o faz será um milagre, pois então terá a possibilidade de ser um buda.
Meu avô voltou chorando. Nunca lhe tinha visto com lágrimas nos olhos. Perguntei-lhe:
-O que ocorreu?

-Tenho que esperar até que faça sete anos -disse-. Quem sabe se vá viver até então. Quem sabe se o mesmo astrólogo estará vivo, já é muito maior. E estou um pouco preocupado por ti.
-O que se preocupa? -perguntei-lhe. -Não me preocupa que te vás morrer -respondeu-, o que me preocupa é que te converta em um buda.
Ri-me e em meio das lágrimas se começou a rir ele também. Então disse:
-Que estranho que estivesse preocupado.

Sim, porque tem de mau ser um buda?

Quando meu pai ouviu o que lhe haviam dito os astrólogos a meu avô levou até o Benarés; mas falarei disto mais tarde.

Quando fiz sete anos veio a me buscar um astrólogo ao povo de meu avô. deteve-se um formoso cavalo diante de nossa casa e saímos todos rapidamente. O cavalo era majestoso e o cavaleiro era nada menos que um dos famosos astrólogos que tinha conhecido.

-Assim ainda está vivo? -perguntou-me-. Fiz sua carta astral; estava preocupado, porque a gente como você não está acostumado a viver muito tempo.

Meu avô vendeu todos os adornos da casa e deu uma festa para os povos vizinhos celebrando que eu ia ser um buda, e, entretanto, nem sequer acredito que entendesse o significado da palavra «buda».

Ele era jainista e provavelmente não tinha ouvido nunca essa palavra. Mas estava feliz, imensamente feliz..., estava dançando porque eu ia ser um «buda». Quando todos se foram lhe perguntei:
-O que quer dizer «buda»?
-Não sei -disse-, mas sonha bem. Além disso, eu sou jainista. Já nos inteiraremos por algum budista.

Nesse pueblecito não havia budistas, mas disse:

-Algum dia, quando passar um bikkhu budista por aqui, saberemos o significado.

Estava muito contente porque o astrólogo lhe havia dito que eu me ia converter em um buda. Então disse:

-Suponho que «buda» quer dizer alguém que é muito inteligente -em hindi buddhi significa inteligência, por isso pensou que «buda»significava aquele que é inteligente.

aproximou-se muito, quase acerta. Menos mal que não está vivo, se não, teria visto o que significa ser um buda; não me refiro ao significado do dicionário, a não ser a encontrar-se com um ser acordado vivo. E lhe posso ver dançando, ao ver que seu neto se converteu em um buda. Isso teria sido suficiente para que se iluminasse ele! Mas morreu. Sua morte foi uma das experiências mais significativas para mim. Sobre isto falarei mais adiante.

Fica tempo ainda?

-São oito e meia, Osho.

Bem, ficam cinco minutos para mim... É o momento de deter-se, mas foi muito formoso e estou agradecido. Obrigado.

Sessão 3

Uma e outra vez o milagre da manhã..., o sol e as árvores. O mundo é como uma flor de neve: a tomadas nas mãos e se derrete. Não fica nada, só uma mão molhada. Mas se a miras, se somente a miras, a flor de neve é tão bela como qualquer outra flor no mundo. E este milagre ocorre todas as manhãs, todas as tardes, todas as noites, cada vinte e quatro horas, dia detrás dia..., o milagre. E a gente vai adorar a Deus aos templos, as Iglesias, as mesquitas e as sinagogas. O mundo deve estar cheio de tolos, perdão, não de tolos, mas sim de idiotas incuráveis que padecem este atraso mental. Terá que ir a um templo para procurar deus? Não está aqui e agora?

A mesma idéia da busca é uma imbecilidade. Um busca aquilo que está longe, e Deus está muito perto, mais perto que o batimento do coração de seu coração. Cada vez que vejo o milagre me assombro de como é possível. Que criatividade! Isto só é possível porque não há nenhum criador. Se houvesse um criador teria a mesma segunda-feira tudas as segundas-feiras, porque o criador criou o mundo em seis dias e depois o deu por concluído. Não há um criador, a não ser energia criativa; mas energia em milhões de formas, fundindo-se, encontrando-se, aparecendo, desaparecendo, juntando-se e separando-se.

Por isso digo que os sacerdotes são os que estão mais longe da verdade, e os poetas os mais próximos. É obvio, o poeta tampouco a alcançou. Só a alcança o místico... "Alcançam" não é a palavra correta: converte-se nisso, ou melhor dizendo, descobre que sempre o foi. A gente me pergunta: «Crie na astrologia, na religião... nisto, naquilo?» Não acredito em nada de nada porque sei. Isto me recorda a história que lhes contava o outro dia...

Veio o velho astrólogo. Meu avô não acreditava o que estava vendo. O astrólogo era tão famoso que até os reis se teriam surpreso se lhes tivesse visitado em seu palácio; e veio à casa de meu avô. Terá que chamá-lo casa, mas não era grande coisa, tinha as paredes de tijolo cru e nem sequer tinha um banho privado. Visitou-nos e em seguida me fiz amigo do ancião.

lhe olhando aos olhos (podia ler seus olhos embora só tivesse sete anos e não soubesse ler: não necessito seus três res), disse-lhe ao astrólogo: -É estranho que tenha vindo desde tão longe somente para me fazer a carta astral.

Benarés, naqueles dias, e inclusive hoje, estava muito longe daquele pueblecito.

O velho disse:

-Fiz uma promessa e as promessas se devem cumprir.

A forma em que disse «uma promessa se deve cumprir» me estremeceu. Hei aqui um homem vivo!

-Se você vieste a cumprir sua promessa –lhe disse-, então te posso predizer o futuro.

-O que! -exclamou-. Você pode predizer meu futuro?

-Sim. Posso te assegurar que não vais ser um buda, mas vais ser um bikkhu, um sannyasin -respondi-lhe.

Este é o nome do sannyasin budista. Ele riu e me disse:

-Impossível!

-Apostamos -respondi-lhe.

-De acordo, quanto? -perguntou.

-Não importa -pinjente-. Aposta o que queira, porque se ganhar, ganho; se perder, não perco nada porque não tenho nada. Está jogando com um menino de sete anos. Não te dá conta? Eu não tenho nada.

Sentirá saudades saber que eu estava nu. Nesse pobre povo não estava proibido brincar de correr nus, ao menos para os meninos de sete anos. Não era um povo inglês!

Ainda me posso ver nu, diante do astrólogo. aproximou-se todo o povo, e estavam escutando o que conspirávamos ele e eu.

O ancião disse:

-De acordo, se eu me converter em sannyasin, em bikkhu -e me ensinou seu relógio de ouro de bolso engastado com diamantes-, darei-te isto. E se perder você, o que me dá?

-Eu perco e já está -respondi-lhe-. Não tenho nada; não tenho um relógio de pulso de ouro para te dar. Só te darei as obrigado.

Ele riu e se foi.

Não acredito na astrologia. O noventa e nove vírgula nove por cento é um disparate, mas o zero vírgula um por cento é a pura verdade. Um homem de percepção, intuição e pureza pode entrever o futuro com segurança, porque o futuro não é não-existencial, simplesmente se oculta a nossos olhos. Provavelmente, quão único separa o presente do futuro é uma fina cortina de pensamentos.

Na Índia a noiva se cobre o rosto com um ghoonghat. Esta palavra é difícil de traduzir; só é uma máscara. cobre-se o rosto com o sarí. Deste mesmo modo se oculta o futuro, simplesmente com um ghoonghat, com um fino véu.

Não acredito na astrologia, quer dizer, no noventa e nove vírgula nove por cento. No zero vírgula um por cento restante não preciso acreditar; é verdade. Vi como funciona. Esse velho foi a primeira prova. Mas é estranho: podia ver meu futuro, é obvio, muito vagamente e cheio de possibilidades, embora não podia ver o seu. Não só isso, mas também estava disposto a apostar comigo quando lhe disse que se converteria em um bikkhu.

Eu tinha quatorze anos, e estava viajando pelo Benarés com o pai de meu pai. Ele ia em viagem de negócios e eu me tinha empenhado em lhe acompanhar. Parei a um velho bikkhu na estrada entre o Benarés e Sarnath e lhe disse:

-Velho, lembra-te de mim?

-Não te vi antes -disse-; por que me tenho que acordar?

-Provavelmente você não -disse-lhe-, mas eu me tenho que acordar de ti. Onde está o relógio, e! relógio de ouro com diamantes engastados?

Eu sou o menino com e! que apostou. chegou o momento de lhe pedir isso Eu afirmei que você foste ser um bikkhu, e agora o é. me dê o relógio.

Ele riu e se tirou do bolso o belo e velho relógio; deu-me isso com lágrimas nos olhos, e -podem- acreditar- prostrou-se a meus pés.

-Não; não -exclamei-. Você é um bikkhu, um sannyasin, não te deve prostrar a meus pés.

-te esqueça disso -disse-me-. demonstraste ser melhor astrólogo que eu; me deixe que te toque os pés.

Lhe dei de presente esse relógio a meu primeira sannyasin. O nome de meu primeira sannyasin é MA Anand Madhu; uma mulher, claro, porque isso é o que eu queria. Ninguém iniciou a sannyas às mulheres como o tenho feito eu. Não só isso, mas também queria que meu primeiro sannyasin fora uma mulher, simplesmente para equilibrar e pôr em ordem as coisas.

Buda duvidou antes de dar sannyas às mulheres... inclusive Buda! De sua vida, isto é o único que me cravou como um espinho, nada mais. Buda duvidando... por que? Tinha medo de que as mulheres sannyasins distraíram a seus seguidores. Que tolice! Um buda temendo pelo negócio! Deixa que esses idiotas se distraiam se quiserem!

Mahavira declarou que ninguém poderia alcançar o nirvana, a liberação definitiva, em um corpo de mulher. Tenho-me que retratar em nome de todas estas pessoas. Mahoma nunca permitiu que entrasse na mesquita nenhuma mulher. Atualmente tampouco se admitem mulheres nas mesquitas; inclusive nas sinagogas, as mulheres se sintam na galeria, separadas dos homens.

Indira Gandhi me contava que quando foi ao Israel e visitou Jerusalém não podia acreditar que a primeira ministro do Israel e ela se tivessem que sentar na galeria, enquanto que todos os homens estavam sentados abaixo, na planta principal. Não podia compreender como sendo mulher a primeira ministro do Israel não fora admitida na sinagoga propriamente dita; só podiam observar da galeria. Isto não é respeitoso, é um insulto.

Tenho que me desculpar em nome da Mahoma, do Moisés, da Mahavira, da Buda, e também do Jesus, que não escolheu nem a uma só mulher para ser um dos doze apóstolos. Entretanto, quando morreu na cruz, não estavam aí os doze idiotas. Só ficaram três mulheres: Madalena, María e a irmã de Madalena. Mas nenhuma destas três mulheres tinha sido escolhida pelo Jesus; não estavam entre os escolhidos. Escolhido-los tinham fugido. Magnífico! Estavam tentando salvar sua vida. No momento que houve perigo só acudiram as mulheres.

Tenho que pedir perdão ao futuro em nome desta gente; e minha primeira desculpa foi dar sannyas a uma mulher. Entreterá-lhes saber como foi toda esta história...

O marido do Anand Madhu, é obvio, queria que iniciasse a ele primeiro. Isto ocorreu nos Himalayas; eu tinha um retiro no Manali. Neguei-me lhe dizendo:

-Só pode ser o segundo, não o primeiro -zangou-se tanto que abandonou o retiro nesse mesmo momento. Não só isso, mas também se converteu em meu inimigo e se aliou com o Morarji Desai.

Mais tarde, quando Morarji Desai era primeiro-ministro, este homem lhe tentou convencer, de todas as formas possíveis, para que me encarcerasse. Claro que Morarji Desai não tinha o valor suficiente; como o vai ter se beber sua própria

urina. É um parvo absoluto; perdão de novo, um idiota absoluto. «Parvo» só o reservo para o Devageet; é privilégio dele.

Anand Madhu segue sendo sannyasin. Vive nos Himalayas, em silêncio, sem falar. Após, todo meu esforço foi pôr às mulheres em primeira fila o mais possível. Às vezes, até posso parecer injusto com os homens. Não o sou, só estou pondo as coisas em seu sítio. depois de séculos de exploração da mulher pelo homem não é uma tarefa fácil.

A primeira mulher que amei foi minha sogra. Surpreenderá-lhes: estou casado? Não; não estou casado. Essa mulher era a mãe da Gudia, mas eu estava acostumado a lhe chamar minha sogra, em brincadeira. Tornei-me a acordar depois de muitos anos. Estava acostumado a lhe chamar sogra porque amava a sua filha. Essa é a vida anterior da Gudia. E uma vez mais, era uma mulher tremendamente poderosa, como minha avó.

Minha «sogra» era uma mulher estranha, especialmente na Índia. Abandonou a seu marido, foi ao Paquistão e se casou com um muçulmano embora ela era brahmin. Sabia ser atrevida. Eu gosto da qualidade do atrevimento, porque quanto mais te atreve, mais perto está de casa. Só se convertem em budas os temerários, lhes lembre disto! Os calculadores poderão ter um bom saldo em sua conta mas nunca serão budas.

Estou agradecido ao homem que me anunciou meu futuro quando só tinha sete anos. Que homem! Ter esperado até que tivesse sete anos para me fazer a carta astral, que paciência! E não só isso, mas também veio desde o Benarés até meu povo. Não havia estradas nem trens, teve que cavalgar muito tempo.

Quando me encontrei isso no caminho ao Sarnath e lhe disse que tinha ganho a aposta, deu-me seu relógio imediatamente dizendo:

-Tivesse-te dado o mundo inteiro mas não tenho nada mais. Em realidade, tampouco deveria ter este relógio, mas o conservei todos estes anos para ti, sabendo que foste vir qualquer dia. E quando me converti em um bikkhu não estava Buda em minha mente, a não ser você: um menino nu de sete anos, anunciando o futuro de um dos astrólogos mais importantes do país. Como o fez?

-Não sei -disse-lhe-. Olhei aos olhos e vi que não estaria satisfeito com o que te podia dar este mundo. Vi o descontentamento divino. Um homem só se faz sannyasin quando sente o descontentamento divino.

Não sei se o velho segue vivo ou não. Não deve está-lo, porque se não me teria procurado até me encontrar.

Mas na vida do povo, esse momento foi o mais destacado. Ainda se fala da festa. Recentemente veio uma pessoa do povo e me disse:

-Ainda falamos da festa que deu seu avô para o povo. Nunca, nem antes nem depois, aconteceu um pouco parecido.

Desfrutava vendo desfrutar a tanta gente. Desfrutei de do cavalo branco. A Gudia teria encantado esse cavalo. Estava acostumado a me mostrar os cavalos quando nos cruzávamos isso na estrada.

-Date conta de quão formosos são esses cavalos -dizia.

Vi muitos cavalos, mas nenhum como o cavalo do velho astrólogo. Vi muitos cavalos formosos embora este me segue parecendo o mais belo. Talvez por causa de minha infância ou certamente porque não podia compará-lo com nada. Mas me acreditem, embora fosse um menino, esse cavalo era precioso. Era imensamente poderoso, devia ter oito cavalos de vapor!

Esses foram os dias dourados. De novo, posso ver tudo o que aconteceu durante esses anos passar diante de mim como se fosse filme. É incrível que me pudesse

interessar...Não..., Ashu está olhando seu relógio. É muito logo para olhar o relógio. Não seja como o Canada Dry, te relaxe. Não seja tão seca. olhaste seu relógio em um momento delicado, e não sabe o que molesta. Não se trata precisamente de um plop!

O que estava dizendo...? Esses dias foram de ouro. Posso ver passar diante de mim tudo o que aconteceu durante esses nove anos como se fosse um filme.

Bom, tornou o filme, apesar de Ashu e de seu relógio.

Sim; foi uma época de ouro. De fato, foi mais que de ouro porque meu avô não só me queria mas também gostava de tudo o que fazia. E eu fazia tudo o que se poderia considerar uma moléstia.

Dava a lata continuamente. Ele tinha que escutar queixa de mim todo o dia, mas sempre lhe faziam graça. Isto é o maravilhoso e o formoso deste homem. Não me castigava nunca. Nem sequer me disse jamais uma só palavra como «Faz isto» ou «Não faça o outro». Simplesmente me deixava, deixava-me ser absolutamente eu mesmo. Assim é como, sem conhecê-lo, pude saborear o Tao.

Lao Tzu diz: «Tao é o caminho do leito. A água simplesmente flui para baixo por onde a terra o permite.» Assim foram meus primeiros anos. Me permitiu. Acredito que qualquer menino necessita esses anos. Se lhe pudéssemos dar anos assim a todos os meninos do mundo criaríamos um mundo de ouro.

Esses dias estavam cheios, repletos! Tantos acontecimentos, tantos incidentes que nunca contei a ninguém...

Estava acostumado a ir nadar ao lago. Naturalmente, meu avô tinha medo. Mandou a um personagem estranho para que me vigiasse de um navio. Nesse povo primitivo não podiam conceber o que é um «navio». Eles o chamam dongi. Não é mais que um tronco de uma árvore cavada. Não é um navio corrente. É redondo, e esse é o perigo: a menos que seja um perito, não poderá remar com ele. pode-se derrubar em qualquer momento. Basta um pequeno desequilíbrio, e te foste para sempre. É muito perigoso.

Aprendi a manter o equilíbrio remando um dongi. Isto foi o que mais me ajudou. Aprendi o «caminho de no meio», porque tem que estar exatamente no meio: um pouco a um lado ou ao outro, e já te foste. Não pode nem respirar, e tem que permanecer em silêncio absoluto; só assim pode remar um dongi.

contei que o homem que me escoltava para me resgatar era estranho. por que? Porque se chamava Bhoora, que quer dizer «homem branco». Era o único branco de nosso povo. Não era europeu; mas casualmente não parecia índio. Parecia mais um europeu embora não fosse. Provavelmente, sua mãe teria trabalhado em um acampamento da Armada britânica e ficaria grávida aí. Por isso, ninguém sabia seu nome, todos lhe chamavam Bhoora. Bhoora significa «o branco». Não é um nome, mas se converteu em seu nome. Era um homem de aspecto impressionante. Começou a trabalhar com meu avô desde menino, e embora fosse um criado lhe tratava como a um da família.

Também hei dito que era estranho porque, apesar de que conheci a muita gente no mundo, poucas vezes te cruza com uma pessoa como Bhoora. podia-se confiar nele. Podia-lhe contar algo e ele mantinha o segredo para sempre. Isto só soube minha família depois da morte de meu avô. Meu avô lhe tinha crédulo a Bhoora todas as chaves, e todos os assuntos da casa e as terras. Pouco depois de chegar a Gadarwara minha família perguntou ao criado mais leal de meu avô:

-Onde estão as chaves? Ele respondeu:

-Meu senhor me há dito “nunca lhe dê as chaves a ninguém mais que ”.o sinto, mas a não ser que ele mesmo me peça isso, não lhes posso dar as chaves.

E nunca lhes deu as chaves; portanto, não sabemos o que escondiam. Muitos anos depois, quando vivia em Bombay, veio o filho da Bhoora e me deu as chaves dizendo:

-estivemos esperando a que viesse, mas não veio. cuidamos as terras, ocupamo-nos que as colheitas e apartamos todo o dinheiro.

Devolvi-lhe as chaves e lhe disse:

-Agora é todo teu. A casa, os cultivos e o dinheiro lhe pertencem, são teus. Sinto não havê-lo sabido antes, mas ninguém queria voltar e sentir a dor.

Que homem! Embora antes existiam este tipo de pessoas. Pouco a pouco, vão desaparecendo estas pessoas, e encontra em seu lugar a todo tipo de gente ardilosa. Estas pessoas são o sal da terra. Hei dito que Bhoora era um homem estranho porque em um mundo de ardilosos, o estranho é ser singelo. É como ser um estranho, não ser deste mundo.

Meu avô tinha tantas terras como se podem desejar, porque naqueles dias e nessa parte da Índia, a terra era totalmente grátis. Bastava indo ao escritório do governo na capital e pedir a terra. Isso era suficiente, e lhe davam isso. Tínhamos setecentas hectares de cultivos dos que se ocupava Bhoora.

Quando meu avô adoeceu, Bhoora disse que não seria capaz de viver sem ele, porque haviam se tornado muito próximos. Quando meu avô se estava morrendo transladamos da Kuchwada a Gadarwara, porque na Kuchwada não havia adiantamentos para cuidar dos doentes. A casa de meu avô era a única casa do povo.

Quando abandonamos Kuchwada, Bhoora lhe deu as chaves a seus filhos. De caminho a Gadarwara morreu meu avô, e do desgosto Bhoora não despertou de seu sonho; morreu essa mesma noite. Minha avó, meu pai e minha mãe não quiseram voltar para a Kuchwada pela pena que nos ia causar, já que meu avô tinha sido um homem muito formoso.

O filho da Bhoora tem a mesma idade que eu. Faz tão somente uns anos, meu irmão Nildanka foi com a Chaitanya Bharri para fazer umas fotos da casa e do lago.

Agora pedem um milhão de rupias pela casa onde nasci, sabendo que algum de meus discípulos desejaria comprá-la. Um milhão! Isso são cem mil dólares. E sabem?, quando morreu meu avô valia trinta rupias. E já era muito. Nos teríamos ficado surpreendidos se alguém tivesse estado disposto a pagamos essa quantidade.

Era uma zona muito primitiva do país. Precisamente porque era primitiva tinha algo que lhe falta atualmente ao homem em qualquer outro lugar. O homem também precisa ser um pouco primitivo, ao menos, de vez em quando. Um bosque, ou melhor dizendo uma selva; um oceano, um céu cheio de estrelas.

O homem não deveria preocupar-se unicamente de sua conta bancária. Isso é a coisa mais horrível. Quer dizer que o homem está morto! Enterrem! Celebrem! Queimem! Dancem em seu funeral! A conta do banco não é o homem. O homem, para poder ser um homem, deve ser tão natural como os Montes, os rios, as rochas, as flores...

Meu avô não só me ensinou o que é a inocência, quer dizer, a vida, mas também me ensinou o que é a morte. morreu em meu regaço. Sobre isto falarei mais adiante.

Sessão 4

Estava-lhes contando o momento em que me encontrei com o astrólogo que agora se feito sannyasin...

Eu tinha ao redor de quatorze anos nessa época, e estava com meu outro avô, quer dizer, o pai de meu pai. Meu verdadeiro avô já não vivia, morreu quando eu não tinha mais que sete anos. O velho bikkhu, o ex-astrólogo, perguntou-me:

-Eu sou astrólogo de profissão e leitor aficionado de muitas coisas: das linhas da mão, da cabeça, dos pés, e assim sucessivamente. Como lhe engenhaste isso para me dizer que me ia converter em um sannyasin? Não me tinha ocorrido antes. Você pôs a semente, e após só pensei em sannyas, em nada mais. Como o conseguiste?

Encolhi-me de ombros. Inclusive agora, se alguém me perguntar como o consigo, só me posso encolher de ombros; eu não. faço nada, simplesmente permito que as coisas sejam. A gente tem que aprender a arte de ir por diante das coisas e dessa maneira a gente se acredita que está dirigindo; além disso, não há nenhuma manipulação, especialmente no mundo que me concerne.

-Só tive que te olhar aos olhos -disse-lhe ao velho- e vi tanta pureza que não podia acreditar que ainda não fosse sannyasin. Já tinha que havê-lo sido; já era muito tarde.

Em certo sentido sannyas sempre é muito tarde, e em outro sentido sempre é muito logo..., e as duas coisas são verdade ao mesmo tempo.

Agora lhe tocava ao velho encolher-se de ombros.

Desconcerta-me -disse-. Como puderam te dar um indício meus olhos?

-Se os olhos não lhe podem dar um indício -respondi-lhe-, então a astrologia não teria nenhuma possibilidade.

A palavra «astrologia», certamente, não está relacionada com os olhos, está relacionada com as estrelas. Mas pode ver um cego as estrelas? Necessita olhos para ver as estrelas.

-A astrologia não é a ciência das estrelas -disse-lhe ao velho-, a não ser a ciência de ver; de ver as estrelas incluso durante o dia, a pleno sol.

Às vezes acontece..., quando o professor golpeia ao discípulo na cabeça. Precisamente esta manhã, Ashu, recorda quando olhou o relógio e te dava na cabeça com uma garrafa de soda Canada Dry? Lembra-te agora? Naquele momento não te deu conta. Isso é o que significa saber astrologia. Ela o saboreou esta manhã; não acredito que volte a olhar seu relógio outra vez.

Mas, por favor, volta-o para olhar repetidas vezes para que te possa dar uma e outra vez. Não era mais que o princípio. Se não, como vais ter uma visão de seu interior? me perdoe, mas me permita que te golpeie sempre. Estarei preparado para te pedir perdão, mas nunca para dizer que não lhe vá voltar a fazer. De fato, o primeiro só é uma preparação para o segundo, e um golpe mais profundo.

Somos um grupo estranho. Eu sou um velho judeu. Há um provérbio que diz: judeu uma vez, judeu para sempre. Uma vez fui judeu, e conheço a verdade desse provérbio. Sigo sendo um judeu e aqui, sentado a minha direita, há um judeu cem por cem, Devageet; aí a meu lado, perto de meus pés, está sentado Devaraj, judeu em parte. pode-se ver por seu nariz...; se não, por que ia ter um nariz tão belo?

E Gudia, se ainda segue aí, tampouco é inglesa. Em algum outro momento deveu ser judia. Pela primeira vez, quero lhes anunciar que ela não é outra a não ser María Madalena! Ela amava ao Jesus, mas fracassou. Foi crucificado muito jovem, e uma mulher necessita tempo e paciência; ele sozinho tinha trinta e três anos. É a idade de jogar futebol, ou se aos trinta e três já é um pouco major, então é a idade de ver jogos de futebol.

Jesus morreu muito logo. A gente foi muito pouco cruel com ele.., quero dizer muito cruel com ele. Não queria que fossem cruéis, por isso me confundi. Gudia, esta vez não poderá fracassar, faça o que faça e de qualquer modo que tente escapar. Eu não sou Jesus, ao que crucificaram sem dificuldade aos trinta e três anos. E posso ter muita paciência, inclusive com uma mulher, o qual é difícil... Isso sim sei, difícil e, às vezes, muito difícil. Uma mulher te pode chegar a dar dor de pescoço!

Nunca tive dor de pescoço, graças a Deus, mas sei o que é uma dor de costas. Se o de costas é tão terrível, como será o de pescoço! O pescoço é o pináculo das costas. Mas me dá no mesmo que seja uma dor de pescoço ou de costas, esta vez não pode falhar. Se não me alcançar esta vez, vai ser impossível que volte a encontrar um homem como eu.

pode-se encontrar a outro Jesus muito facilmente; todos os dias há gente que se ilumina. Mas encontrar um homem como eu, que viajou por milhares de caminhos, durante milhares de vidas, e que recolheu a fragrância de milhões de flores como uma abelha, isso vai ser difícil.

Se algum não acertar comigo talvez não acerte nunca. Mas não vou permitir que aconteça a minha gente. Conheço todas as maneiras de me abrir caminho através de suas astúcias, sua insensibilidade, seu engenho. E não me preocupa o mundo em geral; só me preocupa minha gente, os que verdadeiramente se estão procurando.

Hoje mesmo recebi a tradução de um livro novo que estão publicando na Alemanha. Não sei alemão, assim que alguém me teve que traduzir a parte que falava de mim. Nunca me ri tanto com nenhuma piada; entretanto, não é uma piada, é um livro muito seio.

O autor dedica cinqüenta e cinco páginas a demonstrar que só estou aceso mas não estou iluminado. Magnífico! Francamente magnífico! Só estou aceso, e não iluminado. E lhes causará surpresa saber o que faz poucos dias recebi outro livro de um idiota da mesma categoria, um professor holandês. Os holandeses não distam muito dos alemães, pertencem à mesma categoria.

Por certo, direi-lhes que Gurdjieff estava acostumado a classificar às pessoas com arrumo a um certo sistema. Havia várias categorias de idiotas. Pois o alemão e o tipo holandês, cujos nomes, por sorte, esqueci, pertencem à primeira categoria de tolos..., não; parvos não -isso o reservo para o Devageet, meu discípulo judeu-, a não ser idiotas. O holandês idiota demonstrou, ou tentou demonstrar em uma larga dissertação, que eu só estava aceso, mas não estava iluminado. Pois, bem, estes dois idiotas deveriam encontrar-se para brigar e atacar-se mutuamente com seus argumentos e seus livros.

Quanto a mim, me deixem que declare ao mundo de uma vez por todas: não estou aceso nem estou iluminado. Sou simplesmente um homem corrente, muito singelo, sem adjetivos nem filas. queimei todos meu títulos.

Os idiotas sempre fazem a mesma pergunta; dá no mesmo. Isto é um milagre. Tudo troca entre a Índia, Inglaterra, Canadá, América e Alemanha, menos o idiota. O idiota é universal, igual em todas partes. Prove-o onde o prove, sempre sabe igual. Provavelmente, Buda estaria de acordo comigo; depois de tudo disse: prova o Buda onde seja, e verá que é como o oceano: prove-o onde o prove, sempre tem sabor de sal. Possivelmente da mesma maneira que todos os budas sabem igual, os buddhus -que é o nome índio para idiotas- também sabem igual. Está bem que «buda» e «buddhu» venham da mesma raiz, que sejam quase a mesma palavra, embora só seja nas línguas da Índia.

Não me preocupa, absolutamente, que criam que estou iluminado ou que não. Que mais dá? Mas a este homem preocupa tanto que dedica cinqüenta páginas de seu livrinho a esta questão: se estou iluminado ou não. Indubitavelmente, isto demonstra uma coisa, que é um idiota de primeira categoria.

Eu só sou eu mesmo. por que deveria estar iluminado ou aceso? E que erudição! Que diferença há entre estar aceso ou iluminado? Possivelmente esteja iluminado quando há eletricidade, e quando há luz de vela só esteja aceso? Não sei qual é a diferença.

Não sou nenhuma das duas coisas. Eu mesmo sou luz, nem iluminado, nem aceso. Faz tempo que essas palavras ficaram atrás. Vejo-as como se fossem pó que segue removendo-se ao longe, no caminho que não voltarei a percorrer, como rastros na areia.

por que se preocupam tanto os presuntos professores, filósofos e psicólogos de um pobre homem como eu, ao que eles não lhe preocupam absolutamente? Eu vivo minha vida, e exerço minha liberdade de vivida como quero. por que perdem o tempo comigo? Por favor, teria sido melhor que ele tivesse vivido essas cinqüenta e cinco páginas. Quantas horas e noites deve ter esbanjado este pobre professor! Enquanto isso, poderia-se ter aceso, ou iluminado, ao menos. E o holandês, enquanto isso, poderia ter chegado a estar iluminado, se não aceso. Ambos teriam podido entender: quem sou eu?

Depois só há silêncio
Nada que dizer
Possivelmente cantar uma canção
Ou um baile
Ou simplesmente preparar uma taça de chá
e bebê-lo em silêncio...

O aroma do chá é muito mais importante que qualquer filosofia.

Recorda, Ashu, por isso digo que a única coisa que merece a pena mencionar do Canadá é o Canada Dry, a soda. Realmente está deliciosa; eu adoro. É a melhor soda do mundo. Agora te está rendo. Pode olhar o relógio; não faz falta que o esconda debaixo da manga, ou que não o traga no caso do olha sem querer. Não me preocupa o mais mínimo que horas são. Inclusive quando pergunto não me interessa realmente, só o faço para consolasse. Se não, eu seguiria e seguiria por minha conta. Não sou um homem de tempo. Note o que me há flanco retomar o fio.

O pai de minha mãe adoeceu repentinamente. Mas não lhe tocava morrer; não tinha mais de cinqüenta anos, ou talvez menos, certamente era mais jovem que eu agora. Minha avó tinha cinqüenta anos, na cúspide de sua juventude e beleza. Assombrará-lhes saber que nasceu no Khajuraho, a cidadela, a mais antiga cidadela dos tántricos. Me estava acostumado a dizer:

-Quando for mais major não se esqueça de visitar Khajuraho.

Não acredito que os pais o aconselhem a seus filhos, mas minha avó era especial, ao me convencer para que visitasse Khajuraho.

Khajuraho consta de milhares de esculturas maravilhosas, todas nuas e copulando. Há milhares de templos: muitos deles não são mais que ruínas, mas uns quantos sobreviveram, possivelmente foram esquecidos. Mahatma Gandhi queria sepultados clandestinamente porque as estátuas, as esculturas, são muito tentadoras. E, entretanto, minha avó me tentava para que fora ao Khajuraho. Que

avó me há meio doido ter! Ela mesma era muito bela, como uma estátua, muito grega em todos os sentidos.

Quando Seema, a filha da Mukta, veio para ver-me, por um instante não podia acreditar porque minha avó tinha exatamente a mesma cara, o mesmo tom de pele. Seema não parece européia, é mais escura, e tem uma cara e um tipo exatamente igual ao de minha avó. Ai!, pensei, minha avó está morta; se não, me teria encantado que Seema a conhecesse. E sabem uma coisa, inclusive aos oitenta anos seguia sendo formosa, e isto é completamente impossível.

Ao morrer minha avó, fui de Bombay a toda pressa para vê-la. Estava formosa inclusive em sua morte. Não podia acreditar que estivesse morta. E de repente, todas as estátuas do Khajuraho cobraram vida nela. Vi em seu corpo unânime toda a filosofia do Khajuraho. O primeiro que fiz depois de vê-la foi voltar para o Khajuraho. Era a única forma de lhe render comemoração. Agora Khajuraho era ainda mais formoso que antes porque a podia ver em todas partes, em cada estátua.

Khajuraho é incomparável. Há milhares de templos no mundo mas nenhum como Khajuraho. Estou tentando criar um Khajuraho vivente neste ashram. Não de estátuas de pedra, mas sim de gente de verdade capazes de amar, realmente vivos, tão vivos que resulte contagioso, que simplesmente tocando-os seja suficiente para que sinta uma corrente, uma cãibra!

Minha avó me deu muitas coisas; uma das mais importantes foi sua insistência em que fora ao Khajuraho. Naquela época, Khajuraho era totalmente desconhecido mas me insistiu tanto que tive que ir. Ela era teimosa. Provavelmente herdei que ela essa qualidade, ou poderíamos chamada dê.

Durante os últimos vinte anos de sua vida viajei por toda a Índia. Cada vez que passava pelo povo me dizia: Escuta: não suba nunca a um trem que já está em marcha, e não te baixe antes de que se deteve. Segundo, não discuta com ninguém no compartimento durante a viagem. Terceiro, recorda que estou viva e esperando a que volte para casa. por que está viajando por todo o país quando eu te estou esperando aqui para te cuidar? Precisa cuidados, e ninguém te pode cuidar melhor que eu.

Tive que escutar este conselho constantemente durante vinte anos. Agora lhe posso dizer:

-Não se preocupe; pelo menos ali, no outro mundo. Primeiro, já não viajo de trem; em realidade não viajo, assim já não se trata de descer de um trem que ainda não se deteve. Em segundo lugar, Gudia me está cuidando tudo quão bem te teria gostado. Em terceiro lugar, me espere agora da mesma maneira que me esperava quando estava viva. Voltarei logo, voltarei para casa.

A primeira vez que fui ao Khajuraho só foi porque minha avó insistia, mas após tornei centenas de vezes. Não há outro lugar no mundo onde tenha estado tantas vezes. Por uma singela razão: não pode esgotar a experiência. É inesgotável. quanto mais sabe, mais quer saber. Cada detalhe dos templos do Khajuraho é um mistério. Devem ter acontecida centenas de anos e milhares de artistas para criar cada templo. E além do Khajuraho, não me topei com nada que se possa dizer perfeito, nem sequer o Tal Mahal. O Tal Mahal tem imperfeições, e Khajuraho não tem nenhuma. Por outra parte, o Tal Mahal não é mais que bela arquitetura; Khajuraho é toda a filosofia e psicologia do Novo Homem.

Quando vejo todos esses despidos...; não posso dizer «nus», me perdoem. Nu é pornográfico; despido é um fenômeno totalmente distinto. No dicionário talvez queiram dizer o mesmo, mas o dicionário não o é tudo; há muito mais na

existência. As estátuas estão despidas, mas não nuas. Essas belezas despidas..., talvez o homem o possa alcançar algum dia. É um sonho, Khajuraho é um sonho. E Mahatma Gandhi queria enterrado clandestinamente para que as belas estátuas não sedujesen a ninguém! Estamos agradecidos ao Rabindranath Tagore porque lhe impediu de fazer uma coisa semelhante ao Gandhi. Disse:

-Deixem que os templos sigam como estão.. .

Era um poeta e podia entender seu mistério.

fui ao Khajuraho tantas vezes que perdi a conta. Sempre que podia escapava ao Klhajuraho. Se não me encontravam em nenhum sítio, minha família em seguida dizia que devia ter ido ao Khajuraho, que me buscassem ali. E sempre tinham razão. Tinha que subornar aos guardas dos templos para que lhe dissessem às pessoas que não estava quando estava aí. Isto é uma confissão, porque é a única vez que subornei a ninguém. Mas mereceu a pena, não me arrependo nem me sinto culpado. De fato, lhes ides surpreender, já sabem quão perigoso sou... O guarda que subornei se fez sannyasin. Então, quem subornou a quem? Primeiro lhe subornei para que dissesse que não estava dentro; logo, pouco a pouco, foi interessando cada vez mais por minha pessoa. Devolveu-me todos os subornos que lhe tinha feito. Provavelmente seja a única pessoa que me há devolvido todos os subornos que lhe tenho feito. Não podia conservados depois de fazer-se sannyasin

Khajuraho, o nome em si é como se repicassem sinos de alegria dentro de mim, como se tivesse descendido do céu à terra. Ver Khajuraho em uma noite de lua enche é ver tudo o que vale a pena ser visto. Minha avó nasceu ali; com razão era uma mulher formosa, valente e também perigosa. A beleza sempre é assim, valente e perigosa. Ela se arriscava. Minha mãe não lhe parece, e o sinto. Não se pode encontrar nenhuma prova de minha avó em minha mãe. Nani era uma mulher muito valente, e me ajudou a que me atrevesse contudo, quero dizer tudo.

Se queria beber vinho, ela me facilitava isso.

Dizia-me:

-A não ser que bebês por completo, não te poderá liberar disso. E sei que é a maneira de te liberar de tudo. Ela me conseguia tudo o que quisesse. Meu avô, seu marido, sempre tinha medo; era um camundongo, como todos os maridos do mundo; um camundongo precioso, um bom tipo, mas nada em comparação com ela. Quando morreu em meu regaço, ela nem sequer chorou.

-morreu-se. Você lhe queria. por que não chora? -perguntei-lhe.

-Por ti -respondeu-. Não quero chorar diante de um menino (que mulher!), não quero te consolar. Se começar a chorar, então o fará você também; e depois quem vai consolar a quem?

Tenho que descrever a situação... Íamos no carro de bois do povo de meu avô ao povo de meu pai, porque ali estava o único hospital. Meu avô estava gravemente doente; não só doente, mas também também inconsciente, quase em vírgula. além dele, no carro só estávamos ela e eu. Entendo como se compadecia de mim. Nem sequer chorou quando morreu seu querido marido, por mim, porque eu era a única pessoa que estava ali, e quem ia consolar me.

-Não se preocupe -disse-lhe-. Se pode te agüentar as lágrimas, eu também me agüentarei. E, criam-no ou não, o menino de sete anos se agüentou as lágrimas. Ela também ficou perplexa.

-Não vais chorar? -perguntou.

-Não quero ter que lhe consolar lhe respondi.

Nesse carro viajava um grupo pouco corrente. Bhoora, do que lhes falei esta manhã, era o que conduzia. Sabia que seu amo se morreu, mas não queria olhar

dentro do carro, nem sequer nesse caso, porque não era mais que um criado e não lhe correspondia interferir nos assuntos privados. Isto é o que me disse:

-A morte é um assunto privado, como vou olhar? ouvi tudo do assento do condutor. Queria me jogar a chorar, queria-lhe tanto. Sinto-me como um órfão; mas não podia olhar dentro do carro, pois ele não me perdoaria.

Um grupo pouco corrente..., e Canção de ninar estava em meu regaço. Era um menino de sete anos com a morte, não durante uns segundos nada mais, a não ser durante vinte e quatro horas, sem interrupção. Não havia estrada e era difícil chegar ao povo de meu pai. avançava-se muito lentamente. Seguimos com o corpo morto durante vinte e quatro horas. Não chorei porque não queria inquietar a minha avó. Ela não podia chorar para não inquietar a esse menino de sete anos que era eu. Era uma verdadeira mulher de aço.

Quando chegamos ao povo meu pai chamou o doutor, e já lhes podem imaginar: minha avó riu!

-A gente educada é todos estúpidos -disse-. Está morto! Não é necessário chamar a nenhum médico. Por favor, queimem o antes possível.

Todo mundo se escandalizou por suas palavras menos eu, porque já a conhecia. Queria que o corpo se desvanecesse nos elementos. Já era hora..., inclusive tarde, como podem compreender. -e eu não volto para esse povo -acrescentou. Quando disse que ela não voltaria a viver no povo significava que eu tampouco voltaria ali para vê-la. Mas nunca ficou na casa da família de meu pai; ela era diferente. Quando comecei a viver no povo de meu pai encontrei uma boa solução: passava todo o dia com a família de meu pai e as noites com minha avó. Ela estava acostumada viver sozinha em um precioso bungaló. Era uma casa pequena mas muito bonita.

Minha mãe me estava acostumado a perguntar:

-por que não fica alguma vez em casa de noite?

-Impossível -disse-lhe-. Tenho que ir ver minha avó, especialmente pelas noites, quando se sente tão só sem Canção de ninar, meu avô. Durante o dia está bem, está ocupada e há muita gente ao redor, mas de noite, só em seu quarto, se não estivesse eu poria-se a chorar. Tenho que estar aí! -e fiquei aí sempre, todas as noites, sem exceção.

Durante o dia estava no colégio. Só pela manhã e pela tarde passava algumas horas com minha família: minha mãe, meu pai e meus tios. Era uma família numerosa, mas sempre me senti estranho, nunca me senti parte dela.

Minha família era minha avó, e me compreendia porque me tinha visto crescer desde muito pequeno. Sabia de mim mais do que podia saber qualquer outra pessoa, porque me permitia fazer tudo..., tudo.

Na Índia, quando chega o festival das luzes, muita gente se aventura no jogo. É um estranho ritual: permite-se o jogo durante três dias; depois lhe podem deter e te castigar.

Disse a minha avó:

-Quero jogar.

-Quanto dinheiro necessita? -perguntou-me.

Eu não podia dar crédito ao que estava ouvindo. Acreditava que me ia dizer: «Nada de jogo.» E, entretanto, disse: «Assim quer jogar?» Deu-me um bilhete de cem rupias e me disse que fora a me jogar isso onde quisesse, porque só se aprende com a experiência.

Ajudou-me tremendamente deste modo. Uma vez quis ir a uma prostituta. Só tinha quinze anos e tinha ouvido dizer que tinha vindo uma prostituta ao povo. Minha avó me perguntou:
-Sabe o que é uma prostituta?
-Não exatamente -respondi-lhe. Então me disse:
-Deve ir e ver mas, primeiro, só lhe ver cantar e dançar.

Na Índia as prostitutas ao princípio cantam e dançam, mas o canto e o baile eram de tão baixa categoria e a mulher era tão feia que vomitei! Voltei para casa para a metade, antes de que acabárase o canto e o baile, e antes de que começasse a prostituição.

-por que voltaste para casa tão logo? -perguntou-me meu Nani.
-Por que era nauseabundo -respondi-lhe. Só mais tarde, quando li o livro do JeanPaul Sartre A náusea entendi o que me tinha ocorrido essa noite. Mas minha avó me deixou ir a uma prostituta. Não recordo que me dissesse nunca que não. Queria fumar, e ela me disse:

-Tenha em conta uma coisa: está bem que fume, mas fuma sempre em casa.

-por que? -perguntei-lhe.

-Porque aos outros pode incomodar, assim fuma em casa. Eu te proporcionarei os cigarros.

Ela seguiu me dando cigarros até que eu lhe disse:

-Basta! Já não necessito mais.

Meu Nani estava disposta a ir até onde fora para que eu mesmo pudesse experimentar. A forma de saber é quando o experimenta você mesmo, não quando lhe contam isso outros. É aí onde os pais se voltam nauseabundos: estão dando ordens constantemente. Um menino é a reencarnação de Deus. Lhe deveria respeitar, e lhe deveria dar a oportunidade de crescer e de ser, não de acordo a ti, a não ser a seu próprio potencial.

Se me acaba o tempo, não passa nada. Se não me acaba o tempo, melhor. Agora depende de ti, quanto quer prolongado. Não é o único judeu, tinha em conta. Você é judeu de nascimento, eu sou judeu de espírito. Depende de ti.

SESSÃO 5

Ous estava contando a morte de minha Canção de ninar, de meu avô. Acabo de recordar que nunca teve que ir a um dentista. Que homem mais afortunado! Morreu com todos os dentes intactos. Note a mim. Enquanto me examina os dentes te ouço dizer que me falta um. Provavelmente, por isso seja tão duro: trinta e um dentes em lugar de trinta e dois. Possivelmente por isso ataco sem misericórdia. Naturalmente, embora só me falta um dente, o que outra coisa posso fazer a não ser golpear sem misericórdia, a mão direita e a sinistra, sem olhar onde ponho as mãos?

Esse era meu comportamento durante os primeiros anos quando vivia com meu avô, e apesar de tudo estava absolutamente protegido do castigo. Nunca me disse: «Faz isto» ou «Não faça aquilo». Pelo contrário, pôs a meu serviço a seu criado mais obediente, a Bhoora, para me proteger. Bhoora estava acostumada levar consigo uma pistola muito primitiva. Acostumava a me seguir a certa distância, a necessária para assustar aos aldeãos. Isso era suficiente para poder fazer o que queria.

Tudo o que te possa imaginar..., como montar ao reverso sobre um búfalo, com a Bhoora me seguindo de perto. Só mais tarde, no museu da universidade, vi a

estátua do Lao Tzu sentado ao reverso sobre um búfalo. Ri-me com tanta força que o diretor do museu correu para mim dizendo:
-Ocorre-lhe algo?
Como estava atirado no estou acostumado a me agarrando o estômago seguiu perguntando:
-Dói-lhe algo?

-Não, não me incomode -respondi-lhe-, e não me faça rir mais; se não, vou começar a chorar. me deixe sozinho. Não me ocorre nada. Simplesmente, acordei-me que minha infância. Assim estava acostumado a montar eu sobre o búfalo.

Ninguém monta em búfalo na Índia, e particularmente, em meu povo. Os chineses são gente estranha, e este Lao Tzu era o mais estranho de todos. Mas Deus sabe, só Deus sabe, como me ocorreu a idéia -eu tampouco sei- de ir sentado ao reverso sobre o búfalo na rua. Suponho que é porque sempre me gostou de todo o absurdo.

Se fossem concedidos esses primeiros anos outra vez estaria disposto a nascer de novo. Mas você sabe, e eu também, que não se pode repetir nada. Por isso digo que estaria disposto a nascer outra vez; se não, quem ia querer o? Embora esses dias estivessem carregados de beleza.

Eu nasci sob uma estrela equivocada. Lamento não lhe haver perguntado ao astrólogo por que era tão travesso. Não posso viver sem isso, é o que me nutre. Posso entender ao velho, meu avô, e os problemas que lhe causavam minhas travessuras. Todo o dia sentado em seu gaddi -é o nome que lhe dá na Índia ao assento de um homem rico- escutando, cada vez menos, a seus clientes e cada vez mais aos que deviam protestar. Mas lhes estava acostumado a dizer:

-Pagarei por todos os danos que faça, mas recordem que não lhe vou castigar.

Talvez por toda a paciência que teve comigo, um menino revoltoso... nem sequer eu o poderia suportar. Se me dessem um menino assim, e durante vários anos... meu deus! Aos poucos instantes o teria jogado à rua para sempre. Talvez esses anos fossem como um milagre para meu avô, pela imensa paciência que teve. voltou-se cada vez mais silencioso. Vi como aumentava dia a dia. de vez em quando lhe dizia: -Canção de ninar, pode-me castigar. Não tem que ser tão tolerante.

E, podem acreditar que chorava? Com lágrimas nos olhos me dizia:

-Te castigar? Não posso fazê-lo. Posso me castigar a mim mesmo mas não a ti. Nunca, nem por um só instante, vi em seus olhos uma sombra de aborrecimento para mim; e me acreditem, armava tanto confusão como mil meninos. Estava fazendo travessuras desde pela manhã, antes de tomar o café da manhã, até tarde de noite. Às vezes voltava para casa muito tarde: às três da manhã. Mas era um grande homem! Nunca me disse:

-É muito tarde. Não são horas de vir para casa para um menino.

Não; nenhuma só vez. De fato, quando estava diante de mim evitava olhar o relógio que havia na parede.

Assim é como aprendi religiosidade. Nunca me levava a templo que estava acostumado a ir. Eu também ia freqüentemente ao templo, mas só quando estava fechado, para roubar as perucas, porque o templo estava cheio de candelabros com perucas preciosas. Acredito que, pouco a pouco, roubei a MAyor parte deles. Quando meu avô se inteirou disto disse:

-Que mais dá! doei os candelabros e posso doar mais. Não está roubando, porque pertence a seu avô. Eu construí o templo.

O padre deixou de protestar. Em definitiva, para que? Só era um servente de Canção de ninar.

Canção de ninar estava acostumada ir ao templo todas as manhãs;
entretanto, nunca disse:

-Vêem comigo.

Jamais me inculcou nada. Isso é maravilhoso..., não doutrinar. Forçar a um menino indefeso a seguir suas crenças é muito humano. Mas ele não caiu na tentação; sim; eu o chamo a maior tentação. Assim que vê que alguém depende de ti de uma ou outra maneira, começa a lhe inculcar suas crenças. Nem sequer me disse:

-É um jainista.

Recordo-o perfeitamente, era quando se estava elaborando o censo. O funcionário veio a nossa casa. Fez perguntas sobre muitas coisas. Perguntaram pela religião de meu avô; ele disse:

-Jainismo.

Logo lhe perguntaram pela religião de minha avó. Minha Canção de ninar disse:

-Podem-lhe perguntar vocês mesmos. A religião é um assunto privado. Eu nunca o perguntei.

Que homem! Minha avó lhes respondeu:

-Eu não acredito em nenhuma religião, seja a que seja. Todas as religiões me parecem infantis.

O funcionário se surpreendeu. Até eu fiquei desconcertado. Não acredita em nenhuma religião absolutamente! É impossível encontrar, na Índia, uma mulher que não tenha nenhuma religião. Mas ela tinha nascido no Khajuraho, provavelmente em uma família de tántricos que nunca tiveram uma religião. Praticam a meditação mas não acreditam em nenhuma religião.

Isto lhe parece ilógico à mente ocidental: meditação sem religião? Sim...; em efeito, se crie em uma religião não pode meditar. A religião é uma interferência na meditação. A meditação não necessita um Deus, um céu, um inferno, o medo ao castigo e a fascinação do prazer. A meditação não tem nada que ver com a mente; a meditação está além da mente, enquanto que a religião só é mente, está dentro da mente.

Sei que Nani não ia nunca ao templo, mas me ensinou um mantra que vou dar a conhecer pela primeira vez. É um mantra jainista, embora não tem nada que ver com os jainistas como tais. É puramente acidental que esteja relacionado com o jainismo.

Namo arihantanam namo namo Namo siddhanam namo namo Namo uvajjhayanam namo namo Namo ouça savva sahunam namo namo

Aeso panch nammukaro Om, shantih, shantih, shantih...

Este mantra é muito belo. vai ser difícil traduzido, mas o farei o melhor que possa..., ou o pior. Escutem primeiro o mantra em sua beleza original:

Namo arihantanam namo namo Namo siddhanam namo namo Namo uvajjhayanam namo namo Namo loye savva sahunam namo namo Aeso panch nammukaro Savva pavappanasano Mangalam cha savvesam padhamam havai mangalam Arihante saranam pavajjhami Siddhe saranam pavajjhami Sahu saranam pavajjhami Namo arihantanam namo namo Namo siddhanam namo namo

Namo uvajjhayanam namo namo
Om shantih, shantih, shantih...

Agora o tentarei traduzir: «Vá os pés de, inclino-me ante, os arihantas...» Arihanta é o nome que dá o jainismo, igual a bodhisattva no budismo, a aquele que encontrou a verdade e não lhe preocupam outros. chegou a casa e tornou as costas ao mundo. Não cria uma religião, nem sequer prega nem manifesta. É obvio, tem que ser o primeiro em ser recordado. A primeira lembrança é para aqueles que conheceram e permaneceram em silêncio. O primeiro que se respeita não são as palavras, a não ser o silêncio. Não o servir a outros, a não ser a completa realização de seu próprio ser. Não tem importância se a gente servir a outros ou não; isso é secundário, não é o principal. O principal é que alguém realizou seu próprio ser e, neste mundo, é muito difícil te conhecer ti mesmo.

Precisamente esta manhã dei a Gudia um adesivo de Califórnia para o carro que diz: «Advertência! Freio por alucinações.» Isto deveria estar em todos os carros, e não só nos carros mas também nas nádegas de todo o mundo. A vida da gente se apóia em alucinações; nisso consiste sua vida, em uma alucinação. Freiam porque vêem fantasmas que não existem, talvez o Espírito Santo? Mas o que importa que o espírito seja santo ou não? Quão único Importa é que não existe.

E que estupidez! Colocar a um espírito santo na trindade cristã é o cúmulo da estupidez: Deus, o Filho e o Espírito Santo! Para evitar pôr à mulher tiveram que colocar aí a um espírito santo. Que pouco religioso! Dão-lhes conta da armadilha? Não podiam correioner à mãe; apagaram à mãe e colocaram ao Espírito Santo. Esse Espírito Santo destroçou o cristianismo, porque desde o começo, dos mesmos alicerces, está apoiado em mentiras, em alucinações.

pode-se perdoar aos californianos -são todos uns californianos- mas não se pode perdoar aos cristãos por ter introduzido na trindade a este tio repugnante, o Espírito Santo. Além disso, este Espírito Santo cometeu o ímpio ato de deixar grávida a pobre María! Quem criem que deixou grávida a María, a mulher do pobre carpinteiro? Pois o Espírito Santo! Maravilhoso! Enorme santidade! No que consiste então a não-santidade?

Uma coisa é certa, que o cristianismo esteve tentando evitar completamente à mulher, apagá-la de tudo. criaram inclusive uma família. Se um menino fizesse um desenho de uma família -o Pai, o Filho e o Espírito Santo- diria: «O que é este disparate? E onde está a mãe?»

Sem uma mãe como pode haver um pai? Sem uma mãe como pode haver um filho? Até um menino entende esta lógica, mas o teólogo cristão não. Não é um menino, a não ser um atrasado mental. Tem o cérebro avariado. Especialmente o lado esquerdo do cérebro, ou está vazio ou esta cheio de lixo -provavelmente de lixo teológico, a Bíblia-, em poucas palavras, o Espírito Santo.

Eu estou contra esse tipo. Direi-o o mais claro que possa: se me cruzar isso...; quero que saibam que embora não sou um homem violento, se me encontrar com esse tipo, com o Espírito Santo, matarei-lhe. Direi-me mesmo: «Ao diabo com a não-violência, ao menos de momento; mata a este indivíduo! Depois já veremos. Podemos voltar a ser não-violentos outra vez.» Eu, em seu lugar, colocaria a uma mulher. O cristianismo voltaria em si imediatamente.

Outro adesivo para o carro que dei de presente a Gudia diz: «O melhor homem para este trabalho provavelmente seja uma mulher.» Não provavelmente, a não ser seguro...; uma mulher pode fazer a tarefa de ser o terceiro sócio da Santa sociedade. Sem uma mulher é um deserto absoluto: o Pai, o Filho e o Espírito Santo!

Os jainistas denominam arihanta à pessoa que se realizou, e que está tão alagada, tão ébria da beatitude de sua realização que se esqueceu do resto de! mundo. A palavra arihanta significa literalmente «aquele que deu morte ao inimigo»; e o inimigo é o ego. A primeira parte do mantra quer dizer: «Prostro aos pés do que se realizou.»

A segunda parte é: Namo siddhanam namo namo. Este mantra está em pracrit, não em sânscrito. O pracrit é a língua dos jainistas; é mais antiga que o sânscrito. A mesma palavra «sânscrito» quer dizer refinado. Podem supor pela palavra «refinado» que deve ter existido algo anteriormente; se não, de quémanera vais refinar algo? «Pracrit» quer dizer inculto, natural, em bruto, e os jainistas estão no certo quando dizem que seu idioma é o mais antigo da terra. Sua religião também é a mais antiga.

O texto hindu Rigveda menciona ao primeiro professor dos jainistas: Adinatha. Sem lugar a dúvidas, isto significa que é muito mais antigo que o Rigveda. O Rigveda é o livro mais antigo da terra, e fala com tanto respeito do jainista tirthankara Adinatha, que, obviamente, não pode ter sido contemporâneo das pessoas que escreveram o Rigveda.

É muito difícil reconhecer a um professor contemporâneo. Seu destino é que lhe condenem, que lhe condenem em todas partes, de todas as formas possíveis. Não lhe respeita, não é uma pessoa respeitável. Costa muito tempo, milhares de anos, que a gente lhe perdoe; só então começarão a lhe respeitar. Quando estão livres de culpa por lhe haver condenado em uma ocasião começarão a lhe respeitar, a lhe venerar.

O mantra está em pracrit, inculto e sem refinar. O segundo verso diz: Namo siddhanam namo namo, «Prostro aos pés do que se converteu em seu ser». assim, que diferença há entre o primeiro e o segundo?

O arihanta nunca olhe para trás, não lhe preocupam os cultos, já seja cristão ou de outro tipo. O siddha estende, de vez em quando, a mão à humanidade que se está afogando, mas só de vez em quando, não sempre. Não é por necessidade nem por obrigação, é sua própria eleição; talvez o faça ou talvez não.

Desde aí o terceiro: Namo uvaJjhayanam namo namo... «Prostro aos pés dos professores, os uvajjhaya.» Estes alcançaram o mesmo mas se voltam para o mundo, servem ao mundo. Estão no mundo sem ser parte do mundo..., embora sigam nele.

O quarto: Namo ouça savva sahunam namo namo... «Prostro aos pés dos professores.» Já sabem a diferença sutil que há entre professor e professor. O professor conheceu e reparte o que conheceu. O professor recebeu que alguém que conheceu, e o transmite intacto ao mundo, mas ele não conheceu.

Os que compuseram este mantra são pessoas verdadeiramente belas; inclusive se prostram aos pés daqueles que ainda não se conheceram a si mesmos, mas que ao menos levam a mensagem dos professores às massas.

A quinta é uma das frases mais transcendentais que me encontrei em minha vida. É curioso que me desse isso minha avó quando era um menino pequeno. Quando a tiver explicado, também vós verão a beleza que há nela. Só ela podia ser capaz de me dar isso Não conheço ninguém mais que tenha as guelra de declará-lo realmente, embora os jainistas o repetem em seus templos. Mas uma coisa é repetir e outra coisa totalmente distinta é comunicar-lhe à pessoa que amas.

«Prostro aos pés daqueles que se conheceram» sem distinções, sejam hinduistas, jainistas, budistas, cristãos ou muçulmanos. O mantra diz: «Prostro aos pés de

todos aqueles que se conheceram a si mesmos.» Que eu saiba, é o único mantra que não é, absolutamente, sectário.

As outras quatro partes não diferem da quinta, estão contidas nela, mas esta tem uma amplitude que as outras não têm. O quinto verso deveria estar escrito em todos os templos, em todas as Iglesias, independentemente da quem pertençam, porque diz: «Prostro aos pés de todos aqueles que o conheceram.» Não diz «os que conheceram a Deus». Incluso se pode suprimir «o»: eu estou acrescentando «o» ao traduzi-lo. Em original significa simplesmente «prostrando-se aos pés dos que conheceram»; sem «o». Eu estou acrescentando o» para satisfazer os requisitos de seu idioma; se não, não há dúvida que alguém perguntará: «Conhecido? O que é o conhecido? Qual é o objeto de conhecimento?» Não há nenhum objeto de conhecimento; não há nada que conhecer, só o conhecedor.

Este mantra é a única coisa religiosa, se se pode chamar religiosa, que minha avó me deu, e nisto tampouco foi meu avô a não ser minha avó..., porque uma noite o perguntei:

-Está acordado. Não pode dormir? Está preparando alguma travessura para amanhã? -disse-me uma noite.

-Não -respondi-lhe-, mas de algum modo, está-me rondando uma pergunta. Todo mundo tem uma religião, e quando a gente pergunta «A que religião pertence?» encolho-me de ombros. Mas, certamente, encolher-se de ombros não é uma religião; por isso te pergunto, o que deveria lhes dizer?

Ela respondeu:

-Eu mesma não pertenço a nenhuma religião, mas adoro este mantra, e é tudo o que te posso dar; não porque seja tradicionalmente jainista, mas sim porque conheci sua formosura. Repeti-o milhões de vezes e sempre me deu uma imensa paz..., como a sensação de te prostrar aos pés de todos aqueles que conheceram. Posso-te dar este mantra; é tudo o que posso fazer.

Agora posso dizer que essa mulher era realmente especial, porque no que a religião se refere, todos mintam: os cristãos, os judeus, os jainistas e os muçulmanos; todos mintam. Todos falam de Deus, do céu e o inferno, de anjos e toda classe de bobagens, sem ter nem idéia. Ela era uma grande mulher, não porque soubesse, mas sim porque era incapaz de lhe mentir a um menino. Ninguém deveria mentir, pelo menos a um menino; isso é imperdoável.

Durante séculos se explorou aos meninos porque estão desejando confiar: Pode-lhes mentir muito facilmente, e eles confiam em ti. Se for um pai ou uma mãe, acreditarão que tem que ser sincero. Assim é como a humanidade vive na corrupção, em um lodo espesso, muito escorregadio, um lodo espesso de todas as mentiras sortes aos meninos durante séculos.

Se pudéssemos fazer uma coisa, só uma coisa: não mentir aos meninos e lhes confessar nossa ignorância, então seríamos religiosos, e lhes poríamos no caminho da religião, Os meninos são pura inocência; não lhes dêem seu, assim chamado, conhecimento. Mas antes, vós mesmos têm que ser inocentes, sinceros e autênticos, inclusive se vos destroça o ego; e o vai fazer. Indevidamente, fará-se pedacinhos.

Meu avô nunca me pediu que fora ao templo, mas eu lhe seguia. Freqüentemente ia detrás dele, mas ele dizia:

-Parte. Se quer ir ao templo, vete sozinho. Não me siga.

Não era um homem severo, mas era absolutamente inflexível nesta questão. Uma e outra vez lhe pedi:

-Pode-me transmitir algo de sua experiência?

Mas ele sempre evitava a pergunta.

Estava morrendo em meu regaço, no carro de bois, quando abriu os olhos e perguntou:

Que horas são?

-Deve ser perto das nove -respondi-lhe.

Permaneceu calado um instante e logo disse:

"Namo arihantanam namo namo Namo siddhanam namo namo Namo uvajjhayanam namo namo Namo loye savva sahunam namo namo Om, shantih, shantih, shantih.."

O que significa? Significa «Om»: o som essencial do silêncio. E desapareceu como uma gota de rocio com os primeiros raios de sol.

Só há paz, paz, paz..., estou-me entrando nela agora mesmo...

Namo arihantanam namo namo Prostro aos pés dos que conheceram. Prostro aos pés dos que alcançaram. Prostro aos pés de todos os professores. Prostro aos pés de todos os professores. Prostro aos pés de todos aqueles que conheceram, Incondicionalmente. Om, shantih, shantih, shantih.

Sessão 6

De acordo, estou um pouco triste porque Ashu está triste, e este Arca do Noé tem tão poucos membros, que se estiver triste uma pessoa troca toda a atmosfera. É porque se foi seu noivo e possivelmente não volte. Lembram-lhes que faz uns dias lhe perguntei: -Onde está seu noivo, Ashu? e ela me respondeu alegremente: -Voltará logo.

Provavelmente, ela não sabia por que o estava perguntando nesse momento. Nunca pergunto nada sem alguma intenção. Possivelmente não seja tão evidente no momento que faço a pergunta, mas sempre está aí. Há uma explicação para todos meus atos absurdos. Em toda minha loucura há uma nota de absoluta prudência.

O perguntei porque sabia que dentro de pouco estaria triste. te alegre, não se preocupe. Conheço seu noivo melhor que você.

Conseguirá-o. Eu me ocuparei. Mas não esteja triste nesta pequena Arca do Noé. Ah! Está-te rendo; menos mal. Sempre é bom separar-se um pouco do amante; isto faz que seu desejo seja maior. Faz que se esqueça de todas as estupidezes que ocorriam, dos conflitos. De repente, só te lembra da beleza. As separações curtas trazem consigo novas luas de mel. Assim espera à lua de mel. Meus discípulos sempre encontram um caminho para mim, uma maneira de estar a meu lado. Procuram um caminho. Ele encontrará um caminho para mim.

Mas, desgraçadamente, a palavra «triste» me recorda de novo a esse alemão, Achim Seid. meu deus, não pensava voltar a lhe mencionar em minha vida, e por culpa de sua tristeza está aqui outra vez... Olhe o que tem feito! De modo que não esteja triste; do contrário, aparecem personagens como este.

Estava tentando encontrar em seu livro o que é o que ele acredita que está mal em mim, para dizer que não estou iluminado. Não quero dizer que o esteja; só quero saber por que sente que não estou iluminado a não ser somente aceso. Quis saber, por curiosidade, o que lhe tinha levado a essa conclusão. E descobri algo realmente divertido. Diz que estou aceso porque o que digo é de grande importância para a humanidade: ain embargo, não estou iluminado pela forma de dizê-lo».

Isso sim que me fez graça, rio-me poucas vezes e sempre quando estou no quarto de banho. Só sabe meu espelho. A beleza do espelho é que não carrega com memórias. Faz-me graça porque parece que este homem conheceu a muitos

iluminados, e encontra que minha forma de dizer as coisas não é igual à de outros. Eu gostaria de usar uma expressão americana: esse filho de puta tem constipação intelectual. Tem que começar a esvaziar-se; quero dizer que tem que comer ameixas!

Digo-o com autoridade -com minha própria autoridade, é obvio- : se Bodhidharma tivesse conhecido esta expressão, haveria-lhe dito ao imperador Wu da China: «Filho de puta! Vete ao diabo e me deixe em paz!» Mas naqueles tempos ainda não existia esta expressão americana. Não porque não existisse a América; isto, uma vez mais, é um mito europeu. Colombo descobriu a América? Bobagens! Já a tinham descoberto muitas vezes mas sempre se ocultou.

Vos lembrança que o México vem do término sânscrito makshika, e no México se podem encontrar milhares de provas de que existiu o hinduísmo muito antes que Jesucristo, para que vamos falar do Colombo! Em realidade, América e sobre tudo Suramérica, formava parte de um grande continente no que se encontrava também a África. Índia estava exatamente no meio, África abaixo e América acima. Só estavam separados por um mar muito pouco profundo; podia-se cruzar andando! faz-se referência em algumas escritura hindus antigas; dizem que a gente podia passar andando da Ásia a América. Inclusive se casavam. Arjuna, o famoso guerreiro da epopéia hindu Mahabharata, e famoso discípulo da Krisna, estava casado com uma moça mexicana. É obvio, chamavam Makshika ao México, mas a descrição é exatamente a do México.

No México há estátuas do Ganesh, o deus elefante hindu. Seria impossível encontrar uma estátua do deus elefante na Inglaterra! Seria impossível encontrá-la em nenhum lugar, a menos que esse país tivesse entrado em contato com o hinduísmo. No Bali sim, ou na Sumatra ou no México; mas em nenhum outro lugar, a menos que tenha estado ali o hinduísmo. Mais ainda, em alguns templos mexicanos há inscrições em sânscrito antigo. Vos o conto de passagem..., mas se querem saber mais lhes terão que informar no trabalho do monge Bhikkhu Chamanlal, em seu livro A América hindu. Parece-me estranho que ninguém empreste atenção a seu trabalho. Os cristãos, é obvio, não lhe podem emprestar atenção, mas os eruditos deveriam ser imparciais.

O homem alemão e seu colega, o psicólogo holandês, que escreveram que estava aceso mas não iluminado, teriam que reunir-se para discutir este assunto e chegar a uma conclusão, e depois me deveriam informar; porque não sou nenhuma das duas coisas. Estão muito preocupados com as palavras: «iluminado» ou «aceso»? Além disso, os dois utilizam as mesmas razões para chegar a conclusões diametralmente opostas. O holandês escreveu o livro um pouco antes que o alemão, que parece que lhe roubou o tema ao holandês. Mas assim é como se comportam os catedráticos; roubam-se os argumentos uns aos outros, exatamente os mesmos argumentos..., que não falo como um homem iluminado ou como um homem aceso.

Quais são eles para decidir como deve falar um homem iluminado ou aceso? conheceram a Bodhidharma? Viram sua foto? Chegariam imediatamente à conclusão que um iluminado ou aceso não pode ter esse aspecto. Tem um aspecto feroz! Seus olhos são como os de um leão na selva e lhe olhe de tal maneira que parece que vai saltar da foto e te vai matar instantaneamente. Ele era assim! Mas te esqueça da Bodhidharma, porque já aconteceram quatorze séculos...

Eu conheci a Bodhidharma pessoalmente. Viajei com ele durante três meses, pelo menos. Queria-me como queria eu a ele. Terão curiosidade de saber por que me amava. Porque não o fazia nenhuma pergunta. Uma vez me comentou:

-É a primeira vez que encontro a alguém que não me faz perguntas; as perguntas me aborrecem. É o único que não me aborrece.
-Há uma razão -disse-lhe.
-Qual? -perguntou.
-Eu só respondo, nunca pergunto -respondi. Se tiver alguma pergunte me pode fazer isso. Se não ter perguntas, fecha a boca.

Os dois nos rimos porque pertencemos à mesma categoria de loucos. Pediu-me que seguisse a viagem com ele, mas lhe disse:

-Sinto muito, mas tenho que seguir meu próprio caminho, e neste ponto se separa do teu.

Ele não dava crédito. Era a primeira vez que convidava a alguém. Este homem tinha rechaçado inclusive ao imperador Wu como se fosse um mendigo; e era o maior imperador de sua época, tinha o império maior. Bodhidharma não podia acreditar o que estava vendo, que eu rechaçasse sua oferta.

-Agora sabe o que é sentir-se rechaçado -disse-lhe-. Queria que o experimentasse. -mas isso foi faz quatorze séculos.

Poderia-lhe recordar ao alemão outras versões posteriores... como Gurdjieff, que estava vivo faz tão somente uns anos. Tinha que ter visto o Gurdjieff para saber como se comporta e fala uma pessoa que está iluminada ou acesa. Não há nenhuma só palavra que não tenha usado Gurdjieff; e é obvio, são palavras que não se escrevem em seus livros; se não, não os teria querido publicar ninguém.

O único que lhe interessa é a iluminação hindu, que parece ser a nota dominante nestes idiotas...; não sei o que terá que ver a Índia com tudo isto. A iluminação aconteceu em todas partes. Se só lhe interessar a iluminação hindu, nesse caso, Ramakrishna seria o mais próximo. Suas palavras não foram transcritas corretamente, porque era um camponês e falava como tal. eliminaram-se todas as palavras que a gente pensa que não deve usar um iluminado. percorri Rojão de luzes lhe perguntando às pessoas que ainda vive como estava acostumado a falar Ramakrishna. Todos me responderam que falava fatal. Estava acostumado a falar como falam os homens: forte, sem medo, sem nenhuma sofisticação.

Sempre falei que a maneira que eu gosto. Não sou escravo de ninguém e não me importa o que pensem de mim esses idiotas. Dane-se eles: podem pensar que estou iluminado; podem pensar que estou aceso; podem pensar que sou um ignorante. Que pensem o que queiram; é sua mente. Podem escrever; há papel e tinta. por que tenho que me preocupar?

Ashu, por certo, como estava triste tem feito aparecer ao este idiota. Não volte a sentido porque se o estiver, terei que tirar reluzir ao idiota, e já sabe que posso trazer o que for de onde seja, inclusive de nenhuma parte.

Bom, terminamos com a tristeza alemã, verdade? Ri um pouco, pelo menos..., bem! Sim; entende-o. Se te rir quando está triste tem outra cor, mas é natural. Meus sannyasins devem aprender a estar um pouco por cima da natureza. Têm que aprender coisas que não importam a ninguém no mundo corrente. A separação tem sua própria beleza, como a tem o encontro. Não acredito que haja nada mau em separar-se. A separação tem sua própria poesia; só terá que aprender sua linguagem, terá que vivê-la em toda sua profundidade. Da mesma tristeza surgirá mais tarde um novo tipo de alegria..., parece quase impossível, mas acontece. Eu a conheci. Esta manhã estive falando disso. falei que a morte de minha Canção de ninar.

Foi uma separação total. Não nos voltaremos a ver mas havia algo formoso nisso, e se voltou mais formoso ao repetir o mantra. Foi como uma oração..., tinha

um sabor doce. Ele era velho e se estava morrendo, provavelmente de um forte ataque ao coração. Não sabíamos porque no povo não havia médico, nem farmacêutico nem remédios. Por isso não pudemos saber qual foi a causa de sua morte, embora acredite que foi um grave ataque ao coração.
Perguntei-lhe ao ouvido:

-Canção de ninar, há algo que me queira dizer antes de ir ?As últimas palavras? Quer-me dar algo para que te recorde para sempre?

tirou-se o anel e me pôs isso na mão. Atualmente, tem-no algum sannyasin; o dei de presente a alguém. Mas esse anel sempre foi um mistério. Durante toda a vida não lhe permitiu ver ninguém o que havia em seu interior, mas ele estava acostumado a olhar de vez em quando. O anel tinha cristal a ambos os lados, de modo que se podia olhar através. Na parte superior havia um diamante, e a cada lado havia uma ventanita de cristal.

Nunca lhe deixou saber a ninguém o que via através do cristal. Em seu interior havia uma estátua da Mahavira, o tirthankara jainista; uma figura muito formosa e muito pequena. Provavelmente, tratava-se de um pequeno retrato da Mahavira, e os dois cristais atuavam como lupas O ampliavam e parecia enorme. De pouco me serve, sinto dizê-lo, porque embora o tentei, nunca consegui amar a Mahavira tanto como a Buda, embora fossem contemporâneos.

Mahavira carece de algo e, a falta disso, meu coração não pode pulsar por ele. Parece uma estátua de pedra. Buda parece mais vivo, embora não chega a meu modelo de vivacidade, por isso também quero que se converta em um Zorba. Se nos encontrarmos no outro mundo teremos problemas. Gritará-me: -Queria que me convertesse em um Zorba!

Mas já sabem que eu grito mais forte. Não me poderá calar; sairei-me com a minha. Se não querer converter-se em um Zorba é assunto dele, mas então se acabará seu mundo; não terá futuro. Se quer ter futuro me terá que escutar. Tem que converter-se em um Zorba. Zorba não pode existir sozinho -acabaria na Hiroshima-, e Buda tampouco. No futuro não há possibilidade de que existam por separado.

A psicologia futura do homem deverá ser uma ponte entre o materialismo e a espiritualidade; entre o Oriente e Ocidente. Algum dia, o mundo agradecerá que minha mensagem tenha chegado ao Ocidente; até agora, os buscadores tinham que viajar ao oriente. Esta vez, a mensagem de um buda vivente veio ao Ocidente.

Ocidente não sabe reconhecer a um buda. Não conheceu nunca a um buda. conheceu budas parciais -Jesus, Pitágoras, Diógenes-, mas nunca conheceu a um buda total. Por isso não me surpreende que estejam discutindo a respeito de mim.

Sabem o que estão publicando os periódicos hindus? Contam uma mentira: que tenho inimigos que me poderiam seqüestrar e que minha vida corre perigo. Estou aqui agora mesmo e não lhes interessa no mais mínimo. Índia é um país corrupto. É corrupto há quase dois mil anos, e empresta! Não há nada que cheire tão mal como a espiritualidade hindu. É um cadáver, um cadáver muito velho, de dois mil anos!

Que histórias inventa a gente! Poderia ser «seqüestrado por meus inimigos e agora minha vida está em perigo». Em realidade, minha vida esteve em perigo constante durante os últimos vinte e cinco anos. É um milagre que tenha sobrevivido. E agora me querem proteger! Há gente estranha em todo mundo; mas o futuro do homem não está em mãos desta gente, mas sim de um tipo de pessoas completamente novo, e a esse novo tipo de pessoas lhe pus como nome Zorba o Buda.

Contava-lhes que meu avô, antes de morrer, deu-me seu objeto mais querido: uma estátua da Mahavira escondida atrás do diamante de um anel. Com lágrimas nos olhos, disse-me:

-Não tenho outra coisa para te dar, porque lhe tirarão tudo o que tenho, igual a me tiraram isso a mi. Só posso te dar meu amor para aquele que se conheceu a si mesmo.

Embora não fiquei com o anel, cumpri seu desejo. Conheci-o, e o conheci dentro de mim mesmo. O anel, que mais dá? Mas o pobre velho amava a seu professor, Mahavira, e me deu seu amor. Respeito o amor a seu professor e a mim. As últimas palavras que disse foram:

-Não lhes preocupem porque não me estou morrendo.

Ficamos esperando para ver se dizia algo mais, mas isso foi tudo. Fechou os olhos e deixou de existir.

Ainda lembrança o silêncio. O carro de bois estava cruzando o leito de um rio. Lembro-me exatamente de todos os detalhes. Não disse nada porque não queria incomodar a minha avó. Ela não disse nada. Passaram alguns instantes, comecei-me a preocupar com ela e pinjente:

-Dava algo; não esteja tão calada, não o posso suportar.

Não acreditarão, ficou a cantar uma canção! Desse modo aprendi que terá que celebrar a morte. Cantou a mesma canção que tinha cantado quando se apaixonou por meu avô a primeira vez. Também convém ter nisto conta: teve o valor de apaixonar-se faz noventa anos na Índia. Não se casou até os vinte e quatro anos. Isso era pouco corrente. Uma vez lhe perguntei por que tinha demorado tanto em casar-se. Era uma mulher muito bela... Disse-lhe em brincadeira que se teria apaixonado por ela até o rei do Chhatarpur, o estado onde se encontra Khajuraho. Ela respondeu:

-Que estranho que o mencione, porque ocorreu. Mas eu lhe rechacei, e não só a ele, mas também a muitos outros também.

Naquela época na Índia, as meninas se casavam aos sete anos, aos nove como muito. Só por medo ao amor..., se tivessem sido mais majores talvez se teriam apaixonado. Mas o pai de minha avó era um poeta; ainda cantam suas canções no Khajuraho e nos povos próximos. Ele insistiu em que não a casaria com ninguém se ela não estava de acordo. E por arte do azar, apaixonou-se por meu avô. -Isso é mais estranho -disse-lhe-. Rechaçou ao rei do Chhatarpur e, entretanto, apaixonou-te por esse pobre homem? por que? Certamente não é um homem muito arrumado, nem extraordinário em nenhum outro sentido; por que te apaixonou por ele?

-Está fazendo a pergunta equivocada -respondeu-. Apaixonar-se não tem um «por que». Lhe vi e isso é tudo. Vi seus olhos e surgiu em mim uma confiança que não fraquejou nunca.

Também perguntei a meu avô:

-Nani diz que se apaixonou por ti. Por sua parte está bem, mas por que permitiste que se celebre as bodas?

-Não sou um poeta nem um pensador -respondeu-, mas reconheço a beleza quando a vejo.

Nunca vi uma mulher tão formosa como minha avó. Eu também estava apaixonado por ela e a amei durante toda a vida. Quando morreu, aos oitenta anos, corri até a casa e a encontrei aí, arremesso, morta. Estavam-me esperando, porque ela havia dito que não pusessem seu corpo na pira funerária até que eu chegasse. Insistiu em que eu tinha que prender a pira funerária, de modo que me

estavam esperando. Entrei, descobri-lhe a cara... ¡Y seguia estando formosa! Em realidade, mais bela que nunca, porque tudo estava quieto; inclusive o alvoroço da respiração, o alvoroço da vida, já não estavam ali. Ela só era uma presença.

Prender fogo a seu corpo foi a tarefa mais difícil de minha vida. É como se estivesse queimando um dos quadros mais formosos do Leonardo ou do Vincent Vão Gogh. É obvio que para mim ela tinha mais valor que a Mona Lisa e era mais bela que Cleopatra. Não estou exagerando.

Todo o formoso que há em minha visão vem através dela. Ajudou-me totalmente a ser o que sou. Sem ela teria sido um lojista, ou possivelmente um doutor ou um engenheiro, porque meu pai era tão pobre quando aprovei o exame de ingresso, que para ele era muito difícil me mandar à universidade. Mas estava disposto a pedir dinheiro. Insistiu-me muito para que fosse à universidade. Eu desejava fazê-lo, mas não queria fazer a carreira de medicina nem a de engenharia. Rechacei de plano ser médico ou engenheiro.

-Se quer saber a verdade -disse-lhe-, quero ser um sannyasin, um vagabundo.

-O que! -respondeu-. Um vagabundo?

-Sim -afirmei-. Quero ir à universidade e estudar filosofia para ser um vagabundo filosófico.

Ele se negou dizendo:

-Nesse caso, não penso pedir dinheiro nem tomar todo esse trabalho.

Minha avó disse:

-Não se preocupe, filho; irá e fará o que queira. Estou viva e venderei tudo o que tenho para te ajudar a ser você mesmo. Não te vou perguntar onde vai nem o que quer estudar.

Nunca me pediu nada e me mandava dinheiro continuamente, inclusive quando já era professor. Tive-lhe que dizer que agora já ganhava dinheiro e que preferia mandar-lhe a ela.

-Não se preocupe -respondeu-me-. Não necessito este dinheiro e seguro que lhe está dando bom uso.

A gente se perguntava de onde tirava tanto dinheiro para comprar livros, porque tinha milhares de livros. Tinha milhares de livros em casa, inclusive quando estava na escola superior. Minha casa estava cheia de livros e todos se perguntavam de onde tirava o dinheiro. Minha avó me havia dito:

-Não conte a ninguém que te dou dinheiro porque, se se inteirarem seus pais, começarão-me a pedir dinheiro e me custará muito me negar.

Seguiu me dando dinheiro. Surpreenderá-lhes saber que, inclusive o mês que morreu, tinha-me mandado o dinheiro habitual. Assinou o cheque a mesma manhã do dia em que morreu. Igualmente lhes assombrará saber que era o último dinheiro que ficava no banco. Talvez soubesse que não ia haver um manhã.

Sou afortunado em muitos sentidos, mas a maior fortuna foi ter a meus avós maternos... e esses primeiros anos dourados.

Sessão 7

Devageet, algumas vezes, quando diz ao Ashu «de acordo» não te entendo: acredito que me está dizendo isso . Por isso ela ri. Mas no mais profundo de meu ser sei que só há risada. Pode-me anestesiar todo o corpo mas a mim não. Isso não está a seu alcance.

O mesmo acontece com ti. Sua essência mais profunda é superior às substâncias químicas ou farmacêuticas. Agora posso ouvir o Devageet tornar uma risilla. Eu

gosto de ouvir a risilla de um homem. Os homens não se tornam risillas quase nunca. tornou-se domínio exclusivo das mulheres. Os homens se podem rir ou não, mas não se tornam risillas. A risilla está justo no meio. É o justo meio. É o Tao. A risada pode ser violenta; não rir é estúpido. Mas a risilla está bem.

Vêem, posso dizer algo significativo inclusive sobre as risillas: «A risilla é boa.» Não lhes preocupem de se disser algo correto ou não, não é mais que um velho costume. Falo inclusive em sonhos; portanto, não passa nada porque fale assim.

Gudia sabe que falo em sonhos mas não sabe com quem. Só eu sei. Pobre Gudia! Falo com ela; ela pensa e se preocupa de por que estou falando, e com quem. Ai! Não se dá conta de que falo com ela dessa maneira. O sonho é uma anestesia natural. A vida é tão dura que todas as noites nos temos que anestesiar umas quantas horas. Ela se pergunta se estou dormido ou não. Compreendo sua dúvida.

Faz mais de um quarto de século que não durmo. Devaraj, não se preocupe. Falando de sonho normal.., durmo mais que ninguém no mundo: três horas durante o dia, e sete, oito ou nove horas de noite; tudo o que me possa permitir. Em conjunto, em total, durmo doze horas cada dia, embora, em realidade, estou acordado. Vejo-me enquanto durmo e às vezes a noite é tão solitária que me ponho a falar com a Gudia. Mas lhe custa muito trabalho. Primeiro, porque quando falo em sonhos o faço em hindi. Quando durmo não falo inglês. Nunca o farei, embora se quisesse o poderia fazer. Tentei-o alguma vez e o consegui, mas perdia o encanto.

Terão-lhes precavido que todos os dias escuto uma canção do Noorjahan, a famosa cantor Urdu. Todos os dias, antes de vir, escuto-a uma e outra vez. Poderia-lhes voltar loucos. Sabem algo de brocar? Eu sei o que é brocar. Todos os dias broco o cérebro a Gudia com essa canção. Tem que escutada, não há forma de evitá-lo. Quando acabei meu trabalho volto a pôr a canção. Adoro meu idioma... não porque seja meu idioma, mas é tão formoso que se não fora o meu o teria aprendido.

A canção que escuta todos os dias, e que terá que seguir escutando, diz: «Recorde-o ou não, uma vez houve confiança entre nós. Estava acostumado a me dizer: 'É a mulher mais formosa da terra.' Agora já não sei se me reconheceria. Possivelmente não te lembre, mas eu sim. Não posso esquecer a confiança e as palavras que me sussurrava. Dizia que seu amor era imaculado. Ainda te lembra? Talvez não, mas eu sim; não em sua totalidade, é obvio. O tempo tem feito muito dano.

»Sou um palácio dilapidado mas se te fixar cuidadosamente, sigo sendo a mesma. Ainda me lembro da confiança e de suas palavras. A confiança que uma vez houve entre nós segue estando em sua memória ou não? Não sei nada de ti mas ainda me lembro.»

por que sigo pondo a canção do Noorjahan? É uma espécie de furadeira. Não lhe estou brocando os dentes (embora se sigo brocando mais tempo seguro que chego aos dentes), a não ser brocando em seu interior a beleza de um idioma. Sei que não lhe vai resultar fácil entendê-lo ou apreciá-lo.

Quando falo com a Gudia em sonhos, falo em hindi porque sei que seu inconsciente ainda não é inglês. Só esteve uns anos na Inglaterra. Anteriormente, tinha estado na Índia e agora volta a estar na Índia. tentei apagar tudo o que há entre os dois espaços de tempo. Mas falarei disto mais tarde, quando chegar o momento...

Hoje pensava dizer algo sobre o jainismo. Note na loucura deste homem! Sim; posso saltar de um pico a outro sem que haja nenhuma ponte no meio. Mas têm que aceitar a um louco. Apaixonaste-lhes: é sua responsabilidade, eu não sou responsável por isso.

O jainismo é a religião mais ascética do mundo ou em outras palavras, a mais masoquista e sádica. Os monges jainistas se torturam até tal ponto que alguém chega a pensar que estão loucos. Não o estão. São comerciantes, e os seguidores dos monges jainistas também o são. É estranho, toda a comunidade jainista está formada por comerciantes, embora não é estranho exatamente, porque a mesma religião se apóia em um benefício no mais à frente. Os jainistas se torturam a fim de obter algum proveito no mais à frente, porque sabem que não podem obtê-lo neste mundo.

Devia ter ao redor de quatro ou cinco anos quando vi como minha avó convidava ao primeiro monge jainista nu a sua casa. Não me pude agüentar a risada. Meu avô me disse:

-te cale! É um pesado. Perdôo-te quando é um estorvo para os vizinhos, mas não te posso perdoar se tenta ser peralta com meu gurú. É meu professor; iniciou-me nos segredos internos da religião.

-Não me interessam os segredos internos -respondi-lhe-, o que me preocupa são os segredos externos que está mostrando tão manifiestamente. por que está nu? Ao menos se poderia pôr umas calças curtas!

Até meu avô riu.

-Você não entende -disse-me.

-De acordo -respondi-lhe-, o perguntarei eu mesmo -depois perguntei a minha avó-: Posso-lhe fazer umas perguntas a este homem totalmente perturbado que apresenta nu diante de damas e cavalheiros? Minha avó riu e disse:

-Adiante, não faça caso do que diz seu avô. Dou-te minha permissão. Se te disser algo, simplesmente me faz um sinal e eu lhe porei em seu lugar.

Era uma mulher realmente formosa, valente, disposta a dar liberdade sem limites. Nem sequer quis saber o que lhe ia perguntar. Só disse:

-Adiante...

Todos os vizinhos se reuniram para o darshan do monge jainista. Levantei-me em metade do chamado sermão. Isso ocorreu faz quarenta anos, mais ou menos, e após lutei constantemente contra esses idiotas. Esse dia começou uma guerra que não terminará até que eu já não esteja. Provavelmente tampouco termine então; talvez a continue minha gente.

Fiz-lhe umas perguntas muito singelas mas ele não as soube responder. Eu estava perplexo. Meu avô estava envergonhado. Minha avó, me dando tapinhas nas costas, disse-me:

-Estupendo! Conseguiste-o. Sabia que seria capaz.

O que lhe perguntei? Só lhe fiz perguntas singelas. Disse-lhe:

-por que não quer nascer de novo? -é uma pergunta muito fácil para os jainistas, porque todo o esforço do jainismo se apóia em não voltar a nascer. É a ciência de evitar a reencarnação. De modo que lhe fiz uma pergunta básica:

-Não quer nascer de novo? Ele me respondeu:

-Não; nunca mais.

Então lhe perguntei:

-por que não lhe suicidas? por que segue respirando? Para que comer? por que beber água? Desaparece sem mais. Suicídate. Para que armar tanto confusão por

uma coisa tão simples? -ele não ultrapassava os quarenta anos. Se seguir assim -pinjente-, possivelmente tenha que seguir outros quarenta anos ou talvez mais.

É um fato científico que a gente que come menos vive mais. Sem lugar a dúvidas, Devaraj está de acordo comigo. demonstrou-se repetidas vezes que as espécies que são alimentadas mais do necessário, engordam e é obvio se voltam mais cômodas, e mais formosas, claro, mas morrem antes. Se lhes der a metade do alimento necessário, é curioso: não têm tão bom aspecto nem se sentem tão cômodas, mas vivem quase o dobro que a média. A metade de alimento e o dobro de tempo, o dobro de alimento e a metade de tempo.

Assim que lhe disse à monge (naquele momento ainda não conhecia estes dados):

-Se não querer nascer de novo, então por que está vivendo? Só para morrer ?Em tal caso, por que não lhe suicidas? -não acredito que lhe tivessem feito uma pergunta assim antes. Na sociedade cortês ninguém faz perguntas de verdade, e a pergunta do suicídio é a mais autêntica de todas.

Marcel diz: «O suicídio é a única questão verdadeiramente filosófica.» Não conhecia o Marcel então. Possivelmente, naquela época, nem sequer existia Marcel nem tinha escrito ainda seu livro. Mas isso é o que lhe disse à monge jainista:

-Se não querer voltar a nascer, que como diz é seu desejo, então por que segue vivo? Para que? Suicídate! Eu te posso ensinar uma maneira. Embora não conheço bem como marcha o mundo, no que se refere ao suicídio te posso dar um conselho. Pode te atirar da colina que há ao Iado do povo, ou pode saltar ao rio.

O rio estava a cinco quilômetros do povo e era tão fundo e tão largo, que era um prazer cruzá-lo. Freqüentemente, quando o cruzava a nado, pensava que era o final e que não chegaria até a outra borda. Era muito largo e, especialmente na temporada de chuvas, tinha vários quilômetros de largura. Quase parecia um oceano. Na temporada de chuvas não se chegava a ver a outra borda. Estava acostumado a me mergulhar quando estava mais crescido, bem para morrer ou para chegar à outra borda. A probabilidade maior era que nunca chegasse até a outra borda.

O contei à monge jainista:

-Se quiser, pode saltar ao rio comigo na época das chuvas. Podemos fazemos companhia durante um momento e depois te pode morrer, enquanto eu chego até a outra borda. Sei nadar bastante bem.

Olhou-me tão enfurecido, tão cheio de raiva, que tive que decide: -Tinha em conta, terá que nascer de novo porque ainda está cheio de raiva. Esta não é a forma de te liberar de um mundo de preocupações. por que me olha com tanta cólera? me responda de maneira pacífica e silenciosa. me responda com alegria! Se não poder responder, dava simplesmente: «Não sei.» Mas não te zangue. O homem disse:

-O suicídio é pecado. Não posso cometer o pecado de suicidarme. Mas não quero voltar a nascer. Alcançarei esse estado renunciando, passo a passo, a tudo o que possuo.

-Por favor -pedi-lhe-, me mostre o que poses; por isso vejo está nu e não possui nada. Que posses tem?

Meu avô tentou me deter. Assinalei em direção a minha avó e depois lhe disse:

-Recorda, pedi- permissão ao Nani, e ninguém me vai impedir isso, nem sequer você. Perguntei-lhe à avó porque tinha medo de que te zangasse comigo se interrompia a seu gurú e seu suposto sermão falso. Ela me há dito: «me faça um sinal, isso é tudo. Não se preocupe: com um sozinho meu olhar ficará calado.»

É curioso... era verdade! ficou calado sem necessidade de que meu Nani lhe olhasse.

Mais tarde meu Nani e eu nos ríamos.

-Nem sequer te olhou -disse-lhe. -Não podia -respondeu-, seguro que tinha medo de que lhe dissesse «¡Cállate! Não interfira com o menino». Por isso me fugiu. A única maneira de me fugir era não interferir contigo.

Em realidade fechou os olhos como se estivesse meditando.

-Fantástico, Canção de ninar! -disse-lhe-. Está zangado, fervendo, há fogo em seu interior e, entretanto, sinta-se com os olhos fechados como se estivesse meditando. Seu gurú está zangado porque minhas perguntas lhe estão chateando. Você está zangado porque seu gurú não é capaz de me responder. Mas eu digo que este homem que nos está exortando não é mais que um imbecil.

Eu logo que tinha quatro ou cinco anos.

Desde esse dia em adiante, minha linguagem não trocou. Reconheço a um idiota imediatamente, esteja onde esteja, seja quem é. Ninguém se pode escapar dos raios X de meus olhos. Em seguida posso distinguir um atraso mental ou qualquer outra coisa.

O outro dia dei de presente a um de meus sannyasins a pluma com a que escrevi seu nome, simplesmente para que recordasse que era a que tinha utilizado para começar sua nova vida, seu sannyas. Mas estava aí sua mulher. Eu tinha convidado a sua mulher a fazer-se sannyasin. Ela o estava desejando e justamente o contrário; já sabem como são as mulheres: desta maneira e da outra; nunca sabe exatamente. Inclusive quando tiram a mão direita no carro, nunca sabe se realmente querem girar à direita. Poderiam estar sentindo o vento, ou quem sabe; poderiam estar fazendo algo. Essa mulher era, quero e não quero, nem fu nem associação de Futebol..., nesse sentido era uma mulher perfeita. Queria dizer que sim mas não podia: esse tipo de mulher. Tenha em conta que o noventa e nove por cento das mulheres do mundo são assim, com exceção de um por cento. Além disso, era uma mulher muito representativa.

Apesar de tudo, tentei seduzi-la; ao sannyas, refiro-me! Estava enganando-a um poquito e ela estava a ponto de dizer que sim, quando me detive. Eu não sou tão simples como posso parecer. Não quero dizer que seja complicado, quero dizer que vejo as coisas tão claras, que às vezes tenho que renunciar à simplicidade e o convite.

Quando estava a ponto de dizer que sim, apertou a mão de seu marido, que agora é sannyasin. Eu lhe olhei e pude ver que queria desfazer-se desta mulher. Já lhe tinha torturado o bastante. Em realidade, ele tinha a esperança de que se se fazia sannyasin a mulher teria piedade e decidiria lhe deixar. Pude ver seu assombro, quando tentei convencer a sua mulher para que se fizesse sannyasin. Seu coração estava dizendo:

-Meu deus. Se se fizer sannyasin não poderei estar tranqüilo nem no Rajneeshpuram.

Quer formar parte desta comuna. É um homem rico e possui um negócio multimilionário que quer doar integralmente à comuna. Tinha medo... precavi-me do que ocorria entre este sannyasin e sua mulher.

Não havia uma ponte que lhes unisse, e nunca o tinha havido. Eram um casal inglês, já sabem... Deus sabe por que se casaram; e Deus não existe. Volto-o a repetir porque sempre me parece que talvez criam que Deus realmente sabe! Deus não sabe porque não existe.

Deus é uma palavra como «Jesus». Não quer dizer nada, só é uma exclamação. Esta é a história de como puseram o nome ao Jesus...

José e María voltavam de Presépio com seu filho. María estava sentada no burro com o menino. José ia andando diante e sujeitava a corda, levando a burro. De repente, tropeçou-se dando um golpe com uma pedra no dedo gordo. -Jesus! -gritou. E já sabem como são as mulheres...

María disse:

-José! Estava pensando que nome lhe pôr a nosso filho e você acaba de pronunciar o nome acertado: Jesus!

Assim é como lhe deram esse nomeie ao pobre menino. Não é casualidade que sempre que te dá com um martelo na mão exclame: «Jesus!» Não pense que é porque te lembra do Jesus; te lembre do pobre José golpeando o dedo gordo do pé com uma pedra.

Quando deixar de respirar, Devaraj saberá o que tem que fazer. Embora seja meio judeu... mas, apesar de tudo, pode-se confiar nele. Eu sei que ele não acredita que tem uma parte judia. Acredita que parte de sua família poderia ter sido feijão mas ele não! Assim são todos os judeus, inclusive embora não sejam totalmente judeus. crie-se perfeito. Para falar a verdade, um judeu é sempre um perfeito judeu. Uma só gota de judaísmo é suficiente para te fazer um judeu perfeito.

Mas adoro aos judeus e confio neles. Note nesta Arca do Noé: há dois judeus e médio. Eu sou judeu, sem lugar a dúvidas. Devageet não é um judeu perfeito, é só um judeu. Devaraj é meio judeu e faz qualquer esforço por escondê-lo; mas isso só lhe faz mais judeu. Não pode esconder seu judaísmo. Como vais esconder o nariz? É a única parte do corpo que não se pode esconder. Pode escondê-lo tudo exceto o nariz, porque tem que respirar.

Dizia que Jesus, inclusive Jesus, não é um nome a não ser a exclamação do José quando se golpeou o dedo com uma pedra. Deus é o mesmo. Quando alguém diz: «meu deus!», não quer dizer que acredita em Deus. Simplesmente se está queixando, se é que há alguém que lhe possa escutar no céu. Quando alguém diz «Deus!» está dizendo quão mesmo está escrito em muitos papéis oficiais: «A quem pode interessar.» «meu deus!» quer dizer simplesmente «A quem pode interessar» e em caso de que não haja ninguém, então, «Perdão, não interessa a ninguém mas só era uma exclamação e não pude resisti-lo».

Que horas são? ...porque levo meia hora de mais e não quero que lhes atrasem. de vez em quando, também posso ser amável. Só para lhes recordar isso Isto foi o melhor até a data. Muito bem. Sei dizer «suficiente»... inclusive quando está muito bem. Isto é tremendamente belo... Muito formoso. Fim.

Sessão 8

Estava-lhes contando um incidente que é absolutamente importante para poder entender minha vida e seu funcionamento..., e ainda está vivo para mim.

Por certo, dizia que ainda me lembro, mas a palavra «lembrar-se» não é correta. Inclusive posso ver como ocorreu este incidente. Naturalmente, só era um menino, mas isso não quer dizer que não terei que tomá-lo a sério. Em realidade, é a única coisa séria sobre a que jamais falei: o suicídio.

A um ocidental pode lhe parecer um pouco descortês lhe fazer a um monge -que é quase como a batata dos jainistas- a seguinte pergunta:

-por que não lhe suicidas?

Mas sede benévolos comigo. me deixem que lhes explique isso antes de chegar a uma conclusão ou, se não, podem deixar de me escutar.

O jainismo é a única religião do mundo que respeita o suicídio. Agora vos touca lhes surpreender a vós. É obvio, não o chamam suicídio; dão-lhe um formoso nome metafísico, santhara. Estou em contra, especialmente da forma que se leva a cabo. É muito violento e cruel. É curioso que uma religião que acredita na não-violência pregue elsanthara, o suicídio. Podem chamá-lo suicídio metafísico, mas, ao fim e ao cabo, o suicídio é o suicídio; não importa que nome tenha. O que importa é que a pessoa já não está viva.

por que estou em contra? Não estou em contra do direito do homem a suicidarse. Não; deveria ser um dos direitos fundamentais do homem. Se não querer viver, quem tem direito a me obrigar? Se quero desaparecer, outros me teriam isso que facilitar em todo o possível. Toma nota: algum dia eu gostaria de desaparecer. Não posso viver para sempre.

Precisamente o outro dia alguém me ensinou um adesivo para o carro que dizia: «Estou orgulhoso de ser americano.» Olhei-a e mais tarde pus-se a chorar. Não sou americano e estou orgulhoso de não sê-lo. Tampouco sou hindu. Então quem sou? Estou orgulhoso de não ser ninguém. Minha viagem me trouxe até aqui: a não ser ninguém, a não ter casa, a um nada. renunciei inclusive à iluminação, a que não tinha renunciado ninguém antes que eu. Também renuncio a estar aceso, em honra a esse alemão idiota! Não tenho religião, nem país nem casa. Todo mundo é meu. Sou o primeiro cidadão do universo. Já sabem que estou louco. Poderia começar a emitir passaportes para a cidadania universal. Estive-o pensando. trataria-se de um cartão alaranjada que entregaria a meus sannyasins a modo de passaporte, para uma irmandade universal oposta às nações, as raças e as religiões.

Não me oponho à atitude jainista para o suicídio, mas o método..., seu método é deixar de alimentar-se. O pobre homem demora noventa dias em morrer. É uma tortura. Não te poderia ocorrer nada melhor. Nem sequer ao Adolf Hitler lhe teria ocorrido uma idéia parecida. Para conhecimento do Devageet, ao Adolf Hitler lhe ocorreu lhe perfurar os dentes às pessoas, sem anestesia, é obvio. Ainda há muitos judeus no mundo aos que lhes perfuraram os dentes sem mais motivo que o de lhes angustiar. Mas, provavelmente, Adolf Hitler não tenha ouvido falar dos monges jainistas e de suas práticas masoquistas. São soberbas! Não se cortam o cabelo, mas sim o arrancam com as mãos. Note que excelente ideia!

Todos os anos, os monges jainistas se arrancam o cabelo, a barba e o bigode, e todo o resto do cabelo do corpo. Só usam as mãos! Estão contra a tecnologia; dizem que é lógica, levando a lógica ao extremo. E usar uma cuchilla de barbear é tecnologia; sabia? Alguma vez consideraste que uma cuchilla de barbear fosse um objeto tecnológico? Até os supostos ecologistas se barbeiam a barba, sem saber que estão cometendo um crime contra a natureza.

Os monges jainistas se arrancam o cabelo; e não em privado, porque não têm privacidade. Parte de seu masoquismo consiste em não ter privacidade, em ser completamente públicos. arrancam-se o cabelo enquanto estão nus no mercado. A multidão, é obvio, anima-lhes e aplaude. E os jainistas, embora sentem muita comiseração -inclusive os pode ver com os olhos cheios de lágrimas-, inconscientemente também desfrutam disso, e sem ter que comprar uma entrada. Aborreço-lhes. Sou contrário a estas práticas.

A idéia de cometer santhara ou suicídio, deixando de comer e de beber, não é outra coisa a não ser um processo muito comprido de autotortur;a. Não posso

defendê-lo. Mas defendo, absolutamente, a idéia da liberdade de morrer. Considero que é um direito de nascimento, e antes ou depois todas as constituições do mundo o incluirão, terão-o que aceitar como o direito de nascimento mais básico: o direito ao morrer. Não é um crime.

Mas torturar a alguém, te incluindo a ti mesmo, é um crime. Com isto entenderão que não estava sendo descortês, mas sim estava fazendo uma pergunta muito oportuna. Esse dia começou minha luta contra todas as estupidezes, tolices e superstições; em poucas palavras, tudo o lixo religiosa. Lixo é lua palavra muito formosa. Expressa muito em poucas palavras.

Aquele dia começou minha vida de rebelde, e seguirei sendo um rebelde até que fique o último fôlego; inclusive depois, quem sabe. Embora não tenha um corpo, terei os corpos de milhares de meus amantes. Posso lhes provocar; sabem que sou um sedutor, e posso lhes colocar idéias na cabeça para os séculos vindouros. É exatamente o que vá fazer. Minha rebelião não morrerá com a morte deste corpo. Minha revolução vai continuar mais intensamente, porque então terá muitos mais corpos, muitas mais vozes, muitas mais mãos para continuá-la.

Aquele dia marcou um marco. Um marco histórico. Sempre que me lembro desse dia, associo-o com o dia que Jesus discutiu com os rabinos no templo. Era um pouco mais maior que eu, possivelmente oito ou nove anos maior. A forma em que debateu com eles determinou o resto de sua vida.

Não recordo o nome do monge jainista; poderia ser Shanti Sagar, que significa «oceano de sorte». Embora decididamente ele não era assim. Por isso me esqueci que seu nome. Não era mais que um atoleiro sujo, em vez de um oceano de sorte, de paz ou de silêncio. E, certamente, não era um homem de silêncio, porque se zangou muito.

Shanti pode querer dizer muitas coisas. Pode ser paz, pode ser silêncio; estes são os dois significados principais. Ele carecia de ambos. Não era pacífico nem silencioso absolutamente. Tampouco posso dizer que seu interior estivesse isento de agitação, porque se zangou tanto que me gritou e me disse que me sentasse.

-Ninguém me pode mandar sentar em minha própria casa -respondi-lhe-. Eu te posso dizer que vá, mas você não me pode mandar que me sente. Não vá jogar porque ainda tenho algumas pergunta. Não te zangue, por favor. te lembre de seu nome: Shanti Sagar, oceano de paz e de silêncio. Poderia ser, ao menos, uma pequena balsa. Não deixe que te irrite um menino pequeno.

Sem me preocupar de se estava calado ou não, perguntei a minha avó, que agora já estava morta de risada: -Você o que diz, Nani? Deveria-lhe fazer alguma outra pergunta ou deveria lhe dizer que se vá de nossa casa?

Não o perguntei a meu avô, é obvio, porque era seu gurú. Meu Nani disse:

-Lhe pergunte o que queira, e se não te responde se pode partir, a porta está aberta.

Esta é a mulher que eu amei. É a mulher que me fez um rebelde. Até meu avô se surpreendeu de que me apoiasse dessa maneira. O assim chamado Shanti Sagar ficou calado assim que viu que minha avó me apoiava. Não só ela, os aldeãos também ficaram de minha parte imediatamente. O pobre monge jainista ficou absolutamente sozinho.

Fiz-lhe alguma outra pergunta:

-Você há dito: «Não te cria nada antes de havê-lo experiente você mesmo» -recordei-lhe-. Posso ver a verdade que há nisso, por isso te fiz a pergunta...

Os jainistas acreditam que há sete infernos. Até o sexto inferno existe a possibilidade de voltar, mas o sétimo é eterno. Provavelmente seja o inferno dos cristãos porque quando entra em esse fica aí Para sempre.

-Referiste aos sete infernos --continuei dizendo-, e me ocorre uma pergunta: visitaste o sétimo? Nesse caso, não estaria aqui. E se não ter estado, com que autoridade pode dizer que existe? Deveria dizer que só há seis infernos, não sete. Por favor, fala corretamente: dava que só há seis infernos, ou se insistir em que há sete, me demonstre que pelo menos um homem, Shanti Sagar, retornou que sétimo.

ficou sem fala. Não podia acreditar que um menino lhe fizesse uma pergunta assim. Agora eu tampouco posso acreditá-lo! Como me ocorreu essa pergunta? A única resposta é que não tinha sido educado e era totalmente inculto. A cultura te faz muito ardiloso. Eu não era ardiloso. Fiz a pergunta que teria feito qualquer menino inculto. A cultura é o maior crime que o homem cometeu contra os pobres meninos. Pode ser que a última liberação do mundo seja a dos meninos.

Eu era inocente, totalmente inculto. Não sabia ler nem escrever, nem sabia contar mais que os dedos da mão. Inclusive agora, quando tenho que contar, começo com as mãos e se me saltar um dedo me equivoco.

Não pôde me responder. Minha avó se levantou e lhe disse:

-Tem que responder a sua pergunta. Não pense que só a faz o menino; eu também lhe estou perguntando isso, e sou sua anfitriã.

De novo tenho que fazer menção de uma

costume jainista. Quando um monge jainista vai a uma casa para receber comida, depois de comer dá um sermão para benzer à família. Este sermão vai dirigido à anfitriã. Minha avó disse:

-Hoje sou sua anfitriã e te faço a mesma pergunta. estiveste no sétimo inferno? Se a resposta for que não, diga-o sinceramente, mas então não pode dizer que há sete infernos. .

O monge estava tão perplexo e confundido porque uma formosa mulher lhe estava fazendo frente, que decidiu partir. Minha avó lhe gritou:

-Detenha! Não vá! Quem vai dar uma resposta ao menino? E ainda tem que te perguntar algumas costure. Que classe de homem é, escapando das perguntas de um menino? É homem se deteve. Eu lhe disse:

-Retiro a segunda pergunta porque o monge não soube responder. Tampouco respondeu à primeira, de modo que lhe farei a terceira; talvez saiba responder. Olhou-me e lhe disse: -Se me quer olhar, me olhe aos olhos. fez-se um silêncio, como o que há aqui agora. Ninguém pronunciou nenhuma palavra. O monge agachou o olhar e então disse:

-Nesse caso, não te vou perguntar. Não respondeste às duas primeiras perguntas e não quero te fazer a terceira, porque não quero que um hóspede desta casa se sinta envergonhado. A retiro -em realidade, retirei-me da reunião e me alegrei muito de que minha avó me seguisse.

Meu avô se despediu do monge e assim que se foi entrou apressadamente na casa e disse a minha avó:

-Está louca? Primeiro apóia a este menino, que é um provocador de nascimento, e depois te parte com ele, sem nem sequer te despedir de meu professor. Minha avó respondeu: -Não é meu professor, de modo que não me importa. Além disso, o que você considera um provocador de nascimento é a semente. Ninguém sabe como vai germinar.

Agora já sei como germina. Não pode te converter em um buda, a menos que seja um provocador de nascimento. Eu não sou um buda como Gautama o Buda;

isso é muito tradicional. Eu sou Zorba o Buda. Sou a confluência entre o Oriente e Ocidente. Em realidade, não faço divisões entre o Oriente e Ocidente, o superior e o inferior, o homem e a mulher, o bom e o mau, entre Deus e o diabo. Não! Mil vezes não! Não divido. Um tudo o que foi dividido até agora. Esse é meu trabalho.

Esse dia é enormemente importante para entender o que me aconteceu o resto de minha vida; porque se não entender a semente, não acertará a ver a árvore e o florescimento, e tampouco a lua através dos ramos.

Desde esse mesmo momento estive contra tudo o que seja masoquismo. Naturalmente, tive conhecimento desta palavra muito mais tarde, mas a palavra não tem importância. Sempre estive em contra do ascetismo; tampouco conhecia essa palavra antes, mas não me cheirava bem. Sabem que sou alérgico a todos os tipos de autoagresión. Quero que os seres humanos vivam plenamente; o mínimo não é meu estilo. Vive ao máximo, e se pode ultrapassá-lo, fantástico! Faz-o! Não espere! E não perca o tempo esperando ao Godoy.

Por esta razão sempre digo ao Ashu: - Venha, adiante, volta louco ao Devageet!

É obvio, eu não posso voltar louca ao Ashu; não se pode voltar louca a uma mulher, é impossível. É ela a que volta loucos aos homens. É sua habilidade e é muito eficiente. Embora se sente no assento de atrás, conduzirá ao condutor. Já conhece os condutores da parte de atrás: São os piores! Que liberdade quando não há ninguém que conduza ao condutor! NÃO se pode voltar loucas às mulheres; nem sequer eu as posso voltar loucas.

De modo que é difícil. Embora não deixo de dizer: “Adiante, adiante”, mas ela não escuta. As mulheres são surdas de nascimento; seguem fazendo o que lhes deseja muito. Mas Devageet sim ouça, não lhe estou dizendo nada a ele, mas segue ouvindo e lhe dá um ataque de nervos. Esse é o método do covarde. Eu digo que o limite de velocidade é o caminho do mínimo. Se o superar te põem uma multa.

O mínimo é o método do covarde. Se eu tivesse que decidir o que para eles é o limite mais alto, para mim seria o limite mínimo; aos que fossem por debaixo do limite lhes poria imediatamente uma multa. Estamos tentando alcançar as estrelas, e eles ficam pegos aos carros de bois. Tentamos – e esse é o único propósito da física – alcançar finalmente a velocidade da luz. A menos que a alcancemos, estaremos condenados. Se alcançarmos a velocidade da luz podemos escapar de uma terra e um planeta agonizante. A terra, os planetas, as estrelas morrerão algum dia. Como te vais escapar? vais necessitar uma tecnologia muito veloz. A terra morrerá em apenas quatro mil anos. Faça o que faça, nada poderá salvá-la. Cada dia está mais perto de sua morte…E você trata de te mover a 50 quilômetros por hora! Tenta-o a 300.000 km/segundo. É a velocidade da luz.

O místico os alcança e de repente em seu ser interno todo se volta luz e não há nada mais. Isso é o despertar. Eu estou ao máximo. Vive ao máximo em todos os sentidos. Embora te esteja morrendo, faz-o a toda velocidade, não morra como um covarde, salta ao desconhecido.

Não estou em contra com a idéia de acabar com a vida. Se alguém decide fazê-lo tem, naturalmente, todo o direito. Mas estou em contra, sem lugar a dúvidas, de convertê-lo em uma larga tortura. Shanti Sagar levava cento e dez dias sem comer quando morreu. Um homem que tenha uma saúde normal é capaz de resistir sem comer 90 dia. Se tiver uma saúde extraordinária poderia sobreviver mais tempo.

portanto, recordem que não fui grosseiro com este homem. Minha pergunta era absolutamente correta nesse contexto, e talvez mais porque não pôde respondê-la. Embora pareça estranho esse não foi sozinho o princípio de meu questionar mas também o princípio de que a gente não me respondesse. Ninguém respondeu a

minhas perguntas nos últimos quarenta e cinco anos. conheci a tantas pessoas, das que chamamos espirituais, e nenhuma delas respondeu jamais a minhas perguntas. De alguma forma esse dia determinou meu estilo, o resto de minha vida.

Shanti Sagar se foi muito irritado, mas eu estava enormemente feliz e não tinha por que ocultar-lhe a meu avô.

-Canção de ninar -disse-lhe-, certamente se foi totalmente zangado, mas eu sinto que tenho razão. Seu gurú só era um medíocre. Deveria escolher a alguém que mereça um pouco mais a pena.

Até ele riu e disse:

-Talvez tenha razão, mas trocar de gurú a minha idade não parece muito prático. Você o que pensa? -o pregunt6 a meu Nani. Meu Nani, sempre fiel a seu espírito, disse: -Nunca é muito tarde para trocar. Se te der conta que o que escolheste não está bem, troca-o. De fato, é melhor que o faça logo, porque te está fazendo maior. Não diga: «Sou velho, assim não posso trocar.» Um homem jovem se pode permitir trocar, mas um velho não, e você já é bastante velho.

Poucos anos mais tarde morreu, mas não teve valor de trocar de gurú. Seguiu com o modelo de sempre. Minha avó estava acostumada lhe picar dizendo:

-Quando vais trocar de gurú e de métodos?

-Sim, farei-o, farei-o -respondia ele.

Um dia minha avó lhe disse:

-Deixa de bobagens! Ninguém troca a não ser que o faça de repente. Não diga «o farei, farei-o». Ou troca ou não troca, mas deve ser claro.

Aquela mulher se podia ter convertido em uma força muito poderoso. Seu destino não era ser uma simples dona-de-casa. Seu destino não era viver naquele pueblecito. Todo mundo deveria ter ouvido falar dela. Provavelmente, eu seja seu veículo; possivelmente se tenha expresso por meio de mim. Queria-me tanto que nunca considerei a minha verdadeira mãe como minha mãe. Sempre considerei a meu Nani como se fosse minha verdadeira mãe.

Quando tinha que confessar algo, alguma maldade que lhe tinha feito a alguém, só o podia confessar a ela, a ninguém mais. Era minha pessoa de confiança. Podia-lhe confiar tudo, porque me dei conta de uma coisa: que ela podia ser pormenorizada. Devo ter feito todas as coisas das que é capaz uma pessoa, e o contava pelas noites. Isto ocorria enquanto vivia com ela, antes de ir à universidade.

Não dormia nunca em casa de minha mãe. Embora ao morrer meu avô, minha avó se transladou ao mesmo povo que o resto da família, eu me ia dormir com ela porque lhe podia contar todas as travessuras que tinha feito esse dia.

-Bem feito! Fantástico! -disse-me renda-se-. Muito bem! O tinha merecido. É certo que caiu no poço como me acaba de dizer?

-Sim, mas não se morreu -respondi-lhe. -Não importa -disse ela-, mas obtiveste que caísse ao poço?

Havia um poço em nosso bairro que não tinha muro de amparo. De noite era fácil cair dentro. Eu desviava às pessoas para ali, e o que se cansado não era outro a não ser o homem das guloseimas. Minha mãe, quero dizer, minha avó...; sempre me equivoco porque a considero como minha mãe. Prefiro chamá-la Nani, assim não há confusão.

-Hoje consegui que caísse ao poço o homem das guloseimas -disse a meu Nani.

Ainda me lembro de sua risada. Lhe saltavam as lágrimas.

-É fabuloso -disse ela-, mas está vivo ou não?

-Está perfeitamente -respondi.

-Então, não passa nada. Não se preocupe; o merecia. Jogava tantas porcarias nas guloseimas, que terei que fazer algo -disse ela.
Mais tarde lhe avisou:
-Advirto-te que como não troque de costumes te voltará a cair ao poço.
Mas nunca me brigou por isso.

-Não me vais dizer nada? -perguntei-lhe. -Não -respondeu-, porque te levo observando desde que foi pequeno. Embora faça algo mau, faz-o com tanta razão e justo no momento preciso, que inclusive o mau se converte em bom.

Foi ela quem me disse pela primeira vez que o bom em mãos de um homem mau se converte em mau, e o mau em mãos de um homem bom se converte em bom.

De modo que não lhes preocupem do que fazem; tenham em conta somente uma coisa: o que estão sendo. Esta é a grande questão, fazer ou ser. Todas as religiões se ocupam do ser. Se seu ser for correto, e por correto entendo ditoso, silencioso, tranqüilo e amoroso, então, tudo o que faça será o correto. Desde esse momento, para ti já não existirão os mandamentos, só haverá um: sei e nada mais. Sei com tanta totalidade que nessa mesma totalidade não haja possibilidade de sombras. Então não poderá fazer nada mal. O mundo inteiro pode te dizer que está mal mas isso não importa; o que Importa é seu ser.

Não me preocupa que crucificassem a Cristo porque sei que se sentia completamente a gosto consigo mesmo inclusive na cruz. Estava tão tranqüilo que podia rezar: «Pai», essa é a palavra que usava para dizer Deus. Para ser mais exatos nem sequer dizia «Pai», a não ser «Abba», que é uma palavra muito mais formosa. «Abba, perdoa a esta gente porque não sabem o que fazem». Recalca a palavra «fazer» -«o que fazem»-. Ai! Não eram capazes de ver o ser do homem que estava na cruz. O ser é o que importa, quão único importa.

Não acredito que estivesse fazendo nada mau nesse momento de minha vida, quando o fazia pergunta estranhas, molestas e irritantes, à monge jainista. Certamente lhe ajudei. Possivelmente algum dia seja capaz de entendê-lo. Se tivesse tido valor o teria entendido esse mesmo dia, mas era um covarde e escapou. Após, minha experiência foi esta: todos os presuntos mahatmas e Santos são uns covardes. Não conheci nem um só mahatma -hindu, muçulmano, cristão ou budista- que possamos dizer que é um verdadeiro espírito rebelde. Se não ser rebelde, não é religioso. A rebelião é a base da religião.

Sessão 9

O tempo não pode voltar atrás, mas a mente sim. Que desperdício! lhe dar uma mente que não se esquece de nada a um homem, que não só se converteu em não memore, mas também inclusive aconselha a outros que renunciem à mente. No que respeita a minha mente (recorda, a minha mente, não a mim), trata-se igualmente de um aparelho como o que se está usando aqui. Minha «mente» não é mais que a máquina, mas uma máquina perfeita que lhe foi dada a um homem que a vai desperdiçar! Por isso digo que é um desperdício.

Mas conheço qual é o motivo: se não ter uma mente perfeita, não poderá ter a inteligência para descartá-la. A vida está cheia de contradições. Não há nada mau nisso; dá-lhe mais sabor. Não há nenhuma razão pela que homem e mulher sejam dois; podiam ter sido como uma ameba. lhe perguntem ao Devaraj: a ameba não é masculina nem feminina, só há uma. É igual a Muktananda, e todos os idiotanandas; a ameba é celibatário, embora tenha sua própria forma de reproduzir-se. A quantidade de problemas que isto causa a todos os médicos do

mundo! Quão único faz é comer, engorda cada vez mais até que, de repente, divide-se em dois. Assim é como se reproduz. É realmente brahmacharya, celibatário.

O homem e a mulher poderiam ter sido um, como as amebas, mas então não haveria poesia, só reprodução. É obvio, tampouco haveria conflitos, nem reprove, nem brigas; mas a poesia que surgiu é tão valiosa, que todos os conflitos, as recriminações e as rixas valem a pena.

Precisamente agora estava escutando outra vez ao Noorjahan... «A confiança que havia entre nós, talvez o tenha esquecido, mas eu não. Ainda me lembro, ao menos, um pouco. As palavras que me dizia, possivelmente já não te lembre de nada, mas sua lembrança é suficiente para manter minha esperança. O amor que havia entre nós...»

Wo karar, "esse amor" ...karar é muito mais intenso do que possa traduzir a palavra "amar"; muito mais apaixonado. Seria melhor traduzi-lo por «essa paixão» ou «esse amor apaixonado». E wo rah mujh mein our tujh mein thee: «e o espaço que havia entre você e eu...»

«O espaço...» Só de vez em quando, quando os corações estão abertos, existe um espaço; pelo resto, a gente se comunica, mas não comunga. Falam, mas não se escutam. Fazem negócios, mas só existe um vazio entre eles, não há uma alegria transbordante. Wo rah --«esse espaço»- e wo karar -«esse amor apaixonado».

«Possivelmente te tenha esquecido, mas eu me lembro. Não posso esquecer que me disse uma vez: 'É a rainha do mundo, a mulher mais bela.' Provavelmente, já não me possa reconhecer.. . »

As coisas trocam, o amor troca, os corpos trocam; a natureza da existência é a mudança, estar em um fluxo. Escuto essa canção justo antes de entrar em seu reboque, porque sempre a adorei; desde minha infância. Acredito que certamente me traz memórias..., sem dúvida o faz.

Ontem lhes estava contando o incidente com o monge jainista. Não terminei que lhes contar a história, porque ao dia seguinte teve que voltar para casa de meu avô para mendigar comida.

Custará-lhes entender por que tinha que voltar se se tinha ido tão zangado. Tenho-lhes que explicar o contexto. Os monges jainistas não podem aceitar comida de ninguém, exceto de outro jainista, e infelizmente para ele, fomos a Única família jainista desse pueblecito. Não podia mendigar comida em nenhum outro sítio, embora lhe teria gostado, porque ia contra sua disciplina. portanto, teve que voltar, muito a seu pesar.

Meu Nani e eu estávamos esperando no piso de acima, olhando pela janela porque sabíamos que voltaria. Meu Nani me disse:

-Olhe, aí vem. Bom, o que pergunta lhe vais fazer hoje?

-Não sei -disse-lhe-. Primeiro lhe deixaremos comer, e depois, por cortesia, terá que dirigir-se à família e aos que se congregaram ali.

depois da comida, os monges jainistas pronunciam um sermão de agradecimento.

-Não se preocupe -disse-lhe-, já encontrarei algo que lhe perguntar. Primeiro lhe deixe que fale.

Falou com muita cautela e brevidade, o qual era pouco habitual. Mas fale ou não, se alguém te quer fazer uma pergunta, pode-o fazer. Pode questionar seu silêncio. O monge estava falando da beleza da existência, acreditando, provavelmente, que isso não daria lugar a nenhuma discussão; mas sim o fez.

Pu-me de pé. Meu Nani ria do fundo da habitação; ainda me lembro de sua risada:

-Quem criou este belo universo? -perguntei-lhe à monge.

Os jainistas não acreditam em Deus. Para a mente ocidental dos cristãos é difícil compreender que uma religião não cria em Deus. O jainismo é muito superior ao cristianismo; pelo menos não acredita em Deus, nem no Espírito Santo nem nas demais tolices. O jainismo, criam-no ou não, é uma religião atéia; ser ateu e, não obstante, religioso, parece entrar em contradição, é ilógico. O jainismo é ética pura, moralidade pura, sem nenhum Deus. De modo que quando lhe perguntei à monge jainista:

-Quem criou esta beleza? Obviamente respondeu o que eu supunha: -Ninguém.

Essa é a resposta que estava esperando e lhe disse:

-É possível que uma beleza semelhante não tenha sido criada por ninguém?

-Por favor, não me interprete mal... -acertou a responder. Esta vez se preparou; parecia mais seguro.-Por favor, não me entenda mau -dijo,no- estou dizendo que ninguém seja alguém. Lembram-lhes da história da Alicia através do espelho? Reina-a pergunta a Alicia: -Quando vinha de caminho te encontraste com alguém que viesse para ver-me? Alicia lhe responde: -Com ninguém. Reina-a lhe olhou confundida e disse: -Que estranho, então ninguém deveria ter chegado antes que você, e ainda não está aqui. Alicia se sorriu como uma típica senhora inglesa mas, é obvio, só espiritualmente.

Mantendo séria a expressão, disse: -Senhora, ninguém é ninguém. -Claro -respondeu a rainha-, já sei que ninguém tem que ser ninguém, mas por que demora tanto? Parece que ninguém anda mais devagar que você. Alicia se esqueceu por um momento e disse:-Ninguém anda mais rápido que eu. -Isto sim que é estranho -exclamou a rainha-. Se ninguém andar mais rápido que você, como é que ainda não chegou?

Nesse momento Alicia entendeu a confusão, mas já era muito tarde. Voltou-lhe a repetir: -Senhora, por favor, recorde que ninguém é ninguém.

-Já sei que ninguém é ninguém -disse a rainha-. Mas a pergunta é: por que não chegou ainda? Eu lhe disse à monge jainista: -Já sei que ninguém é ninguém mas, fala com tanta beleza, com tantos louvores da existência, que me surpreende, porque se supõe que os jainistas não devem fazê-lo. Dá a impressão que, devido à experiência de ontem, trocaste que tática. Pode trocar de tática mas não me pode trocar . Sigo perguntando: se ninguém criou o universo, como chegou a existir?

Ele olhou em todas as direções; todo mundo estava calado exceto meu Nani, que se estava rendo estrepitosamente. O monge me perguntou:-E você sabe como chegou a existir? -Sempre esteve aí -respondi-lhe-, não foi necessário que aparecesse.

depois de quarenta e cinco anos posso confirmar essa frase, depois da iluminação e a não iluminação, depois de ter lido muito e havê-lo esquecido tudo, depois de conhecer o que é e -ponham em maiúsculas- IGNORÁ-LO. Posso seguir dizendo quão mesmo pinjente de menino: o universo sempre esteve aí, não necessitou ser criado nem vir de nenhum lugar, simplesmente é.

O terceiro dia, o monge jainista não se apresentou. Fugiu de nosso povo até o seguinte povo, onde havia outra família jainista. Mas devo lhe render comemoração: sem sabê-lo, iniciou a um menino em sua viagem para a verdade. Desde aquele dia tenho feito essa mesma pergunta a muitas pessoas, e tive que fazer frente à mesma ignorância: grandes eruditos, sábios e destacados mahatmas

venerados por milhares de pessoas, mas incapazes de responder uma simples pergunta feita por um menino.

Em realidade, as perguntas autênticas nunca foram respondidas, e posso predizer que nunca se responderão, porque ante uma pergunta autêntica a única resposta é o silêncio. Não o silêncio estúpido do erudito, do monge ou do mahatma, a não ser seu próprio silêncio. Não o silêncio do outro, a não ser o silêncio que cresce em seu interior. Pelo resto, não há nenhuma resposta. E o silêncio que cresce em seu interior é uma resposta para ti e para aqueles que se fundem com amor em seu silêncio; por outra parte, não é uma resposta para ninguém mais que para ti.

houve, no mundo, muita gente silenciosa que não foi que grande ajuda para outros. Os jainistas lhes chamam arihantas, os budistas lhes chamam arhatas; ambas as palavras significam o mesmo. Os idiomas diferem um pouco. A gente é pracrit e o outro é pálio São idiomas vizinhos ou mas bem irmãos. Arihanta, arhata; vós mesmos lhes podem dar conta de que se trata da mesma palavra.

houve arihantas e arhatas; tinham encontrado a resposta mas não eram capazes de revelá-la, e se não ser capaz de anunciá-la, anunciá-la do telhado, sua resposta não é de grande valor. É simplesmente a resposta de uma pessoa dentro de uma multidão, onde todo mundo tem muitas perguntas. O arihanta morre logo, e com ele seu silêncio. Desaparece como quando escreve em cima da água. pode-se escrever, pode assinar na água, mas quando terminaste que escrever sua assinatura já não esta aí.

O verdadeiro professor não só conhece, mas também ajuda a conhecer milhares de pessoas. Seu conhecimento não é particular, está aberto a todos os que estão preparados para recebê-lo. Agora sei a resposta. conduzi com a pergunta há milhares de anos, em um corpo, em outro corpo, de corpo em corpo, e pela primeira vez aconteceu a resposta. aconteceu porque perguntei insistentemente sem medo às conseqüências.

Estou rememorando estes incidentes para lhes fazer conscientes de que se a gente não perguntar, não pergunta com totalidade a todo mundo, é difícil que se pergunte a si mesmo. Quando lhe jogam de todas as portas -quando todas as portas estão fechadas ou em todas partes lhe dão portadas- finalmente te volta para dentro... e aí está a resposta. Não está escrita; não encontrará uma Bíblia, uma Tara, um Corán, um Gita, um Tao Lhe Ching ou um Dhammapada... Não, ali não encontrará nada escrito.

Tampouco vais encontrar a ninguém; a um Deus ou uma figura paternal que te sorria, dê-te tapinhas nas costas e te diga:

-Bom, meu filho! Muito bem, voltaste para casa. Perdôo-te todos seus pecados.

Não, ali não vais encontrar a ninguém. O que vais encontrar é um silêncio imenso, entristecedor, tão espesso que parece que o pode tocar... como a uma mulher formosa. Pode-o sentir como uma bela mulher, só é silêncio, mas muito tangível.

Quando desapareceu o monge do povo nos rimos sem parar durante dias, sobre tudo meu Nani e eu. Era como uma menina! Devia ter perto de cinqüenta anos mas era como se seu espírito não tivesse crescido. riu comigo e disse:

-Fez bem.

Ainda lembrança as costas do monge enquanto fugia. Os monges jainistas não são formosos; não podem sê-lo, todo seu enfoque é repugnante, simplesmente repugnante. Inclusive suas costas era repugnante. Sempre amei todo o belo em qualquer lugar que se encontre, nas estrelas, no corpo humano, nas flores, ou no vôo de um pássaro..., onde seja. Sou um descarado adorador da beleza, porque não

sei como se pode conhecer a verdade se não amar a beleza. A beleza é o caminho para a verdade. O caminho e a meta não são diferentes: à larga o caminho mesmo se converte na meta. O primeiro passo é também o último.

A topada -sim, esta é a palavra correta-, a topada com o místico jainista foi a primeira de outras muitas topadas, jainistas, hinduistas, muçulmanos e cristãos; e estava disposto a fazer algo por ter uma boa discussão.

Não lhes acreditarão isso, mas aos vinte e sete anos, depois de me haver iluminado, fui circuncidado para entrar em uma ordem sufí muçulmana onde não admitiam a ninguém que não tivesse sido circuncidado.

-De acordo -disse-lhes-, façam! Este corpo se destruirá de todas formas e só lhe ides tirar um pedacinho de pele. Podem cortá-lo mas quero entrar na escola. Nem sequer eles me podiam acreditar. -me acreditem -insisti-, estou preparado. Quando comecei a discutir exclamaram: -Estava muito disposto para a circuncisão e, entretanto, não está disposto a aceitar nada do que dizemos!

-É minha forma de ser -repliquei-. Sempre estou disposto a dar um sim para o não essencial mas sou absolutamente inexorável para o essencial, ninguém me pode obrigar a dizer que sim.

É obvio, tiveram-me que expulsar da suposta ordem sufí, embora os pinjente:

-Com minha expulsão, estão declarando ao mundo que são pseudo-sufís. Estão expulsando ao único sufí autêntico. Em realidade, eu lhes expulso a todos.

olharam-se desconcertados. Mas é certo, eu não tinha entrado em sua ordem para conhecer a verdade; já a conhecia. Então, por que tinha entrado? Simplesmente, porque ali tinha boa companhia com a que discutir.

desfrutei discutindo desde minha infância. Posso fazer algo com tal de ter uma boa discussão. Mas que difícil é encontrar um bom ambiente para discutir! Ingressei na ordem sufí -confesso-o, agora, pela primeira vez-, e inclusive permiti que me circuncidassem esses idiotas. Utilizaram um método tão primitivo que tive que padecer mais de seis meses. Mas isso não me importou; minha única preocupação era conhecer o sufismo de dentro. Que lástima! Não pude encontrar um verdadeiro sufí em toda minha vida. Mas isto não se aplica só aos sufís, tampouco encontrei um verdadeiro cristão nem um verdadeiro hasidista.

J. Krishnamurti me pediu que nos encontrássemos em Bombay. Parmananda, um amigo comum, fez-me chegar sua mensagem.

-Parmananda -disse-lhe-, volta e lhe diga ao Krishnamurti que se quiser que nos vejamos deveria vir ele aqui (seria o apropriado) em vez de me pedir que vá ver lhe.

-Mas ele é muito mais velho que você -disse Parmananda.

-Vete a lhe ver e não responda em seu nome -pinjente-. Se te disser que é mais velho que eu, então não vale a pena ir, porque o despertar não é nem mais velho nem mais jovem; sempre é igual, completamente novo, eternamente novo.

foi jamais voltou, porque como ia vir Krishnamurti a me visitar, sendo um homem maior? E, apesar de tudo, era ele o que me queria conhecer. É interessante, não lhes parece? Nunca tive interesse em lhe conhecer, se não, o teria feito. Queria-me conhecer e, entretanto, queria que fosse aonde ele estava. Coincidirão comigo em que isto é muito. Parmananda nunca voltou com uma resposta. Quando lhe vi o dia seguinte lhe perguntei: -O que passou? -Krishnamurti se zangou tanto -respondeu-me-, estava tão furioso, que não lhe voltei a perguntar.

Era ele o que me queria conhecer; me teria encantado lhe ver, mas nunca quis ir pela singela razão que eu não gosto de ir visitar gente, embora se trate do J.

Krishnamurti. Eu gosto do que diz, eu gosto do que é, mas nunca tive o desejo de lhe conhecer -pelo menos não encarreguei a ninguém que lhe dissesse que viesse- porque, nesse caso, a solução é singela: vou ver lhe. Ele queria me conhecer, queria lombriga e, entretanto, queria que eu fosse aonde ele estava. Isso nunca me gostou nem eu gostarei.

originou-se, ao menos por sua parte, um antagonismo para mim. Desde esse dia começou a falar contra mía. Assim que vá a meus sannyasins se comporta como se fosse um touro. Já sabe o que acontece quando ondeia uma bandeira vermelha diante de um touro. O mesmo ocorre a ele quando for a um de meus sannyasins vestido de vermelho: de repente, enfurece-se. Eu digo que deve ter sido um touro em sua vida passada; ainda não se esqueceu de seu antagonismo com a cor vermelha.

Isto começou o dia que me neguei a ir conhecer lhe. antes disso, nunca tinha falado em meu contrário. No que a mim respeita, sou um homem livre. Posso falar a favor de alguém e ato seguido em seu contrário, sem que isto me cause nenhum problema. eu adoro as contradições e todo tipo de incongruências.

J. Krishnamurti está contra mim, mas eu não estou contra ele. Sigo-lhe querendo. É uma das pessoas mais belas do século xX. Não acredito que lhe possa comparar com nenhuma outra pessoa viva, mas tem uma limitação e essa limitação foi sua ruína. Sua limitação é que pretende ser completamente intelectual e isso não é possível quando tenta ascender, quando quer ir além das palavras e dos números.

Krishnamurti deveria estar mais à frente, um pouco mais à frente, mas está pacote à intelectualidade vitoriana. Sua intelectualidade nem sequer é moderna, a não ser vitoriana; já cumpriu quase um século. Diz ter sorte por não ter lido os Upanishads, o Gita ou o Corán. Então a que se dedica? Lhes vou dizer isso: lê novelas policiacas de terceira categoria! Não o digam a ninguém, por favor, se não se dará cabaçadas contra a parede. Não me preocupa sua cabeça a não ser a parede. No que respeita a sua cabeça, esteve padecendo enxaqueca os últimos cinqüenta anos -isto é mais do que eu vivi-, até tal ponto, que conta em seu jornal que, muitas vezes, quis-se dar cabaçadas contra a parede. Sim; preocupa-me a parede.

por que padece enxaqueca? Por que é muito intelectual, simplesmente por isso. Não é o caso do pobre Asheesh, que me constrói as cadeiras; também tem enxaqueca mas o seu é físico. A enxaqueca do J. Krishnamurti é espiritual. É muito intelectual; pode-te dar uma enxaqueca simplesmente lhe escutando. Se não te der uma enxaqueca depois de ouvir um discurso do J. Krishnamuni é que já está iluminado ou não tem cabeça. O segundo é mais provável. O primeiro é mais difícil.

A enxaqueca do Asheesh se pode curar, mas a do Krishnamurti é irreversível. Não tem cura. Embora agora já não é necessário, porque é muito velho e está acostumado a viver com enxaqueca. Já é como se fosse sua mulher. Se lhe tirar a enxaqueca ficará sozinho, viúvo. Não devemos fazê-lo. Sua enxaqueca e ele estão casados e morrerão juntos.

Dizia-lhes que meu primeiro encontro com o monge jainista foi o início de uma larga série de encontros com muitos presuntos monges: com farsantes. Todos adoecem de intelectualidade, e eu nasci para que desçam das nuvens. Mas é quase impossível lhes fazer entrar em razão. Provavelmente, não querem porque têm medo. Possivelmente lhes resulte muito vantajoso não ter sensibilidade nem inteligência.

Lhes respeita como se fossem Santos; para mim não são mais que esterco de vaca sagrada. O esterco de vaca tem algo bom: que não cheira. Vos lembrança que sou alérgico aos aromas. O esterco de vaca tem uma característica boa, que é analérgico. Qual é a palavra correta, Devaraj? -Analergénico, Osho. Isso, analergénico. Meu Nani não era realmente uma mulher hindu; Ocidente não lhe teria resultado tão alheio. Tenham em conta que era totalmente inculta, provavelmente por isso era tão perspicaz. Talvez visse em mim algo que eu não advertia ainda. Possivelmente me queria tanto por isso..., não sei. Agora já não está viva. Mas sim sei uma coisa: que não quis voltar para povo depois da morte de seu marido; ficou no povo de meu pai. Tive-a que deixar aí, mas cada vez que voltava lhe perguntava: -Nani, voltamo-nos para povo? Sempre respondia: -Para que? Você está aqui. Essas três palavras retumbam em meu interior como uma música que ressona: «Você está aqui.» É o mesmo que lhes digo a vós. Ela me queria; vós sabem que ninguém lhes quer mais que eu. É formoso. Nunca estivestes aqui.

Que lástima, oxalá pudesse lhes convidar a este espaço himalaico! «Agora» é um espaço de enorme beleza... Pobre Devageet, ainda ouço seu risilla. meu deus! Não existe um fármaco que, ao menos, me impeça de ouvir essa risilla?

Não criam que me tornei louco. Já o estava. Vêem? Minha loucura e a seu som totalmente distintas. Tomem nota. Até o Rasputín seria sannyasin se estivesse vivo..., quero dizer que teria sido sannyasin. Ninguém, sem exceção, pode-me enganar.

Sou o tipo de pessoa que, inclusive no momento de sua morte, dirá: «Basta, basta por hoje...»

Sessão 10

Estava olhando umas fotos do desfile das bodas da princesa Diana e, curiosamente, o único que me impressionou que todo esse disparate foi a beleza dos cavalos, seus alegres saltos. Vendo-os, acordei-me que meu cavalo. Nunca o contei a ninguém, nem sequer a Gudia, que adora os cavalos. Mas agora que já não guardo nenhum secreto lhes posso contar isso.

Não só tinha um cavalo; em realidade, tinha quatro. A gente era de minha propriedade; já sabem quão afetado sou..., inclusive agora não deixo que ninguém se monte em meus Rolls Royces. Sou muito suscetível. Naquela época já era assim. Ninguém tinha permissão para montar meu cavalo, nem sequer meu avô. É obvio, eu podia montar os cavalos de todo o mundo. Tanto meu avô como minha avó tinham um. Era estranho ver montar a cavalo a uma mulher em um povo hindu; mas ela era uma mulher estranha, o que lhe vamos fazer! O quarto cavalo era da Bhoora, o criado que me seguia com um fuzil, a certa distância, naturalmente.

O destino é estranho. Nunca lhe tenho feito mal a ninguém, nem sequer em sonhos. Sou absolutamente vegetariano. Mas o destino quis que, desde minha primeira infância, seguisse-me um guarda. Não sei por que mas, desde a Bhoora, nunca deixei que ter escolta. Inclusive hoje em dia levo escoltas, diante ou detrás, mas sempre estão aí. O jogo começou com a Bhoora.

Já lhes contei que parecia um europeu, mas isso lhe chamavam Bhoora. Não era seu verdadeiro nome. Bhoora, em realidade, quer dizer «o branco». Eu tampouco conheço seu verdadeiro nome. Tinha cara de europeu, muito europeu, e isso era realmente estranho, especialmente naquele povo, onde não acredito que tivesse entrado nenhum europeu. Mas há escoltas que...

Inclusive quando era um menino podia entender que era necessário que Bhoora seguisse a cavalo a certa distância, porque me tentaram raptar em duas ocasiões. Não sei que interesse podiam ter em mim. Agora pelo menos o entendo. Meu avô, embora não era muito rico segundo a meia européia, indubitavelmente era muito rico para esse povo. Dakaits: agora Devageet vai se encontrar com dificuldades para escrever a palavra «dakait»...

Não é uma palavra inglesa, provém da palavra daku do hindi. Nesse sentido, o inglês é uma das línguas mais generosas do mundo. Todos os anos incorpora oito mil palavras de outros idiomas; por isso, cada vez se volta mais importante. Sem lugar a dúvidas, vai se converter no idioma mundial; ninguém o pode impedir. Por outra parte, outros idiomas são muito tímidos, vão encolhendo. Acreditam na pureza, em que não devem mesclar-se com nenhum outro idioma. Naturalmente, tenderão a fazer-se mais reduzidos e primitivos. Dakait é uma transliteración de daku; significa ladrão, mas não um ladrão corrente, a não ser quando um grupo de gente, armada e organizada, planeja um roubo: isto se chama dakaitry.

Quando era jovem, na Índia era muito corrente que raptassem aos filhos da gente rica para depois ameaçar aos pais cortandoas mãos a seus filhos se não pagavam. Às vezes, ameaçavam deixando cego ao menino, e quando os pais eram muito ricos, a ameaça era mais direta: matar ao menino. Os pobres pais eram capazes de algo com tal de salvá-lo.

Tentaram me seqüestrar em duas ocasiões. Salvei-me por dois motivos: um deles foi meu cavalo, um cavalo árabe muito forte, e o segundo foi Bhoora, o criado. Meu avô lhe ordenou que disparasse ao ar, não contra os que me raptavam, porque isso está contra o jainismo, mas sim pode disparar ao ar para assustá-los. É obvio, minha avó lhe murmurou ao ouvido a Bhoora:

-Não lhe faça caso a meu marido. Pode disparar ao primeiro ar, mas se não funcionar, tenha presente isto: como não díspares às pessoas eu dispararei a ti -e ela tinha muito boa pontaria. Vi-lhe disparar e sempre acertava, até no alvo mais pequeno. Era exatamente como Gudia, não estava acostumado a falhar.

Nani, em muitos sentidos, era como Gudia, com uma grande precisão em todos os detalhes. Sempre ia ao grão, não se andava com rodeios. Há pessoas que dão voltas e mais voltas: tem que adivinhar o que realmente querem. Essa não era sua forma de ser: ela era exata, matematicamente exata:

-Advirto-lhe isso -disse a Bhoora-, como volta a casa sem ele, só para me comunicar que o raptaram, dispararei-te imediatamente.

Eu sabia, Bhoora sabia e meu avô sabia, porque embora o houvesse dito a Bhoora ao ouvido, não foi um sussurro; disse-o o suficientemente alto para que se inteirasse todo o povo. Dizia-o a sério. Sempre falava a sério de seus assuntos.

Meu avô olhou para outro lado. Não o pude resistir, joguei uma gargalhada e lhe disse:

-por que miras para outro lado? Já ouviste o que há dito. Se for um autêntico jainista lhe diga a Bhoora que não deve disparar a ninguém. Mas antes de que meu avô pudesse dizer nada interveio meu Nani: -falei com a Bhoora também em seu nome; portanto, te cale.

Era uma mulher tal que teria sido capaz de lhe disparar a meu avô. Eu a conhecia; não literalmente, a não ser metaforicamente, pois é ainda mais perigoso que conhecê-la literalmente. portanto, ficou calado.

Quase me raptam em duas ocasiões. A primeira vez me trouxe para casa meu cavalo, e em outra ocasião, Bhoora teve que disparar, ao ar, é obvio. Se tivesse sido

necessário, provavelmente teria disparado à pessoa que me queria seqüestrar. Mas não fez falta, salvou-se, e também salvou a religião de meu avô.

Após, é estranho..., parece-me muito estranho porque sou totalmente inofensivo para todo mundo; entretanto, estive em perigo muitas vezes. atentaram contra minha vida em numerosas ocasiões. Sempre me perguntei por que alguém lhe quererá pôr fim antes de tempo, se a vida, por si mesmo, acaba-se antes ou depois. Com que propósito? Se o propósito estivesse claro, deixaria de respirar neste mesmo instante.

Uma vez perguntei a um homem que tinha tentado me matar. Tive a ocasião de fazê-la porque se fez, finalmente, sannyasin.

-Agora que estamos aqui os dois sozinhos -perguntei-lhe-, me conte por que me quiseste matar. Naquela época, nos Woodlands de Bombay, acostumava a dar sannyas às pessoas eu sozinho em minha habitação.

-Estamos sozinhos -comentei-lhe-. Posso-te dar sannyas, isso não é nenhum problema. te faça primeiro sannyasin, e me conte logo por que me quis matar. Se for capaz de me convencer, deixarei de respirar aqui e agora, diante de ti.

Começou a chorar e a gemer e me agarrava os pés. -Isto não vale -esclareci-, tem-me que convencer do motivo. -fui um idiota -respondeu-. Não te posso dizer outra coisa, deu-me um manha de criança.

Provavelmente, essa seja a razão pela que atacaram a uma pessoa inofensiva como eu, de todas as formas possíveis. Envenenaram-me...

de vez em quando, Gudia tem algum manha de criança mas nunca me faz mal. Não poderia, resultaria-lhe impossível. de vez em quando, pode-te dar uma rabieta, especialmente às mulheres; e mais ainda quando tem que viver as vinte e quatro horas do dia, e às vezes mais, com um homem como eu: nada amável, inflexível, que te leva até o limite, que não te permite dar marcha atrás e que sempre te está empurrando e te está dizendo: -Salta, não o pense!

Meu Nani recorda a Gudia, especialmente quando tinha uma rabieta. Vi-a com manhas de criança mas nunca me preocupei. Vi-lhe agarrar seu fuzil e precipitar-se à habitação de meu avô sem que me alterasse.

-Não te dá medo? -perguntou-me. -Faz seu trabalho e deixa que eu faça o meu -respondi-lhe.

-É um menino estranho -disse renda-se-. Estou a ponto de matar a seu avô e você segue construindo casas com um baralho de cartas. Está louco ou o que te passa?

-Vete e arbusto ao velho -respondi-lhe-. Sempre tinha sonhado fazendo-o eu mesmo, assim, por que me ia preocupar? Não me Interrompa.

sentou-se a meu lado e começou a me ajudar a fazer o castelo que estava construindo com as cartas. Mas quando disse a Bhoora: -Se alguém tocar a meu menino não díspares ao ar só porque somos jainistas... A religião está bem para o templo. Na rua temos que comportamos como se comporta todo mundo, e o mundo não é jainista. Como nos vamos comportar de acordo a nossa filosofia?

Entendo sua lógica cristalina. Quando fala com uma pessoa que não entende o inglês não lhe pode falar em inglês. Terá mais possibilidades de te comunicar se lhe falar em seu próprio idioma. As filosofias são idiomas; isto deve ficar claro. As filosofias não querem dizer nada absolutamente, são idiomas. Compreendi-o no momento que minha avó disse a Bhoora: -Quando um dakait tente raptar a meu menino, lhe fale em uma linguagem que ele possa entender, te esqueça do jainismo.

Embora, para mim, nesse momento não estivesse tão claro como mais adiante, a Bhoora deveu ficar claro. Indubitavelmente, meu avô entendeu a situação porque fechou os olhos e começou a repetir seu emano-a:

-Namo arihantanam namo... namo siddhanam namo...

Ri-me e minha avó deixou escapar uma risita. Bhoora, é obvio, só sorriu. Mas todo mundo entendeu a situação; ela tinha razão, como sempre.

Há outro parecido entre a Gudia e minha avó que lhes vou contar: quase sempre tem razão, inclusive comigo. Quando diz algo, às vezes não estou de acordo, mas sei que ao final terá razão. Eu não a dou, isso também é verdade. Sou um teimoso, direi-o uma e outra vez. Mantenho-me no que sou, esteja bem ou esteja mau. Meu engano é meu engano, e eu gosto porque é meu. Quanto à questão de se estiver bem ou está mau... sempre que há um conflito sei que, finalmente, Gudia terá razão. De momento dito eu, e sou um homem teimoso.

Minha avó tinha a mesma virtude: a de ter sempre a razão: -Pensa que os dakaits acreditam no jainismo? -perguntou a Bhoora-. E esse velho tolo... -disse assinalando a meu avô que repetia seu mantra. Logo disse: -O velho tolo te há dito que só díspares ao ar porque não devemos matar. lhe deixe que repita seu mantra. Quem lhe há dito que tenha que matar? Você não é jainista, não é certo?

Nesse momento, soube instintivamente que se Bhoora tivesse sido jainista teria perdido seu emprego. antes disto, nunca tinha emprestado atenção a se Bhoora era ou não jainista. Pela primeira vez me preocupei com o pobre homem e comecei a rezar. Não sei a quem rezava porque os jainistas não acreditam em Deus. Nunca me inculcou nenhuma crença, mas comecei a dizer para meus adentros:

-Deus, se estiver aí, conserva o trabalho deste homem. Vêem o que quero dizer? Inclusive então disse «Se estiver aí...»; não posso mentir nem sequer nessa situação.

Mas, graças a Deus, Bhoora não era jainista. -Não sou jainista -respondeu-; portanto, não me importa. -Recorda o que te hei dito eu e não o que há dito o velho tolo -advertiu-lhe meu Nani. De fato, lhe estava acostumado a chamar assim a meu avô: «esse velho tolo» embora eu reservei esse término para o Devageet. Mas esse «velho tolo» se morreu. Minha mãe..., minha avó se morreu. me perdoem, tornei a dizer «minha mãe». Realmente, não posso acreditar que não fosse minha mãe a não ser minha avó.

Por certo, surpreenderão-lhes de que todos meus irmãos exceto eu (e somam quase uma dúzia, sem me contar a mim), chamam a minha mãe «MA», mãe; eu a chamo «Bhabhi». A gente na Índia estava acostumada perguntar-se por que chama BA Bhabhi a minha mãe, porque significa «esposa do irmão maior». Na Índia o irmão maior se chama bhaiya; e sua mulher se chama bhabhi. Meus avós chamam a minha mãe Bhabhi, que está perfeitamente bem. por que lhe sigo chamando Bhabhi? A razão é que eu tinha conhecido a outra mulher como mãe: era a mãe de minha mãe.

Depois desses primeiros anos de conhecer o Nani como minha mãe me resultou impossível lhe dizer «MA», mãe, a outra mulher. Sempre a chamei meu Nani, embora sabia que não era minha verdadeira mãe, mas ela me cuidou como uma mãe. Minha verdadeira mãe ficou um pouco longe, um pouco alheia. Embora meu Nani esteja morta, está mais próxima. Embora minha mãe agora está iluminada, sigo-a chamando Bhabhi, não posso chamá-la MA. Dizê-lo seria como trair a alguém que está morto. Não; não posso fazê-lo. Minha mesma avó me disse muitas vezes: -por que segue chamando a sua mãe Bhabhi? Chama-a mãe. Eu ignorava sua pergunta. É a primeira vez que falo disto, ou que lhes menciono isso.

Meu Nani, de alguma forma, se há voltado parte de meu próprio ser. Queria-me imensamente. Uma vez entrou um ladrão em nossa casa. Ela estava desarmada mas lutou com ele, e me dava conta de quão feroz pode chegar a ser uma mulher... muito perigosa! Se não chegar a intervir teria matado a esse pobre homem:

-Nani! -exclamei-. O que está fazendo? Deixa-o, faz-o por mim. lhe deixe que se vá!

Permitiu-lhe partir, mas só porque me tinha posto a gritar e a lhe dizer que parasse. O pobre homem não podia acreditar que a tinha sentada em seu peito lhe agarrando por! pescoço com as duas mãos. Sem dúvida, lhe teria matado. Se lhe tivesse apertado um pouco mais a garganta se teria morrido.

Quando falou com a Bhoora sabia que o dizia a sério. Bhoora também sabia. Quando meu avô começou a repetir o mantra, soube que ele também tinha entendido que falava a sério.

Atacaram-me duas vezes, e para mim era uma alegria, uma aventura. De fato, no fundo queria saber o que era isso do seqüestro. Essa foi sempre minha característica, podem chamá-lo meu caráter.

Me alegro de ter esta qualidade. Estava acostumado a ir a cavalo pelos bosques de nossa propriedade. Meu avô me prometeu que ia herdar tudo o que possuía, e cumpriu sua palavra. Jamais lhe deu nem um só pai a nenhuma outra pessoa.

Possuía centenas de hectares de terreno. Claro que, naquela época não tinham nenhum valor. Mas não me preocupava o valor; era muito formoso: as altas árvores, o grande lago e a fragrância quando maturavam as mangas no verão. Estava acostumado a ir com meu cavalo tão freqüentemente, que o cavalo se aprendeu o caminho.

Sigo sendo o mesmo, e quando eu não gosto de um sítio não volto a ir. estive no Madrás uma vez, só uma vez, porque nunca eu gostei desse lugar nem, particularmente, o idioma. Soava como se todo mundo se estivesse brigando entre si. Odeio-o, e ódio esta classe de idioma. De modo que disse a meu anfitrião:

-Esta é primeira e a última vez que venho a te visitar.

-por que a última? -perguntou. -Ódio este idioma -expliquei-lhe-. Parece como se se estivessem brigando. Já sei que não é certo, que é a maneira de falar. Odeio Madrás, eu não gosto de nada. Ao Krishnamurti gosta de Madrás, mas isso é assunto dele. Vai todos os anos. Ele é tami. De fato nasceu perto do Madrás. É madrasi, por isso para ele é natural ir ali. Que motivos tenho eu?

estive em muitos lugares. por que? Não há nenhum porquê. Simplesmente gostava de ir. Eu gosto de estar em movimento. Agarram-no...?, em movimento. Não tenho nenhuma obrigação, nem aqui nem ali nem em nenhum sítio. Simplesmente me movo. Em outras palavras: estou em um carrossel. Agora acredito que o agarrastes.

Estava acostumado a montar a cavalo, e ao ver esses cavalos no desfile das bodas da princesa Diana não podia acreditar que na Inglaterra houvesse uns cavalos tão formosos. A princesa é muito ordinária, não digo que seja feia simplesmente por cortesia. E sem dúvida, o príncipe Carlos não é um príncipe: note que cara! Poderiam afirmar que é uma cara principesca? Na Inglaterra possivelmente... E os convidados! E os señorones! Especialmente, o supremo sacerdote, como se chama na Inglaterra? -O arcebispo do Canterbury, Osho.

Fantástico! Arcebispo! Um grande nome para semelhante guia-guia-guia; do contrário, dirão que não posso estar iluminado porque usei essas palavras! Mas

acredito que todo mundo entenderá o que quero dizer com guia-guia-guia, até o arcebispo!

Tanta gente, e só me gostaram dos cavalos! Eram as verdadeiras pessoas. Que alegria! Que passos! Que dança! Pura celebração. Lembrei-me de meu cavalo imediatamente, e daqueles dias...; ainda sinto a fragrância. Lembro-me do lago e de mim mesmo quando era um menino montando a cavalo nos bosques. É qrioso, mas embora meu nariz esteja dentro desta armadilha posso cheirar as mangas, as árvores neem, os pinheiros e até a meu cavalo.

Menos mal que não era alérgico aos aromas naquela época, ou, quem sabe, possivelmente era alérgico mas não me dava conta. É uma estranha coincidência, mas o ano que me iluminei foi o ano que me voltei alérgico. Provavelmente já era alérgico e não me tinha dado conta, e ao iluminar tomei consciência. Agora renunciei à iluminação.

«Por favor [peço-lhe à existência] elimina esta alergia para que possa voltar a montar a cavalo.» Esse será um grande dia, não só para mim, mas também para todos meus sannyasins.

Há uma foto que não deixam de publicar em todo mundo, em que estou montado em um cavalo de Cachemira. Só é uma foto; em realidade, não estava cavalgando. Mas como o fotógrafo me queria fazer uma foto a cavalo, e eu lhe tinha carinho -quero dizer ao fotógrafo-, não me pude negar. trouxe-se o cavalo e toda a equipe, por isso lhe disse que sim. Só me sentei no cavalo, e na foto se pode ver que não tenho um sorriso autêntico. É o sorriso que põe quando o fotógrafo te diz: «Sorria, por favor!»

Mas se posso transcender a iluminação, quem sabe, possivelmente transcenda a alergia, pelo menos aos cavalos. Então poderei estar rodeado de um mundo como aquele:

O fago... As montanhas... O rio...

Só que sentirei falta da minha avó. Devageet, não é o único judeu aqui. Ré corda que não tem pressa. Sou eu o que tenho pressa. Dói-me a bexiga! Assim, por favor...; sempre quero dizer a última palavra. Teria sido uma fantástica esposa quejica, Devageet. De verdade, digo-o a sério! Encontra um bom menino, e vete de lua de mel. Vêem, já criem que vos sotaque ir. Não tenham tanta pressa. Suas bexigas não estão a ponto de arrebentar! Agora...Assim está bem. É jabufoso! Acabo de usar esta palavra pela primeira vez em minha vida... é fabuloso! Não sei o que significa, mas quando tem a bexiga a ponto de arrebentar, que mais dá!

SESSÃO 11

Devageet... muito bem, depois de receber o golpe viu as estrelas. Eu também as posso ver contigo. De acordo. O povo onde nasci não formava parte do Império

britânico. Era um pequeno estado governado por uma rainha muçulmana. Lembro-me agora dela. É curioso..., era tão bela como a reina da Inglaterra, igual de bela. Mas tinha uma coisa boa: era muçulmana, enquanto que a reina da Inglaterra não o é. Este tipo de mulheres sempre deveriam ser muçulmanas, porque se têm que esconder detrás de um véu chamado burqa. de vez em quando visitava nosso povo; é obvio, minha casa era a única do povo onde se podia ficar, e sobre tudo porque amava a minha avó.

A primeira vez que vi a rainha sem véu foi um dia que estavam falando meu Nani e ela. Não podia acreditá-lo: uma rainha, iY tão feia! Então compreendi a finalidade do burqa, o véu, o que os hindus chamam parda. Está bem para as mulheres feias; em um mundo melhor, também seria bom para os homens feios. Pelo menos não agride a ninguém com sua fealdade. É uma agressão. Se a beleza for uma atração, o que é a fealdade? É uma agressão, um ataque, e ninguém se pode proteger contra isto. Não há nenhuma lei que te proteja. Ri-me na cara da rainha. -por que te ri? -perguntou-me. -Rio-me porque sempre me tinha perguntado qual era a finalidade de um parda -respondi-, de um burqa. Agora já sei.

Não acredito que me entendesse, porque sorriu. Apesar de que era feia, devo admitir que tinha um sorriso bonito. O mundo está cheio de coisas estranhas. Encontrei-me com muita gente formosa que, quando sorri, tem uma cara deformada, repulsiva. Conheci a Mahatma Gandhi quando era um menino. Era feio até a medula. Em realidade, poderia dizer que era singularmente feio, mas a beleza estava em seu sorriso. Sabia sorrir; isso não o posso negar. Mas estou contra todo o resto, porque exceto seu sorriso, o resto era um lixo, estava podre! Realmente era um grande Bodhibasura. Nosso Bodhibasura não tem nem ponto de comparação com ele.

ouvi dizer que ao Swami Bodhibasu chamam Bodhibasura. Eu gosto! Acrescentaram-lhe algo no nome. Em realidade, colocaram-lhe exatamente onde está. Eu lhe pus o nome Bodhibasu, que unicamente pode estar em seu futuro. Mas a gente só vê o que tem debaixo dos pés; chamam-lhe Bodhibasura. Possivelmente teria sido um bom nome para a Mahatma Gandhi.

Reina-a... (Devageet reprime um espirro.) Bom, isso realmente me distrai. Devageet, sabia que na Índia, quando espirra, a gente acredita que entra o diabo dentro de ti? Por isso, para impedir que entre o diabo quando espirram, dizem com um clique (Osho estala os dedos com um dic) «Om shantih, shantih, shantih... Om shantih, shantih, shantih... Om shantih, shantih, shantih...» Tem que estalar os dedos três vezes. Não sei como chamam fazer clique com os dedos; como quero que se chame, isso é o que fazem os hindus.

Pergunto-me se isto chega a dissuadir ao diabo, mas não interrompe nada do que estivesse fazendo. Mas você é judeu, não hindu, assim, pelo menos, só espirraste e não tiveste que repetir toda a cerimônia hindu; se não, teria me tornado cordato, e me dá muito medo a prudência. Não o estou dizendo mau, quero dizer prudência: dá-me muito medo a prudência.

Parece-me que lhes estou desconcertando. Não lhes desconcertem. Sou um louco que tem medo a estar cordato outra vez, e essa cerimônia pode voltar cordato a qualquer. Mas é judeu, graças a Deus! Como bom inglês, fez um esforço para reprimir um espirro; inclusive isso o posso entender. Um inglês se reprime todo o possível, até os espirra, especialmente diante de alguém ao que considera mais santo.

Mas te tranqüilize, não pretendo ser mais santo que você. Pode espirrar alegremente, e assim não me distrairá. Além disso me poderia dar alguma pista para a história que lhes estou contando. Voltemos para trabalho. O espirro já nos distraiu o bastante.

Como ia dizendo, o povo pertencia a um estado pequeno, muito pequeno: Bhopal. Não formava parte da soberania inglesa. Reina-a do Bhopal, é obvio, nos devia visitar de vez em quando. Contei-lhes a vez que estive presente, quando me ri da fealdade da mulher e da beleza de sua máscara. Seu burqa era realmente formoso, estava salpicado com safiras. Minha avó lhe tinha causado tão boa impressão, que a convidou a seguinte celebração anual na capital.

-Resulta-me impossível ir -disse minha avó-, porque não posso deixar abandonado a meu menino durante tantos dias.

Em hindi «meu menino» é uma expressão extremamente bonita, mera beta; significa «meu menino, meu menino». A reina respondeu: -Não se preocupe, pode vir com ele. Ele também eu gosto.

Não entendo como lhe podia gostar. Não tinha feito nada. por que me castigava? Somente a idéia de que esta mulher me queria era como se um monstro reptara por meu corpo. Nesse momento me parecia um autêntico monstro, cheio de banha. Provavelmente, gostava de comer chiclete; era toda de chiclete. Nunca em minha vida tive medo a nada, exceto a essa mulher. Mas a aventura de ir à capital como hóspede da rainha e alojamos em seu precioso palácio sobre o que tinha ouvido contar milhares de histórias era muito. Fui à celebração anual com minha avó.

Lembrança o palácio. É um dos mais belos da Índia. Tinha duzentas hectares de bosque e um lago de duzentas hectares; em total, quatrocentas hectares. Reina-a se comportou muito bem conosco, mas devo confessar que evitei lhe olhar à cara sempre que pude. Possivelmente ainda esteja viva, porque não era muito major então. Aconteceu um estranho incidente a propósito do palácio; deveria chamá-lo coincidência. Um dia disse: -Muito bem, estou preparado para ir aos Himalayas -e esse mesmo dia me chamou o filho da rainha do Bhopal para me dizer que se nos interessava, estavam dispostos a nos oferecer seu palácio; tratava-se do mesmo palácio do que lhes falei. Esse palácio..., por um instante não podia acreditar que me estivessem oferecendo isso. Tinham perdido tudo; tinha desaparecido todo o estado absorvido pela Índia. Quão único ficava eram os quatrocentas hectares e o palácio. Mas, apesar de tudo, segue sendo um formoso reino: duzentas hectares de bosque de árvores vetustos e duzentas hectares de um lago que só era uma parte do grande lago do Bhopal.

O lago do Bhopal é o maior da Índia. Não acredito que exista outro lago no mundo que possa comparar-se com este, é enorme. Não recordo quantos quilômetros tem de largura, mas não se pode ver a outra arremata desde nenhum sítio. Os duzentas hectares que estão dentro dos terrenos do palácio formam parte do mesmo lago embora pertençam ao palácio.

-É muito tarde -respondi-lhe-. Lhe diga ao príncipe e a sua mãe, se ainda vive, que lhes agradecemos o oferecimento mas que decidi ir aos Himalayas. Há sete anos estou tentando encontrar um terreno de algumas centenas de hectares, mas sempre se interpõem os políticos. lhes responda: -Lembrança a visita que fiz ao palácio e a sua mãe, que possivelmente ainda esteja viva, não sei. Mas lhes diga também: -Eu gostava do palácio e me segue gostando, mas agora que sei que me oferecestes isso. Mas decidi ir aos Himalayas. Minha secretária estava escandalizada e disse: -Está-te oferecendo o palácio sem te pedir dinheiro em troca. Deve valer dois milhões de dólares pelo menos.

-Que sejam dois milhões ou vinte não tem a menor importância -respondi-lhe-. Meu agradecimento é muito mais valioso. Quão tosse milhões de dólares crie que vale? Simplesmente lhe diga: -Dá-te as obrigado, mas seu oferecimento chegou umas horas tarde. Se lhe tivesse devotado o palácio faz apenas umas horas provavelmente o teria aceito. Agora já não há nada que fazer.

O príncipe se desgostou quando ouviu isto. Não podia acreditar que oferecesse semelhante palácio sem pedir nada em troca e que a resposta fosse: -Não obrigado, sinto muito. Conheço o palácio. Convidaram-me uma vez em minha infância, e de novo outra vez mais tarde. Vi-o com os olhos de um menino e com os de um homem jovem. Não; não me decepcionou quando o vi de menino, mas era muito mais formoso do que eu podia apreciar então. Um menino, apesar de ser inocente, tem suas limitações; sua visão não contém todas as possibilidades. Só vê o manifesto. Voltei para palácio quando era um moço; de novo como convidado, e sabia que devia ser uma das construções mais formosas do mundo, particularmente pela convocação. Mas tive que rechaçá-lo.

Algumas vezes é um prazer dizer que não, porque sabia que se aceitava haveria um sem-fim de problemas. Esse palácio não podia ser para mim. Os políticos, que se tornaram todo-poderosos, incultos, corruptos, incapazes e imorais, foram se entremeter indevidamente. Apesar de que o rechacei se entremeteram, pensaram que o príncipe lhes estava mentindo porque como é possível que alguém rechace uma oferta assim?

pude saber que lhe estão torturando de todas as formas possíveis para saber por que me ofereceu o palácio. Não o aceitei. Em realidade, não passou nada, só uma chamada de telefone; mas isso foi suficiente.

Os políticos hindus devem ser os piores do mundo. Há políticos em todas partes, mas não se podem comparar com os políticos hindus.

O motivo está claro: durante dois mil anos a Índia viveu na escravidão. Em 1947, por um golpe de sorte, Índia alcançou a liberdade. Digo por sorte, porque ainda não o mereciam; terá que reconhecer que todo o mérito é do Atrlee, o primeiro-ministro inglês daquela época. Era um socialista, um sonhador. Acreditava na igualdade, na liberdade e em todo tipo de idéias nobres. Em realidade é o pai da liberdade hindu. Não é que a Índia o tivesse ganho ou o merecesse. Simplesmente, foi a sorte de que Atrlee fosse o primeiro-ministro da Inglaterra.

Depois de dois mil anos de escravidão os hindus se tornaram realmente ardilosos. Para poder soubrevivir, o escravo tem que ser ardiloso. É-aclavitud já não existe; entretanto, a astúcia continua. Nenhum Atrlee pode acabar com ela. Não está em mãos de ninguém, estendeu-se por toda a Índia. A finais deste século, Índia será o país mais povoado da terra. Só me pensá-lo tira o sonho.

Quando não quero dormir penso na Índia de finais de século. Com isso é suficiente! Então, embora me dêem pastilhas para dormir, não me fazem efeito. Simplesmente, a idéia de que a Índia vai ser o país com maior densidade de população, com todos esses políticos pigmeus, basta-me! Lhes ocorre alguma pesadelo que supere a esta? Rechacei aquele formoso palácio. Ainda lamento ter tido que rechaçar ao único homem que veio com um oferecimento sem pedir dinheiro. Mas tive que fazê-lo. Realmente lhe compadeço..., tive que rechaçá-lo porque tinha tomado uma decisão, e uma vez que dito, tenha razão ou não, não posso dar marcha atrás. Não posso revogá-lo; não o levo no sangue. É um tipo de obstinação. Que horas são, Devageet? -As dez e meia, Osho.

Muito bem! me dêem só dez minutos. Agora que me lembro, não dormi em toda a noite. Sem minha insistência, onde estaria? Teria-te detido faz muito tempo. Continua, não seja uma esposa judia. Feijão e esposa, as duas coisas juntas! Nem Deus poderia com isso, por isso lhe basta com o Espírito Santo.

Pobre Devageet, dá igual o forte que lhe golpeie, nunca se toma a revanche. É tão bom. Qualquer, e quando digo qualquer refiro ao Moisés, ao Jesus e a Buda, teria-me inveja. Gautama o Buda tinha seu próprio médico, mas nenhum buda teve seu próprio dentista. Indubitavelmente, não tiveram tanta sorte. Pelo menos ninguém teve a um Devageet, isso está claro. Muito bem, paramos agora.

SESSÃO 12

Passei-me toda a noite trabalhando como resultado de um pequeno comentário que fiz, que poderia haver ferido ao Devaraj. Talvez não tenha reparado nele, mas eu lhe estive dando voltas toda a noite. Não pude dormir.

-Nenhum buda teve um dentista privado -pinjente-, mas Gautama o Buda tinha um médico privado.

Isso não é correto, de modo que consultei os registros, os registros akáshicos.

Tenho que acrescentar alguma outra coisa que não tem importância para ninguém, especialmente para os parvos dos historiadores. Não estive consultando livros de História. tive que ir ao que H. C. Wells denomina A máquina do tempo, para trás no tempo. É o trabalho mais duro, e já sabem que sou um vago. Estou que jogo faíscas.

O médico da Buda, Jivaka, foi atribuído por um rei chamado Bimbisara. Por outra parte, Bimbisara não era um sannyasin da Buda, a não ser só um simpatizante. por que atribuiu a Jivaka? Porque estava competindo com outro rei chamado Prasenjita. Jivaka era o médico privado da Bimbisara, tratava-se do médico mais famoso daqueles tempos mas, com antecipação, Prasenjita lhe tinha devotado a Buda seu próprio médico. Acabava-lhe de dizer:

-Meu médico particular está a sua inteira disposição para o que necessite.

Isto foi muito para a Bimbisara. Se Prasenjita o podia fazer, então lhe demonstraria que ele era capaz de lhe dar de presente a Buda seu médico mais prezado. Por isso, embora Jivaka seguia a Buda a todos lados, não era um seguidor, tenham em conta. Seguiu sendo um hindu, um brahmin.

É estranho, era médico da Buda, estava com ele constantemente, inclusive nos momentos mais íntimos, e seguia sendo um brahmin? Isto desvela a verdade. Jivaka seguia sendo um assalariado do rei. Estava ao serviço do rei. Se o rei queria que estivesse com a Buda, de acordo, um servente tem que obedecer uma ordem de seu amo. Apesar de tudo, estranha vez estava com a Buda porque Bimbisara era velho e necessitava a seu médico constantemente, de modo que lhe mandou voltar para a capital.

Devaraj, talvez não te tenha dado conta, mas lamento ter sido um pouco cruel. Não devia havê-lo dito. Não poderia ser mais único. Quanto a ser o médico de um buda, não há ninguém melhor, nem no passado, nem no futuro..., porque não vai

voltar a haver um homem tão simples e tão louco que se chame a si mesmo Zorba o Buda.

Isto me recorda a história que lhes estava contando. Tirei-me um grande peso de cima. nota-se em minha respiração. Sinto-me realmente aliviado. foi um simples comentário, mas sou tão sensível, possivelmente mais do que deveria ser um buda. O que posso fazer? Não posso ser um buda segundo outra pessoa; só posso ser eu mesmo. Sinto-me aliviado de uma carga que talvez você não haja sentido, ou possivelmente, no fundo, deste-te conta e o ocultaste depois de uma risita. Não há nada que me possa ocultar.

Curiosamente, algo que ajude ao corpo a desaparecer faz que a consciência se volte mais clara e limpa. Aferro-me à cadeira para recordar que meu corpo ainda está aqui. Não é que me interesse que esteja aqui, é para que vós não percam a cabeça. Aqui não há espaço para que quatro pessoas se voltem loucas. Mas se enlouquecerem no bom sentido há sitio em qualquer parte.

Agora vem a história. Digo que é uma história embora não o é, mas na vida há tantas coisas que parecem histórias, que se sabe ler a vida, não necessita uma novela. Pergunto-me por que lê novelas J. Krishnamurti, e para encho novelas de terceira categoria. Falta-lhe algo. Que lástima! Sendo um homem tão inteligente não se dá conta, ou provavelmente sim mas tenta enganar-se com novelas policíacas.

considera-se afortunado por não ter lido o Bhagavadgita, o Corán e o Rigveda...; entretanto, lê novelas policiacas. Do mesmo modo, deveria dizer que é desafortunado por ler novelas policiacas; mas nunca o diz. Sei porque em Bombay me alojava na mesma casa que ele. Nossa anfitriã me perguntou:

-Só te queria fazer uma pergunta: por que você não os novelas policiacas, o que ocorre?, eu acreditava que todos os iluminados liam novelas policiacas. -De onde tiraste essa idéia tão absurda? -perguntei-lhe. -Do Krishnamurti -respondeu-. Ele também se aloja aqui; meu marido é discípulo dele. Também eu gosto e sou simpatizante dela. Vi-lhe ler novelas policiacas de terceira categoria e pensei que devia haver algum motivo. Perdoa minha curiosidade em um pouco tão pessoal, mas olhei dentro de sua mala. Pensava que talvez escondia novelas policiacas.

Não estava acostumado a levar uma só mala, a não ser três malas grandes. Deveu pensar que conduzia uma biblioteca inteira de novelas policiacas, mas não pôde encontrar nem um livro. ficou perplexa.

Outros amigos do Benarés, onde se está acostumado a ficar Krishnamurti, fizeram-me a mesma pergunta. Também outros amigos de Nova Delhi me perguntaram o mesmo. Seguro que não me equivoco quando há tanta gente em lugares diferentes me perguntando o mesmo. houve muita gente que lhe viu ler novelas policiacas nos aviões. De fato, para falar a verdade, eu também lhe vi, por acaso, em um vôo entre Bombay e Delhi. Estava lendo uma novela policiaca nesse momento. O destino quis que viajássemos os dois no mesmo avião; portanto, posso dizer, com toda segurança, que lê novelas policiacas. Não necessito testemunhas, eu mesmo fui testemunha disso.

Posso fazer uma história de cada pequena coisa que ocorre; só faz falta pô-lo no contexto adequado. Esta manhã lhes estava contando o dia que a reina do Bhopal visitou nosso povo, que formava parte de seu estado, e nos convidou a ser suas hóspedes na celebração anual. Quando estava no povo perguntou a meu Nani: -por que chamas Racha ao menino? «Fatia» significa «rei», e é obvio, nesse estado o título de Fatia se reserva para o dono do estado. Nem sequer chamavam «Fatia» ao marido da rainha, a não ser só «príncipe», Rajkumar, como o pobre Felipe da

Inglaterra ao que só chamam «Príncipe», nem sequer «Rei», e curiosamente, é o único homem dali que tem aspecto de rei. Nem a reina da Inglaterra tem aspecto de rainha, nem o pobre príncipe Carlos se parece com o proverbial Príncipe Azul. Ao único que parece um rei não lhe chamam rei, mas sim lhe chamam «Príncipe» Felipe.

Sinto pena por ele. A razão disto é que seu sangue não pertence ao mesma linhagem, e o sangue é determinante, ao menos em seu estúpido mundo. O sangue é sangue; no laboratório, o sangue de um rei ou de uma rainha não tem nenhuma característica especial. Dois de vós são médicos, alguém é enfermeira, e o quarto, embora não é nem médico nem enfermeira, é quase as duas coisas mas, sem título, é obvio. Todos entendem que o sangue não é um fator determinante. Reina-a Isabel tem o sangue adequado; adequada, não segundo os cientistas, a não ser segundo os idiotas. Carlos é seu filho, ao menos aos cinqüenta por cento; tem a herança. Felipe é um estranho, mas para lhe consolar lhe chamam «Príncipe».

Do mesmo modo, naqueles tempos, nesse pequeno estado a mulher era a cabeça e lhe chamava reina, rani, mas não havia um racha. Seu marido só era príncipe: rajkumar. Naturalmente, perguntou a minha avó: -por que chamas Racha a este teu menino? Assombrará-lhes saber que em seu estado era ilegal dar o nome Racha a nenhuma pessoa. Minha avó riu e disse: -É o rei de meu coração, e no que respeita à lei, logo nos partiremos deste estado, mas não posso lhe trocar o nome.

Inclusive eu me surpreendi quando disse que iríamos logo desse estado... para salvar meu nome? De noite lhe disse:

-Nani, tornaste-te louca? Só para salvar esse estúpido nome...? Qualquer nome serve, e em privado me pode chamar Fatia. Não temos que lrnos. -Sinto em minhas vísceras que nos teremos que ir logo deste estado -foi sua resposta-. Por isso me arrisquei.

É exatamente o que aconteceu. Este incidente ocorreu quando tinha oito anos, e um ano mais tarde nos tínhamos ido do estado para sempre..., mas nunca deixou de me chamar Racha. Troquei-me de nome porque me parecia que Fatia, «o rei», era muito presunçoso e eu não gostava que outros se rieran de mim no colégio; além disso, só queria que me chamasse Fatia minha avó e ninguém mais. Era um assunto privado entre os dois.

Mas a reina se ofendeu pelo nome. Terá que ver como são estas pessoas, os reis, as rainhas, os presidentes, os primeiros ministros..., que personagens! E apesar de tudo, têm poder. São idiotas ao máximo mas também capitalistas ao máximo. É um mundo estranho.

-A meu parecer -disse a minha avó-, não só se ofendeu pelo nome, mas também além te tem inveja. Podia-o ver tão claro que não tinha nenhuma dúvida a respeito. -e não te estou perguntando se tiver razão ou não -acrescentei-. De fato, isto é o que determinou minha forma de ser durante toda minha vida.

Nunca pergunto a ninguém se estiver no certo ou não. Bom ou mau, se o quero fazer, é que o quero fazer e vá fazer bem. Se estiver mal farei que esteja bem, mas nunca permiti que interferisse ninguém. Isto me deu tudo o que tenho; nem tenho muitas coisas deste mundo, nem tenho saldo no banco, mas sim tenho o que realmente importa: o gosto pela beleza, a verdade, a eternidade..., em poucas palavras, pela gente mesmo. -Que horas são, Devageet? -As oito menos três minutos, Osho. Muito bem. Esta manhã fui muito duro com vós. Não vou dizer nada sobre isto, só uma coisa: com todas as pessoas que queira me esquece que me tenho que comportar. De modo que começo a fazer ou a dizer coisas que estão bem

quando estou sozinho, e isso é o amor: estar com alguém como se estivesse sozinho. Mas, às vezes, pode ser difícil para a outra pessoa.

Sempre me poderia desculpar, mas é tão formal. Quando golpeio, e o faço freqüentemente, é com tanto amor que um «perdão» formal não serve. Mas podem ver minhas lágrimas, dizem mais que eu..., muito mais. Tenham em conta que no futuro seguirei sendo duro com vós, provavelmente mais duro. Essa é minha forma de lhes querer. Espero que o entendam, se não ser hoje, amanhã, ou possivelmente depois de amanhã. Não posso assegurar se mais adiante também, mas ao menos estes dois dias já estou comprometido. Estarei aqui. O resto está sem confirmar, embora os próximos dois dias vou estar aqui.

Contava-lhes que um ano mais tarde fomos desse estado e do povo. Antes lhes contei que durante a viagem morreu meu avô. Foi meu primeiro encontro com a morte, e foi precioso. Não foi uma coisa horrível, como o que lhe acontece, mais ou menos, a todos os meninos do mundo. Felizmente, estive com meu avô agonizante durante muitas horas, e morreu lentamente. À medida que passava o tempo podia sentir como lhe chegava a morte e pude ver o silêncio que há aí.

Também tive sorte de que estivesse meu Nani. Sem ela, me poderia ter escapado a beleza da morte, porque o amor e a morte são muito parecidos, possivelmente iguais. Ela me amava. Encheu-me de amor, e a morte estava aí, acontecendo lentamente. O carro de bois..., ainda posso ouvir o som..., o estalo continuado das rodas sobre as pedras..., Bhoora gritando sem cessar aos bois..., o som do látego açulando-os..., ainda ouço todos os sons. Tudo isto está tão profundamente enraizado em minha experiência que não acredito que o apague nem sequer a morte. Inclusive quando me estiver morrendo pode que volte a ouvir o som do carro de bois.

Meu Nani me sujeitava a mão e eu estava completamente aturdido, sem saber o que estava ocorrendo, inteiramente no presente. A cabeça de meu avô estava sobre meu regaço. Pus minhas mãos sobre seu peito, e pouco a pouco, desapareceu a respiração. Ao sentir que já não respirava disse a minha avó:

-Sinto muito, Nani, mas parece que já não respira. -Não passa nada -disse-me-. Não-tem por que preocupar-se. viveu bastante e não há por que pedir mais. Também me disse: -Tenha em conta que estes momentos não se devem esquecer: não peça mais. É suficiente com o que há. É suficiente? me dêem só dez minutos; eu lhes direi quando parar. Tenho mais pressa que vós. Ao final lhes seduzi. Agora, cheio de alegria, posso dizer: deixem.

Sessão 13

De acordo, me tire a toalha. Sinto muito, Ashu, mas tenho que começar minha tarefa e compreenderá que é complicado levar duas camisas sobre o mesmo peito, especialmente para o pobre coração que está escondido dentro do peito. O coração não se pode comportar de uma forma política ou diplomática. Não é diplomático; é singelo e infantil.

Não me esquecimento do Jesus. Lembro-me dele muito mais que quão cristãos há no mundo. Jesus diz: «Bem-aventurados os que são como meninos, pois deles é o reino de Deus.» O mais importante para recordar aqui é a palavra «pois». Em todas as frases do Jesus que começam por: «aqueles bem-aventurados...» e acabam pelo reino desta Deus é a única afirmação que é diferente, porque as demais dizem:

«Bem-aventurados os humildes porque herdarão o reino de Deus.» São declarações lógicas e som promessas para o futuro, o futuro que não existe. Esta é a única onde se diz: «...pois deles é o reino de Deus.» Sem futuro, sem racionalidade, sem razão, sem promessa de benefício; simplesmente, a pura afirmação de um fato, ou melhor dizendo, a simples afirmação de um fato.

Esta afirmação sempre me impressiona, sempre me assombra. Não entendo como alguém se pode assombrar cada vez que escuta a mesma afirmação há trinta anos... Sim; há trinta anos esta afirmação esteve comigo, e meu coração sempre treme de alegria: «Pois deles é o reino de Deus»..., tão ilógico e tão certo de uma vez.

Ashu, tive-te que dizer que me tirasse a toalha, porque não se pode fazer duas coisas de uma vez, especialmente em um só coração. E, desde que te conheço, trataste-me sempre tão bem que se intento recordar quando começou me parece que te conheço sempre. Não brinco. Efetivamente, quando penso no Ashu não recordo quando entrou no mundo de meus próximos. Parece que sempre esteve aqui, sentada a meu lado, já seja como ajudante do dentista ou não. converteu-se na editora associada do Devaraj, trata-se de uma grande ascensão. Agora pode ter dois médicos a sua disposição. Não é fantástico? Pode fazer que lutem entre eles e te divertir!

Agora seguirei com minha história... antes de começar, é bom fazer uma pequena introdução, o mais irracional possível, porque é exatamente a melhor introdução ao homem que sou. Às vezes me rio de mim mesmo sem nenhum motivo, porque se houver um motivo se acaba a risada.

Alguém se pode rir somente sem motivo. A risada não tem nenhuma relação com a racionalidade, assim, de vez em quando, separo-me da racionalidade e também da irracionalidade; tenham em conta que são duas caras do mesmo, e então de verdade me rio espontaneamente.

Naturalmente, não me pode ouvir ninguém. Não é físico, se não, Devaraj e Devageet já o teriam detectado com seus instrumentos. Não o podem detectar. Transcende toda a instrumentalidad. Note que palavra mais bonita me acabo de inventar: instrumentalidad. Escreve-o exatamente assim: instru-mental-idad. Assim entenderão do que estou falando, ao menos as palavras, e possivelmente algum dia também entendam a ausência de palavras. Essa é minha esperança, meu sonho para todos vós.

Devem estar preocupados porque hoje, realmente, estou demorando muito em começar. Vós me conhecem, eu lhes conheço. Irei tão lento como posso. Isso lhes ajudará a lhes esvaziar. Nisso consiste meu trabalho, em esvaziar: poderia-se chamar «Esvaziado Ilimitado».

O outro dia lhes contei que a morte de meu avô foi meu primeiro encontro com a morte. Sim, foi um encontro e algo mais; não só foi um encontro, se não, me teria perdido o verdadeiro sentido. Vi a morte e também vi algo mais que não se estava morrendo, que flutuava mais alto, escapando do corpo..., dos elementos. Esse encontro determinou o rumo de minha vida. Deu-me uma direção, melhor dizendo, uma dimensão desconhecida até então.

Tinha ouvido falar das mortes de outras pessoas, mas só de ouvidas. Nunca tinha presenciado nenhuma, e mesmo que o tivesse visto, não significavam nada para mim.

Só te pode encontrar de verdade com a morte quando ama a alguém e morre. isto ressalta:

Somente pode te encontrar com A morte

na morte do ser querido.

Quando está rodeado de amor e de morte ocorre uma transformação, uma imensa mutação, como se nascesse um novo ser. Não volta a ser o mesmo. Mas as pessoas não podem experimentar a morte como a experimentei eu porque não amam. Se não haver amor a morte não te pode dar as chaves da existência. Quando há amor te entrega as chaves de tudo o que é.

Minha primeira experiência de morte não foi um simples encontro. Foi complexo em muitos sentidos. O homem que tinha amado se estava morrendo. Era como um pai para mim. Criou-me com uma liberdade total, sem inibições, repressões nem mandamentos. Jamais me disse «não faça isto» ou «faz isso». Tão somente agora posso ver a beleza desse homem. A um ancião resulta muito difícil não lhe dizer a um menino «não faça isto, faz aquilo» ou «sente-se aqui e não faça nada» ou «por que não faz algo em lugar de estar aí sentado sem fazer nada?». Mas nunca o fez. Não posso recordar nenhuma só vez que tentasse interferir em minha vida. Simplesmente, apartava-se. Quando pensava que o que estava fazendo não estava bem se apartava e fechava os olhos.

Em uma ocasião lhe perguntei:

-Canção de ninar, por que fecha os olhos às vezes, quando sinto a seu lado?

-Agora não o vais entender -respondeu-, mas possivelmente algum dia o entenda. Fecho os olhos para não te impedir de fazer o que estiver fazendo, esteja bem ou mau. Não é meu dever lhe impedir isso Separei-te que seu pai e de sua mãe. Se nem sequer te posso dar liberdade, que sentido tem o te separar de seus pais? Separei-te deles somente para que não pudessem interferir em sua vida. Como vou interferir eu? Mas sabe -prosseguiu-, às vezes me dão tentações. Você é uma tentação muito grande. Se o chegar ou seja, não me teria arriscado. Por alguma razão tem um talento especial para fazer tudo o que está mau. Das duas uma, ou eu estou completamente louco ou você o está.

-Canção de ninar -consolei-lhe-, não tem que preocupar-se. Se alguém estiver louco, então sou eu.

E desde esse dia lhe hei dito às pessoas:

-Não me façam conta, estou louco.

O disse para lhe consolar e o sigo dizendo às pessoas, que está realmente louca, para consolada. Mas quando está em um manicômio e é o único que não está louco, o que outra coisa pode fazer a não ser lhe dizer às pessoas:

-Lhes relaxar, sou um louco, não tomem em seio.

Isso é o que estive fazendo toda minha vida.

Estava acostumado a fechar os olhos, mas, às vezes, a tentação era muito grande... Por exemplo, uma vez estava montado a cavalo em cima de Bhoora, nosso criado. Tinha-lhe mandado comportar-se como se fosse um cavalo. Ao princípio me olhou confundido, mas minha avó lhe disse:

-O que tem que mau nisso? Não pode fingir um pouco? Bhoora, te comporte como um cavalo.

Começou a fazer tudo o que faria um cavalo, e eu estava montado em cima.

Isso foi muito para meu avô. Fechou os olhos e começou a cantar seu mantra: «Namo arihantanam namo... namo siddhanam namo.»

É obvio, detive-me, porque quando começava a cantar seu mantra queria dizer que era muito para ele. Era tempo de deixá-lo. Sacudi-lhe e lhe disse:

-Canção de ninar, volta, não faz falta que cante seu mantra. deixei que jogar. Não vê que só era um jogo?

aos olhos e eu aos olhos. Durante um momento só houve silêncio. Esperou a que eu dissesse algo mas se teve que rendir e disse:
-De acordo, falarei eu primeiro.

-Está bem -pinjente-, porque se te houvesse

ficado calado, eu me teria ficado em silêncio o resto de minha vida. Menos mal que falaste, assim te posso responder. O que quer perguntar?

-Sempre te quis perguntar por que é tão travesso -disse.

-Deveria reservar essa pergunta para fazer-lhe a Deus. Quando lhe encontrar isso, lhe pergunte: «por que tem feito a este menino tão travesso?» -respondi-lhe-. Não me pode fazer essa pergunta, é como me perguntar: «Quem é?» Como se pode dar uma resposta a isso.

No que a mim respeita, não me preocupa no mais mínimo. Só quero ser eu mesmo. pode-se ou não se pode nesta casa?

Estávamos sentados fora, no jardim. Voltou-me a olhar e me disse: -O que quer dizer?

-Entende perfeitamente o que te estou dizendo -respondi-lhe -. Se não poder ser eu mesmo, então não voltarei a entrar nesta casa. Por isso te peço que seja claro comigo: ou entro na casa com licencia para ser eu mesmo, ou me esquecimento desta casa e me converto em um peregrino, em um vagabundo. diga-me isso claramente e sem duvidar, venha!

riu e disse:

-Pode entrar nesta casa. É seu lar. Se não poder resistir interferir em seus assuntos, então, irei eu da casa. Você não te tem que Ir.

É exatamente o que fez. Dois meses depois desta conversação já não estava neste mundo. Não se foi só desta casa, foi de todas as casas, incluído seu corpo, que era sua verdadeira casa.

Queria a este homem porque ele amava minha liberdade. Só posso amar quando se respeita minha liberdade. Se tiver que negociar e conseguir amor a costa de minha liberdade, então esse amor não é para mim. É para mortais inferiores, não é para aqueles que sabem.

Neste mundo quase todo mundo acredita que ama, mas se jogar uma olhada aos amantes, são prisioneiros um do outro. Que estranho amor é este que te deixa cativo! É possível que o amor se converta em uma atadura? Mas no noventa e nove vírgula nove por cento disto casos é o que ocorre, porque para começar não houve amor.

É uma realidade que a gente corrientemente só acredita que ama. Mas não amam, porque quando chega o amor, onde estão o «eu» e o «você»? Quando chega o amor traz instantaneamente consigo uma enorme sensação de liberdade, de não posesividad. Mas esse amor acontece, por desgraça, em estranhas ocasiões.

Se tiver amor com liberdade é um rei ou uma rainha. Esse é o autêntico reino de Deus, amor com liberdade. O amor te dá raízes na terra e a liberdade te dá asas.

Meu avô me deu ambos. Deu-me seu amor, mais do que jamais deu a minha mãe ou a minha avó; e me deu liberdade, que é o presente maior. Ao morrer deu de presente seu anel e me disse com lágrimas nos olhos: -Não tenho nada mais para te dar. -Canção de ninar -disse-lhe-, já me deste o presente mais prezado. -Qual é? -perguntou-me abrindo os olhos. Eu me ri e lhe disse: -Esqueceste-te? Deste-me seu amor e me deste liberdade. Não acredito que nenhum outro menino tenha tido a liberdade que você me pode dar? Estou-te agradecido. Pode morrer em paz.

Após vi morrer a muita gente, mas morrer em paz é muito difícil. Só vi a cinco pessoas morrer em paz: a primeira foi meu avô; a segunda meu criado Bhoora; a terceira meu Nani; a quarta meu pai, e a quinta foi Vimalkirti.

Bhoora morreu porque não concebia viver no mundo sem seu amo. Simplesmente, morreu. relaxou-se na morte. Veio conosco ao povo de meu pai porque tinha que conduzir a carreta. Quando, durante uns instantes não ouviu nada, nenhuma voz do interior do carro coberto, perguntou: -Beta -significa filho-, vai tudo bem? Uma e outra vez Bhoora perguntou: -A que se deve este silêncio? por que não fala ninguém?

Mas era a classe de pessoa que não se atrevia a olhar através da cortina que lhe separava de nós. Menos ainda estando ali minha avó. Esse era o problema, que não podia olhar. Mas seguia perguntando: -O que ocorre? por que estão calados? -Não passa nada -disse-lhe-, estamos desfrutando de do silêncio. Canção de ninar quer que estejamos em silêncio.

Isso era mentira, porque Canção de ninar estava morto; mas em certo modo era verdade. Ele estava em silêncio; isso era uma mensagem para que nós estivéssemos em silêncio. -Bhoora -pinjente finalmente-, vai tudo bem; somente que Canção de ninar se morreu. Não podia acreditar-lhe Então, como pode estar tudo bem? -perguntou-. Eu não posso viver sem ele, e em menos de vinte e quatro horas morreu. Como se se tivesse fechado uma flor... negando-se a ficar aberta sob o sol e a lua, espontaneamente. Tentamos fazer de tudo para lhe salvar, porque agora estávamos em um povo maior, o povo de meu pai.

O povo de meu pai era um povo pequeno, para a Índia, claro. A população era só de vinte mil habitantes. Havia um hospital e um colégio. Fizemos todo o possível por salvar a Bhoora. O médico do hospital estava assombrado, não podia acreditar que este homem fosse hindu porque parecia um europeu. Deve ter sido um capricho da biologia, não sei. Algo deve ter ido bem. Igual a dizem: «Algo deve ter ido mau!», eu cunhei a frase: «Algo deve ter ido bem»; por que sempre mal?

Bhoora estava conmocionado pela morte de seu amo. Tivemo-lhe que mentir até chegar ao povo. Só quando chegamos ao povo e tiramos o cadáver da carreta, Bhoora se deu conta do que tinha acontecido. Fechou os olhos e não os voltou a abrir nunca mais.

-Não posso ver meu amo morto –disse, e só se tratava de uma relação amo-sirviente. Mas tinha surto entre eles uma certa amizade, uma proximidade indescritível. Não voltou a abrir os olhos, isso o posso testemunhar. Só viveu umas horas mais, e entrou em coma antes de morrer.

antes de morrer, meu avô disse a minha avó: -Cuida da Bhoora. Já sei que vais cuidar de Fatia; isso não lhe preciso dizer isso mas cuida da Bhoora. Serviu-me como ninguém o tivesse feito.

Disse-lhe ao doutor: -Entende, é capaz de entender a lealdade que deve ter havido entre estes dois homens? -Era europeu? -perguntou-me o doutor. -Parecia-o -respondi-lhe.

-Não seja mentiroso -disse o doutor-, é um menino, só tem sete ou oito anos, mas é muito mentiroso. Quando te perguntei se seu avô estava morto, disse que não, e isso não era verdade.

-Não; é verdade -pinjente-, não está morto. Um homem com um amor assim não pode estar morto. Se o amor se pode morrer, então não há esperança para este mundo. Não posso acreditar que um homem que respeitou minha liberdade, a liberdade de um menino pequeno, esteja morto só porque não pode respirar. Não posso considerar o mesmo, o não respirar e a morte.

O médico europeu me olhou com desconfiança e disse a meu tio: -Este menino será um filósofo ou se voltará louco.

Estava equivocado: sou ambas as coisas. Não é questão disto ou o outro. Não sou Soren Kierkegaard; não é uma questão disto ou o outro. Mas me perguntei por que ele não me podia acreditar..., um pouco tão singelo.

As coisas singelas são as mais difíceis de acreditar; as mais complicadas são as mais fáceis de acreditar. por que tem que acreditar? Sua mente diz: «É muito singelo. Não tem nenhuma complexidade. Não há motivo para acreditá-lo.» A não ser que seja um Tertuliano, cuja afirmação é uma de meus favoritas...

Se tivesse que escolher uma só afirmação de toda a literatura em qualquer idioma do mundo, sinto muito, não escolheria nada do Jesucristo; e o sinto, tampouco escolheria a Gautama o Buda; sinto muito, não escolheria nada do Moisés ou Mahoma, nem sequer do Lao Tzu ou do Chuang Tzu.

Escolheria a este estranho indivíduo do que não se sabe muito: Tertuliano. Não sei como se pronuncia seu nome exatamente, de modo que será melhor que o soletre: T-e-r-t-ou-l-i-a-n-ou. Entre todas as entrevistas teria escolhido esta: «Credo que absurdum», só três palavras, «Acredito porque é absurdo».

Parece ser que alguém lhe perguntou no que acreditava e por que, e Tertuliano respondeu: «Credo que absurdum, é absurdo, por isso acredito.» A razão para acreditar que Tertuliano dá é absurdum: «Porque é absurdo.»

Esqueçam de momento ao Tertuliano. Baixem o pano de fundo. Note nas rosas. por que vocês gostam? Não é absurdo? Não há um motivo para que vocês gostem. Se alguém se empenhar em lhes perguntar por que vocês gostam das rosas, finalmente terão que lhes encolher de ombros. Isso é «Credo que absurdum», esse encolher-se. Este é todo o sentido da filosofia tertuliana.

Não podia entender por que o médico não acreditava que meu avô não estava morto. Eu sabia, e ele também, que no relativo ao corpo se terminou; estávamos de acordo nisto. Mas há algo mais que o corpo, dentro do corpo mas sem ser do corpo. O amor o revela, a liberdade lhe dá asas para sulcar o céu. Temos mais tempo?
-Sim, Osho.

Quanto mais? Estamos indo muito devagar, igual a no enterro de um pobre. Sede extremistas. Não desta maneira, não vão devagar; não é meu estilo. Ou te queima ou não te queima. Ou queimas os dois extremos de uma vez ou permite que a escuridão tenha sua própria beleza.

Sessão 14

Note que sou um autêntico cavalheiro inglês! Não intervim, embora o queria fazer. Tinha aberto a boca para falar mas me detive. Isto é o que se chama autocontrol. Inclusive eu me rio. Eu gosto quando murmuram. Embora saiba que não estão murmurando bobagens, sonha bem, apesar de que seja técnico, e que o que estejam dizendo seja absolutamente científico. Mas de vós dois, sabem, o uva sem semente é o que está na cadeira.

Ainda não hei dito de acordo. Primeiro, cheguemos ao ponto onde possa dizer de acordo. Quando o «de acordo» está afastado de mim, é que significa algo. Um de acordo meu é simplesmente fantástico..., sou um pirado! Não conheço ninguém que esteja tão pirado. Bom, ao trabalho...

Tvadiyam vastu Govinda, tubhyam Eva samarpayet. «meu senhor, a vida que me deste lhe devolvo isso com gratidão.» Essas foram as últimas palavras de meu

avô, apesar de que não acreditou nunca em Deus nem era hinduista. Esta frase, este sutra, é um sutra hindu; mas na Índia está tudo misturado, especialmente as coisas boas. antes de morrer, entre outras coisas, repetia uma e outra vez:
-Detén a roda!

Naquela época não o podia entender. Se detínhamos a roda da carreta, e essa era a única roda que havia, como íamos chegar até o hospital? Quando seguiu repetindo:-Detén a roda, o chakra -perguntei a minha avó-: Tornou-se louco? Ela riu. Isto é o que eu gostava dela. Embora soubesse, como sabia eu, que a morte estava tão próxima..., sim, inclusive eu sabia, como é possível que não soubesse ela? Era tão óbvio que em qualquer momento deixaria de respirar, e, entretanto, seguia insistindo em deter a roda. Apesar de tudo, ela ria. Ainda a posso ver renda-se.

Não tinha mais de cinqüenta anos. Mas sempre observei uma coisa nas mulheres: as impostoras, as que as dão de belas, aos quarenta e cinco anos são as mais feias. Pode dar a volta ao mundo e comprovar o que estou dizendo. Com os lábios pintados, e a maquiagem, e as sobrancelhas postiças e o que sei eu... meu deus!

Nem sequer a Deus lhe ocorreram todas estas coisas quando criou o mundo. Pelo menos, na Bíblia não se menciona que o quinto dia criasse o lápis de lábios, o sexto dia criasse as sobrancelhas postiças, etcétera. Se uma mulher for realmente bela, aos quarenta e cinco anos chega à cúspide. Minha observação é que: o homem chega ao topo aos trinta e cinco anos, e a mulher aos quarenta e cinco. É capaz de viver dez anos mais que o homem; e isto não é injusto. Sofre tanto ao dar a luz, que é totalmente lógico que tenha um pouco de vida extra, só para compensar.

Meu Nani tinha cinqüenta anos, e seguia estando no topo de sua beleza e juventude. Nunca me esqueci que esse momento, que momento! Meu avô se estava morrendo, e nos pedia que detivéssemos a roda. Que disparate! Como ia parar a roda? Tínhamos que chegar ao hospital, e sem roda nos perderíamos no bosque. E minha avó se estava rendo tanto, que até a Bhoora, o criado, nosso chofer, perguntou, é obvio do exterior:-O que ocorre? Por que te está rendo?

Como eu estava acostumado a chamá-la Nani, Bhoora, por respeito para mim, também a chamava Nani. Então disse: -Nani, meu amo está doente e você te está rendo tanto; o que ocorre? E Fatia, por que está tão calado?

A morte e a risada de minha avó, ambas as coisas fizeram que ficasse totalmente calado, porque queria entender o que estava acontecendo. Estava ocorrendo algo que não tinha conhecido nunca antes e não me ia distrair nem um só instante.
Meu avô me pediu:

-Para a roda. Fatia, pode-me ouvir? Se está ouvindo a risada de sua avó pode me ouvir mim. Já sei que é uma mulher estranha; eu nunca fui capaz de entendê-la.

-Canção de ninar -respondi-lhe-, me consta que é a mulher mais singela que vi jamais, apesar de que não vi muitas ainda.

Mas lhes posso dizer que não acredito que exista outro homem na terra, vivo ou morto, que tenha visto tantas mulheres como eu. Mas para consolar a meu avô agonizante disse:

-Não se preocupe por sua risada, eu a conheço. Não se está rendo do que diz, é algo entre nós, uma piada que lhe contei.

-De acordo -disse-. Se lhe contaste uma piada é normal que ria. Mas o que há do chakra, da roda?

Agora já sei, mas naquela época não conhecia esta terminologia. A roda representa toda a obsessão hindu com a roda da vida e a morte. Durante milhares de anos houve milhões de pessoas fazendo uma só coisa: tentar deter a roda. Ele não estava falando da roda da carreta, essa é fácil de deter; de fato, o difícil era mantê-la em movimento.

Naqueles tempos não havia estradas; tampouco as há agora! O ano passado vinho a me visitar ashram um primo longínquo e me disse: -Queria pôr minha vida inteira a seus pés, mas a verdadeira dificuldade está na estrada.

-Ainda? -perguntei-lhe.

passaram perto de cinqüenta anos, mas a Índia é um país especial, onde o tempo se deteve. Quem sabe quando se deteve o relógio? Mas se parou exatamente às doze, os dois ponteiros de relógio do relógio juntas. Isso é formoso: o relógio decidiu a hora correta. Quando queira que ocorresse -e deve ter sido faz milhares de anos, quando queira que fora-, já seja por acaso ou por inteligência computerizada, o relógio se deteve as doze, com os dois ponteiros de relógio juntos. Não parecem dois, vêem-se como se só fosse uma. Talvez fossem as doze da noite... porque o país é tão escuro, e a escuridão tão densa.

-meu deus -disse o homem-, não pude trazer para o resto da família devido ao mal estado das estradas.

Talvez não me possam ver nunca por culpa das estradas. Então não havia estradas, e ainda hoje não há nenhuma linha de trem que passe por esse povo. É um povo muito pobre, e quando eu era um menino ainda mais.

Não compreendi a insistência de minha Canção de ninar nesse momento. Possivelmente o carro -como não havia estrada- estivesse fazendo muito ruído. Estralava por toda parte, e ele estava agonizando; por isso, naturalmente, queria parar a roda. Mas minha avó ria, agora entendo por que. Ele estava falando da obsessão hindu pela vida e a morte; simbolicamente se chama a roda da vida e a morte -a roda, em poucas palavras- que gira sem cessar.

No mundo ocidental, somente Friedrich Nietzsche teve o valor e o atrevimento necessário de propor a idéia do eterno retorno. Tomou-o emprestado da obsessão oriental. Há dois livros que lhe causaram uma profunda impressão. A gente foi o Manu Smriti; chama-se: "A coleção dos versos do Manu" e é o texto hindu mais importante. Odeio-o! Isto lhes dará idéia de sua importância, porque não odeio as coisas ordinárias. É extra-ordinariamente repulsivo. Manu é uma dessas pessoas, que, se me chegasse isso a cruzar, esqueceria-me por completo da não-violência; simplesmente lhe daria um tiro! O merece.

"Manu Samhita", "Manu Smrit"i, por que digo que é o livro mais repulsivo do mundo? Porque separa aos homens e as mulheres, e não só a homens e mulheres, divide à humanidade em quatro classes, e ninguém pode passar de uma classe a outra. Isto é a origem da hierarquia.

lhes surpreenderá saber que Adolf Hitler sempre tinha sobre sua mesa uma cópia do "Manu Samhita", junto a sua cama. Venerava esse livro mais que a Bíblia. Agora entenderão por que o odeio. Nem sequer tenho uma cópia do "Manu Samhita" em minha biblioteca, embora me deram de presente ao menos uma dúzia de cópias, mas as queimei todas. É o melhor que podia fazer com elas. Com muito respeito, é obvio, mas as queimei.

Nietzsche adorava dois livros dos que tomou muitas coisas. O primeiro é "Manu Samhita" e o outro é o "Mahabharata". Provavelmente, este seja o maior quanto a volume; é enorme! Não acredito que se possa comparar com a Bíblia, o Corán, o Dhammapada ou o Tao Lhe Ching, ao menos quanto a volume. Só me podem

entender se o põem junto à "Enciclopédia Britânica". Comparada com o "Mahabharata" a "Enciclopédia Britânica" é um livrinho. Sem dúvida é um grande trabalho, mas feio. Os cientistas sabem muito bem que, no passado, houve muitos animais gigantescos sobre a terra. Imensos mas horríveis. O Mahabharata pertence a esse grupo. Não é que não possa encontrar algo formoso nele; é tão grande, seguro que se buscas encontrará nessa montanha algum que outro camundongo.

Estes dois livros influenciaram enormemente ao Nietzsche. Provavelmente, ninguém é tão responsável pelo trabalho do Friedrich Nietzsche como estes dois livros. O autor do primeiro é Manu, e o Mahabharata foi escrito pela Vyasa. Devo reconhecer que ambos têm feito uma enorme quantidade de trabalho, trabalho sujo! Teria sido melhor que estes dois livros não se escrito.

Friedrich Nietzsche tem tanto respeito por estes livros que lhes assombrará, porque este é o homem que se chamava a si mesmo o «anticristo». Mas não devem assombrassem. Os dois livros são anticristo; de fato, são anti algo que seja bonita: a minha-verdade, anti-amor. Nietzsche não se apaixonou por eles por acaso. Apesar de que alguma vez gostou de Lao Tzu ou Buda, entretanto gostava de Manu e Krishna, por que?

Esta pergunta é muito significativa. Gostava de Manu porque adorava a idéia da hierarquia. Ele estava contra a democracia, a liberdade, a igualdade, em poucas palavras, estava contra os verdadeiros valores. Também gostava do livro da Vyasa, o Mahabharata, porque implica o conceito de que só a guerra é

formosa. Em uma ocasião, escreveu-lhe uma carta a sua irmã: «Neste preciso momento me rodeia uma grande beleza. Jamais vi uma beleza tal.» A gente pensaria que acabava de entrar no Jardim do Éden, mas não é assim, estava presenciando um desfile militar. O sol brilhava nas espadas nuas, e o som que ele chama «o som mais belo que jamais ouvi» não era Beethoven ou Mozart, nem sequer era Wagner, a não ser o som das botas dos soldados alemães desfilando.

Wagner foi amigo do Nietzsche, e não só isso, mas também algo mais: Nietzsche se tinha apaixonado pela mulher de seu amigo. Ao menos podia ter pensado em seu pobre amigo...; mas não, ele pensava que nem Beethoven nem Mozart nem Wagner se podiam comparar com o som das botas dos soldados alemães quando desfilavam. Para ele as espadas ao sol e o som do exército ao desfilar eram o paradigma da beleza.

Que estética! Tenham em conta que não estou contra Friedrich Nietzsche como tal. Aprecio-lhe sempre que se aproxima da verdade, porque meu valor e meu critério é a verdade. «O sol sobre as espadas» e «o som das botas desfilando»; se alguém se afasta da verdade, não importa quem seja, darei-lhe na cabeça com a espada nua. Que espetáculo mais bonito: a espada nua, e o som da cabeça do Friedrich Nietzsche ao ser atalho, e formoso sangue todo ao redor... Isto é o que fez seu discípulo, Adolf Hitler.

Hitler se apropriou das idéias do Manu através do Nietzsche. Hitler não era o tipo de pessoa que conhecesse o Manu por si mesmo, era um pigmeu.

Sem dúvida Nietzsche era um gênio, mas um gênio extraviado. Era o tipo de homem que se podia ter convertido em um buda; mas, que lástima!, morreu louco.

Estava-lhes falando da obsessão hindu, e ao me mencioná-la acordei que o Nietzsche. Foi o primeiro em admitir a idéia do «eterno retorno» no Ocidente. Mas não foi honesto, não disse que a idéia fora emprestada. Pretendia ser original. É tão fácil pretender ser original, muito fácil; não se precisa de muita inteligência, e

não obstante, era um homem de talento. Nunca utilizou seu talento para descobrir algo; usou-o para tomar emprestado de muitas fontes, que normalmente não eram conhecidas mundo em geral. Quem conhece o Samhita do Manu? E a quem lhe interessa? Manu o escreveu faz cinco mil anos. A quem lhe importa o "Mahabharata"? É um livro tão grande, que um não o leria a menos que se queria voltar totalmente louco.

Mas há gente que lê inclusive a "Enciclopédia Britânica". Conheço uma pessoa assim; é meu amigo. Neste momento me teria que acordar, pelo menos, de seu nome. Provavelmente, ainda esteja vivo; esse é meu único temor, mas nesse caso, não há motivo para ter medo só porque leoa a "Enciclopédia

Britânica". Nunca vai ler o que estou dizendo, nunca; não tem tempo. Não só lê a Enciclopédia Britânica, mas também a aprende de cor, e essa é sua loucura. Além disto, parece uma pessoa normal. Assim que menciona algo da Enciclopédia, imediatamente se volta anormal, e começa a citar páginas e mais páginas. Não lhe preocupa, no mais mínimo, se lhe quer escutar ou não.

Só esse tipo de gente lê o Mahabharata. É a enciclopédia hindu; digamos que é a «Enciclopédia Indiana». Naturalmente, é inevitável que seja maior que a Enciclopédia BritániCA. Grã-Bretanha só é Grã-Bretanha, não é maior que um dos estados pequenos da Índia. Índia tem ao menos três dúzias de estados desse tamanho; e não falo de toda a Índia, porque a metade da Índia agora é o Paquistão. Para ter realmente uma perspectiva total da Índia, então terei que seguir somando.

Antes, Birmania formava parte da Índia. Só se separou da Índia a princípios deste século. Afeganistão formava parte da Índia; é quase um continente. Por isso o "Mahabharata", a «Enciclopédia Indiana», tem que ser mil vezes maior que a Enciclopédia Britânica, que somente tem trinta e dois volúmenes. Isso não é nada. Se recolhessem tudo o que eu hei dito ocuparia mais que isso.

Há alguém que o calculou. Não sei com segurança, porque não me dedico a fazer essas tolices, mas calcularam que hei escrito trezentos e trinta e três livros até agora. Incrível! Não pelos livros, mas sim pelo senhor que os contou. Deveria esperar, porque ainda há muitos em manuscritos, e outros muitos que ainda não foram traduzidos do original em hindi. Quando se recolher tudo isto realmente vai ser uma «Enciclopédia Rajneeshica». Mas o Mahabharata é maior, e seguirá sendo o livro maior do mundo; refiro a volume e peso.

Mencionei-o porque estava falando da obsessão hindu. O Mahabharata não é mais que a obsessão hindu extensamente escrita, volumosa, contando que o homem nasce uma e outra vez, eternamente.

Por isso, meu avô dizia: «Detenham a roda.» Se a tivesse podido deter o teria feito, não só por ele, mas também pelo resto do mundo. Não só a teria detido, mas também a teria destruído para sempre, de modo que ninguém a pudesse fazer girar de novo. Mas não está em minhas mãos o fazê-la.

por que esta obsessão?

No momento de sua morte me dava conta de muitas coisas. Falarei de todas as coisas que me fiz consciente naquele momento porque estas determinaram o resto de minha vida.

Sessão 15

eu adoro esta história que contam do Henry Ford. Tinha construído seu carro mais belo e o estava ensinando a um cliente prometedor e muito próspero. Era seu último modelo, e foi dar uma volta com o cliente. Aos cinqüenta quilômetros, o carro se deteve inesperadamente. O cliente exclamou: -Mas como! Um carro novo que se para aos cinqüenta quilômetros? -me perdoe, senhor -disse Ford, - tinha-me esquecido de lhe jogar petróleo.

Então, inclusive na América se chamava petróleo, e não gasolina. O cliente, estupefato, disse-lhe: -O que me quer dizer? Está dizendo que o carro esteve andando cinqüenta quilômetros sem petróleo? Ford lhe respondeu:

-Sim, senhor. Até os cinqüenta ou os sessenta quilômetros basta com meu nome; não necessita petróleo.

Assim que arranco me basto comigo mesmo, não necessito nada mais. Não pude dormir em toda a noite. Isto não me causou nenhum problema; em certo modo, foi uma noite preciosa. A lua brilhava muito..., possivelmente a beleza da lua e seu brilho não me deixaram dormir. Mas essa não pode ser a razão. Acredito que o motivo é que fui muito duro com o Devageet. Sim, posso ser muito cruel. Não sou duro, mas posso sê-lo, sobre tudo em determinados momentos, quando vejo a possibilidade de que haja em ti uma abertura. Então é quando realmente golpeio! E não com um martelo pequeno, a não ser com o maço. Quando a gente tem que atirar um golpe, por que escolher um martelo pequeno? Acaba de um só golpe! Às vezes sou muito duro, por isso tenho que ser muito suave outras vezes, para compensar, para que haja um equilíbrio.

Quando fui da habitação, embora sorrisse, havia tristeza. Não me pude esquecer. Resulta-me muito fácil me esquecer de tudo; mas quando fui cruel, não é fácil. Sou capaz de perdoar a qualquer menos a mim mesmo. Possivelmente não tenha podido dormir por esse motivo. De todas formas, tenho o sonho muito superficial. No fundo, sempre estou acordado. Esta superfície tão fina se pode alterar facilmente, mas só o posso fazer eu, ninguém mais.

Assim que deixei a habitação me dava conta de que estava um pouco triste..., certamente haverá muitas razões, não só que te tenha dado um golpe. Mas, sejam quais sejam os motivos de sua tristeza, intensifiquei, de algum modo, a escuridão em ti. Estou aqui para lhes iluminar, não para lhes obscurecer; se se pode dizer assim. Em realidade, deveríamos cunhar um novo sentido para a palavra «obscurecer», porque há muita gente obscurecendo-os uns aos outros. É curioso que não exista este significado, porque esta realidade existe. A iluminação acontece em contadas ocasiões; entretanto, temos uma palavra para dizê-lo. Ainda não há nenhuma palavra para o que está além da iluminação, mas provavelmente haja limites para tudo. Sempre haverá algo que esteja mais à frente, distante, não limitado às palavras, a não ser transcendental.

Mas «obscurecer» deveria converter-se em uma palavra corrente. Todo mundo está obscurecendo a outros. O marido obscurece à mulher; se não, por que se esconde? Só para obscurecer a sua mulher. E a mulher o que faz? O marido é idiota se acreditar que só ele está obscurecendo a sua mulher. Na escuridão, lhe obscurece mais do que ele possa conseguir fazê-la. De qualquer forma ele usa óculos, e ela ainda não as necessita. Só é um pobre dependente, por isso tem que usar óculos. Ela o que é? Somente uma mãe, uma esposa. Não necessita óculos.

Na escuridão, cuidado com a mulher a que amas, especialmente na escuridão. Certamente, os homens usam a luz por isso. Aos homens gosta que haja luz quando amam; fazem o amor com os olhos abertos. As mulheres fecham os olhos. Não podem olhar sem que lhes escape uma risada, porque tudo o que acontece é

repugnante: um mandril sentado em cima delas, e todo esse... etcétera, etcétera, etcétera.

Senti um pouco de pena. Digo um pouco, porque para mim um pouco já é muito. minha lágrima é suficiente. Não preciso chorar durante horas, me arrancar o cabelo..., que já não tenho. Nunca se falou que arrancá-la barba. Em nenhum idioma, nem sequer em hebreu, existe uma expressão como «arrancá-la barba». E já conhecem os judeus e a seus profetas bíblicos, todos tinham barba. É uma lei natural: se tiver barba ficará calvo, porque a natureza sempre mantém o equilíbrio.

Agora me lembro de minha avó...Embora era pequeno, me estava acostumado a dizer: -Ouça, Fatia, não te deixe nunca barba.

-por que o diz? -perguntava-lhe-.

Só tenho dez anos, ainda não me começou a sair barba. por que o diz?

-Terá que fazer o poço antes de que se queime a casa -respondeu.

meu deus! Efetivamente, estava fazendo o poço antes de que se queimasse a casa. Era uma mulher realmente formosa. Não compreendi a resposta, mas lhe disse:

-De acordo, continua, dava o que quer dizer.

-Nunca, nunca te deixe barba... embora saiba que o fará -disse.

-Que estranho! -observei-. Se já souber, por que tenta evitado?

-Faço-o o melhor que posso, mas sei que te vais deixar barba -disse-. A gente como você sempre se deixa barba. Conheço-te há onze anos; seguro que há uma razão, e começou a refletir sobre isto.

Não há nenhum motivo; simplesmente que não gosta de perder o tempo todos os dias diante do espelho, como um idiota, te barbeando a barba. Imagine em uma mulher com barba, diante do espelho, que aspecto teria? Um homem sem barba tem exatamente o mesmo aspecto. É assim de singelo: economiza-te tempo, e o verte como um idiota, pelo menos diante de seu próprio espelho.

Mas isto está comprovado: assim que te deixa barba te começa a ficar calvo. A natureza sempre se lembra de manter o equilíbrio. Só te dá um número de cabelos determinado. Se te começar a deixar a barba, então, é obvio, terá que recortar o orçamento por algum lado. É mera economia, lhe pergunte a qualquer contável.

Estava um pouco preocupado pelo Devageet, sentia como se lhe tivesse ferido. Possivelmente o fiz..., certamente era necessário. portanto, não lhes devem preocupar com meu descanso. Estou disposto a perder a vida em qualquer momento, se fizer falta; não por uma causa nacional, por um estado ou por uma raça, mas sim por um indivíduo, por qualquer que lhe siga pulsando o coração, que siga sentindo, e que seja capaz de fazer coisas infantis. Tenham em conta que hei dito «costure infantis», refiro a alguém que ainda é um menino. Estou disposto a dar minha vida para que cresça, mature e se integre. Quando uso a palavra «integração» quero dizer inteligência mais amor; que é igual a integração.

Bom, isto foi uma introdução muito larga. Se tiverem podido perdoar ao George Bernard Shaw, e não só perdonade, mas também lhe dêem um Prêmio Nobel, então me poderão perdoar . E não peço um Prêmio Nobel; embora me dessem isso, rechaçaria-o, Não é para mim, está muito cheio de sangue.

O dinheiro que entregam com o Prêmio Nobel está empapado de sangue, porque esse homem, Nobel, era um fabricante de bombas. Ganhou uma quantidade de dinheiro incomensurável durante o I Guerra Mundial, vendendo armas a ambos os bandos. Não queria ter que tocar seu dinheiro. De fato, faz muitos anos que não toco dinheiro, porque não preciso fazê-lo. Sempre, há alguém

que se ocupa do dinheiro por mim; e o dinheiro sempre está sujo, não só o do Prêmio Nobel.

O homem que fundou o Prêmio Nobel se sentia realmente culpado, e para desembaraçar-se da culpa fundou o Prêmio Nobel. Foi um bonito gesto, mas foi como matar a um homem e lhe dizer depois: «Sinto-o senhor, me perdoe, por favor.» Eu não poderia aceitar esse dinheiro sangrento.

Ao George Bernard Shaw não só veneravam, mas também lhe deram o Prêmio Nobel; a introdução de seus livrinhos é tão larga, que te pergunta se escrever o livro para a introdução ou a introdução para o livro. Em minha opinião, o livro foi escrito para a introdução, e o agradeço.

Igualmente, esta introdução foi muito larga, Não se preocupe por meu sonho, mas recorda que não te deve sentir molesto se for duro. Embora saiba, e todos saibam, que nada me pode trocar, indubitavelmente há muitas coisas que podem trocar em meu corpo e inclusive em minha mente. É obvio, não sou nem meu corpo nem minha mente, mas tenho que funcionar por meio deles.

Neste momento tenho os lábios secos. Isto pode ser por qualquer causa externa. Estou falando, mas me incomodam os lábios. Arrumarei-me isso, embora seja um estorvo. Devageet, você me pode ajudar com uma de suas artimanhas. Será uma boa pausa para esta nota introduçã e depois posso começar. Obrigado...
depois disto, começo com a história.

A morte não é o fim, ao contrário, é a culminação de toda uma vida, o clímax. Você não te acaba, mas sim é transportado a outro corpo. Isto é o que os orientais denominam «a roda». Continua dando voltas e voltas. Pode ser detida, sim, mas o modo de detê-la não é quando te está morrendo.

É um dos ensinos, quão maior adquiri com a morte de meu avô. Ele chorava, com lágrimas nos olhos nos pedia que detivéssemos a roda. Não sabíamos como fazê-lo: como deter a roda?

Sua roda era sua roda; nós, nem sequer fomos capazes de vê-la. Era sua própria consciência, só ele podia fazê-la. Posto que nos pedia que a detivéssemos, era óbvio que ele não podia fazê-lo; daí as lágrimas e sua constante insistência, pedindo-o uma e outra vez, como se estivéssemos surdos. -Ouvimo-lhe, Canção de ninar -dissemo-lhe-, e lhe compreendemos. Por favor, guarda silêncio.

Nesse momento ocorreu algo grandioso. Não o contei nunca a ninguém; possivelmente não tenha sido o momento até agora. Disse-lhe: -te aquiete, por favor.

O carro de bois estralava sobre o abrupto e desagradável caminho, nem sequer era um caminho, era um atalho, e ele seguia insistindo:

-Detén a roda, Fatia, escuta-me? Para a roda. Eu lhe repetia: -Sim, ouço-te. Sei o que quer, mas sei que só você pode parar a roda, por isso te digo que esteja calado. Tentarei te ajudar.

Minha avó estava surpreendida. Olhou-me com os olhos cheios de assombro: o que estava dizendo? Como ia ajudar lhe?

-Sim, não me olhe com tanto assombro -disse-lhe-. De repente recordei uma de minhas vidas passadas. Ao ver esta morte, recordei uma de minhas próprias mortes. Essa vida e essa morte ocorreram no Tíbet. É o único país que sabe como deter a roda de forma científica precisa -então comecei a cantar.

Ninguém me podia entender, nem minha avó nem meu avô agonizante nem meu criado Bhoora, que escutava atentamente do exterior. E ainda é mais, nem sequer eu entendia nenhuma só palavra do que estava cantando. Só depois de doze ou

treze anos cheguei a entender o que era. Há-me flanco todo este tempo averiguá-lo. Era o Bhardo Thodal, um ritual tibetano.

Quando morre um homem no Tíbet repetem um mantra determinado. Esse mantra se chama bardo. O mantra lhe diz: «te relaxe, guarda silêncio. Vá a seu centro, fique aí; não abandone seu centro passe o que acontecer com seu corpo. Sei uma testemunha. Deixa que aconteça, não interfira. Recorda, recorda, recorda que só é a testemunha; esta é sua verdadeira natureza. Se for capaz de morrer recordando-o, a roda se deterá.»

Repeti o Bhardo Thodal para meu avô agonizante, sem saber sequer o que estava fazendo. É curioso, não só que eu o repetisse, mas também ao escutado ele ficasse totalmente calado. Talvez porque era muito estranho escutar o tibetano. Provavelmente, devia ser a primeira vez que escutava algo em tibetano, possivelmente nem sequer sabia que existia um país chamado Tíbet. Estava muito atento e muito calado quando se estava morrendo. O bardo funcionou embora ele não o pudesse entender. Às vezes funcionam as coisas que não entende, funcionam precisamente porque não as entende.

Um grande cirurgião não pode operar seu filho. por que? Nenhum grande cirurgião pode operar seu ser querido. Não refiro a sua esposa, qualquer poderia operar sua esposa; refiro a seu ser amado, que sem dúvida não é sua esposa e nunca o será. Reduzir ao ser amado a sua esposa é um crime. É obvio, a lei não o castiga, mas a própria natureza o faz, de modo que não é necessária nenhuma lei.

Não se pode deixar ao amante reduzido a marido. É tão feio ter um marido. A mesma palavra é feia. Vem da mesma raiz que «agricultura»; o marido é o que usa à mulher como se fosse um campo, uma terra onde semear suas sementes. A palavra marido se deve erradicar de todos os idiomas do mundo. É desumano. Um amante é compreensível, mas não um marido!

Eu repetia o bardo embora não entendia o significado, nem sabia de onde vinha, porque ainda não o tinha lido. Mas meu avô guardou silêncio pelo impacto do estranho som dessas palavras. Morreu nesse silêncio.

Viver em silêncio é formoso, mas morrer em silêncio é muito mais formoso, porque a morte é como o Everest, o pico mais alto dos Himalayas. Embora ninguém me ensinou, aprendi muito durante esse silêncio. Vi-me mesmo repetindo algo realmente estranho. Impulsionou a um novo plano do ser, e empurrou a uma nova dimensão. Comecei uma nova busca, uma peregrinação.

Nesta peregrinação me encontrei com muitos mais homens notáveis que os que menciona Gurdjieff em seu livro "Encontros com homens notáveis". Falarei deles pouco a pouco, quando for surgindo. Hoje vá falar sobre um desses homens notáveis.

Não se conhece seu verdadeiro nome nem sua verdadeira idade, mas lhe chamavam «Magga Baba». Magga quer dizer «taça grande». Estava acostumado a levar seu magga, sua taça, na mão. Usava-a para tudo: para o chá, o leite, a comida, o dinheiro que lhe dava a gente ou o que fosse necessário em cada momento. Seu magga era quão único possuía, por isso lhe conhecia como Magga Baba. Baba é um término respeitoso. Significa avô, o pai de seu pai. Em hindi o pai de sua mãe se chama canção de ninar, e o pai de seu pai, baba.

Magga Baba foi, sem dúvida, um dos homens mais notáveis que houve neste planeta. Era realmente um dos escolhidos. Lhe pode considerar como ao Jesus, a Buda ou ao Lao Tzu. Não conheço sua infância nem sei nada de seus pais. Ninguém sabe de onde vinho, mas apareceu de repente no povo.

Não falava. A gente insistia em lhe fazer perguntas de todo tipo. Ele ficava em silêncio e, se lhe incomodavam muito, começava a balbuciar disparates, sons sem nenhum sentido. A pobre gente pensava que estava falando um idioma que não podiam entender. Não era, absolutamente, um idioma, mas sim só fazia sons. Por exemplo:-Higgalal hoo hoo guloo higga hee hee. Então esperava e voltava a perguntar: - Hee, hee, hee? Parecia que estava dizendo: -entendestes? e a pobre gente dizia: -Sim, baba, sim.

Depois ensinava seu magga e fazia um gesto. Este gesto na Índia significa dinheiro. Vem dos velhos tempos quando as moedas eram de prata ou de ouro. Para comprovar que eram autênticas, a gente as atirava ao chão e escutava o som que faziam. O ouro autêntico tem um som próprio que não se pode imitar. De modo que Magga Baba ensinava seu magga com uma mão e com outra fazia o sinal de dinheiro querendo dizer: - Se me entendestes me dê algo. E a gente lhe estava acostumado a dar.

Eu chorava da risada porque não tinha pronunciado nenhuma palavra. Mas não tinha cobiça pelo dinheiro. Uma pessoa lhe dava dinheiro e ele o entregava a outra. Seu magga sempre estava vazio. de vez em quando, podia ver que havia algo, mas excepcionalmente. tratava-se de uma transição: o dinheiro ia e vinha, a comida ia e vinha, mas sempre ficava vazio. Sempre o estava limpando. Vi-lhe limpá-lo pela manhã, pelas tardes e pelas noites.

Quero-lhes confessar a vós – com vós me refiro ao mundo inteiro-, que só falava comigo em privado, quando não havia ninguém presente. Aproximava-me para ele a metade da noite, possivelmente por volta das duas da manhã, porque era a melhor hora para estar a sós com ele. Estava acostumado a estar abraçado a sua velha manta, ao lado da fogueira, nas noites de inverno. Sentava a seu lado um momento, mas nunca lhe incomodava, por isso me queria. Às vezes se girava para um lado, abria os olhos e me via aí sentado; então começava a falar por sua própria conta.

O hindi não era sua língua materna, por isso a gente acreditava que era difícil comunicar-se com ele, mas não era verdade. Certamente, não lhe tinham educado em hindi; entretanto, não conhecia somente o hindi, a não ser muitos mais idiomas. Por seu posto, o idioma que melhor conhecia era o silêncio quase toda sua vida. Durante o dia não falava com ninguém, mas de noite falava comigo, só se não havia ninguém mais. Era uma felicidade poder ouvir suas poucas palavras.

Magga Baba nunca mencionou nada de sua própria vida, mas disse muitas coisas sobre a vida. Foi a primeira pessoa que me disse: - A vida é mais do que aparenta ser. Não julgue pelas aparências, te inunde a fundo nos vales onde estão as raízes da vida.

De repente falava, e de novo de voltava a ficar calado. Essa era sua forma de ser. Não havia forma de lhe convencer para que falasse: ou falava ou não o fazia. Não respondia às perguntas, e nossas conversações eram absolutamente secretas. Não sabia ninguém. Agora o estou contando pela primeira vez.

ouvi falar com muitos oradores, e ele não era mais que um homem pobre, embora suas palavras eram puro mel, tão doces e substanciosas, tão carregadas de significado.

- Mas até que eu me mora, não deve lhe dizer a ninguém que estiveste falando comigo – me disse -, porque há muita gente que acredita que estou surdo. Para mim é melhor que o criam. Muitos pensam que estou louco, e no que a mim respeita, é isso ainda melhor. Os mais intelectuais tentam adivinhar o que étoy dizendo, mas só são disparates. Quando ouço o significado que inferiram me

pergunto: «meu deus! Se esses forem os intelectuais, os professores, os sábios e os eruditos, como será o povo?» Não havia dito nada e, entretanto, criaram todo isso de um nada, como pompas de sabão.

Por alguma razão, ou talvez não houvesse nenhuma razão, queria-me.

tive a sorte de ser querido por muita gente estranha. Magga Baba foi o primeiro da lista.

Estava rodeado de gente todo o dia. Era um homem livre; entretanto, não se podia mover nem um centímetro porque a gente lhe estava sujeitando. Montavam-lhe em um rickshaw e o levavam aonde quisessem. É obvio, nunca dizia que não porque se fazia o surdo, o mudo ou o louco. E jamais pronunciou uma palavra que estivesse no dicionário. Obviamente não podia dizer nem sim nem não; simplesmente se ia.

Em uma ou duas ocasiões o levaram. Desapareceu durante uns meses, porque umas pessoas de outro povo o tinham levado. Quando lhe encontrou a polícia e lhe perguntaram se queria voltar voltou a fazer das suas. Disse alguma tolice como:- Yuddle fuddle shuddle...A polícia disse: -Este homem está louco. Como vamos escrever em nossos informe: « Yuddle fuddle shuddle»? O que quer dizer? Há alguém que o entenda?

De modo que ficou ali até que veio a buscá-lo um grupo de gente do primeiro povo. Esse era o povo onde me tinha ido viver depois da morte de meu avô.

Todas as noites sem falta me ia visitar lhe debaixo de sua árvore de neem, onde estava acostumado a viver e dormir. Embora estivesse doente e minha avó não me deixasse sair, enquanto ela dormia, escapava-me de noite para lhe visitar. Tinha que fazê-lo; tinha que ver a Magga Baba pelo menos uma vez ao dia. Era como um alimento espiritual.

Ajudou-me enormemente, embora não me deu nenhuma instrução além de seu próprio ser. Sua própria presença desatou forças desconhecidas em mim, desconhecidas para mim. Estou muito agradecido a este homem, Magga Baba; e a maior bênção foi que, sendo eu um menino, era a única pessoa com a que ele estava acostumado a falar. Esses momentos de intimidade, sabendo que não falava com ninguém mais no mundo, foram tremendamente revigorantes, vivificantes.

Alguma das vezes que lhe fui ver havia outra pessoa presente; então, ele para um pouco tão aterrador que a pessoa saía correndo. Atirava coisas, por exemplo, ou saltava ou dançava como um louco em metade da noite. Indevidamente se assustavam pois, ao fim e ao cabo, tinham uma mulher, uns filhos e um trabalho, e este homem não parecia estar em seu são julgamento, era capaz de algo. Depois, quando se tinha ido a outra pessoa, os dois púnhamos-se a rir.

Nunca me ri tanto com ninguém, e não acredito que me volte a ocorrer nesta vida..., e já não tenho outra vida. A roda se deteve. Sim, segue girando um pouco, mas é por inércia; não está sendo impulsionada por nenhuma energia nova.

Magga Baba era tão formoso que não encontrei a nenhum outro homem que lhe possa comparar. Era como uma estátua romana, simplesmente perfeito; inclusive mais perfeito do que possa chegar a ser nenhuma estátua, porque estava vivo, quero dizer, cheio de vida. Não acredito que me volte a encontrar a um homem como Magga Baba; tampouco quero, porque é suficiente com um Magga Baba, mais que suficiente. Deu-me muita satisfação, e a quem lhe interessa a repetição? Sei muito bem que não se pode chegar mais alto.

Eu mesmo cheguei ao ponto onde não se pode ir mais alto. Embora queira ir mais alto, segue à mesma altura. Em outras palavras, chega um momento, no

crescimento espiritual, que não pode ser transcendido. Este momento, paradoxalmente, chama-se transcendental.

A primeira vez que me chamou foi o dia que se ia aos Himalayas. De noite veio alguém a casa e bateu na porta. Meu pai abriu e uma pessoa lhe disse que Magga Baba queria que fora a ver/e.

--Magga Baba! -disse meu pai-. O que tem que ver com meu filho? Além disso, como lhe pode chamar se não falar alguma vez?

O homem disse:

-O resto não me concerne. Isto é o que lhe tinha que transmitir. Por favor, diga-lhe à pessoa interessada. Se, casualmente, resulta que é seu filho, não é meu assunto -e o homem desapareceu. Meu pai despertou em metade da noite e me disse: -Escuta, é importante: Magga Baba te quer ver. Mas se nem sequer fala...

Ri-me porque sabia que falava comigo, mas não o contei a meu pai. -Quer-te ver agora mesmo -prosseguiu-, em metade da noite. O que vais fazer? Quer ir ver esse louco? -Tenho-me que ir -respondi-lhe. -Às vezes penso que você também está um pouco louco -disse meu pai-. De acordo, vete, e fecha a porta de fora para que não me volte a incomodar para entrar.

Precipitei-me, saí correndo. Era a primeira vez que me chamava. Quando cheguei aonde estava lhe perguntei: -O que acontece? -É minha última noite aqui -disse-. Vou, possivelmente para sempre. É o único com o que falei. me perdoe, tive que falar com a pessoa que foi a sua casa, mas não sabe nada. Não sabe que sou um místico. É um desconhecido e lhe subornei lhe dando uma rupia para que te transmitisse esta mensagem.

Naquela época, uma rupia de ouro era muito dinheiro. Faz quarenta anos na Índia se podia viver comodamente durante um mês com uma rupia de ouro. Sabem que a palavra inglesa «rupia» vem do hindi rupaiya que quer dizer «dourado»? Em realidade, o bilhete não se deveria chamar rupia porque não é dourado. Esses parvos ao menos o podiam ter pintado de cores douradas, mas nem sequer isso. Uma rupia daqueles tempos equivale quase a setecentas das de agora. trocaram muitas coisas em quarenta anos. As coisas se tornaram setecentas vezes mais caras.

-Só lhe dava uma rupia e lhe disse que entregasse a mensagem -disse-. Estava tão fascinado com a rupia que nem sequer me olhou. Era um desconhecido, não lhe tinha visto antes.

-Eu também posso dizer o mesmo -respondi-. Tampouco lhe tinha visto nunca neste povo; provavelmente, estava de passagem. Mas não tem por que preocupar-se. por que me mandaste chamar? Magga Baba disse: -Parto-me e não me posso despedir de ninguém. Você é o único. Abraçou-me, beijou-me na frente, disse-me adeus e se foi, simplesmente assim.

Magga Baba tinha desaparecido muitas vezes em sua vida, a gente o encontrava e o voltava a trazer; por isso ninguém se preocupou muito a última vez que desapareceu. Somente ao cabo de uns meses se precaveram de que realmente tinha desaparecido, porque fazia muitos meses que não voltava. Começaram a procurar pelos sítios onde tinha estado antes, mas ninguém lhe tinha visto. Essa noite, antes de desaparecer, disse-me: -Provavelmente, não te veja florescer, mas te dou minhas bênções. Possivelmente não possa voltar. Vou aos Himalayas. Não conte a ninguém meu paradeiro. .

Estava feliz ao me dizer isto, ditoso de ir-se aos Himalayas. Os Himalayas sempre foram o lar dos que procuraram e encontrou.

Eu não sabia aonde se foi; os Himalayas são a cadeia montanhosa maior do mundo, mas em uma ocasião, viajando pelos Himalayas, cheguei até um lugar que parecia sua sepultura. É estranho, mas estava ao lado da do Moisés e Jesus. Essas duas pessoas também estão enterradas em um lugar remoto dos Himalayas. Tinha ido até ali para ver a tumba do Jesus; e por coincidência, encontrei ali a tumba do Moisés e a da Magga Baba. Foi uma surpresa, claro. Nunca tinha imaginado que Magga Baba tivesse algo que ver com o Moisés ou com o Jesus, mas ao ver sua tumba ali entendi imediatamente por que seu rosto era tão formoso; por que se parecia com o Moisés mais que nenhum outro hindu. Possivelmente pertencesse à tribo perdida. Moisés perdeu uma tribo quando ia de caminho para o Israel. Essa tribo se assentou em Cachemira, nos Himalayas. E digo com conhecimento que essa tribo teve mais sorte que Moisés quando encontrou o Israel. No Israel, Moisés encontrou um deserto totalmente imprestável. Em Cachemira, eles encontraram o autêntico jardim de Deus.

Moisés foi até ali procurando à tribo perdida. Jesus também foi ali depois da suposta crucificação. Digo suposta, porque realmente não ocorreu, não morreu. depois de estar seis horas na cruz, Jesus ainda não se morreu. Os judeus tinham uma maneira tão cruel de crucificar às pessoas, que demoravam quase trinta e seis horas em morrer.

Um discípulo muito rico do Jesus dispôs que a crucificação fosse uma sexta-feira. Foi um acordo..., os judeus não podem trabalhar os sábados porque é seu dia festivo. Tiveram que baixar ao Jesus da cruz temporalmente, e pô-lo em uma cova até na segunda-feira seguinte. Enquanto isso, foi sustraído da cova.

Esta é a história que contam os cristãos. O certo é que enquanto estava na cova de noite, depois de ter descido da cruz, levaram do Israel. Estava vivo embora tinha perdido muito sangue. Necessitou alguns dias para curar-se, mas se curou e viveu até os cento e doze anos em um pueblecito chamado Pahalgam, nos Himalayas de Cachemira.

Escolheu esse lugar, Pahalgam, porque encontrou o sepulcro do Moisés. Moisés tinha ido antes procurando a sua tribo perdida. Encontrou-a, mas também se deu conta que o Israel não se podia comparar com Cachemira. Viveu e morreu ali, refiro ao Moisés. Quando Jesus foi a Cachemira com seu amado discípulo Tomam, mandou a Índia para que repartisse seus ensinos. Ele ficou em Cachemira o resto de sua vida, perto da tumba do Moisés.

Magga Baba também está enterrado no pequeno povo do Pahalgam. Quando estive no Pahalgam descobri a estranha relação que vai desde o Moisés, passando pelo Jesus e pela Magga Baba até mim.

antes de partir do povo, Magga Baba me deu sua manta dizendo: - É o único que possuo e é a única pessoa a quem a quero dar. -De acordo -pinjente-, mas meu pai não me vai deixar que me leve a manta a casa.

Ele riu, eu me ri..., os dois nos divertíamos. Ele sabia perfeitamente que meu pai não ia permitir que entrasse em sua casa uma manta tão suja. Mas estava triste e causar pena porque não podia conservá-la. Não era grande coisa, era um trapo velho, mas pertencia a um homem da categoria da Buda ou do Jesus. Não podia levá-la a casa porque meu pai, comerciante de roupa, era muito puntilloso com a roupa. Sabia perfeitamente que não me ia permitir isso. Tampouco podia levada a casa de minha avó, ela tampouco quereria porque era escrupulosa com a limpeza.

herdei a mania da limpeza dela. É culpa dela, não sou responsável absolutamente, Não suporto as coisas usadas ou sujas, impossível. Estava acostumado a lhe dizer, em brincadeira, claro: -Está-me malcriando. É verdade.

Malcriou-me para sempre, mas lhe estou agradecido. Malcriou-me a favor da pureza, a limpeza e a beleza.

Magga Baba era importante para mim, mas se tivesse que escolher entre meu Nani e ele, seguiria escolhendo a meu Nani. Embora ela não estava iluminada então, e ele sim o estava, às vezes uma pessoa que não está iluminada é tão formosa que a escolheria, embora tenha como alternativa a uma pessoa iluminada.

Se pudesse escolhê-los aos dois, faria-o. Ou se pudesse escolher a duas pessoas entre milhões, escolheria-os a eles dois. Magga Baba no exterior..., não entraria em casa de minha avó, ficaria fora, debaixo de sua árvore de neem. Minha avó, é obvio, não se sentaria ao lado da Magga Baba: --Esse tipo! -estava acostumado a lhe chamar-. Esse tipo! Deixa-o e não te aproxime dele. Date uma ducha sempre que passar a seu lado.

Tinha medo de que tivesse piolhos porque nunca lhe tinham visto dar um banho. Provavelmente tinha razão: desde que eu lhe conhecia, não se tinha dado um banho. Não podiam estar no mesmo sítio, isso também é verdade. Neste caso não era possível a coexistência, mas sempre podíamos chegar a algum acerto. Magga Baba poderia estar debaixo da árvore de neem, no pátio, e Nani seria a rainha da casa. E eu podia ter o amor de ambos, sem ter que escolher isto ou aquilo. Ódio o «ou isto ou o outro».

Que horas são?

-As dez e dezesseis minutos, Osho.

Me dêem cinco minutos. Sede bons com este pobre homem, e quando tiverem acontecido os cinco minutos nos podemos ir.

Sessão 16

No mundo há seis religiões importantes. podem-se dividir em duas categorias: alguém está formada pelo judaísmo, o cristianismo e o islamismo. Acreditam em uma só vida. Está entre a vida e a morte, não há nada mais lá da vida e a morte, a vida é tudo o que há. Embora acreditem no céu, no inferno e em Deus, são o resultado de uma vida, de uma só vida. A outra categoria está formada pelo hinduísmo, o jainismo e o budismo. Acreditam na teoria da reencarnação. Volta a nascer uma e outra vez, eternamente; a menos que alguém se ilumine; nesse caso, detém-se a roda.

Isto é o que perguntava meu avô quando se estava morrendo, mas eu não era consciente do significado..., embora repeti o bardo como se fosse uma máquina, sem entender o que estava dizendo ou fazendo. Agora compreendo a preocupação do pobre homem. Pode chamá-lo-a última preocupação». Quando se converte em uma epidemia, como no Oriente, então é uma obsessão e o desaprovo. Nesse caso é uma enfermidade; não é algo que terei que elogiar a não ser reprovar.

A obsessão é a maneira psicológica de desaprovar algo; por isso usei esta palavra. No que respeita às massas do Oriente, isto foi uma enfermidade durante milhares de anos. Lhes impediu de ser ricos, prósperos e opulentos, porque sua única preocupação foi como deter a roda. Então, quem a vai engordurar e vai se ocupar de que gire brandamente?

É obvio, eu necessito a meus sannyasins para que as rodas de meu Rolls sigam rodando. Basta com um ruidito para que haja um contratempo..., inclusive um suave som. Durante um par de dias, um dos Rolls Royces estava fazendo um ruidito, só de vez em quando, muito suave, como um passarinho cantando entre as

árvores. Não deveria ocorrer; um Rolls não é um pássaro. De onde vem esse ruído? Do volante. Não o posso suportar. Como sabem, não sou intolerante, mas um Rolls Royce novo que começa a cantar, e além em e! volante?

Em realidade, não sei o que há debaixo do capô. Nunca olhei nem penso fazê-lo. Não é minha especialidade. Devo dizer que era um ruído suave, como o de um passarinho diminuto assobiando. Mas terá que repará-lo. Um Rolls Royce não assobia, nem sequer brandamente. E o que fazem estes tipos? Toda sua ocupação - e sua meditação também- consiste em manter os Rolls Royces em perfeito estado. Se esses dois tipos, Rolls e Royce, nascessem outra vez, teriam inveja porque melhoramos o que fizeram. É obvio, o Rolls é o melhor carro do mundo, mas não é inmejorable. Pode e deveria ser melhorado..., não quero que se detenham suas rodas.

Os hindus estão obcecados. Deter a roda da vida e a morte se converteu em uma enfermidade da alma. Mas a roda sempre lhes recorda o carro de bois. Estou totalmente de acordo com que a queiram deter. Há rodas melhores, não é necessário que se detenham todas. De fato, a mesma idéia de não voltar a nascer implica que não viveste. Pode-lhes parecer contraditório, mas me permitam que lhes diga uma coisa: só aquele que viveu plenamente pode parar a roda da vida e a morte. Entretanto, os que querem pará-la som os que não viveram absolutamente. Terão uma morte de cães.

Não é que esteja contra os cães -toma nota, por favor-, só estou usando uma metáfora. Mas deve ser importante porque em hindi existe a mesma metáfora. É a única metáfora que é parecida em inglês e em hindi. De fato, não só é parecida mas também é igual: kutte ki maut, «uma morte de cão». É exatamente igual. Deve ser por algo. Para descobrir o que é tenho que lhes contar uma história.

diz-se que quando Deus criou o mundo -recordem que se trata de uma história-, quando Deus criou o mundo, homens, mulheres, animais, árvores e tudo, deu a todos o mesmo limite de idade: vinte anos.

E me pergunto: por que vinte? Possivelmente Deus só soubesse contar com os dedos, com os das mãos e os dos pés: isso soma vinte.

Eu investigo por minha conta. Alguma vez, na banheira, quando te está lavando as mãos e os pés, deve te haver contado os dedos. Próbablemente, uma dia se contou os seus e lhe ocorreu uma idéia: lhe dêem vinte anos de vida a todo mundo. Parece um poeta. Também parece um comunista. Isto ofenderá muito aos americanos. Deixa-os, não me importa. Se alguma vez me importou ninguém na terra, por que me foram importar os ianques? Nesta fase de minha vida quero seguir sendo um excêntrico, inclusive mais que antes.

Sei, com toda segurança, que se lhe tivessem permitido ao Jesus repartir seus ensinos durante mais tempo não teria sido tão escandaloso, teria voltado para seus cabais. Ao fim e ao cabo, era judeu. Teria compreendido e não haveria dito todas essas tolices do «reino de Deus», esses iY doze palhaços que acreditava, ou que eles mesmos acreditavam que eram seus apóstolos! Tinha-lhes que ter dado alguma pista, porque como eram tão parvos não lhes podia ocorrer .

Jesus era tão escandaloso, que até o João Batista, o revolucionário maior de sua época, que também era professor do Jesus e foi encarcerado, mandou-lhe uma mensagem desde sua cela que dizia: «Escutando suas revelações, pergunto-me se realmente é o Mesías que estivemos esperando; suas declarações são muito escandalosas.»

Esta é a prova. João Batista foi um dos revolucionários maiores da terra; Jesús só era discípulo dele. Por circunstâncias da história, esqueceu-se ao João Batista mas se recordou ao Jesus.

João Batista era pura paixão. Foi decapitado. Reina-a ordenou que lhe trouxessem sua cabeça em uma bandeja; sentia que só desta maneira se tranqüilizaria a nação. E assim o fizeram.

João Batista foi decapitado, puseram sua cabeça sobra uma magnífica bandeja de ouro e a exibiram à rainha. Este homem, João Batista, também estava um pouco preocupado ao escutar as escandalosas revelações do Jesus. de vez em quando, me ocorre que deveriam as modificar (sim, inclusive eu o digo), não porque fossem escandalosas, mas sim porque começam a ser ridículas. Escandaloso pode ser, mas ridículo? Não.

Imagine ao Jesus amaldiçoando a uma figueira porque seus discípulos estão famintos e a árvore não tem frutos. Não era a temporada. Não era culpa da árvore, mas apesar de tudo, zangou-se tanto que lhe jogou uma maldição para que sempre fora feio.

Isto é o que chamo um disparate. Dá-me igual ao dissesse Jesus ou qualquer outro. O escândalo é parte da religiosidade, mas a tolice não. Talvez, se Jesus tivesse repartido seus ensinos durante mais tempo, mas só tinha trinta e três anos quando lhe crucificaram; acredito que, como bom judeu, teria se tranqüilizado por volta dos setenta anos. Não teria sido necessário crucificá-lo. Os judeus tinham pressa.

Acredito que não só os judeus tinham pressa-embora sejam mais preparados-, mas possivelmente a crucificação se deva aos romanos, que sempre foram infantis e estúpidos. Não me consta que em sua raça ou em sua história tenham tido a um Jesus, um Buda ou um Lao Tzu.

Só me vem à memória um homem, o imperador Aurelio. Escreveu um famoso livro: Meditações. É obvio, não é o que eu chamo meditação, a não ser meditações. Minha meditação sempre é singular; o plural não existe. Suas meditações realmente são contemplações; não pode haver um singular. Marco Aurelio é o único nome da história de Roma que merece a pena recordar, e tampouco muito. Um pobre Basho poderia derrotar a Marco Aurelio. Qualquer Kabir poderia atirar um golpe ao imperador e lhe levar além de seus sentidos.

Não sei se se admite isto em seu idioma, a expressão «levar a alguém além de seus sentidos». Certamente, sim se admite obrigar a um a recuperar o sentido comum, mas essa não é minha tarefa, pode-o fazer qualquer. Pode-o conseguir um bom golpe ou uma pedra no caminho. Não se necessita um buda para isso; para te levar além de seus sentidos necessita um buda. Basho, Kabir ou inclusive mulheres como Lalla ou Rabiya, poderiam ter levado a este pobre imperador a esse extremo.

Isto é tudo o que nos chegou que os romanos, não é muito, mas já é algo. Não se deve rechaçar totalmente a ninguém. Aceito a Marco Aurelio só por cortesia, não como um homem iluminado, mas sim como um bom homem. poderia-se ter iluminado se, por acaso, cruzou-se com alguém como Bodhidharma. Teria bastado com um olhar da Bodhidharma nos olhos de Marco Aurelio. Então tivesse sabido, pela primeira vez, o que é a meditação.

Teria voltado para casa e teria queimado tudo o que tinha escrito até esse momento. Possivelmente, deixaria alguma coleção de esboços: um pássaro voando, uma rosa murchando-se ou uma simples nuvem flutuando no céu; umas frases aqui e lá, que não dissessem muito, mas o suficiente para provocar, o suficiente

para desatar um processo na pessoa que o encontre. Esse teria sido um verdadeiro caderno de meditação, mas não de meditações... Não existe um plural.

Se os psicólogos dissessem que Oriente, e particularmente a Índia, não só está obcecada com a morte, mas também está poseída pela idéia do suicídio, em certo sentido, não se estariam equivocando. A gente deveria viver enquanto esteja vivo; não há necessidade de pensar na morte. E quando chegar a morte, alguém se deveria morrer, e morrer completamente; então não haverá motivo para olhar atrás. Sendo total em cada momento, ao viver, ao amar, ao morrer, é como a gente chega a conhecer. Conhecer o que? Não há nenhum o que. A gente simplesmente conhece, não o que, a não ser isso: o conhecedor. «O que» é o objeto, «isso» é a subjetividade da gente mesmo.

Quando morreu minha Canção de ninar, minha avó seguiu rendo-se com os últimos aleteos de sua risada. Depois se controlou. Era uma mulher que se sabia controlar. Mas não me impressionava seu controle, a não ser sua risada na mesma cara da morte. jun e outra vez lhe perguntei: -Nani, pode-me dizer por que te ria tão alto quando a morte era iminente? Se até um menino como eu se dava conta é impossível que você não te desse conta.

-Sim, dava-me conta -respondeu-me-, por isso me ria. Ria-me do pobre homem tentando deter a roda innecesariamente, porque em último caso, a vida e a morte não querem dizer nada. .

Tinha que esperar até que chegasse o momento de lhe perguntar e de discutir com ela. Quando me iluminar, pensei, perguntarei-lhe. E isso é o que fiz.

O primeiro que fiz depois de me iluminar, aos vinte e um anos, foi ir precipitadamente ao povo onde estava minha avó, quer dizer, ao povo de meu pai. Nunca abandonou o lugar onde foi incinerado seu marido. Esse lugar se converteu em seu lar. esqueceu-se de todos os luxos aos que estava acostumada. esqueceu-se dos jardins, os campos e o lago que lhe tinha pertencido. Nunca voltou, nem sequer para pôr em ordem seus assuntos.

-Que sentido tem? -disse-. Tudo está solucionado. Meu marido se morreu, e o menino que quero já não está ali, está tudo arrumado.

Imediatamente depois de me iluminar voltei para povo rapidamente para me encontrar com duas pessoas: a primeira foi Magga Baba, o homem do que lhes falava antes. Certamente lhes perguntarão por que... Porque queria que alguém me dissesse: «Está iluminado.» Eu sabia, mas também queria ouvir o de alguém de fora. Naquela época, Magga Baba era a única pessoa a que lhe podia perguntar. Tinha ouvido dizer que acabava de voltar para povo.

Saí precipitadamente a vede. O povo se encontrava a três quilômetros da estação. Não lhes podem fazer uma idéia de como corri para lhe ver. Cheguei à árvore de neem...

A palavra neem não se pode traduzir porque não acredito que exista nada parecida com a árvore de neem no Ocidente. A árvore de neem é uma coisa estranha: as folhas são muito amargas; sabe pior que o pior dos venenos. Em realidade, é justo o contrário, não é venenoso. Se cada dia te comer algumas folhas do neem..., o que não é nada fácil. Eu o estive fazendo durante anos; cinqüenta folhas pela manhã e cinqüenta de noite. Agora bem, para comer-se cinqüenta folhas de neem faz falta alguém que esteja disposto a matar-se!

Está muito amargo mas desencarde o sangue, e te protege de qualquer infecção, até na Índia, o que constitui um milagre! acredita-se que inclusive o ar que passa através das folhas de neem é mais puro que nenhum outro. A gente planta árvores de neem ao redor de suas casas simplesmente para que o ar esteja limpo e sem

poluir. É um fato cientificamente provado, que a árvore de neem mantém afastado todo tipo de infecção ao criar um muro de amparo.

Fui correndo até a árvore de neem onde se sentava Magga Baba, e sabem o que fez quando me viu? Eu mesmo não dou crédito: tocou-me os pés e pôs-se a chorar. Dava-me muita vergonha porque se congregou um grupo de gente, e todos pensavam que Magga Baba se tornou louco de verdade. Até esse momento tinha estado um pouco louco, mas agora estava totalmente ido, ido para sempre... azarado, azarado, ido, e ido para sempre. Mas Magga Baba riu e, pela primeira vez diante da gente, disse-me:

-Meu menino, conseguiste-o! Sabia que algum dia o conseguiria.

Toquei-lhe os pés. Pela primeira vez me tentou impedir isso me dizendo:

-Não, não; já não te volte a prostrar a meus pés.

Mas segui fazendo-o, embora ele insistia. Dava-me igual e lhe disse:

-te cale! te encarregue de seus assuntos e eu me encarregarei de meus. Se estou iluminado como diz, por favor, não límpidas que um iluminado se prostre a seus pés.

começou-se a rir outra vez e disse: --Maroto! Está iluminado mas segue sendo um maroto.

Então fui rapidamente a casa, quer dizer, a casa de minha avó, não a de meu pai, porque queria lhe contar o que me tinha acontecido. Mas os caminhos da existência são imprevisíveis: ela estava de pé diante da porta, me olhando um pouco surpreendida e disse:

-O que te aconteceu? Já não é o mesmo.

Não estava iluminada mas tinha a inteligência suficiente para dar-se conta que algo tinha trocado em mim.

-Sim, já não sou o mesmo -respondi-lhe-, e vim para compartilhar o que me aconteceu.

-Por favor, no que a mim respeita -disse-, segue sendo minha Fatia, meu filhinho.

De modo que não lhe disse nada. Passou um dia; então, em metade da noite despertou. Com lágrimas nos olhos me disse:

-me perdoe. Já não é o mesmo. Pode fingir mas eu posso entrever que está dissimulando. Não tem que dissimular. Pode-me contar o que te aconteceu. O menino que conhecia morreu mas em seu lugar há alguém muito melhor e mais luminoso. Já não posso dizer que é meu, mas não importa. Agora haverá milhões de pessoas que dirão que é dele, e todo mundo te poderá sentir como dele. Retiro meu direito, mas insígnia me o caminho também.

Esta é a primeira vez que o hei dito a ninguém. Meu Nani foi minha primeira discípula. Ensinei-lhe o caminho. Meu ensino é singelo: estar em silêncio, experimentar em seu interior ao que observa e não o observado; conhecer conhecedor e esquecer o conhecido.

Meu caminho é muito singelo, tanto como o do Lao Tzu, Chuang Tzu, Krisna, Cristo, Moisés, Zaratustra..., porque só trocam os nomes, o caminho é o mesmo. Os peregrinos trocam; a peregrinação é a mesma. E a verdade é que o processo é muito singelo.

Tive muita sorte de que minha avó fosse minha primeira discípula, porque não encontrei a nenhuma outra pessoa que fosse igual de singela. Encontrei-me com muita gente singela, muito próximos à simplicidade dela, mas a profundidade de sua simplicidade era tal que ninguém pôde superada, nem sequer meu pai. Ele era singelo, absolutamente singelo e muito profundo, mas não se podia comparar com

ela. Lamento dizê-lo, mas estava muito longe, e minha mãe está ainda mais longe; nem sequer se aproxima da simplicidade de meu pai.

Surpreenderão-lhes ao saber que -é a primeira vez que o revelo- meu Nani não só foi minha primeira discípula, mas também também foi minha primeira discípula iluminada, iluminou-se muito antes de que eu começasse a iniciar a gente ao sannyas. Nunca foi sannyasin.

morreu em 1970, o ano que comecei a iniciar às pessoas ao sannyas. Ela estava em seu leito de morte quando se inteirou de meu movimento. Embora eu não o pude ouvir, um de meus irmãos me comunicou que suas últimas palavras foram.. .

-É como se estivesse falando contigo -disse-me meu irmão-. Disse: «Fatia, agora começaste um movimento de sannyas, mas é muito tarde. Não posso ser seu sannyasin porque para quando chegar aqui já não estarei neste corpo, mas quero que lhe comuniquem que queria ser seu sannyasin.»

morreu antes de que chegasse, exatamente doze horas antes. Foi um comprido viaje de Bombay até esse pequeno povo, mas ela tinha insistido que ninguém tocasse seu corpo até que chegasse eu; então se faria o que eu decidisse. Se queria que a enterrassem, estava bem. Se queria que a incinerassem, também estava bem. Se queria que ocorresse outra coisa, então também estava bem.

Quando cheguei a casa não podia acreditar o que estava vendo: ela tinha oitenta anos e seguia parecendo muito jovem. Fazia doze horas que se morreu, mas ainda não havia nenhum sinal de deterioração. Disse-lhe:

-Nani, vim. Sei que esta vez não me poderá responder. Lhe estou dizendo isso só para que o ouça. Não tem que responder.

De repente, ocorreu quase um milagre! Não estava eu só ali presente, também estava meu pai e toda minha família. De fato, congregou-se toda a vizinhança. Todos viram como, depois de doze horas!, saiu rodando uma lágrima de seu olho esquerdo.

Os médicos -Devaraj, por favor, anota isto- tinham certificado sua morte. Bom, os mortos não choram; os vivos muitas vezes tampouco, os mortos muito menos! Mas uma lágrima caiu rodando de seus olhos. Me tomei como uma resposta; o que outra coisa podia supor? Dava fogo à fogueira, como era seu desejo. Não tenho feito isto nem sequer com o corpo de meu pai.

Na Índia é quase uma lei que o filho maior gosta muito fogo à pira funerária de seu pai. Eu não o fiz. No que respeita ao corpo de meu pai nem sequer fui a seu funeral. O último funeral ao que assisti foi o de meu Nani. Esse dia disse a meu pai -Escuta, Dada, não poderei vir a seu funeral. -Que tolices está dizendo? -perguntou-. Ainda estou vivo. -Já sei que está vivo, mas por quanto tempo? -disse-lhe-. Faz apenas um dia Nani estava viva, amanhã possivelmente você já não esteja. Não quero correr o risco. Quero te dizer agora mesmo que decidi que não voltarei a assistir a nenhum funeral depois do do Nani. De modo que te peço perdão, mas não vou a seu funeral. Como não estará aí te peço que me perdoe agora.

Ele o compreendeu embora estava um pouco aborrecido, mas disse: -De acordo, se isso for o que decidiste, mas, então, quem prenderá minha fogueira?

Esta pergunta é muito importante na Índia. Nesse contexto normalmente o faria o filho maior. -Já sabe que sou um vagabundo –lhe disse-, não possuo nada. Magga Baba, que era tremendamente pobre, tinha dois pertences: sua manta e seu magga, a taça. Eu não tenho pertences. Embora vivo como um rei, não possuo nada. Não tenho nada. Se um dia vier alguém e me diz: «Abandona este lugar no ato», irei imediatamente. Nem sequer terei que fazer as malas. Não tenho nada. Assim me

parti de Bombay. Ninguém acreditava que me pudesse ir tão facilmente, sem jogar a vista atrás.

Não pude ir ao funeral de meu pai, mas já lhe tinha pedida permissão de antemão, muito antes, no funeral de meu Nani. Meu Nani não era sannyasin, mas era sannyasin em muitos outros aspectos, em todos os aspectos exceto não lhe dava um nome. morreu vestida de laranja. Eu não lhe tinha pedido que se vestisse de laranja, mas o dia que se iluminou deixou de usar seu vestido branco.

Na Índia as viúvas se têm que vestir de branco. E por que só as viúvas? Para que não estejam formosas, é lógica natural. E se têm que barbear a cabeça! Note..., que descarados! Para que uma mulher esteja feia lhe obrigam a cortar o cabelo e não lhe permitem usar mais tinja que o branco. Tiram-lhe toda a cor a sua vida. Não pode ir a nenhuma celebração, nem sequer à bodas de seu filho ou de sua filha! As celebrações como tais lhe estão proibidas.

O dia que meu Nani se iluminou, lembro-me que foi -anotei-o, deve estar em algum lugar- e! 16 de janeiro de 1967. Digo, sem vacilar, que ela foi meu primeira sannyasin; e não só isso, foi meu primeira sannyasin iluminada.

Os dois são médicos, e conhecem bem ao doutor Ajit Saraswati. esteve comigo perto de vinte anos, não conheço ninguém que tenha estado comigo com tanta sinceridade. Causará-lhes surpresa saber que está aí fora esperando... e há muitas possibilidades de que esteja quase preparado para iluminar-se. veio a viver aqui, na comuna; deve-lhe ter resultado muito difícil, especialmente porque é hindu e deixa a sua mulher, a seus filhos e sua profissão. Mas não podia viver sem mim. Está disposto a renunciar a tudo. Está esperando fora. Esta será sua primeira entrevista, e sinto que também vai ser sua iluminação. O ganhou, e o ganhou com muito esforço. Não é nada fácil ser índio e estar comigo totalmente. Que horas são? -As nove menos quarto, Osho. me dêem cinco minutos. É tão imensamente belo... Não, isto é simplesmente fantástico. Não, a gente não deveria ser avaro. Não, eu sou uma pessoa conseqüente... constantemente, não... tenha em conta que não estou dizendo «não» como uma negação. O «não» é para mim uma das palavras mais formosas de seu idioma. Eu gosto. Não sei se lhe ocorre o mesmo a alguém mais, mas eu gosto.

Ambos são meus pacientes... e eu sou o doutor. É a hora. Tudo chegou a um ponto e final.

Sessão 17

De acordo. As primeiras palavras que pronunciou Ajit Saraswati ontem de noite foram: -Osho, nunca imaginei que o conseguiria.

É obvio, todos os que estavam pressentem pensaram que estava falando de dever viver na comuna. E isso também é verdade; é significativo, porque lembrança o primeiro dia que veio para ver-me faz vinte anos. Teve-lhe que pedir permissão a sua mulher só para ver-me uns minutos. Por isso, os que estavam pressentem devem ter entendido, naturalmente, que não contava podendo transladar-se, deixando a sua mulher, seus filhos e uma boa profissão. Renunciando a tudo só para estar aqui comigo..., é um genuíno sentimento de renúncia. Mas não é isso o que ele queria dizer, e eu lhe entendi.

-Ajit, eu também estou surpreso -disse-lhe-. Não é que não me esperasse isso; sempre aguardei, esperado e desejado este momento, e estou feliz de que tenha chegado.

Uma vez mais, outros devem ter pensado que estava falando de seu traslado aqui. Eu falava de outra coisa, mas ele o entendeu. Pude-o ver em seus olhos, que cada vez tinham um olhar mais inocente. Vi que tinha entendido o que quer dizer realmente estar com um professor. Significa voltar para a gente mesmo. Não pode significar a não ser realização de seu próprio ser. Seu sorriso era totalmente novo.

Estava preocupado por ele: estava-se voltando cada dia mais sério. Isto realmente me afetava, porque a seriedade para mim sempre foi uma palavra obscena, uma enfermidade, algo muito mais canceroso do que possa chegar a ser um câncer e, sem dúvida, muito mais contagioso que nenhuma enfermidade. Mas exalei um grande suspiro de alívio; tirei-me um peso do coração.

É uma das poucas pessoas pelas que teria que fazer girar de novo a roda se me muriese sem que se iluminou, teria que voltar a nascer. Embora seja impossível fazer girar a roda..., não conheço a mecânica de giro da roda, especialmente da roda do tempo. Não sou um mecânico, não sou um técnico; portanto, teria sido muito difícil para mim fazer girar a roda outra vez..., e não se moveu desde que tinha vinte e um anos.

Faz trinta e um anos se deteve a roda. Agora deve estar completamente oxidada. Embora lhe joguemos azeite não se solucionará. Nem sequer meus sannyasins podem fazer algo, não se trata da roda de um Rolls Royce. É a roda do carma, da ação, da consciência que implica cada ação. Eu já acabei com isso. Mas para um homem como Ajit tentaria voltar, custe o que custar.

decidi que não deixarei este corpo até que se iluminaram, ao menos, mil e meus discípulos, não antes disso. Devaraj, te lembre disto! Não vai ser muito difícil, já parece o trabalho básico, só é questão de ter um pouco de paciência.

Enquanto eu entrava, Gudia disse, ao escutar que Ajit se iluminou: -É curioso, de repente a iluminação está estalando por toda parte.

Tem que estalar em todas partes, esse é meu trabalho. E há mil e um pessoas que estão a ponto de estalar em qualquer momento. Basta uma ligeira brisa para que a flor se abra..., ou o casulo lhe abre seu coração ao primeiro raio de sol, algo.

Agora bem, o que é o que ajudou ao Ajit? Conheço-lhe há vinte anos e sempre fui carinhoso com ele. Nunca lhe golpeei, não foi necessário. antes de que eu lhe dissesse algo, ele já o tinha admitido. antes de dizê-lo, já o tinha ouvido. Nestes vinte anos ele me seguiu tão de perto como lhe foi possível. Ele é meu Mahakashyapa.

O que é o que provocou o que lhe aconteceu ontem à noite? Simplesmente, que não deixou que pensar em mim a todas as horas. Esse pensamento desapareceu assim que me viu, e era o único pensamento que lhe tinha estado rondando como se fosse uma nuvem. Não acredito que entendesse o significado exato de suas palavras! demora-se um tempo, e as palavras surgem tão súbitamente. Só disse, como apesar de si mesmo: -Nunca pensei que seria capaz de consegui-lo.

-Não se preocupe -disse-lhe-. Eu sempre tive a certeza de que ocorreria, antes ou depois, mas ocorreria.

Ele parecia um pouco desconcertado. Falava de vir e eu falava de acontecer. Então, exatamente como quando se abre uma janela e vê, do mesmo modo, abriu-se uma janela e viu. prostrou-se a meus pés com lágrimas nos olhos e um sorriso em seu rosto. É formoso ver como se fundem lágrimas e sorrisos. É uma experiência em si mesmo.

Não pude concluir a história que tinha começado, por causa do Ajit Saraswati. Ele tinha estado à volta da esquina tanto tempo, que de algum modo me tinha acostumado a ele. Lembram-lhes do dia que lhes falei do Ajit Mukherjee, o famoso

escritor de tantra, o autor da arte tántrico e Pinturas tántricas" Disse, e podem consultar seus apontamentos..., quando disse «Ajit» não pude dizer «Mukherjee». Para mim «Ajit» sempre foi «Ajit Saraswati». De modo que quando falei do Ajit Mukherjee, primeiro pinjente «Ajit Sarasw...», depois retifiquei. Tinha começado a dizer «Saraswati» e cheguei a dizer «Sarasw...», depois disse «Mukherjee».

Ele esteve presente, sem interferir em modo algum, justo à volta da esquina, esperando, simplesmente observando. Uma confiança assim é pouco comum, embora haja milhares de sannyasins comigo que têm a mesma classe de veneração. Sabendo-o ou não, isso não tem importância; o que importa é que a veneração esteja presente.

Ajit Saraswati tem uma formação hindu; portanto, é natural que lhe resulte mais fácil ter esse tipo de veneração, de confiança. Embora se educou no Ocidente; provavelmente, por isso se pôde aproximar de mim. Uma base hindu e uma mente científica ocidental..., é um estranho fenômeno ter estas duas coisas juntas, e ele é único.

E Gudia, detrás dele virão mais. Sim, vão estalar! Aqui, ali e em todas partes. Têm que estalar logo porque não fica muito tempo. Mas o som de um homem estalando na existência não é igual ao som da música pop, nem o da música clássica; é música pura, não se pode classificar..., nem sequer se pode ouvir, só se pode sentir.

Agora, vêem que disparate? Estou falando de uma música que só se pode sentir e não se pode ouvir. Sim, estou falando disso; isso é a iluminação. Tudo se volta silêncio, como se a rã do Basho nunca tivesse saltado ao velho lago..., nunca, nunca..., como se no lago nunca tivesse havido ondas, refletindo o céu eternamente, sereno.

Este haiku do Basho é precioso. Repito-o tantas vezes porque sempre é novo, sempre está carregado de um significado novo. É a primeira vez que digo que a rã não saltou, que não há um plop. O velho lago não é nem velho nem novo; não sabe nada do tempo. Não há ondas na superfície. Nele pode ver todas as estrelas mais elogiadas, mais esplêndidas do que estão no céu. A profundidade do lago contribui enormemente a sua exuberância. voltam-se quase da mesma matéria da que parecem os sonhos.

Quando estala à iluminação, então te dá conta que a rã não tinha saltado..., que o velho lago não era velho. Então, sabe o que é.

Tudo isto o digo de passagem. Mas antes de que me esqueça...; a pobre historia que comecei ontem. Vós pensarão que não me lembrava, mas me posso esquecer de tudo exceto de uma bonita história. Inclusive quando me mora, se quiserem que fale me pergunte algo sobre alguma história, possivelmente uma fábula do Esopo, Panchtantra, Os contos da Jataka ou, simplesmente, as parábolas do Jesus.

Dizia ontem..., tudo começou com a metáfora de «uma morte de cão». Disse que o pobre cão não tinha nada que ver. Mas detrás dessa história há uma metáfora, e posto que há milhões de pessoas que vão ter uma morte de cães vale a pena entendê-la. Possivelmente já a conheçam. Acredito que todos os meninos a ouviram; é muito singela.

Deus criou o mundo: homem, mulher, animais, árvores, pássaros, montanhas e tudo. Talvez fora comunista. Pois isso não está bem; ao menos Deus não devia ser comunista. Não faria boa impressão se lhe chamassem «Camarada Deus»: «Como está, Camarada Deus?» Simplesmente, não soa bem. Mas a história conta que lhe deu vinte anos de vida a todo mundo. Todos receberam o mesmo. Como era de

esperar, o homem se levantou imediatamente e disse: -Só vinte anos? Não é suficiente.

Isso demonstra algo sobre o homem: que nada é suficiente. Nunca é suficiente. A mulher não se levantou. Isto também demonstra algo a respeito da mulher. Está satisfeita com as coisas pequenas. Seus desejos são muito humanos; não está pedindo as estrelas. Em realidade, ri de todos os esforços do homem por alcançar o Everest, a Lua ou Marte. Não entende o que é todo esse disparate. por que não vamos ver o que há na televisão agora? Que eu saiba, ver a televisão...

Ashu olhe ao chão. Não te envergonhe. Não estou falando contra as mulheres que olham a televisão. Falo de mim mesmo. Acredito que as mulheres olham a televisão só pela publicidade, por nada mais; um novo sabão, um novo xampu, um carro novo... o novo, algo nova.

Na publicidade todo é novo. Em realidade, trata-se de coisas velhas que voltam a empacotar uma e outra vez. Sim, a embalagem é nova, a etiqueta é nova, o nome é novo. Mas a uma mulher interessa uma máquina de lavar roupa, uma geladeira ou uma bicicleta nova. A mulher está interessada no imediato.

Nesta história, ela não se levantou e disse a Deus:

-Como! Só vinte anos?

De fato, quando o homem ficou de pé, a mulher deve ter estado atirando dele e lhe dizendo:

-Sente-se, homem. por que está resmungando, sempre resmungando? Venha, velho resmungão, sente-se. Mas o homem se manteve firme e disse: -Resisto com todas minhas forças a aceitar esta imposição de viver só vinte anos. Necessito mais.

Deus tinha todas as de perder. Posto que era comunista, o que podia fazer? Tinha distribuído os anos equitativamente. Mas os animais eram mais pormenorizados que este companheiro comunista. O elefante riu e disse: -Não se preocupe. Dou-te dez anos de minha vida, porque vinte anos é muito. O que vou fazer com vinte anos? Basta-me com dez.

De modo que o homem recebeu dez anos da vida do elefante. Neste período entre os vinte e os trinta é quando o homem se comporta como um elefante. Estes são os anos nos que aparecem os hippies e os yippies e outras tribos parecidas. Deveriam ser chamados «os elefantes» em todo mundo..., pensam muito em si mesmos.

Então, levantou-se o leão e disse: -Por favor, aceita dez anos de minha vida. Para mim dez anos é mais que suficiente. Entre os trinta e os quarenta anos o homem ruge como um leão, como se fosse Alejandro Magno. Nem sequer Alejandro era um verdadeiro leão, ou seja que como serão outros? Entre os trinta e os quarenta anos, todos os homens, a sua maneira, comportam-se como leões.

Então se levantou o tigre dizendo: -Já que todo mundo está contribuindo para o pobre homem eu contribuirei com outros dez anos de minha vida. Entre os quarenta e os cinqüenta anos o homem se comporta como um tigre, muito diminuído em comparação com o leão, muito barbeado, como um gato grande, mas segue com o velho costume de fanfarronear.

Depois se levantou o cavalo e contribuiu com outros dez anos. Entre os cinqüenta e os sessenta anos, o homem leva todo tipo de cargas. Não é mais que um cavalo. Mas não um cavalo qualquer, a não ser um extraordinário cavalo carregado com montanhas de preocupações, mas sua vontade é tal que segue atirando para diante.

Aos sessenta o cão contribuiu com dez de seus anos, e por isso se diz que é «uma morte de cão». Esta história é uma das parábolas mais belas. Entre os sessenta e os

setenta o homem vive como um cão, ladrando a tudo o que se move. Encontra qualquer desculpa para ladrar.

A história não vai além dos setenta anos porque se contou, originalmente, antes de que o homem tivesse umas expectativas de vida superiores aos setenta anos. Setenta anos é a idade convencional. Se for um homem convencional deverá consultar um calendário e morrer exatamente aos setenta anos. mais disso já seria moderno. Viver até os oitenta, os noventa ou inclusive até os cem anos é ultra-moderno, é ser um rebelde, é ser um extraviado.

Sabem que na América há gente que está congelada em depósitos porque padecem enfermidades incuráveis? Incuráveis até a data, possivelmente dentro de vinte anos tenhamos encontrado um remédio. De modo que, embora podiam ter vivido alguns anos mais com a enfermidade, decidiram ser congelados; a sua própria costa, tenham em conta. Na América sempre é a sua própria costa. Estão pagando embora estejam congelados, quase mortos. Tiveram que pagar de antemão os próximos vinte anos adiantado, para que estes corpos possam permanecer congelados. É obvio, é um assunto caro. Só o pode permitir a gente muito rica. Parece-me que a manutenção de um corpo congelado costa quase mil dólares ao dia. Têm a esperança, melhor dizendo, tinham a esperança de que quando se encontrasse o remédio seriam descongelados, devolvidos à vida e curados.

Estão esperando, os pobres ricachones; há, ao menos, vários centenares de pessoas em todo a América esperando. Isto lhe dá um novo sentido à palavra «esperar». É uma nova forma de esperar, sem respirar, mas esperando. É realmente como esperar ao Godot, e além disso pagando.

É uma velha história, daí os setenta anos proverbiais. «Uma morte de cão» significa a morte de um homem que viveu como um cão. Mas não lhes ofendam se forem amantes dos cães. Os cães são boa gente. Mas «viver como um cão» significa que só vive para ladrar, desfrutando dos latidos, sem perder a oportunidade de uivar. Viver como um cão significa não viver uma vida humana, a não ser infrahumana, menos que humana. E o que vive como um cão está destinado a morrer como um cão.

Obviamente, não pode ter uma morte que não te mereça. Repito: não pode ter uma morte que não te mereça, para a que não tenha estado trabalhando toda sua vida. A morte pode ser um castigo ou uma recompensa; tudo depende de ti. Se viver levianamente, então sua morte só será a de um cão. Os cães são sisudos, muito intelectuais. Se viver intensamente, intuitivamente, do coração, inteligentemente, não intelectualmente; se permitir que todo seu ser esteja comprometido em tudo o que faz, então pode morrer com a morte de um deus.

me permitam cunhar outra frase, o contrário de uma «morte de cão»: «Uma morte de deus.» Como vêem, cão, dog, e deus, god, compõem-se das mesmas letras, escritas em distinta ordem. A mesma matéria do reverso se converte em «cão»; do direito se converte em «deus». A matéria da existência, seu ser, é

a mesma; não importa se te põe de pé sobre a cabeça ou sobre os pés. Sim importa em um aspecto: te põe cabeça abaixo sofrerá. E se começar a andar sobre a cabeça, poderá-te fazer uma idéia do que é o sétimo inferno. Mas pode dar um salto e te pôr de pé, ninguém lhe está impedindo isso!

Esta foi tudo meu ensino: Salta! Não ponha cabeça abaixo, ponha de pé. Sei natural! Então viverá como um deus. E é obvio, um deus morre como um deus. Um deus vive como um deus e morre como um deus. E quando digo deus quero dizer simplesmente professor da gente mesmo.

Sessão 18

Sigmund Freud estava entrevistando a um de seus pacientes. Pediu ao homem que estava tendido no divã:

-Olhe através da janela. Pode ver o mastro da bandeira no edifício que há ao outro lado da rua?

-É obvio -disse o ancião-. Pensa você que estou cego? Posso ser um ancião, mas posso ver o mastro, a bandeira e todo o resto. Que tipo de pergunta é esta? Acaso lhe estou pagando por fazer esse tipo de perguntas?

Freud respondeu:

-Espere. Assim é como funciona o psicanálise. me diga a que lhe recorda o mastro.

O ancião começou a rir. Freud ficou muito contente. Muito timidamente, o ancião lhe disse:

-Recorda-me ao sexo.

Freud queria provar sua nova teoria com todo mundo, e isto era uma confirmação.

-Compreendo -disse-lhe-. O mastro não é outra coisa que um símbolo fálico. Não precisa preocupar-se, é totalmente certo.

O ancião seguia sonriendo quando Freud lhe perguntou:

-O que lhe recorda este divã?

O ancião pôs-se a rir e disse:

-Isto é muito psicanálise! Para isto vim? Para isto lhe paguei adiantado?

Tenha em conta que Freud estava acostumado a cobrar sua minuta adiantado, porque quando está tratando com todo tipo de loucos, não pode depender deles na hora de pagar mais tarde. Terá que cobrar antes de que comece o tratamento.

De fato, ninguém no mundo, incluído o mesmo Sigmund Freud, há-se psicoanalizado totalmente, pela singela razão de que é impossível. Pode seguir e seguir até a náusea. por que? Porque não são mais que pensamentos insustanciales. Um pensamento te leva a outro pensamento, e assim sucessivamente; não se acaba nunca. Não houve nunca nem um só psicanalista que possa dizer que foi totalmente psicoanalizado. Sempre fica algo, e esse algo é muito maior que o pequeno fragmento com o que estiveste jogando em nome do psicanálise.

O ancião se estava começando a zangar um pouco. Freud lhe disse:

-É a última pergunta, assim não se zangue. É obvio, o divã lhe recorda ao sexo; o recorda a todo mundo, não há nenhum problema, não se zangue. Só esta última pergunta:

O que é o que pensa quando vê um camelo?

Ao ancião lhe deu um ataque de risada, ria tão forte que tinha que agarrar o estômago com as duas mãos.

-meu deus! -disse-. Nunca tinha pensado que o psicanálise tivesse algo que ver com os camelos. Mas, por uma estranha coincidência, o outro dia fui ao zoológico, e pela primeira vez em minha vida vi um camelo, e aqui está este senhor que vai e pergunta a que me recorda um camelo! O camelo, é obvio, recorda-me ao sexo, filho de puta.

Agora tocava ao Freud ficar desconcertado. Camelo? Não se podia figurar como podia um camelo lhe recordar a alguém a sexo! Um camelo? Nem sequer ele,

Sigmund Freud, tinha pensado nunca isso de um camelo. Só era uma pergunta. Ele se esperava que o homem lhe respondesse:

-Não recorda a nada em particular. Só é um camelo. Deveria me recordar algo?

-destruíste toda minha alegria -disse Freud-. Acreditava que estava confirmando minha teoria, mas não me posso imaginar como um camelo te pode recordar o sexo.

O homem riu inclusive mais alto que antes: -Idiota! Não entendeste nada? Não se preocupe do estúpido camelo. Tudo me recorda ao sexo, inclusive você! O que lhe vou fazer? Esse é meu problema. Por isso vim. Essa é minha obsessão.

Contei-te esta historia para te explicar o que significa a palavra «obsessão». E o mundo inteiro se pode dividir em duas categorias: a gente que está obcecada com o sexo e a gente que está obcecada com a morte. Esta é a autêntica linha de demarcação entre o Oriente e Ocidente. Não é uma divisão geográfica, a não ser algo muito mais importante que a geografia.

Contei-te como a língua inglesa segue incorporando palavras de outras línguas. «Geografia» é uma palavra, como muitas outras, emprestada do árabe. Em árabe é muito formosa, é jugrafia, não «geografia». Mas seja geografia ou jugrafía, não pode ser a linha divisória. Terá que entender a parte psicológica.

Oriente está obcecado com a morte, Ocidente com o sexo. O materialista está exposto a estar obcecado com o sexo, e o espiritual com a morte, e ambas as som obceque. E viver uma vida com qualquer obsessão, oriental ou ocidental, é como viver sem viver..., é desperdiçar por completo esta oportunidade. Oriente e Ocidente são as duas caras da mesma moeda, como o sexo e a morte. O sexo é a energia, o começo da vida; e a morte é a culminação da vida.

Não é uma coincidência que milhões de pessoas nunca tenham conhecido o que é um orgasmo de verdade. Pela singela razão de que não pode saber o que é o orgasmo, a menos que esteja disposto a entrar em um tipo de morte. E ninguém quer morrer, todo mundo quer viver, renovar a vida uma e outra vez.

No Oriente, a ciência não encontrou onde pôr o pé, porque quando a gente está tratando de deter a roda, quem está disposto a estudar a ciência? ou quem está disposto a escutar? A quem lhe importa? Para que? Terá que deter a roda. Entretanto, isso o pode fazer qualquer parvo, basta pondo uma pedra no caminho. Não necessita muita tecnologia para parar uma roda, mas para movê-la necessita da ciência.

A busca mais consistente da ciência vai dirigida a encontrar a causa do movimento da existência, em outras palavras, encontrar algum mecanismo que se mova eternamente de forma espontânea, sem necessidade de combustível, sem nenhum gás; um movimento perpétuo, constante, sem a ajuda de energia alguma porque qualquer fonte de energia, mais logo ou mais tarde, esgota-se, e então a roda se detém. A ciência está procurando a maneira de manter a roda em movimento eternamente, encontrar um movimento que seja independente de qualquer fonte de energia.

No Oriente, a ciência nunca arrancou; o carro nunca arrancou. Não havia ninguém interessado em arrancá-lo; estavam muito preocupados em como parado, porque ia rodando costa abaixo. No Oriente aconteceu uma coisa totalmente diferente que com segurança não tinha acontecido nunca no Ocidente: o tantra. Oriente pôde explorar o centro mais profundo da energia sexual sem nenhuma inibição, sem nenhum medo. Não estava preocupado absolutamente pelo sexo. Em realidade, não acredito que a história que lhes contei seja verdade.

Tenho a sensação de que Sigmund Freud deveu que estar em seu lavabo olhando-se ao espelho, falando sozinho. O ancião no divã não é outro que o mesmo Sigmund Freud. Se os seu livro te convencerá do que te estou dizendo. Todo o interesse do Freud estava em e! sexo; tudo tinha que reduzir-se ao sexo. foi a pessoa mais obcecada com o sexo em toda a história de! homem e, infelizmente, dominou a assim chamada psicologia, e! psicanálise e muitos outros tipos de terapias. converteu-se em uma figura paterna.

É estranho que um homem como Sigmund Freud, que sofreu todo tipo de medos e fobias, tenha podido converter-se na figura chave de todo este século. Tinha muito medo. Naturalmente, tenha em conta que se te obcecar algo, já seja o sexo ou a morte, estas são as duas categorias mais importantes... Há milhares de coisas no mundo, mas todas se podem incluir nestas duas categorias. Se está obcecado com qualquer destas dois é totalmente ignorante, e permanecerá cheio de medo; de fato, terá medo à luz, porque em sua escuridão criaste seu próprio mundo de teorias, dogmas e todo isso. Dará-te medo a luz de um homem com um abajur..., um homem como Diógenes entrando nu com um abajur incluso a plena luz de! dia.

Algumas vezes penso que teria sido bom para o Sigmund Freud se Diógenes tivesse entrado em sua assim chamada consulta, com seu abajur ainda brilhando forte; é obvio nu, porque sempre ia nu. O encontro teria produzido algo de imenso valor. A gente como Sigmund Freud lhe tem medo à luz; por isso Diógenes estava acostumado a levar seu abajur. Sempre que alguém lhe perguntava por que levava o abajur durante o dia, respondia:

-Estou procurando um homem e não o encontrei ainda.

Justo um momento antes de morrer, alguém lhe perguntou:

-Diógenes, antes de deixar o corpo, por favor, nos diga: encontraste já a seu homem?

Diógenes riu e disse:

-Sinto lhes dizer que não pude encontrá-lo. Mas devo dizer uma coisa: ainda tenho meu abajur, ninguém me roubou isso e isso está muito bem.

Sigmund Freud estava obcecado, mas continua representando toda a atitude ocidental. Por isso Carl Jung não pôde ficar muito com ele. A razão é simples: a obsessão do Jung não era o sexo, a não ser a morte. Ele necessitava um professor no Oriente, não no Ocidente. Entretanto, é tal a complexidade das coisas que estava muito orgulhoso do Ocidente; tanto que, quando visitou a Índia, alguém lhe sugeriu que fora a ver a Ramana Maharshi, que estava ainda vivo, e Jung não foi. Só estava a uma hora de avião... e se foi a todos outros lugares. Esteve na Índia durante vários meses, mas não teve tempo de visitar a Ramana Maharshi. Uma vez mais, a razão é muito simples: necessitam-se guelra para ver um homem como Ramana. Ele é um espelho. Ensinará-te seu verdadeiro rosto. Arrancará-te todas suas máscaras.

Realmente, odeio a este homem, Jung. Poderia condenar ao Freud, mas não lhe odeio. Poderia estar equivocado, mas era um gênio. Era um gênio, apesar de que fez algo que não posso apoiar porque sei que não é correto. Mas este outro homem, Jung, era um pigmeu; não lhe pode comparar com o Freud. Além disso, também era um Judas: traiu a seu professor.

O próprio professor estava equivocado, mas esse é outro assunto. Correto ou equivocado, Freud tinha escolhido ao Jung como seu discípulo principal; entretanto, este só demonstrou ser um Judas. Não era da mesma talha que Freud. A verdadeira razão pela que se separaram -e nunca vi que nenhum freudiano ou jungiano a mencione, estou-o dizendo pela primeira vez -é que a obsessão do Jung

era a morte, e a do Freud o sexo. Não puderam permanecer juntos durante muito tempo, tiveram que separar-se.

Oriente esteve ocupado morbosamente durante milhares de anos, de algum modo, em desfazer-se da vida. Sim, chamo-o morboso. eu adoro chamar as coisas por seu nome. Uma espada é simplesmente uma espada, nem mais nem menos. Só quero expor o fato. Oriente sofreu muito por culpa desta morbosidad, pensando constantemente em como evitar a vida do momento de nascer. Acredito que é a obsessão mais antiga do mundo. Muitas pessoas da mesma talha do Sigmund Freud viveram sob sua influência, fortaleceram-na e alimentou.

Não recordo nem um só homem que se elevasse em seu contrário. Todos estiveram de acordo nisto, apesar de que não estavam de acordo em nada mais: Mahavira, Manu, Kanad, Gautama, Shankara, Nagarjuna, a lista é quase infinita. Todos eles muito superiores ao Sigmund Freud, C. G. Jung ou Adler, e aos muitos bastardos que deixaram detrás.

Mas ser um gênio, inclusive um grande gênio, não significa necessariamente que esteja no certo. Às vezes um simples granjeiro poderia ter mais razão que um grande erudito. Um jardineiro poderia ter mais razão que um professor. A vida é muito estranha; sempre visita mais simples, ao mais amoroso. Oriente se equivocou e Ocidente também. Ambos estão desequilibrados.

Tinha que falar disso porque esta é uma de minhas contribuições mais importantes: o homem não deveria estar preocupado pelo sexo nem pela morte. Deveria liberar-se de ambas as obsessões; só então sabe, e sabe que, apesar do estranho que pareça, não são diferentes. Cada momento de amor profundo também o é de profunda morte. Cada orgasmo é também um final, uma parada total. Algo sobe às alturas, touca as estrelas e faça o que faça, nunca voltará a ser o mesmo. Em realidade, quanto mais faz, mais se afasta.

O homem vive quase como um rato, escondido em seu buraco. Pode chamado ocidental, oriental, cristão, hindu; existem milhares de buracos aproveitáveis para todo tipo de ratos. Mas viver em um buraco, embora esteja decorado, pintado, quase como uma catedral, como um formoso templo ou uma mesquita, segue sendo um buraco. E viver nele é estar cometendo um lento suicídio, porque não nasceste para ser um rato. Sei um homem. Sei uma mulher.

até agora, tudo foi acontecendo inconscientemente, naturalmente, mas agora a natureza não pode fazer nada mais. Pode vê-lo? Darwin diz que o homem descende do macaco. Possivelmente tenha razão. Eu penso que não, por isso digo que possivelmente tem razão. Mas que aconteceu então? Os macacos não se estão convertendo em homem..., de repente não vê um macaco convertendo-se em homem e demonstrando a teoria do Darwin.

A nenhum macaco interessa Charles Darwin. Nem sequer acredito que tenham lido seus pouco poéticos livros. De fato estão -suponho que devem estar-- zangados, porque Darwin pensa que o homem evoluiu. Nenhum macaco pode acreditar-se que o homem está mais evoluído que ele. Todos os macacos, e me acredite, relacionei-me com todo tipo de gente, macacos incluídos, acreditam que o homem é um macaco cansado..., cansado das árvores. Não podem pensar que seja uma evolução. Terá que estar de acordo comigo em uma nova palavra: involução. Possivelmente Darwin estava no certo, mas então, o que aconteceu? te esqueça dos macacos, não temos nada que ver com eles.

O que lhe aconteceu ao homem? passaram milhões de anos e o homem segue sendo o mesmo. deteve-se a evolução? por que motivo? Não acredito que nenhum darwiniano seja capaz de responder, e quero que saiba que estudei ao Darwin e a

seus seguidores tão a fundo como é possível. Digo «possível» porque não tem muita profundidade. O que lhe vamos fazer? Mas nem um só darwiniano responde a esta pergunta básica: se a evolução for a lei da existência, por que o homem não evoluiu para um super-homem? Ou pelo menos a algo melhor? Não o chame súper; parece uma palavra muito grande para associá-la a homem. por que o homem não é simplesmente um poquito melhor?

Mas não houve nenhuma mudança durante séculos. De acordo com o que sabem os historiadores, o homem foi sempre igual, tão feio como hoje. De fato, se se pode dizer que trocou em algo, é que se tornou mais feio. Sim, estou dizendo o que ninguém parece dizer. Os políticos não podem dizê-lo porque os votos pertencem aos macacos. Os supostos filósofos não podem dizê-lo porque estão esperando o Prêmio Nobel, e o jurado está composto por bonitos. Se disser a verdade, terá os mesmos problemas que tenho eu agora. Desde que tenho uso de razão, não conheci nem um só dia sem problemas. No interior não há nenhum problema; todo problema cessou. Mas no exterior há problemas a cada momento. Inclusive se te associa comigo te meterá em problemas.

O outro dia, por exemplo, chegou-me a mensagem de que um de nossos centros tinha sido atacado. Romperam todas as janelas durante um ataque em turba. A gente se levou o que quis. E imediatamente depois queimaram o centro.

Agora bem, minha gente não tem feito mal a ninguém; unicamente se reuniam e meditavam. Inclusive a polícia fez esta declaração: «É estranho, porque levamos dois anos observando a esta gente, e são totalmente inocentes. Não são nem políticos nem ideólogos, simplesmente estão desfrutando. Não tem explicação o porquê lhes queimam suas casas.» A polícia poderia não encontrar uma explicação, porque a explicação está aqui, tombada nesta poltrona de dentista.

Não conheci nem um só dia que não houvesse um problema ou outro; e é o mais difícil de compreender, porque não estivemos fazendo machuco a ninguém. Não lhe feito mal a ninguém; minha gente não lhe tem feito mal a ninguém..., mas possivelmente esse seja seu crime. A máfia está bem; eu não, nem você tampouco. Este mundo, obcecado com o sexo ou com a morte, vai seguir sendo morboso, doente. Se queremos ter uma humanidade total, saudável, então teremos que pensar em términos totalmente diferentes.

O primeiro que quero dizer é: aceita tudo o que já está aqui. O sexo não é sua criação, graças a Deus; de outro modo, todo mundo estaria usando um tipo diferente de mecanismo, e haveria uma frustração tremenda porque esses mecanismos não se ajustariam absolutamente. Não se ajustam nem sequer quando são exatamente iguais; não harmonizam quando estão feitos para estar em harmonia. Se todo mundo tivesse que inventar sua própria sexualidade existiria um caos tremendo. Não pode nem imaginar o Está bem que já venha completamente equipado, com tudo o que potencialmente vais ser.

E a morte também é uma coisa muito natural. Pensa só por um momento: se tivesse que viver para sempre, o que faria? Recorda, não poderia suicidarte. Sempre me gostou da busca do Alejandro Magno do segredo da vida eterna... Finalmente, encontrou-a no deserto da Arábia. Que alegria! Que êxtase! Deveu ficar a dançar. Mas justo nesse momento o corvo disse:

-Espera, espera um momento antes de beber esta água. Não é uma água normal. Eu a bebi, ai de mim! Por isso agora não posso morrer. tentei todos os métodos mas nada me funciona. O veneno não pode me matar. Golpeio minha cabeça com uma pedra, mas a pedra se rompe e não me faço mal. antes de te decidir a beber a água, pense-lhe isso duas vezes.

A história conta que Alejandro saiu correndo afastando-se da cova para escapar à tentação de beber a água.

O professor do Alejandro Magno não era outro que o grande Aristóteles, o pai da filosofia européia e da lógica. De fato, Aristóteles foi o pai de todo o pensamento ocidental. Um grande pai! Sem ele não teria existido a ciência, nem é obvio Hiroshima ou Nagasaki. Sem o Aristóteles não se pode conceber Ocidente. Aristóteles era o professor do Alejandro, e os professores sempre me pareceram muito pobres.

Em minha infância recordo ter visto um livro, não posso recordar qual, ou possivelmente fora em um filme, em que Aristóteles estava ensinando ao Alejandro, e o moço disse:

-Agora mesmo não quero aprender nada; quero montar a cavalo. Feixe de cavalo para mim.

Ou seja que o pobre Aristóteles teve que fazer de cavalo. ficou a quatro patas enquanto Alejandro se sentava em suas costas e o cavalgava. E este era o homem que ia se converter no pai da filosofia ocidental! Que tipo de pai...?

Ao Sócrates nunca lhe chamou pai da filosofia ocidental. Sócrates, é obvio, foi o professor do Platón, e Platón foi o professor do Aristóteles. Mas Sócrates foi envenenado porque não era apetitoso, não era fácil de digerir. Ocidente queria esquecer-se dele totalmente. Ele poderia ter criado a síntese da que estou falando. Se não tivesse sido envenenado e lhe tivessem escutado; se sua busca da verdade se converteu na base, estaríamos vivendo em um mundo totalmente diferente. Não se pensou que Platón fora o pai, porque lhe associava muito com o Sócrates. De fato, não sabemos nada do Sócrates excetuando o que Platón escreveu sobre ele.

Assim como Devageet está tomando apontamentos, do mesmo modo Platón devia estar constantemente tomando apontamentos de seu professor. Platón não é aceito porque só é a sombra do Sócrates. Aristóteles é o discípulo do Platón, mas é um Judas. Ao princípio foi um discípulo, e aprendeu o que o professor tinha que ensinar; depois se converteu em um professor por direito próprio. Mas era um professor muito pobre, um assalariado do rei para ser o professor de seu filho. É tão feio saber que esteve disposto a fazer de cavalo para o Alejandro! Quem está ensinando a quem? Quem é realmente o professor?

Eu era professor de universidade. Sei que Alejandro cavalgando para o Aristóteles rebate o fato de que ele fora o pai da filosofia ocidental. Se ele for o pai, então toda a filosofia ocidental está órfã, é um menino adotado pelos missionários cristãos, possivelmente pela mãe Teresa da Calcuta. Essa grande mulher pode fazer algo! Sinto-o pelo Aristóteles. Não posso encontrar outra palavra para ele. Sinto-me envergonhado porque também fui professor.

O primeiro que estava acostumado a dizer a minha classe cada dia era: «Não lhes esqueçam, aqui sou o professor. Se não me querem escutar, simplesmente lhes perca. Se querem me escutar, então escutem. Étoy disposto a responder todas suas perguntas, mas não tolerarei nenhum ruído, nem sequer um murmúrio. Se tiver aqui uma noiva, sal agora mesmo, e te dou permissão para que vá com ela. Quando estou falando, só eu estou falando, e você está escutando. Se quer dizer algo, levanta a mão e manten levantada, porque não significa que quando quiser fazer uma pergunta tenha que responder necessariamente nesse momento. Não estou aqui para te servir. Não sou Aristóteles. Nem o mesmo Alejandro poderia me converter em um cavalo.»

Esta era minha introdução cada dia, e estou contente de que o entendessem. Não ficava outro remédio. Por isso algumas vezes me ponho severo contigo,

Devageet, sabendo muito bem que tem que usar seus botões, e é inevitável que façam ruído. O que pode fazer? Sei muito bem. É só um velho hábito.

Nunca falei se não ser em um silêncio total. Sabem, durante anos me escutastes. Conhecem o silêncio do Buda Hall. Só nesse silêncio... Seu dito inglês está cheio de sentido: «O silêncio é tão profundo que inclusive pode ouvir o ruído de uma agulha ao cair no chão.» Sei, mas é que estou acostumado ao silêncio.

O outro dia, quando saí da habitação, não tinha muito bom aspecto. Mais tarde, durante o dia, senti-me mau, realmente me doeu. Nunca quis te ferir, é só um velho costume, e já não pode me ensinar novos truques. fui além da possibilidade de ser ensinado.

Quando cheguei a América comecei a conduzir de novo, e sentados comigo no carro, de vez em quando, a gente estava acostumada sentir-se incômoda. Não sou condutor, nem muito menos um bom condutor, de modo que, naturalmente, fiz tudo o que estava mau. Embora tratavam de não interferir, podia compreender seu problema. controlavam-se a si mesmos. Estava conduzindo e tratavam de controlar-se, foi uma cena magnífica. Mas apesar de tudo, de vez em quando se esqueciam e começavam a me dizer algo sobre o que, freqüentemente, tinham razão. Não tenho nada que dizer sobre isso. Mas correto ou equivocado não me importa, quando estou conduzindo, estou conduzindo. Se estou indo mau, então, estou indo mau. Durante quanto tempo poderiam controlar-se? Era perigoso, e não estavam preocupados com sua segurança. Estavam preocupados com minha segurança, mas o que podia fazer eu? Só podia constatar o fato de que estava conduzindo mau e que ia continuar fazendo-o. Particularmente neste momento não queria ser ensinado. Não era nenhum egoísmo.

Simplesmente sou assim. Pode-me dizer onde me equivoco e estou disposto a te escutar. Mas quando estou fazendo algo, ódio as interferências. Apesar de que a intenção poderia ser boa, não a quero inclusive nem para meu próprio bem. Prefiro morrer conduzindo mal que ser salvado pelo conselho de alguém. Assim é como sou e é muito tarde para trocar.

Surpreenderá-te saber que sempre foi muito tarde. Inclusive quando só era um menino já era muito tarde. Só posso fazer as coisas da maneira que eu gosto; correto ou incorreto, não tem importância. Se coincidir que é correto, bem; se não coincidir que é correto, então muito melhor.

Algumas vezes poderia ser duro contigo, mas não é minha intenção. É só um velho costume, com mais de trinta anos, de ensinar em completo silêncio. Não posso esquecido.

ia insistir só em uma coisa e ia falar disso manhã. E é que não estou contra liberar-se da roda, mas estou contra estar obcecado em pará-la. detém-se ela sozinha, não porque você a pares. Só se pode parar se fizer algo distinto. A este algo distinto o chamo meditação.

Sessão 19

De acordo. Hei dito «de acordo» um pouco antes de tempo, porque me estava começando a afetar sua preocupação. Não se preocupe, pelo menos ao princípio; ao princípio me deixe falar. Se está preocupado, obviamente direi: «De acordo», embora não esteja de acordo absolutamente.

depois de que meu avô morrera estive outra vez afastado de meu Nani, mas logo retornei ao povo de meu pai. Não é que quisesse, foi mais como este «De acordo»

que hei dito ao princípio..., não é que queria dizer: «De acordo» mas não posso ignorar a preocupação de outros, e meus pais não me foram permitir voltar para a casa de meu avô morto. Minha mesma avó não queria voltar comigo, e como eu era um menino de sete anos, aquilo não tinha muito futuro.

Uma e outra vez me via mesmo retornando à velha casa, só no carro de bois... Bhoora falando com os bois. Ele, ao menos, teria tido um pouco de companhia. Eu teria estado sozinho dentro do carro de bois, pensando no futuro. O que faria ali? Sim, teria meus cavalos, mas quem lhes daria de comer? De fato quem ia dar de comer para mim? Nem sequer aprendi a arte de como fazer uma taça de chá.

Um dia Gudia se foi de férias e Chetana estava cumprindo suas obrigações aqui, me servindo. Pela manhã, quando me acordado, apuro o botão para pedir um chá. Chetana me trouxe isso e colocou a taça ao lado de minha cama; então, foi ao banho para preparar minha toalha e a escova de dentes, e tudo o que necessito. Enquanto isso, pela primeira vez em dez anos, já se sabe -a gente tem que aprender pequenas coisas-, tratei de recolher a taça do chão, ¡Y me caiu!

Chetana veio correndo, naturalmente, assustada. Disse-lhe: -Não se preocupe, foi minha culpa. Não deveria ter feito uma coisa assim. Nunca necessitei recolher minha taça do chão. Gudia me esteve consentindo durante dez anos. Agora não pode me reeducar em um só dia.

Consentiram-me durante muitos anos. Sim, chamo-o mimado porque nunca me permitiram fazer nada sozinho. Minha avó era mais do que Gudia poderia imaginar-se: inclusive me escovava os dentes! Lhe estava acostumado a dizer:

-Nani, posso-me escovar os dentes eu sozinho.

Ela me dizia:

-Te cale, Fatia! Estate quieto. Não me incomode quando estou fazendo algo.

Eu agitava minha cabeça e dizia:

-Isto sim que é bom! Está-me fazendo algo e nem te posso dizer que posso fazê-lo eu sozinho.

Não recordo que me pedissem que fizesse nenhuma outra só coisa exceto ser eu mesmo, e isso se converteu na origem de todas as travessuras. Porque quando não pede a um menino que faça algo tem tanta energia que a tem que pôr em algum lugar; correto ou não, isso não importa. O que importa é onde a põe, e as travessuras são a melhor maneira que existe de usá-la. Por isso fiz todo tipo de travessuras a todo mundo a meu redor.

Estava acostumado a levar uma maleta como o dos médicos. Uma vez vi passar a um doutor pelo povo e disse a meu Nani:

-Não comerei até que consiga uma maleta como esse!

De onde tirei a idéia de não comer? Tinha visto meu avô sem comer durante dias, especialmente na época das chuvas quando os jainistas têm seu festival; os mais ortodoxos deixam de comer por completo durante dez dias. Por isso pinjente:

-Não comerei até que consiga essa maleta.

Sabem o que fez? Por isso a sigo amando.

Disse a Bhoora:

-Agarra sua arma e corre atrás do doutor e lhe tire e! bolsa. Consegue a bolsa embora tenha que lhe disparar. Não se preocupe, ocuparemo-nos de ti no julgamento.

Bhoora correu com sua arma; eu corri detrás para ver o que acontecia. Vendo a Bhoora com uma arma -naqueles dias na Índia, quão último a gente queria ver era um europeu com uma arma-, o doutor começou a tremer como uma folha quando sopra vento forte. Bhoora lhe disse:

-Não há necessidade de tremer; só me dê sua mala e vete ao inferno, ou onde queira ir.

O doutor, ainda tremendo, deu-lhe sua mala. Não sei como chamam o maleta de um doutor, Devaraj. É algo assim como uma mala? A mala de um doutor? Devageet, como o chama? -Possivelmente uma mala de visita?

Uma mala de visita? Não parece uma mala de visita. Devaraj, pode sugerir um nome? Uma mala de visita? De acordo..., pode encontrar um nome melhor?

-A mala original se chamava uma bolsa Gladstone. Essa era a bolsa negra original.

O que é? Uma bolsa Gladstone? Sim, justo estava pensando nisso e não o podia recordar; é obvio, uma bolsa Gladstone. Bom, mas me segue sem gostar desse nomeie para a bolsa. Seguirei chamando-a a maleta do doutor, apesar de que sei que não é uma mala. Não importa; mas agora todo mundo entendeu o que quero dizer.

Vendo tremer ao doutor vi pela primeira vez que toda a educação era inútil. Se não poder te fazer valente, para que serve? Será como uma bolsa cheia de pão e manteiga, que treme. Isso é formoso. De repente me recorda ao doutor Eichling.

escutei: só é uma fofoca, e eu gosto mais das fofocas que do evangelhos... De todos os modos, os evangelhos não são mais que fofocas, mas não estão dispostos do modo correto, não estão contados com graça. escutei -que frase tão formosa!- que a amante do doutor Eichling, ao que, dito seja de passagem, preferiria chamar Inkling, mas ouvi que seu nome não é Inkling a não ser Eichling...

Não conheço esse homem. Pensava que tinha morrido, porque lhe tinha dado sannyas e lhe tinha chamado Shunyo. Não sei o que aconteceu com Shunyo, nem como ressuscitou o doutor Eichling, mas se Jesus o conseguiu, por que não o doutor Eichling? De todas maneiras, ainda está ali; ou sobreviveu ou ressuscitou, não tem importância o que aconteceu. A fofoca é que seu amante se foi com outro sannyasin e se apaixonou por ele.

Quando retornaram, o doutor Eichling teve um «ataque de amor». Me surpreende que o conseguisse, porque para ter um ataque de primeiro amor precisa ter coração. Um ataque ao coração não é necessariamente um ataque de amor. Um ataque ao coração é fisiológico, um ataque de amor é psicológico, da parte mais profunda do coração. Mas primeiro tem que ter um coração.

Agora bem, é impossível que o doutor Eichling tenha um ataque ao coração ou um ataque de amor. Tinham-me que ter consultado. É obvio, não sou um doutor, mas, com segurança, sou um médico no mesmo sentido que foi Buda. Buda se chamava a si mesmo médico, não filósofo.

Pobre doutor Eichling..., não tinha nada. Quando aí não há nada, como pode estar algo doente? Fisiologicamente, encontrou-se que estava perfeitamente bem. Psicologicamente, o problema ainda persiste: sua apaixonada é agora a apaixonada por outro. Isso dói, mas onde?

Ninguém sabe onde dói. Nos pulmões? No peito? Aí era onde o doutor Eichling dizia que lhe doía, no peito. Doutor Eichling, não é seu peito, é sua mente, são seu ciúmes, e o centro do ciúmes com segurança não está no peito; de fato tudo tem seu centro na mente.

Se for um seguidor do B. F. Skinner, ou do Paulov -o avô ou possivelmente o bisavô do Skinner e contemporâneo do Freud, e além seu grande adversário-, então «memore» não é a palavra correta; em seu lugar pode dizer «cérebro». Mas o cérebro é só o corpo da mente, o mecanismo através do qual funciona a mente.

Chame-o mente ou o chame cérebro, não tem importância; o que importa é que tudo tem seu centro ali.

Doutor Eichling; não lhe posso chamar Shunyo porque na entrada de seu escritório no Madrás pôs um letreiro que diz: «Escritório do Doutor Eichling.» Se lhe telefonar, sua secretária responde:

-O doutor Eichling? Está ocupado. Está em uma reunião.

Voltarei a lhe chamar Shunyo outra vez quando fizer desaparecer esse letreiro, e sua estúpida secretária responda:

-Quem é esse Eichling? Nunca ouvimos falar dele. Sim, uma vez esteve aqui, depois se foi a Índia e morreu ali. Em seu lugar, retornou um homem chamado Shunyo.

Chamarei-lhe Shunyo só quando enterrar esse letreiro muito fundo, salte sobre ele e desapareça.

Mas a história, ou melhor que isso, a fofoca, era só para lhes dizer que tudo existe primeiro na mente; só depois no corpo. O corpo é uma extensão da mente, na matéria. O cérebro é o começo dessa extensão, e o corpo é sua manifestação completa, mas a semente está na mente. A mente contém não só a semente deste corpo, mas também também tem a potencialidade para converter-se em quase algo. Seu potencial é infinito. Todo o passado da humanidade está contido nela, e não só o passado da humanidade mas também inclusive o passado prehumano.

Durante os nove meses no ventre da mãe, o menino vai através de quase três milhões de anos de evolução..., é obvio, muito rapidamente, como se visse acontecer um filme tão rápido que só pode vê-la com dificuldade, só uns vislumbres. Mas em nove meses o menino passa certamente através de toda a vida desde o começo. No princípio -e não estou citando a Bíblia, simplesmente estou contando os fatos da vida de cada menino-, em um princípio cada menino é um peixe, do mesmo modo que, em seu dia, a vida começou no oceano. O homem ainda leva em seu corpo a mesma quantidade de sal que a água do oceano. A mente do homem interpreta e! guia uma e outra vez: tudo e! drama do nascimento, do peixe até o ancião exalando seu último suspiro.

Queria retornar à aldeia, mas era virtualmente impossível voltar a conseguir aquilo que se perdeu. Aí aprendi que o melhor é não retornar nunca a nenhum sítio. Após, estive em muitos lugares mas nunca retornei. Uma vez que vou de um lugar vou para sempre. Esse episódio da infância sempre determinou um certo modelo, uma certa estrutura, um sistema. Apesar de que queria ir não tinha apoio. Minha avó simplesmente dizia:

-Não, não posso voltar para esse povo. Se meu marido não estiver ali, por que tenho que retornar? Somente fui por ele, não pelo povo. Se tivesse que ir a algum sítio, eu gostaria de ir ao Khajuraho.

Mas isso também era impossível, porque seus pais tinham morrido. Mais tarde visitei a casa onde ela tinha nascido. Só era uma ruína. Não havia possibilidade de retornar ali. E Bhoora, que era a única pessoa que teria estado disposta a voltar ali, morreu justo depois da morte de seu professor, só vinte e quatro horas mais tarde.

Ninguém estava preparado para ver duas mortes acontecer-se tão rápido, particularmente eu, para quem estas duas mortes significavam muito. Bhoora poderia ter sido só um obediente servo de meu avô, mas para mim era um amigo. A maior parte do tempo estávamos juntos, nos campos, no bosque, no lago, em todos os lados. Bhoora me seguia como uma sombra, sem interferir, sempre

preparado para me ajudar e com um coração tão grande..., tão pobre e tão rico ao mesmo tempo.

Nunca convidou a sua casa. Uma vez lhe perguntei:

-Bhoora, por que alguma vez convida a sua casa? Ele disse: Sou tão pobre que, apesar de que quero te convidar, minha pobreza me impede isso. Não quero que veja essa feia casa tão cheia de sujeira. Nesta vida não posso imaginar que te possa convidar. Realmente, abandonei a idéia.

Ele era muito pobre. Nesse povo havia duas partes: uma para as castas altas, e outra, ao outro lado do lago, para as pobres. Ali vivia Bhoora. Embora tratei muitas vezes de chegar até sua casa, não o pude conseguir porque sempre me estava seguindo como uma sombra. Impedia-me isso inclusive antes de que pudesse dar um passo nessa direção.

Até meu cavalo estava acostumado a lhe fazer caso. Quando chegava o momento de ir para sua casa, Bhoora estava acostumada dizer: -Não! Não vá!

É obvio, ele tinha criado o cavalo desde sua infância; entendiam-se mutuamente, e o cavalo se parava. Não havia maneira de fazer que o cavalo fosse na direção da casa da Bhoora, ou inclusive para a parte pobre do povo. Só tinha visto sua casa da parte rica, onde viviam os brahmines e os jainistas, e todos aqueles que são puros por nascimento. Bhoora era um sudra. A palavra sudra significa «impuro de nascimento», e para um sudra não há maneira de desencardir-se.

Isto é obra do Manu. Por isso lhe condeno e lhe odeio. Denuncio-lhe, e quero que o mundo conheça este homem, Manu, porque não nos liberaremos desta gente até que não saibamos quem som. Continuarão nos influenciando de uma maneira ou outra. Ou pode ser a raça; inclusive na América, se for negro será um sudra, «um negro», um intocável.

Tanto se for um homem negro ou um branco precisa estar familiarizado com a patológica filosofia do Manu. É Manu quem, de uma maneira muito sutil, influenciou as duas guerras mundiais. E possivelmente ele seja a causa da terceira, e última... um homem realmente influente!

Inclusive antes que lhe Dê Carnegie escrevesse seu livro Como fazer amigos e influenciar às pessoas, Manu conhecia todos os segredos. De fato, alguém se pergunta quantos amigos tinha lhe Dê Carnegie, e a quanta gente tinha influenciado. Com segurança não é como Karl Marx, Sigmund Freud ou Mahatma Gandhi. Todas estas pessoas desconheciam absolutamente a ciência de influenciar às pessoas. Não precisavam sabê-lo, levavam-no em suas mesmas vísceras.

Não acredito que nenhum homem tenha influenciado mais à humanidade que Manu. Inclusive hoje em dia te está influenciando, conheça ou não seu nome. Se você mesmo te crie superior, somente porque é branco ou negro, ou só porque é um homem ou uma mulher, de algum jeito Manu está atirando dos fios. Manu tem que ser absolutamente descartado.

Queria dizer algo diferente, mas comecei dando um passo errôneo. Meu Nani me insitía muito:

-te levante sempre da cama com o pé direito.

E te surpreenderá saber que hoje não segui seu conselho, e tudo está indo erroneamente. Comecei com o «De acordo» equivocado; agora bem, se ao princípio não está bem, naturalmente, tudo o que segue será uma loucura. Fica tempo para dizer algo correto? Bom. vamos começar de novo.

Queria ir ao povo mas ninguém estava disposto a me apoiar. Não podia imaginar como poderia subsistir sozinho, sem meu avô, minha avó ou Bhoora. Não, não era possível, ou seja que a contra gosto disse:

-De acordo, ficarei no povo de meu pai.

Mas minha mãe, naturalmente, queria que ficasse com ela e não com minha avó, quem, desde o começo, tinha deixado claro que ficaria no mesmo povo, mas por separado. Encontraram uma casita para ela em um lugar muito formoso perto do rio.

Minha mãe insistiu em que ficasse com ela. Durante mais de sete anos não tinha vivido com minha família. Mas minha família não era um assunto pequeno, era a tripulação completa de um jumbo; muita gente, todo tipo de gente: meus tios, minhas tias, seus filhos e os familiares de meus tios, e assim sucessivamente.

Na Índia, a família não é quão mesmo no Ocidente. No Ocidente é singular: o marido, a esposa, um, dois ou três filhos. Como muito pode haver cinco pessoas na família. Na Índia a gente riria, cinco? Só cinco? Na Índia a família é incontável. Há centenas de pessoas. Os hóspedes vêm de visita e nunca se vão, e ninguém lhes diz:

-Por favor, é hora de que vá -porque de fato ninguém sabe de quem são os hóspedes.

O pai pensa:

-Possivelmente são familiares de minha esposa ou seja que é melhor não dizer nada.

A mãe pensa:

-Possivelmente são familiares de meu marido...

Na Índia é possível entrar em uma casa onde não tenha nada que ver, e se mantiver a boca fechada, pode viver ali para sempre. Ninguém te dirá que vá; todo mundo pensará que alguém te há convidado. Só tem que permanecer calado e seguir sonriendo.

Era uma grande família. Meu avô, quero dizer o pai de meu pai, era um homem que nunca eu gostei de muito, por dizer algo. Era muito diferente a meu outro avô, justo o oposto; muito inquieto, preparado para saltar sobre qualquer em qualquer momento, disposto a servir-se de qualquer desculpa para brigar. Era realmente um lutador, com motivo ou sem ele. A luta em si mesmo era seu exercício, e estava continuamente lutando. Era estranho lhe ver sem lutar com alguém, e, embora pareça estranho, havia gente que também lhe queria.

Meu pai tinha uma pequena loja de malhas. de vez em quando, estava acostumado a me sentar ali para observar às pessoas e ver o que acontecia, e às vezes era muito interessante. O mais interessante era que algumas pessoas perguntavam a meu pai:

-Onde está Baba? -esse era meu avô-. Queremos fazer negócios com ele, e com ninguém mais.

Fiquei muito sentido saudades, porque meu pai era muito simples, verdadeiro e honesto. Dizia-lhe às pessoas o preço dos artigos deste modo:

-Este é meu preço de custo. Depende de ti que benefício nos queira dar. Deixo-lhe isso a ti. É obvio, não posso reduzir meu preço de custo, mas pode decidir quanto quer pagar. Meu preço de custo são vinte rupias, dizia a seus clientes; pode-me dar uma ou dois rupias mais. Dois rupias quer dizer dez por cento de benefício, e para mim já é suficiente.

Mas a gente lhe perguntava: -Onde está Baba? Porque se ele não está aqui, não tem nenhum atrativo fazer negócios.

Ao princípio não me podia acreditar isso, mas mais tarde pude entender o motivo. O gozo de vender, comprar, ou -como o chamam?- repatear?

-Regatear, Osho.

Regatear? Bem. Devia ser um grande gozo para os clientes porque se a mercadoria valia vinte rupias, minha primeiro Baba começava por cinqüenta, e depois de uma larga sessão de regateio que ambos desfrutavam chegavam a um acordo em algum ponto perto das trinta ruplas.

Eu me estava acostumado a rir; e quando o cliente se foi, minha Baba me dizia:

-supõe-se que não te deve rir em momentos assim. Deve estar sério, como se estivesse perdendo dinheiro. É obvio, não podemos perder -estava acostumado a me dizer-. Caia a melancia sobre a faca, ou a faca sobre a melancia, em qualquer caso a que se curta é a melancia, e não a faca. Ou seja que não te ria quando vir que lhe estou cobrando a uma pessoa trinta rupias por algo que lhe podia ter comprado a seu pai só por vinte rupias. Seu pai é tolo.

E, é obvio, sempre parecia que meu pai era tolo; o mesmo tipo de parvo que Devageet. Agora depende dele alcançar a tolice extrema que meu pai alcançou. Para os parvos todo é possível, inclusive a iluminação.

Sim, meu pai era tolo, e minha Baba era um homem muito ardiloso, um velho ardiloso. Recordo-o como se fosse uma raposa. Em alguma ocasião deveu nascer raposa; era uma raposa.

Tudo o que Baba fazia estava muito calculado. Teria sido um bom jogador de xadrez porque podia calcular as jogadas, pelo menos, com cinco passos de antecipação. Era realmente o homem mais ardiloso com o que me tenha cruzado. Vi muitos homens ardilosos, mas nenhum se pode comparar com minha Baba. Me estava acostumado a perguntar de onde tinha tirado meu pai sua simplicidade. Possivelmente é a natureza que não permite que as coisas saiam de seu equilíbrio, por isso lhe dá um menino simples a um homem complexo.

Baba era um gênio da astúcia. Toda a cidade punha-se a tremer. Ninguém era capaz de saber quais eram seus planos. De fato, era um homem tal -e eu mesmo o observei que quando íamos ao rio ele e eu, e alguém perguntava: -Onde vai, Baba?

Toda a cidade estava acostumada lhe chamar Baba; só significa avô. Estávamos indo ao rio, e para todo mundo estava claro onde íamos, mas este homem com sua qualidade dizia: -À estação. Eu lhe olhava, ele me olhava e me piscava os olhos um olho. Estava assombrado. Que sentido tinha? Não estávamos fazendo nenhum negócio, e não se supõe que se deve mentir sem motivo algum. Quando tinha passado o homem, perguntei-lhe:

-por que me piscou os olhos o olho, Baba? E por que mentiu a esse homem sem nenhuma razão? por que não lhe pôde dizer «ao rio», quando estávamos indo ao rio? Ele sabe, todo mundo sabe, essa é a estrada que leva a rio e não à estação. Sabe e segue dizendo: «À estação.»

-Não o entende -disse-me-; terá que praticar constantemente.

-Praticar o que? -perguntei-lhe.

-A gente tem que praticar seu próprio negócio continuamente -disse-me-. Não posso dizer a verdade porque então, um dia, quando estiver fazendo negócios, me poderia escapar o preço verdadeiro. E não é teu assunto; por isso que te pisquei os olhos o olho, para que não diga nada. No que se refere, estamos indo à estação; que esta estrada nos leve ali ou não, não concerne a ninguém. Embora esse homem houvesse dito que esta estrada não leva a estação, simplesmente lhe teria respondido que ia à estação passando pelo rio. Depende de mim. A gente pode ir a

qualquer lugar desde qualquer lugar. Poderia ser um pouco mais largo, isso é tudo.

Baba era esse tipo de homem. Viveu aí com todos seus meninos, meu pai com seus irmãos e suas irmãs, seus maridos..., e a gente não podia conhecer toda a gente que se reuniu aí. Vi vir a gente e não partir nunca. Não fomos ricos; apesar disso, havia suficiente comida para todo mundo.

Não quis entrar nesta família e disse a minha mãe:

-Voltarei-me sozinho à aldeia; o carro de bois está preparado, e conheço o caminho; chegarei ali como posso. Conheço os aldeãos; sei que manterão a um menino pequeno. Só é questão de uns anos, depois lhes devolverei tudo o que possa. Mas não posso viver nesta família. Isto não é uma família, isto é um bazar.

E era um bazar, constantemente em ebulição com tanta gente, sem nada de espaço nem silêncio. Se um elefante tivesse saltado nesse velho lago, ninguém teria ouvido o plop; estavam acontecendo muitas coisas. Simplesmente me neguei, dizendo:

-Se me tiver que ficar, a única alternativa que tenho é viver com meu Nani. Minha mãe, é obvio, sentiu-se ferida.

Sinto muito, porque após a estive hiriendo uma e outra vez. Não pude fazer nada. Em realidade, não era responsável; a situação era tal que não podia viver em minha família depois de tantos anos de liberdade absoluta, silêncio e espaço. De fato, em casa de minha Canção de ninar era o único que se fazia ouvir. A maior parte do tempo minha Canção de ninar estava recitando seu mantra em silêncio, e é obvio, minha avó não tinha ninguém mais com quem falar.

Era o único ao que lhe ouvia; do contrário, havia silêncio. depois de anos de tal beatitude, viver nessa família, cheia de caras desconhecidas, tios, e os sogros, primos -miúdo lote!-. Logo, estava acostumado a pensar que alguém deveria publicar um livrinho a respeito de minha família, um Quem é quem.

Quando era professor, a gente estava acostumada vir e me dizer algo assim como: -Não me conhece? Sou irmão de sua mãe. Olhava-lhe à cara e lhe dizia: -Por favor, sei alguém diferente, porque minha mãe não tem irmãos, ao menos conheço isto de minha família. Este homem em particular disse: -Sim, tem razão. O que quero dizer é que sou sua primo. -Está bem -disse-lhe-. Então, o que quer? Quero dizer quanto quer? deveste vir a me pedir dinheiro.

-Genial! -disse-. Mas é estranho, como me pôde ler a mente? -Muito fácil -disse-lhe-. Só me diga quanto quer. Agarrou vinte rupias e pinjente: -Graças a Deus. Ao menos perdi um familiar. Agora não voltará a aparecer por aqui de novo.

Gesso é o que aconteceu em realidade: não voltei a ver sua cara em nenhuma parte. Centenas de pessoas me pediram dinheiro emprestado e nunca me devolveram isso. Estou feliz de que não o fizessem, porque se o tivessem feito teriam tornado por mais.

Queria voltar para a aldeia mas não pude. Tive que chegar a um acordo para não ferir minha mãe. Embora saiba que a estive hiriendo, hiriéndole muito. Nunca tenho feito nada do que ela quis; de fato, fiz justo o contrário. Naturalmente, pouco a pouco, ela me aceitou me dando por perdido.

Estava acostumado a acontecer que estava sentado em frente dela e me perguntava: -Viu a alguém por aqui? Quero mandar a alguém a comprar verduras ao mercado.

O mercado não estava muito longe; o povo era pequeno, só estava a dois minutos de distância, e ela perguntava: -Viu a alguém? Eu lhe dizia: -Não, não vi absolutamente a ninguém. A casa está completamente vazia. É curioso, onde se

colocaram todos nossos familiares? Sempre desaparecem quando há algo que fazer.

Mas ela não me pedia que o fora a comprar as verduras. Tentou-o duas ou três vezes, e logo abandonou a idéia para sempre.

Uma vez me pediu que comprasse plátanos e, em seu lugar, traga-lhe tomates porque me esqueci pelo caminho. Fiz um grande esforço; esse era o problema. Repeti-me mesmo:

-Plátano..., plátano..., plátano..., plátano...Então, ladrou um cão ou alguém me perguntou aonde ia e continuei dizendo: -Plátano..., plátano..., plátano... -Ouça! -disseram-. Tornaste-te louco? -te cale! -pinjente-. Não me tornei louco. Você deve estar louco. Que tolice é esta de interromper às pessoas que está fazendo seu trabalho silenciosamente?

Mas para então me tinha esquecido o que era o que tinha que comprar, de modo que traje o primeiro que encontrei. Mas os tomates era quão último terei que trazer, porque não estão permitidos em uma casa jainista. Minha mãe se golpeava a cabeça dizendo:

-Isto são plátanos? Quando entenderá? -meu deus! -disse-lhe-. Tinha-me pedido plátanos? Sinto muito, me esqueceu.

-Embora te tenha esquecido -disse ela-, não podia ter trazido outra coisa que não fossem tomates? Sabe que os tomates não estão permitidos em nossa casa porque têm um aspecto tão vermelho como a carne, e na casa de um jainista, até o parecido com a carne..., só a cor vermelha poderia te recordar ao sangue da carne. Um tomate é suficiente para que fique doente um jainista.

Pobres tomates! São uns tipos tão singelos, e tão meditativos além disso. Se os vê sentados, sintam-se exatamente como se fossem monges budistas com suas cabeças barbeadas, e têm um aspecto tão centrado, como se tivessem estado fazendo centramiento durante toda sua vida, muito enraizados..., mas aos jainistas não gosta.

Por isso tive que me levar os tomates e distribuídos entre os mendigos. Sempre se alegravam de lombriga. Os mendigos eram os únicos que se alegravam de lombriga, porque cada vez que me mandavam atirar algo fora de casa era uma ocasião para eles. Nunca o atirava, o dava aos mendigos.

Não me podia arrumar isso para viver em família como eles. Todo mundo estava parindo; as mulheres, quase sempre estavam grávidas. Sempre que lembrança a minha família, de repente, penso em me voltar louco, embora não me posso voltar louco; só desfruto da idéia de me voltar louco. As mulheres sempre tinham grandes barrigas. acabava-se um embaraço e começava outro, e tantos meninos...

-Não -disse a minha mãe-. Sei que te dói, e o sinto, mas viverei com minha avó. Ela é a única que me pode entender, e me permitir não só amor, mas também também liberdade. Uma vez perguntei a meu Nani: -Porquê só teve a minha mãe? Ela disse: -Vá pergunta! Porque nesta família as mulheres sempre estão levando um peso em seu ventre -disse-lhe-. por que só teve a minha mãe e não teve mais filhos, ao menos um irmão para ela? Então ela disse algo que não posso esquecer: -Isso também foi por sua Canção de ninar. Ele queria um filho, de modo que chegamos a um acordo. Só 'um -disse-lhe-, assim será seu destino se for menina ou menino -porque ele queria um menino. Ela riu-: E menos mal que nasceu uma menina; se não, como te teria tido? Sim, menos mal que não tive nenhum outro menino -disse ela-; do contrário, tampouco te teria gostado deste sítio. Teria estado muito concorrido.

Permaneci no povo de meu pai durante onze anos, e me obrigaram a ir à escola quase violentamente. Não foi coisa de um dia, era a rotina diária. Todas as manhãs me obrigavam a ir à escola. Levava-me um de meus tios ou quem fosse, e esperava fora até que o professor se fizesse cargo de mim, como se eu fosse um objeto de sua propriedade, ou um prisioneiro que terei que acontecer uma mão a outra. Mas a educação ainda é assim: um fenômeno imposto e violento.

Cada geração trata de corromper à nova geração. Sem dúvida, é um tipo de violação, uma violação espiritual e, naturalmente, uns pais mais poderosos, grandes e fortes podem obrigar a um menino pequeno. Eu fui um rebelde do primeiro dia que me levaram a escola. No momento em que vi as portas, perguntei a meu pai: -É um cárcere ou uma escola? Meu pai disse:-O que pergunta! É uma escola. Não tenha medo. -Não tenho medo -disse-lhe-, simplesmente estou perguntando a respeito da atitude que devo tomar. Para que se necessita uma porta tão grande?

A porta se fechava quando todos os meninos, os prisioneiros, estavam dentro. Só se voltava a abrir pela tarde, para liberar os meninos durante a noite. Ainda lembrança a porta. Ainda me recordo com meu pai, disposto a me apontar nessa feia escola.

A escola era feia, mas a porta era mais feia ainda. Era grande e a chamavam «A Porta do Elefante», Hathi Dwar. Um elefante poderia ter passado através dela, do larga que era. Possivelmente teria servido para os elefantes de um circo -e era um circo- mas era muito grande para os meninos pequenos.

Terei que lhes contar muitas coisas sobre estes nove anos...

Sessão 20

Espera até que diga: «De acordo...» Estou de pé diante da Porta do Elefante em minha escola elementar..., e essa porta começou muitas coisas em minha vida. Não estava ali sozinho, é obvio; meu pai estava comigo. Tinha vindo para me apontar à escola. Olhei as altas portas e lhe disse:

-Não.

Ainda posso escutar essa palavra. Um menino pequeno que o perdeu tudo..., posso ver uma interrogação gravada na cara do menino enquanto se pergunta o que é o que vai acontecer.

Fiquei olhando às portas, quando
meu pai me perguntou:

-Está impressionado por esta grande porta? Agora tomo a história em minhas próprias mãos:

Disse a meu pai:

-Não.

Esta foi minha primeira palavra antes de entrar na escola elementar, e te surpreenderá, também foi minha última palavra ao deixar a universidade. No primeiro caso, meu pai estava de pé comigo. Não era muito velho, mas para mim, um menino pequeno, era velho. No segundo caso, havia um homem muito velho a meu lado e, novamente, estávamos ante uma porta ainda maior.

A velha porta da universidade já está desmontada para sempre, mas permanece em minha memória. Ainda posso vê-la, a velha porta, não a nova; não tenho nenhuma relação com a nova, e vendo-a, chorei, porque a velha porta era grande, simples mas toda a arte moderna se dedicou à fealdade, só porque foi

rechaçada durante séculos. Possivelmente dedicar-se à fealdade seja um avanço revolucionário. Mas a revolução, se for feia, não é absolutamente revolução, é só reação. Só vi a porta nova uma vez. Após, passei por essa estrada muitas vezes mas sempre fechei os olhos. Com os olhos fechados podia voltar a ver a velha porta.

A velha porta da universidade era pobre, muito pobre. Foi feita quando a universidade estava começando e não eram capazes de construir uma estrutura monumental. Todos vivíamos em barracões militares, porque a universidade tinha começado de repente e não tinham tido tempo de fazer albergues ou bibliotecas. Eram simplesmente barracões militares abandonados. Mas o lugar, em si mesmo, era formoso, estava situado em um montículo.

Os militares o tinham abandonado porque só tinha tido importância na II Guerra Mundial. Tinham necessitado um lugar elevado para o radar, para detectar ao inimigo. Agora não havia necessidade, por isso o abandonaram. Foi uma bênção, pelo menos para mim, porque não teria sido capaz de ler e estudar em nenhuma outra universidade que não fora essa.

Seu nome era Universidade do Sagar. Sagar significa «oceano». Sagar tem um lago extremamente formoso, tão grande que não lhe pode chamar lago, a não ser sagar, oceano. Realmente, parece como um oceano, tem ondas.

Um não se pode acreditar que seja um lago. Só vi dois lagos com umas ondas tão grandes. Não é que só tenha visto dois lagos; vi muitos. Vi os lagos mais belos de Cachemira, dos Himalayas, Darjeeling, Nainital e muitos outros no sul da Índia, nos Montes do Nandi, mas só vi dois que tenham ondas que se pareçam com as de um oceano: o lago Sagar e o lago do Bhopal.

Comparado ao do Bhopal, é obvio, o lago do Sagar é pequeno. O lago do Bhopal é possivelmente o maior de todo o mundo. Nesse lago vi ondas que só podem ser descritas como gigantescas, que se elevam possivelmente quatro ou cinco metros de alto. Nenhum outro lago pode atribuir-se isso. É muito grande. Uma vez tentei rodeá-lo em um navio e demoramos dezessete dias. Ia todo o rápido que te possa imaginar, inclusive mais, porque não havia perto nenhum policial nem limite de velocidade. Quando terminei a volta simplesmente me disse:
-meu deus, que lago tão formoso! e tinha trinta metros de profundidade.

O mesmo se pode aplicar, em menor escala, no lago Sagar. Mas, em outro sentido, tem uma beleza que o lago do Bhopal não possui. Está rodeado de formosas montanhas, não tão grandes mas tremendamente formosas..., especialmente cedo pela manhã, ao amanhecer, e pela tarde ao anoitecer. E se for uma noite de lua enche, realmente chega ou seja o que é a beleza. Em uma barquita no lago, em uma noite de lua enche, a gente simplesmente sente que não falta nada.

É um formoso lugar..., mas me sinto mal porque a velha porta já não está ali. A foram desmantelar. Era totalmente consciente disso, não só agora; inclusive então, todo mundo era consciente de que precisava ser desmantelada. Era só provisório, foi construída para inaugurar a universidade.

Esta é a segunda porta que lembrança. Quando deixei a universidade estava de pé na porta com meu velho professor, senhor Krisna Saxena. O pobre homem morreu faz só uns anos, enviou-me uma mensagem dizendo que queria lombriga. Tivesse-me gostado de lhe ver, mas agora não se pode fazer nada a menos que nasça logo, e além sannyasin, de modo que possa me alcançar. Reconhecerei-o imediatamente, até aí posso prometer.

Era um homem de qualidades excepcionais. Era o único professor de todo o lote que me cruzei -professores, conferencistas, leitores, professores e o que você queira-, o único que foi capaz de entender que tinha um aluno que deveria ser seu professor.

Estava na porta me convencendo para que não abandonasse a universidade. Estava dizendo:

-Não deveria ir, particularmente quando a universidade te garantiu uma beca para fazer o doutorado. Não deveria perder esta oportunidade.

Estava tratando de me dizer de mil maneiras que era seu estudante mais querido. Disse-me:

-tive muitos estudantes em todo mundo, especialmente na América -porque tinha estado estudando na América quase todo o tempo-, mas posso te dizer- disse-me-que não me incomodaria em convencer a nenhum deles para que ficasse. por que tenho que me preocupar? Não tinham nada que ver comigo, era seu futuro. Mas no que respeita a ti (e isto lembrança com lágrimas nos olhos) –disse- no que respeita a ti, trata-se de meu futuro.

Não posso esquecer essas palavras. me deixe as repetir. Disse:

-O futuro dos outros estudantes é seu problema; seu futuro é meu futuro.

-por que? -perguntei-lhe-. por que meu futuro tem que ser seu futuro?

-Isso é algo do que prefiro não falar contigo -disse-me, e começou a chorar.

-Entendo-o -pinjente-. Por favor, não chore. Mas não me pode convencer para que faça algo contra minha própria mente, e esta está disposta em uma direção totalmente diferente. Sinto te desgostar. Sei perfeitamente bem quanto esperaste, que contente estava de que tenha sido o melhor de toda a universidade. Vi-te, como um menino, tão alegre com a medalha de ouro que nem sequer era para ti, a não ser para mim.

Não me importava, absolutamente, essa medalha de ouro. Joguei-a em um poço muito profundo, tão profundo que não acredito que ninguém vá encontrada de novo; e o fiz em frente do doutor Sri Krisna Saxena.

-O que está fazendo? O que tem feito? -perguntou-me. Porque já a tinha atirado ao poço, e ele se pôs tão contente de que me tivessem escolhido para a beca. Era para um período indefinido de entre dois e cinco anos.

-Por favor -disse-me-, reconsidera-o outra vez.

A primeira porta foi a Porta do Elefante, e estava ali com meu pai sem querer entrar, e a última porta também foi uma Porta do Elefante, e estava ali com meu velho professor, sem querer voltar a entrar. Uma vez foi suficiente; duas vezes teria sido muito.

A discussão que começou na primeira porta tinha durado até a segunda porta. O não que lhe tinha dado a meu pai era o mesmo não que dava a meu professor; que era, realmente, como um pai para mim. Posso sentir sua qualidade. ocupava-se de mim tanto como meu próprio pai se ocupou, ou inclusive mais. Quando eu estava doente ele não dormia; sentava-se ao Iado da cama durante toda a noite. Lhe estava acostumado a dizer:

-É velho, doutor -estava acostumado a lhe chamar doutor -, vete a dormir, por favor.

Ele estava acostumado a dizer:

-Não vou dormir a menos que me prometa que manhã estará perfeitamente bem.

E tinha que prometer-lhe como se estar doente dependesse de minha promessa. Mas, de algum jeito, uma vez que o tinha prometido, funcionava. Por isso digo que há um pouco parecido à magia no mundo.

Esse «não» se converteu em meu caráter, a autêntica substância de minha existência. Disse a meu pai:

-Não, não quero entrar nessa porta. Isto não é uma escola, é uma prisão.

A porta em si, e a cor do edifício... É muito estranho, especialmente na Índia, os cárceres e as escolas estão pintadas da mesma cor, e ambas são feitas de tijolos vermelhos. É muito difícil saber se um edifício for uma prisão ou uma escola. Possivelmente, por uma vez, um engraçado prático pretendeu fazer uma piada, e lhe há saído perfeitamente.

Disse-lhe:

-Olhe esta escola, e o chama escola? Olhe esta porta! E está aqui para me obrigar a entrar, pelo menos, durante quatro anos.

Isto foi o princípio de um diálogo que durou muitos anos; e lhes encontrarão com ele muitas vezes, porque percorre toda a história em zig-zag.

Meu pai me disse:

-Sempre tive medo de que... –e estávamos de pé na porta, pela parte de fora é obvio, porque ainda não lhe tinha deixado que me colocasse dentro. Continuou-: .. .sempre tive medo de que seu avô, e em especial essa mulher, sua avó, malcriassem-lhe.

-Sua suspeita, ou medo -disse-lhe-, era correto, mas o trabalho já parece e ninguém pode desfazê-lo agora, ou seja que vamos a casa.

-O que? -disse ele-. Tem que ter uma educação.

-Que tipo de começo é este? -perguntei-lhe-. Não sou livre nem sequer para dizer sim ou não. E o chama educação? Mas se for o que quer, por favor, não me pergunte: aqui está minha mão, tira de mim. Pelo menos terei a satisfação de que nunca entrei nesta feia instituição por vontade própria. Por favor, ao menos me faça este favor.

É obvio, meu pai se estava pondo muito molesto, de modo que me arrastou dentro. Apesar de que era um homem muito simples, imediatamente compreendeu que não estava fazendo o correto. Disse-me:

-Apesar de que sou seu pai, não me parece bem ter que te arrastar dentro.

-Não se sinta culpado absolutamente -disse-lhe-. O que tem feito está perfeitamente bem, porque a menos que me arraste dentro não vou por decisão própria. Minha decisão é «não». Pode me impor sua decisão porque tenho que depender de ti para o alimento, a roupa, o alojamento e todo o resto. Naturalmente, está em uma posição privilegiada.

Que entrada! Ser miserável, à força, à escola. Meu pai nunca o pôde perdoar. O dia que tomou sannyas, sabem o que foi o primeiro que me disse?

-me perdoe por todas as coisas más que te tenho feito. São tantas, que não as posso contar, e deve haver mais das que não sou consciente absolutamente. me perdoe.

A entrada à escola foi o começo de uma nova vida. Durante anos tinha vivido como um animal selvagem. Sim, não posso dizer um ser humano selvagem, porque não há seres humanos selvagens. Só de vez em quando, um homem se volta um ser humano selvagem. Eu o sou agora; Buda foi, Zaratustra foi, Jesus foi. Mas naquele momento era completamente certo dizer que durante anos tinha vivido como um animal selvagem. Mas muito por cima do Adolf Hider, Benito Mussolini, Napoleón

ou Alejandro Magno. Estou nomeando aos piores, os piores no sentido que se acreditavam os mais civilizados.

Alejandro Magno se acreditava que, é obvio, era o homem mais civilizado de seu tempo. Adolf Hitler, em sua autobiografia, Minha luta..., não sei como pronunciam os alemães esse título; tudo o que posso recordar é Mein Kampf Deve estar equivocado, tem que estado. Para começar está em alemão: M-e-i-n K-a-m-p-f

Seja qual seja a pronúncia, não me importa. O que me importa é que nesse livro trata de provar que ele alcançou o status de «superman», para o que o homem se esteve preparando durante milhares de anos. E a partida do Hitler, os nazistas, e sua raça, os arianos nórdicos, foram ser os «governantes do mundo», e seu mandato ia durar mil anos! É só um louco falando, mas um louco muito poderoso. Quando falava tinha que escutar, embora fora um disparate. acreditava-se que era o único ariano verdadeiro e que os nórdicos eram a única raça de sangue puro. Mas estava vendo um sonho.

O homem, raramente, converteu-se em um superman, e a palavra «súper» não tem nada que ver com «mais alto». O verdadeiro superman é aquele que é consciente de todos seus atos, pensamentos e sentimentos, de tudo o que está composto, do amor, da vida, da morte.

Esse dia começou um grande diálogo com meu pai, continuou intermitentemente e só concluiu quando se fez sannyasin. depois disto não teve sentido nenhuma discussão, rendeu-se. O dia que tomou sannyas chorou agarrado a meus pés. Estava de pé, e lhe pode acreditar isso como um flash, a velha escola, a Porta do Elefante, o menino pequeno resistindo, incapaz de ir para dentro, e meu pai atirando dele; tudo passou diante de mim como um flash. Sorri.

Meu pai me perguntou:

-por que está sonriendo?

-Estou feliz de que o conflito por fim terminou -disse-lhe.

Mas isso foi o que aconteceu. Meu pai atirou de mim; nunca fui à escola por minha própria vontade. Devageet, umedece meus lábios...

Me alegro de que me tivessem que colocar dentro, de que nunca fora por vontade própria. A escola era realmente feia; de fato, todas as escolas são feias. Está bem criar uma situação onde os meninos aprendem, mas não é bom educá-los. A educação sempre será feia.

E o que foi o primeiro que vi na escola? O primeiro foi um enfrentamento com o professor de minha primeira classe. Vi gente formosa e gente feia, mas nunca vi um pouco parecido! e sublinha esse algo; não posso chamar este algo, alguém. Não parecia um homem. O olhei a meu pai e lhe disse:

-Aqui é onde me colocaste? Meu pai me disse:

-te cale! Muito baixinho, para que a «coisa» não o escutasse. Era um professor, e me ia ensinar. Não podia nem olhar a este homem. Deus devia ter muita pressa quando criou sua cara. Possivelmente tinha a bexiga enche, e só para acabar o trabalho fez a este homem e logo saiu correndo para o lavabo. Que homem criou! Tinha um só olho, e o nariz torcido. Esse único olho era suficiente! Mas o nariz torcido realmente acrescentava uma grande fealdade à cara. E era enorme! Media mais de dois metros, e devia pesar quase duzentos quilogramas, não menos disso.

Devaraj, como conseguem desafiar às investigações médicas? Duzentos quilogramas, e sempre esteve são. Nunca se tomou um dia livre, nunca foi ao médico. Em toda a cidade se dizia que este homem era de aço. Possivelmente o fora, mas de um aço não muito bom, mais parecido a um arame de espinheiro! Era

tão feio que não quero dizer nada dele, embora terei que dizer algumas costure, mas pelo menos não diretamente sobre ele.

Foi meu primeiro professor, quero dizer professor. Porque na Índia aos professores de colégio lhes chama «professores»; por isso hei dito que foi meu primeiro professor. Ainda hoje, se o visse, poria-se a tremer. Não era um homem, era um cavalo!

-Note nesse homem antes de assinar –disse a meu pai.

-O que tem de mau? -perguntou-me-. Ele me ensino , ensinou a meu pai, esteve ensinando aqui durante gerações.

Sim, é verdade. É por isso que ninguém se pôde queixar dele. Se te queixar, seu pai te dirá:

-Não posso fazer nada, também foi meu professor. Se for queixar, poderia-me castigar inclusive .

Por isso meu pai disse:

-Não lhe acontece nada mau, está bem, e então assinou os papéis.

-Está assinando seus próprios problemas, ou seja que não te queixe -disse a meu pai. -É um menino estranho -disse-me.

-É certo que somos estranhos o um para o outro -disse-lhe-. vivi longe de ti durante muitos anos, fui amigo da árvore da manga, dos pinheiros e das montanhas, do oceano e dos rios. Não sou um homem de negócios e você o é. Para ti o dinheiro o significa tudo; eu sou incapaz até de contá-lo.

Inclusive hoje..., faz anos que não hei meio doido dinheiro. Nunca se apresenta a ocasião. Isso me ajuda porque não sei como funcionam as coisas no mundo da economia. Eu sigo meu próprio caminho; têm-me que seguir. Não sigo a outros, não posso.

-Você entende o dinheiro, eu não -disse a meu pai-. Nossa linguagem é diferente; e recorda, não me deixaste retornar à aldeia, por isso, se agora houver um problema, não me jogue a culpa. Eu entendo algo que você não, e você entende de algo que nem compreendo, nem quero compreender. Somos incompatíveis. Dada, não parecemos o um para o outro.

E lhe levou quase toda sua vida percorrer a distância que nos separava mas, é obvio, foi ele o que teve que viajar. Isto é o que quero dizer quando digo que sou teimoso. Não pude retroceder nem um só centímetro, e tudo começou na Porta do Elefante.

O primeiro professor, não conheço seu verdadeiro nome, e tampouco sabia ninguém na escola, em especial os meninos; chamavam-lhe simplesmente professor Kantar. Kantar significa «isto caolho foi suficiente para os meninos, e além disso uma condenação para o homem. Em hindi cantar não só significa torto, também se usa como um insulto. Não pode traduzir-se de maneira nenhuma porque o matiz se perde na tradução. Por isso lhe chamávamos professor Kantar em sua presença, e quando não estava diante só lhe chamávamos Kantar: o tipo de um só olho.

Não só era feio; tudo o que fazia era feio. E, é obvio, em meu primeiro dia teve que passar algo. Estava acostumado a castigar aos meninos sem misericórdia. Nunca vi nem escutado de ninguém que fizesse tais coisas aos meninos. Inteirei-me que muita gente tinha deixado a escola por ele, e ficaram sem educação. Ele era muito. Não te acreditará o que estava acostumado a fazer, ou que alguém fora capaz de fazer algo assim. Explicarei-te o que me aconteceu nesse primeiro dia, depois disto passariam muitas mais costure.

Ele estava ensinando aritmética. Eu sabia um pouco porque minha avó estava acostumada me ensinar algumas costure em casa; em concreto um pouco de língua

e um pouco de aritmética. De modo que estava olhando pela janela a formosa figueira da Índia reluzindo ao sol. Não há nenhum outra árvore que reluza tanto ao sol, porque cada folha dança por sua conta, e a árvore inteira se converte em um coro; milhares de brilhantes bailarinos e cantantes juntos, mas de uma vez independentes.

A figueira da Índia é uma árvore muito estranha porque tudas outros árvores inalam dióxido de carbono e exalam oxigênio durante o dia... Pode corrigir o que te pareça, porque já sabe que não sou uma árvore, nem um químico nem um cientista. Mas esta figueira exala oxigênio vinte e quatro horas ao dia. Só pode dormir debaixo desta figueira e de nenhum outra árvore, porque outros são perigosos para a saúde. Olhei à árvore com suas folhas dançando na brisa, e o sol brilhando em cada folha, desfrutando sem nenhuma razão. Que sorte, não tinham que ir ao colégio!

Estava olhando pela janela e o professor Kantar me atirou em cima.

-É melhor pôr as coisas claras desde o começo -disse-me-.

-Estou totalmente de acordo com isso -disse-lhe-. Eu também quero pôr tudo em claro desde o começo.

-por que estava olhando pela janela enquanto ensinava aritmética?-perguntou.

-A aritmética tem que ser ouvida, não vista. -Disse-lhe-. Não tenho que ver sua formosa cara. Estava olhando pela janela para evitá-la. No que se refere às matemática, pode-me perguntar; ouvi-o e me sei.

Perguntou-me, e este foi o começo de um problema muito comprido, não para mim, a não ser para ele. O problema foi que respondi corretamente. Não podia acreditar-lhe e-disse:

-Responda corretamente ou não, te vou castigar porque não está bem olhar pela janela quando o professor está ensinando.

Fez-me me pôr frente a ele. Tinha ouvido sobre suas técnicas de castigo, era uma espécie de marquês do Sade. Agarrou de sua carteira uma caixa de lápis. Tinha ouvido falar desses famosos lápis. Os estava acostumado a pôr entre cada um de seus dedos, e então te apertava as mãos muito forte, perguntando: -Quer um pouco mais? Necessita mais? Aos meninos pequenos! Era certamente um fascista. Vá fazer esta declaração para que pelo menos fique registrado em algum lugar: as pessoas que escolhem ser professores têm algo mal em seu interior. Possivelmente é o desejo de dominar ou um desejo de poder; possivelmente são todos um pouco fascistas.

Olhei aos lápis e pinjente:

-ouvi falar destes lápis, mas antes de que os coloque entre meus dedos, recorda isto, te vai custar muito caro, possivelmente inclusive o emprego.

Ele riu. Posso-te dizer que era como o monstro de um pesadelo rendo-se de ti. -Quem me pode impedir isso? -perguntou-me.

-Este não é o assunto -disse-lhe-. Minha pergunta é: é ilegal olhar pela janela quando lhe estão ensinando aritmética? E se for capaz de responder as perguntas sobre o que me estão ensinando e sou capaz de repeti-lo palavra por palavra, então há algo mau em olhar pela janela? Então para que parecem as janelas nesta classe? Com que propósito se feito? Durante o dia sempre há alguém ensinando, e pela: noite não se necessita uma janela quando já não há ninguém para olhar por ela.

-É um bagunceiro -disse ele.

-Essa é exatamente a verdade -disse-lhe, e me vou ver o diretor para me inteirar se for legítimo que me castigue quando respondi corretamente.

Ele se suavizou um poquito. Surpreendi-me porque tinha escutado que não era um homem que se submetesse facilmente. E então disse: -e agora me vou ver o presidente do comitê municipal que dirige esta escola. Amanhã virei com o delegado de polícia para que possa ver com seus próprios olhos que tipo de práticas se estão levando a cabo aqui.

pôs-se a tremer. Não era visível para outros, mas posso ver coisas que outra gente poderia não ver. Poderia não ver um muro, mas não me podem escapar as coisas pequenas, quase microscópicas.

-Está tremendo -disse-lhe-, embora não será capaz de aceitá-lo. Mas já veremos. Primeiro espera que vá ao diretor. Fui ao diretor e me disse:

-Sei que esse homem tortura aos meninos. É ilegal, mas não posso dizer nada porque é o professor mais antigo da cidade, e o pai e o avô de quase todo mundo foi seu aluno pelo menos uma vez.

-Não me importa -disse-lhe-. Meu pai foi seu estudante e também meu avô. Não me importa nem meu pai nem meu avô; de fato, não pertenço realmente a esta família. estive vivendo afastado deles. Sou um estrangeiro aqui.

-pude ver imediatamente que deve ser estrangeiro -disse-me o diretor, mas, meu filho, não te meta em problemas desnecessários. Torturará-te.

-Não é fácil -disse-lhe-. Será este o começo de minha luta contra a tortura. Lutarei, e golpeei com o punho, é obvio um punho pequeno, em sua mesa, e lhe disse:

-Não me preocupa a educação ou nada disso, mas me devo preocupar com minha liberdade. Ninguém pode me acossar innecesariamente. Tem-me que ensinar o código educativo. Não posso ler, e você me terá que esclarecer se for ilegal olhar pela janela incluso se posso responder corretamente a todas as perguntas.

-Se tiver respondido às perguntas então não importa aonde estava olhando -disse-me.

-Vêem comigo -disse-lhe.

Veio com seu código educativo, um livro velho que sempre levava. Não acredito que ninguém o tivesse lido nunca. O diretor lhe disse ao professor Kantar:

-É melhor não incomodar a esse menino porque parece que lhe poderia devolver isso. Não se rende facilmente.

Mas o professor Kantar não era esse tipo de pessoa. Quando se assustava se voltava mais agressivo e violento, e disse:

-Vou ensinar a este menino, não faz falta que se preocupe. E a quem lhe importa esse código? fui professor aqui toda minha vida, e este menino vai ensinar me a mim o código?

-Amanhã, das duas uma, ou estou eu neste edifício ou você -disse-lhe-, mas não podemos coexistir os dois juntos. te espere até manhã.

Corri a casa e o contei a meu pai. Ele me disse:

-Estava preocupado se por acaso te tinha metido na escola só para que lhes crie problemas a outros e a ti mesmo, e que além me coloque também.

-Não -disse-lhe-, lhe estou contando isso só para que logo não me diga que te deixei à margem.

Fui ao delegado de polícia. Era um homem encantador; não me esperava que um policial pudesse ser tão amável. Disse-me: -ouvi falar antes deste homem. De fato, meu próprio filho foi torturado por ele. Mas ninguém se queixou. É ilegal torturar, mas a menos que você te queixe não se pode fazer nada, e eu não me posso queixar porque me preocupa que possa suspender a meu filho. Por isso é

melhor lhe deixar que siga torturando. Só é questão de uns poucos meses, então meu filho passará a outra classe.

-Estou aqui para me queixar -disse-lhe-, e não estou preocupado absolutamente por passar de curso. Estou disposto a ficar nesta classe toda minha vida.

Olhou-me, deu-me umas palmadas nas costas e disse: -Aprecio o que está fazendo. Amanhã virei.

Então corri a ver o presidente do comitê municipal, que demonstrou ser uma mierda de vaca. Sim, só uma mierda de vaca, e nem sequer seca. Que feio!

-Já sei -disse-me-. Não se pode fazer nada a respeito. Tem que viver com isso, tem que aprender a tolerá-lo. Disse-lhe, e lembrança perfeitamente minhas palavras: -Não vou tolerar nada que lhe pareça mal a minha consciência.

-Se for este o caso, não posso fazer nada -disse-me-. Vete à vice-presidente, possivelmente ele te possa ajudar mais.

E isto tenho que agradecer-lhe a essa mierda de vaca, porque o vice-presidente desse povo, Shambhu Dube, em minha experiência, demonstrou ser o único homem de todo o povo que merecia a pena. Quando chamei a sua porta só tinha oito ou nove anos e ele era o vice-presidente.

-Sim, adiante -respondeu.

Ele esperava encontrar-se com um cavalheiro, e ficou um pouco desconcertado à lombriga.

-Sinto não ser um pouco mais maior -disse-lhe-; por favor, me desculpe. Além disso, careço de educação, mas tenho que me queixar deste homem, o professor Kantar.

Quando ouviu minha história, que o homem em questão torturava aos meninos pequenos de primeira classe, lhes pondo lápis entre os dedos e logo espremendo-lhe que lhes colocava alfinetes debaixo das unhas, que media mais de dois metros e pesava perto de duzentos quilogramas, não pôde acreditar.

-ouvi rumores -disse-me-, mas porquê ninguém se queixou?

-Porque a gente tem medo de que seus meninos -disse-lhe- sejam torturados ainda mais.

-Não tem medo? -perguntou-me.

-Não, porque estou disposto a suspender -disse-lhe-. É tudo o que me pode fazer.

Disse-lhe que estava disposto a ser suspenso e que não insistiria em passar, mas que lutaria até o final: -ou este homem ou eu; ambos não podíamos estar no mesmo edifício.

Shambhu Dube me disse que me aproximasse. Agarrou-me a mão e me disse:- Sempre me gostou da gente rebelde, mas nunca pensei que um menino de sua idade pudesse ser um rebelde. Felicito-te.

Fizemo-nos amigos, e esta amizade durou até sua morte. Esse povo tinha uma população de vinte mil habitantes, mas isso na Índia segue sendo um povo. Na Índia, a menos que uma cidade tenha cem mil habitantes não a considera uma cidade. Quando há mais de cento e cinqüenta mil habitantes, então é uma cidade. Nessa aldeia não me encontrei em toda minha vida a alguém do mesmo calibre, qualidade e talento que Shambhu Dube. Se me perguntar, parecerá um exagero mas, de fato, não encontrei a outro Shambhu Dube em roda a Índia. Era simplesmente excepcional.

Quando estava viajando ao redor da Índia, ele esperava durante meses a que viesse e visitasse a aldeia por um só dia. Era a única pessoa que sempre veio para ver-me quando meu trem passava pela aldeia. É obvio, não estou incluindo a meu pai e a minha mãe; eles tinham que vir. Mas Shambhu Dube não era meu parente.

Só me queria, e esse amor começou nessa reunião, o dia que fui protestar contra o professor Kantar.

Shambhu Dube era o vice-presidente do comitê municipal e me disse:

-Não se preocupe. Esse tipo deve ser castigado. De fato seu período de trabalho concluiu. solicitou uma prorrogação mas não a daremos. A partir de manhã não voltará a vê-lo no colégio de novo. -É uma promessa? -perguntei-lhe. Olhamos aos olhos. Se feito a rir e disse: -Sim, é uma promessa. Ao dia seguinte, o professor Kantar se foi. Não foi capaz de me voltar para olhar. Tratei de contatar com ele, chamei a sua porta muitas vezes para lhe dizer adeus, mas era realmente um cordeiro debaixo de uma pele de leão. Esse primeiro dia na escola resultou ser o começo de muitas, muitas coisas.

Sessão 21

De acordo... O homem de quem estava falando, seu nome completo era Pandit Shambhuratan Dube. Todos estávamos acostumados a lhe chamar Shambhu Babu. Era um poeta, e o estranho era que não estava ansioso por publicar. Isto é muito estranho em um poeta. Encontrei-me centenas dessa tribo, e todos estão tão ansiosos por publicar que a poesia se converte em algo secundário. Eu chamo a qualquer ambicioso político, e Shambhu Dube não era ambicioso.

Tampouco era um vice-presidente eleito, porque para ser eleito, pelo menos tem que te apresentar à eleição. Foi renomado pelo presidente, que não era mais que excremento de vaca sagrada, como já expliquei antes, e queria a alguém com inteligência para fazer seu trabalho. O presidente era uma mierda de vaca absoluta, e tinha estado no cargo durante anos. Foi reeleito repetidas vezes por outras mierdas de vaca.

Na Índia, ser um excremento de vaca sagrada é algo muito importante, converte-te em um mahatma. Este presidente era quase um mahatma, e tão falso como o são todos; do contrário, em primeiro lugar não seriam mahatmas. por que um homem de criatividade e inteligência deve escolher o ser um excremento de vaca? por que deveria estar interessado em que lhe adorem? Nem sequer revelarei o nome desse excremento de vaca sagrada; é asqueroso. Ele nomeou ao Shambhu Babu sua vice-presidente, e penso que foi a única coisa boa que fez em toda sua vida. Provavelmente, não se deu conta do que estava fazendo; os excrementos de vaca não são gente consciente.

No momento que Shambhu Babu e eu nos vimos o um ao outro, algo aconteceu: o que CAD Gustav Jung chama «sincronicidad». Eu só era um menino; não só isso, mas também selvagem. Vinha da selva, sem educar, indisciplinado. Não tínhamos nada em comum. Ele era um homem poderoso e muito respeitado, não porque fosse um excremento de vaca, mas sim porque era um homem muito forte, e se não te comportava respetuosamente com ele algum dia poderia sofrer. E também tinha

muito boa memória. Todo mundo lhe tinha muito medo e por isso lhe tinham respeito, e eu só era um menino.

Aparentemente, entre nós dois não havia nada: em comum. Ele era o vice-presidente de toda a aldeia, o presidente da associação de advogados, o presidente do Clube de Negócios, e assim sucessivamente. Era o presidente ou o vice-presidente de muitos comitês. Estava em todos lados, e era um homem bem educado. Tinha os títulos mais altos em direito, mas não exercia no povo.

Não lhes preocupem dos ruidosos diabos que trabalham fora; depois de tudo, são meus discípulos. Se início diabos a sannyas, o que te pode esperar? fui aceitando todos os discípulos do Belcebú. Esse era o nome que Gurdjieff estava acostumado a chamar o diabo, Belcebú. Mas eu gostaria de lhe dizer ao Gurdjieff que Belcebú está perdendo centenas de discípulos cada dia. Mas aconteceram tanto tempo com o Belcebú que aprenderam sua tecnologia. Não estou contra a tecnologia. Eu gosto. Por isso aos discípulos do Belcebú lhes resulta fácil converter-se em meus discípulos, muito fácil, porque comigo continuam fazendo o mesmo trabalho que estavam acostumados a fazer para o feio Belcebú.

Ou seja que não lhes preocupem se eu não me preocupo. Em realidade, todos esses ruídos lhe dão um fundo muito formoso ao que lhes estou dizendo..., é obvio, um fundo uso Picasso, um pouco como de pesadelo. Mas às vezes os pesadelos podem ser formosas, e a um dá pena quando se acabam. E o que estão fazendo poderia não soar bonito, mas estão fazendo meu trabalho. Naturalmente, Belcebú está muito zangado... são seus discípulos e estão usando toda sua tecnologia para mim.

A ciência é um pouco endiabrada. Você estudaste medicina, ou seja, que de algum modo forma parte da tecnologia do Belcebú. Perdoa a esses pobres tipos, estão-o fazendo o melhor que podem, e quanto se refere, quando estou falando nada importa.

Estava dizendo, note no ruído de fundo, e no silêncio: se a gente souber como, pode usar ao Belcebú como um criado.

Estava-lhes falando do Shambhu Dube, Shambhu Babu. Era poeta, mas nunca publicou sua poesia em vida. Era também um grande escritor de histórias, e por acaso um famoso diretor de cinema chegou a lhe conhecer, a ele e a suas histórias. Agora Shambhu Babu está morto, mas se tem feito um grande filme usando uma de suas histórias, Jhansi ki rani (Reina-a do Jhansi). Ganhou muitos prêmios, nacionais e internacionais. Que lástima que já não está. Era meu único amigo naquele lugar.

Uma vez que se decidiu que viveria ali. . ., pensou-se que passaria ali sete anos mas, em realidade, vivi ali durante onze anos. Possivelmente só me disseram sete para me convencer de que ficasse; provavelmente, essa foi sua intenção desde o começo.

Na Índia, nesses dias, a estrutura do sistema educativo estava sob a direção das autoridades locais. Começava com quatro anos de educação primária, e três anos mais se queria continuar na mesma direção. Isto soma sete anos; depois podia obter um título.

Talvez fosse essa sua intenção e não me estavam mentindo. Mas também havia outro caminho, e isto foi o que aconteceu. depois de quatro anos podia continuar na mesma linha ou podia trocar: podia ir à escola de ensino médio. Se continuava na mesma linha não aprendia inglês. A educação primária se acabava depois de sete anos, e toda sua educação só era na língua local; e na Índia existem trinta

idiomas reconhecidos. Depois do quarto curso tinha a oportunidade de trocar de sistema. Podia ir ao ensino inglês; podia entrar no que se chamava ensino médio.

A seguir havia um curso de quatro anos, e se continuava nessa linha, depois de outros três anos te convertia em um bacharel. meu deus! Quanta vida desperdiçada! Todos esses formosos dias gastos tão sem piedade, esmagados! E para quando foi um bacharel, então estava capacitado para ir à universidade. De novo seis anos mais! Em total, tive que perder quatro anos no ensino fundamental, quatro anos no ensino médio, três anos no ensino superior e seis anos na universidade, dezessete anos de minha vida!

Penso que se pudesse lhe encontrar algum sentido a isto, a única palavra que me ocorre, apesar de Belcebú e seus discípulos que estão fazendo um grande trabalho -ex-discípulos quero dizer-, a única palavra que me ocorre é «tolice». Dezessete anos! Tinha oito ou nove quando comecei esta tolice, e o dia que deixei a universidade tinha vinte e seis, e estava tão feliz, não porque me tivessem dado a medalha de ouro, mas sim por que por fim era livre. Libere de novo.

Tinha tanta pressa que disse a meu professor: -Não esbanje meu tempo. Ninguém pode me convencer de que entre por essas portas outra vez. Inclusive quando tinha nove anos meu pai teve que atirar de mim para entrar, mas agora ninguém pode atirar de mim. Se alguém o tentar, atirarei dele para fora. E, é obvio, era capaz de atirar desse pobre ancião que estava tratando de me persuadir para que ficasse.

-me escute -disse-me-: é estranho receber uma beca para um doutorado em Filosofia. Faz seu doutorado em Filosofia, e te prometo que um dia será capaz de ter um Doutorado em Literatura.

-Não me faça perder o tempo -disse-lhe-, porque se vai o ônibus.

O ônibus estava esperando na porta. Tive que correr para agarrá-lo, e lamento não ter podido, nem sequer, lhe dar as obrigado. Não tive tempo, o ônibus se estava indo e minha bagagem estava já dentro, e o condutor, como fazem todos os condutores, estava tocando a buzina como um louco. Era o único passageiro que ainda não estava no ônibus, e meu velho professor estava quase de joelhos me persuadindo para que não me fora.

Shambhu Babu era muito educado, eu estava sem educar quando começou nossa amizade. Ele tinha um passado glorioso; eu não. Toda a cidade se surpreendeu de nossa amizade, mas ele não se envergonhava. Eu respeito essa qualidade. Souatamos caminhar da mão. Era da idade de meu pai, e seus filhos eram maiores que eu. Morreu dez anos antes que meu pai. Acredito que devia ter uns cinqüenta anos naquele momemoro. Agora seria o melhor momento para ser amigos. Mas foi o único homem que me reconheceu. Era um homem de autoridade no povo, e seu reconhecimento foi uma ajuda imensa para mim.

Ao professor Kantar não lhe voltou a ver pela escola. Foi despedido imediatamente, porque só ficava um mês para aposentar-se, e sua solicitude para uma prorrogação tinha sido denegada. Isto provocou uma grande celebração em todo o povo. O professor Kantar tinha sido um homem importante nesse povo; apesar disso, tinha conseguido que lhe despedissem em um só dia. Isto foi uma façanha. A gente COmenzó a me respeitar. Eu lhes dizia:

-O que é esta tolice? Não tenho feito nada, unicamente tirei a luz a este homem e suas más ações.

Estou surpreso de como pôde acontecer-se toda a vida torturando a meninos pequenos. Mas se pensava que a educação era isto. Naquela época se acreditava

que a menos que torture a um menino não pode ensinar, e há muitos hindus que ainda o pensam, embora não o digam tão claramente. Por isso pinjente:

-Não é um assunto de respeito, e no que respeita a minha amizade com o Shambhu Babu, não é uma questão de idade. Em realidade, é amigo de meu pai. Inclusive meu pai está assombrado. Meu pai estava acostumado a lhe perguntar ao Shambhu Babu: -por que é tão cordial com um menino tão problemático? E Shambhu Babu ria e dizia: -Um dia entenderá o porquê. Não lhe posso explicar isso agora.

Sempre me maravilhou a beleza deste homem. Era parte de sua beleza o que pudesse responder dizendo: -Não posso responder. Um dia entenderá. Um dia disse a meu pai: -Possivelmente não deveria ser amistoso, a não ser respeitoso.

Isto me surpreendeu também. Quando ficamos sozinhos lhe disse: -Shambhu Babu, que tolice lhe estava dizendo a meu pai? O que quer dizer com que deveria me respeitar?

-Respeito-te -disse-me- porque, embora não muito claro, posso ver, como se estivesse oculto depois de uma cortina de fumaça, o que um dia chegará a ser.

Inclusive eu me tive que encolher de ombros. Disse-lhe: -Está dizendo tolices. O que posso chegar a ser? Já o sou...

-Isto é! -disse-. Isto é o que me maravilha de ti. É um menino; toda a cidade ri de nossa amizade e se perguntam do que falamos, mas não sabem o que se estão perdendo. Eu sei -enfatizou-, eu sei o que se estão perdendo. Posso sentido um pouco, mas não o posso ver claramente. Possivelmente um dia, quando for um adulto, serei capaz de verte.

E tenho que confessar que depois da Magga Baba ele foi a segunda pessoa que reconheceu que me tinha acontecido algo incomensurável. É obvio, ele não era um místico, mas um poeta tem a capacidade, de vez em quando, de ser um místico, e ele era um grande poeta. Também era grande porque nunca se preocupou de publicar seu trabalho. Nunca se preocupou de ler em nenhuma reunião de poetas. Parecia estranho que lesse sua poesia a um menino de nove anos e me perguntasse: -Tem algum valor ou não vale a pena?

Agora sua poesia está sendo publicada, mas ele já não existe. Publicaram-no em sua memória. Não contém seu melhor trabalho porque nenhuma das pessoas que o selecionou era poeta, e se necessita um místico para fazer uma seleção da poesia do Shambhu Babu. Conheço tudo o que escreveu. Não era muito, alguns artigos, uns poucos poemas e algumas historia, mas de alguma estranha maneira todos estão conectados com um só tema.

O tema é a vida, não como um conceito filosófico mas sim como um pouco vivido momento a momento. A vida com «v» minúscula bastará, porque se o escrevesse com maiúsculas nunca me perdoaria isso. Estava contra as maiúsculas. Nunca escreveu nenhuma palavra com maiúscula. Inclusive o começo de uma frase sempre o escrevia com minúsculas. Escrevia até seu nome com minúsculas.

-O que têm de mau as maiúsculas? -perguntei-lhe-. por que está tão em contra, Shambhu Babu? -Não estou em contra -disse-me-, mas estou apaixonado pelo imediato, não do longínquo. Estou apaixonado pelas coisas pequenas: uma taça de chá, nadar no rio, um banho de sol. .. Estou apaixonado pelas coisas pequenas, e estas não se podem escrever com maiúsculas.

Entendo-lhe, por isso digo que apesar de que não era um professor iluminado, nem um professor em nenhum sentido, ainda o conto como o número dois, depois da Magga Baba, porque me reconheceu quando era impossível fazê-lo, totalmente impossível. Eu poderia não me haver reconhecido mesmo, mas ele me reconheceu.

Quando entrei em seu escritório de vice-presidente pela primeira vez e nos olhamos mutuamente aos olhos, durante um momento só houve silêncio. Então se levantou e me disse:

-Por favor, sente-se.

-Não faz falta que te levante -disse-lhe. -Não é uma questão de necessidade –me disse, e me faz feliz me levantar por ti. Nunca o havia sentido antes; e me levantei ante o governador e ante a assim chamada gente poderosa. Vi ao vice-rei do Delhi, mas não me impressionou tanto como você, tenho que confessá-lo. Por favor, não o diga a ninguém, e esta é a primeira vez que o contei. Mantive-o em segredo todos estes anos, quarenta anos. Sinto-o como um desafogo. Esta manhã Gudia disse:

-dormiste até muito tarde. Se, ontem noite dormi, pela primeira vez em quarenta anos, como me teria gostado de dormir todas as noites. Durante toda a noite não fui interrompido nem um só momento. Normalmente, tenho que olhar a meu relógio de vez em quando para ver se já é a hora de me levantar. Mas a noite passada, depois de muitos anos, não olhei meu relógio absolutamente. Inclusive me perdi a cocção do Devaraj. Assim é como chamo à mescla de seu café da manhã especial. É uma mescla, mas é muito boa. É complicada de comer porque só mastigá-la costa meia hora, mas é realmente sã e nutritiva. Deveríamos pôr a cocção café da manhã do Devaraj a disposição de todo o mundo. É obvio, não é rápida, a não ser lenta, muito lenta. Podemos chamado um «café da manhã lento 11»? Mas então não soaria bem.

Hoje tive que me saltar o café da manhã por duas razões: primeiro, tinha que manter a entrevista com o Devageet, já chegava cinco minutos tarde e eu não gosto de chegar tarde. Segundo, se me tivesse tomado essa cocção teria demorado tanto que, quando a tivesse acabado, teria sido a hora da comida. Não tivesse havido o intervalo necessário. Por isso pensei que me saltaria isso. Mas eu gosto de muito, e se não me tomo, a sinto falta de.

A noite passada foi excepcional pela singela razão de que ontem lhes falei do Shambhu Babu e me tirei um peso de cima. Também falei sobre meu pai e de sua contínua luta e de como terminou. Senti-me muito liberado.

Shambhu Babu era um homem que se podia ter realizado, mas perdeu a oportunidade. Perdeu-a porque era muito intelectual. Era um gigante intelectual. Não podia sentar-se em silêncio nem sequer um momento. Estive presente quando morreu. É um estranho destino que tenha tido que ver morrer a todo mundo que amei.

Não estava muito longe quando se estava morrendo. Telefonou-me só para me dizer:

-Vêem rápido se puder, porque não acredito que vá durar muito. Quero dizer -disse-me-, que não posso durar nem sequer uns dias. Imediatamente corri para o povo. Só estava a 13 quilômetros do Jabalpur, e cheguei em duas horas. ficou muito contente. Voltou-me a olhar com o mesmo olhar que na primeira ocasião que nos encontramos, quando tinha perto de nove anos de idade. Havia um silêncio muito eloqüente. Não se disse nada, mas tudo foi escutado. Sujeitando suas mãos lhe disse: -Por favor, fecha os olhos, não te esforce. -Não -disse-me-. Estes olhos vão se fechar eles sozinhos, muito em breve, e então não serei capaz de abri-los. Por isso, por favor, não me peça que os fechamento. Quero-te ver. Possivelmente não serei capaz de te voltar para ver. Uma coisa é segura -disse-, você não voltará a te reencarnar. E agora... Ai, tinha-te que ter escutado! Sempre insistia em ser silencioso mas eu seguia pospondo. Agora já não fica tempo nem para pospor.

Os olhos lhe encheram de lágrimas. Permaneci sem dizer nada, estando com ele. Seus olhos se fecharam e morreu.

Tinha uns olhos muito belos, e uma cara muito inteligente. Conheço muita gente bela mas é muito difícil ter a beleza deste homem. Não estava feita pelo homem, com segurança não feito na Índia. Era e segue sendo um de meus seres mais queridos. Apesar de que não se reencarnou ainda, estou-lhe esperando.

Esta é uma comuna multiusos. Vós conhecem alguns, outros só os conheço eu. Este é um dos usos desconhecidos para os organizadores da comuna: que estou esperando algumas almas. Estou inclusive preparando casais para as receber. Shambhu Babu virá dentro de pouco. Tenho tantas memórias relacionadas com ele que terei que lhe mencionar continuamente. Mas hoje só sua morte.

É estranho que deva falar primeiro sobre sua morte e mais tarde que outras coisas. Não, no que se refere não é estranho, porque para mim o momento da morte abre a um homem como nenhuma outra coisa. Nem sequer o amor pode fazer este milagre. Tenta-o mas os amantes o impedem, porque no amor se necessitam duas pessoas; na morte um se basta a si mesmo. Isto ocorre porque não há alterações por parte do outro. Vi o Sham-bhu Babu morrendo em uma atitude tão relaxada e alegre que não posso esquecer sua cara.

Surpreenderá-te saber que tinha a cara de -adivinha quem?- quase a mesma cara que o ex-presidente da América, Richard Nixon! Mas sem a fealdade, oculta em cada célula e fibra do Nixon...! Se não, Shambhu Babu teria sido o presidente da Índia. Era muito mais inteligente que ele assim chamado presidente da Índia, Sanjiva. Mas, quero dizer, fotograficamente era muito similar ao Nixon de jovem. É obvio, quando o espírito é diferente, inclusive uma mesma cara tem um aura diferente, algo diferente -como dizê-lo- um significado em conjunto diferente. Por isso, por favor, não me interprete mal, porque todos conhecem o Richard Nixon, enquanto que eu só conhecia o Shambhu Babu, por isso é inevitável que haja um mal-entendido.

Por favor, te esqueça que hei dito que se pareciam, esquece-o. É melhor que não saiba nada da cara do Shambhu Babu, em vez de que comece a pensar que é igual a Richard Nixon. Mas tenho que confessar que tenho certa simpatia pelo Richard Nixon, só porque se parece com o Shambhu Babu. Têm-me que desculpar por isso; sei que não o merece, mas tampouco posso fazer nada. Sempre que vejo sua foto vejo o Shambhu Babu, e não vejo absolutamente ao Nixon.

Quando Nixon chegou a ser presidente dos Estados Unidos me disse mesmo: «¡Aha! Pelo menos um homem que se parece com o Shambhu Babu chegou a ser presidente da América.» Tivesse-me gostado que Shambhu Babu fora o presidente da América; mas, é obvio, isto não era possível, mas o parecido me consola. Quando Nixon fez o que fez, senti-me envergonhado, de novo, porque se parecia com o Shambhu Babu. E quando teve que renunciar à presidência estava triste, não por ele -não tinha nada que ver com ele- mas sim porque agora não voltaria a ver a cara do Shambhu Babu nos periódicos.

Agora não existe nenhum problema porque já não leio os periódicos. Não os leão há anos. Cheguei a ler quatro periódicos em um minuto, mas faz mais de dois anos que não tornei a olhar nenhum. E não leio nenhum livro, simplesmente não leio. Hei-me deseducado outra vez, como sempre tinha querido ser, se meu pai não me tivesse metido nessa escola... mas colocou a rastros. E tudo o que essas escolas e colégios e universidades me fizeram me levou muita energia o desfazê-lo, mas consegui desfazê-lo totalmente.

Tenho desfeito tudo o que a sociedade me fez. Sou outra vez ignorante, um menino selvagem de... vós não usam esta palavra em inglês... Em hindi, a um homem de um povo lhe chama gamar. Um povo se chama gam, e um popular, gamar. Mas gamar também significa «tolo» e se mesclaram tanto que ninguém pensa agora que «gamar» significa popular; todo mundo pensa que significa tolo.

Vim daquele povo totalmente em branco, sem que houvesse nada escrito em mim. segui sendo um menino selvagem inclusive estando longe desse povo. Nunca permiti que ninguém escriba nada em mim. A gente sempre está disposta..., não só disposta, mas também insistem em escrever algo em ti. Cheguei vazio desse povo, e agora posso dizer que tudo o que se escrito durante este tempo o apaguei, e apagado completamente. De fato derrubei o próprio muro para que não se possa voltar a escrever nele nada mais.

Shambhu Babu também poderia havê-lo feito. Sei que era capaz, capaz de converter-se em um buda, mas não aconteceu. Possivelmente sua profissão (era um advogado) o impediu. ouvi que todo tipo de pessoas que se converteram em budas, mas nunca ouvi que algum advogado se converteu em um buda. Não acredito que ninguém dessa profissão possa converter-se em um buda a menos que renuncie a tudo o que aprendeu. Shambhu Babu não pôde reunir a coragem, e o sinto por ele. Não o sinto por nenhum outro, porque nunca me cruzei com ninguém que fora tão capaz e que apesar disso não desse o salto.

-Shambhu Babu, qual é o obstáculo? -lhe estava acostumado a perguntar, e sempre me respondia o mesmo: -Como explicá-lo? Não sei exatamente qual é o obstáculo, mas deve haver algo me impedindo isso Yo sé lo que era, y él también lo sabía, aunque nunca reconoció que lo sabía. Y sabía que yo sabía que él sabía. Siempre que se lo preguntaba cerraba los ojos, y soy un tipo muy testarudo; constantemente le preguntaba: -¿Cuál es el obstáculo? Cerraba los ojos, sólo para no mirarme cara a cara, porque en esta situación él no me podía mentir. Quiero decir, no podía hacer de abogado... de mentiroso. Pero ahora que está muerto puedo decir que aunque no fuese un buda, era casi un buda; esto es algo que nunca volveré a repetir de nadie más. Reservaré está especial categoría, de casi-buda para Shambhu Babu.

Eu sei o que era, e ele também sabia, embora nunca reconheceu que sabia. E sabia que eu sabia que ele sabia. Sempre que o perguntava fechava os olhos, e sou um tipo muito teimoso; constantemente lhe perguntava: -Qual é o obstáculo? Fechava os olhos, só para não me olhar cara a cara, porque nesta situação ele não me podia mentir. Quero dizer, não podia fazer de advogado... de mentiroso. Mas agora que está morto posso dizer que embora não fosse um buda, era quase um buda; isto é algo que nunca voltarei a repetir de ninguém mais. Reservarei está especial categoria, de quase-buda para o Shambhu Babu.

Sessão 22

ia dizer: -De acordo -mas não. Uma vez o disse à ligeira, só para ser cortês, e sofri muito. A partir daí tudo foi mau. Por isso agora vou dizer de acordo só quando estiver realmente de acordo; do contrário, é melhor o silêncio...De acordo. Estou-me acordando outra vez do pobre Sigmund Freud. Estava esperando em seu escritório a um paciente rico e é obvio judeu. Como pode um ser rico sem ser judeu? E o psicanálise é o maior negócio baseado por um judeu. equivocaram-se

com o Jesus, mas não puderam permitir o equivocar-se com o Sigmund Freud. É obvio, não se pode comparar.

Freud estava esperando e esperando, caminhando de um lado a outro da habitação. O paciente era riquíssimo, e o psicanálise é um tratamento que dura muitos anos, a menos que o paciente se encontre com um judeu muito mais articulado, mas nunca é capaz de sair do círculo vicioso.

Freud olhava sem parar seu relógio de ouro, e então no último momento, quando já estava pensando em render-se, apareceu o paciente. Pelo horizonte chegou seu grande automóvel, e Freud, é obvio, estava furioso. Finalmente, o carro chegou até o alpendre, o judeu saiu e quando entrou na consulta, Sigmund Freud estava realmente furioso porque tinha chegado cinqüenta segundos tarde. Freud lhe disse: -Menos mal que ouvi seu carro no alpendre justo à hora; de outro modo ia começar eu sozinho a sessão.

É uma piada profissional. Só aqueles que estão na profissão do psicanálise o entenderão. Terei-lhes isso que explicar porque nenhum de vós são psicanalistas. A piada está em que Freud disse: -Tivesse começado inclusive sem ti, sem o paciente. Agarra-o? Deixa que seja mais claro, terá que deixar a um lado as piadas. Em algum momento, tenho que começar.

Exatamente no momento de dizer «de acordo» o direi; e não como Sigmund Freud, a não ser sabendo completamente a piada. Apesar disso, não lhes posso defraudar. Isto é só uma nota introduçã; agora podemos retomar a história interminável.

Sim, é interminável. Como pode acabar-se antes de que eu acabe? Algum outro terá que escrever o epílogo. Eu não posso escrevê-lo, me desculpe, mas estou preparando a minha gente: Devageet, Devaraj, Ashu..., fará-o esta trindade. E recorda, em minha trindade há uma mulher que manterá aos dois tipos lutando para sempre. Apesar de tudo, serão capazes de escrever o epílogo. Se não poderem fazê-la, então Ashu pode lhes deixar lutar, e enquanto isso escrevê-lo ela.

Esta manhã, dito seja de passagem, referi-me à palavra do Carl Gustav Jung «sincronicidad». Eu não gosto do homem, mas eu gosto da palavra que introduziu. Terei que lhe outorgar todo o mérito por isso. Em nenhum outro idioma existe uma palavra como «sincronicidad» porque é uma palavra inventada, inventada pelo Carl Gustav Jung.

Mas todas as palavras são inventadas por uma ou outra pessoa, por isso não há nada mau em inventar uma palavra, particularmente se indicar uma experiência que permaneceu durante séculos sem etiquetar. Só por esta palavra, «sincronicidad», Jung deveria ter recebido o Prêmio Nobel, apesar de que ele seja uma mediocridade. Mas há tanta gente medíocre que recebeu o Prêmio Nobel que se o receber um mais, o que tem que mau? E também o concedem a título póstumo; por isso, por favor, concedam a este pobre homem, Carl Gustav Jung, um Prêmio Nobel. Não estou brincando. Estou-lhe muito agradecido por esta palavra, porque é isto o que sempre evitou a compreensão do intelecto humano.

Estava te falando sobre minha estranha amizade com o Shambhu Babu. Era estranha por muitos motivos. Primeiro, era maior que meu pai, ou possivelmente da mesma idade, embora pelo que posso recordar parecia mais velho, e eu só tinha nove anos. Agora, que tipo de amizade era possível? Era um perito em leis, com muito êxito, não só nesse pequeno lugar, porque tinha exercido no Tribunal Superior e no Supremo. Era uma das autoridades mais sobressalentes em leis. E era amigo de um menino selvagem, sem regras, indisciplinado e inculto. Fiquei assombrado quando me disse em nosso primeiro encontro: -Sente-se, por favor.

Não me esperava que o vice-presidente se levantasse para me receber e me dissesse: -Sente-se, por favor. -Sente-se seu primeiro -disse-lhe-. Dá-me um pouco de vergonha me sentar antes que você. Você é maior, possivelmente maior que meu pai.

-Não se preocupe -disse-me-. Sou amigo de seu pai. Mas te relaxe e me diga a que vieste.

-Direi-lhe isso mais tarde. Primeiro... -disse-lhe. Olhou-me, olhei-lhe; e o que transpirou nesse pequeno fragmento de um momento se converteu em meu primeira pergunta. Perguntei-lhe-: Antes que nada, me diga o que é o que acaba de passar entre seus olhos e meus.

Ele fechou os olhos. Talvez passaram dez minutos antes de que os voltasse a abrir. -me perdoe -disse-me-, não sei, mas aconteceu algo.

Fizemo-nos amigos; isto aconteceu ao redor de 1940. Só depois, vários anos mais tarde, justo um ano antes de que morrera -ele morreu em 1960, depois de vinte anos de amizade, estranha amizade-, só depois fui capaz de lhe dizer que a palavra que tinha estado procurando tinha sido inventada pelo Carl Gustav Jung. Essa palavra era «isso sincronicidad é o que tinha acontecido entre nós. Ele sabia, eu sabia, mas faltava a palavra.

A sincronicidad pode significar muitas coisas de uma vez, é multidimensional. Pode significar um certo sentimento rítmico; pode significar o que a gente sempre chamou amor; pode significar amizade; pode significar simplesmente dois corações pulsando juntos sem rima nem razão..., é um mistério. Só de vez em quando encontra a alguém com quem se ajustam as coisas; o quebra-cabeças desaparece. Todas as peças que não encaixavam de repente encaixam espontaneamente.

Quando disse a minha avó: -O vice-presidente desta cidade e eu nos temos feito amigos. Ela me disse: -Quer dizer Pandit Shambhuratan Dube? -Parece que te surpreende um pouco -disse-lhe-. O que te passa, Nani? Lhe saltaram as lágrimas.

-Então não terá muitos amigos no mundo -disse-me-, por isso estou preocupada. Se Shambhu Babu se tiver feito amigo teu não terá muitos amigos neste mundo. Não só isso: possivelmente possa ter amigos, porque é jovem, mas Shambhu Babu com segurança não terá nenhum outro amigo no mundo, porque é muito velho.

Uma e outra vez minha avó aparecerá em minha história com seus tremendos vislumbres. Sim, agora o posso ver. Recapitulando, posso ver o que ela tinha visto e por que chorava. Agora sei que Shambhu Babu nunca teve nenhum outro amigo; eu fui seu único amigo.

Estava acostumado a visitar meu povo de vez em quando, possivelmente uma vez ao ano ou dois, não mais disso. E quanto mais ia envolvendo em minha própria atividade, ou também pode chamá-lo inatividade..., enquanto ia envolvendo cada vez mais com os sannyasins, e o movimento de meditação, minhas visitas ao povo se foram fazendo mais escassas. De fato, os últimos anos antes de que ele morrera, minhas únicas visitas eram quando passava de trem através do povo.

O chefe de estação era um de meus sannyasins; por isso, é obvio, o trem parava tanto como eu quisesse. Eles, e por «eles» quero dizer, meu pai e minha mãe, Shambhu Babu e muitos outros que me amavam, vinham à estação. Nisso consistia toda a visita: dez, vinte, como muito trinta minutos. O trem não podia atrasar-se mais tempo porque tinham que vir outros trens. Estavam esperando fora da estação.

Mas posso entender sua solidão. Não tinha outros amigos. Escrevia-me uma carta quase cada dia, isto é muito estranho, e não havia nada que escrever. Às vezes me mandava um papel em branco dentro de um sobre. Eu entendia inclusive

isso. sentia-se muito solitário, e lhe tivesse gostado de desfrutar de minha companhia. Eu fazia todo o possível por estar ali enquanto fosse prático, porque para mim era realmente uma pesadez estar naquele povo. Suportava esse povo unicamente por ele.

depois de que morreu raramente, muito raramente, ia ali. Agora tinha uma desculpa, não podia ir porque recordava ao Shambhu Babu. Mas realmente não tinha sentido ir. Quando ele estava tinha um sentido. Ele era um pequeno oásis no deserto.

Não tinha nenhum medo de todas as críticas que lhe faziam por minha causa. Estar associado comigo, inclusive naqueles dias, não era algo bom. Era perigoso.

-vais perder todo o respeito da comunidade -disseram-lhe-, e é a comunidade a que te subiu que vice-presidente a presidente.

-Terá que escolher, Shambhu Babu -disse-lhe-, ser o presidente deste estúpido povo ou ser meu amigo.

Renunciou à prefeitura e à presidência. Não me disse nenhuma só palavra; simplesmente escreveu ali mesmo sua demissão, diante de mim.

-Há algo em ti que é indefinível, que eu gosto -disse-me-. A presidência desta estúpida cidade não significa nada para mim. Estou disposto a perdê-lo tudo, se chegar o caso. Sim, estou disposto a perdê-lo tudo.

Tentaram lhe persuadir para que não demitisse, mas não se tornou para atrás.

-Shambhu Babu -disse-lhe-, sabe perfeitamente bem que ódio todas as presidências, vicepresidencias, tanto se forem municipais como nacionais. Não te posso pedir: «Anula sua demissão», porque não poderia cometer esse crime. Se quer anulá-la é livre de fazê-la.

-O sobre está fechado -disse-me-. Não tem sentido o retroceder e estou contente de que não tenha tentado me convencer.

Seguiu sendo um homem solitário. Tinha suficiente dinheiro para viver como um homem rico, por isso quando renunciou à presidência também renunciou à profissão de advogado.

-Tenho suficiente dinheiro, por que me preocupar? -disse-me-. E as leis? Com todas essas legalidades e contínuas mentiras em nome da verdade.

Abandonou sua profissão. Essas eram as qualidades que apreciava nele. Sem pensar-lhe nem um momento, demitiu, e ao dia seguinte abandonou o colégio de advogados. Por ele tinha que visitar o povo de vez em quando, ou convidá-lo aonde eu estivesse, para que passasse uns dias comigo. de vez em quando estava acostumado a vir.

Era um homem autêntico, sem nenhum medo às conseqüências. Uma vez me perguntou:

-O que é o que vais fazer? Porque não acredito que possa seguir sendo professor da universidade durante muito tempo.

-Shambhu Babu -disse-lhe-, nunca faço planos. Se sotaque este trabalho supuser que me estará esperando algum outro trabalho. Se Deus... -e recorda o «se», porque não era crente, essa era outra qualidade que amava nele. Ele estava acostumado a dizer: «A menos que saiba, como vou acreditar?»

-Se Deus pode encontrar trabalho para todo tipo de gente -disse-lhe-, animais, árvores, penso que será capaz de me encontrar algum tipo de trabalho a mim também. E se não poder encontrá-lo é seu problema, não o meu.

riu e disse:

-Sim, isso está muito bem. Sim, é seu problema se existir, mas o assunto é este: se não existir, então o que?

- Tampouco vejo nenhum problema para mim -disse-lhe-. Se não haver trabalho, posso fazer uma inspiração profunda e me despedir desta existência. É prova suficiente de que não sou necessário. E se não ser necessário, então não quero ser uma carga para esta pobre existência.

Se nossos bate-papos pudessem ser recolhidas e todas nossas discussões pudessem ser reproduzidas, constituiriam uns diálogos melhores que os do Platón. Era um homem muito lógico, tão lógico como eu ilógico, e isto era o mais incompreensível: que os dois fomos o único amigo mútuo que tínhamos na cidade. Todo mundo perguntava: -Ele é um lógico, você é totalmente ilógico. Qual é a ponte entre os dois?

-Resultará-te muito difícil entendê-lo -disse-lhe-, porque não é nenhum dos dois. Sua lógica lhe leva a ele até o mesmo limite. Eu sou ilógico, não porque tenha nascido ilógico, ninguém nasce ilógico; sou ilógico porque vi a inutilidade da lógica. Por isso posso ir com ele de acordo a sua lógica e além disso, em um momento dado, lhe adiantar, e nesse momento ele se assusta e se detém. E isto é o que mantém nossa amizade, porque ele sabe que tem que ir além desse ponto, e sabe que ninguém mais pode lhe ajudar. Todos vós, refiro-me às pessoas desta cidade, pensam que ele me está ajudando. Estão equivocados. O podem perguntar. Eu ajudo a ele.

Surpreenderão-lhes, mas um dia uns quantos foram a sua casa a lhe perguntar: -É verdade que este menino é uma espécie de guia para ti? -Com segurança. Não há dúvida -respondeu-. por que me perguntam isso ?por que não perguntam a ele? Vive na porta do Iado de sua casa.

Sua qualidade é quase insólita, e minha avó tinha razão quando me disse: -Dá-me medo que Shambhu Babu não vá ter nenhum amigo. E -disse ela- no que a ti respeita, meus medos estão aí... Mas você é jovem ainda; possivelmente possa encontrar alguns amigos.

Sua visão era realmente muito claro. Surpreenderá-te saber que em toda minha vida não tive nem um só amigo exceto Shambhu Babu. Se ele não tivesse estado ali nunca tivesse sabido o que significava ter um amigo. Sim, tive muitos conhecidos, na escola, no colégio, na universidade, havia centenas. Poderia ter pensado que todos eram meus amigos, eles poderiam ter pensado o mesmo, mas exceto este homem, não conheci nenhuma só pessoa a que pudesse chamar amigo.

Travar conhecimento com alguém é muito fácil; conhecer-se é muito normal. Mas a amizade não é parte do mundo ordinário. Surpreenderá-te saber que quando me punha doente, e estava a cem quilômetros da cidade, imediatamente recebia uma chamada do Shambhu Babu, muito preocupado. -Está bem? -perguntava-me. -O que acontece? -dizia-lhe-. por que está tão preocupado? Parece doente. -Não estou doente, mas senti que você sim o estava -dizia-me-, e agora sei que o está. Não pode dissimulado.

Aconteceu em muitas ocasiões. Não lhes acreditarão isso, mas só por ele tive que pôr um telefone privado. É obvio havia um telefone para que meu secretário pudesse ocupar-se dos preparativos ao redor do país. Mas tinha um telefone secreto, privado, só para o Shambhu Babu, de modo que pudesse chamar se se sentia preocupado inclusive em metade da noite. Tomei inclusive a decisão de que se não estava em casa, a não ser viajando em algum lugar na Índia, e me punha doente, telefonaria-lhe só para decide: -Por favor, não se preocupe, porque estou doente. Isto é sincronicidad.

De algum jeito, existia uma conexão muito profunda. O dia que morreu fui para ele sem duvidá-lo. Nem sequer perguntei. Simplesmente, conduzi para a cidade.

Nunca eu gostei dessa estrada, e eu gosto de conduzir, mas essa estrada do Jabalpur a Gadarwara era realmente uma filha de puta! Não encontrará uma estrada pior em nenhum lugar. Nossa estrada que conecta o rancho com o Antelope é em comparação uma auto-estrada. Como lhes chamam na Alemanha? Autobhan? -Sim, Osho.

De acordo, se Devageet disser que está bem, então deve está-lo. Nossa estrada é uma autobhan comparada com a estrada da Universidade à casa do Shambhu Babu. Corri com uma sensação nas vísceras.

Sou um condutor rápido. Eu gosto da velocidade, mas nessa estrada não pode ir a mais de 30 quilômetros por hora; esse é o máximo possível, de modo que te pode imaginar que tipo de estrada deve ser. Para quando chega, se não estar morto está em um estado muito parecido! Só tem uma coisa boa: antes de entrar na cidade cruza um rio. Esta é a graça salvadora: pode-te dar um bom banho, pode nadar durante meia hora para te refrescar e lhe dar a seu carro um bom banho também. Logo, quando chega à cidade, ninguém se pensa que é o espírito santo.

Corri. Nunca em minha vida tive tanta pressa. Nem inclusive agora, apesar de que agora deveria ter pressa porque o tempo me escapa das mãos e não está muito longínquo o dia que tenha que lhes dizer adeus a todos vós, embora me tivesse gostado de ficar um pouco mais. Nada está em minhas mãos exceto os braços desta poltrona, e pode ver como me estou agarrando a eles, sentindo-os, para comprovar se ainda estou no corpo. Não terá que preocupar-se..., ainda fica um pouco de tempo.

Esse dia tive que me dar pressa, e se demonstrou que era verdade, porque se tivesse chegado uns minutos mais tarde não teria tornado a ver os olhos do Shambhu Babu. Quero dizer vivos, quer dizer, me olhando da mesma maneira que me viram essa primeira vez. Queria ver esse primeiro olhar por última vez..., essa sincronicidad. e nessa meia hora antes de morrer não houve nada exceto pura comunhão. Disse-lhe que podia dizer algo que quisesse.

Ele mandou sair a todo mundo. É obvio, ofenderam-se. A sua esposa e filhos e a seus irmãos não gostou. Mas ele o disse claramente:

-Vocês gostem ou não, quero que todo mundo se vá imediatamente porque não fica muito tempo para desperdiçar.

Naturalmente assustados, foram-se. Ambos pomos-se a rir.

-Algo que queira me dizer -disse-lhe-, me pode dizer isso.

-Não tenho nada que te dizer -disse-me-. Me agarre pelas mãos. me deixe te sentir. me encha de sua presença. Peço-lhe isso. Não posso me pôr de joelhos e me prostrar a seus pés -seguiu me dizendo-. Não é que eu não gostasse de fazê-lo, é que meu corpo não está em condições de poder sair da cama. Não posso nem me mover. Só ficam uns poucos minutos mais.

Pude ver que a morte estava quase na soleira de sua porta. Agarrei-lhe das mãos e lhe disse algumas costure que escutou muito atentamente.

Em minha infância só conheci duas pessoas que me fizeram consciente do que quer dizer realmente atenção.

A primeira, é obvio, foi meu Nani. Sinto-me um pouco triste ao colocá-la ao lado do Shambhu Babu, porque sua atenção, embora similar, possuía muitas mais dimensione. De fato não deveria haver dito duas pessoas. Mas já o hei dito; agora me deixe que lhe explique isso o mais claro possível.

Com meu Nani, todas as noites era quase um ritual, do mesmo modo que todos vós me esperam cada manhã e cada noite...

Sabem que todas as manhãs me levanto e vou correndo a meu asseio a me dar um banho e me preparar porque sei que todo mundo me está esperando? Hoje não me tomei o café da manhã porque sabia que lhes ia atrasar a todos. dormi um pouco mais do habitual. Todas as tardes sei que lhes devem estar preparando, lhes dando uma ducha, e no momento que vejo a luz em sua pequena habitação sei que chegaram os diabos e que me tenho que dar pressa.

E estão ocupados todo o dia. Têm o dia completo. Podem dizer que sou um homem completamente retirado, não cansado, retirado... e não retirado por ninguém. Esta é minha maneira de viver, viver relajadamente, sem fazer nada da manhã de noite, da noite para o dia. Mantendo a todo mundo ocupado sem ocupações, esse é todo meu trabalho. Não acredito que haja ninguém no mundo, que o tenha havido antes, ou que o vá haver depois, que seja igual a eu, que não tenha ocupações de nenhum tipo. E ainda, só para me manter respirando necessito milhares de sannyasins trabalhando continuamente. Pode-te imaginar uma piada maior?

Justo hoje lhe estava dizendo a Chetana que Vivek se foi de férias. depois de dez anos a pobre garota o merece. Não é muito pedir em dez anos. Matematicamente, é um dia cada dois anos. -Pode ir contenta -disse-lhe. foi-se a Califórnia. -Estarei feliz de que desfrute destes poucos dias -disse-lhe. Estava-lhe dizendo a Chetana: -Possivelmente o próximo ano eu também possa ir uns dias de férias.

Mas o problema é que não posso ir sozinho. Necessito a toda minha equipe de gente, não posso prescindir deles. Minha equipe é muito maior que o do presidente da América. É a equipe de um pobre homem; tem que ser maior que o seu. E não o presidente de qualquer país, mas sim do país maior. por que? Porque minha equipe não está composta de criados, está composto de meus amantes, e não posso prescindir de nenhum deles.

Esse é o único problema, e o disse a Chetana. Mas ela estava feliz. Estava tão feliz que não penso que nem sequer lhe preocupasse meu problema. É obvio, estava feliz porque se minha equipe se for de férias comigo, então seguro que ela está ali. E Chetana..., houve um tempo no que eu estava acostumado a fazer minha própria penetrada, mas, sem dúvida não estava tão bem como a tua. Não posso te dar melhor recomendação que essa porque, embora o fiz o melhor que pude, era algo que terei que fazer e acabá-lo quanto antes. Para ti é uma oração, é uma história de amor, não é só um trabalho que terá que cumprir. Não acredito que haja ninguém em todo mundo que tenha suas roupas melhor lavadas que as minhas. Por isso Chetana estava feliz pensando: -Genial, vamos todos de férias. Mas tenho que me levar tanta gente que Vivek tinha razão. Quando íamos de Punha houve tantos preparativos, especialmente para ela, porque ela se tinha que preocupar de meu corpo, minha comida, e pequenos detalhes como esses. Acredito que não pôde dormir em todo o tempo, ocupava-se de que não nos deixássemos nada, e de que tudo estivesse disponível durante a viagem, Vivek tinha razão quando me disse:

-Osho, é como uma grande montanha de ouro que terá que transportar de um lugar a outro. -É verdade, é exatamente assim -disse-lhe-. Só terá que recordar uma coisa: essa montanha, embora de ouro, está viva e além consciente. Por isso tenham muito cuidado.

Pode ver meu problema, Chetana? Agora, se for de férias embora só seja durante uma semana, ou um fim de semana, quanto terão que preparar? Teremos que fazer tudo exatamente igual a aqui, na Casa do Lao Tzu, é uma tarefa enorme. Mas como lhes puseram tão contentes pensei que valeria a pena fazê-la. Posso

fazer algo para fazer feliz a uma só pessoa. Essa foi a verdadeira essência de toda minha vida.

Sessão 23

Agora, o trabalho que faço contigo..Estava-te contando sobre a relação que aconteceu entre um menino de uns nove anos e um homem maior, de uns cinqüenta. A diferença de idade era grande, mas o amor pode transcender todas as barreiras. Se pode acontecer inclusive entre um homem e uma mulher, acaso há alguma barreira maior? Mas não o é, e esta relação não pode ser descrita só como amor. Ele poderia me haver querido como a um filho, ou como a seu neto, mas não se tratava disto.

O que aconteceu foi amizade, e aponta-o: valoro mais a amizade que o amor. Não há nada por cima da sociabilidade. Sei que te deveste que dar conta que não uso a palavra «amizade». A estive usando até ontem, mas agora é o momento de lhes falar de algo mais elevado que a amizade, a sociabilidade.

A amizade também pode ser limitadora, a sua maneira, como o amor. Pode ser também ciumenta, possessiva, com medo de que se possa perder, e devido a esse medo, há muita agonia e muito esforço. De fato, a gente está lutando constantemente com aqueles que ama, é estranho, muito estranho..., incrivelmente estranho.

A sociabilidade está por cima de tudo o que o homem conhece e sente. É como a fragrância do ser ou, poderia-lhe chamar, o florescimento do ser. Algo transpira entre duas almas e de repente há dois corpos, mas um solo ser; isso é o que chamo florescer. A sociabilidade é a liberação de todo o pequeno e medíocre, de todo aquilo com o que estamos familiarizados, em realidade, muito familiarizados.

Posso entender por que meu Nani derramou lágrimas pelo fato de que fosse amigo do Shambhu Babu. Ela estava no certo quando me disse: -Não estou preocupada com o Shambhu Babu, é bastante velho e logo o levará a morte.

É estranho, mas morreu antes que minha avó, exatamente dez anos antes, e minha avó era maior que ele.

Ainda estou assombrado da intuição dessa mulher. Ela havia dito: -Não durará muito; o que será de ti depois? Minhas lágrimas são por ti. Você tem que viver uma vida larga. Não encontrará muita gente da qualidade do Shambhu Babu. Por favor, não te forme um critério em apóie a sua amizade; de outro modo, terá que viver uma vida muito solitária.

-Nani -disse-lhe-, inclusive Shambhu Babu está por debaixo de meu critério, ou seja que não precisa preocupar-se. vou viver minha vida de acordo a minha visão, não importa onde me leve, possivelmente a nenhum lugar. Mas uma coisa é segura -disse-lhe-, estou totalmente de acordo contigo em que não terei muitos amigos.

E foi verdade. Em meus dias de colegial não tinha amigos. Em meus dias de bacharelado se acreditavam que era um estranho. Na universidade, sim, a gente sempre me respeitou, mas isso não é amizade, nem muito menos sociabilidade. É um estranho destino o ter sido respeitado sempre desde minha juventude. Mas se meu Nani estivesse viva poderia ter visto meus amigos, meus sannyasins. Teria visto milhares de pessoas com as que estou em sincronicidad. Mas ela morreu; Shambhu Babu está morto. O florescimento chegou em um momento no que todos os que estavam realmente relacionados comigo já não estão.

Ela tinha razão ao dizer que viveria uma vida solitária, mas de uma vez se equivocava, porque como o resto do mundo, pensava que solitud e solidão são sinônimos; não o são. Não só não são sinônimos, são pólos opostos.

Solitud é um estado negativo. Quando não pode estar contigo mesmo e mendigas a companhia do outro, isso é solitud. Não haverá nenhuma diferença se encontrar companhia ou não; seguirá sentindo-se solitário. Em todos os casos do mundo pode comprovar o que te estou dizendo. Não posso dizer em cada lar, digo em cada casa. Raramente existe um lar. Um lar é onde a solitud se transformou em solidão, não em algo gregário.

A gente pensa que quando duas pessoas estão juntas se acaba seu solitud. Não é tão fácil. Ten em conta, não é tão fácil; em realidade, converte-se em um pouco mais difícil. Quando duas pessoas solitárias se juntam, seu solitud se multiplica; não só se dobra, recorda-o, é uma multiplicação, e muito feia. É como um polvo, uma luta contínua com diferentes nomes, por diferentes raciocine. Mas se levantar todas estas cobertas debaixo não verá mais que nua solitud. Não é solidão. A solidão é o descobrimento da gente mesmo.

Muitas vezes disse a minha avó que estar sozinho é o estado mais formoso que alguém poderia sonhar. Ela ria e dizia:

-te cale! Tolices. Conheço-o. Vivo uma vida solitária. Sua Canção de ninar está morto. Enganou-me: morreu sem me avisar de que ia se morrer. Morreu sem me dizer aonde ia, e a que. Traiu-me.

Estava amargurada com isso. Então me disse: -Você também te partiu. Foi à universidade, e só me visita uma ou duas vezes ao ano. Me passo meses esperando a que retorne a casa dois dias. E esse par de dias se acabam muito em breve. Você não sabe o que é solitud. Eu sim a conheço.

Apesar de que ela estava chorando, ri-me. Queria chorar com ela mas não pude. Em vez de chorar, ri-me. Ela disse: Note !Não me entende absolutamente. -Entendo-te -disse-lhe-, por isso me rio. Segue insistindo uma e outra vez em que solitud e solidão são o mesmo, e eu digo, clara e absolutamente, que não o são. E terá que entender a solidão se quer deixar de te sentir solitária. Não pode te liberar disso se só sentir pena de ti mesma, e não continue zangada com o avô...

Esta foi a única vez que defendi a minha Canção de ninar contra minha avó. -O que podia fazer ele? Ele não te traiu, embora te possa sentir traída. Esse é outro tema. A morte e a vida não estão nas mãos de ninguém. Ao morrer sentiu tão impotente como ao nascer. .. e te lembra do impotente que se sentia? Dava vozes uma e outra vez: «Para a roda, Fatia, é que não pode parar a roda?» Nesse constante pedimos que detivéssemos a roda, o que é o que estava pedindo? Estava pedindo sua liberdade. Estava dizendo: «Não quero voltar a nascer contra minha vontade, e não quero morrer contra minha vontade.» Ele queria ser. Possivelmente não era capaz de dizê-lo corretamente, mas assim é como traduzo o que disse. Só queria ser, sem nenhuma interferência, sem estar obrigado a nascer ou a morrer. Estava contra isto. Só estava pedindo sua liberdade, e sabem, a palavra a Índia para o essencial é moksha. Moksha significa «liberdade completa». Em nenhuma outra língua existe uma palavra como moksha, não; sobre tudo em inglês, porque o inglês está totalmente dominado pelo cristianismo

Precisamente o outro dia recebi um álbum de fotos de um de nossos centros alemães. O álbum está confeccionado com todas as fotos desse formoso lugar e da cerimônia de sua inauguração. Inclusive o sacerdote cristão da igreja próxima participou da cerimônia. Eu gostei do que disse: -Estas são belas pessoas. Vi-lhes

trabalhar mais duro do que ninguém trabalha hoje em dia, e com tanta alegria que dá gosto vê-los... mas estão um pouco loucos.

O que disse era correto, mas quando disse «estão um pouco loucos» não tinha razão. Sim, estão um pouco loucos; muito mais do que ele possa imaginar-se. Mas a razão pela que o disse era feia: o «porquê» não o «que». Lhes chamava loucos porque acreditam que há muitas vidas depois desta vida. Por isso lhes chama loucos.

De fato, se houver alguém que está louco, não é minha gente a não ser aqueles que pensam que minha gente está louca. Reservo-me esse direito para mim mesmo. Posso-lhes chamar loucos porque quando o digo, digo-o do amor e a compreensão. Para mim não é uma palavra condenatória; para mim é um elogio. Todos os poetas estão loucos, todos os pintores estão loucos, todos os músicos e bailarinos estão loucos; do contrário, não haveria poetas, músicos nem pintores, e se isto é assim com os pintores, os músicos e os bailarinos, então o que se pode dizer dos místicos? Devem ser os mais loucos. E meus sannyasins levam caminho de ser os mais loucos, porque não conheço outra maneira de permanecer cordato em um mundo tão louco.

Minha avó tinha razão quando me dizia que não ia ter amigos, e também tinha razão ao dizer que Shambhu Babu não teria amigos. Respeito ao Shambhu Babu esteve totalmente no certo; sobre mim, só até o momento em que comecei a iniciar a gente a sannyas. Ela só viveu uns dias mais depois de que iniciasse o primeiro grupo de sannyasins nos Himalayas. Tinha escolhido especialmente a parte mais bonita dos Himalayas, Kulu Manali, «O vale dos deuses», como é chamado, e sem dúvida é o vale dos deuses. É tão formoso que um não pode acreditar, inclusive quando te encontra no mesmo vale. É incrivelmente certo. Escolhi Kulu Manali para a primeira iniciação de vinte e um sannyasins.

Isso foi só uns dias antes de que minha mãe..., minha avó morrera. me perdoem outra vez, porque sigo lhe chamando «mãe» uma e outra vez, e logo me corrijo. O que posso fazer? Conheci-a como minha mãe. Toda minha vida tratei que corrigi-lo e não fui capaz. Ainda sigo sem chamar a minha mãe, «mãe»; ainda lhe chamo bhabhi, não mãe e bhabhi só significa «esposa do primogênito». Todos meus irmãos riem de mim. Dizem-me:

-por que segue chamando a sua mãe bhabhi? Porque bhabhi significa esposa do irmão maior. Com toda segurança, seu pai não é seu irmão maior.

Mas o que posso fazer? Conheci minha avó como minha mãe desde meus primeiros anos, e esses primeiros anos são os mais importantes da vida. É o que os cientistas chamam «rastro».

Quando um pássaro sai do ovo e olhe a sua mãe, esse primeiro olhar fica gravada em sua memória. Mas se o pássaro sai, e tiraste a sua mãe de no meio e a substituíste com algo diferente, produz-se um rastro diferente.

É assim, em realidade, como se começou a usar a palavra «rastro». Um cientista estava trabalhando no que acontece quando um pássaro rompe o casca de ovo. Apartou tudo o que havia ao redor, mas se esqueceu completamente de que ele mesmo estava ali. O pássaro saiu, olhou ao redor e só pôde ver as botas do cientista que estava de pé olhando.

O pássaro se dirigiu para as botas e muito amorosamente começou a jogar com elas. O cientista ficou maravilhado mas mais tarde teve um problema, porque o pássaro estava continuamente chamando a sua porta, não por ele, mas sim por suas botas. Teve que guardar as botas perto da casa do pássaro. E aconteceu o mais estranho que te possa imaginar: quando o pássaro maturou, o primeiro que

fez foi lhe fazer o amor às botas. Não pôde apaixonar-se por um pássaro fêmea, e havia muitas disponíveis, mas ele tinha um certo tipo de «rastro» de como devia ser seu objeto de amor. Só podia amar a um formoso par de botas.

Vivi com minha avó durante anos e pensava que era minha mãe. E não foi uma perda. Me teria gostado que fosse minha mãe. Se meu ser tivesse alguma possibilidade de nascer de novo, embora saiba que não há nenhuma, escolheria-a a ela para ser minha mãe. Estou simplesmente enfatizando este ponto. Não existe nenhuma possibilidade de que volte a nascer; a roda se deteve faz muito tempo. Mas ela tinha razão quando dizia que não ia ter amigos. Não tive amigos no colégio nem na escola superior nem no colégio universitário nem na universidade. Apesar de que muitos se acreditaram que eram meus amigos, eram somente admiradores, como muito conhecidos, ou como máximo seguidores, mas nunca amigos.

O dia que comecei a iniciar, meu único medo era: -Serei capaz de converter algum dia a meus seguidores em meus amigos?

A noite anterior não pude dormir. Não fazia mais que pensar: -Como vou conseguir o? Um seguidor não tem que ser um amigo.

Essa noite, no Kulu Manali, nos Himalayas, disse-me mesmo: -Não seja tão sério. Pode conseguir algo, embora não conheça o ABC da ciência de dirigir. Estou-me acordando de um livro do Bern, "A revolução empresarial" O li, não porque o título contivera a palavra «revolução», mas sim porque continha a palavra «empresarial». Apesar de que eu gostava do livro, estava naturalmente decepcionado, porque não era o que tinha estado procurando. Nunca fui capaz de dirigir nada. Por isso, essa noite me ri.

Um homem, não direi seu nome porque me traiu e é melhor não mencionar a alguém que me traiu e ainda vive, estava dormindo em minha habitação. despertou com minha risada e lhe disse:

-Não se preocupe. Não posso estar mais louco do que já estou. Vete a dormir.

-Mas -disse ele-, só uma pergunta; se não, não poderei dormir: do que te ria?

-Estava-me contando uma piada -disse-lhe.

riu e foi se dormir, sem perguntar sequer qual tinha sido a piada.

Nesse mesmo momento soube que tipo de buscador era. De fato vi, como um raio de luz, que esse homem não ia estar comigo muito mais tempo. Por isso não iniciei a sannyas, apesar de que insistiu. Todo mundo sentiu saudades, porque a outros estava insistindo que «dessem o salto», e, entretanto, resistia a toda a persuasão deste homem. Ele queria dar o salto e eu lhe dizia: «Por favor, espera.»

Ao cabo de dois meses, a todo mundo ficou claro por que não lhe tinha dado sannyas. Aos dois meses se foi. que se fora não foi um problema, mas se converteu em meu inimigo. Ser meu inimigo é inconcebível para mim, sim, inclusive para mim. Não posso entender como alguém pode ser meu inimigo. Não lhe feito mal a ninguém em toda minha vida. Não pode encontrar uma criatura mais inofensiva. por que quereria alguém ser meu inimigo? Deve ter algo que ver com a pessoa mesma. Deve-me estar usando como uma tela.

Tivesse-me gostado de iniciar a minha avó, mas ela estava no povo da Gadarwara. Inclusive tentei contatá-la, mas Kulu Manali está a três mil quilômetros da Gadarwara.

«Gadarwara» é um nome curioso. Queria evitá-lo, mas de todos os modos tinha que chegar, de uma forma ou outra, de modo que é melhor terminar com isso. Quer dizer «a aldeia do pastor»; é inclusive mais curioso, porque o lugar onde está enterrado Jesus em Cachemira se chama Pahalgam, que também quer dizer a aldeia do pastor. No caso do Pahalgam se pode entender, mas, no de minha aldeia?

Nunca vi ali nenhuma ovelha, nem tampouco nenhum pastor. Nem sequer há muitos cristãos; de fato, só há um. Surpreenderá-te: é o sacerdote de uma pequena igreja, e eu estava acostumado a ser seu único ouvinte. Uma vez me perguntou: -É estranho: você não é cristão, então, por que vem pontualmente, todos os domingos sem falta? Haja chuva ou tormenta -continuou-, tenho que vir porque acredito que estará esperando, e sempre está aqui. por que?

-Não me conhece -respondi-lhe-. Eu gosto de torturar às pessoas, e desfruto de muito escutando como te tortura durante uma hora, quando diz coisas que, em realidade, não pensa, e não diz coisas que, em realidade, pensa. Viria embora se estivesse queimando toda a aldeia. Pode contar comigo: seguiria estando aqui à hora.

Por isso, certamente os cristãos não têm nada que ver com este povo. Aqui só vivia um cristão, e sua igreja tampouco se podia dizer que fosse uma igreja; só era uma casita. É obvio, em cima tinham colocado uma cruz e debaixo tinham escrito: «Esta é um igreja cristã.»Sempre me perguntei por que chamavam a esse povo a aldeia dos pastores e quando fui à tumba do Jesus no Pahalgam, em Cachemira, pergunta-a se fez inclusive mais pertinente.

Casualmente, Pahalgam tem quase a mesma estrutura que meu povo. Talvez seja só uma coincidência. Quando não pode explicar algo diz:

-Possivelmente só seja uma coincidência. Mas eu não sou o tipo de pessoa que abandona algo tão facilmente. Naquele momento, examinei o assunto tão profundamente como pude, mas agora posso examinado até onde queira.

Gadarwara também foi visitado pelo Jesus, e aos subúrbios da aldeia está o lugar onde ficou. Suas ruínas ainda são veneradas. Ninguém recorda o porquê. Há uma lápide comemorativa em que se diz que uma vez um homem chamado Isu visitou esse lugar e residiu ali. Converteu às pessoas daquela aldeia e dos arredores e depois retornou ao Pahalgam. O Instituto de Arqueologia da Índia colocou essa lápide por isso, não é muito antiga.

Tive que trabalhar muito só para poder limpar a pedra. Foi muito difícil porque ninguém se ocupou dela. A pedra estava dentro de um pequeno palácio. O palácio já não era habitável, e inclusive entrar era perigoso. Minha avó estava acostumada tentar me impedir que entrasse porque podia derrubar-se em qualquer momento. Tinha razão. Bastava um pouco de vento para que as paredes começassem a mover-se. A última vez que o vi se derrubou. Isso aconteceu quando fui a Gadarwara ao funeral de minha avó. Também fui apresentar meus respeitos a esse lugar aonde uma vez tinha vivido um homem chamado Isu.

Isu, com certeza, não é outra coisa que outra versão do aramaico Yeshu, que vem do hebreu Joshua. Em hindi Jesus é chamado ISA, e amorosamente, Isu. Possivelmente um dos homens a quem mais amo esteve ali, nessa aldeia. Só a idéia de que Jesus também caminhou através dessas ruas era muito estimulante era um êxtase enorme. Isto só o digo de passagem. Não posso demonstrar historicamente se for ou não é assim. Mas se me pergunta isso em segredo, posso-te sussurrar ao ouvido: -Sim, é verdade. Mas por favor não me pergunte mais...

Sessão 24

Estava-lhes dizendo que a amizade é um valor superior ao amor. Ninguém o há dito com antecedência. E também disse que a sociabilidade está inclusive por cima da amizade. Ninguém o tinha mencionado. Com muito gosto o explicarei.

O amor, por muito formoso que seja, permanece apegado à terra. É um pouco parecido às raízes de uma árvore. O amor trata de elevar-se por cima da terra, e tudo o que isto implica -o corpo- mas fracassa uma e outra vez. Não é uma surpresa que a gente diga que alguém tem «cansado apaixonado». Esta frase existe em todas os idiomas, conforme tenho entendido.

tratei que indagar neste assunto perguntando a muita gente de diferentes países. Tenho escrito a todas as embaixadas perguntando se tiverem uma frase em seu idioma que seja exatamente o equivalente a «cair apaixonado». Todos responderam: -É obvio, e quando perguntei: -Têm uma frase ou algo similar ao que eu chamo «subir em amor»? -ou riram, ou sorriram, ou ficaram a falar de outra coisa. Se lhes tinha perguntado por carta, nunca me responderam. Com segurança, ninguém responde a um louco que pergunta:-Existe uma expressão em seu idioma para «subir em amor»?

Nenhum idioma tem esse tipo de expressão, e não pode ser só uma coincidência. Em um idioma vale, inclusive em dois, mas não pode ser uma coincidência em três mil idiomas. Não é uma casualidade que todos os idiomas tenham conspirado juntos para fazer uma frase de três mil modos distintos, significando sempre «cair apaixonado». Não, a razão é que o amor é basicamente da terra. Pode saltar um pouco, ou melhor, pode-o chamar ftoting...

escutei que está de moda o ftoting, especialmente na América, e até tal ponto, que precisamente a outra noite recebi um presente de uma senhora a que gosta de muito meus livros. Enviou-me um moletom. Que grande ideia! eu adorei. Disse a Chetana: -Lava-o, e o usarei. -vais fazer ftotting? -perguntou-me. -Enquanto durmo! -disse-lhe-. Usarei-o como pijama, e dito seja de passagem, provavelmente deve saber que todos meus pijamas já são roupa de ftoting. Eu gosto, porque posso fazer ftotting e exercício enquanto durmo, ou lutar como Mohamed Ali o grande, e fazer todo tipo de coisas; mas só em sonhos, sob a manta, completamente em privado.

Estava-te dizendo que o amor, de vez em quando, salta e se sente como se estivesse livre desta terra; mas a terra o conhece melhor: logo volta de repente para seu sentido comum, se não ser com os ossos quebrados. O amor não pode voar. É um pavão, com formosas plumas, mas não o esqueça, não podem voar. Sim, um peru sim pode fazer ftoting. . .

O amor é muito terrestre. A amizade é um poquito mais elevada; tem asas, não só plumas, mas também tem asas como as de um louro. Sabe como voam os louros? Vão de uma árvore a outro, ou possivelmente de um jardim a outro, de um bosquecillo a outro, mas não voam para as estrelas. Não são grandes voadores. A sociabilidade é o valor mais elevado, porque a sociabilidade não está sujeita à força da gravidade. Só é levitação, se me deixar que use esta palavra. Não sei se os eruditos do inglês me permitirão usar o término «levitação»; só quer dizer «contra a gravidade». A gravitação atira para baixo, a levitação atira para cima. E, a quem lhe importam os eruditos? São muito graves, já estão em suas tumbas.

A sociabilidade é uma gaivota. Sim, como Juan Sebastián, ascende por cima das nuvens. Isto é só para conectar com o que lhes estava dizendo...

Minha avó chorou porque pensou que não teria amigos. Em certo sentido tinha razão e em certo sentido estava equivocada. Tinha razão no que se refere a meus dias na escola, o colégio e a universidade; mas se equivocava no que se refere para mim, porque inclusive em meus dias de colégio, embora não tive amigos no sentido ordinário, tive amigos em um sentido extraordinário. Já te falei que o Shambhu

Babu. Falei-te que o Nani. De fato, essas duas pessoas me estragaram, e me estragaram de tal forma que agora já não tenho remédio. Qual foi sua estratégia?

Meu Nani vai primeiro, também no tempo; era muito atenta comigo. Escutava todas minhas tolices, minhas fofocas, com uma atenção tão arrebatada, que inclusive eu me acreditei que devia estar dizendo a verdade.

O segundo foi Shambhu Babu. Ele tambien me escutava sem piscar. Nunca vi a ninguém me escutar sem mover as pálpebras; em realidade só conheço outra pessoa, e essa sou eu. Não posso ver um filme pela singela razão que me esquece piscar. Não posso fazer duas coisas de uma vez, especialmente se forem tão divergentes como olhar um filme e piscar. Inclusive agora, é-me impossível. Não vejo filmes porque duas horas sem piscar me produzem dor de cabeça e me cansam os olhos, me cansam tanto que não podem nem dormir. Sim, o cansaço pode ser tão grande que até dormir parece ser muito esforço. Mas Shambhu Babu estava acostumado a me escutar sem piscar. de vez em quando lhe dizia: -Shambhu Babu, por favor, pisca. Se não piscar deixarei de falar. Em seguida piscava rapidamente duas ou três vezes e dizia: -De acordo, agora continua e não me incomode.

Bertrand Russell escreveu uma vez que chegaria um momento no que o psicanálise se converteria em uma grande profissão. por que? Porque são as únicas pessoas que escutam atentamente, e todo mundo necessita a alguém que lhe escute, ao menos de vez em quando. Mas pagar a um psicanalista para que te escute..., só pensa quão absurdo é, pagar a alguém para que te escute! É obvio, realmente não te está escutando, está fingindo. Por isso fui a primeira pessoa na Índia que pediu às pessoas que pagasse por me escutar. É justo o oposto do psicanálise, e tem sentido. Se quer me entender terá que pagar. E no Ocidente, a gente está pagando simplesmente para que lhe escutem.

Sigmund Freud, sendo um perfeito judeu, criou um dos inventos maiores do mundo, o divã do psicanálise. É realmente uma grande invenção. O pobre paciente se tomba no divã, como eu aqui; mas o problema é que eu não sou o paciente.

O paciente está tomando apontamentos: chama-se doutor Devageet. Chamam-lhe doutor, mas não é como Sigmund Freud. Não está aqui exercendo de médico. Extrañamente -comigo tudo é diferente-, o médico está convexo no divã, e o paciente está sentado no assento do médico. Meu próprio médico está sentado aqui, a meus pés. Viu alguma vez um médico sentado aos pés de seu paciente?

Este é um mundo totalmente diferente. Comigo tudo está cabeça acima. Não posso dizer cabeça abaixo.

Não sou o paciente, embora seja muito paciente; e meus médicos não são médicos, apesar de que estão perfeitamente qualificados como médicos. São meus sannyasins, meus amigos. Estou-lhes falando disto, pelo que pode fazer a sociabilidade; um milagre. É uma alquimia. O paciente se converte em médico, e! médico se converte em paciente; isto é alquimia.

O amor não pode fazê-la. O amor, embora bom, não é suficiente. Comer muito, inclusive de algo bom, é mau para ti; produzirá-te diarréia, ou espasmos no estômago, ou qualquer outra coisa. O amor pode fazer de tudo, exceto ir além de si mesmo. Cada vez descende mais. faz-se suscetível, quejumbroso, briguento. Todo amor, levado até seu lógico final, acaba, sem remédio, em divórcio. Se não o levar com lógica, isso é outro assunto; então fica entupido. Ver uma pessoa entupida é muito desagradável; deveria fazer algo a respeito. Mas se tenta fazer algo pelos que estão entupidos, ambos lutarão encarnizadamente em seu contrário.

Lembrança que só faz duas semanas veio um amigo do Antonio da Inglaterra para tomar sannyas, e já sabem como são os cavalheiros ingleses, estava entupido, como dizem vós, até o pescoço. Não se via nada dele, estava completamente fundo no barro. Só lhe viam alguns cabelos, uns poucos, porque era calvo como eu. Se tivesse sido completamente calvo teria sido muito melhor; pelo menos ninguém o teria notado. Tratei de lhe resgatar, mas como pode atirar de um homem ao que só aparecem uns poucos cabelos fora de! barro? Tenho meus próprios métodos.

Pedi ao Antonio e a Uttama que lhe ajudassem.

-quer separar de sua mulher -disseram-me. Também conhecia sua mulher, porque ela tinha insistido que tinha que estar presente quando ele tomasse sannyas. Queria ver como lhe hipnotizava. Permiti-lhe que estivesse presente porque aqui não se pratica a hipnose. De fato ela mesma se interessou. Também lhe convidei, dizendo:

-por que não te faz sannyasin?

-Pensarei-me isso -disse-me.

-Meu princípio é «salta antes de pensar» -disse-lhe eu-, mas não te posso ajudar, assim lhe pense isso Se ainda estou por aqui quando te tiver decidido, estarei disposto a te ajudar.

Mas disse ao Antonio e a Uttama -ambos os som sannyasins, e são dos poucos que realmente estão muito perto de mim- que ajudassem a seu amigo. Disse-lhes que fizessem todos os preparativos para que a esposa e o menino não se sentissem perplexos sem saber o que fazer, mas que espiritualmente seu marido não deveria sofrer mais. Embora tenha que lhe deixar tudo a sua mulher, que assim seja. Eu só sou suficiente para ele.

Vi ao homem, e vi sua beleza. Ele tinha uma qualidade muito simples, como um menino, a mesma fragrância que te encontra quando chove por primeira vez e a terra se alegra; a fragrância e a alegria. Estava feliz de ser sannyasin.

Precisamente o outro dia recebi sua mensagem me dizendo que está dormindo todo o dia, só por medo a sua esposa. Não quer despertar. No momento que se acordada de novo toma pílulas para dormir. Disse ao Antonio que lhe dissesse que dormir não lhe vai ajudar nada. Poderia inclusive lhe matar, mas não vai ajudar a ele, nem tampouco a sua esposa. Tem que enfrentar a verdade.

Muito pouca gente encara o fato de que o que chamam amor só é biológico, e que o noventa e nove por cento do amor é biológico. A amizade é psicológica em um noventa e nove por cento; a sociabilidade é espiritual em um noventa e nove por cento. Um por cento que fica no amor é para a amizade; um por cento que fica na amizade é para a sociabilidade. E esse um por cento que fica na sociabilidade é só para aquilo que não tem nome. De fato, os Upanishads o chamaram exatamente: «Tattvamasi, é isso.» Tat..., como o vou chamar? Não, não vou dar nenhum nome. Todos os nomes traíram ao homem. Todos os nomes, sem exceção, demonstraram ser inimigos do homem, por isso não quero lhe dar um nome.

Somente o assinalo com o dedo. E lhe dê um nome ou não o dê, não tem nome. É anônimo. Todos os nomes são nossas invenções. Quando vamos entender uma coisa tão singela? Uma rosa é uma rosa é uma rosa; chame-a como a chama, não há nenhuma diferença porque inclusive a palavra «rosa» não é seu nome. Simplesmente está ali. Quando deixa de usar o idioma entre você e a existência, de repente acontece a explosão..., o êxtase!

O amor te pode ajudar, por isso não estou em contra do amor. Isso seria como estar contra usar uma escada. Não, uma escada é útil, mas caminha com cuidado, especialmente em uma escada velha. E recorda: o amor é o mais velho. Adão e Eva

caíram dele; mas não havia necessidade de cair, nenhuma necessidade, sério. Se tivessem escolhido, e de vez em quando, a gente também quer cair, então é sua eleição. Mas cair livremente é uma coisa, e cair como um castigo é completamente diferente.

Se fosse escrever de novo a Bíblia..., não faria uma coisa tão estúpida, me acreditem. Estou dizendo se fosse escrever a, então faria cair ao Adão e Eva, não como um castigo mas sim como uma eleição, uma eleição livre.

Que horas são?

-As oito e cinco, Osho.

Que bem, porque nem sequer comecei.

Começar leva muito tempo.

O amor está bem, só está bem, mas isso não é suficiente, não é suficiente para te dar asas. Para isso se necessita a amizade, e o amor não o permite. O chamado amor, quero dizer, tem-lhe muito medo à amizade. Tem-lhe muito medo à amizade porque algo mais elevada representa um perigo, e a amizade é mais elevada.

Quando pode desfrutar pela primeira vez da amizade de um homem ou de uma mulher, então te dá conta de que o amor é um engano, um engano. Ai!, então te dá conta do tempo que perdeste. Mas a amizade só é uma ponte. A gente deveria passar por cima; a gente não deveria começar a viver nele. Uma ponte não está feita para viver nele. Esta ponte te leva a sociabilidade.

A sociabilidade é pura fragrância. Se o amor for a raiz, e a amizade é a flor, então a sociabilidade é a fragrância, invisível à vista. Nem sequer pode tocá-la; não pode sujeitá-la com a mão, especialmente se lhe quer guardar isso em um punho. Sim, pode tê-la na mão aberta, mas não na mão fechada.

A sociabilidade é quase o que os místicos, no passado, chamaram oração. Não o quero chamar oração pela singela razão de que esta palavra está associada com a gente equivocada. É uma palavra formosa, mas o estar em má companhia polui; começa a pensar em sua companhia. No momento que diz «oração», todo mundo fica em estado de alerta, assusta-se, disposta atenção, como se um general chamasse a seus soldados à ordem, e todos de repente se converteram em estátuas.

O que acontece quando alguém menciona uma palavra como «oração», «deus» ou «céu»? por que te fecha? Não te estou censurando, simplesmente te estou dizendo, ou melhor dizendo estou chamando sua atenção, de como essas formosas palavras foram sujadas imensamente pelos chamados «Santos». Eles realizaram um trabalho tão pouco sagrado, que não posso perdoá-los.

Jesus disse «Perdoa a seus inimigos» -isso posso fazê-lo- mas não diz: «Perdoa a seus sacerdotes.» E embora o dissesse, eu lhe diria: te cale! Não posso perdoar a seus sacerdotes. Não posso nem perdoá-los nem esquecê-los, porque se os esquecimento, então, quem os vai demolir? e se lhes perdôo, então, quem vai desfazer o que têm feito à humanidade? Não, Jesús, não! Aos inimigos os posso entender. Sim, devem ser perdoados, não entendem o que estão fazendo. Mas aos sacerdotes? Por favor, não me diga que não sabem o que estão fazendo. Sabem exatamente o que estão fazendo. Isso é o que não posso perdoar nem esquecer. Tenho que combatê-lo até meu último fôlego.»

O amor te possui; é um passo, mas só é amor se te levar para a amizade. Se não te levar para a amizade, então é desejo, não amor. Se te levar a amizade, agradeça-lhe mas não lhe permita que transpasse os limites de sua liberdade. Sim, ajudou-te; isso não significa que agora além te tenha que limitar. Não carregue com a barco a suas costas unicamente porque te levou até a outra borda.

Não seja tolo! Quero dizer -me perdoe, Devageet, essa palavra a tenho reservada para ti-, quero dizer, não seja idiota. Mas me sigo esquecendo. Uma e outra vez. Uma e outra vez uso a palavra equivocada «parvo» para outros, quando essa palavra é especial para o Devageet. Particularmente nesta Arca do Noé. É o nome que pus a esta sala.

O amor é bom. Transcende-o, porque te pode levar a algo melhor: a amizade. E quando dois amantes se fazem amigos, é um fenômeno incomum. A gente quer chorar de alegria, ou celebrar, ou se a gente for músico, tocar o violão, ou se a gente for um poeta, então escrever um haiku, um rubaiyat. Mas se a gente não é nem músico nem poeta ainda pode dançar, pintar, sentar-se em silêncio e olhar ao céu. Que mais se pode fazer? A existência já o tem feito.

Ashu, volta a olhar a hora...

-As oito e vinte e cinco, Osho.

Olhe seu relógio.

-As oito e vinte e sete, Osho.

As oito e vinte e sete? Note, sou um judeu.

Ainda economizei alguns minutos. Confio em seu relógio, mas falarei uns minutos mais.

Do amor à amizade e da amizade à sociabilidade; pode-se dizer que nisso consiste toda minha religião. A amizade é de novo um «navio», um navio de relações, uma certa atadura. . ., muito sutil, mais sutil que o amor, mas está ali; e além com tudo o ciúmes e enfermidades do amor. apareceram que uma forma muito sutil. Mas a sociabilidade é estar livre do outro; por isso não se trata de uma relação.

O amor é para o outro, como a amizade. A sociabilidade é unicamente uma expansão de seu coração para a existência. De repente, em um momento determinado, poderia estar te abrindo a um homem, a uma mulher, a uma árvore, a uma estrela..., ao princípio não pode te abrir a toda a existência. É obvio, ao final, tem que abrir seu coração à totalidade, simultaneamente, sem dirigi-lo a ninguém em particular. Esse é o momento..., vamos chamado o momento.

Esqueçamos as palavras iluminação, budeidad, conscientiza crística, chamemo-lo simplesmente:

O MOMENTO.

Escreve-o em maiúsculas.

esteve muito bem. Sei que fica tempo, mas foi tão formoso, e com as coisas formosas nunca terá que pedir mais. Esse «mais» é destrutivo.

Sessão 25

De acordo. Estava citando ao Bertrand Russell; esta entrevista nos vem como anel ao dedo. Diz: «Mais logo ou mais tarde, todo mundo necessitará do psicanálise, pela dificuldade que há para encontrar a alguém que te escute, que te empreste atenção.»

A atenção é uma necessidade tal que no pior dos casos, a gente pode chegar a pagar por isso, e assim ao menos ter o prazer de que alguém lhe escute atentamente. O ouvinte poderia haver-se abafado os ouvidos com lã, mas esse é

outro assunto. Nenhum psicanalista pode escutar todas essas tolices dia detrás dia. Além disso, ele mesmo necessita que alguém lhe escute.

Surpreenderá-te saber que os psicanalistas acodem uns aos outros. É obvio, não se cobram entre eles por cortesia profissional, mas surge uma grande necessidade de desfazer, descarregar, simplesmente dizer tudo o que lhes vem à mente e não seguir acumulando-o, porque esses montões lhes torturam.

Cito ao Bertrand Russell como um elo. Chamei-o anel só para poder continuar minha história. O mesmo Bertrand Russell, embora viveu uma larga vida, nunca chegou ou seja o que era a vida. Mas às vezes, as palavras daqueles que não conheceram podem ser usadas significativamente por aqueles que podem ver. Eles podem colocar essas palavras em um contexto apropriado.

Poderia não te haver encontrado com esta entrevista porque aparece em um livro que não lê ninguém. Nem sequer te acreditaria que o escreveu Bertrand Russell. É um livro de relatos curtos. Tem escrita centenas de livros, muitos muito conhecidos, muito lidos e reconhecidos, mas este livro se sai do comum no sentido de que é só uma coleção de histórias curtas, e ele era muito resistente a publicá-lo. Não era um autor de relatos curtos, e suas histórias o são, é obvio de terceira classe, mas de vez em quando nessas histórias de terceira categoria um se encontra com uma frase que só Bertrand Russell poderia ter escrito. Esta entrevista é desse livro.

Eu gosto dos contos, e tudo isto começou com meu Nani. Também gostava dos contos. Não é que saísse me contar contos; justamente o contrário, ela estava acostumada me provocar para que os contasse eu, todo tipo de histórias e fofocas. Escutava-me tão atentamente que me converteu em um narrador de contos. Só por ela encontrava algo interessante, porque se passava todo o dia esperando para escutar minha história. Se não tinha podido encontrar nada, então me inventava isso. Ela é responsável: todo o mérito ou a culpa, como quer chamá-lo, corresponde a ela. inventei histórias para contar-lhe para que não se sentisse contrariada, e te posso assegurar que me converti em um narrador de histórias de êxito só devido a ela.

Comecei a ganhar competições quando só era um menino na escola primária, e isso continuou assim até o final, quando deixei a universidade. Ganhei tantos prêmios, medalhas, taças, escudos e o que se eu, que minha avó se converteu em uma jovencita de novo. Sempre que trazia para alguém para lhe ensinar meus prêmios e troféus deixava de ser uma mulher maior e se convertia em uma jovem outra vez. Sua casa se converteu quase em um museu porque fui mandando meus prêmios. Até a escola superior, é obvio, vivia quase sempre em sua casa. Somente por cortesia estava acostumada visitar a casa de meus pais durante o dia; mas a noite era para ela, porque era o momento de contar contos.

Ainda posso lombriga junto a sua cama, com ela escutando muito atentamente o que estava dizendo. Ela absorvia cada palavra que eu pronunciava como se fora de um imenso valor. E se convertiam em valiosas só porque ela tomou em seu interior com esse amor e respeito. Quando chamava a minha porta só era um mendigo, mas quando entrava em sua casa já não era a mesma pessoa. No momento que me chamava, dizendo:

-Fatia! Agora me conte o que te aconteceu hoje; tudo. me prometa que não te vais guardar nada absolutamente -o mendigo deixava cair tudo o que o fazia parecer um mendigo; agora era o rei. Cada dia tinha que prometer-lhe apesar de que lhe contava tudo o que tinha acontecido, ela insistia:

-Me conte algo mais -ou-: conta-me o outra vez.

Disse-lhe muitas vezes:

-Me vais malcriar; ambos, você e Shambhu Babu me estão malcriando para sempre.

E realmente fizeram bem seu trabalho. Juntei centenas de troféus. Não havia nenhuma só escola superior em todo o estado aonde não tivesse falado e ganho, exceto uma. Só em uma não tinha sido o ganhador, e o motivo era simples. Todo mundo estava assombrado, inclusive a garota que ganhou, porque -disse-me- é impossível pensar que te possa ganhar.

Todo o hall -e devia haver pelo menos dois mil estudantes- encheu-se com um grande murmúrio, e todo mundo esteve dizendo que era injusto, inclusive o diretor que estava presidindo a luta. Perder essa taça se converteu em algo muito significam-lhe para mim; de fato, se não a tivesse perdido, teria tido um grande problema. Disso lhes falarei quando chegar o momento.

O diretor me chamou e me disse:

-Sinto muito, sem dúvida nenhuma é o ganhador -e me deu seu próprio relógio dizendo-: isto é muito mais valioso que a taça que deu a essa jovem.

E realmente o era. Era um relógio de ouro. recebi milhares de relógios, mas nunca recebi um tão bonito; era realmente uma obra professora. Esse diretor estava muito interessado em coisas estranhas, e seu relógio era uma peça estranha. Ainda o estou vendo.

recebi muitos relógios, mas os esqueci. Um disso relógios está comportando-se de uma maneira estranha. Quando o necessito, se para. Todo o tempo funciona perfeitamente; só se de noite entre as três e as cinco. Não é isso um comportamento estranho? Porque é o único momento no que às vezes me acordado; é só um velho costume. Tenho-o feito durante tantos anos que inclusive se não me levanto tenho que dar uma volta na cama antes de me voltar para dormir. Esse é o momento no que tenho que olhar se realmente tenho que me levantar ou posso dormir um pouco mais, extrañamente, então é quando se detém o relógio.

Hoje se parou exatamente às quatro. Olhei-o e me voltei a dormir; as quatro é muito logo. depois de dormir durante pelo menos uma hora, olhei de novo o relógio: eram ainda as quatro. Disse-me mesmo:

-Genial, esta noite não vai se acabar nunca.

Voltei-me a dormir outra vez, sem pensar; já me conhecem, não sou um pensador; sem pensar que se poderia ter parado o relógio. Pensei:

-Esta noite parece ser a última. Posso dormir para sempre. Genial! Fantástico! e me senti tão bem porque nunca ia se acabar, que outra vez fiquei dormido. depois de duas horas olhei de novo o relógio, e ainda eram as quatro!

-Genial! -disse-me-. Não só a noite é larga, mas também inclusive o tempo se parou!

O diretor me deu seu relógio e me disse: -me perdoe, porque sem dúvida é o ganhador, e devo te dizer que o homem que era o juiz está apaixonado por quão jovem ganhou o prêmio. É tolo. Digo-o embora seja um de meus professores e um colega. Esta é a última gota. O vou expulsar agora mesmo. Este é o final de seu trabalho neste colégio. Isto é muito. Eu estava na cadeira presidencial e se riu todo o auditório. Parece que todo mundo sabia que a jovem nem sequer era capaz de falar, e acredito que ninguém exceto seu amante, o professor, pôde entender o que estava dizendo. Mas você sabe, o amor é cego.

-Absolutamente correto -disse-lhe-, o amor é cego. Mas por que escolheste a uma pessoa cega para ser o juiz, especialmente quando competia seu amiga? vou expor toda a situação.

E a expus nos periódicos, lhes contando toda a história, e criou realmente um grande problema para o pobre professor, tanto que sua história de amor terminou. Perdeu tudo, seu posto, sua reputação e a garota por cujo amor tinha arriscado tudo, perdeu-o tudo. Ainda está vivo. Uma vez, já de velho, me deveu ver e me confessou:

-Sinto muito, realmente fiz um pouco equivocado, mas nunca pensei que ia passar tudo isto.

-Ninguém sabe o que uma ação corrente vai trazer para o mundo -disse-lhe-. E não o sinta por mim. Perdeu seu trabalho e a sua amada. O que é o que perdi eu? Nada de nada, só um trofeio mais, e tenho tantos que não me importa.

De fato a casa de minha avó se converteu, pouco a pouco, em um museu para meus troféus, taças e medalhas. Mas ela estava muito feliz, imensamente feliz. Era uma casa pequena para estar repleta de tudo este lixo, mas ela estava feliz de que lhe seguisse mandando todos meus prêmios, do colégio e da universidade. Segui mandando-lhe sem parar, e cada ano ganhava uma dúzia de taças, bem por um debate em eloqüência ou uma competição contando contos.

Mas te direi uma coisa: ambos, ela e Shambhu Babu me malcriaram por estar tão atentos. Ensinaram-me, sem me ensinar, a arte de falar. Quando alguém te escuta tão atentamente, você imediatamente começa a dizer algo que não tinha planejado nem sequer imaginado; simplesmente flui. É como se a atenção se voltasse magnética e atraíra aquilo que está oculto em ti.

Minha própria experiência é que este mundo não se voltará um lugar formoso para viver a menos que todo mundo aprenda a estar atento. Neste momento ninguém está atento. Inclusive quando a gente está mostrando que está escutando; não está escutando, está fazendo mil e uma coisas. São hipócritas, só aparentam..., mas não da maneira que um ouvinte atento deveria fazê-la, totalmente atento, unicamente atenção e nada mais, aberto. A atenção é uma qualidade feminina, e todo mundo que conhece a arte da atenção, de estar atento, volta-se de algum jeito muito feminino, muito frágil, suave; tão suave que o poderia arranhar só com suas unhas.

Meu Nani estava todo o dia esperando o momento em que retornava a casa para lhe contar histórias. E te surpreenderá como, sem sabê-lo, preparou-me para o trabalho que ia fazer. Foi ela a primeira que escutou muitas das histórias que lhes contei, Foi ela a quem lhe pude contar qualquer tolice sem nenhum medo.

A outra pessoa, Shambhu Babu, era totalmente diferente a meu Nani. Meu Nani era muito intuitiva, mas não intelectual. Shambhu Babu era também muito intuitivo, mas além disso era um intelectual. Era um intelectual de primeira categoria. Encontrei-me com muitos intelectuais, alguns famosos e outros mais famosos, mas nenhum deles se aproximava do Shambhu Babu. Ele era realmente uma grande síntese, Assagioli tivesse amado a este homem. Tinha intuição e intelecto, e não em pequenas quantidades, a não ser a grande escala. Ele também estava acostumado a me escutar e esperava todo o dia a que terminasse a escola. Todos os dias depois do colégio era dele.

No momento que me deixavam sair de minha prisão, a escola, ia primeiro ao Shambhu Babu. Ele tinha chá preparado e alguns doces que sabia eu gostava. Menciono-o, porque a gente estranha vez pensa no outro. Sempre fazia seus preparativos pensando na outra pessoa. Nunca vi a ninguém preocupar-se com outros como o fazia ele. A maioria da gente, apesar de que fazem preparativos para outros, em realidade, fazem-no de acordo a eles mesmos, forçando seus próprios gostos sobre a outra pessoa.

Esse não era o estilo do Shambhu Babu. Sua forma de pensar no outro era uma das coisas que eu gostava e respeitava nele. Só comprava coisas depois de perguntar aos lojistas o que estava acostumado a comprar meu Nani. Inteirei-me disto só depois de que morrera. Então os lojistas e os fabricantes de doces me disseram:

-Shambhu Babu sempre estava acostumado a fazer esta estranha pergunta: «O que é o que te compra essa anciã mulher, que vive sozinha junto ao rio?» Nunca soubemos por que o perguntava, mas agora sabemos: estava perguntando sobre seus gostos.

Maravilhava-me que sempre tivesse listas as coisas que mais eu gostava. Era um homem de leis; por isso, naturalmente, sempre encontrou a maneira. Ia correndo da escola até sua casa, tomava o chá E quão doces ele tinha comprado; então, já me estava esperando. Inclusive antes de que tivesse acabado, ele já estava preparado para escutar o que tivesse que lhe contar. Dizia-me:

-me conte o que você goste. Não me importa o que diga, mas sim você seja o que o diga.

Sua ênfase era muito clara. Deixava-me totalmente livre sem, nem sequer, marcar um tema sobre o que falar, livre para dizer tudo o que quisesse. Sempre acrescentava:

-Se quer permanecer em silêncio, pode fazê-la. Escutarei seu silêncio, e de vez em quando poderia acontecer que não dissesse nenhuma só palavra. Não havia nada que dizer. E quando fechava os olhos, ele também fechava os seus, e nos sentávamos como os quaisquer, em silêncio. Aconteceu muitas vezes, dia detrás dia, nos que bem falava ou ficávamos em silêncio. Uma vez lhe disse:

-Shambhu Babu, parece um pouco estranho que esteja escutando a um menino. Seria mais apropriado que falará você e que eu escutasse.

Ele riu e disse:

-É impossível. Eu não te posso dizer nada, e não direi nunca nada, pela singela razão de que não sei. E te estou agradecido por me fazer consciente de minha ignorância.

Essas duas pessoas me deram tanta atenção, que em minha primeira infância me fiz consciente do fato -sobre o que os psicólogos só começaram a falar agora- que a atenção é uma tipo de comida, de alimento. Um menino pode estar perfeitamente cuidado, mas se não lhe empresta nenhuma atenção pode ser que não sobreviva. Parece ser que a atenção é um dos ingredientes mais importantes em nossa alimentação.

fui afortunado nesse aspecto. Meu Nani e Shambhu Babu começaram a fazer rodar a bola, esteve rodando e foi reunindo cada vez mais volume. Sem ter aprendido nunca a falar, converti-me em um orador. Ainda não sei falar e me escutaram milhares de pessoas, sem saber sequer como começar. Pode ver a parte divertida disto? devi falar mais que qualquer outro homem em toda a história, apesar de que só tenho cinqüenta e um anos.

Comecei a falar muito cedo; de todos os modos, não era absolutamente o que vós chamam, no mundo ocidental, um orador. Não era um orador dos que dizem «Senhoras e senhores» e toda essa tolice, coisas emprestadas e não experimentadas. Não era um orador nesse sentido, mas falei com meu coração inflamado, aceso. Não falava como se fosse uma arte mas sim como minha verdadeira vida. E desde os primeiros dias de escola reconheceram, não só um mas também muitos, que meu bate-papo parecia sair do coração, que não estava tratando de repetir algo

que tinha preparado como um louro. Aí mesmo e nesse momento estava fazendo algo espontâneo.

O nome do diretor que me deu seu relógio e fez sair todo este problema a colação para vós era B. S. Audholia. Espero que ainda esteja vivo. Por isso eu sei, ainda o está, e sei o suficiente. Não espero quando não existem esperanças; quando espero algo, significa que é desse modo.

-Sinto muito -disse-me essa noite, e realmente o sentia; expulsou ao professor de seu posto. B. S. Audholia também me disse que sempre que necessitasse algo só tinha que dizer-lhe e se estava de algum modo dentro de suas capacidades, ele o faria. Mais adiante, sempre que necessitei algo somente lhe tinha que mandar uma nota e ele o conseguia. Nunca me perguntou o porquê.

Uma vez o perguntei eu mesmo: por que alguma vez me pergunta para que o necessito? -Conheço-te -disse-me-: se o pediste, minha pergunta seria uma tolice. Poderia dar muitas razões, inclusive, embora não o necessitasse. Uma, coisa mais -disse-me-; se o pediste é quase impossível pensar que o tenha pedido, a menos que realmente o necessitasse. Conheço-te, e te conhecer é suficiente para me dar todas as razões que necessito.

Olhei-lhe. Não me esperava que o diretor de um colégio tão famoso pudesse ser tão pormenorizado. Ele riu e disse:

-Só é uma coincidência que seja o diretor; de fato, não deveria sê-lo. Foi um equívoco por parte dos governantes.

Não tinha pedido tanto, mas ele tinha devido de lê-lo em minha cara. A partir desse dia comecei a me deixar crescer a barba. detrás de uma barba não se pode ler tanto. É perigoso quando se podem ler as coisas com tanta facilidade. Faz falta inventar algo para não ser igual a um periódico.

Seis meses mais tarde, quando nos vimos de novo, disse-me:

-por que te deixaste crescer a barba?

Ele riu e disse:

-Não pode te ocultar, está em seus olhos. Se de verdade quer te ocultar, por que não começa a levar óculos de sol?

-Não posso levar óculos de sol -disse-lhe-, pela singela razão de que não posso criar uma barreira entre meus olhos e a existência. Esse é a única ponte onde nos encontramos, não há outro.

Por isso, todo mundo e em todas partes lhe tem simpatia a um cego. É um homem que não tem uma ponte; perdeu o contato. Agora, os investigadores dizem que oitenta por cento de nosso contato com a existência é através dos olhos. Possivelmente estão no certo, possivelmente é mais do que pensam, mas oitenta por cento pelo menos. Em última instância, poderia-se provar que é muito mais, possivelmente noventa por cento ou inclusive o noventa e nove. O olho é o homem.

O Buda não pode ter os mesmos olhos que Adolf Hitler..., ou crie que se puder? te esqueça dos dois; não são contemporâneos. Jesus e Judas eram contemporâneos, e não só contemporâneos, mas também professor e discípulo. De todos os modos, não posso dizer que tenham os mesmos olhos, a mesma qualidade. Judas deve ter tido uns olhos muito ardilosos, judeus de verdade. Jesus deve ter tido os olhos de um menino; apesar de que fisicamente já não era um menino, mas psicologicamente o era. Morreu na cruz como se estivesse em um útero, ainda no ventre, tão novo como se a flor nunca se aberto a não ser permanecido como um casulo. Nunca conheceu a fealdade que existe em todos lados. Jesus e Judas viveram juntos, caminharam juntos, mas acredito que Judas nunca olhou ao Jesus aos olhos; se não, as coisas teriam sido diferentes.

Se Judas tivesse reunido a coragem suficiente para olhar ao Jesus aos olhos não teria havido crucificação nem cruztianismo, quero dizer cristianismo. Esse é meu nome para cristandade. Judas era ardiloso.

Jesus era tão simples que lhe poderia chamar «Isso louco é o que Fedor Dostoievski disse em uma de suas novelas mais criativas, O idiota.

Apesar de que não foi escrita para ou a respeito do Jesus, Dostoevski estava tão cheio do espírito do Jesus que de algum jeito aparece. O personagem mais importante da novela, O idiota, não é outro que Jesus. Não lhe menciona, não pode achar nenhuma referência a ele, nem nenhum parecido, mas se o os, algo começará a ressonar em seu coração e estará de acordo comigo. Será um acordo não através da cabeça; será um acordo mais profundo do que a imaginação pode impregnar, no mesmo pulsar de seu coração, um acordo verdadeiro.

Sessão 26

Terei que ir em círculos, círculos dentro de círculos dentro de círculos, porque assim é a vida, E mais ainda em meu caso. Durante cinqüenta anos devi viver, pelo menos, cinqüenta vistas. De fato, não tenho feito outra coisa que viver. Outra gente tem muitas ocupações, mas eu, desde minha mais tenra infância fui um vagabundo, sem fazer nada, só vivendo. Quando não faz nada mais que viver, então é obvio a vida adquire uma dimensão totalmente diferente. Deixa de ser horizontal, adquire profundidade.

Devageet, é bom que não tenha sido nunca meu estudante; do contrário, não teria sido dentista. Eu teria sido a última pessoa em te dar nenhum título. Mas aqui te pode rir e sorrir pensando que estou depravado, não importa. Mas recorda, embora esteja morto, posso sair de minha tumba para te dar um grito. Essa foi minha especialidade durante toda minha vida.

Não tenho feito nada para me enriquecer, para ter um grande saldo em uma conta bancária ou para me converter em uma pessoa politicamente poderosa. vivi a minha maneira, e nesse viver, ensinar foi uma parte essencial. Por isso, inclusive aqui, me perdoe, não o posso esquecer: sempre sou o professor. Você sabe, eu sei, todos os que estão nesta habitação sabem, que você está por debaixo de mim, e que eu estou na poltrona do dentista e você não. Se me rir, me pode perdoar:

-Aha! O velho o está acontecendo bomba! Inclusive Ashu desfruta da idéia; do contrário, é uma mulher séria, muito séria. Quando as mulheres se fazem professoras, datilógrafas ou enfermeiras, algo começa a ir mal em seu esquema mental. De repente se voltam sérias.

Mesmo assim Eva não era séria, Adão sim o era. A serpente nunca lhe pôde convencer. De fato, tentou-o muitas vezes; isso é o que conta a história egípcia que é muito mais autêntica que a versão bíblica. Além disso, é mais antiga. Conta que a serpente o tentou com o Adão, mas não conseguiu lhe fazer morder o anzol. Então, finalmente, como último intento, tentou-o com o Eve. É melhor chamá-la Eva, como fazem os egípcios, sonha mais feminino: Eva. A serpente teve êxito em seu

primeiro intento. Após, todos os vendedores e anunciadores se estiveram dirigindo a Eva. Não tomam em conta ao pobre homem que tem que pagar todas as compras da Eva. É seu problema; por que deveriam preocupar-se disso?

Eve, ou Eva, como prefiro chamá-la. Sempre me gostou do formoso, em qualquer lugar que esteja. Eve não soa muito musical, e parece recortado, recém podado, parece-se mais um jardim virilhas que a um jardim zen japonês. Eva tem um potencial ilimitado, com apenas escutá-lo, ou seja que vamos chamar lhe Eva. por que teve o diabo êxito com ela em seu primeiro intento? Pela singela razão de que ela não tinha a mente de um homem de negócios. Não era séria, deveu-se rir das piadas do demônio, deve ter falado alegremente; fofocado, quero dizer. E quando fofoca com o diabo, ele terá vantagem. Se te rir de suas piadas, então sabe que tem via livre, que pode aproximar-se de seu mesmo ser.

Assim é como convenceu a Eva. Após acredito que as mulheres perderam sua qualidade de desfrutar. Se rirem, será uma risada encoberta. Quando riem ficam as mãos diante da cara, como se alguém pudesse ver o grande trabalho que o dentista há heicho com elas. Mas aqui, nesta habitação, não há necessidade de estar sérios. Menos mal que hoje, pela primeira vez, Ashu se está rendo com tanta claridade que a posso ouvir. E, por que se está rendo? ri porque o pobre Devageet está sendo golpeado. Naturalmente, ri e me diz; posso ouvir o que está pensando:

-lhe dê uma boa bofetada, uma mais! Não, isto é suficiente; se não, perderei-me.

Isso é o que estava dizendo: que a vida é um círculo dentro de um círculo dentro de um círculo, e em minha vida ainda mais. Não vivi como se espera que um viva. Não tenho feito nada mais. Sim, só vivi e não tenho feito nada mais, mas é muito: um momento é como uma eternidade! imagine o No aguanté a mi padre, a mi madre, a mis tíos, que fueron todos amorosos y me ayudaron; ni a mis profesores, que no eran mis enemigos y que, a pesar mío, siempre me quisieron ayudar. Pero no me pude adaptar a nadie, todo el mundo se tuvo que adaptar a mí. Ya es demasiado tarde. Las cosas no se pueden cambiar ahora. Éste fue, y todavía es, un asunto de un único sentido.

Por isso terei que seguir vivendo da mesma maneira. Terão-lhes que adaptar, não há outra forma. Nunca a ninguém; por isso não sei como fazê-lo; se tratasse de aprendê-lo agora já seria muito tarde. Mas vós estivestes agüentando a todo tipo de pessoas em sua vida.

Não agüentei a meu pai, a minha mãe, a meus tios, que foram todos amorosos e me ajudaram; nem a meus professores, que não eram meus inimigos e que, a meu pesar, sempre me quiseram ajudar. Mas não me pude adaptar a ninguém, todo mundo se teve que adaptar para mim. Já é muito tarde. As coisas não se podem trocar agora. Este foi, e ainda é, um assunto de um único sentido.

Pode te adaptar a mim, estou disponível. Mas não posso me adaptar a ti, por duas razões: uma, não está disponível, nem está presente. Se chamar a sua porta, não há ninguém no interior, e os vizinhos me contam que nunca viram a ninguém. A porta está fechada. Quem a fechou? Ninguém sabe. Onde está a chave? Possivelmente se perdeu. Embora encontrasse a chave ou rompesse a fechadura (que é muito mais fácil), que sentido teria? Não há ninguém em casa. Não te poderia encontrar ali; sempre está em outro lugar. Então, como te encontrar e me adaptar a ti? É impossível.

Em segundo lugar, embora fora possível, só por amor à discussão, não poderia fazê-lo. Nunca o tenho feito. Não conheço seus mecanismos. Ainda sigo sendo um moço selvagem de povo.

A outra noite minha secretária estava chorando e me dizia:

-por que confia em mim, Osho? Não me mereço isso. Não sou digna de que me veja a cara.

-A quem lhe importa que seja digna ou não? -disse-lhe-. E quem tem que decidir? Eu, pelo menos, não o vou fazer. por que está chorando?

-A idéia de que me tenha escolhido para fazer seu trabalho... é uma missão muito grande -disse ela.

-Te esqueça da dimensão do trabalho -disse-lhe- e escuta o que estou dizendo.

Eu nunca tenho feito nada; por isso, naturalmente, não me preocupa se ela será capaz de fazê-la ou não. Simplesmente lhe disse:

-Escuta -e, é obvio, quando digo algo ela me tem que escutar. Agora bem, como o consegue não é meu problema nem tampouco o seu. Consegue-o porque eu o hei dito. O disse porque eu não sei nada sobre a gerência.

Podem ver que bem a escolhi? Ela encaixa. Eu não. Minha avó sempre estava preocupada. Me estava acostumado a repetir: -Fatia, vais ser um inadaptado. Digo-lhe isso eu, sempre será um inadaptado. Eu estava acostumado a rir e lhe dizia: -A palavra «inadaptado» é tão formosa que me apaixonei por ela. Agora bem, tenha em conta que se me adaptar te golpearei na cabeça; e quando digo algo, sabe que vou a sério. Se estiver viva te golpearei na cabeça. Se não estar viva irei a sua tumba, mas sem dúvida farei algo detestável. Pode ter a certeza.

Ela se seguiu rendo e disse:

-Aceito a provocação. Volto-te a repetir que, eu esteja viva ou morta, sempre será um inadaptado. E não poderá me golpear a cabeça porque nunca será capaz de te adaptar, e tinha toda a razão. Fui o inadaptado, em todas partes. Na universidade onde estava dando classes nunca saí na foto anual do claustro de professores. Uma vez, o reitor me perguntou:

-Dei-me conta de que é o único membro do claustro que não vem nunca a nossa foto anual. Todos outros vêm porque se publica a foto, e quem não quer ter sua foto publicada? -Eu, certamente, não quero que minha foto seja publicada ao lado de tantos burros -disse-lhe-. E essa foto sempre será como uma mancha em meu nome, ao saber que uma vez tive algo que ver.

Ele se ofendeu e me disse: -Chama burros a toda essa gente? me incluindo a mim? -É obvio, incluo a ti. Isso é o que penso -disse-lhe-, e se quer escutar algo bonito, chamaste ao homem equivocado. Chama um dos burros.

Não saí nem em uma só fotografia enquanto estive nesse posto. Era tão inadaptado, que pensei que o melhor seria não me relacionar com essa gente com a que não tinha nada que ver. E na universidade só me relacionei com uma árvore, o gulmohar.

Não sei se existir esse tipo de árvore no Ocidente, mas é um dos mais belos do Oriente. Sua sombra é muito fresca. Não cresce muito alto; seus ramos se estendem a seu redor. Algumas vezes, os ramos de uma árvore velha podem cobrir terreno suficiente, para que facilmente possam sentar-se quinhentas pessoas, e no verão, quando floresce, brotam milhares de flores simultaneamente. Não é uma árvore miserável, que joga uma flor e logo outra; não. Uma noite, de repente, abrem-se todos os brotos, e pela manhã não pode dar crédito a seus olhos: milhares de flores! São da cor dos sannyasins. Meu único amigo era essa árvore.

Estacionei meu carro debaixo dele, durante tantos anos que, pouco a pouco, todo mundo se deu conta que não tinham que estacionar ali; era meu sítio. Não tive que dizer-lhe mas, pouco a pouco e lentamente, aceitaram-no. Ninguém

incomodava a essa árvore. Quando não vinha a árvore me esperava. Estacionei debaixo dessa árvore durante muitos anos. Ao deixar a universidade me despedi do reitor e então lhe disse:

-Agora me tenho que ir, está obscurecendo e minha árvore tem que ir-se dormir antes de que fique o sol. Tenho que me despedir do gulmohar. O reitor me olhou como se estivesse louco, mas qualquer me teria cuidadoso do mesmo modo. É a forma de olhar a um inadaptado. Seguia sem acreditar-se que o ia fazer. Por isso observou desde sua janela enquanto dizia adeus ao gulmohar. Abracei à árvore e permanecemos unidos durante um momento. O reitor saiu fora a toda pressa e veio correndo até onde estava dizendo:

-me perdoe, por favor, me perdoe. Nunca vi a ninguém abraçando uma árvore, mas agora sei o que todo mundo se está perdendo. Nunca vi a ninguém dizendo adeus ou bom dia a uma árvore, mas não só me deste uma lição, realmente me há meio doido muito fundo.

Dois meses mais tarde me telefonou só para me informar, dizendo:

-É muito triste e muito estranho, mas o dia que foi aconteceu algo a sua árvore -nesse momento já se converteu em minha árvore.

-O que aconteceu? -perguntei-lhe.

-Começou a morrer -respondeu-me-. Se vier agora, somente verá uma árvore morta, sem flores nem folhas. O que passou? Por isso te chamei.

-Deveria lhe haver telefonado à árvore -disse-lhe-. Como posso responder pela árvore?

Durante um momento ficamos em silêncio. Então disse:

-Sempre o pensei: está louco!

-Ainda não está convencido -disse-lhe-; se não, quem telefona a um louco? Deveria lhe haver telefonado à árvore. E ele árvore se vê desde sua janela; não necessitava nem telefone.

Simplesmente, pendurou. Pus-se a rir mas ao dia seguinte, pela manhã cedo, antes de que chegasse nenhum desses idiotas da universidade, fui ver a árvore. Sim, lhe tinham cansado todas as folhas e ainda estávamos em temporada. cansado-se todas, não só as flores mas também também as folhas. Só ficavam os ramos nus elevando-se para o céu. Abracei de novo a árvore e soube que estava morto. Ao primeiro abraço houve uma resposta; ao segundo abraço já não havia ninguém para responder. A árvore se foi; ali de pé só ficava seu corpo, que poderia seguir assim anos. Provavelmente, ainda está ali, embora só seja madeira morta.

Nunca consegui me adaptar a nenhum lugar. Como estudante era muito chato. Todos os professores que me davam classes me olhavam como um castigo que Deus lhes tinha enviado. Desfrutava sendo o enviado de Deus; desfrutava-o ao máximo. E quem não? E se eles pensavam que era um castigo, demonstrei-o exatamente e inclusive superei suas expectativas.

Só me tornei a encontrar com alguns deles. Seu primeira pergunta foi: -Ainda não nos podemos acreditar que te tenha iluminado. Foi tão bagunceiro. esquecemos a todos seus companheiros, mas inclusive agora, de vez em quando, segue-te aparecendo em nossos pesadelos.

Posso-o entender. Não podia me adaptar a nada. Tudo o que me ensinaram era tão medíocre que tinha que lutar contra isso. Tinha que lhes dizer:-Isto é muito medíocre...Agora bem, pode-te imaginar quando lhe diz isto a um professor que espera o que aprecie seu bate-papo -que esteve preparando há dias-, para que ao terminar se levante um estudante... e era um estudante pouco corrente, por não dizer algo pior.

O primeiro que terá que recordar é que tinha o cabelo comprido; e esse corto comprido tinha uma história ainda mais larga. Algum dia chegarei a ela em algum círculo. Essa é a beleza de ir em círculos. Retornar ao mesmo ponto uma e outra vez, mas a um nível diferente; é como ascender dando rodeios para o topo de uma montanha: chega à mesma vista, muitas vezes, em diferentes níveis. Cada vez é um pouco diferente porque não te detém no mesmo ponto, mas a vista segue sendo a mesma, possivelmente mais formosa, possivelmente muito mais formosa, porque tem melhor vista...

Em algum momento chegarei a esse ponto, mas não hoje. Que horas são? -As oito e um minuto.

Bem. Só me estou molhando os lábios.

Hoje, em especial, queria dizer que a atenção é uma espada de dobro fio; dobro fio porque curta a ambos, ao ouvinte e ao que fala. Também os une. É um processo muito significativo. Gurdjieff tem a palavra correta para descrevê-lo: «Cristalização.»

Se um homem estiver realmente atento, não importa a que -desde o XYZ até qualquer outra coisa-, nesse processo de estar atento se integrará, cristalizará-se. Quando se enfoca em um objeto, ele mesmo se está enfocando em seu interior, em seu ser.

Mas isto é só a metade da história. A pessoa que está escutando atentamente alcança, sem dúvida, uma cristalização. É um fato muito conhecido em todas as escolas de meditação do Oriente. Basta estando atento a algo, inclusive a uma tolice. Uma garrafa da Coca-cola te pode ajudar muitíssimo, especialmente aos americanos. Com apenas olhar a garrafa da Coca-cola atentamente terá o segredo da meditação transcendental do Maharishi Mahesh Yogi. Mas isto é só a metade da verdade, e meia verdade pode ser mais perigosa que uma mentira completa.

A outra metade só é possível se não estar unicamente lendo um livro, ou recitando um mantra, ou olhando uma estátua; a outra metade só é possível se estiver em profunda sincronicidad com uma pessoa viva. Não o estou chamando amor, porque isso te poderia desencaminhar; nem sequer amizade, porque pensará que já a conhece. Chamarei-o «sincronicidad», para que tenha que pensar sobre isso e lhe dê um pouco de seu ser.

Quando realmente está atento acontece a sincronicidad. Poderia acontecer quando está olhando um pôr-do-sol, uma flor, um menino jogando na grama e você desfrutando com sua alegria..., mas se necessita uma certa harmonia. Se acontecer, houve atenção. Se acontecer entre um professor e um discípulo então, com segurança, tem em suas mãos o diamante mais prezado.

Contei-te que fui afortunado, apesar de não saber por que. Há coisas que só se podem afirmar; são assim, e não existe uma razão para isso. As estrelas são, as rosas são, o universo é, ou talvez, muito melhor: os univeré são. É melhor chamar à existência multiverso em vez de universo. Terá que introduzir a idéia de múltiplos dimensione.

O homem foi dominado pela idéia de «um» durante muito tempo. E eu sou um pagão: não acredito em Deus, a não ser em deuses. Para mim uma árvore é um deus, uma montanha é um deus, um homem é um deus; mas não sempre. Tem o potencial. Uma mulher é um deus, mas não sempre; mais freqüentemente é uma bruxa, mas isso é sua eleição. Não precisava escolhê-lo; ninguém lhe obrigou.

Normalmente, o homem é só um marido, que é uma palavra feia em todas as línguas. A palavra «marido» vem de «agricultura». É o que estão fazendo nossos sannyasins: jardinagem, agricultura... Agricultura vem da palavra «agro»... que

significa indústria. E quando apresenta a seu marido, sabe o que está dizendo? Sabe o pobre tipo que lhe está reduzindo a ser um granjeiro? Mas essa é toda a idéia; o homem é o granjeiro e a mulher é o campo! Magnífica idéia!

O homem normalmente permanece muito maço ao mundano, e a mulher ainda mais. Ela supera ao homem de todas as formas possíveis. É obvio, vai sentada no assento de atrás mas ela é o condutor.

Um homem foi detido por ir muito rápido, o agente de polícia estava muito zangado porque não só estava indo muito rápido, mas também tampouco tinha permissão, e o que lhe ensinou em seu lugar só era uma entrada para o filme que foram ver. Isso foi muito!

-Agora vou dar uma entrada de verdade! - disse o agente.

-Lhe estive dizendo isso desde o começo -gritou-lhe a esposa-, mas nunca me escuta!

E ela chiou tão alto que inclusive o agente deixo de escrever e emprestou atenção ao que estava passando.

-Em primeiro lugar, onde estão seus óculos? -perguntou-. Não vê nada e está conduzindo! Além disso, está tão bêbado que te estive dando patadas todo o momento, e não vejo que tenha sortido nenhum efeito! Parece que perdeste a sensibilidade! -então, voltou-se para o policial e lhe disse-: Oficial, meta o no cárcere! merece-se, como mínimo, seis meses de trabalhos forçados; menos disso e não aprenderá nada! Nem sequer o agente podia entender tanto castigo por um pequeno excesso de velocidade.

-Senhor, pode-se partir -disse-lhe ao homem-. Deus já lhe castigou bastante lhe dando essa mulher por esposa. É suficiente. Sinto pena por você. Já sei por que perdeu a vista. Quem quer ver uma mulher assim? E sei que está acelerando porque ela não deixa de lhe dar patadas. Sinto-o muito por você -disse o agente-. Embora continue acelerando, ela sempre estará ali. Acelere tanto que fique atrás, muito longe.

O homem e a mulher vivem uma vida muito mundana e muito feia, realmente feia. Em uma ocasião assinalei a minha avó a mulher de um de meus professores que passava por minha aldeia.

-Minha avó e toda minha família vivem ali e estariam muito contentes de lhe conhecer lhe disse.

A apresentei a minha avó e quando se foi ambos pomos-se a rir. Nenhum dos dois disse nada durante uns instantes. Ri-me porque minha avó tinha tido que agüentar a essa mulher.

-E isso não é nada -disse ela renda-se-, você tem que agüentar a seu marido. Se ela for terrível, ele deve ser ainda pior.

-Só posso dizer isto -respondi-lhe-; que é mais feio que uma foto de passaporte.

estive dedicado ao ensino toda minha vida. Poucas vezes fui a classe, inclusive em meus dias de estudante. Para poder livrar-se de mim, tinham-me que conceder um setenta e cinco por cento de assistências em meu expediente. Isso também era uma absoluta mentira. O noventa e nove por cento do tempo estava ausente. Assim foi durante meus dias de estudante, na escola superior e na faculdade.

Na faculdade tinha um acordo com o diretor, B. S. Audholia. Era um homem formoso. Era o diretor da faculdade do Jabalpur, no mesmo centro da Índia. Jabalpur tinha muitas faculdades, e esta era uma dos mais importantes. Expulsaram-me de uma faculdade porque havia um professor que não estava

disposto a seguir em sua praça se não o faziam. Pôs esta condição, e era um professor respeitado. Entraremos nos detalhes desta história mais tarde.

Naturalmente, expulsaram-me. A quem lhe importa um pobre estudante? O professor era doutor em Filosofia e Literatura, etcétera, etcétera, e tinha trabalhado nessa faculdade durante quase toda sua vida. Agora bem, me expulsar por sua culpa, não tinha importância que eu tivesse razão ou não. Isso foi o que me disse o diretor antes de me expulsar. Tinha-me que dar uma explicação, por isso me chamou. Deveu pensar que ia estar tremendo como qualquer outro estudante, porque estavam a ponto de me expulsar. Não se esperava que ia entrar em seu oficina como um terremoto.

Pu-me a lhe gritar antes de que tivesse a oportunidade de dizer nada. -demonstraste que só é esterco de vaca sagrada -disse-lhe. Usei a expressão em hindi gobar ganesh que, em realidade, significa «estátua feita com esterco de vaca sagrada», e lhe dava um murro à mesa tão forte que se levantou de um golpe.

-Tem um mole em sua mesa? -perguntei-lhe-. Golpeio-a, e te levanta! Sente-se!

Disse-o tão alto que se sentou sem fazer ruído. Tinha medo de que outros nos pudessem ouvir, e possivelmente entrar correndo, em especial o homem que estava vigiando a porta.

-De acordo -disse ele-, sentarei-me. O que tem que dizer?

-Você é o que me chamaste e me está perguntando se tiver algo que dizer? -disse-lhe-. Estou dizendo que deveria expulsar a esse indivíduo, o doutor S. N. L. Shrivastava. É um estúpido, apesar de seu doutorado em Filosofia e em Literatura. Não lhe fiz mal, só lhe fiz perguntas que eram totalmente legítimas. Ele nos ensina lógica, e se não me permite fazer uso da lógica em sua classe, onde vou ser lógico? diga-me isso você.

-Sonha bem-disse ele-. Se te ensinar lógica, obviamente tem que ser lógico. -Então chama-o, e vejamos quem é o lógico -disse-lhe. No momento em que o doutor Shrivastava se inteirou de minha presença no despacho do diretor, e que lhe estavam chamando, escapou a sua casa. Não apareceu em três dias. Estive sentado ali durante três dias sem interrupção, desde que abriam o escritório até que a fechavam. Finalmente, escreveu uma carta ao diretor, dizendo:

-Isto não pode continuar durante mais tempo -e escreveu-: não quero ver esse moço. Ou o expulsa ou deverá me relevar de minhas obrigações.

O diretor me ensinou a carta.

-Isto se que é bom -disse-lhe-. Nem sequer é capaz de entrevistar-se comigo, nenhuma só uma vez, em sua presença, para que você veja quem é lógico. um pouco de lógica não lhe teria sentado mau, ao menos a você. Mas não quero que o expulsem porque não seja capaz de me fazer frente, e esta carta é prova suficiente de que é um covarde. Não posso ser tão desconsiderado, porque conheço sua esposa, seus meninos e suas responsabilidades. Por favor, me expulse agora mesmo, e me entregue a expulsão por escrito.

Olhou-me e me disse:

-Se te expulsar te pode resultar difícil conseguir uma admissão em qualquer outra faculdade.

-Esse é meu problema -disse-lhe-. Sou um inadaptado, tenho que me enfrentar com estas coisas.

depois de que passasse tudo isto bati na porta de todos os diretores da cidade; era a cidade das faculdades, e todos disseram: -Como lhe expulsaram não podemos arriscamos. Chegaram-nos rumores de que estiveste discutindo com o doutor

Shrivastava continuamente durante oito meses, e que não lhe deixaste que te ensinasse. Quando contei toda a história ao B. S. Audholia disse:

-Arriscarei-me, mas com uma condição. Ele era um homem bom, generoso, mas limitado. Não espero que ninguém tenha uma generosidade ilimitada, mas a menos que a tenha te perderá a experiência mais formosa da vida. Sim, esteve generoso comigo ao me admitir, mas a condição que pôs cancelou a maior parte. A condição estava bem para mim, mas não para ele. Para ele era um crime, para mim era uma oportunidade de ser livre.

Fez-me assinar um acordo pelo que não assistiria à classe de filosofia. -Isso é perfeito -disse-lhe-; de fato, que mais podia pedir? Isso é o que eu gosto de fazer, não assistir aos bate-papos desses idiotas. Estou disposto a assiná-lo, mas recorda, você também terá que assinar um acordo dizendo que me concederá um setenta e cinco por cento de assistências.

-Prometo-lhe isso -disse-me-. Não lhe posso dar isso por escrito porque me criará complicações, mas é uma promessa.

-Tomo a palavra, e confio em ti -disse-lhe.

E ele manteve sua palavra. Concedeu-me noventa por cento de assistências apesar de que não assisti à classe de filosofia nenhuma só vez.

Efetivamente, não assisti muito à escola primária, porque o rio era muito atrativo e sua chamada irresistível. Por isso sempre estava no rio; é obvio, não ia sozinho, a não ser com muitos outros estudantes. Depois do rio havia um bosque. E havia tanta geografia real para explorar... a quem lhe importava o sujo mapa que tinham na escola? Não estava preocupado por saber onde estava Constantinopla, mas sim estava explorando por minha própria conta: a selva, o rio... havia tantas outras coisas por fazer.

Por exemplo, como minha avó, pouco a pouco, tinha-me ensinado a ler, comecei a ler livros. Não acredito que ninguém tenha estado tão comprometido na biblioteca dessa cidade, nem antes nem depois de mim. Agora ensinam o sítio onde me estava acostumado a sentar, e o sítio onde estava acostumado a ler e escrever notas a todo mundo. Mas, em realidade, deveriam-lhe contar às pessoas que me queriam expulsar desse sítio. Ameaçaram-me continuamente.

Mas quando aprendi a ler se abriu uma nova dimensão. Traguei-me toda a biblioteca, e de noite comecei a lhe ler a minha avó os livros que mais eu gostava. Não lhe acreditará isso, mas o primeiro livro que li foi O livro disso Mirdad iniciou uma larga série.

É obvio, às vezes me perguntava em metade de um livro o significado de alguma frase, ou de alguma passagem, ou de todo o capítulo, justo o essencial. Lhe estava acostumado a dizer:

-Nani, lhe estive lendo isso, e não o ouviste? -Sabe -disse ela-, quando os, disposto tanta atenção a sua voz que me esquecimento completamente do que me está lendo. Para mim, você é Mirdad. A menos que me explique isso, Mirdad seguirá sendo desconhecido para mim.

Por isso o tive que explicar, mas isso se converteu em uma grande disciplina para mim. O explicar, o ajudar a outra pessoa que está desejando aprofundar um pouco mais do que ela sozinha pode fazer, o lhe agarrar pela mão, minha vida, pouco a pouco, foi convertendo nisso. Eu não o escolhi, não da maneira que foi escolhido para o J. Krishnamurti. lhe foi imposto por outros. Ao princípio, inclusive seus discuré foram escritos ou pelo Annie Besant ou pelo Leadbeater; ele simplesmente os repetia. Não estava sozinho. Tudo estava planejado de antemão e era levado a cabo metodicamente.

Eu sou um homem não planejado, por isso sigo sendo selvagem. Algumas vezes me pergunto o que faço eu aqui, ensinando às pessoas a iluminar-se, e quando se iluminam, imediatamente lhes começo a ensinar como desiluminarse outra vez. O que estou fazendo?

Sei que se está aproximando o momento em que muitos de meus sannyasins simplesmente começarão de sopetón a iluminar-se. E hei começando a preparar, e trabalhar nas bases da ciência de como desiluminar a tantos espíritos iluminados. Isso é o que estive fazendo. Um tipo de trabalho algo estranho, mas o desfrutei ao máximo e ainda o desfruto. vou desfrutar até o último fôlego, ou inclusive depois disso. Estou um pouco louco, de modo que posso fazê-lo, apesar de que não o tenha feito nenhum louco ainda. Mas alguém o tem que fazer algum dia. Alguém tem que romper o gelo.

Sessão 27

De acordo, vê que sincronicidad? Devageet e eu havemos dito simultaneamente: «De acordo.» É obvio, ele o há dito por uma coisa e eu por outra, mas as linhas se cruzam.

Justo antes de entrar aqui estava escutando a um dos flautistas maiores, Hariprasad. Isto reavivou muitas memórias em mim.

Existem muitos tipos de flauta no mundo. A mais importante é a árabe; a mais formosa, a japonesa; e há muitas mais. Mas não há nada comparável, por sua doçura, à pequena flauta de bambu a Índia. E Hariprasad é certamente um professor no que à flauta se refere. Há meio doido para mim, não só uma vez, mas também muitas. Sempre que sentiu que tinha que tocar realmente ao máximo vinha correndo a ver-me aonde estivesse, algumas vezes incluso a milhares de quilômetros, só para tocar a flauta durante uma hora a sós comigo.

-Hariprasad -perguntei-lhe-, podia haver meio doido em qualquer lado; por que tem feito uma viagem tão larga?

Na Índia, mil quilômetros são quase como vinte mil quilômetros no Ocidente. Os trens hindus ainda caminham, não correm. No Japão os trens circulam a quatrocentos e cinqüenta quilômetros por horá; e na Índia, cinqüenta quilômetros à hora já é uma grande velocidade; e os ônibus, e os rickshaws... Só para tocar a flauta durante uma hora em meu dormitório...

-por que? -perguntei-lhe.

-Porque tenho milhares de admiradores -respondeu-me-, mas não há ninguém que entenda o som sem som. A menos que a gente entenda o som sem som,

realmente não o poderá apreciar. Por isso venho a verte; e essa hora é suficiente para ser capaz de tocar a flauta durante meses diante de todo tipo de idiotas, governadores, primeiros ministros e os assim chamados «importantes». Quando me sinto totalmente cansado, exausto e farto de idiotas, corro para ti. Por favor, não me negue esta hora.

-É uma alegria te escutar -disse-lhe-, escutar sua flauta e sua canção. São grandes em si mesmos, mas, especialmente, também porque me recordam ao homem que nos apresentou. Lembra-te dele?

Ele se tinha esquecido completamente de quem me tinha apresentado isso, e o compreendo. Deveu ser faz quarenta anos. Eu era um menino pequeno, ele era um homem jovem. esforçou-se tentando recordá-lo mas não pôde.

-me desculpe -disse-me-, mas me parece que minha memória não funciona bem. Não posso recordar nem sequer ao homem que nos apresentou. Embora me esquecesse de qualquer outra coisa, teria-me que acordar dele. Recordei-lhe quem era e pôs-se a chorar. Hoje eu gostaria de lhes falar desse homem.

Pagal Baba era um desses homens notáveis dos que lhes vou falar. Pertencia à mesma categoria que Magga Baba. Era conhecido somente como Pagal Baba; pagamento! significa «o louco». Chegava como o vento, sempre de repente, e desaparecia tão de repente como tinha vindo.

Eu não lhe descobri, descobriu-me ele . Com isto quero dizer que simplesmente estava nadando no rio quando ele passou por ali: olhou-me, olhei-lhe, saltou ao rio e nadamos juntos. Não sei quanto tempo estivemos nadando mas não fui eu quem disse «basta». Ele já era um santo conhecido. Tinha-lhe visto antes, mas não tão de perto. Foi em uma reunião fazendo bhajan e cantando canções devocionales, que tive um certo sentimento para ele, mas não o disse a ninguém. Não mencionei nenhuma só palavra sobre isto. Há coisas que estão melhor guardadas no coração; ali crescem mais rápido. É o terreno adequado.

Nesse momento ele era um homem velho; eu não tinha mais de doze anos. Obviamente, foi ele quem teve que me dizer:

-vamos parar. Estou cansado.

-Me poderia haver isso dito em qualquer momento e me teria parado -disse-lhe-, mas no que a mim respeita, no rio sou como um peixe.

Sim, assim é como me conheciam em minha cidade. Quem mais nadava seis horas pela manhã, das quatro até as dez? Quando todo mundo estava dormido, profundamente dormido, eu já estava no rio. E quando todo mundo se foi a trabalhar, eu ainda estava no rio. É obvio, minha avó vinha todos os dias às dez da manhã; então tinha que sair da água porque era hora de ir à escola, e tinha que ir à escola. Mas assim que acabava as classes estava de retorno no rio.

Quando, pela primeira vez, caiu em minhas mãos a novela do Herman Hesse Sidharta não me podia acreditar que eu tivesse experiente tantas vezes o que ele tinha escrito sobre o rio. E sabia perfeitamente bem que Hesse só estava imaginando -uma boa imaginação- porque morreu sem chegar a ser um buda. Foi capaz de escrever Sidharta, mas não pôde converter-se na Sidharta. Quando me encontrei com essa descrição do rio, dos estados emocionais, as mudanças e os sentimentos do rio, estava transbordado. Estava mais impressionado por sua descrição do rio que por qualquer outra coisa. Não posso recordar desde quando tinha amado o rio; parecia-me como se tivesse nascido em suas águas.

Na aldeia de meu Nani sempre estava no lago ou no rio. O rio estava um pouco afastado, possivelmente a três quilômetros, por isso tinha que escolher mais freqüentemente o lago. Mas de vez em quando estava acostumado a ir até o rio

porque o rio e o lago eram completamente diferentes. Um lago, de algum jeito, está morto, fechado, não flui, não corre fazia nenhum lugar, é estático. Esse é o significado da morte: não é dinâmico.

O rio está sempre em movimento, correndo para alguma meta desconhecida, possivelmente sem saber qual é a meta mas, sabendo-o ou não, alcança-a. O lago nunca se move. Permanece onde está, adormecido, simplesmente morrendo, morrendo cada dia; não há ressurreição. Mas o rio, por pequeno que seja, é tão grande como o oceano, porque antes ou depois se converte no oceano.

Sempre me gostou da sensação de fluir: indo, esse fluir, em contínuo movimento..., essa vitalidade. Por isso, apesar de que o rio estava a três quilômetros de distância, estava acostumado a ir de vez em quando para prová-lo.

Mas no povo de meu pai o rio estava muito perto. Só estava a dois minutos andando da casa de meu Nani. Podia-o ver do piso de acima; estava ali com toda sua grandeza e convite..., irresistível.

Estava acostumado a ir correndo do colégio até o rio. Sim, só me parava um momento para deixar os livros em casa de meu Nani. Ela me convencia de que, pelo menos, tomasse uma taça de chá, me dizendo:

-Não tenha tanta pressa. O rio não se vai, não é um trem. Isso era exatamente o que me estava acostumado a dizer uma e outra vez: -Recorda, não é um trem. Não o vais perder. De modo que, por favor, te beba sua taça de chá e depois vete. E não atire os livros desse modo.

Eu não estava acostumado a responder porque teria significado maior atraso. Ela sempre ficava assombrada e dizia:

-Em qualquer outro momento estaria disposto a discutir. Mas quando vai ao rio, se disser algo, embora só seja uma tolice, ilógica, absurda, escuta-me como se fosse um menino muito obediente. O que te acontece quando vai ao rio?

-Nani -disse-lhe-, você me conhece. Sabe perfeitamente que não quero perder o tempo. O rio me está chamando. Posso escutar o som das ondas incluso enquanto me bebo o chá.

Muitas vezes me queimei os lábios porque o chá estava muito quente. Mas tinha pressa, e me tinha que acabar a taça. Meu Nani estava ali; não me deixava ir antes de que me bebesse isso.

Ela não era como Gudia. Gudia é diferente nesse sentido porque sempre me diz: -Espera, o chá está muito quente. Possivelmente é meu velho costume. Agarro de novo a taça e ela me diz: -Espera! Está muito quente.

Sei que tem razão, por isso espero até que deixe de pôr pegas, então me bebo o chá. Provavelmente, ainda esteja aí o velho hábito de me beber o chá E sair correndo ao rio.

Apesar de que minha avó sabia que queria me colocar na água quanto antes tratava de me convencer de que comesse algo, o que fora. Lhe estava acostumado a dizer:

-dêem-me isso tudo. Meterei-me isso nos bolsos e comerei isso pelo caminho.

Sempre me gostaram das nozes de caju, especialmente as salgadas, e durante anos estava acostumado a me encher todos os bolsos com elas. Todos os bolsos queria dizer duas em minhas calças: calças curtas, porque nunca eu gostei dos compridos, possivelmente porque todos meus professores os levavam, e como odiava aos professores devia ter surto uma certa associação. Por isso só vestia calças curtas.

Na Índia, climáticamente, as calças curtas são muito melhores que os compridos. Os dois bolsos de minhas calças estavam repletas de nozes de caju. E

lhes surpreenderão: só para poder guardar as nozes de caju tive que lhe dizer à alfaiate que me fizesse dois bolsos nas camisas. Sempre tive dois bolsos nas camisas. Nunca entendi por que motivo põem um só bolso nas camisas. por que não um só bolso também nas calças largas? Ou um só bolso nos curtos? por que só um nas camisas? A razão não é óbvia, mas sei o porquê. O bolso das camisas está sempre no lado esquerdo, para que a mão direita possa tirar e colocar coisas e, naturalmente, a pobre emano esquerda não lhe faz falta bolso. O que faria um pobre homem com um bolso?

A mão esquerda é uma das partes reprimidas do corpo humano. Se o tentar, poderá entender o que estou dizendo. Pode fazer com a esquerda tudo o que faz com a direita, inclusive escrever, e possivelmente melhor que com a direita. depois de trinta ou quarenta anos de costume, ao princípio, custará-te um pouco usar a mão esquerda, porque foi ignorada e a manteve na ignorância.

A mão esquerda é realmente a parte mais importante do corpo porque representa a parte direita do cérebro. A mão esquerda está conectada ao cérebro direito, e a mão direita ao cérebro esquerdo, em cruz. A direita corresponde realmente à esquerda, e a esquerda à direita.

Ignorar a mão esquerda é ignorar a parte direita de seu cérebro, e o lado direito de seu cérebro contém tudo o que é valioso, todos os diamantes, esmeraldas, safiras e rubis..., todo o valioso, todos os arco íris, as flores e as estrelas. O lado direito do cérebro contém a intuição, os instintos; em resumo contém o feminino. A mão direita é machista.

Surpreenderá-lhes saber que quando comecei a escrever, como era tão pesado, comecei a escrever com a mão esquerda. É obvio, todo mundo ficou em meu contrário; de novo, todo mundo exceto meu Nani. Ela foi quão única disse:

-Se quer escrever com a mão esquerda, o que tem que mau nisso? A questão é escrever -seguiu dizendo-. por que lhes preocupam tanto de que mão usa? Pode sujeitar o lápis com a mão esquerda, e vós com a mão direita. Qual é o problema?

Mas ninguém me deixava usar a mão esquerda, e ela não podia estar comigo em todas partes. Na escola, todos os professores e os estudantes estavam em meu contrário por usar a mão esquerda: a direita está bem, a esquerda está mau. Ainda agora não posso entender por que. por que o lado esquerdo do corpo tem que ser rechaçado e encarcerado? E sabem: aos dez por cento da gente gostaria de escrever com a mão esquerda; de fato, começaram a escrever assim mas o impediram.

É um dos desastres mais antigos que lhe aconteceu ao homem: que a metade de seu ser não esteja nem sequer disponível para ele. criamos um estranho tipo de homem! É como um carro de bois com uma só roda: a outra roda está ali embora permaneça invisível; usa-se, mas só de um modo clandestino. É feio. Resisti desde o começo.

Perguntei-lhe ao professor e ao diretor: -me dêem uma razão pela que tenha que escrever com a mão direita. Simplesmente, encolheram-se de ombros. Então disse:-lhes encolher de ombros não servirá de nada; têm que me responder. Vós não aceitariam que me encolhesse de ombros; então, por que devo lhes aceitar? Farei como que não me inteirei. Por favor, me dêem uma explicação apropriada.

Enviaram-me ao conselho da escola porque os professores não me entendiam, ou não me davam nenhuma explicação. Em realidade, entendiam-me perfeitamente. O que dizia estava claro:

-O que tem que mau em escrever com a mão esquerda? E se escrever a resposta correta com a mão esquerda, pode que essa resposta esteja mau, só porque a tenho escrito com a mão esquerda?

-Está louco e voltará louco a todo mundo -disseram-me-. É melhor que vás ver o conselho da escola.

O conselho era um comitê municipal que dirigia todas as escolas. Na cidade havia quatro escolas primárias e duas escolas superiores, uma para garotas e outra para meninos. Que cidade!, em que meninos e garotas são mantidos totalmente separados. Este comitê era o que tomava quase todas as decisões, de modo que fui enviado ali.

Os membros do comitê me escutaram muito sérios, como se eu fora um assassino, e eles estavam sentados como se fossem juizes, preparados para me pendurar. Disse-lhes:

-Não estejam tão sérios, lhes relaxe. me digam só: o que tem de mau que escreva com a mão esquerda? -olharam-se uns aos outros. Então disse-: Isso não ajudará. Têm que me responder, e não é fácil tratar comigo. Têm-me que dar a resposta por escrito porque não confio em vós. A forma em que lhes olham os uns aos outros é tão ardilosa e política que é melhor ter sua resposta por escrito. Escrevam o que tem que mau em escrever uma resposta correta com a mão esquerda.

ficaram sentados como estátuas. Ninguém tratou nem sequer de me dizer nada. Tampouco houve ninguém disposto a escrever. Disseram-me simplesmente:

-Teremos que considerado.

-Considerem -disse-lhes-. Eu fico aqui. O que é o que lhes impede de considerado diante meu? É isto um pouco privado como uma confusão amorosa? E todos são cidadãos respeitáveis: ao menos não deveriam estar as seis na mesma confusão, isso seria sexo em grupo.

-te cale!-chiaram-me-Não use essas palavras!

-Tenho que usar essas palavras só para lhes provocar -disse-lhes-; se não, ficariam sentados aí como estátuas. Agora, pelo menos, moveste-lhes e hão dito algo. pensar-lhes isso ajudarei-lhes e não lhes incomodarei absolutamente.

-Sal fora, por favor -disseram eles-. Não poderemos deliberar diante teu; acabará interfiriendo. Conhecemo-lhe, como todo mundo na cidade. Se não for, iremos nós.

-Podem sair diante, isso é cavalheirismo -disse-lhes.

Tiveram que abandonar a habitação do comitê diante de mim. A decisão se conheceu dia seguinte. Simplesmente foi que: -Os professores tinham razão, e todo mundo tinha que escrever com a mão direita.

Esta falsidade prepondera em todos lados. Não posso nem sequer compreender que tipo de tolice é esta. E esta é a gente que está no poder! Os direitistas! São poderosos; os machistas são poderosos. Os poetas não são poderosos, nem os músicos....

Agora fixa lhe nesse homem, Hariprasad Chaurasia, um músico tão bom tocando a flauta de bambu, mas que viveu toda sua vida na pobreza total. Ele não pôde lembrar-se de que Pagal Baba, que me tinha apresentado isso, ou, melhor dizendo, «eu a ele»?, porque eu só era um menino, e Hariprasad era uma autoridade reconhecida a nível mundial tocando a flauta de bambu.

Pagal Baba apresentou a outros flautistas, especialmente ao Pannalal Ghosh. Mas lhe tinha escutado tocar e não era comparável com o Hariprasad. por que me apresentou Pagal Baba a essa gente? Ele mesmo era um grande flautista, mas não

tocava diante da gente. Sim, tocou diante meu, mas insistiu em que não deveríamos mencionar-lhe a ninguém. Guardava a flauta escondida em sua bolsa.

A última vez que lhe vi me entregou sua flauta e me disse -Não nos voltaremos a ver; não é que não queira voltar a verte, mas sim este corpo é incapaz de sustentar-se mais tempo.

Devia ter perto de noventa anos. -Mas te entrego esta flauta como um memento, e te digo: se praticar, pode-te converter em um dos flautistas maiores.

-Mas nem sequer me quero converter no maior -disse-lhe-. Ser um flautista não é algo que me possa satisfazer; é algo unidimensional.

Ele o entendeu e disse:

-Então é teu assunto.

Perguntei-lhe muitas vezes por que tratava de contatar comigo sempre que vinha ao povo, porque era o primeiro que fazia.

Ele disse:

-por que? me deveria perguntar isso justo ao reverso: por que venho ao povo? Só para contatar contigo. Não venho a este povo por nenhum outro motivo.

Durante um momento não pude dizer nenhuma palavra, nem sequer: «Obrigado.» De fato em hindi não existe nenhuma palavra que seja o equivalente ao «Obrigado». Sim, há uma palavra que se usa, mas tem um sabor diferente: Isto dhanyavad significa: «Deus te benza.» Agora bem, um menino não pode dizer: «Que Deus benza» a um homem de noventa anos. Disse-lhe:

-Baba, não me crie problemas. Nem sequer te posso dar as obrigado.

Para dizer isso, tive que usar a palavra urdu, shukriya, que se aproxima mais ao inglês, mas que ainda não é exatamente o mesmo. Shukriya significa «gratidão», aproxima-se muito. -Deste-me esta flauta -disse-lhe-. Guardarei-a em sua memória, e também praticarei. Quem sabe? Você, você sabe melhor que eu; possivelmente seja esse meu futuro, mas não lhe vejo nenhum futuro.

Ele riu e disse:

-É complicado falar contigo. te guarde a flauta e tenta tocá-la. Se acontecer algo, bem; se não acontecer, então guarda-a como minha lembrança.

Comecei a tocá-la, e eu gostei. Toquei durante anos e me voltei muito hábil. Eu tocava a flauta e tinha um amigo, não um amigo, um conhecido que estava acostumado a tocar as pranchas. Conhecemo-nos porque aos dois gostava de nadar.

Um ano, quando o rio tinha uma enchente, e estávamos tratando de cruzá-lo... isso era o que eu gostava, cruzar o rio na estação das chuvas quando estava acostumadas alargar-se muito; fluía com tanta força que nos estava acostumado a levar durante quatro ou cinco quilômetros para baixo com a corrente. Só cruzar significava que tínhamos que estar preparados para os quatro quilômetros de volta, e retornar à outra borda significava avançar outros quatro quilômetros mais, por isso era uma viagem de oito quilômetros! E na época das chuvas...! Mas era uma de minhas alegrias.

Esse menino também se chamava Hari. Hari é um nome muito corrente na Índia; significa «deus». Mas é um nome muito curioso. Não acredito que haja nenhum idioma que tenha um nome como Hari para Deus, porque realmente significa «o ladrão». Deus o ladrão! por que Deus tem que ser chamado o ladrão? Porque antes ou depois te rouba o coração... e quanto antes, melhor. O nome do menino era Hari.

Estávamos tentando cruzar o rio em plena enchente. Devia ter pelo menos um quilômetro e meio de largura. Ele não sobreviveu; afogou-se em algum lugar em

metade do caminho. Procurei e olhei, mas era impossível; o rio estava alagando-se muito rápido. Se se tinha afogado, seria impossível encontrado; possivelmente alguém mais abaixo, no rio, encontrasse seu corpo.

Chamei-lhe tão forte como pude, mas o rio estava rugindo. Todos os dias fui ao rio, e tentei tudo o que um menino podia fazer. A polícia o tentou, a associação de pescadores também, mas não se encontrou nem rastro. Deveu ser miserável pelo rio muito antes de que se inteirassem. Em sua memória joguei no rio a flauta que Pagal Baba me tinha dado.

-Me teria gostado de me lançar eu mesmo ao rio -disse-lhe-, mas tenho outro trabalho que fazer. Esta é a coisa mais preciosa que tenho depois de mim, por isso a tiro. Não voltarei a tocar a flauta sem o Hari às pranchas. Não me posso conceber mesmo voltando-a para tocar outra vez. Toma-a, por favor!

Era uma formosa flauta, possivelmente a tinha esculpido um perito fabricante de flautas. Talvez tinha sido feita especialmente para o Pagal Baba por um de seus devotos. Seguirei falando do Pagal Baba porque há muitas coisas que dizer sobre ele.

Que horas são?

-As dez e vinte e três, Osho.

Bem. Hoje não temos tempo suficiente, por isso teremos que deixar ao Pagal Baba para outra ocasião. Mas há algo que possivelmente me pode esquecer mais adiante: é sobre este menino que morreu, Hari. Ninguém sabe se morreu ou escapou de casa, porque nunca se encontrou seu cadáver. Mas estou seguro que morreu, porque estava nadando com ele, e de repente, em um momento determinado em metade do rio, vi-lhe desaparecer. Gritei:

-Hari! O que acontece? -mas não respondeu ninguém.

Para mim, Índia em si mesmo está morta; não penso na Índia como uma parte viva da humanidade. É uma terra morta, morta há tantos séculos, que inclusive os mortos se esqueceram de que estão mortos. estiveram mortos tanto tempo que alguém o tem que recordar. É o que estou tratando de fazer, mas isto é uma tarefa muito pouco agradecida, lhe recordar a alguém lhe dizendo:

-Senhor, você está morto. Não cria que está vivo.

É o que estive fazendo sem interrupção durante estes vinte e cinco anos, todos os dias. Dói que um país que deu nascimento a Buda, Mahavira e Nagarjuna esteja morto.

Pobre Devageet, só para ocultar seu risilla teve que tossir. Algumas vezes me pergunto quem está tomando apontamentos. Tossir está bem, rir também se pode perdoar, mas o que tem que os apontamentos? Eu estava acostumado a enganar a meus professores fazendo ganchos de ferro, fazendo como que estava tomando notas, rapidamente. E estava acostumado a rir quando lhes enganava. Mas é impossível me enganar, e menos mal que não pode.

Estou-te observando, inclusive quando criar que tenho os olhos fechados. Sim, estão fechados, mas o suficientemente abertos para ver o que está escrevendo.

Isto é formoso. Golpeio-te duro e você ainda.. .

. . . Parar agora.

Sessão 28

De acordo. O ruído que está fazendo é suficiente para que qualquer diga de acordo. Obrigado. Agora já posso dizer de acordo.

Estava escutando outra vez, não ao Hariprasad, a não ser a outro flautista. Na Índia a flauta tem duas dimensões: alguém é a do sul; a outra é a do norte. Hariprasad Chaurasia é um flautista do norte; eu estava escutando a seu pólo oposto, o sul.

Este flautista também me apresentou isso a mesma pessoa, Pagal Baba.

-Pode que não entenda por que te estou apresentando a este menino -disse-lhe ao músico quando me apresentou-; possivelmente não o entenda agora, mas algum dia, se Deus quiser, poderá entendê-lo.

Este homem toca a mesma flauta, mas de um modo totalmente diferente. A flauta do sul é muito mais penetrante, cortante para ser exatos. Entra e te remove algo no mais íntimo. A flauta do norte é tremendamente formosa mas um pouco plaina, do mesmo modo que é plano o norte da Índia.

O homem me olhou assombrado. Pensou durante um momento e depois disse:

-Baba, deve haver alguma razão para que me esteja apresentando. Não o posso entender; essa é minha mediocridade, e te estou imensamente agradecido por ser tão amoroso comigo, já que não só me apresenta o presente, mas também também me apresenta o futuro.

Só lhe escutei algumas vezes porque nunca estivemos diretamente conectados; sempre foi via Pagal Baba. O flautista estava acostumado a lhe visitar. Se, por acaso, estava eu ali, por seu posto, dizia-me olá. Baba sempre ria e dizia:

- lhe toque os pés, tolo! «Olá» não é maneira de saudar este menino.

Ele o fazia a contra gosto, e podia ver sua resistência, por isso não mencionei seu nome. Ainda está vivo e poderia ofender-se, porque não se prostrou a meus pés por amor para mim, mas sim porque Pagal Baba o tinha mandado. teve-se que prostrar a meus pés.

Ri-me e lhe disse:

-Baba, posso-lhe pegar?

-É obvio -disse-me.

E não lhe pode imaginar isso: quando me estava tocando os pés, esbofeteei-lhe!

Isto me recorda a carta que me tem escrito Devageet. Sabia que ia chorar e a gemer. Sabia. Como podia sabê-lo antes de que me escrevesse? Embora não me tivesse escrito o teria sabido.

Conheço minha gente. Conheço os que me amam, tanto se o dizem como se não. E o que realmente me comoveu foram suas palavras:

-Pode-me golpear tudo o que queira, isso não dói; o que dói é que não me esteja rendo e me diga: «Devageet, não trate de me enganar...» Isso é o que dói. O que dói é a aparente injustiça.

Essa é a palavra que usou. Gudia, acredito que essas são as palavras, «aparente injustiça». Estou no certo?

-Sim, Osho. Bom, porque Gudia teve que me ler a carta.

Não tenho lido nada há anos porque os médicos dizem que se leão terei que levar óculos, e ódio os óculos. Não posso imaginar levando óculos. Preferiria fechar os olhos. Não quero criar nenhuma barreira entre eu mesmo e o que me rodeia, nem sequer as de uns óculos transparentes. Por isso dependo de alguém para ler. As palavras «aparente injustiça» mostram seu coração exatamente. Ele sabe que só é aparente, mas indubitavelmente parece injusto se não te está rendo e de repente

te digo: -Devageet, não te ria! Naturalmente, sobressaltou-se; e o pobre Devageet só estava tomando seus apontamentos.

De novo me lembro do Pagal Baba, estava falando dele esta manhã e agora vou continuar. Ele estava acostumado a dizer frases, aparentemente sem sentido, às pessoas, e não só isso, em ocasiões, efetivamente, golpeava-lhes! Não como eu, se não literalmente, de verdade. Eu não golpeio de verdade, não porque não queira, mas sim porque sou absolutamente vago. Uma ou duas vezes o tentei; logo me dói a mão. Não sei se a pessoa tiver aprendido algo ou não, mas a mão me diz:

-Por favor, não volte a tentar esse truque.

Mas Pagal Baba estava acostumada golpear sem motivo algum. Podia haver alguém sentado, em silêncio, a seu lado, e lhe dava uma boa bofetada. A pessoa não tinha feito nem dito nada. Algumas vezes, havia gente que objetava que era injusto e diziam ao Pagal Baba:

-Baba, por que lhe golpeaste?

Ele ria e dizia:

-Já sabe que sou um pagal, um louco.

Essa era toda sua explicação. Á mim não me vale essa explicação... estou tão louco que até o mais inteligente não pode decifrar que classe de loucura é esta. Pagal Baba era um louco singelo; eu sou um louco multidimensional.

Por isso, se às vezes sentir que é aparentemente injusto, então recorda a palavra «aparente». Não posso fazer nada injusto, particularmente a aqueles que me amam. Como pode o amor ser injusto? Mas «aparentemente»... possivelmente tem que ser assim muitas vezes. A gente nunca sabe os caminhos de pessoas como eu. Poderia estar golpeando ao Ashu e realmente apontando ao Devaraj. É um fenômeno muito complicado. Não pode ser computadorizado.

É tão complicado que não acredito que um ordenador se possa converter em um professor. Poderá converter-se em todo o resto: em um engenheiro, um médico, um dentista, algo; e mais eficiente do que possa ser qualquer ser humano. Mas só há duas coisas que o computador não pode fazer: alguém é que não pode estar viva. Pode fazer um zumbido com o ruído mecânico mas não pode estar viva. Não pode saber o que é a vida.

A segunda é um corolário da primeira: não se pode converter em um professor. Conhecer a vida é ser um professor. Uma coisa é estar vivos; todo mundo o está. Mas para te voltar para ti mesmo, para seu próprio ser, ver o observador ou conhecer conhecedor -isso é o que quero dizer te voltando para ti mesmo-, então, converte-te em um professor. Um ordenador não pode voltar-se para si mesmo; não é possível.

Devageet, sua carta é formosa, e chorou. Isto me faz feliz. Algo autêntica é uma ajuda no caminho, e não há nada tão autêntico como as lágrimas. Sim, há chorões profissionais, mas têm que usar truques.

Na Índia acontece quando morre alguém; possivelmente era uma pessoa maior a que ninguém queria e, em realidade, todo mundo está contente, mas ninguém pode mostrar sua alegria. Então, chama-se aos chorosos profissionais, especialmente em cidades como Bombay, Calcuta, Madrás e Nova Delhi. Inclusive têm sua própria associação. Eles chamas, perguntam-lhe quantos chorosos quer, vêm e realmente choram. Podem derrotar a qualquer choroso real porque estão tecnicamente preparados, são muito eficientes e conhecem todos os truques. Usam certos remédios que ficam justo debaixo dos olhos, e isso é suficiente para que as lágrimas comecem a emanar. É um fenômeno muito estranho: quando começam a fluir as lágrimas, de repente, a pessoa se sente triste.

Em psicologia houve uma larga discussão, ainda sem decidir: -O que vem primeiro.. .escapa correndo um homem por medo, ou sente o medo por que escapa correndo?

Há partidários para ambas as opiniões. «O medo provoca a carreira» é uma opinião; «a carreira provoca o medo» é a outra. Mas, em realidade, é o mesmo; ambas vão juntas.

Se estiver triste, aparecem as lágrimas. Se aparecerem as lágrimas por qualquer razão, inclusive lágrimas químicas, vamos chamar as lágrimas artificiais; então, também se sentirá triste devido a uma herança instintiva. Vi a esses chorosos profissionais chorando de todo coração, e não poderia dizer que estão mentindo; eles mesmos se poderiam estar enganando.

As lágrimas de amor são a experiência mais formosa. choraste, estou contente... porque te poderia ter zangado, mas não o estava. Poderia te haver incomodado, irritado, mas não o estava. Chorou, assim é como tem que ser. Mas tenha em conta que seguirei fazendo o mesmo uma e outra vez; tenho que fazer meu trabalho.

Como dentista sabe perfeitamente o que dói, mas, de todas maneiras, tem-no que fazer. Não é que queira fazer mal, embora tenha a anestesia e alguns gases; pode anestesiar localmente ou pode deixar a toda a pessoa inconsciente.

Mas eu não tenho nada; tenho que fazer toda minha cirurgia sem anestesia. O que aconteceria se tivesse que lhe abrir o estômago ou o cérebro a alguém, sem deixar à pessoa inconsciente? A dor seria muito forte; mataria à pessoa ou, como mínimo, enlouqueceria-a. Saltaria da mesa, provavelmente, esquecendo o crânio, e voltaria para casa correndo; ou poderia inclusive matar ao doutor. Mas assim é meu trabalho. Não há nenhuma possibilidade de fazer meu trabalho de outra maneira.

Tem que ser «aparentemente injusto». Mas você mencionou a palavra «aparente»; isso é suficiente para me satisfazer porque embora doa, entende meu amor. me deixe que lhe repita isso uma e outra vez para que não se esqueça: voltarei-o a fazer uma e outra vez!

deveste estar muito assustado, porque escreve uma postdata e também uma post postdata, que diz:

-Nunca sonhei que ia estar tão perto de ti, ou que ia dar este trabalho. eu adoro tomar apontamentos -e post postdata-: Por favor, não deixe de fazer este trabalho jamais.

Deveu-lhe dar medo a possibilidade de que parasse, pensando que lhe dói. Ao Ashu também dói, embora não tenha escrito nenhuma carta ainda. Mas predigo que algum dia a escreverá, possivelmente amanhã.

Eu sigo golpeando aos dois lados. Já que, casualmente, estão um a cada lado, levam-lhes a maioria dos golpes. Esse foi sempre meu estilo: os que estão mais perto de mim foram os mais golpeados. Mas também cresceram; foram-se integrando, cada vez mais, com cada golpe que absorveram. escapam correndo ou têm que crescer. Cresce ou morre. Se acréscimo -isso é o que quer dizer integração ou cristalização, só então, vive. Ou se não -recorda a morte do cão-, morre; a gente está morrendo a cada momento.

A carta era formosa em muitos aspectos. Gudia, depois lhe devolva a carta, de modo que possa converter-se em uma nota a pé de página em seus apontamentos, ou parte de um dos muitos apêndices que vai haver a seguir.

De novo Pagal Baba..., isto é o que eu chamo mover-se em círculos. Ele me apresentou não só a estes flautistas, mas também a muitos outros músicos. Era um

músico entre os músicos. Normalmente, as massas não têm idéia; só os grandes músicos sabiam que ele podia fazer música com algo. Vi-lhe tocando com algo imaginável; começava a golpear em seu kamandala com uma simples pedra. Um kamandala é o cântaro que levam os sannyasis hindus para a água, a comida, etcetera. Ele golpeava o kamandala com algo, mas tinha tal sentido da música que até seu kamandala se convertia em um sitar.

Estava acostumado a comprar na rua uma flauta de brinquedo, para meninos -com uma rupia te podia comprar uma dúzia- e ficava a tocar. De uma flauta tão tosca saíam tais notas que até um músico teria admirado toda a cena com os olhos totalmente abertos, conmocionado, pensando:

-Será possível?

Tenho-te que confessar o nome do flautista do sul que mencionei ao princípio; do contrário ficará em meu peito, e antes de ir me quero descarregar totalmente, para que me possa ir vim; sem nada, nem sequer uma lembrança. É o propósito destas memórias. O nome do flautista é Sachdeva, um dos flautistas mais conhecidos do sul da Índia. mencionei a três flautistas, a todos eles me tinha apresentado isso Pagal Baba. Um deles, Hariprasad Chaurasia, é do norte da Índia, onde tocam um tipo de música totalmente diferente com a flauta; o outro é de Rojão de luzes, Pannalal Ghosh, ele toca outro tipo de flauta diferente, muito masculina, muito forte e arrolladora. A flauta da Sachdeva é muito silenciosa, feminina, exatamente o contrário do Pannalal Ghosh. Sinto-me melhor por haver dito seu nome, agora já depende dele.

Devageet diz em sua carta: -Osho, confio em ti...Sei, não tenho nenhuma dúvida a respeito; do contrário, por que deveria te golpear tanto? E recorda, uma vez que confio em alguém, nunca desconfio deles. Não importa o que a pessoa me faça. Faça o que faça, sigo confiando.

A confiança sempre é incondicional. Conheço seu amor e confio em ti completamente; de outro modo, não te teria atribuído este trabalho. Mas recorda, isso não significa, de maneira nenhuma, que vá trocar. Com carta ou sem ela, com postdata ou sem post postdata; seguirei sendo o mesmo. Algumas vezes perguntarei de repente:

-Devageet, por que te está rendo?

Neste momento te está rendo, e não te estou golpeando. Algumas vezes te farei chorar. Esse é meu trabalho.

Você conhece seu trabalho e eu conheço o meu, e é muito mais complicado. Não é só perfurar, é perfurar sem anestesia, sem, nem sequer, um calmante. Não é só perfurar no dente, é perfurar em seu ser. Dói, dói muito. me perdoe, mas não me peça nunca que troque minhas estratégias. Em sua carta tampouco me pediste isso. Estou-o dizendo para benefício do resto dos pressente.

Ashu, amanhã espero sua carta. vamos ver o que acontece. Então Devageet vai se rir seriamente!

Querido Professor:

Estou sentado aqui no Arca do Noé chorando e me perguntando o que fazer.

Quando Você está aqui, e eu estou vazio de tudo, exceto de Suas palavras e de Sua presença derramando-se através de mim, é a satisfação maior que conheci.

Então, Você golpeia sem motivo-. Diz que me estou rendo... quando, por exemplo, esta manhã reprimi um espirro. Outras vezes os suspiros 0me escapam de meus lábios.. .O que posso fazer? Suspiro quando Você está perto... De novo,

diz-me que me estou rendo. Se me acusar de te enganar, fingindo não escrever suas notas, é muito.

eu adoro escrever estas notas mais que ninguna outra costure em minha vida. É um prazer escribir/as, um presente que está além de qualquer possibilidade que minha mente pudesse ter concebido.

Chamaste-me tolo e obviamente o sou, possivelmente agora mais que nunca. Mas sou cada vez mais Seu louco. Nunca te enganei, traído, nunca me ri ou cochichou para te enganar, e sempre te dei o máximo. .. A dor não é pelo golpe, mas sim pela aparente injustiça.

Querido Professor, sou Seu louco e agora mais que nunca.

Amo-te,

Devageet

Amado Professor, postdata: Obrigado por me destruir, parece que me permite te amar inclusive mais profundamente.

Devageet

P. P. S.: Por favor, por favor, continua fazendo este bom trabalho... eternamente.

Sessão 29

Durante toda a noite, esteve soprando o vento entre as árvores. O som era tão belo que pus ao Pannalal Ghosh, um dos flautistas que Pagal Baba me tinha apresentado. Agora também estava pondo sua música, mas tem um estilo próprio. Sua introdução é muito larga; por isso, antes de que Gudia me chamasse, ainda estava na introdução; quero dizer que ainda não tinha começado a tocar a flauta. O sitar e a tabela estavam preparando o terreno para que ele tocasse a flauta. Ontem de noite escutei de novo sua música, possivelmente depois de dois anos.

Para falar do Pagal Baba terá que fazer a de um modo indireto; esta era a qualidade deste homem. Sempre estava entre parêntese, muito invisível. Apresentou a muitos músicos, e sempre lhe perguntei por que. Ele me disse:

-Algum dia será músico.

-Pagal Baba -disse-lhe-, algumas vezes parece que a gente tem razão: está louco. Não vou ser músico.

Ele riu e disse:

-Já sei. De todos os modos, será músico. Agora bem, como interpretar isto? Não me converti em músico, mas de algum modo ele estava no certo. Não hei meio doido instrumentos musicais, mas hei meio doido milhares de corações. criei uma música muito mais profunda da que poderia criar nenhum outro instrumento; sem instrumentos, sem técnica.

Eu gosto desses três flautistas, pelo menos sua música; mas eu não gostava a todos eles. Hariprasad sempre me amou. Nunca lhe preocupou que eu fora um menino e ele fora maior, e isso que era um músico mundialmente conhecido. Não só me amava, também me respeitava. Uma vez lhe perguntei:

-Hari Baba, por que me respeita?

Ele me respondeu:

-Se Baba te respeitar, sobram as perguntas.

Confio no Pagal Baba, e se ele se prostra a seus pés, embora só seja um menino, sei que sabe algo que eu sou incapaz de conhecer neste momemoro. Mas não importa. Ele sabe; isso me basta. Era um devoto.

Ao músico que escutei ontem de noite, e que estava tentando escutar agora, justo antes de entrar, Pannalal Ghosh, nem gostava nem lhe desgostava. Não era um homem de gostos marcados, era um homem muito plano, sem os Montes, sem vales, como uma planície muito extensa. Mas tocava a flauta a sua maneira, como ninguém o tinha feito antes, nem nunca se voltará a fazer. Com sua flauta, rugia como um leão.

Uma vez lhe perguntei:

-Em sua vida te comporta como um cordeiro, como um babu bengali.

Era de Rojão de luzes, e na Índia, os bengalíes são a gente menos agressiva, de modo que a qualquer que seja um covarde lhe chama bengali babu.

-Você é um autêntico babu bengali -disse-lhe-. O que te acontece quando toca a flauta? Converte-te em um leão.

-Indubitavelmente, ocorre-me algo -disse-me-. Deixo de ser eu mesmo; do contrário, seguiria sendo o mesmo babu bengali, o homem covarde que sou. Mas me ocorre algo, sou poseído.

Essas foram exatamente as palavras que usou:

-Sou poseído por isso, não sei o que. Ao melhor você sabe; se não, por que Pagal Baba sente tanto respeito por ti? Nunca lhe vi tocar os pés a alguém, exceto os teus. Todois os grandes músicos devem receber suas bênções e a prostrar-se a seus pés.

Pagal Baba apresentou a muita gente, não só flautistas. Possivelmente aparecerão em algum círculo de minha história. Mas o que Pannalal Ghosh me disse foi muito significativo:

-Sou poseído -disse-me-. Quando começo a tocar, desapareço e aparece outra coisa. e não é Pannalal Ghosh.

Estou citando suas palavras. Então disse: -Por isso a introdução é tão larga antes de que comece a tocar. Em todos partes me criticam pela duração da introdução..., porque os flautistas não revistam ter umas introduções tão largas.

Ele era o Bernard Shaw do mundo da flauta. Com o George Bernard Shaw..., pode que seu livro só tivesse noventa páginas, mas a introdução poderia ter trezentas. Pannalal Ghosh disse:

-A gente não o pode entender, mas lhe posso contar isso, tenho que esperar a ser poseído; por isso a introdução é tão larga. Não posso tocar até que isto acontece.

Estas são as verdadeiras palavras de um autêntico artista, mas só as de um autêntico artista, não as do tipo jornalístico, o artista de terceira categoria. É melhor não chamar artistas a este tipo de pessoas. Escrevem sobre música, mas não conhecem nada da experiência; escrevem sobre poesia sem ter composto jamais nem um só poema; escrevem sobre política e nunca estiveram na medula da luta. São carne e unha no mundo da política. Sentado em seu escritório, o tipo jornalístico pode arrumar-lhe para escrever sobre algo. De fato, é a mesma pessoa que uma semana escreve de música, outra semana sobre poesia e a seguinte sobre política, baixo nomeie diferentes.

Fui jornalista em uma ocasião, por pura necessidade; do contrário, não o teria padecido. Não tinha dinheiro e meu pai queria que fora à faculdade de ciências. Eu não estava interessado nas ciências, nem então, nem agora. E ele era tão pobre que pude entender que estava arriscando muito. Ninguém em minha família teve uma

boa educação. Um de meus tios, o irmão de meu pai, foi enviado à universidade por meu pai, mas teve que voltar porque não havia suficiente dinheiro para poder mantê-lo ali.

Meu pai estava disposto a me enviar à universidade. Naturalmente, era um sacrifício para ele e queria fazê-lo como negócio. Tinha que ser um investimento.

-Escuta -disse-lhe-: trata-se de minha educação ou é um investimento? Você está pensando em fazer de mim um engenheiro ou um médico. Naturalmente, ganharei mais mas o que estou planejando é não ganhar nunca nada, a não ser seguir aprendendo e não começar a ganhar.

Então lhe disse:

-vou ser um vagabundo.

-O que! Um vagabundo? -exclamou. -Em palavras decorosas: um sannyasin -disse-lhe.

Seguia conmocionado:

-Um sannyasin! Então, para que quer ir à universidade?

-Odeio aos professores -disse-lhe-, mas, naturalmente, primeiro tenho que conhecer sua profissão para poder criticá-los perfeitamente toda minha vida.

-É estranho -disse-me-, ir à universidade só para criticá-los. Tenho que te emprestar dinheiro, hipotecar minha casa por ti, arriscar meu negócio e só vais criticar a esses professores? por que não pode criticá-los sem ir à universidade?

Fui de casa, lhe deixando uma nota a meu pai que dizia: -Posso entender seus sentimentos, e posso entender sua economia. Pertencemos a mundos diferentes e pelo menos agora mesmo não há uma ponte. Não acredito que possa me entender nem que eu possa te entender; além disso, não há necessidade. Obrigado por seu gesto ao querer me manter, mas era um investimento, e não quero me converter em um sócio para seus negócios. Parto-me sem verte. Possivelmente nos encontremos quando tiver podido arrumar minhas próprias finanças.

Por isso me pus a trabalhar como jornalista. É uma das piores costure que alguém se pode ver obrigado a fazer, e sim, vi-me obrigado a fazê-lo porque não havia nenhum outro trabalho disponível. Na Índia, o jornalismo é a terceira categoria da terceira categoria. Não é só de terceira categoria, mas sim é o pior do mundo. Fiz-o mas não o podia fazer muito bem. Não posso fazer nada muito bem, isto não é uma queixa contra mim mesmo absolutamente, só é a aceitação de que não posso fazer nada, e muito menos fazê-la muito bem.

Este trabalho me durou muito pouco porque estava muito dormido, com as pernas em cima da mesa, igual a estou agora, quando entrou o proprietário, o editor chefe. Viu-me, sacudiu-me, abri os olhos, olhei-lhe e lhe disse:

-Não está sendo muito cortês. Estava profundamente dormido e você interrompeu meu sonho. Daria uma fortuna para que esse sonho continuasse. Estou disposto a pagar; agora me diga como fazê-lo.

-O que me importa seu sonho? -disse ele-.

Não me preocupa. Mas este é meu tempo e seu está sendo remunerado por ele. Tenho todo o direito de despertar. -De acordo, então eu tenho todo o direito de partir -disse-lhe. E fui. Não é que ele não tivesse razão, mas não era meu sítio. Tinha entrado no lugar equivocado. Os jornalistas são a pior gente, e os conheço: vivi com eles três anos. Foi um inferno.

O que estava dizendo? Só quero lhes fazer uma prova. -Estava falando sobre como te meteu no jornalismo porque seu pai não tinha dinheiro para te manter.

antes disso?

-Quando é um autêntico artista é poseído. Correto. -Não como o tipo jornalístico. Segue tomando apontamentos exatos. Converteste-te em um bom escritor.

Meu pai sempre se maravilhou quando Pagal Baba vinha e se prostrava a meus pés. Ele mesmo se prostrava aos pés do Pagal Baba. Era muito cômico. E só para completar o círculo, eu prostrava aos pés a meu pai. Pagal Baba punha-se a rir tão alto que todo mundo ficava em silêncio como se estivesse acontecendo algo muito importante, e meu pai se envergonhava. Pagal tentava, uma e outra vez, me convencer de que meu futuro era ser um músico.

-Não -disse-lhe-, e quando digo não, quero dizer não. Da mais tenra infância, meu não sempre foi muito claro, e raramente utilizo o sim. Essa palavra, sim, é tão preciosa, quase sagrada, que só deveria usar-se em presença do divino, a amor ou beleza, ou agora mesmo..., floresça alaranjadas no gulmohar, tão denso como se toda a árvore estivesse em chamas. Quando algo recorda ao sagrado, então pode usar a palavra sim; porque está cheia de oração. Não significa simplesmente que me desconecto mesmo com a atividade proposta. E usei muito o não; é muito difícil me tirar um sim.

Vendo o Pagal Baba, um homem do que se sabia que estava iluminado, pude reconhecer que era singular, inclusive naqueles dias. Não sabia nada do que era a iluminação. Estava exatamente na mesma posição que estou agora, completamente ignorante. Mas sua presença era luminosa. Podia reconhecê-lo entre milhares.

Foi a primeira pessoa que me levou a uma Kumbha Me/a. celebra-se a cada doze anos no Prayag e é a concentração maior do mundo. Para os hindus, a Kumbha Mela é a dos sonhos mais acariciados de sua vida. Um hindu acredita que se não ter estado em uma Kumbha Mela, pelo menos uma vez, desperdiçaste sua vida. Isso é o que pensam os hindus. A cifra mais pequena som dez milhões de pessoas, a máxima trinta milhões de pessoas.

Acontece o mesmo com os muçulmanos. A menos que seja um haji, e tenha ido a Balance, perdeste sua oportunidade. Haj significa «viagem a Balance», onde viveu e morreu Mahoma. É o sonho mais prezado de todos os muçulmanos do mundo; têm que ir a Balance ao menos uma vez. O hindu tem que ir ao Prayag. Esses lugares são seus Israeles. As religiões, a primeira vista, podem parecer muito diferentes, mas se escavar um pouco encontrará o mesmo lixo; hindu, maometano, cristão, não importa.

Mas a Kumbha Mela tem um caráter único. A reunião de trinta milhões de pessoas, em si mesmo, já é uma experiência única. Ali vão todos os monges hindus, e não são uma pequena minoria. Somam quinhentos mil, e são uma gente muito colorida. Não te pode imaginar tantas seitas diferentes. Não te pode acreditar que esse tipo de gente exista, e se reúnen todos ali.

Pagal Baba me levou a primeira Kumbha Mela de minha vida. ia assistir uma vez mais, mas essa experiência na Kumbha Mela com o Pagal Baba foi imensamente instrutiva, porque me levou a todos os grandes Santos e aos supostos Santos, e em frente deles, com milhares de pessoas ao redor; perguntava-me:

-Este homem é um santo de verdade? Eu lhe dizia:

-Não.

Mas Pagal Baba era tão teimoso como eu, e não se desanimava. Continuou me levando a todo tipo de Santos, até que a um homem disse:

-Sim.

Pagal Baba riu e disse:

-Sabia que reconheceria ao verdadeiro. E este homem -assinalou ao homem a quem havia dito sim- é um ser realizado, desconhecido.

O homem estava sentado debaixo de uma árvore pipal, sem nenhum seguidor. Provavelmente, fosse o mais solitário de todos os homens, dentro dessa grande multidão de trinta milhões de pessoas. primeiro baba tocou meus pés e depois os seus.

O homem disse: -Onde encontraste a este menino? Nunca pensei que um menino seria capaz de me reconhecer. Escondi-me à perfeição. É normal que você possa me reconhecer, mas como pôde me reconhecer ele? Baba disse: -Esse é e! quebra-cabeças. Por isso prostrei a seus pés. te prostre a seus pés agora mesmo. E quem poderia desobedecer a esse homem de noventa anos? Era tão majestoso. O homem se prostrou imediatamente a meus pés.

Assim é como Pagal Baba estava acostumada me apresentar a todo tipo de gente. Neste círculo estou falando principalmente de músicos, porque eram seus preferidos. Queria que me convertesse em um músico, mas não pude satisfazer seu desejo porque para mim a música, como muito, pode ser um entretenimento. O disse exatamente usando estas mesmas palavras: -Pagal Baba, a música é um tipo de meditação muito inferior. Não me interessa. -Sei -disse-me-. Queria ouvir lhe dizer isso a ti. Mas a música é um bom degrau para ir mais acima; não há necessidade de aferrar-se ou de permanecer nela. Um degrau é um degrau a algo superior.

Assim é como usei a música em todas minhas meditações, como um degrau para algo que realmente é «a música», sem som. Nanal diz: «Ek omkar sat nam, só há um nome para Deus ou a verdade, e este é o som sem som do aum.» Possivelmente a meditação saia da música, ou possivelmente a música é a mãe da meditação. Mas a música, em se mesma, não é meditação. Só pode sugeri-la, ou ser uma pista.. ..

O antigo lago
salta dentro a rã,
o som sem som. . .

traduziu-se de muitas maneiras. Esta é uma delas: «O som sem som.» Um «plop» é inclusive melhor. Mas a palavra em hindi ainda tem mais significado. Quando uma rã salta em um lago faz um som, pode-o chamar «plop», mas em hindi a palavra é exatamente como sonha: chhapak. Se uma rã, salta em um lago e saberá o que é chhapak. Será complicado escrevê-lo em inglês. É melhor que lhe diga isso; do contrário, indevidamente, escreverá um pouco equivocado. Chhapak se tem que escrever c-h-h-a-p-a-k. Em inglês não existe uma letra para «chh», de modo que temos que escrito assim.

O alfabeto inglês só tem vinte e seis letras. Surpreenderá-te saber que o hindi ou o sânscrito têm o dobro: cinqüenta e duas letras. Muitas vezes é difícil de traduzir, e inclusive romanizar as palavras. «Chh» não existe em inglês, mas sem «chh» não haveria rã, e não haverá chhapak, e se perderiam muitas outras coisas.

Ek omkar sat nam, o nome verdadeiro da verdade, o som sem som. Para podê-lo escrever em sânscrito criamos um símbolo não alfabético; é o aum. Não é parte do alfabeto sânscrito, ABC, XYZ. Aum é só um som, e um som muito importante. Está composto pela-ou-m, que são as três notas musicais básicas. Toda a música depende destes três sons. Se os três se unificam há silêncio. Se forem divergentes há som. Se convergirem, há silêncio. Aum é silêncio.

devestes ver o sino que há em todos os templos hindus, mas possivelmente não tenham visto uma realmente artística. Para isso teria que olhar na seção tibetana de algum museu. O sino tibetana é a mais formosa. É um sino extraordinário, como uma taça feita de muitos metais, e tem uma baqueta de madeira. Agarra a baqueta com a mão e vai descrevendo um círculo no interior do tigela. Isto se faz um determinado número de vezes, por exemplo, dezessete vezes; depois golpeia dentro do sino em um ponto marcado. Esse é o princípio e o final.

Daí começa de novo a fazer círculos pelo interior, e depois golpeia ao final. É extraordinário, o sino repete o mantra tibetano! Quando um o escuta pela primeira vez, não pode acreditar-se que o sino está repetindo exatamente o mantra tibetano. Mas o sino se construiu com esse propósito.

Um lama tibetano me ensinou um sino desse tipo. Foi maravilhoso escutar o mantra completo repetido por um sino. Você conhece o mantra, contei-lhe isso. O mantra não tem importância, carece de significado, mas é musical, muito musical; por isso o sino pode recreá-lo. Se tivesse algum significado, para um sino seria muito complicado fazer o trabalho. Um sino é só um estúpido sino.

Om Amendoim Padme Hum: o sino o repete tão claramente que começa a suspeitar que possivelmente está escondido o Espírito Santo em algum lugar. Mas não há ninguém, nem Espírito Santo nem nada, só um sino. Tem que ir dando voltas com a baqueta; então em um determinado momento golpeia, e o sino ressona como um mantra.

Em todos os templos do Tíbet ou China ou Birmania, o sino é significativo no sentido que te recorda que pode te voltar tão silencioso como se volta o sino, pouco a pouco, depois de golpeá-la: primeiro é todo som; logo, pouco a pouco, o som morre, então aparece o som sem som. A gente só escuta o som; então não escutaram o sino. Você também deveria ouvir a outra parte. Quando o som esteja morrendo, desaparecendo, aparece o som sem som, vai entrando. Quando o som desapareceu completamente há uma total ausência de som, e isto é meditação.

Não me ia converter em um músico. Pagal Baba sabia, mas estava apaixonado pela música e queria, que eu, pelo menos, estivesse familiarizado com os melhores músicos; possivelmente poderia começar a me atrair. Ele apresentou a tantos músicos que era difícil recordar todos seus nomes. Mas alguns nomes são muito famosos e conhecidos em todo mundo, por exemplo, estes três.

Pannalal Ghosh é considerado como o flautista maior de todos os tempos, e certamente não estão equivocados, mas não é meu preferido. Ruge como um leão, mas só é um camundongo, e isso é o que eu não gosto. Um camundongo rugindo como um leão é uma hipocrisia. De todos os modos, devo dizer que o faz bastante bem. É um assunto complicado mas quase o consegue perfeitamente. Digo «quase» porque não pôde enganar a meus olhos. O disse, e ele respondeu:

-Sei.

Não é meu preferido. O segundo homem é do sul da Índia. Desde o começo nunca eu gostei. É obvio, eu gosto de sua flauta; possivelmente ninguém tenha a profundidade que ele tem. Mas de homem a homem, cara a cara, não nos podemos agüentar. Esse homem... vos pinjente seu nome e não o voltarei a repetir; uma vez é suficiente. Eu não gosto do homem nem seu nome. Mas sua flauta é o melhor que apareceu há séculos. Apesar disso, não é minha eleição, devido à pessoa. Se eu não gostar da pessoa, por bem que toque não o posso escolher para ser o primeiro.

Minha eleição é Hariprasad. É muito humilde, não é nem um camundongo nem um leão. É exatamente o que significa a palavra, majhim, o meio, o «justo meio». Ele contribui o equilíbrio que falta em ambos, no Pannalal Ghosh e o

homem do sul da Índia, cujo nome não vou voltar a repetir. Mas Hariprasad contribuiu um equilíbrio, um imenso equilíbrio, como um funambulista.

Referirei-me muitas vezes a este homem, Pagal Baba, pela singela razão que apresentou a muita gente. Sempre que os mencione terei que mencionar também ao Pagal Baba. Através dele se abriu um mundo. Ele foi muito mais valioso para mim que qualquer universidade, porque apresentou a todo o melhor de todos os campos possíveis.

Estava acostumado a vir a meu povo como um torvelinho e se apoderava de mim. Meus pais não podiam decide que não; nem sequer meu Nani podia negar-se. De fato, no momento que mencionava ao Pagal Baba todos diziam:

-Então, está bem -porque sabiam que se me negavam algo, Pagal Baba viria e criaria um revôo na casa. Poderia romper algo, poderia golpear a alguém, e ele era tão respeitado que ninguém lhe podia impedir que causasse nenhum dano. Por isso, o melhor para todo mundo era dizer:

-Sim..., se Pagal Baba te quer levar com ele, pode ir. E sabemos -diziam-, que com o Pagal Baba estará seguro.

O resto de meus familiares na cidade estavam acostumada lhe dizer a meu pai: -Não está fazendo o correto mandando a seu filho com esse louco. Meu pai respondia: -Meu menino é de tal maneira que estou mais preocupado por esse velho louco que por ele. Não têm que lhes preocupar

viajei a muitos sítios com o Pagal Baba. Ele me levou não só a grandes artistas e músicos, mas também a grandes lugares. Com ele vi pela primeira vez o Taj Mahal, e as covas da Ellora e Ajantas.

Ele foi o homem com quem vi os Himalayas por ptimera vez. Devo-lhe muito, e nunca lhe dei as obrigado. Não pude dar-lhe porque ele estava acostumado a prostrar-se a meus pés. Se lhe transmitia algo para lhe dar as obrigado, imediatamente punha suas mãos em meus lábios e dizia: -Estate quieto. Nunca mencione seu agradecimento. Eu te estou agradecido, não você a mim.

Uma noite, quando estávamos sozinhos, perguntei-lhe: -por que me está agradecido? Não tenho feito nada por ti e você tem feito muitas coisas por mim; apesar disso, não me deixa nem sequer te dar as obrigado.

-Um dia entenderá, mas agora vete a dormir e não o volte a mencionar jamais, nunca, nunca -respondeu-me-. Quando chegar o momento saberá.

Quando me inteirei já era muito tarde, ele já não estava. Cheguei ou seja o, mas muito tarde.

Se ele tivesse estado vivo possivelmente lhe teria resultado muito difícil dar-se conta que eu tinha chegado ou seja que em uma ocasião, em uma vida passada, ele me tinha envenenado. Embora sobrevivi, ele agora estava tratando de me compensar; estava tratando de apagá-lo. Estava fazendo tudo o que lhe era possível para ser bom comigo, e sempre foi bom comigo, mais do que nunca mereci, pêra agora sei por que: estava tratando de equilibrar. .

No Oriente o chamam carma, a «teoria da ação». Algo que faça, tenha em conta que terá que voltar a equilibrar de novo as coisas alteradas com sua ação. Agora sei por que era tão bom com um menino. Estava tratando de equilibrar, e o conseguiu. Uma vez que suas ações são totalmente equilibradas, então pode desaparecer. Só então pode deter a roda.

De fato, a roda se para sozinha, nem sequer tem que pará-la.

Sessão 30

Estava falando sobre o Pagal Baba e os três flautistas que me apresentou. Segue sendo uma formosa lembrança, a maneira em que me apresentava às pessoas, especialmente aos que estavam acostumados a ser recebidos, respeitados e honrados. O primeiro que estava acostumado a decide era:

-lhes prostre aos pés deste menino.

Lembrança que a gente reagia de forma diferente, e como nos ríamos os duas mais tarde. Apresentaram ao Pannalal Ghosh em sua própria casa na Calcuta. Pagal Baba era sua hóspede, eu era o hóspede do Pagal Baba. Pannalal Ghosh era muito famoso, e quando Baba lhe disse:

-te prostre antes aos pés deste menino, logo posso deixar que prostre a meus pés –duvidou um momento, então se prostrou a meus pés sem me tocar isso de verdade.

pode-se tocar algo sem tocá-lo de verdade. Está-o fazendo constantemente: ao estreitar a mão de gente sem sentir nada, nem calor, nem receptividade, nem compartilhar nenhuma alegria. Para que dá a mão? É um exercício desnecessário. E o que têm feito suas mãos de mau? por que lhes dão a mão?

Há uma seita cristã chamada os agitadores; agitam todo o corpo. Estão lhe dando a mão a Deus. É obvio, se te está dando um apertão de mãos com Deus tem que agitar todo o corpo. E conhecem os quaisquer; eles vão um passo mais à frente: não só se agitam, também tremem! Este é a verdadeira origem de seus nomes. Os quaisquer estavam acostumados a rodar, saltar acima e abaixo, e fazer todo tipo de coisas que pode ver nos manicômios. Não oponho ao que fazem, simplesmente o estou descrevendo. Do mesmo modo, Pannalal Ghosh se prostrou a meus pés.

-Não os há meio doido -disse a Baba.

-Já sei -disse-. Pannalal, faz-o outra vez. Isto foi muito para um homem famoso, em sua própria casa e com tanta gente diante. De fato, ali estava toda a gente eminente da Calcuta. Ali estava o filho do primeiro-ministro, o ministro em chefe, e assim sucessivamente.

-Outra vez? -mas isto demonstra a qualidade do homem. De novo se prostrou a meus pés. Esta vez foi ainda menos expressivo que a primeira.

Ri-me. Baba rugiu. Eu disse:

- Necessita prática. – É verdade disse Baba-. Terá que nascer muitas vezes para adquirir essa prática. Nesta vida perdeu o trem. Estava-lhe dando a última oportunidade, mas essa também a desperdiçou.

E te surpreenderá, só sete dias depois Pannalal Ghosh deixou de estar neste mundo. Possivelmente Baba tinha razão; lhe tinha dado a última oportunidade e Pannalal Ghosh a tinha desperdiçado. Ele não era um mau homem, recorda. Anota-o: não estou dizendo que fora um bom homem; só digo que não era um mau homem. Era simplesmente ordinário. Ser bom ou mau necessita algo extraordinário.

Tinha posto todo seu talento, sua inteligência e seu espírito na flauta, e se tinha ficado estéril, como um deserto. Sua flauta era formosa, mas teria sido melhor não lhe haver conhecido. Agora, quando escuto sua flauta em uma gravação, intento me desfazer dele. Digo-lhe: -Pannalal Ghosh, por favor, sal daqui; me deixe escutar a flauta.

Mas Baba me quis apresentar isso , e não eu a ele. Não era por mim, porque eu não tinha nome. Não tinha feito nada bom ou mau ainda; de todos os modos, nunca ia fazer nada.

Inclusive agora posso dizer o mesmo: não tenho feito nada bom ou mau. Sou um não fazedor, e permaneci assim persistentemente, um não fazedor. Mas Pannalal Ghosh era um grande músico. lhe dizer que se prostrasse a meus pés em frente de tanta gente foi muito humilhante. Foi um bom exercício para ele; mas duas vezes foi muito. Era realmente um babu bengali.

Este término, bengali babu, foi inventado pelos britânicos porque a primeira capital na Índia foi Calcuta, não Nova Delhi, e obviamente seus primeiros criados foram bengalíes. A todos os bengalíes gosta de comer pescado. Emprestam a pescado. Chetana o entenderá, ela é filha de pescadores. Por fortuna, pode-o entender exatamente. Além disso, tem bom olfato, porque quando cheiro algo, e ninguém mais o pode cheirar, tenho que depender dela. Então lhe pergunto, e ela sempre o cheira.

Aos bengalíes gosta de comer pescado e, é obvio, todos cheiram a pescado. Todas as casas bengalíes têm um lago. Isto não acontece em nenhum outro lugar da Índia; é uma peculiaridade de Rojão de luzes. É um formoso país. Cada casa tem, de acordo com sua capacidade, um grande lago para criar seu próprio pescado. Surpreenderá-te saber que a palavra inglesa bangalô é o nome da casa bengali. Rojão de luzes é a transformação inglesa de bangla, e os britânicos chamavam as casas bengalíes bangalô. Cada bangalô -quer dizer, a casa bengali - tem um lago aonde cria seu próprio alimento. Todo o lugar cheira a pescado. É muito difícil falar com um bengali, especialmente para um homem como eu. Quando estava acostumado a visitar Rojão de luzes nunca falava com os bengalíes, devido a seu aroma, a não ser só com os não bengalíes que estavam vivendo ali. Era realmente pestilento.

Pannalal Gosh morreu sete dias depois de havê-lo visto, e Baba lhe havia dito:

-Esta é sua última oportunidade.

Não acredito que o entendesse; parecia algo estúpido. me perdoe por usar esta expressão, mas o que posso fazer se alguém parece estúpido? Diga-o ou não, segue parecendo um estúpido. Mas no que se refere a tocar a flauta, era um gênio. Possivelmente por isso se converteu em um estúpido em todas outros aspectos, chupado por sua flauta, um instrumento perigoso. Mas, ao menos se prostrou a meus pés, embora sem tocá-los. Por isso Baba lhe disse:

-te prostre a seus pés de novo e toca-os realmente.

Pannalal Ghosh disse:

-Hei-os meio doido duas vezes. Como se faz para tocá-los realmente?

E lhes podem acreditar o que fez Baba? prostrou-se a meus pés para lhe ensinar como fazê-lo -com lágrimas nos olhos- ¡Y Baba tinha noventa anos!

Baba nunca me permitiu me sentar com outra gente. Tinha que me sentar em sua almofada, por cima e detrás dele. Sabem que na Índia a gente enriquecida ou muito respeitada usa uma almofada especial redonda. Baba estava acostumada levar com ele poucas coisas, mas sua almofada sempre lhe acompanhava. Havia-me dito:

-Sabe que não o necessito, mas dormir na almofada de outra pessoa é muito sujo. Ao menos deveria ter minha própria almofada privada, embora não tenha nada mais. Por isso levo esta almofada comigo a todas partes.

Sabem, quando estava acostumado a viajar..., Chetana o entenderá, porque com uma almofada não tenho o bastante, estava acostumado a levar três almofadas, dois para os dois custados e um para a cabeça. Isso significava uma mala muito grande só para as almofadas, e outra grande mala só para as mantas,

porque não posso dormir sob as mantas de ninguém mais; cheiram. E tenho uma forma de dormir tão infantil que te fará muita graça; desapareço por completo debaixo da manta, cabeça e tudo. Por isso, se cheirar, não posso respirar, e não posso manter a cabeça fora porque isto me impede de dormir.

Só posso dormir se me cubro totalmente e me esquecimento do resto do mundo. Isso não é possível quando há algum aroma. Por isso tinha que levar minha própria manta e uma mala para minha roupa. De modo que estive carregando com três malas grandes durante vinte e cinco anos ininterrumpidamente.

Baba foi mais afortunado; só estava acostumado a levar seu almofadão redondo debaixo do braço. Era sua única pertença.

-Levo-o especialmente para ti porque quando vem comigo -disse-me-, onde vou dizer te que se sente? Eu estarei sentado em uma plataforma mais elevada que todos outros, mas você te tem que sentar um poquito mais alto.

-Está louco, Pagal Baba -disse-lhe.

-Você e todos outros sabem que estou louco -disse-me-. Faz falta repetido? Mas tomei a decisão que deve te sentar mais alto que eu.

Esse almofadão era para mim. Tinha que usá-lo à força, é obvio, envergonhado, e às vezes até zangado, porque me dava um aspecto muito estranho. Mas não era um homem que se alterasse facilmente. Simplesmente, dava-me uma palmada na cabeça ou nas costas e me dizia:

-te anime, meu filho. Não te zangue porque te tenha feito te sentar no almofadão. te anime.

Este homem, Pannalal Ghosh, nem eu gostava nem me deixava de gostar. Deixava-me quase indiferente. Faltava-lhe sal; por dito de algum jeito, não tinha sabor. Mas sua flauta... despertou a atenção de todo o mundo sobre a flauta a Índia, e a elevou até convertê-la em um dos instrumentos musicais mais importantes. Graças a ele, a flauta mais formosa, a japonesa, murchou-se completamente. Ninguém se preocupa com a flauta árabe. Mas a flauta a Índia o deve todo a este insípido babu bengali, a este funcionário do governo que empresta a pescado.

Surpreenderá-te muito saber que na Índia a palavra babu se converteu em um pouco muito respeitável. Quando quiser mostrar respeito a alguém, lhe chame babu. Mas só quer dizer «um que empresta», BA significa «com» e bu significa «mau aroma». Os britânicos inventaram esta palavra para referir-se aos bengalíes. Pouco a pouco, estendeu-se a toda a Índia. Naturalmente, eles foram os primeiros servos dos britânicos e chegaram aos postos mais altos. Por isso a palavra babu, que, não, é respeitosa, converteu-se em respeitosa. É um estranho destino, mas as palavras têm destinos estranhos. Agora a ninguém lhe ocorre considerá-la como feia; a considera muito formosa.

Pannalal Ghosh era realmente um babu, quero dizer, emprestava a pescado, por isso tinha que me tampar o nariz.

Ele perguntou:

-Baba, por que contém a respiração este teu menino, ao que tive que tocar os pés uma e outra vez?

-Está tratando de fazer algum exercício de ioga -disse Baba-. Não tem nada que ver com seu aroma de pescado. -Pagal Baba era um homem muito belo.

O segundo músico, cujo nome estive evitando mencionar -apesar de que o mencionei uma vez e tenho que mencionado outra vez para acabar este capítulo-, é Sachdeva. Sua maneira de tocar é totalmente diferente a do Pannalal Ghosh,

embora usem o mesmo tipo de flauta. Poderia-lhes dar a mesma flauta, e te maravilharia da diferença na música. O que importa é o que sai da flauta, não a flauta em si.

Sachdeva tinha um toque mágico, enquanto que Pannalal Ghosh era tecnicamente perfeito, mas não um mago. Sachdeva era também tecnicamente perfeito e tinha de uma vez a arte da música e a magia. Só escutando sua flauta um era transportado a outro mundo. Mas nunca eu gostei desse homem. Não no mesmo sentido que Pannalal Ghosh, que me era indiferente; a este homem odiava. Era desagrado puro e simples, era tão total que não via nenhuma possibilidade de que nos pudéssemos chegar a familiarizar e Baba sabia, Sachdeva sabia, mas, não obstante, teve que me tocar os pés.

-Não posso permitir que me toque outra vez os pés -disse a Baba-. A primeira vez não era consciente do desagradável de sua vibração; agora o sou e sua vibração não só era desagradável; era nauseabunda, igual a sua cara. ficava doente. Estava evitando falar dele para não recordado. por que? Porque terei que visualizá-lo outra vez para lhe descrever isso Mas decidi me liberar totalmente dele, que assim seja. Realmente, era mais feio que a foto de seu passaporte.

Eu estava acostumado a pensar que não havia nada mais feio que uma foto de passaporte; ninguém podia ser assim de feio. Sachdeva o era. E que nomeie tão bonito: Sachdeva, Deus da verdade, e mesmo assim era como se me subisse um réptil, a mesma sensação que te produz uma serpente que se arrasta sobre seus pés. Sem poder sequer saltar e matar à serpente aí mesmo; não se tratava de uma serpente, era um homem.

Olhei a Baba e lhe disse:

-O que se supõe que devo fazer com a serpente?

-Sabia que o reconheceria -disse-me Baba-. Por favor, tenha paciência. primeiro escuta sua música e depois pensaremos na serpente. Tinha medo de que te desse conta -continuou-. Sabia que não seria capaz de te enganar, mas falaremos disso mais tarde. Primeiro, escuta sua flauta.

Escutei-lhe, e realmente era um mago, atravessava-te tão profundamente como um cuco chamando de um monte longínquo. Esta frase só pode ser entendida em um contexto hindu.

Na Índia, o cuco não é quão mesmo para vós. No Ocidente, ser um cuco significa estar em um manicômio. No Oriente, a palavra bonito só se outorga aos melhores cantores e poetas. Sachdeva era chamado «o cuco do mundo da flauta». E qualquer cuco estaria ciumento dele, porque a flauta deste homem era muito mais formosa; não se esqueça de que quero dizer sua música.

Pannalal Ghosh se move por um caminho plano, muito seguro do chão que pisa; cada passo é dado com cuidado, preparado através de uma prática muito larga. Tampouco pode encontrar um só defeito na Sachdeva, embora ele não se move em um chão plano. É um pássaro nos Montes, que voa alto e baixo; um pássaro selvagem, ainda sem domesticar, mas perfeito. Pannalal Ghosh parece que está muito longe, um pouco mental, um técnico de verdade. Mas Sachdeva é um gênio, realmente um artista. Os inovadores são muito estranhos, e ele é um deles.

foi tão inovador, particularmente, em um campo tão pequeno como o da flauta, que em várias gerações ninguém lhe vai derrotar, ninguém vai superar seu recorde.

Você também te dará conta que, embora esta pessoa nunca me gostou, sou justo e imparcial no que se refere a sua flauta. E o que tem que ver um homem com sua flauta? Nem ele eu gostava nem eu gostava. Desagradava-me tanto que

quando voltou a ver baba, e Baba, indevidamente, disse-lhe que tocasse meus pés, sentei-me em posição de lótus, me tampando os pés com a túnica.

Baba disse:

-Onde aprendeu a postura do lótus?

Hoje te está comportando como um grande iogue. -Depois me perguntou-: Onde aprendeste ioga?

-Tive-o que aprender por culpa de todas essas criaturas que se arrastam -disse-lhe-, serpentes, répteis, etcétera. Por exemplo, este homem..., eu gosto de sua flauta, mas sua flauta é uma coisa totalmente diferente ao resto de seu ser. Não quero que me toque, e sabia que foste dizer o que acaba de dizer. Por favor, me peça a mim que lhe toque os pés; isso seria muito mais fácil.

Agora lhes posso explicar algo sem o qual não se poderá entender o que lhes hei dito. Quando lhe toca os pés a alguém está vertendo a seus pés, em términos de energia. É uma oferenda de tudo o que você é. A menos que seja realmente digno disto, seria melhor que lhe impedissem de fazê-lo. Poderia-lhe haver meio doido os pés sem nenhum problema. Poderia ter derramado a seus pés tudo o que tinha. Pode arrojar uma flor em uma rocha, mas não lhe lança uma rocha à flor.

Baba disse:

-Entendo-o, mas ele também tem que trocar.

Não lhe voltou a pedir que me tocasse os pés. As poucas vezes que nos encontramos com a Sachdeva, ele não me olhou e eu tampouco. Eu lhe tinha medo a Baba, Sachdeva me tinha medo . Sempre que vinha começava a lhe dar cotoveladas a Baba para lhe recordar que não dissesse a Sachdeva que me tocasse os pés. Baba estava acostumada dizer:

-Já sei, já sei.

-Sei, sei, não servirá de muito -disse-lhe-. Se não se for o seguirei recordando. Ou touca a flauta ou lhe diga que se vá, porque não só é desagradável a maneira que tem de me tocar os pés, mas também sua cara, sua mesma presença, é como um câncer espiritual.

Por isso fizemos um acordo entre nós: se Sachdeva queria falar com Baba, eu ficava liberado, mandavam-me ir a algum lado, só para estar ocupado, como uma desculpa para não ter que estar presente. Ou se não, lhe pedia que tocasse a flauta. Então, ele podia trazê-las estrelas à terra; então, podia transformar as pedras em sermões. Era um mago, mas só quando estava tocando. Eu gosto de sua flauta, mas eu não gosto dele.

O terceiro homem, Hariprasad, é as duas coisas. Seu ser é tão belo como sua música. Não é tão famoso como Pannalal Ghosh, e possivelmente nunca o será, porque não lhe importa. Não tocará a flauta por encargo. . ., não perseguirá os políticos. Sua flauta tem seu próprio sabor. O sabor de sua flauta só pode chamar-se equilíbrio, equilíbrio absoluto, como se estivesse caminhando em uma corrente que flui com muita força.

O exemplo que te estou pondo é do Lao Tzu. Está atravessando uma corrente muito forte, que flui, uma corrente selvagem e, naturalmente, tem que estar muito alerta; do contrário, levará-te a corrente. Lao Tzu também diz que tem que caminhar muito rápido porque a corrente é muito fria, baixo zero, inclusive mais fria. Rápido e, de uma vez, equilibrado, esta é a descrição do que Hariprasad faz com a flauta. De repente, começa; de repente, termina; não te esperava que começasse tão rápido.

Pannalal Ghosh emprega meia hora na introdução, o prólogo. Esse é o estilo da música clássica na Índia. O tablista afinará suas pranchas. Golpeará com seu

martillito aqui e lá, as afinando, até encontrar a chave correta. O sitar afrouxa ou tensa as cordas, e comprova, uma e outra vez, se estão afinadas. Isto lhes leva quase meia hora, mas os hindus são pessoas pacientes. A isto lhe chama a preparação. por que não podem fazê-lo antes de que chegue a gente? Ou atrás do pano de fundo, como fazem no teatro? Mas, extrañamente, o músico clássico hindu tem que preparar-se a si mesmo e a seus instrumentos, em frente de sua audiência. por que?

Deve haver alguma razão. Minha intuição é que a música clássica, especialmente no Oriente, é tão profunda, que se não ter paciência para esperar meia hora não te merece estar presente absolutamente.

Lembrança uma história muito famosa: Gurdjieff estava acostumado a convocar a seus discípulos a umas horas muito estranhas. Suas reuniões não eram como as minhas, nas que a hora é fixa. Vós têm que estar aqui antes de que eu chegue e se vier cinco minutos tarde, recordem que nunca é por minha culpa.

Minhas choferes me revistam trazer um poquito mais tarde, para que muita gente que ainda estava entrando se possa sentar, porque uma vez que cheguei eu não gosto que a gente siga movendo-se daqui para lá, entrando e saindo. Quero que todo se detenha completamente. Só posso começar meu trabalho ou o que vá dizer nessa completa pausa. Uma pequena interrupção é suficiente para trocar tudo o que vá dizer. Direi algo de todos os modos, mas não será o mesmo, e poderia não voltar nunca para dizer o mesmo.

Já conhece meu estilo; o estilo do Gurdjieff era justo o contrário. Os telefones de seus discípulos começavam a soar. Convocava uma reunião em um lugar, possivelmente a quarenta quilômetros de distância, e lhes dizia que corressem para ali para estar a tempo. Agora bem, para viajar quarenta quilômetros e chegar a tempo, de fato, antes de tempo, sem havê-lo preparado, necessita, pelo menos, um veículo. Precisa cancelar outras entrevistas. Faz todas essas coisas e corre ao lugar convencionado, só para encontrar um aviso dizendo que a reunião de hoje foi cancelada!

Ao dia seguinte, os telefones começam a soar de novo. Se o primeiro dia tinham aparecido cem pessoas, das duzentas que tinham sido avisadas, o segundo dia só apareciam cinqüenta. De novo se encontravam um aviso na porta: «Reunião postpuesta», nem sequer um «o sinto». Não havia ninguém para dizer o sinto, só uma piçarra. E isto continuava, e o quarto dia ou o sétimo ele aparecia. Quando digo ele, refiro ao Gurdjieff

Das duzentas pessoas do princípio só tinham aparecido quatro. Olhava-lhes e lhes dizia:

-Agora posso dizer o que queria dizer, e todos esses tipos que nunca quis que estivessem aqui abandonaram eles mesmos. É realmente genial; só ficam aqueles que se merecem poder me escutar.

O estilo do Gurdjieff era diferente. Isso também é um caminho, mas só um; há muitos caminhos. Sempre respeitei e amou tudo o que dá resultados. Acredito na definição da Gautama o Buda que diz: «A verdade é aquilo que funciona.» Esta é uma definição peculiar porque, às vezes, a mentira pode funcionar, e sei que muitas vezes a verdade não pode funcionar absolutamente; a mentira funciona.

Mas estou de acordo Amava a este terceiro homem. Do primeiro momento que nos vimos nos reconhecemos. Ele foi o único dos três flautistas que se prostrou a meus pés antes de que Baba o dissesse. Quando aconteceu, Baba disse:

-É extraordinário! Hariprasad, como lhe pudeste tocar os pés a este menino?

Hariprasad disse:

-Há alguma lei que me o prohíba? É um crime tocar os pés de um menino? Eu gosto, amo-o, por isso hei meio doido seus pés. E não é teu assunto, Baba.

Baba ficou muito contente. Sempre ficava contente com gente assim. Se Pannalal Ghosh era um cordeiro, Hariprasad é um leão. É um homem formoso, é extraordinariamente formoso. O terceiro tipo -quero dizer Sachdeva; eu não gosto nem pronunciar seu nome- não me tem feito nenhum dano, mas, não obstante, só ouvir seu nome e começo a ver sua feia cara. E sabe do respeito que tenho pela beleza.

Posso perdoar algo mas não a fealdade. E quando a fealdade não é só do corpo mas sim além disso do espírito, então é muito. Era feio da cabeça aos pés.

Dos três flautistas, Hariprasad é meu preferido. Sua flauta tem a beleza dos outros dois; entretanto, não é como a do Pannalal Ghosh -muito alta e rimbombante- nem tão afiada que te corte e te fira. É suave como uma brisa, uma brisa fresca em uma noite do verão. É como a lua; sua luz está presente, mas não é quente, é fresco. Pode sentir sua frescura.

Hariprasad deve ser considerado como o melhor flautista de todos os tempos, mas não é muito famoso. Não pode sê-lo, é muito humilde. Para ser famoso deve ser agressivo. Para ser famoso tem que lutar em um mundo de ambições. Ele não lutou, e é o último homem em lutar para ser reconhecido.

Mas Hariprasad foi reconhecido por um homem como Pagal Baba. Pagal Baba também reconheceu a outros que descreverei mais tarde, porque apareceram em minha vida através dele.

É curioso: não conhecia o Hariprasad até que Pagal Baba me apresentou isso, e depois ele se interessou tanto que estava acostumado a dever visitar ao Pagal Baba só para ver-me. Um dia Pagal Baba lhe disse em brincadeira:

-Agora já não vem por mim. Você sabe, eu sei, e a pessoa pela que vem também sabe.

Ri-me, Hariprasad riu e disse:

-Baba tem razão.

-Sabia que Baba o ia comentar mais logo ou mais tarde -disse eu.

E esta era a beleza do homem. Trouxe-me para muita gente, mas me impediu de lhe dar as obrigado. Só me disse uma coisa:

-Só cumpri com minha obrigação. Peço-te um único favor: quando mora, prenderá minha pira funerária?

Nisto Índia tem uma grande importância. Se um homem não tiver filhos, sofre durante toda sua vida pensando em quem prenderá o fogo a sua pilha funerária. Lhe chama «dar o fogo».

Quando me pediu isso lhe disse:

-Baba, tenho meu próprio pai, e ele se zangará, e não conheço sua família; possivelmente tem um filho...

-Não se preocupe de nada, nem de seu pai nem de minha família -disse-me-. Esta é minha decisão.

Nunca lhe tinha visto com este estado de ânimo. Soube então que seu final estava muito próximo. Não foi capaz de perder o tempo nem sequer em discuti-lo.

-De acordo, não discutiremos -disse-lhe-. Prenderei-te fogo. Não importa se meu pai ou sua família se opõem. Não conheço sua família.

Por acaso, Pagal Baba morreu em meu próprio povo. Mas possivelmente o arrumou, acredito que o arrumou. E quando comecei seu funeral lhe dando fogo, meu pai disse:

-O que está fazendo? Isto só pode fazê-lo o filho maior.

-Dada, me deixe fazê-lo -disse-lhe-. O prometi. E no que a ti respeita, não serei capaz de fazê-lo; fará-o meu irmão mais jovem. De fato, ele é seu filho maior, não eu. Eu não sou de utilidade para a família, e nunca o serei. Em realidade, sempre demonstrei ser uma moléstia para a família. Meu irmão mais jovem, que me segue, acenderá seu fogo, e se ocupará da família.

Estou-lhe muito agradecido a meu irmão Vijay. Não pôde ir à universidade por minha causa, porque eu não estava ganhando dinheiro, e alguém tinha que abastecer à família. Meus outros irmãos também foram à universidade, e seus gastos também tinham que ser pagos, por isso Vijay ficou em casa. Ele realmente se sacrificou. Vale uma fortuna ter um irmão tão formoso. Sacrificou-o tudo. Eu não estava disposto a me casar apesar de que minha família insistia muito.

Vijay me disse:

-Bhaiyya -bhaiyya significa irmão-, se lhe estão torturando muito, estou disposto a me casar. Só me prometa uma coisa: você terá que escolher à noiva.

Era um matrimônio acordado, Como o são todos na Índia.

Posso fazê-lo -disse-lhe.

Mas seu sacrifício me comoveu, e me ajudou imensamente. Assim que se casou se esqueceram completamente de mim, porque tenho outros irmãos e irmãs. Assim que ele se casou, ficavam todos outros para casar-se. Eu não estava disposto a trabalhar.

Vijay disse:

-Não se preocupe, estou disposto a fazer qualquer tipo de trabalho. E de uma idade muito temprana se envolveu em coisas mundanas. Comoveu-me muitíssimo. Minha gratidão para ele é enorme.

-Pagal Baba me pediu isso e o prometi -disse a meu pai-, por isso tenho que lhe dar fogo. Respeito a sua morte, não se preocupe, meu irmão mais jovem estará ali. Eu também estarei presente, mas não como seu filho.

Não sei por que lhe disse isto, e o que ele pôde pensar, mas demonstrou ser verdade. Estava presente quando morreu. De fato, tinha-lhe convidado a viver comigo, para não ter que viajar à cidade onde ele vivia. Nunca quis voltar ali depois da morte de minha avó. Essa foi outra promessa. Tenho que cumprir tantas promessas, mas até agora cumpri satisfatoriamente a maioria delas. Só ficam umas poucas por cumprir-se.

O havia dito a meu pai, e estive presente em seu funeral mas não pude lhe dar o fogo. E decididamente, não estive presente como seu filho. Quando morreu era meu discípulo, um sannyasin, e eu era seu professor.

Que horas são?

-As oito e trinta e cinco, Osho.

Cinco minutos para mim. Quando o tempo se acabou, acabou-se. Também tenho que rir de vez em quando. Um só momento de clímax é suficiente.

Stop.

Sessão 31

Em seus últimos dias, Pagal Baba sempre estava um pouco preocupado. Dava-me conta, embora ele não havia dito nada, nem ninguém mais o tinha mencionado. Provavelmente, ninguém era consciente de que estava preocupado. Decididamente, não era por sua enfermidade, sua velhice ou sua próxima morte; estes assuntos eram totalmente insignificantes para ele.

Uma noite, quando estávamos a sós, perguntei-lhe. Em realidade, tive-lhe que despertar em metade da noite, porque era muito difícil encontrar um momento no que estivesse sozinho.

-Deve ser algo de grande importância -disse-me-; se não, não me teria despertado. Do que se trata?

-Essa é a pergunta -disse-lhe-. Estive-te observando e sinto que há uma pequena sombra de preocupação a seu redor. Não tinha estado aí antes. Sua aura foi sempre tão clara como um sol brilhante, mas agora posso ver uma pequena sombra. Não pode ser a morte.

Ele ficou a rir e me respondeu:

-Sim, há uma sombra, e não é a morte, isso também é verdade. Minha preocupação é a seguinte: estou esperando a um homem para poder lhe entregar minha responsabilidade sobre ti. Estou preocupado porque ainda não chegou. Se morrer, te será impossível encontrá-lo.

-Se realmente necessitar a alguém, encontrarei-o -disse-lhe-. Mas não necessito a ninguém. te relaxe antes de que chegue a morte. Não quero ser a causa desta sombra. Você deve morrer tão brilhante e radiante como viveste. -Não é possível... -disse-, mas sei que chegará. Estou-me preocupando innecesariamente. É um homem de palavra, e prometeu chegar antes de que me mora.

-Como sabe ele quando vais morrer? -perguntei-lhe.

Ele riu e disse:

-Por isso lhe quero apresentar isso Você é muito jovem e eu gostaria que alguém como eu estivesse perto de ti -disse-. De fato, este é um velho costume, que diz que se um menino for iluminar-se deverão reconhecê-lo a uma idade temprana, pelo menos três pessoas acordadas.

-Baba -disse-lhe-, isto é um absurdo. Ninguém me pode impedir que desperte.

-Sei -disse-me-, mas sou um ancião convencional; por isso, por favor, não diga nada contra esse costume, especialmente quando me estou morrendo.

-De acordo -disse-lhe-, por ti guardarei silêncio. Não direi nada, porque tudo o que diga vai contra o costume, da tradição.

-Não quero dizer que deva estar em silêncio -disse-me-, mas sim sinta o que estou sentindo. Sou um ancião. Não tenho a ninguém no mundo que me preocupe, exceto você. Não sei como nem por que te tornaste tão próximo. Quero que alguém ocupe meu lugar para que não me sinta falta de.

-Baba, ninguém pode lhe substituir – lhe disse-, mas te prometo que farei um esforço para não te jogar de menos. Mas o homem chegou à manhã seguinte. O primeiro iluminado que me reconheceu foi Magga Baba. O segundo foi Pagal Baba e o terceiro era mais estranho do que eu me podia ter imaginado. NEM SEQUER Pagal Baba estava tão louco. Este homem se chamava Masta Baba.

Baba é uma palavra respeitosa; simplesmente significa “o avô”. Mas também se chama Baba todo aquele que é reconhecido como iluminado, por ser em realidade o homem mais velho da comunidade. Poderia não sê-lo; poderia ser um jovem, mas terá que lhe chamar Baba, o avô.

Masta Baba era magnífico, simplesmente magnífico, e justo como eu gosto que seja um homem. Estava feito exatamente a minha medida. Fizemo-nos amigos antes inclusive de que Pagal Baba nos apresentasse.

Eu estava no exterior da casa. Não sei por que estava ali; ao menos não recordo o propósito, foi faz muito tempo. Provavelmente, eu também estava esperando, porque Pagal Baba havia dito que o homem manteria sua palavra; que viria. E tinha muita curiosidade, como qualquer menino. Era um menino, e segui

sendo um menino apesar de tudo. Não sei se estava esperando ou fingindo fazer outra coisa mas, em realidade, estava lhe esperando e olhando para o princípio da rua, E ali estava! Não calculava que aparecesse desta maneira! Vinha correndo!

Não era muito maior, não tinha mais de trinta e cinco anos, estava no melhor de sua juventude. Era um homem alto, muito magro, com uma larga cabeleira e uma formosa barba.

-Você é Masta Baba? -perguntei-lhe. Ele se surpreendeu e disse:

-Como soubeste meu nome?

-Não tem nada misterioso -disse-lhe-.

Pagal Baba te esteve esperando; naturalmente, mencionou seu nome. Mas, realmente, você é o homem com o que me teria gostado de estar. Está tão louco como o devia estar Pagal Baba em sua juventude. Possivelmente é o jovem Pagal Baba que retorna de novo.

-Você parece estar mais louco que eu -disse-me-. De todos os modos, onde está Pagal Baba?

Ensinei-lhe o caminho e entrei detrás dele. prostrou-se aos pés do Pagal Baba, quem então disse:

-Este é meu último dia, e Masto (lhe estava acostumado a chamar assim) estava-te esperando e me estava começando a preocupar.

Masto replicou:

-por que? A morte não significa nada para ti.

-É obvio que não significa nada -replicou Baba-, mas olhe detrás de ti. Esse menino significa muito para mim; talvez ele será capaz de fazer o que eu quis fazer e não pude. te prostre a seus pés. estive esperando para lhe poder apresentar isso -De ahora en adelante tú serás mi Pagal Baba. Él va a dejar su cuerpo, pero continuará viviendo en ti.

Masta Baba olhou aos olhos..., e foi o único homem real de entre quão muitos Pagal Baba me tinha apresentado e ordenado que se prostrasse a meus pés.

converteu-se quase em clichê. Todo mundo sabia que se foste ver o Pagal Baba tinha que te prostrar aos pés desse moço que era um insuportável. E tinha que lhe tocar os pés, que absurdo! Mas Pagal Baba está louco. Este homem, Masto, indubitavelmente era diferente. Com lágrimas nos olhos e as Palmas das mãos unidas me disse:

-de agora em diante você será meu Pagal Baba. Ele vai deixar seu corpo, mas continuará vivendo em ti.

Não sei quanto tempo passou porque não me soltava os pés. Estava chorando. Seus formosos cabelos estendidos por todo o chão. Uma e outra vez lhe disse:

-Masta Baba, é suficiente.

-Não me separarei de seus pés até que me chame Masto -disse ele.

Mas «Masto» é um término que só usam as pessoas maiores para referir-se a um menino. Como podia lhe chamar Masto? Mas não houve outro remédio. Tive que fazê-lo. Inclusive Pagal Baba disse:

-Não espere, lhe chame Masto; assim me poderei morrer sem nenhuma sombra a meu redor.

Naturalmente, nessa situação lhe tive que chamar Masto. No momento que usei esse nome, Masto disse:

-Repete-o três vezes.

No Oriente isto também é um costume. A menos que diga uma coisa três vezes não significa muito. Por isso pinjente três vezes:

-Masto, Masto, Masto. Por favor, deixará-me agora tranqüilos os pés? -e me ri, Pagal Baba riu e Masto riu, e essa risada dos três nos uniu com algo que é indestrutível.

Pagal Baba morreu esse mesmo dia. Mas Masto não ficou, embora lhe tinha advertido que sua morte estava muito próxima.

-Para mim agora, você é o número um -disse-me-. Sempre que o necessite, virei a ti. Ele vai morrer de todas formas; de fato, para falar a verdade, devia ter morrido faz três dias. esteve esperando só por ti, para poder apresentamos. E não só por ti, também por mim.

Perguntei ao Pagal Baba antes de que morrera:

-por que parecia tão feliz depois de que chegasse Masta Baba?

-Só é minha mente tradicional-me disse-, me perdoe.

Era um ancião muito formoso. Pedir perdão a "um menino com tanto amor, aos noventa anos de idade...

-Não te estou perguntando por que lhe esperou -disse-lhe-. Pergunta-a não é sobre ti ou sobre ele. Ele é um homem formoso, e vale a pena lhe esperar. Estou perguntando por que se preocupou tanto.

-Volto-te a pedir que não discutamos neste momento -disse-me-. Não é que esteja contra as discussões, como sabe. Eu gosto especialmente da maneira que tem de discutir, e os estranhos giros que dá a seus argumentos, mas este não é o momento. Em realidade, não fica tempo. Estou vivendo com o tempo emprestado. Só te posso dizer uma coisa: estou feliz de que chegasse, de que os dois lhes fizessem tão amigos e que lhes quisessem como eu queria. Possivelmente algum dia lhe encontre algum sentido a esta idéia velha e tradicional.

A idéia consiste em que, a menos que três pessoas iluminadas reconheçam a um menino como futuro buda é quase impossível que ele se converta em um deles. Pagal Baba, tinha razão. Agora posso ver que não é só uma convenção. Reconhecer a alguém como iluminado é lhe ajudar muitíssimo. Particularmente, se te reconhecer alguém como Pagal Baba, e se prostra a seus pés, ou alguém como Masto.

Continuei lhe chamando Masto porque Pagal Baba havia dito:

-Não volte a lhe chamar Masta Baba; ofenderá-se. Eu estava acostumado a lhe chamar Masto, e de agora em diante, você tem que fazer o mesmo.

Realmente, era digno de ver-se!, um menino lhe chamando «Masto», a ele que era respeitado por centenas de pessoas. E não só isso, mas também fazia imediatamente tudo o que eu lhe dissesse.

Uma vez, por exemplo..., ele estava dando um bate-papo. Levantei-me e lhe disse:

-Masto, para imediatamente!

Estava a metade de uma frase. Nem sequer a terminou; parou em seco. A gente lhe insistiu para que, por favor, terminasse o que estava dizendo. Ele nem sequer respondeu. Assinalou-me com o dedo. Tive que ir para o microfone e lhe dizer às pessoas que, por favor, fossem-se a suas casas, que o bate-papo tinha terminado e Masto estava agora sob minha custódia.

Ele riu ruidosamente, e se prostrou a meus pés. E seu modo de me tocar os pés... Milhares de pessoas deveram que tocar meus pés, mas ele tinha uma maneira própria, única. Tocava meus pés quase -como explicá-lo- como se se estivesse vendo deus. E sempre se desfazia em lágrimas, e seus largos cabelos... Custava-me um grande trabalho conseguir que se voltasse a sentar.

-Masto, basta! Até aqui chegamos -dizia-lhe. Mas como me ia escutar? Ele estava chorando, cantando ou recitando um mantra. Tinha que esperar até que terminasse. Algumas vezes me passava meia hora sentado, só para lhe dizer-: É suficiente -mas só o podia dizer quando tinha terminado. Ao fim e ao cabo, eu também tenho maneiras. Não lhe podia dizer-: Detenha! ou solta meus pés! -quando os tinha em suas mãos.

Em realidade, não desejava que os soltasse nunca, mas tinha outras coisas que fazer, e ele também. Vivemos em um mundo prático, e apesar de que sou muito pouco prático, no que se refere a outros sou muito prático; Sempre sou pragmático e prático. Assim que encontrava um momento para interromper, estava acostumado a dizer:

-Masto, detenha. Basta. Está-te desfazendo em lágrimas, e seu cabelo... terei-lhe isso que lavar. está-se enchendo de barro.

Já conhece o pó índio: é onipresente, está em todas partes, especialmente em um povo. Tudo está cheio de pó. Até a cara da gente parece estar cheia de pó. O que podem fazer? Quantas vezes têm que lavar-lhe Inclusive aqui, que estamos em uma habitação com ar condicionado onde não há pó, só por costume, sempre que vou ao banho -é um segredo, não o diga a ninguém- lavo-me a cara sem motivo algum, muitas vezes ao dia... só é um velho costume hindu.

Havia tanto pó que estava acostumado a ir ao quarto de banho constantemente. Minha mãe me dizia:

-Acredito que deveríamos fazer um lavabo em sua habitação, para que não tenha que atravessar a casa correndo tantas vezes. O que é o que faz?

-Só me lavo a cara, é que há muito pó -respondi-lhe. Disse ao Masto-: Terei que te lavar o cabelo -e estava acostumado a lavar-lhe Era tão formoso, e sempre desfrutei com as coisas formosas. Este homem, Masto, pelo que se preocupava tanto Pagal Baba, era o terceiro iluminado. Ele queria que três homens iluminados se prostrassem aos pés de um menino pequeno que não estava iluminado e o conseguiu.

Os loucos têm seus próprios métodos. Conseguiu-o. Inclusive convenceu aos iluminados para que se prostrassem ante um menino que, sem dúvida, não se trava de um homem muito famoso; até ele mesmo estava acostumado a ir visitar o. tornou-se louco ou o que? Prostrar-se ante um menino de apenas vinte e quatro horas?

O pai da Buda lhe perguntou:

-Senhor, posso lhe perguntar por que o esta você tocando os pés a este menino?

O iluminado disse:

-Estou-lhe tocando os pés porque posso ver a possibilidade. Agora mesmo é um broto, mas logo se converterá em uma flor de lótus.

O pai da Buda, que se chamava Shuddhodana, perguntou:

-Então, por que chora? te alegre porque vai se converter em uma flor de lótus.

-Choro porque não poderei estar presente nesse momento -disse o ancião.

Sim, em determinados momentos até os budas choram, especialmente em um momento como esse. Certamente deve ser duro ver um menino que vai se converter em um buda e saber que alguém vai morrer antes de que aconteça. É como uma noite escura: pode ver que os pássaros começaram a cantar, o sol está a ponto de sair; há um pouco de luz no horizonte, e tem que morrer sem ver o novo amanhecer.

O ancião que chorou e se prostrou aos pés da Buda sem dúvida tinha razão. Sei por experiência própria. Essas três pessoas são as mais importantes que me encontrei jamais, e não acredito que me possa encontrar a ninguém que seja mais importante. depois de minha iluminação também me encontrei com outros iluminados, mas isso é outra história.

Encontrei-me com meus próprios discípulos depois de que se iluminassem; essa também é outra história. Mas foi um estranho destino que me reconhecessem quando era um menino pequeno, e tinha a todo mundo em meu contrário. Minha família sempre estava em meu contrário. Excluo a meu pai, a minha mãe e a meus irmãos, porque era uma grande família. Estavam todos contra mim por uma singela razão, e posso entendê-los; de algum modo tinham razão, porque me estava comportando como um louco, e estavam preocupados.

Nessa pequena cidade todo mundo se queixava de mim a meu pobre pai. Devo dizer que ele tinha uma paciência infinita. Escutava a todo mundo. Era um trabalho de vinte e quatro horas. Todos os dias -um dia sim e outro também, às vezes inclusive em metade da noite- vinha alguém porque tinha feito algo que não devia. E só fazia o que não devia. De fato, pergunto-me como sabia o que era o que não devia fazer porque, nem de casualidade, fazia o que devia fazer.

Uma vez perguntei ao Pagal Baba: -Possivelmente me possa explicar isso. Seria capaz de entendê-lo, se cinqüenta por cento das coisas que faço estivessem mau, e o outros cinqüenta por cento bem, mas o cem por cem de tudo o que faço, sempre está mau. Como me as acerto? me pode explicar isso -Da la vuelta a la manzana siete veces. Vete corriendo y vuelve.

Pagal Baba riu e disse:

-Lhe as acertas perfeitamente. Essa é a maneira de fazer coisas. E não se preocupe do que dizem outros; segue seu próprio caminho. Escuta todas seus queixa e se lhe castigarem, desfruta.

Devo dizer que realmente o desfrutei, até os castigos. Meu pai deixou de me castigar assim que se deu conta de que o desfrutava. Por exemplo, uma vez me disse:

-Dá a volta à maçã sete vezes. Vete correndo e volta.

-Posso dar setenta voltas? É tão bonito correr pela manhã -disse-lhe. Pude ver a cara que pôs. acreditava-se que me estava castigando. Realmente corri setenta vezes ao redor da maçã. Pouco a pouco, deu-se conta que era difícil me castigar. Desfrutava-o.

Sempre compadeci a meu pai porque sofria sem necessidade. Eu estava acostumado a levar o cabelo comprido, e eu gostava. Não só isso, também estava acostumado a vestir roupa do Punjab que não se levava nessa zona. Tinha-me apaixonado pela roupa do Punjab, depois de ver que a levava um grupo de cantores que visitou a cidade. Acredito que é a roupa mais bonita da Índia. Com meu cabelo comprido, e vestindo o salwar e a kurta, a gente se acreditava que era uma garota. E sempre passava diante da loja de meu pai, entrando e saindo da casa durante todo o dia.

A gente perguntava a meu pai: -De quem é essa menina? Que tipo de roupa leva?

É obvio, meu pai se ofendeu. Não entendo o que tem que mau se alguém pensar que seu filho é uma menina. Mas nesta sociedade machista, meu pai, naturalmente, veio correndo detrás de mim e disse:

-Escuta, não te volte a pôr esse salwar e essa kurta. Parecem roupa de mulher. E além disso, te corte o cabelo; se não, cortarei-lhe isso eu!

-Se me cortar o cabelo, arrependerá-te -disse-lhe.

-O que quer dizer? -perguntou.

-Já lhe hei isso dito -disse-lhe-. Agora pode pensar sobre isso e averiguar o que quero dizer. Arrependerá-te.

zangou-se muito. Esta é a única ocasião em que lhe vi tão zangado. Trouxe suas tesouras da loja. Era uma loja de malhas, e sempre havia tesouras para cortar os tecidos. Então me cortou o cabelo dizendo:

-Agora pode ir ao cabeleireiro para que lhe arrume isso; se não, parecerá uma caricatura.

-Irei, mas te arrependerá -disse-lhe.

-Outra vez? O que quer dizer? –disse-me.

-É tua culpa. pense-lhe isso disse-lhe-. por que lhe deveria explicar isso Não lhe devo explicações a ninguém. Cortaste-me o cabelo e te vais arrepender.

Fui a um cabeleireiro que era viciado no ópio. Escolhi-lhe, particularmente porque era a única pessoa que faria o que eu lhe dissesse. Outros cabeleireiros só fariam o que pensavam que era o correto. Terei que explicar que na Índia, os meninos só se barbeiam completamente a cabeça quando morre seu pai. Fui a este tipo viciado no ópio, que de todas formas eu gostava. chamava-se Nattu.

-Nattu -disse-lhe-, pelo menos, será capaz de me cortar o cabelo completamente?

Ele disse:

-Sim, sim, sim -três vezes.

-Genial -disse-lhe-. Assim é como responde um Buda, três vezes. Então, corta-me isso por favor -e me barbeou completamente a cabeça.

Quando voltei para casa, meu pai me olhou e não podia acreditar-lhe parecia um monge budista. Essa é a diferença entre os monges budistas e os hindus. O monge hindu se barbeia a cabeça deixando um pouco de cabelo em cima da cabeça, exatamente no ponto onde está o sahasrar, o sétimo chakra. É para lhe proteger do calor do sol e lhe proporcionar um pouco de sombra. O monge budista é mais atrevido; se o curta tudo, barbeia-se a cabeça por completo.

-O que tem feito? -disse-me meu pai-. Não sabe o que significa? Agora terei mais problemas que antes. Todo mundo me perguntará: por que vai completamente barbeado este menino? morreu-se seu pai?

-Isso é tua coisa -respondi-lhe-. Já te disse que te arrependeria. E se arrependeu durante meses. A gente lhe seguia perguntando: -O que passou...? -porque não me deixava crescer o cabelo.

Nattu sempre estava ali, e era um homem muito amoroso. Sempre que ia sua cadeira estava vazia, sentava-me e lhe dizia:

-Nattu, por favor, faz-o de novo.

Por isso, assim que me crescia um pouco o cabelo, ele me cortava isso. Disse-me:

-eu adoro barbear cabeças. Os parvos vêm e me dizem: «me corte o cabelo assim, ou assem.» Bobagens. Este é o melhor estilo: não me tenho que preocupar, nem você tampouco. É muito singelo, e muito beato.

-Você o há dito -disse-lhe-. É muito bto. Mas, dá-te conta que como se inteiro meu pai de quem é a pessoa que está fazendo isto te criará problemas?

-Não se preocupe -disse-me-. Todo mundo sabe que sou viciado no ópio. Não posso fazer nada. Tem sorte que não te cortei a cabeça -e se pôs-se a rir.

-Isso está bem -disse-lhe-. A próxima vez, se quero me cortar a cabeça, virei aqui. Sei que posso confiar em ti.

-Sim, filho meu sim, filho meu sim, meu filho -disse.

Devia ser por culpa do ópio que tinha que repeti-lo tudo três vezes. Possivelmente só então podia escutar o que estava dizendo.

Mas meu pai tinha aprendido a lição.

-Arrependi-me o suficiente –me disse-. Não voltarei a fazer nunca uma coisa assim -e nunca o fez. Manteve sua palavra. Esse foi o primeiro e o último castigo que me impusou. É incrível, inclusive para mim, porque estava criando problemas constantemente. Mas ele escutou pacientemente todas as queixa e nunca me disse nada. Em realidade, fez tudo o que pôde para me proteger.

Em uma ocasião lhe perguntei:

-Prometeu-me que não foste castigar me, mas não prometeu que me foste proteger. Não faz falta que me proteja.

-É tão travesso -disse ele- que se não te protejo, não acredito que sobreviva. Alguém, em algum lugar, acabará-te matando. Tenho que te proteger. Além disso, esse Pagal Baba sempre me está dizendo: «Protege a esse moço.» Amo-lhe e lhe respeito. Se ele me disser que te proteja, deve estar no certo. Então, posso pensar que todo o povo está equivocado, me incluindo a mim. Mas não posso pensar que Pagal Baba se equivoque.

E sei que Pagal Baba estava acostumada dizer a todo mundo, a meus professores, a meus tios: -Protejam a esse menino. Até disse a minha mãe que me protegesse. Recordo-o perfeitamente; a única pessoa a que nunca o disse foi a meu Nani. Foi uma exceção tão clara que até tive que lhe perguntar: - por que alguma vez diz a meu Nani protege-o?. – Não há necessidade: ela te protegerá inclusive se tiver que morrer por ti. – disse ele-. Ela lutaria até comigo. Posso confiar nela. É a única de sua família a que não preciso lhe dizer anda sobre seu amparo.

Sua intuição era muito claro. Sim, alguns olhos pode ver além da névoa que todo ser humano cria a seu redor para ocultar-se detrás.

Sessão 32

Sempre pensei que, desde o começo, algo foi bem comigo. É obvio, não existe uma expressão assim em nenhum idioma. Existe uma expressão como «algo foi mau», mas não «algo foi bem», mas o que posso fazer? Foi-me bem desde meu primeiro fôlego até agora pelo menos, e espero que não troque. Deve ser que me devi que acostumar a esta rotina.

fui amado por muita gente sem razão alguma. As pessoas são respeitadas por suas capacidades; eu fui amado por ser eu mesmo. Não só agora, por isso digo que desde o começo, algo estava bem no próprio esquema das coisas. Do contrário, como pode ir bem algo?

Desde o começo -todos os momentos que vivi- foi-me indo cada vez melhor. A gente só pode maravilhar-se...

Possivelmente lhe possa dar um novo significado à palavra «deus»: quando algo vai bem sem nenhum motivo, você não o tem feito, não lhe merece isso, e segue acontecendo; quando tudo vai bem apesar de ti.

É obvio, não sou uma pessoa correta, e apesar de tudo, as coisas me seguiram indo bem. Inclusive hoje, não me posso acreditar que me ame tanta gente ao redor do mundo sem nenhuma razão. Não alcancei nada pelo que possa exigir nenhum respeito, nem dentro nem fora. Sou uma não-entidade, só um zero.

O dia em que deixei meu trabalho na universidade o primeiro que fiz foi queimar todos meu títulos e diplomas, e toda a tolice que tinha estado carregando comigo, limpamente empilhada. Desfrutei da queima tanto que toda minha família se reuniu ao redor, pensando que finalmente havia me tornado louco por completo. Sempre tinham pensado que estava médio louco. Vendo suas caras, comecei a rir inclusive mais alto.

-aconteceu -disseram.

-Sim, por fim aconteceu -disse-lhes. -O que quer dizer com «aconteceu»? -perguntaram-me.

-Toda minha vida estive tratando de queimar estes títulos -disse-lhes-, mas não pude porque eram necessários. Agora já não o são: posso voltar a ser tão selvagem como ao nascer.

-É tolo, está completamente louco -disseram-me-. queimaste os títulos mais valiosos. atiraste a medalha de ouro no poço; agora queima inclusive o último remanescente que mostrava que uma vez foi o primeiro de toda a universidade.

-Agora ninguém pode me falar dessas tolices -pinjente.

Inclusive hoje não tenho nenhum talento. Não sou um músico como Hariprasad; não sou como os muitos ganhadores dos Prêmios Nobel. Sou um dom ninguém; apesar disso, milhares de pessoas me deram seu amor sem pedir nada em troca.

Precisamente o outro dia Gudia me disse que, enquanto estava nesta cadeira, Asheesh estava arrumando minha outra cadeira. Nunca lhe tinha visto chorar. Ele estava chorando e lhe perguntou: -O que te ocorre?

-Não me passa nada -disse ele-. É que durante cinco dias Osho não lhe há dito a ninguém que sua cadeira cheirava, e sou o responsável porque a construí. Devia-a ter revisado. Deveria ter cheirado cada peça. Agora, quem me perdoará?

Asheesh não é um carpinteiro corrente. Tem um doutorado em Engenharia; está tão qualificado como o que mais. E à cadeira não acontece nada; se a alguém acontece algo, é para mim. Quando me inteirei que estava chorando, recordei às muitas pessoas que me amaram e que choraram por mim, sem razão alguma... e tampouco sou uma pessoa muito boa.

Se fizer uma divisão entre os tipos maus e os bons, com toda segurança vou estar entre os maus. Serei o último em estar com a Mahatma Ghandi, Mao Zedong, Karl Marx, a Mãe Teresa, Martin Luther King, e a lista é interminável. No que se refere aos tipos maus, estou sozinho.

Pelo menos não posso classificar a ninguém como mau: Adolf Hider, Mussolini, José Stalin ou certamente, pensavam-se que o que faziam estava bem. Possivelmente não o estava, mas não era culpa dela. Eram atrasados, mas não maus. Não posso classificar a ninguém como mau.

Se tivesse que contabilizar a alguém, então recordaria a gente como Sócrates, Jesus, Mansoor, Sarmad, gente que foi crucificada, castigada. Mas não, nem sequer os posso contar. Eles eram diferentes a sua maneira.

A gente tratou que me castigar, mas nunca o conseguiu. Ao contrário, do professor Kantar ao Morarji Desai, todos se foram pelo deságüe, aonde, em realidade, pertenciam.

Mas é curioso, quão único posso dizer é que, desde o começo, caminhei por um caminho de rosas. Eles dizem:

-Não lhe cria isso...

Mas, o que posso fazer? caminhei e conheci. Vi e experimentei a sorte em cada momento de minha vida.

A primeira pessoa que me chamou «O Bendito» foi a última pessoa que mencionei ontem. Por isso quero seguir falando dele esta tarde. Masta Baba..., chamarei-lhe só Masto, porque assim era como queria que lhe chamasse. Sempre lhe chamei Masto, embora a contra gosto, e lhe disse que o recordasse. Além disso, Pagal Baba me havia dito:

-Se quiser que lhe chame Masto, como eu o faço, não lhe faça sofrer. A partir do momento em que eu mora, você ocupará meu lugar para ele.

E esse mesmo dia morreu Pagal Baba, e lhe tive que chamar Masto. Eu não tinha mais de doze anos, e Masto tinha pelo menos trinta e cinco, ou possivelmente mais. É complicado para um moço de doze anos calcular exatamente, e trinta e cinco é a idade mais enganosa; a pessoa poderia ter trinta ou quarenta; tudo depende de sua genética.

Agora bem, isto é um assunto complicado. Vi homens que têm todo o cabelo ainda negro incluso aos sessenta. Não é algo do que gabar-se; todas as mulheres o têm. Esses homens em realidade deveriam ser mulheres, isso é tudo. Por engano algo foi bem. É só uma questão de química.

Às mulheres não saem cãs logo que aos homens, têm uma química diferente; bioquímica, para ser mais exato. E raramente ficam calvas. Seria muito formoso encontrar a uma mulher calva. Só me encontrei em toda minha vida a uma mulher que poderia ter sido calva, e só levava caminho de sério. Possivelmente agora já o seja, porque aconteceram dez anos desde que a vi.

por que não ficam calvas as mulheres? Nada em especial. É só porque seu corpo elimina as células mortas em forma de cabelo. Uma mulher não pode deixar-se crescer a barba ou o bigode; seu cabelo cresce em uma área limitada. É obvio, a nenhum homem pode crescer o cabelo tão largo como a uma mulher porque sua capacidade está dividida. Mais ainda, uma mulher por natureza está feita para viver dez anos mais de meia que um homem.

Uma coisa mais: o homem alcança seu clímax sexual aos trinta e cinco anos. Em realidade, só o estou dizendo para não ferir os sentimentos dos pobres homens. De fato, alcança seu clímax sexual aos dezoito anos; a partir daí começa a declinar. Aos trinta e cinco se pode dizer que é o princípio do fim. É então quando um homem se dá conta que está acabado. Esse é o momento no que o homem se volta espiritual, entre os trinta e cinco e os quarenta. A essa idade impressionam todo tipo de bobagens. O verdadeiro motivo é que está perdendo sua potência. Ao perder sua potência, começa-se a interessar sobre a onipotência de Deus.

Vá palavra encontraram: onipotência! O primeiro que cunhou a palavra onipotência deveu ser o homem mais impotente de! mundo. Começam a fazer-se membros da Sociedade Teosófica, Testemunhas do Jehová, e o que te ocorra. Nomeia o que queira e encontrará um seguidor, mas sempre estará entre os trinta e cinco e os quarenta anos, porque esse é e! momento quando requer um apoio para poder seguir, para lhe dar uma sensação de que ainda existe.

A essa idade a gente começa a fazer todo tipo de coisas, como tocar o violão, o sitar, a flauta, e se for rico, jogar golfe. Se não serem ricos, se só forem pobres, começam a beber cerveja e a jogar às cartas. Há milhares de pessoas em todo mundo jogando constantemente às cartas.

Em que classe de mundo vivemos? E acreditam em suas cartas, o rei, reina-a, e até no curinga. De fato, são os únicos reis e rainhas que há no mundo; exceto, é obvio, reina-a da Inglaterra, que não é nenhuma rainha de verdade nenhuma rainha do baralho; ela é a pior. O que estava dizendo?

-Estava falando sobre o Masto... chamava-lhe sempre Masto. Masto, bem. Ele era um rei; não um rei do baralho, nem sequer um rei da Inglaterra, a não ser um rei de verdade. Podia-o ver. Não fazia falta nada para demonstrá-lo. É estranho que fosse a primeira pessoa em me chamar «O Bendito», Bhagwan.

Quando me chamou assim, disse-lhe: -Masto, tornaste-te tão louco como Pagal Baba, ou mais?

-Desde este momento, recorda -disse ele-, não te chamarei outra coisa que o que te acabo de chamar. Por favor – me disse – me deixe ser o primeiro, porque milhares lhe chamarão "O Bendito". Terá que lhe deixar ao pobre Masto ser o primeiro. me deixe, pelo menos, ter a honra.

Abraçamo-nos e choramos juntos. Esse foi nosso último encontro; precisamente no dia anterior eu tinha tido a experiência. Em 22 de março de 1953 nos abraçamos sem saber que esse ia ser nosso último encontro. Ele possivelmente sabia mas eu não era consciente. Disse-me isto com seus belos olhos cheios de lágrimas.

-O outro dia perguntei a Chetana: -Chetana, que aspecto tem minha cara? -Como? -disse-me. -Pergunto-o porque não comi nada mais que fruta há meses -disse-lhe-, exceto alguns dias em que tomei a cocção do Devaraj. Não sei no que consiste; quão único sei é que faz falta uma imensa força de vontade para comer-lhe Tem que mastigá-la durante meia hora, mas é muito boa. Quando me termino estou isso tão cansado, tão absolutamente cansado, que estou quase dormido. Por isso lhe pergunto isso.

-Osho, me está perguntando isso -me disse ela-; posso-te dizer a verdade?

-Só a verdade -respondi-lhe.

-Quando lhe Miro só te vejo os olhos -respondeu-me-; por isso, por favor, não me pergunte. Não sei que aspecto tinha antes, ou que aspecto pode ter agora. Tudo o que conheço são seus olhos.

Que lástima, não posso te mostrar ao Masto. Todo seu corpo era formoso. Um não se podia acreditar que não tivesse vindo do mundo dos deuses. Na Índia há muitas formosas histórias. Uma delas, tirada do Rigveda, é a da Pururva e Uruvashi.

Uruvashi é uma deusa que se fartou dos prazeres do paraíso. Eu gosto desta história porque é muito certa. Se tiver todos os prazeres, quanto tempo pode suportados? A gente acaba aborrecendo-se. A história deve ter sido escrita por alguém que sabia.

Uruvashi se aborrece de todos os prazeres, dos deuses e de suas confusões amorosas. Finalmente, quando ela está nas mãos do deus principal, Indra, utiliza esse momento, como qualquer mulher utiliza esses momentos, para pedir um colar ou um relógio ou um anel de diamantes ou algo que possa imaginar.

Ashu, o que te está imaginando? Sabe? Sim, ri-te porque sei. diga-me isso a não ser o vou contar. O conto? Não, não seria de cavalheiros. E te está rendo tão feliz; eu não gostaria de danificá-lo.

Uruvashi pede a Indra: Por favor, se estiver tão contente comigo, poderia-me fazer algum regalito? Não muito, um regalito. Indra diz: -Seja o que seja, pede-o, e te concederá. -Quero ir à terra e amar a um homem corrente -responde ela.

Indra estava completamente bêbado. Deve te fazer à idéia de que os deuses índios não são como o Deus cristão, nem sequer como seus sacerdotes, muito menos como o Deus cristão. O cristianismo é uma religião ditatorial. A religião hindu é mais democrática, e também mais humana.

Indra está completamente bêbado e diz: -De acordo, mas com uma condição: assim que diga a um homem que é uma deusa, terá que retornar imediatamente ao paraíso.

Uruvashi descende à terra e se apaixona pela Pururva, que é um arqueiro e também poeta. E ela é tão formosa que naturalmente Pururva quer casar-se com ela.

-Por favor, não me fale de matrimônio -diz ela-. Nem o mencione. Não poderei viver contigo se não me prometer que não o vais voltar a mencionar. E Pururva, que era um poeta, evidentemente entende a beleza de uma mulher como Uruvashi. Nunca conheceu nada comparável a ela; naturalmente, ela é uma deusa na terra. Sob a influência de seu lhe intoxiquem beleza, promete-o. Então Uruvashi diz:

-Uma coisa mais. Nunca deve me perguntar quem sou; do contrário, esquecemo-lo tudo agora mesmo. É preferível não começar.

-Amo-te -respondeu Pururva-. Não quero saber quem é, não sou um detetive.

depois de fazer estas duas promessas, Uruvashi jaz com a Pururva. depois de uns dias... Veda-os, nesse sentido, são muito humanos; nenhuma outra escritura é tão humana. Todas as demais escritura são muito altissonantes. Em outras palavras, uma mierda. Mas o Rígveda é humano, com todas as limitações humanas, a fragilidade, as debilidades e imperfeições. Como qualquer outra lua de mel, algum dia se termina, possivelmente um pouco mais depressa no Ocidente que na Índia..., a estes amantes durou seis meses.

Na América, basta um fim de semana para o princípio e o final de uma lua de mel, e quando a lua de mel termina, começa o matrimônio. Jesus! Se disserem que depois da morte existe um inferno para os pecadores... é depois da lua de mel! De fato, é o matrimônio. Na Índia dura seis meses; é uma forma de acabar as coisas, à velocidade de um carro de bois.

Uma noite, Uruvashi despertou porque Pururva a estava olhando. Isso não é o que está acostumado a fazer um marido, olhar a sua mulher! O que estava fazendo olhando-a enquanto dormia? Se tivesse sido a mulher de outro, então tivesse sido normal, mas a sua própria mulher? Mas Uruvashi devia ser, era sem remédio, uma beleza divina, com algo do mais à frente. Pururva não se pôde conter.

-Por favor me diga quem é -perguntou-lhe. -Pururva, tem quebrado sua promessa -disse-lhe Uruvashi-. Direi-te a verdade, mas deixarei de estar contigo - no momento que lhe disse que era uma deusa aborrecida do paraíso, que tinha vindo à terra a ter uma pequena experiência da gente real, porque os deuses eram tão falsos, nesse mesmo momento, evaporou-se como um formoso sonho. Pururva olhou uma e outra vez à cama vazia; ali não havia ninguém.

É uma dessas formosas histórias que sempre me gostaram. Masto deveu que ser um deus nascido neste mundo. Essa é a única maneira de expressar quão belo era. E não era somente a beleza do corpo, que com certeza o era. Não estou em contra do corpo, estou totalmente a favor. Eu gostava de seu corpo. Estava acostumado a lhe acariciar a cara, e ele me dizia:

-por que me acaricia a cara com os olhos fechados?

-É tão belo -disse-lhe-, que não quero ver nenhuma outra coisa que possa me distrair; por isso fecho os olhos..., para poder te sonhar tão belo como é.

Está anotando estas palavras?: «Para poder te sonhar tão belo como é. Quero que seja meu sonho.» Mas não só tinha um corpo ou um cabelo formoso, nunca vi uma cabeleira tão bonita, especialmente na cabeça de um homem. Estava acostumado a tocar e jogar com seu cabelo e nos ríamos.

-Isto é muito -disse-me uma vez-. Baba estava louco, e agora me deixou um professor que está mais louco ainda. Disse-me que você ocuparia seu lugar, de modo que não te posso impedir nada do que queira fazer. Inclusive se me corta a cabeça, estarei disposto e desejando-o.

-Não te assuste -disse-lhe-, não te cortarei nem um cabelo. No que concerne a sua cabeça, Baba tem feito já seu trabalho. Só fica o cabelo -então ambos nos rimos. Isto aconteceu muitas vezes, de muitas maneiras.

Mas era formoso, física e também psicologicamente. Sempre que tinha alguma necessidade, sem perguntá-lo, para não me ofender, de noite, deixava-me dinheiro nos bolsos. Sabem que não tenho bolsos. Conhecem a história de como perdi os bolsos? Foi Masto. Ele estava acostumado a pôr dinheiro, ouro, tudo o que pudesse conseguir, em meus bolsos. Finalmente, abandonei a idéia de ter bolsos; tentava às pessoas. Ou lhe abrem a bolsa e lhe roubam a carteira, ou em muito poucas ocasiões, com um homem como eu, convertem-se em uma pessoa como Masto.

Ele esperava até que me ia dormir. Às vezes fingia estar dormido. Inclusive tinha até que roncar para convencer-se; então o agarrava in ftaganti, com as mãos em meu bolso.

-Masto! -disse-lhe-. É isto o que faz um sábio? -e os dois pomos-se a rir. Finalmente, abandonei a idéia de ter bolsos. Sou a única pessoa do mundo que não necessita bolsos. Em certo modo está bem, porque ninguém me pode abrir isso Também está bem que não tenha que levar nenhum peso. Sempre há alguém que o pode fazer por mim. Não os necessito. Não necessitei bolsos há anos; sempre se ocupou alguém por mim.

Precisamente esta manhã Gudia me estava servindo o chá E deixei que um pires me escapasse das mãos. Não posso dizer que o deixei cair; isso seria muito, porque o pires era muito caro. Estava encravado em ouro. E ela não me perdoaria se disser que tinha que cair, que deixei que me escapasse da mão. Por isso, indevidamente, caiu. Não podia voar; teve-se que cair.

Nesse momento entendi muitas coisas que sempre tinha entendido, mas nesse momento todas culminaram em mim. A queda..., o homem não podia voar, nem Adão nem Eva..., naturalmente tiveram que cair. Não foram as manhas da serpente; para eles o natural foi cair. Era natural, muito natural para o Adão e Eva cair, porque não tinham maneira de voar, nem Lufthansa, nem Pão Am, nem sequer Air a Índia. E o pobre Adão era muito pobre. Mas de algum jeito esteve bem que caísse; de outra maneira estaria na mesma situação que Uruvashi.

Ele teria desfrutado de todos os frutos do paraíso, sem nenhuma alegria, é obvio. Teria vivido com a Eva sem amor. No paraíso ninguém ama muito. Posso dizê-lo sem nenhum temor a que me joguem, porque não quero entrar no paraíso, a quem lhe importa! O paraíso é o último lugar no que eu gostaria de entrar; prefiro inclusive o inferno. por que? Só pela boa companhia. O paraíso é simplesmente horrível. Em companhia dos Santos..., meu deus! Esses deuses devem ser imbecis, ou possivelmente carecem de inteligência, são como robôs; do contrário, se não, como é que seguem dando voltas no carrossel? Não quero formar parte disso.

Mas Masto tinha o aspecto de um deus descendido à terra. Amava-o sem razão alguma, é obvio, porque o amor não pode ter nenhuma razão. Ainda o amo. Ainda o amo. Não sei se estiver vivo ou não, porque em 22 de março de 1953 desapareceu. Disse-me que se ia aos Himalayas.

-cumpri com minha responsabilidade em relação à promessa que fiz ao Pagal Baba -disse-me-. Agora é o que antes foi em potência. Já não sou necessário.

-Não, Masto -disse-lhe-, seguirei-te necessitando, por outras razões.

-Não -disse ele-. Encontrará maneiras de conseguir todo aquilo que necessite. Mas eu não posso esperar.

Após, de vez em quando estava acostumado a escutar, possivelmente de alguém que vinha dos Himalayas, um sannyasin ou um bikkhu, que Masto estava no Kalimpong, ou que estava no Nainital, para cá ou lá, mas nunca retornou dos Himalayas. Perguntava a todo mundo que ia aos Himalayas:

-Se te encontrar com este homem... -mas era difícil, porque não se deixava fotografar. Uma vez lhe convenci para que lhe tirassem uma foto, mas o fotógrafo de meu povo era um gênio! chamava-se Munnu Mijam, um pobre homem, mas tinha uma câmara. Devia ser o modelo mais antigo do mundo. Sua câmara deveria ter sido conservada; agora valeria milhões de dólares. De todo um carretel saía com sorte uma foto. E isto tampouco era seguro. Quando olhava à foto não podia acreditar como as tinha arrumado, porque não se parecia com ti. Ele era futurista! Realmente futurista. Fazia umas fotos que só lhe tivessem gostado ao Picasso..., ou não sei, inclusive poderiam não haver gostado se Munnu Mijarem a tivesse feito ao próprio Picasso.

Como pude convenci ao Masto para que fora ao Munnu Mijam. Munnu Mijam ficou muito contente. Masto se sentou a contra gosto no estudo do aldeão. Não posso chamá-lo estudo; era só uma cadeira sarnenta sem braços. A gente raramente vinha a que lhe tirassem uma foto, por isso não havia um estudo propriamente dito.

Não é possível que saibam como se fazia nos povos índios. Não lhes podem isso nem imaginar. Ainda é como antes. De fundo, havia uma pintura, uma cortina larga grafite com uma cena das ruas de Bombay, grandes edifícios, automóveis, ônibus. E é obvio logo se pensava que a foto tinha sido tomada em Bombay. Que mais pode pedir a uma rupia por três fotos? Mas Masto as arrumou..., ou, para ser mais correto, o idiota do Munnu Mijam desfez tudo o que eu tinha estado preparando. esqueceu-se pôr uma placa na câmara!

Ainda estou vendo a cena completa. Tinha preparado ao Munnu Mijam lhe dizendo:

-Sei muito preciso, correto. consegui trazer para este homem com muitas dificuldades, e se lhe tira uma foto será uma grande publicidade para seu estudo.

Ele estava convencido e disse:

-Tentarei-o. Insígnia me duas palavras em inglês. ouvi que nas cidades maiores, antes de disparar o obturador, dizem: «Por favor, preparados...»

É obvio, disse-me isso em hindi, mas queria dito em inglês para impressionar ao homem respeitável. Depois quis saber como dizer: «Obrigado», para dizê-lo ao terminar. Quando teve tudo preparado, disse: «Por favor, preparados...», é obvio em inglês. Nem sequer Masto pôde acreditar-se que Munnu Mijam soubesse algo de inglês. Então disparou sua câmara com um disparo muito sonoro. Ainda posso ver sua câmara. Posso dizer com segurança que dariam um milhão de dólares por ela devido a sua antigüidade. Era enorme.

Então disse: -Muito obrigado, senhor -e nos partimos. Saiu correndo detrás de nós e nos disse com lágrimas nos olhos: -me perdoem, por favor, voltem. Esqueci-me de pôr uma placa na câmara! Isso foi muito. Masto disse: -Você, idiota! Vete correndo daqui; se não, perderei os estribos, e sou muito temperamental! Eu sabia que não era absolutamente temperamental, e disse ao Munnu Mijam: -Não se preocupe. Organizarei-o de novo -mas escapou; de fato, saiu correndo. Disse-lhe-: Escuta, não corra... -mas não me escutou.

Convenci ao Masto para que voltássemos mas quando chegamos ao estudo estava fechado. Munnu Mijam estava tão assustado que vendo que vínhamos, fechou o estudo e saiu correndo. Por isso não temos nenhuma foto do Masto.

Só há três fotos que sempre quis ter para lhes poder ensinar isso Uma era a do Masto, uma estranha beleza. A outra era a de um homem de que falarei mais tarde e a de uma mulher da que também falarei mais tarde. Mas não tenho nenhuma foto de nenhuma dessas três pessoas.

É uma coisa estranha: os três eram contrários a que lhes tirassem uma foto, totalmente contrários, possivelmente porque uma foto invariavelmente distorce a beleza, porque a beleza é um fenômeno vivo e a foto é estática. Quando tiramos a foto de uma flor, pensa-te que a mesma flor está aí ainda? Não, enquanto tãoto cresceu. Já não é a mesma; apesar disso a foto sempre permanecerá igual. A foto nunca cresce. Está morta de um princípio. Como o chamam? Nascida morta? É isso correto?

-Sim, Osho.- De acordo, uma foto nasce morta, morta, morta já antes de respirar pela primeira vez; não respira.

A única pessoa a quem amei e conheceu como uma das mais belas, e que me deixou lhe tirar fotos, foi meu Nani. Ela me deixava, mas com a condição de que o álbum ficasse sob sua custódia.

-Não há nenhum inconveniente -disse-lhe-, mas por que? Não pode confiar em mim?

-Posso confiar em ti -respondeu-me-, mas não posso confiar nos fotógrafos. Não é você o que me pode fazer mal, mas quero que as fotos estejam sob minha custódia. Quando tiver morrido serão para ti.

Deixou-me lhe tirar tantas fotos como quis. Mas depois de que morreu, quando abri o armário onde estava acostumado a guardar todas essas fotografias, havia só um álbum vazio. Não sabia escrever, por isso lhe havia dito a meu pai que escrevesse nele:

-Por favor, me perdoe -tinha assinado com o rastro do polegar de sua mão direita.

A gente com a que queria estar relacionado, pelo menos com sua forma física, nunca me deixou que lhes tirasse fotografias. Só uma me permitiu isso, mas parece que meu Nani só me permitiu isso para não me ferir..., e sempre destruiu as fotos.

O álbum estava vazio. Olhei minuciosamente, e nunca tinha sido usado. Procurei por toda a casa. Não pude encontrar nenhuma só foto. Tivesse-me gostado de lhes ensinar seus olhos, só seus olhos. Todo seu corpo era formoso, mas seus olhos..., necessita-se um poeta para dizer algo sobre eles, ou um pintor, e eu não sou nenhuma das duas coisas. Só posso dizer que refletiam algo do mais à frente.

De acordo O outro dia lhes falei do desaparecimento do Masto. Acredito que ainda está vivo. Em realidade, sei que o está. No Oriente, este foi um dos modos mais antigos, desaparecer nos Himalayas antes de morrer. Morrer nessa formosa região é mais rico que viver em qualquer outro lugar; inclusive morrer ali tem algo de eterno. Possivelmente é a vibração dos Santos recitando durante milhares de anos. Ali foram compostos os Veda, ali se escreveu o Gita, ali nasceu e morreu Buda, Lao Tzu desapareceu nos Himalayas em seus últimos dias. E Masto fez quase o mesmo.

Ninguém sabe ainda se Lao Tzu morreu ou não. Como pode um estar seguro? Desde aí a lenda de que ele é imortal. Ninguém o é. Todo aquele que nasce indevidamente tem que morrer. Lao Tzu deveu morrer, mas a gente nunca chegou

ou seja o. A gente deveria ser capaz de ter uma morte absolutamente privada, se o desejar.

Masto se ocupou de mim mais eficientemente do que Pagal Baba poderia ter feito nunca. Primeiro, Baba era realmente um louco. Segundo, vinha só de vez em quando como um voltado a me visitar e depois desaparecia. Essa não é uma maneira de ocupar-se. Uma vez até o disse:

-Baba, você fala muito de como te está ocupando deste menino, mas antes de que o volte a repetir, me deve escutar. Ele riu e disse: -Entendo-o, não precisa dizê-lo, mas te deixarei em boas mãos. Eu não sou capaz de me ocupar de ti. Pode entender que tenho noventa anos? Para mim é hora de deixar o corpo. Estou alargando-o só para encontrar à pessoa correta para ti. Uma vez que a tenha encontrado, posso-me relaxar na morte.

Não me dava conta então de que estava falando totalmente a sério, mas é isto o que fez. Passou- sua carga ao Masto e morreu renda-se. Isso foi quão último fez.

Zaratustra poderia ter rido quando nasceu..., ninguém foi testemunha, mas deveu rir; toda sua vida indica que foi assim. Foi essa risada a que captou a atenção de um dos homens mais inteligentes do Ocidente, Friedrich Nietzsche. Mas Pagal Baba realmente riu enquanto morria, antes de que pudéssemos perguntar por que. Não poderíamos ter feito a pergunta de todas as maneiras. Ele não era um filósofo, e não tivesse respondido embora tivesse vivido. Mas, que maneira de morrer! E recorda, não foi só um sorriso. Estou falando realmente de uma gargalhada.

Todos os que estavam ali se olharam uns aos outros dizendo:

-O que é o que acontece? -até que começou a rir tão alto que todo mundo pensou que até então tinha sido um louco aprazível, mas que agora se foi até o extremo. Todos partiram. Naturalmente, ninguém ri quando nasce, só por educação; e ninguém ri quando morre, de novo não é mais que maneirismo. Ambos são britânicos.

Baba sempre esteve contra os maneiras e da gente que acreditava nos maneiras. Por isso me amava, por isso amava ao Masto. E quando estava procurando um homem que pudesse ocupar-se de mim, naturalmente, não pôde encontrar a ninguém melhor que ao Masto.

Masto demonstrou ser mais que o que Baba poderia haver-se imaginado. Fez tanto por mim que inclusive só dizê-lo, dói. É algo tão privado que não deveria contar-se, tão privado que um não deveria mencionado nem sequer quando está sozinho.

Estava-lhe dizendo a Gudia:

-lhe diga ao Devageet que não se deixe nunca seu livro nesta Arca do Noé, porque ontem de noite o diabo esteve datilografando suas notas. Não lhes acreditarão isso. De fato, eu não me podia acreditar isso quando escutei a história pela primeira vez. Gudia disse que não se via luz pela janela. Estava assombrado e me disse mesmo: tornaram-se loucos ou o que? Datilografando sem luz?

Gudia olhou na habitação e disse:

-Isto é extraordinário! A máquina está fazendo um ruído exatamente como o de uma máquina de escrever.

Não só isso: de vez em quando se detinha, como se o datilógrafo estivesse olhando no caderno, e então ficava de novo a teclar. Gudia perguntou ao Asheesh: -O que pode ser? -Nada importante -disse-lhe-, só o filtro do ar condicionado que recolheu muito pó e que faz esse ruído -mas, exatamente como o de uma máquina de escrever...? De todas maneiras, me gostou da história, e por isso te estou

pedindo que guarde o caderno de notas longe do diabo. Ele pode datilografar inclusive sem máquina de escrever, sem luz.

O diabo é um perfeccionista. Não pode ser de outra maneira; é parte de sua mesma função. Teclando sem máquina de escrever na escuridão? E sei que Devageet não se deixará seu livro de notas em nenhum lugar. Mas o diabo pode teclar inclusive sem o caderno de notas. Ele pode ler suas mentes. Por isso não coloquem suas mentes; pelo menos quando estiverem trabalhando com minhas palavras. Não coloquem suas mentes; do contrário estão abrindo a porta ao diabo.

Masto foi a melhor eleição que podia ter feito Baba. Não posso conceber absolutamente a alguém melhor. Não só era um meditador..., que é obvio o era; de outro modo não tivesse sido possível uma comunhão entre os dois. E meditação simplesmente quer dizer não ser uma mente, pelo menos enquanto está meditando.

Mas isso não era tudo; ele era muitas coisas mais. Era um excelente cantor, embora nunca cantou para o público. Ambos estávamos acostumados a rimos da expressão: «O público;» Está composto só dos meninos mais atrasados. É um milagre como conseguem reunir-se em um lugar a uma hora convinda. Não me posso explicar isso. Masto dizia que ele tampouco podia explicar-lhe Simplesmente, não tem explicação.

Nunca cantou para um público, a não ser para um grupo pequeno de gente que o amava e que prometia nunca falar sobre isso. Sua voz era realmente «a voz de seu professor». Possivelmente não estava cantando, a não ser só permitindo à existência -essa é a única palavra apropriada que posso usar-, estava permitindo à existência fluir através dele. Não o estava impedindo; esse era seu mérito.

Além disso tocava o sitar com muito talento; entretanto, nunca lhe vi tocar diante de público. Freqüentemente quando tocava eu era o único presente, e me pedia que fechasse a porta, dizendo:

-Por favor, fecha a porta e não a abra sob nenhum conceito até que esteja morto -e sabia que se tivesse querido abrir a porta teria primeiro que matá-lo, e depois abri-la. Mantive minha promessa. Mas sua música era tal que... O mundo não chegou a conhecê-lo: o mundo o perdeu.

Disse-me:

-Estas coisas são tão íntimas que tocar diante de uma multidão é prostituição. Essa foi exatamente a palavra que usou: «prostituição». Era realmente um pensador, e muito lógico, não como eu. Com o Pagal Baba só tive uma coisa em comum: era a loucura. Masto tinha muitas coisas em comum com ele. Pagal Baba estava interessado em muitas coisas. Eu com segurança não podia ser representativo do Pagal Baba, mas Masto o era. Eu não posso ser o representante de ninguém, não importa quem.

Masto fez tanto por mim em todos os aspectos que não posso me acreditar como Baba tinha sabido que ele era a pessoa correta. E eu era um menino com muita necessidade de direção, e além tampouco era um menino fácil. A não ser que estivesse convencido não me movia nem um centímetro. De fato me jogava um pouco para atrás só para estar mais seguro.

Estou-me acordando de uma pequena anedota. Estava acostumado a usar esta anedota como uma piada. Muitos de minhas piadas estão possivelmente pintadas um pouco aqui e ali para lhes dar aspecto de piadas, mas quase todos estão tirados da vida real. E a vida real é o melhor livro de piadas que nunca pode existir. Como sei que esta piada está tirada da vida real? Porque não pode ser de outra forma, não existe outra possibilidade. Lembrança que estava acostumado a contar esta piada e assim é como o recordo.

Um menino chega tarde à escola, muito tarde. Está chovendo. O professor o olhe com esses olhos de pedra que só lhes são jogo de dados em especial aos professores e às algemas. E se te casa com uma mulher que é as duas coisas, então que Deus te ajude! Só podemos rezar por ti. Então essa mulher terá quatro olhos insensíveis que olharão em todas as direções. Tome cuidado com as professoras de escola! Nunca, nunca te case com uma professora de escola. Aconteça o que acontecer, escapa antes de que te tropece e caia. Cai em qualquer lado menos em uma professora de escola; de outro modo terá uma vida que será um inferno de verdade. E se for inglesa, então, tudo se triplica!

O menino pequeno, já muito assustado, completamente empapado de água, chegou à escola como pôde. Mas uma professora de escola é uma professora de escola.

-por que chega tarde? -perguntou-lhe ela.

Ele se tinha imaginado que havia suficientes motivos. Estava chovendo tão forte...; estava chovendo muito, e estava completamente molhado, gotejando. E ainda lhe estava perguntando:

-por que chega tarde?

Ele o inventou, igual ao faria qualquer outro menino, dizendo:

-Senhorita, está tão escorregadio que quando dava um passo para diante, patinava dois para atrás.

A mulher lhe olhou inclusive com mais severidade e lhe disse:

-Como pode ser isso? Se der um passo para adiante e patina dois para atrás, nunca poderia ter chegado à escola. Está-me enganando.

-Senhorita -disse o menino-, por favor, me entenda: girei-me para minha casa e comecei a correr me afastando da escola, assim é como chego até aqui.

Eu digo que não era uma piada. A professora de escola é real, o menino é real, a chuva é real. A conclusão do professor é real e a conclusão do menino não pode ser mais real. contei milhares de piadas e muitas deles estão tirados da vida real. Os que não foram tirados da vida real também provêm da vida real, mas da metrô, que também é real mas nunca sai à superfície, não lhe permite.

Masto tinha um verdadeiro talento em muitas dimensões. Era músico, bailarino, cantor, e que não, mas sempre muito tímido diante «desses olhos». Estava acostumado a chamar às pessoas, «esses feios olhos». Estava acostumado a dizer:

-A gente não pode ver, só acreditam que vêem. Não estou feito para eles.

Continuamente me recordava que não devia convidar nem um só amigo, embora não tinha nenhum, quero dizer nem um conhecido.

Mas uma vez que lhe perguntei:

-Me pode permitir alguma vez trazer para alguém?

Ele respondeu:

-Se só quer lhe dar o gosto de convidar a alguém íntimo, então pode trazer para seu Nani. Para ela não tem nem que me perguntar. É obvio, se não querer vir, eu não posso fazer nada -e isso é o que aconteceu.

Quando o comentei a meu Nani, disse-me: -lhe diga ao Masto que venha a minha casa e que toque aqui -e ele era um homem tão humilde que deveu tocar o sitar para a anciã, sentiu-se muito feliz de tocar para ela, e eu me pus muito contente de que ele viesse e não se negasse. Tinha-me preocupado essa possibilidade.

E minha avó, meu Nani, a anciã, de repente se transformou como em uma jovem outra vez. Fui testemunha de algo que só pode chamar-se transfiguración! E

quanto mais se ia harmonizando com o sitar, rejuvenescia-se cada vez mais. Vi como se produzia um milagre. Mas quando Masto acabou de tocar o sitar, de repente voltou a ser de novo a anciã mulher.

-Isto não está bem -disse eu-, Nani. Pelo menos deixa que o pobre Masto tenha um vislumbre do que sua música pode fazer por uma pessoa como você.

-Não está em minhas mãos -disse ela-. Se acontecer, acontece. Se não acontecer, não se pode fazer nada a respeito. Sei que Masto o entenderá.

-Entendo-o -disse Masto.

Mas o que vi foi realmente incrível. Meus olhos piscavam uma e outra vez só para ver se era só um sonho, ou se estava vendo-a realmente retornar a sua juventude. Inclusive hoje, não posso acreditar que fora só minha imaginação. Possivelmente esse dia..., mas hoje não tenho nenhuma imaginação. Vejo as coisas como realmente são.

Masto seguiu sendo um desconhecido para todo mundo pela singela razão de que nunca quis estar entre a multidão. E no momento no que sua obrigação para mim, sua promessa ao Pagal Baba, foi cumprida, desapareceu nos Himalayas.

Os Himalayas..., a palavra em si mesmo significa «o lar do gelo». Os cientistas dizem que se todo o gelo dos Himalayas se degela um dia, o mundo realmente se alagará. Todo mundo -não se limitará a uma só parte-, todos os oceanos, ascenderão doze metros. Puseram-lhe o nome correto, Himalayas. Him siginifica «gelo»; alaya significa «o lar.»

Existem centenas de picos talheres de neves perpétuas que nunca se hão disolvido... e o silêncio que os rodeia, a atmosfera inalterada... Não é só velha; tem um estranho calor, porque milhares de pessoas de imensa profundidade foram a essas regiões com uma meditação tremenda, com imenso amor, prece e recitação.

Os Himalayas são ainda algo extraordinário no mundo inteiro. Os Alpes são só meninos comparados com os Himalayas. Suíça é formoso, e mais ainda porque dispõe de todas as comodidades. Mas não posso esquecer as silenciosas noites dos Himalayas: as estrelas no céu, e ninguém mais ao redor.

Quero desaparecer ali, igual ao fez Masto. Posso lhe entender, e não me surpreenderia se um dia de repente eu desaparecesse. Os Himalayas são muito maiores que a Índia. Uma parte dos Himalayas pertence a Índia; a outra parte pertence ao Nepal, a outra a Birmania, a outra ao Paquistão, milhares de quilômetros de pureza, só pureza.

No outro lado estão a Rússia, Tíbet, Mongolia, China; todas elas têm uma parte dos Himalayas.

Não será uma surpresa se um dia desaparecer sozinho para me tombar junto a uma formosa rocha e deixar de estar no corpo. A gente não pode encontrar melhor lugar para abandonar o corpo, mas poderia não fazê-lo, já me conhecem. Permanecerei tão imprevisível como sempre, inclusive em minha morte. Possivelmente Masto queria ir-se antes, e só estava cumprindo a última tarefa que lhe pôs seu gurú, Pagal Baba. Fez tanto por mim, é difícil inclusive fazer uma lista. Apresentou a muita gente de modo que sempre que necessitasse dinheiro só tinha que dizer-lhe e o dinheiro chegava. Perguntei ao Masto:

-Não me perguntarão para que?

-Não se preocupe disso -disse ele-. Já respondi a todas suas perguntas. Mas são gente covarde; podem te dar seu dinheiro, mas não lhe podem dar seus corações, ou seja que não o peça.

-Nunca peço a ninguém o coração -disse-lhe-, ele seja ou seja ela; não se pode pedir. Ou te dá conta de que já desapareceu ou não. Por isso, só lhe pedirei dinheiro a essa gente, e isso só se for necessário.

E efetivamente apresentou a muita gente que sempre permaneceu no anonimato; mas sempre que necessitei dinheiro, o dinheiro apareceu. Quando estava no Jabalpur, onde assisti à universidade e estive mais de nove anos, o dinheiro ia chegando continuamente. A gente se perguntava, porque meu salário não era muito. Não se podiam acreditar como podia utilizar um carro tão bonito, um bungaló tão formoso, um grande jardim, acres de grama. E o dia que alguém perguntou como era possível que tivesse um carro tão formoso..., esse dia chegaram dois mais. Havia então três carros e faltava lugar para guardá-los.

O dinheiro sempre foi chegando. Masto o tinha deixado tudo arrumado. Embora não tenho nada, nenhum dinheiro absolutamente, mas de algum jeito foi funcionando espontaneamente.

Masto..., é difícil te dizer adeus, pela singela razão de que não me acredito que já não esteja. Você ainda existe. Poderia ser que não te visse outra vez; isso não tem muita importância. Vi-te tanto, sua fragrância passou a formar parte de mim. Mas em algum lugar desta história tenho que terminar de falar de ti. É duro, e dói..., me perdoe por isso.

Sessão 34

.Esta manhã lhe dava um abrupto adeus ao Masto, e o estive sentindo todo o dia. Simplesmente, não se pode fazer, pelo menos neste caso. Recorda a quando ia à universidade e deixava a meu Nani depois de estar tanto tempo juntos.

Desde que meu avô morreu e a abandonou, não tinha havido ninguém em sua vida exceto eu. Não foi fácil para ela. Tampouco foi fácil para mim. Não havia nada mais que me retivera na aldeia, exceto ela. Posso recordar esse dia: cedo pela manhã; era uma formosa manhã de inverno e a gente da aldeia se reuniu.

Inclusive hoje em dia, nessas partes da Índia central, as coisas não são contemporâneas; levam um atraso de pelo menos dois mil anos. Ninguém está muito ocupado. Todo mundo tem o aspecto de ter muito tempo para vadiar. O que quero dizer é que são uns folgazões. Estou usando o sentido literal, não qualquer associação que tenha podido surgir sobre esta palavra. Ou seja que todos os «folgazões» estavam ali. Por favor, escreve-o entre aspas para que ninguém o mal entenda.

Toda minha família estava ali. Era um grande grupo de gente. Tinham vindo por obrigação; de outro modo não tinha sentido para mim o lhes ver as caras, que eram então, e são agora, irreconhecíveis, só nomeie. Mas ali estavam: meu pobre pai, minha mãe, meus irmãos mais jovens e minhas irmãs e estavam chorando de verdade.

Inclusive meu pai estava chorando. Nunca lhe tinha visto chorar assim, nunca antes e nunca depois. E eu não me estava morrendo, simplesmente me estava indo a duzentos quilômetros. Era só a idéia de que me estava indo para quatro anos pelo menos, para me tirar o título de bacharel. Então, o que aconteceria decidia -e alguma vez se sabe- ficar dois anos mais para me tirar um graduado superior? e depois, um mínimo de dois anos mais para um doutorado?

Foi uma larga separação. Possivelmente para então, quem sabe, muitos deles poderiam não estar neste mundo. Mas eu só estava preocupado pelo Nani, porque minha mãe e meu pai tinham vivido muito tempo sem mim quando eu era pequeno. Agora podia viver sozinho, podia me valer por mim mesmo; não necessitava mais ajuda.

Mas minha avó..., ainda posso ver o primeiro sol da manhã, o calor do sol, a gente, meu pai, minha mãe. Prostrei aos pés de minha avó e pinjente:

-Não se preocupe. Virei imediatamente sempre que me chame. E não pense que vou muito longe: são só duzentos quilômetros, só três horas em trem.

Nesses dias o rápido não se detinha nesse pobre povo; se não, a viagem só duraria duas horas. Agora se detém ali, mas já não importa que se pare ou não.

-Virei correndo -disse-lhe-. Vinte ou duzentos quilômetros não são nada.

-Sei -disse ela-, e não estou preocupada.

Tratou de manter-se tudo quão inteira pôde, mas pude ver como as lágrimas se empelotavam em seus olhos. Nesse momento me girei e saí para a estação. Não voltei a olhar para trás quando dobrei a esquina da rua. Sabia que se olhava para trás, ou ela romperia a chorar, e então nunca iria à universidade; ou se não rompia a chorar poderia até morrer se, deixar de respirar. Eu significava muito para ela. Toda sua vida girava ao redor de mim: minhas roupas, meus brinquedos, minha cama, meus lençóis, o dia inteiro...

-Nani, está louca -estava acostumado a lhe dizer-. Vinte e quatro horas ao dia está ocupada fazendo coisas só para mim, que não vou fazer nada por ti em toda sua vida.

-Você já o tem feito -disse ela.

Não sei o que fazer com isto, e agora não há maneira de perguntar-lhe Mas da maneira que o disse:

-Você já o tem feito -foi tão poderosa, com tanta energia, que o entendesse ou não o entendesse, ficava transbordado. Inclusive ao recordado me sinto transbordado.

Mais tarde me inteirei que quando dobrei a esquina da rua, toda a vizinhança disse:

-Que classe de moço é este? Nem sequer se tornou...

E meu Nani, que estava muito orgulhosa, disse-lhes: .

-Sim, é meu menino. Sabia que não se voltaria a olhar, e não só nesta esquina da rua, não voltaria a olhar para trás em toda sua vida. Além disso, sinto-me muito orgulhosa de que tenha entendido a seu pobre Nani, sabendo que se tivesse cuidadoso para trás me teria posto-se a chorar, e ele nunca quis isso. Ele sabia perfeitamente bem, melhor que eu, que se me tivesse posto-se a chorar ele não tivesse sido capaz de ir-se. Não por mim, mas sim por seu amor para mim. teria ficado toda sua vida com tal de que não chorasse nem me lamentasse.

Dizer um abrupto adeus ao Masto é igual a isso. Não, não posso fazê-lo. Terei que chegar a um final natural sem me deter de repente de uma maneira arbitrária, porque minha vida é tal que se continúo falando sobre ela não haverá nem princípio nem fim. Em minha vida não haverá nem princípio nem fim.

A Bíblia pelo menos diz: «No princípio...» Terão que publicar isto sem princípio nem fim. Será difícil publicar o dessa maneira. Mas Devageet o pode entender, ele é judeu. Um cilindro de pergaminho judeu pode não ter quase nem princípio nem fim. É obvio parece que tem um começo, mas só o parece. É por isso que todas antigas histórias começam: «Era uma vez», e então pode começar algo. E

era uma vez e todo se detém, sem nem sequer dizer: «Fim.» Minha vida não pode ser uma autobiografia corrente.

Vasant Joshi está escrevendo minha biografia. As biografias tendem a ser muito superficiais, tão superficiais que não merece a pena leerIas. Nenhuma biografia pode penetrar até o mais profundo, particularmente nas capas psicológicas do homem, e especialmente se esse homem chegou ao ponto onde a mente deixa de ser importante para um nada que se esconde no centro de uma cebola. Pode pelarIa capa por capa, é obvio com os olhos cheios de lágrimas, mas ao final não fica nada, e esse é o centro da cebola; esse é de onde surgiu em primeiro lugar. Nenhuma biografia pode penetrar nessas profundidades, especialmente nas de um homem que conheceu também a no-mente. Digo «também» intencionadamente, porque a menos que conheça a mente, não pode conhecer a não - mente. Esta vai ser minha pequena contribuição ao mundo.

Ocidente realizou uma profunda investigação da mente, e tem descoberto capa e mais capa; o consciente, o inconsciente, o subconsciente, e assim sucessivamente. Oriente simplesmente deixou todo o assunto a um lado e se atirou ao lago..., e o som sem som, no-mente-a. Daí que Oriente e Ocidente permaneçam opostos.

De alguma forma, a oposição é compreensível, e Rudyard Kipling tinha razão ao dizer: «Ocidente é Ocidente, e Oriente é Oriente, e nunca os dois se têm que encontrar.» Tem razão até certo ponto. Enfatiza o que estou dizendo.

Ocidente só olhou dentro da mente, sem fixar-se em quem está olhando dentro da mente. É muito estranho. Os assim chamados grandes cientistas estão tratando de olhar dentro da mente, e ninguém se está preocupando sobre quem está olhando.

H. G. Wells não era mau, era um bom homem, um santarrão. De fato muito doce para meu gosto, um poquito muito parecido ao açúcar branco. Mas de todas maneiras não deveria ter em conta meu gosto próprio; vós têm seus próprios gostos, e não todo mundo é diabético. Não só sou diabético, também estou em contra do açúcar branco. Inclusive antes de me inteirar que tinha diabetes estava contra o açúcar branco; chamo-o «o veneno branco». Devo ter possivelmente algum pequeno prejuízo em contra do açúcar branco.

Mas H. G. Wells, embora muito cheio de açúcar branco, não só é isso. de vez em quando lhe ocorriam umas intuições extraordinárias. Por exemplo, sua idéia de uma máquina do tempo. Tinha a idéia de que um dia tiraria o chapéu uma máquina que pudesse retroceder no tempo. Entende o que isto pode supor? Significa que pode retornar a sua infância, entrar no ventre de sua mãe, ou possivelmente, se for hindu, a suas vidas passadas, possivelmente como um elefante, ou uma formiga, ou qualquer outra coisa. A gente pode simplesmente retroceder ou a gente pode ir para diante.

A idéia em si mesmo é muito perspicaz. Não sei se haverá nunca umas máquinas assim ou não, mas houve gente que podia deslocar-se no tempo com tanta facilidade como você pode te mover. Tem algum problema para retornar a seu passado? Da mesma maneira, os mais atrevidos retornaram a suas vidas passadas.

Possivelmente essa palavra poderia não estar autorizada, mas não me importa. A mim «vida passada»me parece totalmente correto. Quando algo lhe parece correto a um homem tão incorreto como eu pode ter a segurança de que deve estar bem. Tem que estar bem.

Disse-lhe basta ao Masto de repente, mas em certo modo logo me esteve torturando todo o dia. Você sabe que não me pode torturar, sabe que tampouco

posso ser infeliz, mas a idéia de ter finalizado de um modo tão abrupto me faz voltar a recordar um incidente que está diretamente relacionado com o Masto.

Tinha vindo para me levar a estação do Allahabad. No fundo não queríamos nos separar nunca, em especial esse dia. O motivo só esteve claro mais tarde, mas isso não tinha nada que ver com isto. Agora só o mencionarei e lhes explicarei os detalhes mais tarde. Tinha-me acompanhado para me despedir, porque me disse que provavelmente durante dois ou três meses não teria a possibilidade de me visitar, por isso enquanto pudesse estar comigo gostaria de estar.

-Esperemos que o trem venha com atraso

-disse Masto.

-Que tolice está dizendo, Masto? -disse-lhe-. Tornaste-te louco? Trens índios e tem que esperar que se atrasem?

O trem chegou, é obvio com seis horas de atraso, o que não é muito para um passageiro de um trem índio, só o normal. Mas não nos podíamos separar. Seguimos falando, e nos abstraíamos tanto falando que perdemos o trem. Os dois pomos-se a rir. Estávamos contentes do menos poder acontecer umas horas mais juntos antes de que chegasse outro trem.

Ao escutar nossa conversação, nossa risada, e a razão de nossa risada, o chefe de estação nos disse:

-por que estão perdendo o tempo nesta plataforma? Podem ir à plataforma de em frente.

-por que? -perguntei-lhe.

-Ali só param os trens de mercadorias -respondeu-me-, ou seja, que podem falar, lhes abraçar e passado bem, e não lhes terão que preocupar de agarrar o trem. Nessa plataforma não o podem agarrar.

Disse ao Masto que a idéia soava muito espiritual. O chefe de estação estava pensando que lhe íamos golpear na cabeça, mas quando os dois lhe demos as obrigado e fomos à outra plataforma, veio correndo detrás nosso dizendo:

-Por favor, não lhes tomem a sério. Só estava brincando. me acreditem, ali só se detêm os trens de mercadorias. Nunca agarrarão nenhum trem nessa plataforma.

-Não quero agarrar nenhum trem -disse-lhe-, e Masto tampouco, mas, o que lhe vamos fazer?

Nosso anfitrião onde nos estávamos ficando insistiu muito em que era hora de retornar à hospedaria universitária, aduzindo que meu tempo não deveria ser desperdiçado.

E Masto também queria que pelo menos conseguisse uma licenciatura, de acordo aos desejos de meu querido amigo Pagal Baba. Ou seja, que tive que ir. Não me acreditarão, mas só segui na universidade porque lhe tinha prometido ao Pagal Baba conseguir uma licenciatura. A universidade me concedeu uma beca para estudos posteriores, mas pinjente que não, porque tinha prometido estudar só até este ponto.

-Está louco? -disseram-me-. Inclusive se começar diretamente a trabalhar não poderá conseguir mais dinheiro de que conseguiria com a beca. E a beca pode prolongar-se dos dois anos até o que seus professores recomendem. Não perca esta oportunidade.

-Baba deveria me haver pedido que fizesse um doutorado -disse eu-. O que posso fazer eu? Nunca me pediu isso, e morreu sem sabê-lo.

Meu professor tratou por todos os meios de me convencer, mas lhe disse:

-Simplesmente, esquece-o, porque só vim aqui a cumprir uma promessa que fiz a um louco.

Possivelmente se Pagal Baba tivesse sabido do doutorado em Filosofia ou do doutorado em Literatura então eu teria estado apanhado. Mas graças a Deus só conhecia a licenciatura. Acreditava que era a última palavra. Realmente não sei se queria que continuasse com meus estudos. Agora não há maneira se soubesse. Uma coisa é certa: se ele tivesse querido, eu teria ido e desperdiçado todos os anos que fossem necessários. Mas não era uma satisfação para meu próprio ser, nem tampouco o era a licenciatura. Por alguma razão, Pagal Baba tinha a idéia de que como não tivesse um graduado em algo, ou um pós-graduado, não seria capaz de conseguir um bom trabalho.

-Pagal Baba -disse-lhe-, crie que alguma vez desejarei um trabalho?

Ele se pôs-se a rir e me disse:

-Sei que não o desejará, mas só no caso de. Só sou um ancião, e penso sempre no pior. escutaste este provérbio: «Espera o melhor, mas te prepare para o pior.» Ele acrescentou algo mais. Baba disse:

-te prepare para o pior. Um não deve encontrar-lhe sem estar preparado; de outro modo, como o vais encarar?

Ao Masto não lhe pode dizer adeus com facilidade, por isso abandonarei a idéia. Sempre que aparecer está bem. Esta não vai ser uma autobiografia ortodoxa ou convencional. Nem sequer é uma autobiografia, só fragmentos de uma vida refletida em mil espelhos.

Uma vez estive hospedado em um lugar chamado o Palácio dos Espelhos. Estava feito só de espelhos. Era horrível, viver nele era muito complicado, mas possivelmente fui a única pessoa que o desfrutou. O rajá proprietário do palácio estava assombrado. Disse-me:

-Sempre que coloco aí a um hóspede, depois de umas horas me diz: «Por favor, me tire daqui, é muito.» Ver tanta gente como você a seu redor..., e tudo o que faz, repetem-no outros. Se te rir, riem; se chorar, choram; se abraçar a sua garota, todos a abraçam... É horrível. Sente que só é um espelho, e todos os espelhos parece que o estão fazendo inclusive melhor que você!

Disse-lhe ao rajá:

-Não quero trocar nada. De fato, se quer vender este palácio estou disposto a comprá-lo e convertido em um centro de meditação. Será muito divertido. A gente sentada olhando-se a si mesmo desde todas as direções; por todos os lados, milhares de miniaturas de si mesmos.

-Poderiam voltar-se loucos, que de todas maneiras não seria nenhuma calamidade. Voltarão-se loucos antes ou depois em alguma outra vida; só que demorarão um pouco mais. Eu o farei mais rápido. Acredito em métodos do tipo café instantâneo. Mas se podem relaxar-se em meio de uma multidão e não estar preocupados; se podem aceitá-lo e dizer: «De acordo, obrigado por me rodear durante tanto tempo», e além disso permanecer centrados, iluminarão-se. De qualquer maneira se beneficiarão.

A loucura é cair por debaixo da mente. Existe uma loucura que está por cima da mente; essa loucura é a iluminação. Isto é algo anormal; por isso os pobres psicólogos não estão equivocados quando pensam que a gente como Jesus ou Buda são anormais. Mas deveriam ter um pouco de sensibilidade com as palavras.

Se usarem a mesma palavra «anormal», para os internos de um manicômio, com que cara podem utilizar a mesma palavra para o buda? Deveriam utilizar «supranormal». Os budas e os loucos certamente não são normais; nisso estamos

de acordo. Uns estão por debaixo da normalidade, outros por cima da normalidade. Ambos são anormais, estamos de acordo, mas necessitam diferentes classificações. E a psicologia não tem um oco para o que eu chamo «a psicologia dos budas».

Masto efetivamente era um buda. Não posso dizer só: «Obrigado, até a próxima», pela singela razão de que tem feito muito por mim. «Obrigado» é muito pequeno e além inadequado. Ninguém faz tanto por ninguém.

Por isso não há uma palavra para isto, ninguém a necessita. E não posso dizer «Até a próxima», porque nem ele nem eu vamos estar de novo neste mundo. O encontro é por sua própria natureza impossível. Por isso o único modo é permitir que apareça sempre que acontecer. E desta maneira estas memórias terão seu próprio sabor. Chegadas e saídas repentinas e abruptas.

Por isso saco ao Masto de novo. Ele não era o mesmo tipo de homem que Pagal Baba. Pagal Baba era simplesmente um místico; Masto além disso era um filósofo. De noite nos tombávamos durante horas às bordas do Ganges discutindo todo tipo de coisas. Desfrutávamos pelo mero feito de estar juntos, discutindo ou permanecendo em silêncio. O mesmo Ganges, onde se cantaram por primeira vez os Upanishads, onde Buda repartiu seu primeiro sermão, onde Mahavira viajou e pregou... Um não se pode imaginar o misticismo oriental sem os Himalayas e o Ganges. De fato ambos contribuíram imensamente.

Lembrança a beleza desse silêncio... Sentávamo-nos durante horas. de vez em quando inclusive dormíamos ali, na areia, porque Masto havia dito: -Esta noite é tão formosa que seria um insulto ir-se à cama. As estrelas estão tão perto -essa foi a palavra que utilizou, «insulto». Estou simplesmente citando.

-Masto, sabe que eu gosto das estrelas -disse-lhe-, e especialmente quando estão refletidas no rio. As estrelas são belas, mas seu reflexo é um milagre. O que a água faz com tanta simplicidade só se pode comparar com os sonhos. Amo as estrelas, o rio, o reflexo das estrelas e amo sua companhia e seu calor. Não faz falta nem que pergunte se ficamos. Nunca conte comigo, nem por um só momento, quando quiser fazer algo, porque inclusive essa consideração me doeria. Demonstraria-me que estou sendo uma carga para ti.

-O que! -disse-me-. Não hei dito nada de que esteja sendo uma carga para mim.

-Você não o há dito -respondi-lhe-, ninguém o há dito. Lhe estava dizendo isso para e! futuro. Recorda-o, se tomar em consideração por alguma razão me diga isso porque me sentirei muito ofendido de que me tenham em consideração.

O disse esse dia e fossas o contarei a vós, que Gurdjieff teve uma estranha idéia. Não acredito que nenhum professor a tenha considerado. Não é que não tenha chamado a suas portas, mas penso que ninguém era o tipo de pessoa apropriado para recebê-la e responder a ela.

Gurdjieff estava acostumado a dizer: -Por favor, nunca, nunca tenha em conta a outros, é um insulto -ele tinha essas palavras escritas em sua porta. É uma afirmação enormemente importante.

A gente se obriga mutuamente a se ter em conta. Dizem:

-Por favor, ten em conta.

O que pode ser mais humilhante que decide a alguém:

-Por favor, ten em conta.

Em toda minha vida nunca lhe hei dito isto a ninguém, nem a uma só pessoa.

Lembrança muitas situações nas que só pronunciar estas palavras me tivesse ajudado muitíssimo, mas são muito humilhantes. Não é o ego, recordá-lo. O egoísta

sempre está pedindo consideração; de fato mais que isso, porque não é uma pessoa ordinária, tem que ser considerado antes. Uma pessoa realmente humilde não pode pedir consideração, de fato rechaçará qualquer consideração incluso se a dão.

Na universidade era um estudante pobre. Cheguei à universidade fazendo todo tipo de trabalhos. Uma vez mais, só por coincidência, participei de um concurso de debates a nível nacional entre universidades. Um dos juizes, que é agora o diretor de! departamento de Filosofia da Universidade do Allahabad, S. S. Roy, apaixonou-se por mim. E o mesmo era certo de minha parte.

Deu-me noventa e nove pontos sobre cem; era um dos juizes no debate. Naturalmente, ganhei. Era um debate muito importante porque o ganhador se ia gira durante três meses ao oriente Médio como convidado de! governo. ia ser tratado quase como um embaixador. Era uma grande oportunidade.

S. S. Roy me deu noventa e nove sobre cem, e a todos outros deu zero, só para estar seguro de que ganharia. Mais tarde lhe perguntei:

-por que foi tão parcial comigo?

-No momento em que olhei aos olhos hipnotizei -respondeu-me-. Minha mulher diz que me tem hipnotizado; de outro modo, como pude fazer uma coisa assim? Se alguém olhe sua folha, a parcialidade será muito evidente: noventa e nove de cem e só zero para e! resto dos participantes!

-Não -disse-lhe-, eu não te perguntei por que me deste noventa e nove por cento; essa é a pergunta de sua mulher. Possivelmente outros lhe puderam perguntar isso. Eu vim a te perguntar por que não me deu o cem por cem.

Durante um momento me olhou atônito. Então se pôs-se a rir e me disse:

-Eu era um dos devotos da Masta Baba. Ele tinha razão quando me disse: «Uma vez que veja este homem não me necessitará.» E Masta Baba me disse isto dois ou três anos antes de desaparecer. Agora posso dizer verdadeiramente que não estava hipnotizado: era somente que seus olhos recordaram a seus olhos. Vi ao Pagal Baba, e é extraordinário como seus olhos são quase iguais. Como aconteceu, não sei.

-Não são os olhos, é sua transparência o que os faz parecer iguais -disse-lhe-. Estou feliz de que lhe tenham recordado ao Pagal Baba e a Masta Baba por uma razão que para mim é a maior recompensa do mundo, que em meus olhos tenha visto algo do mesmo. Agora não tenho nada que te perguntar exceto: «por que não cem por cem?»

-Sou um pobre professor -disse ele-. Se te der o cem por cem e lhes dou zero ao resto dos onze participantes, parecerá que não estou sendo justo. Sou justo mas, entenderão-o? Onde encontrarei a Masta Baba ou Pal Baba para que o entendam? Dei-te o noventa e nove por cento por culpa de minha covardia.

amei a esse homem porque era capaz de reconhecer simplesmente que era um covarde, apesar de que tinha cometido uma ação muito pouco covarde, porque, que diferença tivesse havido em um por cento? Noventa e nove por cento para uma pessoa, e zero para outros? É o mesmo. Podia-me ter dado um cem por cem, ou possivelmente mais.

Mas esse debate, e sua lembrança do Pagal Baba e Masta Baba, foram o motivo de que permanecesse na Universidade do Sagar. Ele estava ali naquele momento. Disse-lhe:

-Se me tiver que postgraduar, que seja contigo.

Era vontade do Pagal Baba, e também da Masta Baba, que estivesse preparado em caso de que em algum momento o necessitasse. Nunca necessitei

nada. Não só nunca necessitei nada, mas também fui agradável constantemente com coisas por todos os lados. Por isso lhes digo que algo foi bem desde o começo.

S. S. Roy foi um de meus professores mais queridos, pela singela razão de que era capaz de me pedir que me levantasse em meio da classe e que explicasse algo que ele não podia entender. E o tinha que fazer. Uma vez lhe disse:

-Roy Sahib -é assim como estava acostumado a lhe chamar-, não me parece bem que me pergunte , a seu aluno.

-Se Pagal Baba podia te tocar os pés -disse ele-, e se Masta Baba não só lhe podia tocar isso mas também tinha que cumprir qualquer demanda racional ou irracional que lhe fizesse -e eu fui irracional desde o começo, simplesmente irracional-, então por que não te posso perguntar? Só sou um pequeno homem.

conheci centenas de professores como professores, como colegas e conhecidos, mas S. S. Roy é outra coisa. Era tão autêntico que não poderia encontrar tanta autenticidade em nenhum outro professor. E lhe gostava tão do que lhe estava acostumado a dizer, que estava acostumado a me citar em seus bate-papos, e não só fazer uso da entrevista, mas também se referia a elas como minhas afirmações. É obvio outros estudantes estavam ciumentos. Inclusive outros professores do departamento de Filosofia estavam ciumentos. Surpreenderá-te saber que inclusive sua mulher estava ciumenta.

Cheguei a me inteirar por acaso. Um dia fui a sua casa e ela me disse: -O que! começaste a vir aqui? Ele está louco por ti. Desde que está em seu departamento nossa vida amorosa está destroçada. gelou-se.

-Não voltarei nunca para esta casa de novo -disse-lhe-; mas recorda, isso não arrumará as coisas. Um dia terá que vir para mim -e não voltei para essa casa.

depois de um ano, mais ou menos, sua mulher teve que vir para ver-me e me disse:

-me perdoe, por favor. Vêem, só você pode nos reconciliar.

-Meu trabalho de separar ou reconciliar casais não começou ainda -disse-lhe-. Terá que esperar.

Ela se pôs-se a chorar e por isso tive que ir. Não disse nada ao S. S. Roy. Simplesmente, sentei a seu lado lhe agarrando a mão e depois de uma hora fui dizer uma só palavra. E isso bastou; a alquimia funcionou. Há uma magia no silêncio.

Quanto tempo fica?

-Três minutos, Osho

Bem, porque o máximo é meu princípio.

Toda a trindade está disponível..., podemos fazer milagres.

acabou-se o tempo? Então se acabou.

Sessão 35

De acordo. estive escutando ao Ravi Shankar tocar o sitar. Tem tudo o que alguém possa imaginar: a personalidade de um cantor, a mestria de seu instrumento e o presente da inovação, que é muito estranho nos músicos clássicos. Está enormemente interessado em todo o novo. Há meio doido com o Yehudi Menuhin; nenhum outro instrumentista hindu de sitar seria capaz de fazê-lo, porque até agora não se feito nada pelo estilo. Sitar com violino? Está louco? Mas todos os inovadores estão um pouco loucos; por isso mesmo são capazes de inovar.

As pessoas que se dizem sões vivem vistas ortodoxas desde que se levantam até que se deitam. Desde que se deitam até que se levantam, é melhor não dizer nada, não é que eu tenha medo de dizê-lo. Estou falando deles». Vivem segundo as normas, disciplinadamente.

Mas os inovadores devem sair-se das normas. Às vezes a gente deveria insistir em não seguir as normas pelo puro prazer de não as seguir, e dá resultados, me acreditem. Dá resultados porque sempre te leva a um território novo, talvez ao de seu próprio ser. O médium pode ser distinto, mas a pessoa que há em seu interior, tocando o sitar, o violino ou a flauta, é a mesma: diferentes caminhos que conduzem ao mesmo lugar, diferentes linhas do círculo que conduzem ao mesmo centro. Os inovadores tendem a ser algo loucos e informais..., e Ravi Shankar o foi.

Antes que nada: ele é um pandit, um brahmin, e se casou com uma garota muçulmana. Na Índia não se pode fazer isto nem em sonhos, um brahmin casando-se com uma muçulmana! Ravi Shankar o fez. Mas não era uma garota muçulmana qualquer, mas sim além disso era a filha de seu professor. Isso é ainda menos convencional. Significa que durante anos o esteve ocultando a seu professor. É obvio, o professor autorizou o matrimônio assim que soube. Não só o autorizou, mas também fez os preparativos.

Ele também era um revolucionário, e de muita maior fila que Ravi Shankar. chamava-se Allauddin Khan. fui visitar lhe com o Masto. Masto me estava acostumado a levar a conhecer gente estranha. Allauddin Khan era, sem dúvida, uma das pessoas mais singulares que conheci. Era muito velho; morreu detrás ter completado um século.

Quando lhe conheci estava olhando ao chão. Masto tampouco dizia nada. Eu estava um pouco desconcertado. Dava- um beliscão ao Masto, mas ficou como se não lhe tivesse feito nada. Voltei-lhe a beliscar mais forte, mas seguiu como se não tivesse passado nada. Então lhe belisquei de verdade e disse:

-Ai!

Vi os olhos do Allauddin Khan; apesar de ser tão velho os sulcos de sua cara eram uma lição de história. Tinha vivido a primeira revolução na Índia. Foi em 1857 e se lembrava, assim devia ter idade suficiente para lembrar-se. Tinha visto acontecer todo o século, e o único que fez durante todo este tempo foi tocar o sitar. Oito horas, dez horas, doze horas ao dia; assim é o método clássico hindu. É uma disciplina e se não o pratica perde em seguida o domínio. É muito sutil... Só está aí quando tem certo grau de preparação; do contrário se vai. conta-se que um professor disse:

-Se não praticar durante três dias, o público o nota. Se não praticar um dia, meus alunos o notam. Quanto a mim, não posso parar nem um momento. Preciso praticar e praticar, se não, noto-o em seguida. Inclusive pelas manhãs, depois de ter dormido bem, noto que perdi um pouco.

A música clássica hindu é uma disciplina muito dura, mas se lhe impõe isso te dá uma grande liberdade. Se quer nadar no mar, por seuposto, tem que praticar. E se quer voar no céu, naturalmente, é óbvio que se precisa de uma grande disciplina. Mas não lhe pode impor isso ninguém. Algo imposta se volta feia. Assim é como se voltou desagradável a palavra «disciplina», porque se associa com o pai, a mãe, o professor, e todas as pessoas que não têm nem idéia da disciplina. Não conhecem seu sabor.

O professor estava dizendo:

-Se não praticar umas horas ao dia ninguém se dá conta, mas eu noto a diferença.

Alguém deve praticar continuamente, e quanto mais pratica, adquire mais prática de praticar, volta-se mais fácil. Pouco a pouco, seucede uma mudança onde a disciplina já não é uma prática, a não ser um prazer.

IHablo da música clássica, não de minha disciplina. Minha disciplina é desfrutar do primeiro instante, ou do começo do desfrute. Falarei-lhes disto mais tarde...

escutei ao Ravi Shankar muitas vezes. Tem o toque, o toque mágico que só possuem umas poucas pessoas neste mundo. Começou a tocar o sitar por acaso; algo que tivesse cansado em suas mãos se teria convertido em seu instrumento. Sempre é graças ao homem, não ao instrumento. apaixonou-se pela vibração do Allauddin, e este era um músico de muita mais esculpe, milhares do Ravi Shankares juntos, melhor dizendo, todos eles, costurados um junto ao outro não dariam sua talha. Allauddin era, sem lugar a dúvidas, um rebelde; não só um inovador mas também uma fonte original de música. Contribuiu com muitas coisas à música.

Hoje em dia, quase todos os grandes músicos da Índia são discípulos deles. Não é ilógico. Vinham todo tipo de músicos, só para prostrar-se aos pés do Baba: intérpretes de sitar, bailarinos, flautistas, atores e o que sei eu. Lhe conhecia por «Baba»; porque, quem lhe ia chamar Allauddin?

Quando lhe conheci tinha mais de noventa anos. Era um Baba, naturalmente; converteu-se em seu nome. Ensinava a tocar toda classe de instrumentos a muitos tipos de músicos. Podia lhe trazer qualquer instrumento e ficava a tocar como se não tivesse feito outra costure em toda sua vida mais que tocar esse instrumento.

Vivia muito perto da universidade onde eu estava, só a umas horas de viagem. Estava acostumado a ir visitar lhe de vez em quando, sempre que não houvesse um festival. Faço esta elucidação porque sempre havia festivais. Certamente, fui o único que lhe perguntou:

-Baba, poderia-me dizer em que datas não há festivais aqui?

Olhou-me e me disse:

-De modo que também vais tirar me esses dias?

E com um sorriso me deu entrevista para três dias. Em todo o ano, só havia três datas que não houvesse festivais. A explicação é que havia todo tipo de músicos com ele, hindus, muçulmanos, cristãos, havia todo tipo de festivais, e ele o permitia. Era realmente um patriarca, um santo benfeitor.

Eu estava acostumado a ir ver lhe esses três dias, quando estava sozinho e não estava rodeado de gente.

-Não te quero interromper -disse-lhe-. Pode estar sentado em silêncio. Se gostar, pode tocar a veena ou fazer qualquer outra coisa. Se quer recitar o Corán, eu adorarei. vim só para estar aqui, em sua atmosfera -ficou a chorar como um menino. Demorei um tempo em lhe secar todas as lágrimas e lhe disse-: Ofendi-te?

-Não, absolutamente -respondeu-. Há-me meio doido tanto o coração que não pude fazer outra coisa mais que chorar. E já sei que não deveria chorar: sou velho e não é o mais oportuno, mas é que terá que ser oportunos todo o tempo?

-Não; pelo menos não enquanto eu esteja aqui -disse-lhe. pôs-se a rir, as lágrimas em seus olhos, e a risada em sua cara..., ver ambas as coisas juntas era um regozijo.

Masto me apresentou isso. por que? Só direi umas coisas mais antes de poder responder...

escutei ao Vilayat Khan, outro grande intérprete do sitar, possivelmente melhor que Ravi Shankar, embora não é um inovador. É totalmente clássico, mas

quando lhe escuto eu gosto até a música clássica. Normalmente, eu não gosto do clássico, mas ele toca com tanta perfeição que não o pode evitar. Acaba-te gostando, não depende de ti. Quando agarra um sitar em suas mãos, perde o controle. Vilayat Khan é música clássica pura. Não permite nenhuma corrupção; não admite o popular. Refiro-me ao pop, porque no Ocidente, se não dizer pop, não se entende que é popular. É o mesmo que o antigo «popular» só que resumido, mal talhado, lhe sangrem.

escutei ao Vilayat Khan, e eu gostaria de lhes contar a história de um de meus discípulos mais ricos. Foi ao redor de 1970, porque após não soube nada deles. Ainda andam por aí, fiz averiguações sobre seu estado, mas o sannyas assustou a muita gente, particularmente aos ricos.

Esta era uma das famílias mais ricas da Índia; surpreendi-me quando a esposa me disse:

-É o único a quem o posso contar, há dez anos estou apaixonada pelo Vilayat Khan.

-O que tem que mau nisso? Vilayat Khan?

Não é nenhuma ofensa -respondi-lhe.

-Não o entende -disse-me-, não me refiro ao sitar; refiro a ele.

-Claro! O que faria com o sitar se não estivesse ele? -disse-lhe.

deu-se um golpe na cabeça com a mão e me disse:

-É que não entende nada de nada?

-Quando lhe Miro, parece que não -respondi-lhe-. Embora sim entendo que ama ao Vilayat Khan. Está perfeitamente bem. Só te estou dizendo que não há nada mau nisso.

Ao princípio me olhou com cepticismo, porque na Índia, se lhe disser algo assim a um religioso (uma esposa hindu que se apaixona por um músico, um cantor ou um bailarino muçulmano), pode estar seguro de que não te voltará a dar sua bênção. Possivelmente não te amaldiçoe, mas o mais provável é que o faça; e se te pode perdoar seria muito moderno, ultramoderno.

-Não há nada mau nisso -disse-lhe-. Ama, ama a quem quer. O amor não conhece barreiras de casta ou de credo.

Olhou-me como se fosse eu o que se apaixonou e ela fosse uma Santa. -Está-me olhando como se me tivesse apaixonado eu dele -disse-lhe-. Isso também é certo. eu gosto como touca, mas eu não gosto dele. É muito arrogante, o qual é comum entre os artistas.

Ravi Shankar é ainda mais arrogante, possivelmente também porque é um brahmin. É como ter duas enfermidades de uma vez: a música clássica e ser brahmin. E sua enfermidade tem além disso uma terceira dimensão, porque está casado com a filha do Allauddin; é seu genro.

Allauddin era tão venerado que ser seu genro é prova suficiente de que é grande, de que é um gênio. Mas, desgraçadamente para eles, eu também tinha ouvido tocar ao Masto. E quando lhe ouvi pinjente:

-Se o mundo soubesse que existe, esqueceriam-se e perdoariam a todos os Ravis Shankares e aos Vilayat Khans.

-O mundo nunca saberá nada de mim -respondeu Masto-. Você será meu único ouvinte. Causará-lhes surpresa saber que Masto tocava muitos instrumentos. Era um autêntico gênio versátil, era uma mente muito fértil e era capaz de criar coisas belas a partir de um nada. Pintava sem nenhum sentido, como nem sequer teria podido fazê-lo Picasso, e com tanta beleza que, certamente, nem Picasso poderia fazê-la. Mas destruía suas pinturas dizendo:

-Não quero deixar rastros na areia do tempo.

Em ocasiões, tocava música com o Pagal Baba; por isso lhe perguntei:

-O que sabe de Baba?

-Reservo meu sitar para ti -respondeu-; nem sequer o escutou Baba. Tenho outra coisa reservada para Baba; assim, por favor, não me faça perguntas. Possivelmente não a ouça.

Naturalmente, eu queria saber do que se tratava. Tinha curiosidade, mas lhe disse:

-Agüentarei-me a curiosidade. Não perguntarei a ninguém; embora poderia perguntar-lhe a Baba e ele não me mentiria, mas não o vou fazer, prometo-lhe isso. Ele riu e disse:

-Nesse caso, quando Baba já não esteja neste mundo, tocarei-te esse instrumento, porque só então poderei tocá-lo para ti ou para outros, antes não.

O dia que Pagal Baba deixou de estar entre nós, o primeiro que me ocorreu foi:

-De que instrumento se tratava? Agora é o momento... -censurei-me, amaldiçoei-me, mas dava igual. Uma e outra vez me vinha à mente:

-De que instrumento falava Masto? A curiosidade está profundamente arraigada

no homem. Não foi a serpente a não ser a curiosidade, o que tentou a Eva e também ao Adão, e assim sucessivamente..., até a data. Parece-me que seguirá persuadindo eternamente às pessoas. A curiosidade faz procurar às pessoas afanosamente. É um estranho fenômeno. É obvio, não foi grande coisa. Já lhe tinha ouvido tocar outros instrumentos; provavelmente, fosse mais destro neste mas, iY o que! morreu uma pessoa e só pensa que agora Masto te terá que tocar o instrumento..., é humano.

Menos mal que as pessoas não têm janelas em cima da cabeça; se não, todo mundo poderia ver o que passa aí dentro. Seria uma verdadeira confusão, porque o rosto finge que são algo totalmente distinto, é um personagem, uma máscara. Como são em seu interior? Uma corrente de mil coisas.

Se tivéssemos janelas na cabeça nos resultaria muito difícil viver. Mas estive contemplando esta idéia. . ., ajudaria tremendamente às pessoas a permanecer em silêncio, de modo que qualquer poderia olhar dentro de sua cabeça e dar-se conta que não há nada que ver. Os que estão em silêncio sorririam olhando a seus vizinhos e diriam:

-Olhem, meninos, olhem. Olhem tudo o que queiram -mas a cabeça não tem janelas. Está totalmente selada.

Quando morreu Baba só pensava no instrumento do Masto. me perdoem, mas decidi dizer toda a verdade, seja o que seja. E vos lembrança que lhes vou contar dure isso o que dure. Devageet, Devaraj e Ashu, possivelmente tarde anos em contá-lo, e depois vá dizer que quero o ter acabado rápido; portanto, não deixem que se amontoe.

Não dependam do manhã sob nenhum conceito. Façam hoje; só assim serão capazes de fazê-lo. Sem lhes dar conta têm cansado em uma armadilha. Acaso criem que estou apanhado em uma ratoeira? Esqueçam! Pilhei-lhes aos três e agora o laço se irá estreitando cada dia mais; não têm escapatória.

Sim; há uma mulher -que aparecerá em algum ponto deste relato, porque significa muito para mim- que me disse um pouco parecido. A sua maneira é estranha; tudo o que me deu sempre foi o primeiro: o primeiro relógio, a primeira máquina de escrever, o primeiro carro, o primeiro magnetófono, a primeira

câmara. Não sei como as arrumou, mas sempre foi o primeiro. Falarei-lhes dela depois. recordem-me isso quando chegar o momento.

Contou-me que o único que lhe pesava no coração era que sentiu fome quando morreu a mãe de seu marido.

-O que tem que mau em ter fome? -perguntei-lhe.

-Crie que está bem? -disse-, morre minha sogra, está aí tombada diante de mim e eu tenho tanta fome que só posso pensar em comida: paratha, bhajia, pulau, rasogulla. Nunca o hei dito a ninguém -confessou-me-, porque pensei que não me perdoariam.

-Não há nada mau nisso -disse-lhe-. O que lhe vais fazer? Não a mataste você. De todas formas, cedo ou tarde a gente tem que começar a comer, e quanto antes melhor. Quando a gente vai comer, pensa no que gostaria de comer.

-Está seguro? -perguntou.

-Quantas vezes o tenho que repetir? -disse-lhe.

Quando me contava compreendi isso como se sentia, porque me lembrei de quando morreu Baba e do primeiro pensamento que tive. Os pensamentos realmente são estranhos..., eu pensei para meus adentros:

-Que instrumento tocará Masto? -é obvio, assim que vi o Masto lhe disse-: Agora.. .

Ele respondeu: -De acordo.

Não cruzamos nenhuma outra palavra. Em seguida me entendeu e, pela primeira vez, tocou a veena para mim. Nunca a havia meio doido antes para mim. É uma espécie de violão mas mais complicada e, é obvio, alcança cotas às que o sitar não pode chegar e abismos onde o sitar fica a metade de caminho.

-A veena! -pinjente-. Masto, queria-me negar esta experiência?

-Não; nunca -disse-, mas quando estava com Baba ainda não te conhecia, e lhe tinha prometido que não tocaria este instrumento para ninguém enquanto ele vivesse. Agora você é para mim Pagal Baba; sempre pensarei isto de ti. Agora posso tocar para ti. Não te estava ocultando nada, mas não te conhecia quando fiz essa promessa. Agora já se acabou.

Meus ouvidos não davam crédito do que me tinha estado ocultando.

-Masto -disse-lhe-, sabe que isso não está bem entre amigos.

Olhou ao chão e não disse nada. Era a primeira vez em minha vida que lhe via triste.

-Não -disse-lhe-. Não faz falta que te aflija nem fique triste. ocorreu o que ocorreu; já não tem nada que ver conosco.

-Não estava triste, estava envergonhado -respondeu-. Sentido é algo que se vai com facilidade, mas estar envergonhado..., pode limpá-lo, mas segue aí. Pode voltá-lo para lavar e segue aí.

O sentimento de vergonha é algo que só ocorre aos que são realmente grandes. Não lhe acontece às pessoas corrente; não sabem o que é sentir-se envergonhado. De repente isto recorda-me uma coisa... Que horas são?

-As dez e vinte e dois, Osho. De acordo.

Não era pela hora. Nunca me lembro da hora, e vós sabem. Às vezes, realmente é muito. Vós estão famintos, preparados para sair correndo a Madalena (cafeteria da comuna)... E eu sigo falando. Evidentemente, não me podem parar. Só eu posso fazê-lo. Não só isso, inclusive lhes assinalo quando terá que parar dizendo: -Stop -é um velho costume. Não; tinha-me acordado de outra coisa, não da hora.

Masto se alojava em casa de meu Nani. Era minha casa de hóspedes. Em casa de meu pai não havia sítio nem para o anfitrião, e muito menos para o

hóspede. Estava repleta de gente, não acredito que o Arca do Noé estivesse mais lotada. Havia todo tipo de seres. Que mundo! Sim; era quase um mundo. Mas a casa de meu Nani estava quase vazia: é como eu gosto as coisas, vazias.

A palavra inglesa empty (vazio) não expressa o que quero dizer. A palavra correta é shunya e, por favor, não lhes lembrem do doutor Eichling porque seu nome -o nome que eu lhe pus- seja Shunyo. Eichling parece chinês, ou algo assim. Que nome é esse: I-kling? Não pode ser americano; quando se barbeou a barba parecia um chinês. Cruzei-me isso por acaso e não lhe pude reconhecer.

-O que te aconteceu? -perguntei-lhe. Gudia o reconheceu e disse:

-É Shunyo.

-Menos mal que me há isso dito -exclamei-, se não, lhe teria pego. Parece um chinês totalmente. Porquê te barbeaste a barba? -perguntei-lhe.

-Porque vou fazer práticas no Madrás -respondeu.

-meu deus! -pinjente-. Se a gente for ao Madrás a fazer práticas se tem que barbear a barba?

De fato, se examinar a história da medicina, todos os grandes médicos, por alguma estranha razão, têm barba. Possivelmente não tivessem tempo de barbear-se ou não tinham mulheres; que mais dá!

-Quem te há dito que para ser médico na América te tem que barbear a barba? -perguntei-lhe-. passaste que ser Shunyo a ser o doutor Eichling outra vez? É um gato ou algo assim? Dizem que os gatos têm nove vistas; quantas vistas têm você, senhor Eichling?

A casa de meu Nani era realmente shunyo. Estava muito vazia, como deveriam ser os templos, e a conservava muito limpa. Eu gosto de Gudia por muitas razões; uma delas é porque o mantém tudo muito limpo. Inclusive me critica !Naturalmente, se encontrar algum defeito, quanto ao que se refere a limpeza, sempre lhe dou a razão. Tem a mesma sensibilidade que tinha meu Nani. Provavelmente, os homens não tenham essa qualidade que por natureza têm as mulheres. É horrível ver uma mulher sujada. Um homem sujo está bem; ao fim e ao cabo, só é um homem e lhe pode tolerar. Mas a mulher, sem sabê-lo, mantém-se poda a si mesmo e a tudo o que lhe rodeia. E Gudia é inglesa, autenticamente inglesa. Só há dois autênticos ingleses, Gudia e Sagar..., em todo mundo, quero dizer.

Meu Nani lhe dava tanta importância à limpeza que, no que respeita a ela, a limpeza vai por diante de Deus. Estava todo o dia limpando… para quem? Eu era o único ali. Chegava de noite e pela manhã me tinha ido. E esta mulher se mantinha ocupada limpando todo o dia.

Em uma ocasião lhe perguntei:

-Não te cansa? Ninguém te pede que o faça.

-Limpar me ajudou muito -respondeu-me-. Tornou-se quase como uma oração. Você é minha hóspede. Já não vive aqui, verdade? É um hóspede. Tenho que arrumar a casa para minha hóspede.

Na Índia revistam dizer: «O hóspede é o rei.. .».

Ela dizia:

-Você é meu deus.

-Está louca, Nani? -perguntei-lhe-. Seu deus? Você nunca acreditaste em nenhum deus.

-Só acredito no amor, e o encontrei -disse-. Agora você é minha único hóspede em meu templo de amor. Tem que estar tão limpo como é possível.

Sua casa se converteu em uma casa de hóspedes, não só para mim, mas também para minhas hóspedes também. Sempre que vinha Masto se estava acostumado a ficar em casa de minha avó. E meu Nani tratava a todas as pessoas que trazia para sua casa como se fossem suas hóspedes, como se realmente lhe importassem muito.

-Não faz falta que se preocupe tanto -disse-lhe.

-São seus convidados; portanto, devo lhes atender -respondeu- inclusive melhor do que o faria com meus,

Nunca vi meu Nani falar com o Masto. de quando em quando lhes via sentados juntos, mas nunca lhes vi falando. Era estranho.

-por que não fala com ele? Você não gosta? -perguntei-lhe.

-Eu gosto de muito mas não tenho nada que dizer. Não tenho perguntas; ele tampouco tem nenhuma pergunta que fazer -respondeu-me-. Simplesmente, saudamo-nos com uma inclinação de cabeça e permanecemos em silêncio. É muito bonito estar sentado em silêncio. Falo contigo. Tenho muitas perguntas que te fazer, e você tem muito que me contar. É bonito falar contigo.

Compreendi que se relacionavam de outra maneira. Ela e eu nos relacionávamos de uma forma diferente, e indubitavelmente não era a única. A partir desse dia, começamos a falar cada vez menos até que finalmente deixamos de fazê-lo. Então, estávamos acostumados a sentamos durante horas. Sua casa realmente era preciosa. Estava ao lado do rio, e no momento que digo «rio» há algo em meu coração que fica a cantar uma canção.

Jamais voltarei a ver esse rio, embora não é necessário porque assim que fecho os olhos posso vê-lo. ouvi dizer que o lugar já não é tão formoso. construíram casas muito perto, têm aberto tenda; converteu-se em um mercado. Não; não tenho vontades de ir. Se tivesse que ir fecharia os olhos para seguir vendo o belo lugar que era antes, as árvores altas e um pequeno templo...; ainda me lembro do som do sino.

Precisamente o outro dia alguém me trouxe uns sinos, uns sinos curiosos, que não se conhecem em muitas partes do mundo. São sinos tibetanas. Estão feitas em Califórnia, mas o desenho é tibetano. Não só isso: embora estejam feitas em Califórnia as aperfeiçoaram. Os sinos tibetanas normalmente são muito toscos, mas estas estão muito polidas e são de cristal. me deixem que lhes descreva isso.

Não são um tipo de sinos que lhes possam imaginar. São como umas lâminas, muitas lâminas costuradas de modo que o vento as move e se golpeiam umas contra outras, e realmente vale a pena ouvir o som que fazem. Estes sinos são preciosos. de vez em quando, Califórnia também faz coisas formosas; do contrário, são todos californianos. Mas de vez em quando, fazem coisas realmente bonitas.

Vi muitos tipos de sinos. Um lama tibetano do Kalimpong me ensinou um sino tibetana que não esquecerei nunca. Vale a pena mencionada. Provavelmente não cheguem a ver algo assim, porque esses sinos são parte do Tíbet que está em vias de desaparecimento. Logo desaparecerão de tudo. O sino que vi, sem dúvida, era muito estranha.

Só tinha visto sinos na Índia e associava a palavra «sino» com os sinos hindus. pendura-se do teto e há um palito em seu interior com o que golpeia um lado do sino. É para despertar ao deus que não faz mais que dormir. Vejo a beleza deste gesto; se terá que despertar inclusive a Deus, que não terá que fazer com o homem. Mas este sino tibetana era totalmente diferente. colocava-se no chão, não se pendurava do teto.

-É um sino? -perguntei-lhe-; não parece.

O lama riu e disse:

-Espera e verá, não é um sino qualquer, é muito especial.

Tirou de sua bolsa um manguito redondo de madeira. Começou a esfregar o manguito dando voltas e voltas no interior do suposto sino, que parecia uma panela. depois de dar umas quantas voltas, deu um golpe no sino em um sítio determinado que tinha uma marca, e é curioso, o sino repetia todo o mantra tibetano Om Mani Padme Hum. Eu não podia acreditá-lo quando o ouvi pela primeira vez. Repetia o mantra com muita claridade.

-Encontrará este tipo de sinos em todos os monastérios tibetanos -disse-, porque como não podemos repetir o mantra todas as vezes que nós gostaríamos, ao menos fazemos que o sino repita o mantra.

-Incrível -pinjente-; assim que o sino não é muda.

-Absolutamente -respondeu-, e se lhe dá um golpe no lugar equivocado te dará conta que também grita. Só repete o mantra quando lhe dá no lugar adequado; se não, tábua delgada e grita, e faz todo tipo de ruídos menos o mantra.

estive no Ladakh, um país que há entre a Índia e Tíbet. Provavelmente, agora se converterá no país mais religioso do mundo, como foi antes Tíbet. Tíbet está acabado, assassinado, massacrado. No Ladakh pude ver esses mesmos sinos, mas muito maiores, como uma casa. Pode te colocar debaixo e criar o mantra que queira, sujeitando a vara que pendura e tangendo o sino em certos lugares. Só é questão de conhecer a linguagem do sino. É quase como um ordenador.

Devageet, o que estava dizendo?

-Contava-nos que Nani não estava acostumado a falar com o Masto, só se sentavam em silêncio...

É certo, agora nos teríamos que sentar em silêncio. . ., basta-me com dez minutos. Por Deus

-é igual a exista ou que não-, nos relaxemos.

Satyam Shivam Sundaram..., não sou, e vós estão tentando me alcançar. Todo mundo o pode ver. Vêem-no? Não sou. Sigam assim uns minutos, um par de minutos, porque estou esperando algo, estejam alerta. Sim... Bem. ..

Não, Devageet. Teria sido uma esposa tão maravilhosa que até eu me riria, embora não deveria.

Stop.

Sessão 36

Neste momento me estava acordando de uma história. Não sei quem a terá inventado nem por que, e tampouco estou de acordo com suas conclusões mas, de todas formas, eu gosto. A história é muito singela. Provavelmente a tenham ouvido, embora possivelmente não a tenham entendido por quão singela é. Todo mundo acredita que entende a simplicidade. É um mundo estranho. A gente tenta compreender a complexidade, e, entretanto, ignora a simplicidade acreditando que não vale a pena lhe emprestar atenção. Possivelmente não lhe tenham emprestado atenção a esta história, mas assim que lhes conte isso de minhas palavras, exceto quando digo que o Zen é sin-sentido; nesse caso, é obvio, é necessário o guia.

A primeira vez que contei esta história foi ao Masto, que certamente a teria ouvido antes, mas não da forma em que eu tergiverso ou invento as coisas.

Esta é a história (a estou contando ao Masto):

-Deus criou o mundo, Masto.

-Magnífico -disse Masto-. Sempre estiveste contra a filosofia e a religião; o que te passou? Este é o primeiro enigma com o que começam todas as religiões.

-Espera antes de tirar conclusões. Não seja tolo e não conclua nada antes de haver escutado toda a história -adverti-lhe.

-Já conheço a história -respondeu Masto. -Não pode sabê-la -disse-lhe.

Olhou-me com assombro e disse:

-Isto sim que tem graça. Lhe posso repetir isso SE quiser.

-Repete-a se quiser -disse-lhe-, mas isso não quer dizer que saiba. Repetir é saber? O louro que repete os sutras do Buda, é um buda ou, pelo menos, um bodhisattva?

Olhou-me muito pensativo. Eu esperei, mas então lhe disse:

-Escuta a história antes de começar a pensar. A que você sabe não pode ser quão mesma eu sei, porque não somos iguais. Deus criou o mundo. Naturalmente, surge a pergunta, e os veda fazem a pergunta exata: por que criou o mundo? Veda-os, nesse sentido, são realmente fantásticos. Dizem «possivelmente ele tampouco saiba por que» e quando dizem «ele» se referem a Deus.

Vejo a beleza que há nisto. Provavelmente, tudo surgiu da inocência e não da sabedoria. Provavelmente, nem sequer estava criando, a não ser jogando nada mais, como um menino que faz castelos na areia. Acaso sabem os meninos para quem são os castelos que estão fazendo? Conhecem a formiga que reptará de noite e se abrigará em seu interior?

Em hindi, não sei por que, as formigas sempre são «elas». Nunca se pensa que sejam machos. A verdade é que só há uma formiga fêmea, reina-a; as demais formigas são machos. É estranho, ou possivelmente não tão estranho, mas para ocultar a verdade as formigas são «elas». Talvez, como são tão pequenas, vá contra o ego masculino dizer «ele». Ao elefante lhe dizem «ele». Ao leão também. Se se referirem a um elefante fêmea dizem um elefante-ela, um leão fêmea é um leão-ela, mas, a parte disto, o término geral é masculino. Mas a pobre formiga... e desgraçadamente é o que escolhi para esta história.

A formiga ele ou ela, independentemente de seu sexo, está filosofando; certamente não deve ser «ela», se não, de onde viria a filosofia? Nunca me encontrei com uma mulher que filosofe. conheci a muitas mulheres professoras de filosofia, mas curiosamente, inclusive estas professoras, somente falam de roupa e de filmes. Elogiam a que está presente; criticam a que está ausente. No último que pensam é em filosofia. Não me surpreende que consigam fazer-se professoras, embora possivelmente pensem que sim. Não; são capazes de ensinar porque não se precisa pensar; de fato, é o requisito básico: Se pensar, não pode ensinar.

Tinha um professor que era um dos homens mais estranhos que me encontrei no mundo universitário. Durante anos não se apontava a suas classes nem um só aluno, por uma singela razão: que a classe sempre começava pontualmente, mas ninguém sabia quando ia terminar.

Ao começar a classe, estava acostumado a dizer:

-Por favor, não esperem um final, porque no mundo não se acaba nada. Se lhes querem partir, podem-no fazer; no mundo há muitos que se vão, mas o mundo continua. Só lhes peço que não me interrompam. Não me perguntem: «Professor, posso-me ir?» Não o faz ninguém, nem sequer quando te vais morrer; portanto, como lhe vais fazer esta pergunta a um pobre professor de filosofia? Querido, em primeiro lugar, pode-me dizer por que vieste? Pode-te ir quando quiser, enquanto sinta que surgem palavras eu seguirei falando.

Quando cheguei à universidade todo mundo dizia:

-Evita ao doutor Dasgupta, está louco.

-Isso quer dizer que lhe tenho que conhecer primeiro -respondi-. vim em busca de homens loucos de verdade. Realmente está louco?

-Realmente -responderam-me-. Está totalmente louco, não brincamos.

-Produz-me uma grande fascinação saber que não estão brincando -disse-lhes-. Já me encarrego eu sozinho de fazê-la. Quando o necessito, me conto fale bons e rio a gargalhadas dava ciendo: «Fantástico. Não o tinha ouvido antes.»

-Parece que este tipo está louco --disseram eles. -Isso é totalmente certo -acrescentei-. Agora, me digam onde vive o doutor Dasgupta.

Fui até sua casa e bati na porta. Nem sequer tinha um criado. Vivia como um deus: sem mulher, sem criados, sem meninos, sozinho.

-Deve-te ter equivocado de porta -disse-me-; não sabe que sou o doutor Dasgupta?

-Sim, já sei -respondi-lhe-. E você sabe quem sou eu?

Era um homem velho, olhou-me através dos grossos cristais de seus óculos e disse: -Como quer que te conheça?

-vim a averiguá-lo -respondi-lhe. -Quer dizer que você tampouco sabe? -perguntou-me.

-Não -respondi-lhe.

-meu deus! Dois loucos na mesma casa! -exclamou-. E você está muito mais louco que eu. Adiante, senhor, sinta-se.

Era muito respeitoso. Falando a sério me disse:

-Nesta universidade não vem ninguém a minhas classes há três anos... De fato, eu mesmo deixei que ir. Que sentido tem? Dou as aulas aqui, exatamente onde está sentado.

-Isso está muito bem -disse-lhe-, mas a quem?

-Essa é a questão -respondeu-. de vez em quando, eu também pergunto «a quem?»

-Apontarei a sua classe -disse-lhe-, e não tem que te incomodar em vir à sala-de-aula. Está a mais de um quilômetro de sua casa. Eu posso vir aqui.

-Não, não, irei eu -disse ele-, é parte de meu trabalho. Mas só há uma coisa, desculpa, que embora a classe começa à hora (se for às onze, começo às onze), não te posso garantir que acabe quarenta minutos depois, quando soa o sino.

-Entendo-o -disse-lhe-. Mas o pobre homem que touca o sino, como pode adivinhar o que está fazendo? E não só você, mas também o que está fazendo o resto dos professores da universidade. Se param é porque são estúpidos. O sino não sabe; o homem que touca o sino não sabe, por que te tem que parar? Se lhe der tanta importância a que não te tem que parar, me escute bem, de homem a homem, porque então eu também lhe darei importância e se te parar te pegarei tão forte que possivelmente não sobreviva.

-Como? -exclamou-. Me vais pegar? -ele era de Rojão de luzes.

-Queria dizer metaforicamente -respondi-lhe-. Só te tocarei levemente a cabeça para te recordar que não te tem que preocupar-se do sino.

-Então, de acordo -assentiu-. Não faz falta que vá à hospedaria, pode-te ficar em minha casa. É muito grande e estou sozinho.

Esse dia me lembrei do Masto. Essa casa e esse homem de olhos comtemplativos lhe teriam encantado. Também me lembrei desta história. Voltarei-a a contar para que me possam seguir:

Deus criou o mundo. Terminou-o em seis dias. A mulher foi quão último criou. Naturalmente, surge a pergunta: por que? por que foi a mulher quão último criou? É obvio, as feministas dirão: «Porque a mulher é a criação mais perfeita de

Deus.» Evidentemente, quando a criou já tinha experiência, porque tinha criado ao homem. O homem é um modelo um pouco mais antigo; é obvio, Deus aperfeiçoou o modelo e melhorou.

Mas os machistas têm outra resposta. Dizem que o homem foi uma das últimas criações de Deus, mas então o homem começou a fazer perguntas como: «por que criaste o mundo?» e «por que me criaste ?»Então Deus ficou tão desconcertado que criou à mulher para desconcertar ao homem. Após, Deus já não tornou a ter notícias do homem.

O homem chega a casa com o rabo entre as patas, sai a comprar plátanos e pouco a pouco, converteu-se em um plátano: o Sr. Plátano, Doutorado em Filosofia, Licenciado em Letras, Doutorado em Literatura e o que queira; mas basicamente o Sr. Plátano está totalmente podre. Não lhe coma isso, por favor. Nem sequer olhe debaixo da pele; do contrário, arrependerá-te e imediatamente começará a dizer: «Detenham a roda!» -a roda da vida e a morte- porque a quem lhe interessa ser um plátano? Embora os plátanos podem ir muito bem vestidos, com roupa preciosa, provavelmente de Paris. O Sr. Plátano pode fazer o que quiser. Leva uma bonita gravata, de forma que nem sequer pode respirar..., uns sapatos tão apertados que se lhe visse os pés não lhe olharia à cara.

Nunca me gostaram dos sapatos, mas todo mundo insistia em que os usasse.

-Passe que passe, não vou usar sapatos -disse-lhes.

O que uso se chamam chappals na Índia. Não são sapatos; em realidade, tampouco são sandálias, são o mínimo envoltório. E escolhi um chappal extremo, não se pode reduzir mais.

O sapateiro que me faz os chappals, Arpita, sabe que é impossível fazê-los mais perfeitos. um pouco mais, e meus pés estariam ao ar. É o mínimo: somente uma tira que sujeita o pé de algum jeito ao chappal. Não se pode reduzir mais.

por que ódio os sapatos? Simplesmente, porque lhe convertem em um plátano: o Sr. Plátano, é obvio, ou o Doutor Plátano, ou o Professor Plátano, ou todo tipo de plátanos: senhoras plátano, cavalheiros plátano. .. pode encontrar todas as variedades, mas todos começam pelos sapatos.

Viram alguma vez às senhoras vitorianas com seus saltos altos? São tão altos que um trapecista cairia se tentasse andar com eles. por que os escolheram? Escolheu-os uma sociedade muito religiosa, por um motivo muito pouco religioso -pornográfico-, porque os saltos altos tiram o traseiro.

Agora, ninguém lhe dá importância ao motivo; usam-nos até as senhoras, e pensam que estão sendo muito finas. É muito pouco fino. Simplesmente, estão exibindo seus traseiros grátis e além o desfrutam. E com seus vestidos ajustados têm melhor aspecto, obviamente, que se estivessem nuas, porque a pele, ao fim e ao cabo, só é pele. Quando tem trinta anos, a pele tem trinta anos. Quando a pele viu acontecer trinta anos não pode estar tão tirante como um vestido recém comprado. E atualmente, os fabricantes fazem milagres: fazem que as mulheres tenham um aspecto tão tentador, que o mesmo Deus teria mordido a maçã!

Entendem o que estou dizendo? Provavelmente, leve-lhes algum tempo. Nem sequer Ashu se riu. Demorará um tempo até que vá impregnando. Sim; não fazia falta uma serpente, teria bastado com um vendedor de roupa. Apenas um vestido ajustado para a Eva e Deus mesmo teria mordido a maçã, e teria saído a dar uma volta com a Sra. Eva, a passar a velada, refiro-me.

por que criou Deus à mulher depois que ao homem? Os machistas dizem que o homem é a criação perfeita. Terão visto homens nas esculturas gregas e romanas; entretanto, raramente te encontrará com uma escultura do corpo nu de uma

mulher, só homens. É estranho. Que problema tinham? As mulheres não lhes pareciam belas?

Até tal ponto eram machistas, que elogiavam mais a homossexualidade que a heterossexualidade. Pode soar' muito estranho, porque aconteceram quase vinte e cinco séculos desde que viveu Sócrates, mas o mesmo Sócrates amava aos homens e não às mulheres. Provavelmente, sua mulher, Xanthippe, perseguisse-lhe tanto, que em uma reação excessiva se esqueceu das mulheres e começou a amar aos homens. Certamente haveria outros motivos.

Se um dia me dedicasse a fazer um psicanálise ao Sócrates poderia revelar coisas que não se atreveu a revelar ninguém. Mas os machistas dizem que Deus criou ao homem, e como estava sozinho e necessitava companhia, criou a Eva.

Esta não é a história original. O nome da mulher original não era Eva, chamava-se Lilith. Deus criou ao Lilith, mas Lilith, do primeiro momento, originou o problema.

Assim começou tudo: se fazia de noite, estava-se pondo o sol e só tinham uma cama, este era o problema. Não tinham tanta sorte como eu, tendo ao Asheesh; se não, ele teria preparado (embora estivesse padecendo uma enxaqueca), mesmo assim, faria a cama perfeita. Mas Asheesh não estava ali. Em realidade, não havia outros seres humanos...

parou-se meu relógio; o outro dia precisamente estava falando dele e se parou. Os relógios são temperamentais, sabem? parou-se exatamente neste momento. Eu estava falando de outro relógio, de um relógio metafórico, mas quem lhe pode explicar ao relógio que não falava dele? De noite o repito muitas vezes:

-Escuta, não faz falta que lhe pares, Não falava de ti, é um relógio precioso... -mas não me faz conta.

Do que estava falando?

-Estava dizendo que Eva não tinha cama..., que Lilith não tinha uma cama, Osho.

Sim. A briga começou antes de ir à cama. Sem dúvida, Lilith deveu ser a fundadora do Movimento para a Liberação da Mulher, saibam ou não. Lutou, até que jogou ao Adão da cama. Que grande mulher! Adão tentou jogar a da cama uma e outra vez, mas que sentido tinha? Embora o conseguisse, ela voltaria para lhe jogar outra vez.

-Nesta cama só pode dormir uma pessoa -disse ela-, não está pensada para dois. É obvio, Deus não a tinha feito para dois, não era uma cama dobro.

brigaram durante toda a noite, e pela manhã Adão disse a Deus:

-Era tão feliz... -embora não era verdade, mas a desdita da noite anterior lhe ajudou a ver seu passado como uma etapa muito feliz-. Era muito feliz antes de que aparecesse esta mulher -observou.

E Lilith respondeu:

-Eu também era feliz, não quero existir.

Deve ter sido a fundadora de muitas coisas. Possivelmente fora a primeira verdadeira patriarca Zen, porque disse:

-Não quero existir. Uma noite é suficiente para toda a vida, porque sei que vai ser quase igual todas as noites, uma e outra vez. Embora me dê uma cama dobro, que mais dá? Seguiremos brigando, porque o assunto é: «Quem é o amo?» Não permito que esta besta seja meu amo.

Deus disse:

-De acordo.

Naquela época... e só eram os primeiros dias; de fato, era o primeiro dia depois da criação. Segundo os cristãos, era um domingo. Deus certamente tinha o típico humor do domingo, porque disse:

-De acordo, farei-te desaparecer.

Lilith desapareceu e Deus criou a Eva de uma costela do Adão.

tratava-se da primeira operação; Devaraj, anota-o por favor. Deus foi o primeiro cirurgião, dá no mesmo que não o queiram reconhecer no Colégio de Médicos. Fez um grande trabalho. Após, não houve nenhum cirurgião que tenha conseguido fazer o mesmo. Criou à mulher de uma costela. Mas é insultante, ódio esta história. Deus não se deveria comportar assim. i Uma costela nada mais. . .!

E logo está o resto da história. Pelas noites, Eva conta as costelas do Adão antes de dormir, para estar segura de que estão todas e não há nenhuma outra mulher no mundo. Então, pode dormir tranqüila.

É curioso..., por que não pode dormir tranqüila quando há outras mulheres? Mas eu não gosto desse final da história. Em primeiro lugar, é machista; em segundo lugar, não é próprio de deuses; e em terceiro lugar é muito pouco imaginativo e muito realista. As coisas só se teriam que sugerir.

Masto me perguntou:

-Qual é sua conclusão?

-Minha conclusão é que Deus criou primeiro ao homem porque não queria interferências enquanto estivesse criando -respondi-lhe.

Este é um dito muito conhecido no Oriente. Não tem nada que ver comigo, mas eu gostei tanto que quase posso dizer que é meu. Se o amor pode fazer que consiga o que quer, então é meu. Para começar, não sei quem o disse, nem preciso sabê-lo.

-Após -continuei lhe dizendo ao Masto-, não tornamos a ter notícias de Deus. Sabe algo do pobre homem? aposentou-se? esqueceu-se da criação? Não tem amor ou compaixão pelos que criou?

-Sempre lhe ocorrem umas perguntas muito estranhas sobre essas histórias tão absurdas -disse Masto-, e além disso faz que soem coerentes. Pergunto-me se algum dia será escritor.

-Nunca -respondi-lhe-; há gente com muito mais talento fazendo esse trabalho. Faço falta em um sítio que não parece lhe interessar a ninguém, porque ao parecer, só me interessa Deus.

Masto disse escandalizado:

-Em Deus? Pensava que não acreditava nele.

-Não acredito porque sei -disse-lhe-, sei tão profundamente, que se me cortassem a cabeça seguiria dizendo «sei». Possivelmente eu já não esteja..., tampouco estava antes... Ele estava e estará.

Em realidade, não é correto dizer «ele». No Oriente dizemos «isso» e sonha perfeitamente bem. ISSO escrito com maiúsculas lhe dá um significado real às palavras da Buda, aos ditos do Lao Tzu, às orações do Jesus. «Ele»de novo é masculino, e «ele» não é «ela» tampouco.

ouvi..., provavelmente ainda não a tenham ouvido, porque pertence ao futuro. É uma história futura. morre a batata polonês e vai ao céu, é obvio. dirige-se apressadamente a ver deus, e volta a sair tão rápido como entrou, chorando e gemendo. Os Santos Pedro, Pablo e Tomam, e todos outros Santos se reúnen e dizem:

-Não chore, não gema. É um bom homem e compreendemos seus sentimentos.

A batata gritou:

-O que compreendem? Em primeiro lugar, sabiam que este homem não é um branco a não ser um negro? E em segundo lugar, ainda pior: nem sequer é ele, é ela!

Deus não é nem ele nem ela, mas os poloneses são poloneses. Podem-nos nomear batata, mas isso não troca nada. Deus não criou o mundo de acordo a pontos de vista machistas ou feministas. Seus pontos de vista são radicalmente opostos.

Criou à mulher como um modelo perfeito; indubitavelmente, todos os artistas acreditam que é o modelo perfeito. Mas lhes detenha aí, por favor.

Não toquem a uma mulher de verdade. Os quadros estão muito bem, as estátuas também, mas uma mulher de verdade é tão imperfeita como teria que ser.

Não estou menosprezando nada. A imperfeição é precisamente a lei da falar de coisas importantes, ele só quer esconder-se detrás do The Teme ou de qualquer outro periódico. A mulher lhe mantém em atividade constante: «Faz isto, faz aquilo.»

Curiosamente, às mulheres lhes dá o trabalho de professoras, apesar de que não as aceitam em muitos outros trabalhos. Possivelmente tenha alguma lógica. Menos mal que apanham aos pobres meninos antes de que seja muito tarde, e depois disso sempre estarão tremendo diante de uma mulher, totalmente assustados. Após, Deus esteve desfrutando de todos os disparates que ocorrem no mundo que criou em seis dias.

Os budas tentam te dar uns vislumbres desse mundo de relaxação que existiu antes de que começasse o mundo e todos os problemas. Inclusive agora é possível fazer-se a um lado. Se te sair da corrente, de repente, porá-se a rir; com Deus ou sem ele, não era mais que uma história. Disse ao Masto:

-A não ser que te saia da corrente mundana da vida...

Queria me despedir deste homem, mas menos mal que não o fiz. Ainda há muitas coisas que se referem a ele, e algo pode refletir muitas outras. A vida sempre é simples e complexa, tão simples como uma gota de rocio, já a vez, tão complexa como uma gota de rocio, porque a gota reflete todo o céu e contém todos os oceanos. Indubitavelmente, não vai estar aí eternamente..., possivelmente só uns minutos, e depois se irá para sempre. Faço ênfase em «para sempre». Depois não haverá forma de recuperá-la, com todas essas estrelas e esses oceanos.

Há tantas coisas que têm que ver com o Masto...

Quando tinha vontades de chorar pedia ao Masto que tocasse seu veena. Era fácil, não fazia falta explicação; ninguém te pergunta por que está chorando. Assim é a veena, simplesmente remove o mais profundo de seu ser. Mas devido a sua obstinação lhes tive que contar esta história, porque me estava acostumado a dizer:

-Se não me contar uma história não vou tocar. Contei-lhe a história e agora corresponde a ele tocar... mas sou o único que lhe pode escutar. É melhor que só lhe possa escutar eu.

me dêem dez minutos para escutá-lo. Estou-o desfrutando de do mesmo modo que o desfrutava do Adão.

Quantos minutos teremos estado avançando no antigo carro de bois? Alguém o pode calcular?

-Eternamente, Osho.

Então me deixem um minuto, e depois podem parar.

Isto está muito bem. A gente não deveria querer continuar algo tão formoso; também deveria ser capaz de lhe pôr fim. Sei que podem continuar, mas não, meu

médico me proibiu que vírgula muito de nada. Quer que desça de peso, e se me alimento com sua dieta, Meu deus...!

Agora podem terminar.

Sessão 37

De acordo. Só estamos em meu segundo dia da escola primária. vai ser assim. Cada dia tiram o chapéu muitas coisas. Não terminei ainda o segundo dia. Farei todo o possível por terminá-lo hoje.

A vida está entrelaçada; não a pode dividir em pedacinhos iguais. Não é uma parte de tecido. Nem sequer a pode cortar, porque no momento que lhe corta todas as conexões já não volta a ser a mesma. morre, não respira. Quero que siga seu próprio curso, não quero dirigida; sobre tudo, porque não sou o diretor. seguiu seu próprio curso, sem guia.

Em realidade, odiava aos guias e os sigo odiando porque lhe impedem de fluir com o que é. Dirigem-lhe, dedicam-se a te colocar pressa até o próximo lugar. Seu trabalho consiste em te fazer acreditar que sabe. Não sabem e você tampouco. O conhecimento só chega quando a vida não tem guia, quando não tem direção. Eu vivi que esse modo e o sigo fazendo.

É um destino estranho. Da infância, sabia que não vivia em minha casa. Era a casa de minha Canção de ninar, meu pai e minha mãe estavam muito longe. Tive a esperança de que, talvez ali, estivesse meu lar, mas não, só era uma grande casa de hóspedes, com minha pobre mãe e meu pai atendendo constantemente aos hóspedes, sem nenhuma razão, ao menos me parecia que não havia nenhuma.

Este não é o lar que eu estava procurando -repetia-me-. Onde irei agora? Meu avô está morto, de modo que não posso retornar a essa casa.

Era sua casa, mas a casa vazia não tinha sentido se não estava ele. Se meu Nani tivesse retornado teria tido algum sentido, ao menos o noventa e nove por cento, mas ela se negou a voltar.

-Transladei-me ali por ele -disse-, e não tenho motivos para voltar se ele já não está ali. É obvio, se retorna estarei preparada, mas se não ir voltar, se não poder manter sua promessa, por que me vou preocupar com sua casa e suas propriedades? Nunca foram minhas. Sempre há alguém que se pode encarregar dessas coisas. Não é meu destino. Do primeiro momento não me interessaram e não vou voltar por isso.

opôs-se tão rotundamente, que aprendi a recusar. .. e aprendi a amar. Quando nos partimos dessa casa estivemos alguns dias com a família de meu pai. Indubitavelmente, não só era uma família, mas também uma congregação de tribos, de muitas famílias; possivelmente um tipo de mela, um festival. Mas somente ficamos uns dias. Essa tampouco era minha casa. Fiquei para jogar um olhar e depois me transladei.

Após, em quantas casas vivi? É quase impossível que lhes possam imaginar que em perto de cinqüenta anos de vida não tenho feito mais que me trocar de casa, sem fazer outra coisa. É obvio, a erva crescia, eu me trocava de casa e não fazia nada, e a erva seguia crescendo. Todo o mérito se deve a «nada», e não meus traslados de casa.

Depois fui a casa de meu Nani, e mais tarde a casa de um de meus tios (do marido da irmã de meu pai), onde me tinha transladado para estudar depois de me matricular. Eles pensaram que só estaria uns dias, mas esses dias se alargaram

mais do que tinham calculado. Não me queriam em nenhum albergue porque meu expediente era muito bom! Vale a pena conservar os comentários de meus professores, particularmente os do diretor. Todo mundo me censurou tanto como possível me censurar em um diploma.

-Isto não é um diploma de personalidade -disse-lhes à cara-, a não ser um assassinato de personalidade. Por favor, acrescentem na postdata que «eu declaro que este documento é um assassinato de personalidade». Não o aceitarei a menos que o escrevam.

Tiveram que fazê-lo.

-Não só é travesso, mas também além disso é perigoso -disseram-, porque agora nos pode demandar.

-Não tenham medo -respondi-lhes-. Ao longo de minha vida me demandará muita gente nos tribunais, mas eu jamais demandarei a ninguém.

Não demandei a ninguém embora o poderia ter feito muito facilmente, e teriam sido castigadas centenas de pessoas.

Dizia que nunca tive uma casa. Nem sequer posso dizer que esta seja minha casa. Desde a primeira até a última, provavelmente esta não será a última, mas seja qual seja a última, não poderei chamá-la minha casa. Para dissimular, digo que esta é a casa do Lao Tzu. Mas Lao Tzu não tem nada que ver com isto.

Conheço-lhe. Sei que se nos encontrarmos -e algum dia terá que ocorrer-, a primeira pergunta que me fará será:

-por que a sua casa pôs de nome «A casa do Lao Tzu»?

Naturalmente, tem a curiosidade de um menino; não há ninguém mais infantil que Lao Tzu, nem Buda nem Jesus nem Mahoma, E muito menos Moisés. Um judeu infantil? Isso é impossível!

Um judeu é um empresário desde que nasce, com traje de executivo, saindo de sua casa e indo-se à loja. Já está confeccionado. Seguro que Moisés não. Mas Lao Tzu, ou se quiserem a alguém que seja ainda mais infantil que Lao Tzu, então têm a seu discípulo Chuang Tzu... Para ser discípulo do Lao Tzu tem que ser mais inocente que o próprio Lao Tzu. Não há outro caminho.

Confucio foi rechaçado. Em poucas palavras lhe disseram «sal e te perca para sempre, e recorda, não volte para este sítio jamais». Não foi com estas mesmas palavras, mas nisto essência é o que Lao Tzu disse ao Confucio, o homem mais sábio daquele tempo. Não podiam aceitar ao Confucio. Mas Chuang Tzu estava ainda mais louco que Lao Tzu, seu professor. Quando chegou Chuang Tzu, Lao Tzu disse:

-Genial, vieste para ser meu professor? Pode escolher: ou você é meu professor ou eu sou seu professor.

Chuang Tzu respondeu:

-te esqueça disso! por que não podemos ser e nada mais?

E permaneceram dessa maneira. É obvio, Chuang Tzu era um discípulo e era muito respeitoso com seu professor; ninguém podia competir com ele. Mas assim é como começaram, quando ele disse:

-por que não nos esquecemos de todas estas sandices?

Eu acrescentei a palavra «sandices» para dar uma idéia exata do que foi. Mas isso não significa que não fosse um homem respeitável. Continuando, inclusive Lao Tzu riu e disse:

-Magnifico! Estava-te esperando -e Chuang Tzu se prostrou aos pés de seu professor.

Lao Tzu disse:

-Como!

Chuang Tzu respondeu:

-Que nada se interponha entre nós. Se gosta de me prostrar ante ti, ninguém me pode impedir isso, nem você nem eu. Só temos que observar como acontece.

E eu observava o que acontecia enquanto me transladava de uma casa a outra. Lembro-me de milhares de casas, mas nenhuma só onde pudesse dizer:

-Esta é minha casa.

Tinha a esperança que possivelmente esta... e assim foi ao longo de minha vida: «Possivelmente a próxima.»

De todos os modos... contarei-lhes um segredo. Sigo tendo a esperança de ter uma casa em algum lugar, possivelmente... «Possivelmente» é a casa. Toda minha vida estive esperando e esperando em distintas casas a que aparecesse a verdadeira casa. Sempre parecia estar à volta da esquina. Mas a distância seguia sendo a mesma: sempre está à volta da esquina. Estou-a vendo. . ;

Sei que nunca vou ter uma casa que seja minha. Mas uma coisa é sabê-lo: de vez em quando, cobre-o algo que só se pode chamar «ser». Eu o chamo «onisciente»; e nesses momentos, estou procurando de novo «a casa». Hei dito que só se podia chamar «possivelmente»; esse é o nome da casa. Sempre vai acontecer mas realmente não acontece... sempre está a ponto de acontecer.

Transladei-me de casa de meu Nani a casa da irmã de meu pai. O marido, quer dizer, o cunhado de meu pai, não estava muito de acordo com isto. Naturalmente, por que ia estar o? Eu estava totalmente de acordo com ele.

Se tivesse estado em seu lugar, eu tampouco o teria desejado. Não só seria contrário, mas também estaria tercamente em contra, pois quem quer aceitar a um bagunceiro sem ter necessidade de fazê-lo? Não tinham filhos, portanto, viviam felizmente; embora, em realidade, eram muito infelizes, não sabendo quão felizes são os que têm meninos. Mas tampouco tinham nenhuma forma se soubesse.

Tinham um bungaló precioso, com mais espaço do necessário para um casal. Era o bastante grande para poder acolher a muita gente. Eram ricos, o podiam permitir. Não tinham nenhum problema em me deixar uma pequena habitação, apesar de que o marido, embora não o dissesse, não estava de acordo. Eu me neguei a me transladar ali.

Fiquei diante de sua casa com meu maletita e lhe disse à irmã de meu pai:

-Seu marido não deseja me ter aqui e se não estar disposto, prefiro viver na rua antes que estar em sua casa. Não posso entrar, se não estar convencido de que está contente de me ter aqui. E não lhes posso prometer que não vou ser uma moléstia para vós. Não me colocar em confusões vai contra minha natureza. Não tenho solução.

O marido estava escondido detrás de uma cortina, escutando-o tudo. Pelo menos, entendeu uma coisa, que valia a pena provar com este menino.

Saiu e disse:

-Darei-te uma oportunidade.

-É melhor que saiba, desde o começo, que sou eu o que vai dar uma oportunidade -respondi-lhe.

-Como! -exclamou.

-Pouco a pouco irá entendendo. Nas cabeças duras entra muito devagar -disse-lhe.

Sua mulher estava escandalizada. Mais tarde me disse:

-Não deveria lhe dizer essas coisas a meu marido porque te vai jogar. Eu não o posso impedir porque só sou uma mulher e além não tenho filhos.

Bom, vós não o podem entender. . .; na Índia se considera uma maldição ser mulher e não ter filhos. Provavelmente, não tivesse a culpa; sei perfeitamente que o responsável era ele, porque os médicos me disseram que era impotente. Mas na Índia, se for uma mulher sem filhos... Primeiro, ser mulher na Índia, e segundo, sem filhos! Não te poderia ocorrer nada pior. Se uma mulher não tiver filhos, o que pode fazer a respeito? Poderia ir a um ginecologista... mas não na Índia! O marido preferiria casar-se com outra mulher.

A lei na Índia, é obvio feita pelos homens, permite ao marido casar-se com outra mulher sempre que a primeira esposa não tenha filhos. É curioso, se para conceber um filho tem que haver duas pessoas implicadas, obviamente também haverá duas pessoas implicadas para não concebê-lo. Na Índia há duas pessoas implicadas para conceber, mas para não conceber só há uma, a mulher.

Vivi nessa casa e, naturalmente, houve um conflito desde o começo; entre o marido e eu surgiu uma corrente sutil que foi em aumento. Se fazia patente de muitas maneiras. Ao princípio, contradizia-lhe automaticamente todas e cada uma das coisas que dizia em minha presença, fosse fosse. Não tinha importância o que dizia. Não era uma questão de bom ou mau: tratava-se dele ou eu.

Tinha um modo de me olhar, do começo, que deu lugar a minha forma de lhe olhar: como a um inimigo. lhe dê Carnegie poderá ter escrito Como ganhar amigos e influenciar às pessoas, mas, em realidade, não acredito que saiba. Não pode sabê-lo. Se não conhecer a arte de criar inimigos, não poderá conhecer a arte de fazer amigos. Nisto me sinto tremendamente afortunado.

Ganhei-me tantos inimigos que poderão estar seguros de que, pelo menos, farei alguns amigos. Se não ter amigos, não pode ter inimigos; é uma lei básica. Se quer ter amigos, te prepare também para ter inimigos. Por isso, a maioria da gente decide não ter nem amigos nem inimigos, só conhecidos. Lhes considera gente com sentido comum; em realidade, têm um sentido pouco comum. Mas, chame-se como se chamo, eu não o tenho. Fiz tantos amigos como inimigos; de fato, na mesma proporção. Posso contar com ambos. Os dois são de confiar.

O primeiro, é obvio, foi seu gurú. Assim que entrou na casa lhe disse à irmã de meu pai:

-Esta é a pior pessoa que eu tenha visto. -te cale. Silêncio. É o gurú de meu marido -disse ela.

-Embora o seja -assinalei-, mas me diga uma coisa: tenho razão ou não?

-Desgraçadamente a tem, mas te cale -disse.

-Não me posso calar -disse-lhe-, temos que nos confrontar.

-Já sabia que íamos ter problemas quando viesse este homem -disse-me.

-Ele não tem a culpa; eu sou o problema. Tenha em conta que o dia que me aceitaram disse a seu marido: «Pode-me aceitar, mas tenha presente que está aceitando confusões» -recordei-lhe-. Agora saberá o que queria dizer. Há coisas que só o tempo desvela; o dicionário não serve de nada.

Assim que se sentou, pomposamente certamente, toquei-lhe a cabeça. Agora bem, isso não era mais que o princípio. Meus familiares se reuniram e disseram:

-O que está fazendo? Não sabe quem é? -Precisamente o tenho feito para saber quem é -respondi-lhes-. Estava tentando calibrá-lo, mas já vejo que é muito superficial. Não chega nem a seus pés, por isso lhe hei meio doido a cabeça.

Mas ele jogava faíscas, saltava, gritava e chiava:

-Isto é um insulto!

-Simplesmente, estou citando seu livro -disse-lhe. Recentemente tinha publicado um livro no que dizia: «Quando alguém te insulta, fica aquieto, calado, não te altere.»

Então perguntou:

-O que acontece meu livro?

Isso me ajudou um pouco e lhe disse: -Sente-se em sua cadeira, embora não lhe merece isso.

-Outra vez? Está empenhado em me insultar? -perguntou-me.

-Não estou empenhado em insultar a ninguém -disse-lhe-, só penso na cadeira.

Estava tão gordo que a pobre cadeira conseguia lhe suportar com muita dificuldade. Em efeito, a cadeira estava uivando e fazendo ruídos.

-Só estou falando da cadeira -pinjente-. Você não me preocupa, mas estou preocupado pela cadeira, porque depois a terei que usar eu. De fato é minha cadeira. Se não te comportar, terá-a que desocupar.

Isto foi quase como acender a mecha de uma bomba. ficou de pé de um salto, gritando vulgaridades e disse:

-Do momento que este menino entrou nesta casa sabia que não voltaria a ser o mesmo.

-Ao menos isso é certo -disse-lhe-. Eu estarei de acordo sempre que houver uma verdade, inclusive com meus inimigos. Esta casa já não é a mesma, é verdade. Adiante, nos diga por que não é a mesma.

-Porque não tem Deus -disse.

Na Índia se usa a palavra nastika para dizer sem Deus; é uma palavra formosa. Não se pode traduzir por «sem Deus», embora essa seja a única tradução disponível. Nastika simplesmente quer dizer «o que não crie». Não diz nada do objeto da crença ou a incredulidade. É tremendamente significativo, pelo menos para mim. Eu gostaria que me chamassem nastika, «que não crie», porque só os cegos acreditam. Os que podem ver não precisam acreditar.

A palavra hindu para crente é astika; do mesmo modo que o término «teísta» te dá exatamente o sentido do crente». Na língua hindu um teísta se chama astika: que crie, o crente.

Nunca fui crente, e ninguém que tenha um pouco de inteligência pode ser crente. Acreditar é para os imbecis, atrasado-los, os idiotas e toda essa gente, e o constituem muitas pessoas; de fato são a maioria.

Ele me chamou nastika. Eu lhe disse:

-Uma vez mais, estou de acordo contigo, porque descreve minha atitude para a vida. Provavelmente, sempre descreverá minha atitude para a vida, porque acreditar é limitar. Acreditar é ser arrogante; acreditar é acreditar que sabe.

O nastika simplesmente diz «Não sei». Corresponde exatamente à palavra inglesa «agnóstico», «que não crie». Tampouco pode dizer que não cria; de fato, só fica com a interrogação. Um agnóstico é isso, um homem com uma interrogação.

Carregar com sua própria cruz não é tão difícil, sua única culpa.

Se tivessem sido um pouco menos amáveis, Jesus não teria sido crucificado. Mas eram tão amáveis que tiveram que lhe crucificar. Em realidade, estavam-se crucificando a si mesmos. Seu próprio filho, seu mesmo sangue, e não era um filho qualquer, a não ser o melhor. Os judeus não conseguiram, nem antes nem depois, a alguém que se pareça nem que se aproxime do Jesus. Teriam que ter amado a este homem, mas eram bons meninos, esse era o problema. Não lhe podiam perdoar.

estive com muitos Santos, dos que pretendem sê-lo, é obvio; e com algumas pessoas realmente virtuosas, mas às que não chamaria santas. Esta palavra se foi viciando de estar em má companhia. Não diria que Pagal Baba, nem Magga Baba, nem Masta Baba, são Santos, a não ser somente sábios.

Ao gurú de meu tio, Hari Baba, lhe considerava um santo. Eu lhe disse:

-Não é nem um Baba, nem um Hari. Hari é o nome de Deus; por favor, te troque de nome e te ponha um que encaixe contigo. Baba tampouco faz alusão a ti. Procura no dicionário um nome que tenha sentido -começou a luta e continuou. Contarei-lhes isso mais adiante.

Transladei-me desta casa a um albergue universitário; depois, quando comecei a trabalhar, transladei a uma casita. Mas era uma casa pequena, e a família era tão boa, que sempre sentia vergonha, porque podia ouvir o que diziam inclusive na cama. Bom, sei que não está bem, mas uma vez, em metade da noite lhes tive que dizer:

-me desculpem, por favor, mas lhes estou ouvindo.

Eles se sobressaltaram, é obvio. Pela manhã me disseram:

-Tem-te que ir desta casa.

-Já sei -respondi-lhes-. Note, já preparei as malas -tinha preparado as coisas. De fato, tinha mandado trazer um veículo, e estavam carregando minhas coisas nele.

-Que estranho -disseram-, porque ainda não lhe havíamos dito nada.

-Talvez não me haja dito nada -esclareci-, mas ouvi tudo o que dizia a sua mulher na cama. As paredes são muito finas. Não é tua culpa. O que lhe vais fazer? E o que posso fazer eu? Tentei não lhes escutar.

E até o dia de hoje, tenho que dormir com plugues para os ouvidos. depois dessa noite comecei a usá-los. Foi faz muito tempo, ao redor de 1958, ou possivelmente a finais de 1957, mas ao redor dessa data. Comecei a usar plugues para não ouvir o que não devia. Custou-me uma casa, embora me parti imediatamente.

Estive-me indo constantemente, fazendo sempre as malas para a nova casa. Em certo modo estava bem; se não, não teria tido outra coisa que fazer, mais que fazer e desfazer malas, e de novo as fazer e as desfazer. Manteve-me mais ocupado que a nenhum outro buda até agora, e de uma maneira mais inofensiva. Eles também estavam ocupados, mas sua ocupação implicava a outras pessoas.

Em certo sentido, minha ocupação sempre foi pessoal. Embora haja milhares de pessoas comigo, entre você e eu, segue sendo uma relação de você a você. Não é uma organização, e nunca poderá sê-lo. Indubitavelmente, para efeitos administrativos, tem que funcionar como uma organização, mas no que corresponde a meus sannyasins, cada sannyasin se relaciona comigo individualmente, e só comigo, não por via de outra pessoa.

Sou um homem muito desocupado; não posso dizer desempregado, por isso usei a palavra «desocupado», porque desfruto disso. Não estou procurando um emprego. Tenho quebrado com todos os trabalhos; só estou desfrutando. Mas para desfrutar é necessário que haja um certo ambiente. Isso é o que estou criando.

Toda minha vida o estive criando, gradualmente, passo a passo. falei muitas vezes sobre a nova comuna. Não é para lhes recordar isso a vós, a não ser a mim mesmo, para não me esquecer da nova comuna, porque se me esquecesse, provavelmente não despertaria ao dia seguinte.

Gudia esperará... Você correrá; sim te vi vir, quase correndo. Esperará, mas eu não virei porque terei perdido o pequeno cordão que me estava sujeitando.

E isto seguiu e seguiu. Desde a Gadarwara transladei ao Jabalpur. No Jabalpur me troquei de casa tantas vezes, que a gente acreditava que meu hobby era me trocar de casa.

-Sim -disse-lhes-; serve-te para conhecer muitas pessoas de diferentes lugares, e eu adoro conhecer gente.

-É um estranho hobby -disseram eles-, e muito complicado. Só aconteceram vinte dias e já te está transladando outra vez.

Em Bombay também me transladei de um sítio a outro. Isso continuou até que cheguei aqui. Ninguém sabe qual será o próximo lugar.

Começou com meu colégio e só estamos no segundo dia. A vida é tão multidimensional. Quando digo tão multidimensional pode parecer absurdo, porque só o domina multidimensional. por que dizer que é tão multidimensional? A vida é multimultidimensional.

Devem ter fome, e os fantasmas famintos são perigosos. me dêem dois minutos nada mais...

Já podem acabar.

Sessão 38

De acordo. Queria-lhes contar uma simples verdade, provavelmente esquecida por sua simplicidade; não há nenhuma religião que a possa praticar, porque no momento que te volta parte de uma religião deixa de ser singelo e religioso. Queria-lhes dizer uma coisa muito simples, que aprendi que um modo complicado. Certamente, estão-o obtendo a um preço muito barato e, freqüentemente, confunde-se o singelo com o fácil. Não é nada barato; é o mais valioso que existe, porque a gente tem que pagar com sua própria vida esta simples verdade. É rendição, é confiança.

Naturalmente, ides entender mal o que é a confiança. Quantas vezes lhes hei isso dito? Sim, lhes devo haver isso dito milhões de vezes, mas me escutastes alguma vez? Precisamente o outro dia, minha secretária veio chorando e lhe pergunte o porquê.

-O motivo de minhas lágrimas é que confia tanto em mim -respondeu-, e não me mereço isso. Não o posso suportar.

-Eu confio em ti -disse-lhe-. Não obstante, se quer seguir chorando, pode fazê-lo. Se te quer rir, pode-o fazer.

Isto indubitavelmente é difícil para ela. Compreende-me, embora suas lágrimas não eram contra mim mas sim por mim.

-O que pode fazer? -perguntei-lhe-. Como muito pode me dizer que vá desta casa. Se alguém desta casa quer vir comigo, pode-o fazer; do contrário, irei sozinho. vim sozinho e irei sozinho. Ninguém me pode acompanhar na verdadeira viagem. Enquanto isso, pode jogar todo tipo de jogos para passar o momento.

Ela me olhou. Já não chorava mas ainda tinha lágrimas nas bochechas. Nesse momento adivinhei o que lhe estava passando pela cabeça.

-Está pensando que agora me pode enganar -disse-lhe-. Muito bem, não vais ter uma oportunidade melhor.

Começou a chorar de novo e se prostrou a meus pés dizendo:

-Não, não. Não te quero enganar. Por isso estava chorando. Não te quero enganar.

-Então, de onde surgiu essa idéia? -perguntei-lhe-. Se você não me quer enganar, e eu tampouco quero que me engane, por que estamos perdendo o tempo? Se me quer enganar, estou disposto. Em realidade, eu deveria chorar por ti, porque desde o começo só fui um problema. E sigo sendo um problema mas não para mim mesmo; eu mesmo não existo, de modo que sobra a pergunta. Para outros que são, e são muito..., quanto mais são, mais problemática é sua vida. De todas formas, está com um homem que não existe e no que a ele respeita, não tem nenhum problema. E se ele pode confiar em ti, a existência é suficiente para cuidar de ti.

Mas a existência não parece lhe interessar a ninguém, estão interessados em tudo menos na existência.

Isto tira reluzir ao Masto de novo. Este Masto era um tipo que podia entrar em qualquer lugar, o pedissem ou não, convidassem-lhe ou não. Era tão interessante, que todo mundo se levantava para lhe receber, houvessem-lhe convidado ou não. Masto volta uma e outra vez. É um velho hábito muito difícil de curar.

O pobre Devageet só toma seus apontamentos, e o faz à perfeição. de vez em quando, para comprová-lo, pergunto-lhe:

-O que estava dizendo?-, e ele me recorda exatamente o que estava dizendo. Faz seu trabalho, e como transborda amor para mim, não pode evitar suspirar; respira como se algo que ele acreditava que nunca poderia acontecer aconteceu por fim. E ainda não pode acreditar-lhe Minha dificuldade radica em que acredito que se está rendo! Não se está rendo, mas o som alterado de sua respiração me faz sentir como se o estivesse fazendo.

Ele me tem escrito sobre isto. Sei, mas cada vez que o faz (eu também sou um intransigente) vem-me imediatamente à cabeça a palavra risita. está-se rendo outra vez. Isto também é um velho hábito de quando eu era professor. Poderão compreendê-lo: um professor, ao fim e ao cabo, é um professor, e não pode permitir risitas em sua classe. Agora já não me importa, eu gosto.

Em minha classe havia mais garotas que meninos, por isso havia muitas risitas. E já me conhecem: não me importa se forem meninos ou garotas, eu gosto de participar das piadas. Mas se a risita não vem a conto, decididamente a pessoa se meterá em problemas. Posso-o permitir se for justo depois da piada, mas não se estiver desconjurado. Se as risadas estavam desconjurada, então agarrava à pessoa com as mãos na massa. Essas risadas não eram a conseqüência de uma piada; só se deviam a que havia meninos e garotas juntos, a velha história do Adão e Eva. «Fora daqui os dois!» Isso é o que disse Deus. «Ir do jardim do Éden!»

Certamente, devia ser um professor à antiga. E a serpente deveu ser um velho criado que tinha servido a muitos Adanes e Evas, lhes ajudando de todas as formas possíveis, provavelmente lhes mandando as cartas de um a outro, etcétera. É preferível não mencionar todo o resto. É obvio, aqui não há damas, nem cavalheiros. Mas no caso de que houvesse algum cavalheiro simulando não sê-lo ou alguma dama na mesma situação, então se produzirá uma dor desnecessária. Não quero fazer machuco a ninguém.

Recordo meu primeiro bate-papo... Vêem como acontecem as coisas nesta série? Era em uma escola de ensino superior. Todas as escolas de ensino superior

do distrito tinham enviado a um porta-voz. Escolheram-me para ser o representante de minha escola, não porque fosse o melhor (não posso dizer isso), mas também porque era o mais pesado. Se não me tivessem eleito, teria havido problemas, sobre isso não há nenhuma dúvida. De modo que decidiram me escolher, mas não se deram conta de que, esteja onde esteja, haveria problemas de todas formas. Comecei o discurso sem me dirigir com o habitual «Senhor Presidente, damas e cavalheiros...» Olhei ao presidente de acima a abaixo e me disse mesmo:

-Não, não parece um presidente. Logo olhei a meu redor e pensei:

-Não, aqui não parece que haja nenhuma dama nem nenhum cavalheiro, assim desgraçadamente tenho que começar meu discurso sem me dirigir a ninguém em particular. Quão único posso dizer é: A quem lhe possa interessar.

Mais tarde me chamou o diretor para me dizer que, inclusive apesar deste incidente, tinha ganho o prêmio.

-O que te ocorreu? -perguntou-me-. Comportaste-te que uma maneira estranha. Tínhamo-lhe preparado, mas não há dito nenhuma só palavra do que lhe ensinamos. Não só te esqueceste completamente do discurso que tinha preparado, mas também nem sequer te dirigiste ao presidente ou às damas e cavalheiros.

-Olhei ao redor -disse-lhe- e não havia nenhum cavalheiro. Conheço muito bem a todos esses tipos, e nenhum deles é um cavalheiro. Quanto às damas, ainda pior, porque são as esposas desses mesmos tipos. E o presidente... parece que Deus lhe enviou para presidir todas as assembléias desta cidade. Estou farto dele. Não posso lhe chamar «Senhor Presidente» quando, em realidade, tivesse-me gostado de lhe pegar.

Esse dia, quando o presidente me chamou para me entregar o prêmio, disse-lhe:

-De acordo, mas tenha em conta que terá que vir aqui embaixo e me dar a mão.

-Como! -disse-. Te dar a mão a ti! Nem sequer vou voltar te para olhar, insultaste-me.

-Te vais inteirar -disse-lhe.

Desde esse dia se converteu em meu inimigo. Conheço a arte de como fazer inimigos. chamava-se Shrinath Bhatt, e era um destacado político da cidade. É obvio, era o líder da partida política mais influente do Ghandi. Naqueles tempos, Índia estava sob a soberania inglesa. Certamente, quanto a liberdade se refere, Índia ainda não é livre. Possivelmente se tenha liberado da soberania inglesa, mas não da burocracia que esta criou.

Realmente, sempre estive falando sobre a confiança, mas nunca fui capaz de explicá-la. Talvez não seja minha culpa. Confiança: possivelmente não se possa falar sobre ela, a não ser só sugeri-la. Fiz um grande esforço tratando de dizer algo preciso, mas não o consigo. Se o experimentarem, não precisarão saber o que é; se não o experimentarem, pode que saibam tudo sobre o «cabeçalho» confiança, mas seguirão sem saber nada.

De novo lhes tentava dizer, em realidade, possivelmente me estivesse dando outra oportunidade mesmo; sempre é tentador falar de todos os intentos, embora sejam faltados. A gente está orgulhoso de saber que se fizeram na direção correta. É questão de direção.

Sim; a confiança é muitas coisas, mas em primeiro lugar é uma questão para a gente mesmo, uma mudança de direção.

Nascemos olhando para fora. Olhar para dentro não forma parte do organismo corporal. O corpo funciona bem; se quer ir a outro sítio, leva-te. Mas se desaba assim que lhe pergunta «Quem sou eu?»; desaba-se no chão sem saber o que fazer, porque a direção adequada não forma parte do que chamamos mundo.

O mundo consta de dez dimensões, ou melhor dizendo, dez direções. Dimensão é uma palavra mais importante, e não se deveria usar em lugar de direção. Estas dez direções são: dois, acima e abaixo; as quatro que conhecemos como este, oeste, norte e sul; e as quatro restantes som as esquinas. Se traçados a linha esteja-oeste e a linha norte-sul há esquinas entre o norte e o este, entre o este e o sul e assim sucessivamente; as quatro esquinas.

Não teria que ter usado a palavra dimensão. É totalmente diferente, tão diferente como o espirro do Devageet. Tenta-o reprimir, e é uma das coisas mais difíceis de reprimir. Eu lhe sugiro que o permita. vai vir de todas formas; por que sofrer? A próxima vez que bata na porta, abre-a e lhe diga: «Passe, senhora.» Talvez não volte a acontecer. Os espirros são estranhos. Se quiser que te saia um tem que fazer todo tipo de exercícios de ioga. E mesmo assim só é uma probabilidade. É uma mulher, sabem; e quando uma mulher toma posse de ti é preferível espirrá-la para fora e sair correndo antes que reprimi-la.

Direção e dimensão são distintas, como seu espirro e minha compreensão de que se está rendo. Ele tenta reprimir um espirro e eu tinha começado a falar do inefável, e nesse preciso momento, espirrou. Isso é o que Carl Jung chama sincronicidad. Não é um grande exemplo, refiro-me a que não é exemplar, só é um pequeno exemplo.

É curioso, mas quando se fala deste tipo de coisas, especialmente na Índia -e não acredito que a gente fale destas coisas em nenhum outro lugar há milhares de anos - está proibido espirrar em presença de um professor. por que? Não entendo como se pode proibir um espirro. O espirro não tem medo a seus policiais nem a suas pistolas. Como o pode proibir? A menos que te faça cirurgia estética no nariz, e não seria tão bom porque o espirro te informa que te entrou algo estranho no corpo. Não se deve impedir de maneira nenhuma.

Por isso digo a ti, Devageet, que é meu discípulo, que meus discípulos têm que ser distintos em todos os aspectos, inclusive ao espirrar. Podem espirrar exatamente no momento que o professor está falando soubre a confiança; não há nenhum inconveniente. Mas, às vezes, se tenta reprimi-lo, naturalmente, afeta a sua respiração. Você afeta em tudo, por isso acredito que te está rendo. Logo te sobressalta. De fato, deveria-te alegrar de que «Meu professor, que às vezes me interpreta mal, sempre se acredita que me estou rendo».

pode-se dizer -se me permitir isso- que a risada é meu credo. Refiro a se se pode usar a palavra «credo», não a se está permitido rir forte. Para mim está bem. Mas a gente é tão fanática com seus credos que não riem. Pelo menos, na igreja têm umas caras tão largas que não acreditaria que foram ali para entender ao homem, cuja única mensagem se poderia resumir em uma palavra: «te alegre!» Mas não são pessoas para alegrar-se.

Devem ser os mesmos que lhe mataram, e ainda lhe estão pondo pregos a seu ataúde, quem sabe, poderia escapar! Devem ser quão mesmos ainda lhe estão crucificando, e tem morto dois mil anos. Agora não faz falta crucificá-lo, embora foi o bastante inteligente para escapar. escapou bem a tempo. É obvio, desempenhou o papel de ser crucificado para as massas, e quando as massas se foram a casa, ele também se foi. Não quero dizer que se fosse ao céu. Não me interpretem mal; realmente se foi a sua casa.

A cova onde esteve guardado o corpo do Jesus, e que seguem ensinando aos cristãos, é um disparate. Sim; esteve ali umas horas, uma noite como muito, mas estava vivo. Isto se demonstra na própria Bíblia. Diz que um soldado lhe atravessou o flanco com uma lança quando acreditavam que estava morto, mas saiu sangue. A um homem morto não sai sangue. Assim que um homem morre, o sangue se começa a desintegrar. Se a Bíblia dissesse que só lhe saía água, então acreditaria que estavam dizendo a verdade, mas dizer que lhe saía água teria parecido uma tolice. Em realidade, Jesus não morreu em Jerusalém; morreu no Pahalgam, onde ao menos, quanto ao significado do nome se refere, significa exatamente quão mesmo o nome de meu povo.

Pahalgam é um dos sítios mais formosos da terra. É onde morreu Jesus, e morreu aos cento e doze anos. Mas estava tão farto de sua própria gente que simplesmente fez correr o rumor de que tinha morrido na cruz.

Claro que foi crucificado, mas terá que entender que a forma de crucificar dos judeus não é igual à dos americanos. Não lhe sentaram em uma cadeira, apertaram o botão e deixou de existir, sem que lhe desse tempo a dizer:

- Deus perdoa a esta gente que está apertando o botão porque não sabem o que faz. Se souberem o que fazem! Estão apertando o botão! É você o que não sabe o que fazem eles!

Se lhe tivessem crucificado de um modo cientista Jesus não teria durado nada de tempo. Mas não, os judeus seguiram um método muito cruel. Naturalmente, às vezes demoravam vinte e quatro horas ou mais em morrer. houve casos de gente que sobreviveu três dias na cruz, refiro-me à cruz judia, porque somente cravavam à pessoa das mãos e dos pés.

O sangue tem a propriedade de coagular-se; flui um momento, mas logo se coagula. Este homem, é obvio, estava sofrendo muito. De fato, pede a Deus:

-Por favor, faz que se acabe.

Provavelmente, Jesus estava dizendo justamente isto, quando disse: «Não sabem o que fazem. por que me abandonaste?». Mas a dor devia ser muito grande, porque finalmente disse: «Que se faça sua vontade.»

Não acredito que muriese na cruz. Não; não deveria dizer «Não acredito que... »; sei que não morreu na cruz. Ele disse «Que se faça sua essa vontade era sua liberdade. Podia dizer o que quisesse. De fato, o governador romano, Poncio Pilatos se apaixonou por ele. E quem não? Era irresistível aos olhos de qualquer.

Mas sua própria gente estava ocupada contando dinheiro; não tinham tempo de lhe olhar aos olhos, a esse homem sem dinheiro. Poncio Pilatos pensou em liberar o Jesus. Tinha poder para liberado, mas tinha medo da multidão. Pilatos disse:

-É melhor que fique à margem de seus assuntos. Ele é judeu e eles também, que decidam por sua conta. Mas se não poderem decidir a seu favor, eu encontrarei a maneira.

Encontrou a maneira, todos os políticos o conseguem. Fazem-no por meio de rodeios, nunca de uma forma direta. Quando querem ir a, primeiro vão a B; assim é como funciona a política. E realmente funciona. Só algumas vezes não funciona. Quer dizer, se houver um homem apolítico não funciona. No caso do Jesus, Poncio Pilatos conseguiu seu propósito perfeitamente sem ter que implicar-se.

Jesus foi crucificado na tarde da sexta-feira; daí vem a expressão «Sexta-feira Santa». Que mundo mais estranho! depois de crucificar a um homem tão bondoso o chamam «Sexta-feira Santa». Mas havia uma razão, porque os judeus têm...

acredito, Devageet, pode-me ajudar outra vez, não com um espirro, por favor! Seu dia sagrado é na sábado?

-Sim, Osho.

Correto..., porque no domingo não se faz nada. na sábado é festa para os judeus; devem interromper qualquer atividade. Por isso escolheram uma sexta-feira... a última hora da tarde; tinham que baixar o corpo da cruz antes de que ficasse o sol, porque se na sábado seguia na cruz se consideraria uma «atividade». Assim é como funciona a política, não a religião. De noite, um rico discípulo do Jesus sustrajo o corpo da cova. É obvio, depois vem no domingo, que é festa para todos. Quando chegou na segunda-feira, Jesus já está muito longe.

Israel é um país muito pequeno; facilmente, pode atravessá-lo em vinte e quatro horas andando. Jesus escapou, e não havia melhor sítio que os Himalayas. Pahalgam não é mais que um pueblecito, só umas quantas cabanas. Deveu-o escolher por sua beleza. Jesus escolheu um lugar que inclusive me teria encantado.

estive tentando ir a Cachemira há vinte anos. Mas em Cachemira há uma estranha lei: só podem viver ali os cachemiris, nem sequer o resto dos hindus. É estranho. Mas sei que noventa por cento dos cachemiris são muçulmanos, e têm medo de que se se permitir aos hindus viver ali logo serão maioria, porque é parte da Índia. De modo que atualmente só é um jogo de votos para impedir que entrem os hindus.

Eu não sou hindu, mas os burocratas são delinqüentes em todas partes. Realmente teriam que estar em hospitais psiquiátricos. Não me permitiam viver ali. Conheci inclusive ao ministro em chefe de Cachemira, ao que antes se conhecia como primeiro-ministro da Cachemira.

Terá que fazer um grande esforço para lhe descender de primeiro-ministro a ministro em chefe e naturalmente, como podia haver em um mesmo país dois primeiros ministros? Mas este homem, o xeque Abdullah, era muito resistente. Foi encarcerado durante muitos anos. Enquanto isso, modificou-se a constituição de Cachemira, mas esse estranho artigo permaneceu. Provavelmente, todos os membros do comitê eram muçulmanos e nenhum queria que entrasse ninguém mais em Cachemira. Eu o tentei com insistência, mas não houve forma. Não pode penetrar o duro crânio dos políticos.

Disse-lhe ao xeque:

-Está louco? Eu não sou hindu; não tem por que me ter medo. E minha gente vem de todas partes do mundo, não vão influenciar em sua política não, nem a favor nem em contra.

-Convém ser precavido -disse ele.

-De acordo -disse-lhe-, sei precavido e me perca a mim e a minha gente.

A pobre Cachemira teria ganho tanto, mas os políticos são surdos de nascimento. Ele escutava, ou ao menos simulava fazê-lo, mas não ouvia.

-Sabe que te conheço há muitos anos -disse-lhe-, e que adoro Cachemira.

-Conheço-te -disse-me-, e isso ainda me dá mais medo. Não é um político; pertence a outra categoria totalmente distinta. Sempre desconfiamos da gente como você.

Utilizou esta palavra: desconfiança, e eu estava falando com vós sobre a confiança.

Agora não me posso esquecer do Masto, foi ele quem me apresentou ao xeque Abdullah, muito antes. Mais tarde, quando quis ir a Cachemira, especialmente ao Pahalgam, recordei-lhe ao sheikh quem nos tinha apresentado.

O xeque disse:

-Lembrança que ele também era perigoso, e você o é ainda mais. Em realidade, não te posso conceder a permissão permanente de residência no vale porque foi Masta Baba quem nos apresentou.

Masto apresentou a muita gente. Pensou que possivelmente os necessitaria; e realmente os necessitei, não para mim a não ser para meu trabalho. Mas excetuando a uns poucos, a maioria resultou ser muito covarde. Todos disseram:

-Sabemos que está iluminado...

-lhes detenha agora mesmo -disse-lhes-. Em sua boca, essa palavra se converte imediatamente em não iluminado. Ou fazem o que lhes digo, ou simplesmente digam que não, mas não me digam tolices.

Eram muito atentos. lembravam-se da Masta Baba, e alguns deles se lembravam inclusive do Pagal Baba, mas não estavam dispostos a fazer nada por mim. Estou falando da maioria. Sim; alguns foram de grande ajuda, possivelmente um por cento das centenas de pessoas que Masto me apresentou. Pobre Masto, seu desejo era que nunca tivesse nenhuma dificuldade nem necessidade, e que pudesse contar com a gente que me tinha apresentado.

-Masto -disse-lhe-, está fazendo tudo o que pode, e eu estou fazendo ainda mais ficando calado quando apresenta a esses idiotas. Se não estivesse aqui, teria provocado muitos problemas. Esse homem, por exemplo, não se teria esquecido de mim. Controlo-me por ti embora não acredito no controle, mas o faço por ti. Masto se pôs-se a rir e disse:

-Já sei, quando lhe Miro enquanto te estou apresentando a um peixe gordo rio por dentro pensando: «meu deus, quanto esforço deve estar fazendo para não lhe pegar a este idiota».

Com o xeque Abdullah tive que fazer um grande esforço, já pesar de todo me disse:

-Te teria permitido viver em Cachemira se não nos tivesse apresentado Masta Baba.

Perguntei-lhe ao xeque:

-por que... se aparentava ser um grande admirador?

-Não somos admiradores de ninguém -disse-me-, só admiramos a nós mesmos. Mas não ficava mais remedeio que lhe admirar porque tinha seguidores, especialmente entre a gente rica de Cachemira. Estava acostumado a ir receber lhe ao aeroporto, lhe ia despedir, abandonava meu trabalho e ia atrás dele. Mas esse homem era perigoso. E se ele nos apresentou, então não pode viver em Cachemira, ao menos enquanto eu siga ao mando. Sim; poderá ir e vir, mas só de visita.

Menos mal que Jesus entrou em Cachemira antes de que estivesse o xeque Abdullah. Fez bem em vir dois mil anos antes. Devia lhe ter muito medo ao xeque Abdullah. A tumba do Jesus ainda está aí, preservada pelos descendentes dos que lhe seguiram do Israel. É obvio, os homens como eu não podem ir sozinhos, já me entendem. Certamente lhe seguiram algumas pessoas. Embora se foi muito longe do Israel, devem ter vindo com ele.

Em realidade, os cachemiris são a tribo perdida do Israel da que tanto falam os judeus e os cristãos. Os cachemiris não são hindus nem de origem índia. São judeus. Podem-lhes dar conta se lhes fixarem no nariz da Indira Gandhi; ela é cachemiri.

Está impondo um regime de emergência na Índia, não de palavra a não ser de fato. Centenas de líderes políticos estão atrás das grades. Desde o começo, tinha-lhe estado dizendo que essas pessoas não deveriam estar no parlamento, as assembléias ou a legislatura.

Há muitos tipos de idiotas mas os políticos são os piores, porque além disso têm poder. Os jornalistas ocupam o segundo lugar. De fato, são piores que os políticos, porque ao não ter poder só podem escrever, e a quem lhe importa o que escrevem? Sem poder em suas mãos, pode ser tão idiota como quer, sem que passe nada.

Masto também apresentou a Indira, mas de forma indireta. Masto era, basicamente, amigo do pai da Indira, Jawaharlal Nehru, o primeiro primeiro-ministro da Índia. Era realmente um homem formoso, e pouco comum, porque não é fácil estar na política e seguir sendo formoso.

Quando Helen Keller, que era cega, surda e muda, conheceu-lhe, teve que lhe tocar a cara. Deu uma mensagem a alguém que podia interpretar sua linguagem de signos:

-Ao tocar a cara deste homem sinto como se tocasse uma estátua de mármore.

Muitas outras pessoas têm escrito sobre o Jawaharlal, mas não acredito que faça falta acrescentar nada mais. Esta mulher, que não tinha olhos, não tinha orelhas nem língua com a que falar, conseguiu fazer a declaração mais comovedora, e de um modo muito singelo.

Tive a mesma sensação quando Masto me apresentou isso. Eu só tinha vinte anos. Apenas um ano mais tarde, Masto me ia abandonar, por isso tinha tanta pressa por me apresentar a toda a gente que pudesse. Levou-me precipitadamente a casa do primeiro-ministro. Foi um encontro precioso. Não esperava que fora bonito porque tinha sofrido muitas decepções. Como ia supor que o primeiro-ministro não ia ser algo mais que um vil político? Não o era.

Quando nos estávamos partindo e ele nos acompanhava para despedimos, Indira apareceu no corredor, justo por acaso. Naquele momento ela não era ninguém, só uma garota jovem. Seu pai me apresentou isso. Masto estava aí presente, é obvio, e foi através dele como nos conhecemos. Mas provavelmente Indira não conhecia o Masto, ou quem sabe? talvez sim. O encontro com o Jawaharlal foi tão significativo que trocou toda minha atitude, não só para ele, mas também para toda sua família.

Falou-me da liberdade, da verdade. Não podia acreditá-lo. Disse-lhe:

-Dá-te conta do fato que só tenho vinte anos, que só sou um homem jovem?

Ele respondeu:

-Não se preocupe pela idade, porque em minha experiência, um burro, embora seja muito velho, segue sendo um burro. Um velho burro não se converte necessariamente em um cavalo, nem sequer em uma mula, muito menos em um cavalo. De modo que não se preocupe pela idade -continuou-. Por um só instante, podemo-nos esquecer completamente de minha idade e da tua, e discutir sem barreiras de idade, casta, credo ou posição -então disse ao Masto-: Baba, poderia fechar a porta, por favor, para que não entre ninguém? Não quero nem a meu secretário privado.

Falamos de coisas magníficas! Eu era o surpreso porque me escutava com tanta atenção como vós, e tinha um rosto muito formoso, como só os cachemiris podem ter. Os índios som de pele um pouco escura, e à medida que vai indo para o sul se voltam de pele mais escura, até que chega um ponto quando vê, pela primeira vez em sua vida, o que significa negro.

Mas os cachemiris são realmente belos. Jawharlal o era por duas razões. Tenho a sensação de que o homem branco, um homem branco, tem um aspecto um pouco superficial, porque a brancura não tem profundidade. Por isso todas as garotas de Califórnia tentam bronzear-se um pouco. Pensam que a pele bronzeada

tem uma profundidade da que carece a pele branca. A pele negra está muito bronzeada, queimada. Não se trata de profundidade, mas sim de morte. Os cachemiris estão justo no meio: são brancos, muito belos, mas estão bronzeados desde seu mesmo nascimento, e são judeus.

Vi a tumba do Jesus em Cachemira, aonde escapou depois de sua suposta crucificação. Digo suposta, porque conseguiram seu propósito à perfeição. Todo o mérito é do Poncio Pilatos. Quando ao Jesus deixaram escapar da cova, naturalmente a pergunta foi: «aonde ir?» O único sítio fora do Israel onde podia estar tranqüilo era Cachemira porque é como uma pequena o Israel. E em Cachemira, não só está enterrado Jesus, mas também também Moisés.

Isto lhes vai causar mais estupor. Também estive em sua tumba. Sou um enterrador. Naturalmente, outros judeus tinham importunado ao Moisés com a pergunta:

-Onde está a tribo perdida?

depois de seu comprido viagem de quarenta anos pelo deserto faltava uma tribo. Moisés se equivocou também nisto: se se tivesse dirigido para a esquerda em vez da direita, agora os judeus seriam os reis do petróleo. Mas os judeus são judeus; são imprevisíveis. Moisés viajou durante quarenta anos entre o Egito e Israel.

Eu não sou nem judeu nem cristão, e é algo que não me concerne. Mas apesar de tudo, só por curiosidade, pergunto-me por que escolheu o Israel. por que estava Moisés procurando o Israel? Em realidade, deveria ter estado procurando um lugar formoso, mas chega a velhice, e depois de uma tediosa viagem, quarenta anos no deserto...

Eu não teria podido fazê-la. Quarenta anos! Não consigo fazê-la, nem sequer quarenta horas. Não posso. Preferiria me fazer o harakiri. Conhecem o harakiri? É a forma de desaparecer dos japoneses; em linguagem corrente, suicídio.

Moisés viajou durante quarenta anos e finalmente chegou ao Israel, a esse lugar poeirento e feio que é Jerusalém. E depois de tudo isto (os judeus são judeus) voltaram-lhe a insistir para que fora em busca da tribo perdida. Tenho a sensação de que partiu porque queria desfazer-se destes tipos. Mas onde procurar? O sítio mais formoso e mais próximo eram os Himalayas, e chegou ao mesmo vale.

Menos mal que ambos, Moisés e Jesus, morreram na Índia. Índia não é cristã, e certamente não é judia. Mas o homem ou, melhor dizendo, as famílias que se encarregam de cuidar as duas tumbas são judias, e ambas as tumbas estão feitas ao estilo judeu. Os hindus não fazem tumbas, como bem sabem. Os muçulmanos sim, mas de outra forma. Uma tumba muçulmana deve orientar-se para A Balance; a cabeça tem que estar para A Balance. Estas são as únicas duas tumbas em Cachemira que não são feitas de acordo às regras muçulmanas.

Mas os nomes não são exatamente como lhe esperaria encontrar isso Em árabe, Moisés se diz Mosha, e o nome que há em sua tumba é Mosha. O nome do Jesus em árabe é igual a em aramaico, Yeshu, que vem do hebreu Joshua; e se escreve do mesmo modo. Isto pode levar a confusão. Possivelmente não lhes ocorra pensar que Yeshu é Jesus, nem que Mosha é Moisés. Moisés é a forma inglesa de -como dizê-lo- pronunciar mal o original, e o meusmo ocorre com o Jesus.

Joshua, pouco a pouco, converte-se no Yeshu. Joshua é muito; Yeshu está bem, e é exatamente como chamamos o Jesus na Índia: Isu, pronunciado Isu. acrescentamos algo à beleza do nome. «Jesus» está bem, mas já sabem o que passou com este nome. Quando a gente quer amaldiçoar diz «Jesus!». Este som tem um pouco de blasfêmia. Tenta amaldiçoar a alguém lhe dizendo «Joshua» e o

encontrará complicado. A mesma palavra lhe impede isso. É tão feminina, tão formosa e tão redonda que não pode atacar a ninguém com ela.

Que horas são?

-As onze e vinte, Osho. Está bem, terminamos.

Sessão 39

Devageet, parece-me que está alterado por algo. Não te tem que afetar, não é certo?

-Correto.

.Se não, quem vai tomar apontamentos? O escritor, pelo menos, não tem que alterar-se.

De acordo. Estas lágrimas são para ti, por isso saem do olho direito. Ao Ashu não há meio doido. Agora também sai do esquerdo uma lágrima pequeñita para ela. Não posso ser muito duro. Desgraçadamente, só tenho dois olhos, e aí está Devaraj, pelo que choraria com os dois olhos. É uma das poucas pessoas às que estive esperando, e não em vão. Não é minha forma de ser. Quando espero, tem que acontecer. Se não acontecer, então quer dizer que realmente não estava esperando, nada mais. Voltemos para a história.

Nunca quis conhecer o Pandit Jawaharlal Nehru, o pai da Indira Gandhi, por duas razões. O disse ao Masto, mas não me escutou. Ele era o homem apropriado para mim. Pagal Baba tinha eleito ao homem apropriado para o homem equivocado. Nunca estive bem aos olhos de ninguém; entretanto, Masto sim. Ninguém sabia que se estava rendo como um menino, exceto eu. Mas esse era um assunto privado, e havia muitas coisas privadas que tenho que tirar a luz agora.

Discutimos durante dias e dias se deveria ir ver o primeiro-ministro da Índia. Eu estava mais resistente que nunca. Quando me pedem que vá a qualquer sítio, embora seja a casa de Deus, respondo: «Pensarei-o», ou «Poderíamos lhe convidar a tomar o chá».

Discutimos longamente, e não só compreendeu os argumentos, mas também compreendeu quem era o que discutia, e isto lhe preocupava mais ainda.

-Pode dizer o que quiser -disse, como estava acostumado a fazer quando não me podia convencer com um argumento racional-, mas Pagal Baba me pediu isso; portanto, agora depende de ti.

-Se disser que lhe pediu isso Pagal Baba -afirmei-, respeitaremo-lo. Se estivesse vivo não lhe deixaria em paz tão facilmente, mas já não está, e não se discute com um morto, especialmente se lhe ama.

começou-se a rir e disse:

-O que aconteceu com sua discussão?

-te cale a boca -respondi-lhe-. Assim que tira reluzir ao Pagal Baba, tirar um morto de sua tumba só para vencer em uma discussão... e nem sequer a ganhaste; rendi-me eu. Faz o que estiveste discutindo comigo durante estes três dias.

Estas discussões eram tremendamente formosas, muito minuciosas, sutis e transcendentes, mas isto não vem a conto, ao menos hoje. Possivelmente em algum outro círculo.. .

O assunto sobre o que insistia Masto era que tinha 'que ver o primeiro-ministro, porque nunca se sabe, possivelmente algum dia possa necessitar sua ajuda.

-E talvez... -acrescentei (ruído estrepitoso do ar condicionado).

Este é o diabo que lhes contava que mecanografia os apontamentos do pobre Devageet de noite. Note, agora está escrevendo diretamente a máquina. Inclusive Ashu ri porque não sabe o que fazer. Provavelmente, não saiba ninguém.

(O ruído se detém.) Genial! Eu mesmo tive que deixar de falar, por isso se parou. Se voltar a falar começará de novo, a menos que façamos algo (de novo o estalo continuado). Isto é muito! Datilografar de noite, na escuridão, está bem...

O que estava dizendo?

-Que Masto te disse que deveria conhecer primeiro-ministro, porque nunca se sabe, pode que algum dia necessite sua ajuda.

Disse ao Masto:

-Por favor, quero que acrescente uma coisa, pode que algum dia o primeiro-ministro me necessite . Estou disposto a ir, porque lhe há isso dito Baba; isso não me custa tanto como lhe decepcionar. De acordo. Mas Masto, terá valor para acrescentar isto?

Embora com indecisão, ficou de pé e disse:

-Sim; não é só uma probabilidade, mas sim tenho a segurança de que chegará um dia em que ele, ou o que ocupe a presidência, necessite sua ajuda. Agora vêem comigo.

Nessa época só tinha vinte anos e perguntei ao Masto.

-Há- dito ao Jawaharlal que idade tenho? Ele é velho e é o primeiro-ministro de uma das maiores democracias do mundo, é obvio terá milhares de assuntos na cabeça. Fica tempo para um menino como eu? Refiro a um menino que nem sequer é convencional, quer dizer, de um convento.

Realmente, não era convencional. Em primeiro lugar, estava acostumado a levar umas sandálias de madeira que incomodavam em todos os sítios. Em realidade, eram uma boa declaração de que estava chegando, me aproximando; quanto mais forte era o ruído, mais perto estava.

O diretor de meu colégio me estava acostumado a dizer:

-Faz o que queira. Vê e volta a comer da maçã -era cristão, por isso o disse- e se quiser, te coma também a serpente! Mas pelo amor de Deus, não use essas sandálias de madeira!

-me mostre seu livro de normas -disse-lhe-, esse que me ensina cada vez que faço algo mal. Diz algo sobre as sandálias de madeira?

-meu deus! A quem lhe ia ocorrer pensar que um aluno se apresentaria com sandálias de madeira? -disse-. É obvio que não se menciona no livro.

-Em tal caso, terá que averiguá-lo no Ministério de Educação; mas, a menos que passem um documento por escrito que prohíba o uso na escola de sandálias de madeira, e façam que todo mundo ria da tolice -respondi-lhe-, eu não vá trocar. Sou uma pessoa que acata a lei.

O diretor do colégio disse:

-Já sei que acata a lei, pelo menos neste assunto. Menos mal que não te ocorreu que eu também deveria usar esses monstros de madeira.

-Não; além disso sou muito democrático; nunca obrigo a nada a ninguém. Poderia vir nu e nem sequer te perguntaria: «Senhor, onde estão suas calças?»

-Como! -exclamou.

-Só estou dizendo «supón que», quão mesmo faz você quando vem a classe e diz: «Suponham, só suponham...» Não te estou dizendo que venha nu... realmente, não tem valor para fazê-lo.

(Ruído de estalo continuado outra vez.) Só Asheesh nos pode ajudar porque, provavelmente, o diabo só entende italiano e nenhum outro idioma. Está bem. O que estava dizendo?

-Estava-lhe dizendo ao diretor do colégio que não tinha valor para apresentar-se sem calças.

Sim; disse-lhe:

-Só é uma hipótese, do mesmo modo que lhe diz à classe «Suponham.. .». Nunca lhe perguntamos se for verdade ou não, de modo que não me pergunte isso . Supón que vem sem as calças. Agora posso acrescentar algumas costure: sem camisa, ou inclusive sem roupa interior.. . -Sal daqui imediatamente! -exclamou. -Não posso -disse-lhe-, a menos que me diga que posso usar as sandálias de madeira. A madeira é natural e eu sou pacifista, por isso não posso usar couro. De modo que, ou te obedeço e uso couro como você (diz-te um brahmm, mas com esses sapatos e com essa cara te pode chamar brahmin?), ou terei que usar as sandálias de madeira.

-Faz o que queira -respondeu-. Mas te afaste de mim tudo o que possa e o mais rápido que possa, porque poderia fazer algo do que me arrependeria toda minha vida.

-Crie que me pode matar só por usar sandálias de madeira? -perguntei-lhe.

-Não faça mais perguntas ---'disse-, não me provoque. Mas tenho que te dizer que quando ouço esse ruído -porque todos os corredores do colégio eram de pedra- posso-te ouvir desde qualquer lugar do edifício. Não sei por que, mas é impossível não te ouvir porque não faz mais que te mover, e esse ruído me deixa fora de combate.

-Esse é seu problema -respondi-lhe-. Eu vou usar as sandálias -e as segui usando até que deixei a universidade. Ao longo de minha vida, da escola secundária até a universidade, sempre usei sandálias de madeira. Todos me conheciam porque era o único que levava sandálias de madeira. Todo mundo estava acostumado a comentar:

-Pode-lhe ouvir quilômetros de distância. Adorava essas sandálias de madeira. No que a mim respeita, eu adorava porque estava acostumado a dar largos passeios de quilômetros, pela manhã ou de noite, e com as sandálias de madeira... Não sei se algum de vós o terá experiente, mas sonha como se alguém estivesse andando detrás de ti, e embora saiba que só são suas sandálias que fazem ruído, quem sabe, possivelmente, talvez... por que correr o risco? Joga uma olhada. Quer te voltar para olhar e ver quem te está seguindo. Há-me flanco anos de treinamento não fazer essa tolice, e ainda mais tempo o não pensar em fazer essa estupidez.

-Sempre fui resistente -disse ao Masto-, inclusive a coisas às que qualquer pessoa acessaria facilmente.

Mas o dizer sim me chegou muito tarde. Eu seguia dizendo que não, não, até que todos os não se converteram em um sim, mas não o estava esperando.

Bom, isto se converteu em uma distração. Em realidade, tudo nesta série vai ser uma distração de algum tipo, mas tentarei voltar, cada vez, ao ponto onde nos desviamos.

Acessei. Masto e eu fomos a casa do primeiro-ministro. Não sabia que havia tanta gente que venerava ao Masto, porque de todas formas não sabia muito sobre o mundo. No caminho para ali lhe perguntei.

-consertaste uma entrevista?

riu e não me disse nada.

-Se não lhe preocupa -pensei-, por que me tenho que preocupar eu? Não é meu assunto; eu só lhe acompanho.

Mas quando cruzamos a grade vi claramente que não precisava pedir uma entrevista. O policial caiu a seus pés dizendo:

-Masta Baba, faz meses que não vem, nós adoramos te voltar para ver. de vez em quando o primeiro-ministro necessita sua bênção.

Masto riu e não disse nada. Entramos. O secretário se prostrou a seus pés e disse:

-Só tinha que chamar para que lhe enviássemos o carro do primeiro-ministro. Quem é este menino?

Masto disse:

-Quero apresentar este menino ao Jawaharlal e a ninguém mais. E tenha em conta que não deve mencionar-lhe a ninguém em nenhum lugar.

Embora se ocupou de tudo, entretanto, meu princípio funcionou. Hei-lhes dito que sempre que se faz um amigo imediatamente se cria um inimigo. Se não querer ter um inimigo te esqueça de ter amigos. É o método dos monges budistas ou cristãos: esquecer-se das relações, da amizade e de tudo, para não criar inimigos. Mas o propósito da vida não é somente não criar inimigos.

Surpreenderá-lhes igual à mim, mas não esse dia, a não ser muitos anos mais tarde... Esse dia era impossível reconhecer ao homem que estava sentado no escritório do secretário esperando sua entrevista. Naquela época ainda não tinha ouvido falar dele, embora parecia muito arrogante. Pensei que devia ser uma pessoa muito poderosa.

-Quem é este homem? -perguntei ao Masto.

-te esqueça dele -disse-; não é ninguém que mereça a pena. É Morarji Desai.

-Não vale a pena? -perguntei-lhe.

-Refiro a autêntico valor -disse Masto-. Não é mais que um prestidigitador. Claro, que pertence ao conselho de ministros, e lhe olhe: está muito zangado porque é seu turno para ver o primeiro-ministro.

Mas Masto era famoso e o primeiro-ministro lhe chamou, lhe dizendo ao Morarji que esperasse. Isso foi um insulto, não intencionado por parte do Jawaharlal, mas provavelmente, Morarji não se esqueceu disto até o dia de hoje. Talvez não se lembre do menino, mas estou seguro que se lembra do Masto. Masto era impressionante em todos os aspectos.

Entramos, e não foram cinco minutos: estivemos exatamente uma hora e meia. Morarji Desai teve que esperar. Isso foi muito para ele. Tinha consertado uma entrevista para que outra pessoa, um sannyasin com um moço, passasse antes que ele ... ¡Y além disso teve que esperar noventa minutos!

Pela primeira vez em minha vida me surpreendi, porque não tinha ido aí para conhecer um poeta, a não ser a um político. Encontrei-me com um poeta.

Jawaharlal não era um político. Que lástima! Não pôde fazer seus sonhos realidade. Mas tanto se disser «o que machuca» como se diz «que bem», um poeta sempre será um fracassado. Inclusive sua poesia é um fracasso. Seu destino é ser um fracassado, porque deseja as estrelas. Não se conforma com o pequeno, o finito. Quer ter todo o céu em suas mãos.

Agarrou-me totalmente despreparado. Até o Jawaharlal se deu conta e disse:

-O que ocorre? O moço tem aspecto de ter sofrido uma comoção.

Masto lhe respondeu sem me olhar:

-Conheço menino. Por isso lhe trouxe isso. Em realidade, se tivesse tido poder para fazê-lo, te teria levado a ti até ele.

Agora lhe tocava desconcertar-se ao Jawaharlal. Mas era um homem muito culto; voltou-me a olhar para medir o significado das palavras do Masto. Por um momento nos olhamos mutuamente aos olhos e pomos-se a rir. Sua risada não era a de um homem velho; seguia sendo a de um menino. Era tremendamente atrativo, digo-o a sério porque vi a milhares de pessoas formosas; posso assegurar que era o mais belo de todos, e não só por seu corpo.

É curioso: estivemos falando de poesia enquanto Morarji esperava fora. Falamos de meditação e Morarji seguia esperando fora. Ainda lembrança a cena, devia estar jogando fumaça. Em realidade, esse dia decidiu e selou nossa inimizade. É obvio, não por minha parte; não tenho nada contra ele. Suas inquietações são estúpidas, não merece a pena estar em contra. Sim; de vez em quando está bem para rir dele. Isso é o que tenho feito com seu nome, e sua terapia da urina (beber sua própria urina). Esteve pregando na América. Ninguém pergunta se beber sua própria urina, ou a de outra pessoa; porque quando alguém bebe urina quer dizer que perdeu a razão; portanto, é capaz de beber algo, até a urina de outra pessoa. E ele estava ali ensinando, pregando.

Esse dia se converteu em meu inimigo, mas sem eu sabê-lo, ao menos no que a mim respeita. Só porque teve que esperar uma hora e meia. inteirou-se de quem era eu pelo secretário; certamente lhe perguntou:

-Quem é esse menino? E por que o estão apresentando ao primeiro-ministro? Com que propósito? por que Masta Baba se interessa por ele?

É obvio, se está sentado durante uma hora e meia, tem que falar de algo. Posso-o entender, mas foi duro de tragar, inclusive para ele, que era capaz de tragar-se sua própria urina. Foi um desafio, mas o mais duro de tragar foi quando viu o Jawaharlal que saía até o alpendre para despedir-se deste menino de vinte anos.

Nesse momento se deu conta de que o primeiro-ministro não estava falando com a Masta Baba a não ser com este estranho desconhecido que levava sandálias de madeira, e que ia fazendo ruído por todo o alpendre; era um maravilhoso alpendre de mármore. Eu levava o cabelo comprido e um estranha túnica que me tinha confeccionado eu mesmo, porque os sannyasins que me fazem a roupa atualmente ainda não estavam ali. Ali não havia ninguém...

Tinha costurado uma túnica larga muito simples, com dois buracos para poder acontecer as mãos quando fizesse falta, e as poder colocar quando quisesse. Tinha-a feito eu mesmo. Não tinha nada de artístico; quão único tinha tido que fazer era costurar um pedaço de tecido pelos dois lados e fazer um buraco para o pescoço.

Ao Masto gostou, de modo que encarregou que lhe fizessem uma.

-Tinha-me isso que ter pedido -disse-lhe.

-Não, isso seria muito -disse-. Não seria capaz de usá-la porque a quereria conservar.

Saímos da casa que posteriormente seria a famosa «Trimurti». Atualmente é um museu em memória do Jawaharlal. Jawaharlal era uma pessoa excelente, no sentido que não tinha por que sair a se despedir de um moço, estar de pé para fechar a porta do carro e esperar até que se foi.

Tudo isto o presenciou esse pobre tipo, Morarji Oesai. É um desenho animado, mas um desenho animado que se converteu em meu inimigo para o resto de minha vida. Embora não me pôde fazer nenhum dano, tenho que dizer que o tentou. Que horas são?

-A oito e vinte e um, Osho.

me deixem dez minutos, logo me irei trabalhar. depois disto começa minha tarefa.

Sessão 40

Estou de pé (é curioso porque se supõe que estou descansando), quero dizer, que em minha memória, estou de pé junto ao Masto. É obvio, não há nenhuma outra pessoa com a que preferiria estar. Estar com qualquer outra pessoa depois de ter estado com o Masto seria pobre, limitado.

Esse homem era verdadeiramente rico em cada uma das células de seu ser, e em cada filamento de sua malha de relações que, pouco a pouco, fui conhecendo. Não pôde me apresentar a todos, era impossível. Eu tinha pressa por fazer o que chamo não-fazer. Ele tinha pressa por fazer o que chamava sua responsabilidade respeito para mim, como lhe tinha prometido ao Pagal Baba. Ambos tínhamos pressa, e apesar do muito que ele queria não pude me aproveitar de todas suas relações. Mas também havia outros motivos.

Ele era um sannyasin tradicional, pelo menos no exterior, mas eu lhe conhecia mais profundamente. Não era tradicional, embora fingia sê-lo porque a gente queria essa ficção. Só agora posso entender tudo o que deveu sofrer. Nunca sofri que esse modo porque resisto a fingir.

Não acreditarão, mas há milhares de pessoas que esperavam algo de mim que só era produto de sua imaginação. Eu não tinha nada que ver com isso. Os hindus, entre milhões de meus seguidores (falo do tempo antes de começar meu trabalho), acreditavam que eu era Kalki. Kalki é o avatar hindu, o último.

Tenho que lhes dar uma pequena explicação que lhes ajudará a entender muitas coisas. Na Índia, os antigos hindus acreditavam que só havia dez reencarnações de Deus. Naturalmente -naqueles tempos a gente contava com os dedos-, dez era o máximo. Não podia ir mais à frente do dez; tinha que voltar a começar do um. Por isso, os hindus acreditavam que cada ciclo de existência tinha dez avatares. A palavra «avatar» literalmente quer dizer «o que descende do divino». Dez, porque depois do décimo se termina um círculo ou ciclo. Começa imediatamente um novo, mas volta a haver um primeiro avatar, e a história continua até o décimo.

Poderão-me entender facilmente se tiverem visto contar aos humildes camponeses hindus. Contam até dez com os dedos; depois voltam a começar, um, dois... Na antigüidade, o dez devia ser o máximo. É curioso, mas segue sendo-o no que se refere aos idiomas. Mais à frente do dez não há nada; o onze é uma repetição. O onze é pôr um um detrás de um um, casando-os, colocando-os em confusões, nada mais. Depois do dez, todos os números são só repetições.

por que são tão originais os números do um aos dez? Porque em todas partes o homem contou com os dedos da mão.

Tenho que mencionar de passagem, antes de continuar (simplesmente é uma distração antes de centramos): seus números em inglês para dizer um, dois, três, quatro, cinco, seis, sete, oito, nove e dez provêm do sânscrito.

As matemática têm uma dívida com o sânscrito, porque sem estes números não teria havido um Albert Einstein, nenhuma bomba atômica; não existiria o Principia Matematica do Bertrand Russell e Whitehead. Estes números são os tijolos primitivos.

Os alicerces não se colocaram em outro lugar a não ser nos vales dos Himalayas. Provavelmente, encontraram-se com uma beleza incomensurável e

tentaram medida. Possivelmente houvesse alguma outra razão, mas uma coisa é segura: a palavra sânscrita tri, em inglês se converte em three (três). teve que fazer o comprido e poeirenta viagem da palavra. A palavra em sânscrito sasth se converte no six (seis) inglês; a palavra sânscrita asth se converte em eight (oito); e assim sucessivamente.

O que estava dizendo?

-Estava dizendo que os hindus acreditam que é a décima reencarnação do Kalki. Muito bem. Está melhorando.

Kalki é a décima e última reencarnação hindu de Deus. depois dele se acaba o mundo, e é obvio, volta a começar, do mesmo modo que derruba um castelo de naipes para logo voltar a começar. Pode que antes de começar volte a baralhar as cartas para te animar um pouco; por outra parte, o que importa às cartas? Mas voltará a baralhar te faz sentir bem.

Exatamente do mesmo modo, Deus volta a baralhar e começa a pensar:

-Possivelmente agora me saia um pouco melhor.

Mas faça o que faça, todas as vezes surge um Richard Nixon, um Adolf Hider, um Morarji Desai..., quero dizer que Deus se está equivocando todo o momento.

Sim; de vez em quando acerta, mas nesse caso o mérito deveria ser do homem, porque trunfa em um mundo onde toda fracassa. Sem dúvida, não se deve a Deus. O mundo é prova suficiente do desprestígio absoluto de Deus.

Os hindus seguiram usando o dez como o absoluto dos tempos do Rigveda, disso faz uns dez mil anos. Mas os jainistas, que são muito mais matemáticos, lógicos e anteriores aos hindus, nunca acreditaram na santidade do dez. Tinham suas próprias idéias. É obvio, também o deduziram que alguma fonte. Se não o pode deduzir de seus dedos, alguém o deveu fazer de outro modo, de alguma outra fonte.

Nunca se estudou claramente o que fizeram os jainistas, e eu não o posso corroborar com nenhum texto porque, provavelmente, seja a primeira vez que o estou mencionando. Acrescento «provavelmente» no caso de há alguém que já o tem feito antes que eu e não soubesse. Mas conheço quase todas as escrituras que merece a pena conhecer. ignorei as demais. Não obstante, é possível que tenha ignorado a alguém do grupo a quem não se devia ignorar; por isso usei a palavra «provavelmente», do contrário, estou seguro que ninguém o há dito antes. De modo que o vamos dizer agora.

Os jainistas acreditam em vinte e quatro professores aos que chamam tirthankaras. Tirthankara é uma formosa palavra; significa «o que faz um sítio para seu navio, do que pode cruzar à outra Este borda é o significado de tirth, e tirthtankara significa «o que cria um lugar do que muchísima gente pode cruzar à outra borda, a borda do mais à frente». Eles acreditam no vinte e quatro. Seu universo também é um círculo embora, naturalmente, maior. Os hinduistas têm um círculo pequeno de dez; os jainistas têm um círculo maior de vinte e quatro. O rádio é maior.

Inclusive os hinduistas, sem saber o que estavam fazendo, ficaram impressionados pelo número vinte e quatro, porque os jainistas lhes podiam dizer: «Só têm dez? Nós temos vinte e quatro.» É igual à psicologia dos meninos: «Quanto mede seu pai? Só um metro e médio? Meu pai mede quase dois metros. Não há ninguém mais alto que meu pai», e este «deus» não é mais que uma forma paterna.

Jesus tinha razão; estava acostumado a lhe chamar Abba, que se pode traduzir por «papai» mas não por Deus». Podem entendê-lo: abba é uma palavra que indica amor e respeito, e papai não o é.

Quando diz «pai», acontece-te instantaneamente algo sério, inclusive à pessoa que está chamando pai, porque tem que ser pai. Provavelmente, os cristãos chamam pai a seus sacerdotes por isso; papai não seria adequado, e abba lhe faria rir aos meninos, ninguém tomaria a sério.

Os hindus provêm de fora da Índia. Não são originários do país; são estrangeiros, sem passaporte. foram entrando da Ásia central há séculos; dali provêm todas as raças européias: a francesa, a inglesa, a alemã, a russa, a escandinava, a lituana.,. e assim sucessivamente. Todas as «essas» vieram da Mongolia, que atualmente é quase um deserto. Mongolia não interessa a ninguém. A gente nem sequer sabe que é um país. Uma parte pertence a China, a maior parte pertence a Rússia, e estão liberando uma guerra fria constante sobre onde riscar a linha, porque Mongolia só é um deserto.

Mas toda esta gente, especialmente os arianos, provém da Mongolia. Vieram a Índia porque, de repente, começou-se a converter em um deserto, e sua população estava aumentando como a dos hindus. Tinham que emigrar em todas as direções. Menos mal, assim é como apareceram todos estes países.

Mas a Índia já era um país muito refinado antes de que chegassem os arianos. Não era como a Europa. Quando os arianos chegaram a Alemanha e a Inglaterra não encontraram a ninguém contra quem lutar; encontraram uma formosa terra onde não havia nada que temer. Mas na Índia foi uma história diferente. A gente que vivia na Índia antes de que entrassem os arianos deviam ser muito civilizados. Quero dizer, de verdade, não só porque vivessem em cidades

feito-se escavações em duas das cidades dessa época: Mohenjodaro no Paquistão, que antes era parte da Índia, e Harappa. Estas cidades mostram coisas estranhas: tinham ruas largas, de vinte metros de largura; edifícios de três pisos; banhos; sim, habitações com quarto de banho. Na Índia ainda há milhões de pessoas que não sabem que existe tal coisa. De fato, se o contasse poriam-se a rir, pensariam que está um pouco louco; um quarto de banho junto a seu dormitório? Está louco?

O desenhista mais vanguardista certamente pareceria um pouco louco incluso para vós, porque o último desenho da Escandinavia é um quarto de banho com um dormitório em seu interior. Todo o assunto toma uma nova perspectiva. Basicamente, trata-se de um quarto de banho, e o dormitório está em uma esquina, sem que haja uma separação. O quarto de banho é o fundamental: tem uma pequena piscina, e tudo o que necessite, até uma cama..., mas o banho não é contigüo à habitação, mas sim a cama está dentro do quarto de banho.

Provavelmente este seja o perfil das coisas em e! futuro, mas se o conta aos milhões de pessoas que há na Índia...! Eu era a única pessoa do povo -do povo de meu avô, onde vivi tanto tempo- com um quarto de banho anexo à habitação, e a gente fazia fale sobre isto. Me estavam acostumados a perguntar:

-Realmente tem um banho junto a sua habitação? -e o diziam em voz baixa

- Eu lhes respondia:

-Não tenho por que oculto; é verdade, e o que?

-Não nos podemos acreditar isso -diziam-,

porque ninguém ouviu falar jamais de um banho junto a um dormitório nestas terras. Isso deve ser sua avó. Essa mulher é perigosa. Deve ter trazido essa idéia. É obvio, não é dos nossos; veio de um lugar remoto. As histórias que ouvimos que seu

lugar de nascimento não as contaríamos a um menino. Não lhe deveríamos contar isso.

Eu os pinjente:

-Não lhes preocupem. Me podem contar isso porque ela também o faz.

-Olhe, avisamo-lhe! Ela é uma mulher estranha do Khajuraho. Nesse lugar não pode haver gente boa.

Possivelmente haja algo de meu Nani que deu origem em mim ao que eles chamavam «mau», e eu chamo «bom».

O hinduísmo não é, como eles se atribuem, a religião mais antiga da terra. É o jainismo, que é uma pequena minoria e muito covarde. Mas eles introduziram a idéia do vinte e quatro. por que vinte e quatro? Perguntei-me isso. Discuti-o com o Masto, com minha mãe e com a que se dizia minha sogra, da que lhes falarei mais adiante. Ninguém lhe chamava sogra diante de mim, porque ambas eram perigosas. depois de meu Nani, era sem dúvida a mulher mais atrevida que conheci. É obvio, não lhe posso dar o primeiro posto.

Era quase uma piada que lhe chamassem minha sogra, mas se analisar as palavras, madrepolítica... era quase uma mãe para mim, se não de sangue, sim por lei. Não é que estivesse casado com sua filha, mas a filha estava apaixonada por mim. Sobre isto lhes falarei em outro círculo, porque é um círculo muito vicioso, e não quero começar agora.

Que horas são?

-As dez e meia, Osho.

Magnífico. Só dez minutos para mim. foi precioso.

(Osho começa a rir entre dentes. Tenta explicar do que se está rendo... mas está morto de risada.)

Sessão 41

De acordo. Nem sequer pude começar a lhes contar o que lhes queria contar. Provavelmente, não tinha que ser, porque tentei retornar o fio muitas vezes, mas foi em vão, e logo tudo voltou para seu sítio. Mas foi uma sessão muito frutífera, embora não se dissesse nem se ouvisse nada. houve muita risada embora eu me sentia aprisionado.

Perguntarão-lhes por que me estava rendo. Menos mal que não tenho um espelho diante. Têm-lhes que encarregar de que haja um para que este lugar possa ser o que pretende ser. Mas esteve muito bem. Desafoguei-me. Não me tinha rido tanto desde fazia anos. Algo dentro de mim decidiu esperar até esta manhã, mas não tenho feito nenhum esforço nesse sentido, ao menos hoje, embora possivelmente algum outro dia o faça.

Às vezes se sobrepõem os círculos e o vão seguir fazendo uma e outra vez. Faço o que posso para manter direções bem definidas mas os círculos tentam rodear tudo o que encontram. Estão loucos ou quem sabe, possivelmente são budas que tentam jogar uma olhada ao velho mundo outra vez, para ver como partem agora as coisas. Mas essa não é minha intenção. Não conseguia chegar aonde queria chegar e me comecei a rir, em lugar de ignorar suas risadas e seguir.

Bom, isto só é a introdução, mas esta manhã me dei conta de uma coisa; não é que não me tivesse dado conta antes, mas não me tinha dado conta de que o tinha que contar. Agora tenho que contado.

EI 21 de março de 1953 aconteceu algo estranho. Aconteceram muitas coisas estranhas, mas só vou falar de uma. As demais sairão quando os toque. De fato, ainda é um pouco logo para contado em minha história, mas hoje pela manhã me lembrei desta coisa tão singular. depois daquela noite perdi o sentido do tempo. Por mais que o tente, não consigo -como faz quase todo mundo- me lembrar da hora.

Não só isso, mas também pela manhã, quer dizer, todas as manhãs, tenho que olhar pela janela para ver se for pela tarde ou de noite, porque durmo um par de vezes cada dia e ao despertar pelas tardes, o primeiro que faço é olhar o relógio. de vez em quando, o relógio me gasta uma brincadeira: deixa de funcionar. Marca as seis, por isso se deve ter detido pela manhã. Por isso tenho dois relógios e um despertador, para comprovar se algum deles me está gastando uma brincadeira.

Há outro relógio que é mais perigoso, melhor não mencioná-lo. O quero dar de presente a alguém mas ainda não encontrei à pessoa apropriada para este relógio, porque em vez de um presente será um autêntico castigo. É eletrônico, e sempre que se vai a luz, embora só seja um segundo, o relógio volta a marcar as doze e pisca: 12... 12. . . 12. .. Simplesmente para indicar que se foi a luz.

Há vezes que o atiraria, mas me deu de presente isso alguém, e não atiro as coisas com facilidade. É uma falta de respeito. Por isso estou esperando a que apareça a pessoa indicada.

Não tenho só um, a não ser dois relógios desse tipo, um em cada habitação. Alguma vez me decepcionaram quando me deitei a dormir a sesta. Estou acostumado a fazê-lo às onze e meia em ponto, ou como muito às doze, mas poucas vezes. Olhei através de um agujerito entre as mantas em um par de ocasiões e o relógio marcava as doze, de modo que pensei:

-Isso significa que me acabo de deitar. E me voltei a dormir.

depois de um par de horas voltei a olhar:

-As doze, que estranho... hoje o tempo parece haver-se detido de tudo -pensei-. Voltarei-me a dormir porque agora todo mundo está dormindo.

De modo que me voltei a dormir.

Agora dei instruções a Gudia para que desperte depois das duas e quinze, se não me levantei.

-por que? -perguntou-me.

-Porque se não desperta ninguém –lhe disse- seguiria dormindo eternamente.

Todas as manhãs tenho que decidir se for pela manhã ou de noite, porque não sei, não tenho esse sentido. Perdi-o o dia que lhes contei.

Quando te perguntei esta manhã: -Que horas são?

Disse:

-As dez e meia.

-meu deus! -pensei-. Isto é muito. Minha pobre secretária deve estar esperando há uma hora e meia, e eu ainda não comecei minha história.

De modo que pinjente, para terminar:

-me dê dez minutos.

O verdadeiro motivo é que acreditava que era de noite.

Devaraj também sabe; agora me pode entender perfeitamente. Uma manhã, quando me acompanhava por volta do quarto de banho, perguntei-lhe:

-Minha secretária está esperando?

Ele me olhou assombrado. Tive que fechar a porta para que se recuperasse. Se seguia de pé na entrada, esperando... já conhecem o Devaraj; ninguém é tão amoroso comigo. Não era capaz de me dizer que não era de noite. Segundo ele, se

eu estava perguntando por mim secretária devia haver alguma razão; e é obvio, ela não estava ali e não era sua hora de vir; portanto, que resposta me tinha que dar?

Não disse nada. Simplesmente ficou em silêncio. Eu me ri. Pergunta-a lhe pôs em um apuro mas o que vos conto é verdade, porque sempre tive problemas com o tempo. Me as engenho de alguma forma, usando estranhos recursos. Note neste recurso: alguma vez viram a um buda falar assim?

Estava dizendo que o jainismo é a religião mais antiga. Tenham em conta que não a valoro mas sim a desvalorizo. Mas um fato é um fato; apreciar ou depreciar, essa é nossa atitude. No Ocidente se sabe muito pouco do jainismo, e não só no Ocidente, inclusive no Oriente, à exceção de algumas parte da Índia. Isto se deve a que os monges jainistas vão nus. Não podem transladar-se a comunidades que não sejam jainistas. Seriam apedrejados, assassinados, inclusive no século xX.

O governo britânico, que permaneceu na Índia até 1947, tinha uma lei especial para os monges jainistas; seus discípulos tinham que solicitar uma permissão antes de entrar em uma cidade. Sem a permissão não lhes permitia entrar. Embora o tenham, não lhes permite entrar em cidades tão grandes como Bombay, Nova Delhi ou Calcuta. Seus discípulos têm que lhes rodear de tal forma, que ninguém possa ver que eles estão nus.

Digo «eles» porque os monges jainistas não podem viajar sozinhos. Têm que ir com um grupo de monges, pelo menos cinco; esse é o limite mínimo. Põem este limite para que se espiem uns aos outros. É uma religião muito -como diriam vós- «suspeita», naturalmente suspeita, porque todos seus mandamentos são antinaturais.

É inverno e está tiritando, você gostaria de te sentar ao Iado do fogo, mas um monge jainista não se pode sentar junto ao fogo porque o fogo é violência. O fogo mata porque, para fazê-lo, necessitam-se árvores e matamos às árvores. Provavelmente, estarão de acordo os ecologistas. E quando está fazendo um fogo se queimam muitas criaturas pequenas, vivas mas invisíveis a simples vista. Algumas vezes a madeira tem formigas ou outro tipo de insetos que vivem dentro do tronco.

Em poucas palavras, os monges jainistas não se podem aproximar de um fogo. É obvio, não podem usar mantas porque são feitas de lã; isto, de novo, é violência. Sempre se poderia encontrar alguma outra coisa, mas como não podem possuir nada... A não-posse é fundamental, e os jainistas são muito extremistas ou levaram a lógica da não-posse até o extremo.

Os monges jainistas são dignos de ver-se: pode ver o que a lógica lhe faz ao homem. É feio porque está desnutrido: está nos ossos, é quase um cadáver; embora seu corpo é raquítico, a barriga é grande. Embora seja estranho é compreensível. Ocorre sempre que há escassez e a gente morre de fome. Certamente, terão visto fotos de meninos com barrigas grandes, enormes; e suas extremidades, as mãos e as pernas não são mais que ossos talheres de pele, e esta pele tampouco é muito agradável... porque está quase morta. O mesmo lhe acontece à monge jainista.

por que? Eu o entendo porque os vi a ambos. Imediatamente me chamaram a atenção a barriga dos meninos famintos e a dos monges jainistas. por que? Porque os dois têm o mesmo tipo de barriga, e seus corpos também são parecidos. Os rostos também. Perdoem que o diga, mas são rostos sem rosto; não expressam nada, não mostram nada. Não são somente páginas vazias, a não ser páginas que estiveram comprido tempo esperando que se escrevesse algo nelas para as fazer significativas..., mas se estragaram sem que chegasse ninguém.

Têm tanta amargura contra o mundo que se deram a volta -melhor dizendo, enrolaram-se, porque estou usando como símbolo as páginas-; enrolaram-se e se

fecharam à possibilidades futuras. Terá que ajudar ao menino faminto; mas ainda mais à monge jainista, porque pensa que o que está fazendo está bem.

Mas, indevidamente, uma religião antiga é muito estúpida. A estupidez é prova de sua antigüidade. O Rigveda 17 menciona ao primeiro professor jainista, Rishabhdeva. acredita-se que foi o fundador desta religião. Embora não o posso assegurar porque não quero culpar a ninguém, particularmente a Rishabhdeva, ao que não conheci, nem acredito que lhe conheça tampouco.

Se realmente foi o fundador deste estúpido culto, então sou a última pessoa que quereria conhecer. Mas esta não é a questão; a questão é que os jainistas têm um calendário diferente. Não contam os dias de acordo ao sol a não ser à lua, naturalmente, porque seu ano está dividido em vinte e quatro partes, de modo que têm vinte e quatro tirthankaras. Seu universo representa um círculo de um ano que se rege pela lua, da mesma maneira que outra gente se rege pelo sol. Tudo é arbitrário. De fato, neste momento opino que todo este assunto é estúpido.

Se lhes fixarem no calendário inglês e vêem que estupidez, poderão-me entender. É muito fácil rir dos jainistas quando não sabe nada sobre eles. Devem ser idiotas. Mas o que me dizem do calendário inglês? Como pode ser que um mês tenha trinta dias, outros trinta e um, outros vinte e nove dias e outros vinte e oito? Que tolice é esta? E o ano tem trezentos e sessenta e cinco dias, não porque se feito com arrumo ao sol, não é por culpa do sol.

Trezentos e sessenta e cinco dias é o tempo que demora a terra em dar uma volta completa ao redor do sol. Depende de ti como o queira dividir, mas trezentos e sessenta e cinco.. .? Trezentos e sessenta e cinco sempre causou dificuldades, porque não é exatamente trezentos e sessenta e cinco; fica um resto que se converte em um dia cada quatro anos. Isso quer dizer que o ano completo seriam trezentos e sessenta e cinco dias mais um quarto de dia. Um ano muito estranho!

O que se pode fazer? Terá que arrumar-lhe de modo que se dividem os meses em diferente número de dias, e cada quatro anos, fevereiro tem um dia mais. Que calendário mais estranho! Não acredito que os ordenadores admitam este tipo de disparates.

Do mesmo modo que há parvos que se regem pelo sol, terá-os que se regem pela lua. São verdadeiros lunáticos porque acreditam no ciclo lunar. Então, é obvio, seu ano se divide em doze partes e cada mês tem duas divisões. Estes parvos sempre são grandes filósofos; inventam estranhas hipótese. Na tradição dos tolos jainistas a hipótese era esta. Todas as tradições são absurdas, esta não é mais que outra tradição de tolos.

Os jainistas acreditam que há vinte e quatro tirthankaras, e que cada ciclo volta a ter vinte e quatro tirthankaras. Os hindus se sentiram menosprezados. A gente começou a lhes perguntar:

-Como é que só têm dez, não têm vinte e quatro?

Naturalmente, os sacerdotes hinduistas começaram a falar dos vinte e quatro avatares. Tomaram emprestada esta tolice. Em primeiro lugar, é uma tolice, e em segundo lugar é emprestada. É o pior que lhe pode acontecer a ninguém. E isso é o que aconteceu a um grande país com milhões de habitantes.

Foi uma epidemia tão contagiosa que quando Buda morreu os budistas se sentiram muito enganados, ou como se diria?, desdenhados, menosprezados, humilhados. por que Buda não lhes tinha falado do número vinte e quatro? «Os jainistas o têm, os hinduistas o têm... e nós só temos um buda.» Assim foi como criaram aos vinte e quatro budas que precederam a Gautama o Buda.

Agora podem ver até que ponto chega o disparate. Sim, pode seguir e seguir... Isso é o que quero dizer, mas tenho que acabar a frase. Tenham em conta que não quer dizer que esteja pondo ponto e final a necedad; esta não tem fim.

Se for estúpido, será tão imensamente estúpido como sábio é Deus. Eu não sei nada de Deus nem de sua sabedoria, mas sim conheço sua necedad. Estou aqui para isso: para ajudá-los a liberar-se da estupidez que levam em cima. Primeiro o usassem os jainistas, depois tomassem emprestado os hinduistas, mais tarde também os budistas e finalmente o número vinte e quatro se converteu em uma absoluta necessidade.

Conheci um homem, Swami Satyabhakta. Pergunto-me por que a existência tolera a este tipo de pessoas. Acreditava ser o vigésimo quinto tirthankara Mahavira foi o vigésimo quarto. É obvio, os jainistas nunca o perdoaram a Satyabhakta e lhe expulsaram.

Eu lhe disse:

-Satyabhakta, se quer ser um tirthankara, por que não escolhe ser o primeiro? Para que fazer fila toda a vida fazendo todo o possível por ser o vigésimo quinto, o último? Joga uma olhada detrás de ti: não há ninguém.

Fez um grande esforço e todos os dias trabalhava duramente escrevendo centenas de livros; era muito erudito. Isso também demonstra que era tolo, mas não um parvo qualquer, a não ser um parvo extraordinário.

-por que não inventa sua própria religião e tem sua própria verdade? -perguntei-lhe.

-Esse é o problema -disse-, que não estou seguro.

-Pelo menos não incomode a outros -disse-lhe-. Primeiro te decida. Espera, vou chamar a sua esposa.

-Não, não! -disse.

- Espera, estou avisando a sua esposa. Não me detenha -disse-lhe.

Mas não era necessário avisá-la porque já tinha chegado. Em realidade, tinha-a visto vir, por isso lhe disse:

-Não me detenha.

Ninguém a podia deter; já estava vindo.

Não uso a palavra «vindo» como vós, os ocidentais. Estava vindo de verdade, e vinha com muito ímpeto.

Refiro-me a que realmente entrou com muito ímpeto e me perguntou:

-por que perde o tempo com este bobo? Eu esbanjei toda minha vida e não só o perdi tudo, mas também perdi até minha religião. Também me vão expulsar, naturalmente, porque expulsaram a ele. Só se nasce jainista depois de ter acontecido milhões de vidas; e este bobo não só se cansado ele, mas também me degradou . Menos mal que é impotente e não temos filhos; se não, expulsariam-nos também.

Eu era o único que me estava rendo, e os pinjente:

-Rir. É fantástico. Você é impotente.

Não o digo eu, diz-o sua mulher. Não sei que conhecimentos tem de ginecologia, mas se ela o diz e você o ouve sem tão sequer levantar os olhos é prova suficiente de que ela é ginecologista. É impotente, estupendo! Nem sequer pode obter que sua mulher seja sua discípula, ¡Y está tentando demonstrar que é o vigésimo quinto tirthankara! Isto é muito divertido, Satyabhakta.

Nunca me perdoou isso, simplesmente porque me encontrei isso no momento preciso. Satyabhakta segue sendo um inimigo, embora me compadeço dele. Ao

menos, pode dizer que tem um inimigo. Quanto a amigos se refere, não tem nenhum, e o deve a sua mulher.

Morarji Desai se converteu em meu inimigo da mesma forma. Não tenho nada contra ele, mas se sentiu muito ofendido porque teve que esperar noventa minutos por culpa de um moço que não tinha importância política alguma. Quando viu que o primeiro-ministro lhe abria a porta do carro ao moço... Ainda lembrança a cena, como poderia descrevê-lo? O homem tinha algo baboso, escorregadio. Não havia forma de sujeitá-lo. Sempre se escorria, e cada vez que se escorria, sujava-se mais. Havia algo baboso e escorregadio em seus olhos, recordo-o. Voltei-lhe a ver mais tarde, em outras três ocasiões. Em algum outro círculo o abordarei.

Muito bem. depois desta experiência somente um «não» serve de algo, porque não há nada como um não.

Muito bem.

Devageet, deixa-o já. Tenho outras coisas que fazer. Gudia tem aberto a porta para me recordar isso

Sessão 42

Muito bem. O que lhes estava contando? Não me lembro; recordem-me isso Lo que estoy haciendo en este momento es Vlpassana.

-Estava dizendo que Morarji Oesai e Satyabhakta se fizeram inimigos teus, e o último que há dito é que recorda que Morarji Desai tinha algo nos olhos que o fazia baboso e escorregadio.

Bom. É melhor não recordá-lo. Provavelmente, não me podia acordar por isso; do contrário, não tenho má memória, ao menos nunca me hão isso dito. Inclusive os que não estão de acordo comigo dizem que tenho uma memória prodigiosa. Quando viajava ao redor do país recordava o nome e as caras de milhares de pessoas; e não só isso, mas também quando nos voltávamos a encontrar sabia imediatamente onde os tinha visto a última vez, o que lhes havia dito, o que me tinham respondido..., podiam ter acontecido dez ou quinze anos. Naturalmente, ficavam assombrados. Menos mal que me falha a memória exatamente onde deveria, e é no Morarji Desai.

Não acreditarão, mas até Deus faz caricaturas. Tinha ouvido dizer que fazia criaturas, mas caricaturas? Faz-as especialmente para os desenhos animados? Morarji é uma caricatura vivente. Eu não me tinha rido dele; estava transbordante com o curioso encontro que tinham tido o menino e o primeiro-ministro, e do modo

que tinham estado falando. Ainda não me posso acreditar que um primeiro-ministro fale desse modo. Virtualmente, só escutava, fazendo perguntas para que a conversação pudesse seguir. Parecia como se quisesse que seguisse para sempre, porque seu secretário pessoal abriu muitas vezes a porta para olhar. Mas Jawaharlal realmente era uma boa pessoa. Voltou a cadeira de costas à porta; seu secretário só lhe podia ver as costas.

Isto o entendi mais tarde, quando Masto me explicou que era a primeira vez que via o Jawaharlal colocar-se de costas à porta. Contou-me que o secretário pessoal abria a porta para anunciar que se terminou o tempo e que havia outra visita esperando para entrar.

Mas Jawaharlal não estava interessado em nenhuma outra costure no mundo. Parecia que só queria ouvir falar de vipassana. devido à situação, eu duvidava se lhe contar o que era o vipassana. Tenho-lhes que dizer o significado da palavra vipassana. Quer dizer «olhando para trás». Passan significa «olhando»; vipassana significa «olhando para trás».

O que estou fazendo neste momento é Vlpassana.

Dava-lhe patadas com o pé ao Masto mas ele estava sentado como um yogi. Esperava que eu faria algo pelo estilo e se preparou, de alguma forma estava preparado para tudo. Dava-lhe um golpe muito forte.

-Aaay! -gritou.

-O que acontece? -exclamou Jawaharlal. -Nada -disse Masto.

Eu repliquei:

-Está mentindo.

-Isto é muito -disse Masto-. Pegaste-me, e me deste tão forte que me esquece que me tenho que ficar calado e não me converter em um balão em suas mãos, e agora diz ao Jawaharlal que estou mentindo.

-Agora não te está mentindo, mas sim te está dizendo como te pode esquecer -pinjente-, porque vipassana significa não esquecer-se.

E esclareci ao Masto:

-Estava-lhe explicando o vipassana ao Jawaharlal, por isso te golpeei forte. me perdoe, por favor, e não dê por feito que tenha sido a última vez.

Jawaharlal riu a gargalhadas... riu tanto que lhe começaram a sair lágrimas dos olhos. Essa é sempre a qualidade de um bom poeta, não a de um corrente. Os poetas correntes se podem comprar, possivelmente no Ocidente sejam um pouco mais caros, mas do contrário, com um dólar haveria bastante para comprar uma dúzia. Não era esse tipo de poeta, da dólar a dúzia. Era realmente um desses estranhos indivíduos aos que Buda chamou bodhisattvas. Chamarei-lhe bodhisattva.

Estava, e sigo estando, assombrado de como pode ter chegado a primeiro-ministro. Mas o primeiro de todos os primeiros ministros da Índia era de uma categoria absolutamente diferente a de qualquer outro primeiro-ministro posterior. Não lhe escolheu a gente; de fato, não foi um candidato eleito. Escolheu-lhe Mahatma Gandhi.

Gandhi, apesar de todos seus enganos, ao menos fez uma coisa que inclusive eu posso apreciar. É o único; pelo resto, estou contra Mahatma Gandhi ponto por ponto. Mas, por que teve que escolher ao Jawaharlal é outra história que possivelmente não está destinada a ser parte deste círculo. O que sim me importa é que pelo menos era sensível às pessoas poéticas. Sem dúvida era um asceta; e apesar de toda seu necedad foi o bastante sensível para escolher ao Jawaharlal.

Deste modo um poeta chegou a ser primeiro-ministro; é a única possibilidade que tem um poeta de ser primeiro-ministro, a não ser que um primeiro-ministro enlouqueça e se volte poeta, mas isso já não seria o mesmo.

Estivemos falando de poesia. Eu pensava que falaria de política. Inclusive Masto, que lhe conhecia há anos, estava assombrado de que falasse de poesia e do sentido da experiência poética. Olhou-me como se eu soubesse a resposta.

-Masto -disse-lhe-, você teria que sabê-lo melhor. Conhece o Jawaharlal há muitos anos. Eu até agora não sabia nada dele. Ainda nos estamos apresentando. De modo que não me olhe com olhos inquisitivos, embora compreenda sua pergunta: «O que passou com o político? tornou-se louco?» Não; eu te digo, e a ele também, que não é um político, possivelmente o seja por acaso, mas não por sua natureza intrínseca.

Jawaharlal assentiu com a cabeça e disse: -Pelo menos há uma pessoa em minha vida que o há dito exatamente, já que eu não era capaz de formulá-lo com claridade. Não era uma coisa determinada..., mas agora sei o que aconteceu. foi um acidente.

-Sim -acrescentei-, e além disso um acidente fatal. Rimo-nos todos. Mas então disse:

-foi um acidente fatal, mas seu poeta não sofreu danos, e isto é o único que me importa. Ainda pode ver as estrelas como as veria um menino.

-De novo! .. .Porque eu adoro olhar as estrelas -exclamou-, mas como pudeste sabê-lo?

-Não tenho nada que ver. Sei o que é ser um poeta -respondi-lhe-, por isso lhe posso descrever isso em detalhe. Assim, por favor, a partir deste momento não te assombre. Só tem que deixar de preocupar-se. e realmente se relaxou. Do contrário, a um político resultaria impossível relaxar-se.

Na Índia, a mitologia diz que quando morre uma pessoa corrente vem o diabo para levar-lhe mas quando morre um político têm que vir um montão de diabos, porque não se pode relaxar nem sequer estando morto. Não o permite. Jamais permite que aconteça algo espontaneamente. Não conhece o significado de um pouco tão simples como «deixar-se ir».

Mas este homem, Jawaharlal, relaxou-se imediatamente e me disse:

-Contigo me posso relaxar. E Masto nunca foi uma fonte de tensão para mim, de modo que também se pode relaxar; eu não se o límpido, a menos que o esteja impedindo o ser um swaml, um sannyasin ou um monge.

Pomos-se a rir. E este não foi o último encontro a não ser o primeiro. Masto e eu pensávamos que era o último, mas quando nos partíamos, Jawahadal disse:

-Podem vir amanhã à mesma hora? Eu me encarregarei de que este tipo -disse assinalando ao Morarji Oesai- não esteja aqui. Inclusive sua presença empresta, e já sabem a que. Sinto muito, mas estou obrigado a lhe manter no gabinete de ministros porque tem uma certa importância política. E que mais dá que bebê sua própria urina? Não é meu assunto.

Voltamo-nos a rir e fomos.

Essa noite nos chamou por telefone para recordamos:

-Não o esqueçam. cancelei todas minhas entrevistas e lhes estarei esperando aos dois.

Não tínhamos nada mais que fazer. Masto tinha vindo para que conhecesse primeiro-ministro, e isso já parecia. Masto disse:

-Se o primeiro-ministro o desejar, temos que ficar. Não podemos lhe dizer que não, não seria benéfico para seu futuro.

-Não se preocupe por meu futuro -disse-lhe-. Será benéfico para o Jawaharlal ou não?

-É impossível -disse Masto.

E tinha razão, mas o descobri muito tarde, quando já era difícil trocar.

Acostumei-me tanto a ser o que sou que me resulta difícil trocar inclusive nas coisas pequenas. Gudia sabe; tenta-me ensinar a não salpicar água no banheiro de todas as formas possíveis. Mas me pode ensinar algo? Não posso parar. Não é que queira torturar às garotas nem que tenha que as torturar todos os dias duas vezes, mas tomo dois banhos e, naturalmente, têm que limpar duas vezes.

É obvio, Gudia acredita que poderia me banhar de forma que não terei que recolher a água de todas partes. Mas finalmente desistiu que me ensinar. Não posso trocar. Quando me experiente desfruto tanto que me esquecimento e salpico a água por todos partes. Se não salpicasse teria que me controlar inclusive no banheiro.

Note na Gudia: diverte-lhe a idéia porque sabe exatamente do que estou falando. Quando me experiente me experiente de verdade, e não salpico somente o chão, a não ser as paredes também, e se te toca limpar é seu problema. Mas se podas com amor, como o fazem os que limpam para mim, então, é melhor que o psicanálise e muito melhor que a meditação transcendental. Agora já não posso trocar.

Bom, já ocorreu o que contava Masto. O que era futuro então, agora é passado. Mas eu sou o mesmo, segui sendo o mesmo. De fato, parece-me que a morte não ocorre quando deixa de respirar, a não ser quando deixa de ser você mesmo. Por isso nunca tenho feito concessões.

Voltamos para dia seguinte e Jawaharlal tinha convidado a seu genro, o marido da Indira Gandhi. Perguntei-me por que não teria convidado a sua filha. Mais tarde Masto me explicou:

-Indira cuida do Jawaharlal, sua mulher morreu sendo jovem e somente tem uma menina, sua filha Indira, que foi para ele como uma filha e como um filho.

Na Índia, quando uma filha se casa tem que ir a casa de seu marido. converte-se em parte da outra família. Indira nunca partiu. Simplesmente se opôs. Disse:

-Minha mãe se morreu, e não posso deixar sozinho a meu pai.

Isto foi o princípio e o fim de seu matrimônio. Seguiram sendo maridos mas Indira nunca formou parte da família do Feroze Gandhi. Até o Sanjay e Rajiv, seus dois filhos, passaram a formar parte da família de sua mãe.

Masto me disse:

-Jawaharlal não pode convidá-los aos dois de uma vez; começariam a discutir automaticamente.

-Que curioso -disse-lhe-. Não se podem esquecer de que são maridos nem sequer durante uma hora?

-É impossível esquecer-se nem um momento -disse Masto-. Ser marido ou mulher é uma declaração de guerra.

Embora a gente o chama amor, realmente se trata de uma guerra fria. E é preferível ter uma guerra quente, especialmente no frio inverno, que ter uma guerra fria vinte e quatro horas ao dia. congela-se até seu ser.

Surpreendeu-nos que nos convidasse um terceiro dia. Pensávamos partimos já que o segundo dia não nos havia dito nada. O terceiro dia pela manhã, Jawharlal chamou por telefone. Tinha um número privado que não saía na listas telefônica. Só conheciam esse número uns quantos, as pessoas mais próximas.

Perguntei ao Masto:

-Chamou-nos ele mesmo; não podia lhe pedir a seu secretário que o fizesse?

-Não -disse Masto-; esse é seu número privado; nem sequer seu secretário sabe que nos está convidando. O secretário se inteirará quando nos vir chegar ao alpendre.

E o terceiro dia Jawaharlal apresentou a Indira Gandhi. Somente lhe disse:

-Não pergunte quem é, porque agora mesmo não é ninguém, mas chegará um dia em que seja alguém.

Sei que se equivocava. Sigo sem ser ninguém, e seguirei sem ser ninguém até o final. Ser ninguém é uma sorte enorme; voa no espaço. Eu devo ser uma das pessoas mais voadas do mundo. Apesar de tudo, procurem não ser ninguém. É fantástico, realmente genial.

Mas não há ninguém que queira ser ninguém, ninguém, nada, e naturalmente, isso é o que Jawaharlal lhe estava dizendo a Indira:

-Agora não é ninguém, mas posso predizer que um dia será alguém.

Jawaharlal, está morto, mas lamento te dizer que não pude cumprir sua predição. Felizmente, falhaste.

Este foi o começo de minha amizade com a Indira. Tinha um cargo muito alto, e pouco depois foi nomeada presidenta da partida do governo na Índia, e mais tarde ministra do gabinete do Jawaharlal e finalmente primeira ministra. Indira é a única mulher que conheci, que conseguiu governar a esses idiotas, aos políticos, e o fez bem.

Não sei como o pôde conseguir. Provavelmente, aprendeu todos os defeitos que tinham quando ainda ela não era ninguém, só a cuidadora do pobre Jawaharlal. Mas conhecia seus defeitos tão bem que lhe tinham medo, tremiam. Nem sequer Jawahadal pôde jogar a esse perfeito idiota de seu gabinete: Morarji Desai.

O contei a Indira em um encontro posterior. Talvez chegue o momento ou talvez não, por isso prefiro mencioná-lo agora. Não se pode confiar nos círculos. O disse em nosso último encontro, isso foi cinco anos depois da morte do Jawaharlal; ao redor de 1968. Ela me respondeu:

-O que diz é totalmente correto, eu gostaria de podê-lo fazer, mas o que posso fazer com pessoas, como Morarji? Estão em meu gabinete e além disso são maioria. Embora pertençam a minha partida, não o poderiam entender se chegar a pôr em prática o que me está contando. Estou de acordo contigo, mas me sinto impotente.

-por que não joga a esse indivíduo? Quem lhe impede isso? E se não poder lhe jogar, então demite, porque a uma pessoa de seu calibre não lhe corresponde trabalhar com néscios dessa categoria. Ponha ordem, quer dizer, ponha de barriga para cima, porque estão fazendo shirshasana, estão cabeça abaixo. Ou os põe direitos ou demite, mas faz algo.

Sempre me gostou de Indira Gandhi. Segue-me gostando, embora nunca tenha feito nada para potencializar meu trabalho, mas isso é outra questão. Caiu-me bem do momento que me disse, melhor dizendo, que me sussurrou ao ouvido, embora não havia ninguém que nos pudesse ouvir, mas quem sabe, os políticos são cautelosos. Sussurrou:

-Farei uma das duas coisas.

Nesse momento não me podia figurar a que se referia com «uma das duas coisas». Mas ao cabo de sete dias li nos periódicos que, de repente, tinham expulso ao Morarji Desai. Eu estava muito longe de ali, provavelmente a milhares de quilômetros.

Ele acabava de voltar de uma excursão por seu distrito eleitoral e ia visitar primeiro-ministro, e esta foi suas bem-vinda, uma bem-vinda um tanto estranha, ou talvez deveria dizer «bien-despedida», Posso-me inventar uma palavra, «bien-despedida»? Então lhe estão dando a bien-despedida. Isso é exatamente o que faz a gente, quem dá a bem-vinda?

Mas não me surpreendeu. De fato, todos os dias olhava os periódicos para ver o que estava acontecendo, porque queria me fazer uma idéia do que quis dizer com «uma das duas coisas». Mas ela fez algo. Fez o correto. Este foi o homem mais obstrutor, obscurantista, ortodoxo e o que se eu; todo o mau que te ocorra.

Que horas são, Devageet? -As dez e vinte e quatro, Osho.

Dez minutos para mim. Isto está bem, mas se pode melhorar. Serei um supervisor inflexível a menos que alcance a perfeição hoje. Aposta pela perfeição. Não peça uma prolongação; a palavra é perfeição. Embora não lhe empresta atenção, perfeição segue sendo a palavra, tanto se a escutas como se não.

Sim; não vou parar até que saiba que chegastes ao limite de sua capacidade, lhes dê pressa!

Bom.

Assim que digo bom, assustam-lhes. Imediatamente vejo seu medo e seus tremores. Por isso, de vez em quando dirijo ao Ashu dizendo:

-Não se preocupe pelo medo do Devageet. Sei uma mulher singela, sem conhecimentos, e sobe às alturas. Deixa que o pobre Devageet corra detrás de ti.

Ele se esforçará. Me posso imaginar correndo isso para te adiantar, por isso me rio. Quem pode estar detrás de seu próprio ajudante?

Não lhes preocupem: hoje às doze se deterá o mundo de todas formas. portanto, date pressa, Ashu! Pelo menos, me deixe que almoce antes de que se acabe o mundo.

Muito bem. Stop.

Sessão 43

De acordo. Sempre me maravilhou que Deus pudesse criar e! mundo em seis dias somente. E este mundo! Possivelmente por isso chamou Jesus a seu filho! Vá nome para lhe pôr a seu próprio filho! Tinha que castigar a alguém pelo que tinha feito e não havia ninguém mais à mão. O Espírito Santo sempre está ausente; está aí, sentado na cadeira de montar a cavalo. Por isso pedi a Chetana que se baixasse, porque não é bom montar a cavalo com outra pessoa, quero dizer que não é bom para o cavalo, nem para a Chetana tampouco. O Espírito Santo me dá igual. Não me compadeço do Espírito Santo nem de nenhum outro espírito. Sempre estou a favor dos vivos.

Um espírito é a sombra de um morto; do que serve que seja santo? Além disso é feio. Não me preocupa o Espírito Santo, Chetana. Não me importa que lhe Montes em cima dele. te monte em cima do Espírito Santo. Mas essa pobre cadeira não é nem para uma pessoa. Não é para sentar-se nela. É para meia pessoa, para que não fique dormido. Por isso a têm feito dessa maneira.

Nessa cadeira não te pode nem sentar i E muito menos dormir! Além disso, não cabia nesta pequena Arca do Noé. O arca é tão pequena que até o Noé se tem que ficar fora, para que haja sitio para todas as criaturas.

O que estava dizendo, Devageet?

-O Espírito Santo sempre está ausente; agora está sentado na cadeira de montar a cavalo (risadas).

Disso sim me lembrava. Sabia que não seria capaz de tomar apontamentos. te concentre. Mas o conseguirei. Toda a vida me pude arrumar isso sem apontamentos.

Pergunta-a que me fez Jawaharlal esse dia foi realmente estranha.

-Crie que está bem estar metido na vida política? -perguntou-me.

-Não acredito -respondi-lhe-, sei que não está nada bem. É uma maldição, um carma. Deve ter feito algo reprovável em suas vidas passadas; do contrário, não seria o primeiro-ministro da Índia.

-Estou de acordo -disse.

Masto não podia acreditar que lhe respondesse assim ao primeiro-ministro, e menos ainda, que o primeiro-ministro estivesse de acordo.

-Isto conclui a meu favor uma larga discussão entre o Masto e eu -pinjente-. Masto, está de acordo?

-Tenho que está-lo -respondeu.

-Eu não gosto disso de «tenho que», é preferível não estar de acordo. Ao menos no desacordo há um pouco de vida. Não me dê um rato morto! Em primeiro lugar, um rato, e para cúmulo, morta! Crie que sou uma águia, um abutre ou o que?

Até o Jawharlal olhou aos dois.

-Você o resolveste. Agradeço-lhe isso -disse-lhe-. Isto foi um dilema para o Masto durante muitos anos. Não era capaz de decidir se um homem bom devia estar metido em política ou não.

Estivemos falando de muitas coisas. Enquanto estive nessa casa (refiro a do primeiro-ministro) não me ocorreu pensar que uma reunião pudesse durar tanto. Quando acabamos eram as nove e meia, três horas! Inclusive Jawaharlal disse:

-Este deve ter sido o encontro mais comprido de minha vida, e o mais frutífero.

-Que benefícios te contribuiu? -perguntei-lhe.

-A amizade de um homem que não é deste mundo -respondeu-, e que nunca o será. Guardarei uma lembrança sagrada destes momentos.

E pude ver como se acumulavam as lágrimas em seus belos olhos.

Saí precipitadamente, para que não se envergonhasse, mas me seguiu e me disse:

-Não fazia falta que fosse tão rápido.

-As lágrimas estavam indo mais rápido que eu -disse-lhe. Ele riu e choramos juntos.

Ocorre muito poucas vezes, e só aos loucos ou aos muito inteligentes. Ele não estava louco, mas sim tinha uma inteligência privilegiada. Nós, quero dizer Masto e eu, falamos desse encontro muitas vezes, especialmente das lágrimas e as risadas. por que? Naturalmente, como era habitual, nós não coincidíamos. tornou-se uma rotina. Se eu tivesse estado de acordo, ele não me teria acreditado. Lhe teria dado um desgosto.

-Chorou por ele mesmo -pinjente-, e riu pela liberdade que eu tenho.

A interpretação do Masto, é obvio, era:

-Chorou por ti, não por ele, porque via que te podia converter em uma força política importante, e riu de sua própria idéia.

Esta era a interpretação do Masto. Não havia forma de ficar de acordo mas, felizmente, o mesmo Jawaharlallo decidiu por acaso. Disse-me isso Masto, portanto, não há nenhum problema.

antes de que Masto me abandonasse para sempre, indo-se aos Himalayas, e antes de que eu muriese, como tem que morrer todo mundo para poder ressuscitar, disse-me:

-Sabe, Jawaharlal se lembra de ti todo o tempo, e particularmente na última reunião me disse: «Se vir esse estranho moço, e se em algo te concerne, manten afastado da política, porque eu esbanjei minha vida com esta estúpida gente. Não quero que este menino tenha que suplicar o voto das massas absolutamente estúpidas, medíocres e faltas de inteligência. Não, se tiver alguma influência em sua vida, lhe proteja, por favor, da política.»

Masto respondeu:

-Por isso resolvemos nossa discussão a seu favor, e me alegro, porque embora haja discutido em seu favor e em seu contrário, no fundo sempre estive de acordo contigo.

Não voltei a ver o Jawaharlal, embora viveu muitos anos. Mas, tal e como ele queria -embora eu já tinha tomado a decisão, e embora seu conselho o ratificou-, não votei em minha vida, nem fui membro de um partido político, tampouco foi meu sonho. De fato, há aproximadamente trinta anos não tenho sonhos. Não posso sonhar.

Posso fingir, posso fazer uma espécie de ensaio. A expressão «ensaio» de sonho lhes pode parecer estranha, mas o drama real nunca acontece, não pode acontecer; para que aconteça, é preciso que haja inconsciência, e esse ingrediente falta. Pode-me deixar inconsciente, mas nunca me fará sonhar. E para me deixar inconsciente não faz falta muita tecnologia; basta me dando um golpe na cabeça e cairei inconsciente. Mas não estou falando desse tipo de inconsciência.

É um inconsciente quando faz coisas sem saber por que; não está alerta nem de dia nem de noite. Se estiver alerta, desaparece o sonhar. Não podem existir ambos de uma vez. Não há coexistência possível entre as duas coisas, e ninguém a pode provocar. Ou sonha, então é inconsciente; ou está acordado, alerta, fingindo sonhar, mas não é um sonho. Você sabe e outros também.

O que estava dizendo?

-Faz trinta anos que não sonha. «Não voltei a ver o Jawaharlal, embora viveu muitos anos.»

Bom.

Não fez falta voltar a lhe ver outra vez, embora houve muita gente que me pediu isso. inteiraram-se por várias fontes -em casa do Jawaharlal, por seus secretários e demais- de que lhe conhecia e me tinha avaliação. Naturalmente, precisavam lhe pedir algum favor e me pediam se lhes podia recomendar.

Eu lhes dizia:

-Estão loucos? Não lhe conheço. -Temos provas irrefutáveis -disseram eles.

-Podem-lhes ficar com suas provas irrefutáveis -respondi-lhes-. Possivelmente nos tenhamos conhecido em algum sonho mas não na realidade.

-Sempre pensamos que estava um pouco louco -disseram-; mas agora estamos seguros.

-Difundam tudo o que possam, por favor, e não sejam tão moderados; só um pouco louco? Sede generosos, estou completamente louco!

partiram sem me dar as obrigado. Eu lhes tinha que dar as obrigado, de modo que os pinjente:

-Sou um louco. Ao menos posso lhes dar umas boas obrigado.

disseram-se uns aos outros:

-Note !Umas boas obrigado? Está louco. eu adorava que dissessem que estava louco. Segue-me encantando. Não há nada mais belo que a loucura que conheci.

Masto disse antes de ir-se:

-Jawaharlal me deu o nome de uma pessoa, Ghanshyam Dá Surrupia. É o homem mais rico da Índia, e muito próximo à família do Jawaharlal. Se tiver qualquer necessidade pode recorrer a ele. E quando me estava dando sua direção Jawaharlal disse: «Obceca-me esse menino. Prevejo que vai ser...»

E Masto ficou calado. -O que te ocorre? -perguntei-lhe-. Pelo menos termina a frase.

-O vou fazer -respondeu Masto-. Este silêncio também é dele. Simplesmente lhe estou imitando. O que você me está perguntando é o mesmo que lhe perguntei eu. Então Jawaharlal completou a frase, e te direi qual era a razão -disse Masto-. Jawaharlal disse: «Possivelmente algum dia se converta em.„» e então veio o silêncio. Talvez estava sopesando alguma coisa em seu interior, ou não tinha muito claro o que ia dizer. Depois acrescentou, «um Mahatma Gandhi».

Jawaharlal me estava tratando com o maior respeito. Mahatma Gandhi tinha sido seu professor e o homem que decidiu lhe nomear primeiro-ministro da Índia. Naturalmente, Jawaharlal chorou quando assassinaram a Mahatma Gandhi. Falou pela rádio chorando e disse:

-apagou-se a luz. Não quero dizer nada mais. Ele era nossa luz; agora teremos que viver na escuridão.

Se duvidou ao dizer-lhe ao Masto, devia-se a que estava pensando se comparar a este menino com o mahatma mundialmente famoso, ou talvez estava tomando em consideração a outras pessoas além disso do mahatma... e acredito que isto é o mais provável, porque Masto lhe disse:

-Se o digo ao menino, automaticamente exclamará: «Gandhi! É a última pessoa do mundo que eu gostaria de ser. Prefiro ir ao inferno antes que ser Mahatma Gandhi.» Assim é preferível que te conte como vai reagir. Conheço-lhe profundamente. Não poderá tolerar essa comparação, e te adora; não destrua a um amante por causa deste nome.

-Isto é muito, Masto -disse-lhe-. Não fazia falta que lhe dissesse isso. É velho, e no que a mim respeita, comparou-me com a pessoa mais importante, segundo sua forma de ver.

-Espera -disse Masto-, quando o disse, Jawaharlal respondeu: «O que suspeitava, por isso esperei, sopesando se devia ou não dizê-lo. portanto, não lhe diga isso. Talvez se converta em um Gautama o Buda!»

O grande poeta hindu, Rabindranath, escreveu que Jawaharlal amava a Gautama o Buda em segredo. por que em segredo? Porque não gostava das religiões estabelecidas, e tampouco acreditava em Deus, e Jawaharlal era o primeiro-ministro da Índia.

Masto acrescentou:

-Então disse ao Jawaharlal: «me perdoe. Quase acerta, mas para falar a verdade, não gosta das comparações.» E sabe o que disse Jawaharlal? -perguntou-me Masto-. Disse: «Essa é a classe de homem que amo e respeito. Mas lhe proteja em todo o possível para que não se enrede em política, porque me destruiu. Não quero que lhe aconteça a mesma calamidade.»

depois disto Masto desapareceu. Eu também, por isso ninguém tem queixa. Mas a memória não é consciência, e inclusive pode funcionar sem consciência, inclusive com maior rendimento. Ao fim e ao cabo, o que é um ordenador? Um

sistema de cor. O ego morreu; o que há atrás do ego é eterno. O que forma parte do cérebro é temporário e morrerá.

Depois de minha morte seguirei estando tão ou tão pouco disponível para minha gente como o estou agora. Tudo depende deles. Por isso, pouco a pouco estou desaparecendo de seu mundo para que, cada vez mais, seja coisa deles.

Eu poderia ser um por cento, e seu amor, sua confiança e sua entrega o noventa e nove por cento. Mas quando me tiver ido se necessitará mais ainda, o cem por cem. Então estarei disponível, talvez mais, aos que possam permitir-se, escreve «os que possam permitir-se» em maiúsculas, porque o homem mais rico do mundo é «O QUE SE PODE PERMITIR» o cem por cem de entrega ao amor e a confiança.

E eu tenho a essas pessoas. Por isso não quero que se sintam defraudados de maneira nenhuma, nem sequer atrás de minha morte. Eu gostaria que fossem as pessoas mais satisfeitas da terra. Isto me encherá de gozo, esteja ali ou não.

Sessão 44

Ontem me perguntava como pôde criar Deus este mundo em seis dias. Me estava perguntando isso porque ainda não consegui acontecer do segundo dia de classe da escola primária. E que mundo! Provavelmente fosse judeu, porque, precisamente, foram os judeus os que divulgaram a idéia.

Os hindus não acreditam em Deus; acreditam em muitos deuses. De fato, quando conceberam a idéia pela primeira vez havia tantos deuses como hindus, naquela época, é obvio. Naquela época tampouco se tratava de uma população reduzida: havia trinta e três crores, esses são trezentos e trinta milhões; ou possivelmente não tenha sido assim, mas isto lhes dará uma idéia de como são os hindus. Acreditavam que cada indivíduo tinha que ter seu próprio deus. Não eram ditatoriais, a não ser muito democráticos, em realidade, muito democráticos; refiro aos hindus de antes.

passaram milhares de anos desde que conceberam a idéia de um mundo divino paralelo, com tantos seres como na terra. Fizeram um grande trabalho. Contaram trezentos e trinta milhões de deuses..., ¡Y não conhecem os deuses hindus! Representam tudo o que pode ter o ser humano: muito ardilosos, mesquinhos, políticos e exploradores desde todo ponto de vista. Mas de algum jeito houve alguém que pelo menos conseguiu fazer um censo.

Os hindus não são teístas no sentido ocidental. São pagãos, mas não são pagãos como o interpreta o cristianismo. A palavra pagão é valiosa; não se deveria permitir que os cristãos, os judeus e os muçulmanos a empreguem mau. Estas três religiões são basicamente judias. Digam o que digam, seus alicerces se remontam a muito antes de que nascesse Jesus ou se conhecesse a Mahoma. São todas judaicas.

É obvio o Deus que conhecem é judeu; não podia ser de outro lugar. Aí radica o segredo. Se fosse hindu, ele mesmo se teria partido em trezentos e trinta milhões de pedaços, como ia criar o mundo! Se já tivesse existido o mundo, os trezentos e trinta milhões de deuses se teriam encarregado de destrui-lo.

O «Deus» hindu -não se pode usar este término porque no hinduísmo há «deuses», e não um só Deus- não é um criador. Ele mesmo é parte do universo. Quando digo ele refiro aos trezentos e trinta milhões de deuses. Tenho que usar a palavra «ele», mas os hindus sempre utilizam «isso». «Isso» é um grande guarda-chuva; pode colocar dentro a todos os deuses que queira. Ao fundo fica inclusive

um poquito de sítio para os deuses não desejados. É como uma carpa de circo, ampla, grande e onde entram todos os deuses que te possa imaginar.

O Deus judeu realmente fez um bom trabalho. É obvio, era um bom judeu e criou o mundo somente em seis dias. Toda esta confusão é o que outro judeu, Albert Einstein, chamou «o universo em expansão». Se está expandindo a cada segundo, fazendo-se maior, como a barriga de uma mulher grávida, e é obvio, mais rápido. está-se expandindo à velocidade da luz, que é a maior velocidade que se conhece.

Provavelmente, algum dia tirem o chapéu coisas mais velozes, mas agora mesmo, quanto a velocidade se refere, segue sendo a mais alta. O mundo se está expandindo à velocidade da luz, e se esteve expandindo da eternidade. Não há princípio nem fim, ao menos do ponto de vista científico.

Mas os cristãos não só dizem que tem um começo, mas também se terminou em seis dias. E é obvio, aí estão os judeus e os muçulmanos que são outros ramos do mesmo disparate. Provavelmente, o mesmo idiota criou a possibilidade para as três religiões. Não me pergunte como se chama; os idiotas, especialmente os que são perfeitos, não têm nome; portanto, ninguém sabe quem teve a idéia de fazer o mundo em seis dias. É para tornar-se a rir. Mas se escutas a um sacerdote cristão ou a um rabino verá com que seriedade falam da gênese, a origem de tudo.

Tenho curiosidade, porque nem sequer eu sou capaz de acabar minha história em seis dias. Vou pelo segundo dia, e obrigado a que deixei que mencionar muitas coisas, pensando que não eram importantes, mas quem sabe, talvez o sejam. Mas se começar a dizer coisas sem escolher, o que seria do pobre Devageet? Me posso imaginar isso com tantos livros de apontamentos que se voltaria louco só seriamente. É como se estivesse ao Iado do Empire State Building de Nova Iorque, olhando a pilha de cadernos e pensando: «E agora quem os vai ler?»

E depois me lembro do Devaraj, que os tem que editar. Que alguém as leoa ou não, dá igual, de todas formas sempre haverá ao menos um leitor; este é Devaraj. E outra que é Ashu; ela os tem que escrever a máquina.

Na história da criação de Deus não há editor, nem datilógrafo. Só o criou em seis dias e acabou tão esgotado que nunca se voltou ou seja nada mais dele. O que foi que ele? Há gente que pensa que partiu a Florida, onde vão todos os aposentados. Outros acreditam que se está divertindo na praia de Miami..., mas tudo são conjeturas.

Deus não existe absolutamente. Por isso é possível a existência; do contrário, teria aparecido o nariz, e para isso são os narizes judias. Em vez de pensar em Deus é melhor esquecer-se dele, e também lhe perdoar; já vai sendo hora. Pode soar um pouco estranho esquecer e perdoar a Deus, mas só então poderá começar: sua morte é seu nascimento.

Só lhe podia ocorrer a um louco como Friedrich Nietzsche; mas quem lhe faz caso a um louco?, particularmente se realmente fala com sentido. Então é muito mais difícil lhes escutar. Ninguém tomou ao Nietszche a sério, mas me parece que sua declaração foi um dos grandes momentos na história da consciência: «Deus morreu!» Teve que fazer esta declaração, não porque Deus tivesse morrido: alguma vez tinha estado ali, em primeiro lugar, nem sequer tinha nascido, então, como podia estar morto? antes de morrer tem que padecer ao menos setenta anos do que chamamos vida. Nunca houve Deus. Menos mal, porque a existência se basta a si mesmo. Não se necessita um escritório independente para criá-la.

Mas não pensava falar disto. Note, cada momento abre muitos caminhos, e tem que caminhar. Escolha o que escolha, arrependerá-te, porque, quem sabe o que havia nos outros caminhos que não escolheste.

Por isso ninguém é feliz no mundo. Há centenas de pessoas com êxito, ricos, poderosos, mas até que não conheça minha gente, não saberá o que é uma multidão de gente feliz. São por completo de outra espécie.

Pelo general, todo mundo se frustra antes ou depois. Os mais inteligentes, antes; os mais estúpidos, depois; e se for completamente estúpido, então nunca. Esse morrerá sentado no carrossel da Disnaylandia.

Ashu, como se pronuncia? Disneylandia, Osho.

Disnay? Disney. Disney. Bom. Nenhuma mulher me pode ocultar seus sentimentos. Um homem sim pode fazê-lo. Imediatamente me tinha dado conta de que o havia dito mal. Mas não faz falta que se preocupe por isso; sou o tipo equivocado de homem. Só digo algo bem em contadas ocasiões, por acaso; estou acostumado a ser prudente.

Bons, sigamos com a história. Isto era uma pequena diversão, e vai ser uma coleção de milhares de diversões, porque disso se trata a vida. . .

Masto não esteve diante para convencer a Indira Gandhi de que trabalhasse para mim, mas o tentou com o primeiro-ministro da Índia. Possivelmente teve êxito, mas só para lhe convencer de que este homem não deveria, de maneira nenhuma, entrar na vida política do país. Provavelmente, Jawaharlal pensava em meu próprio bem ou no bem da nação, mas como não se tratava de um homem ardiloso, o segundo não vem ao caso. Sei porque lhe vi. Não só lhe vi, mas também hei sentido uma grande empatia com ele, uma profunda harmonia, uma grande sincronicidad.

Era velho, tinha triunfado em sua vida mas estava frustrado. Isso era bastante para que eu não queria triunfar no sentido mundano, e posso dizer que permaneci intacto ao êxito. De alguma estranha maneira, mantive-me como se não tivesse estado no mundo absolutamente.

Kabir tem uma formosa canção que descreve o que estou dizendo de um modo muito mais poético. Terá que ter em conta que era um tecedor, por isso sua canção tráfico de um tecedor.

Diz: «.fhini jhini bini chadariya: cobri uma formosa colcha para usar pelas noites...

Jhini jhini bini chadariya, ramnan ras bhini: mas não a usei. Não a danifiquei absolutamente. **O** dia que me mora estará tão nova como quando nasci.»

E podem acreditá-lo, cantou esta canção e morreu. A gente acreditava que estava cantando esta canção para eles, mas a estava cantando à existência. Estas eram as palavras de um homem pobre, mas tão rico, que a vida inteira não lhe tinha podido fazer nem um arranhão. E devolveu à existência quão mesmo tinha recebido da existência, tal e como o recebeu.

Freqüentemente me surpreendo de como envelhece o corpo, mas no que a mim respeita não sinto velho nem sinto o envelhecimento. Não me hei sentido diferente nem por um só instante. Sou o mesmo, e aconteceram muitas coisas mas só na periferia. Posso-lhes contar o que aconteceu, mas tenham em conta que nada disto me aconteceu . Sou tão inocente e ignorante como antes de nascer.

A gente do Zen diz:

-Não poderá nos entender a menos que saiba como foi, a menos que saiba que cara tinha antes de nascer.

Naturalmente, pensará:

-Esta gente está louca e me querem voltar louco também. Provavelmente, querem-me convencer de que me olhe o umbigo, ou alguma estupidez como essa.

E há gente que faz coisas desse uso com muito êxito, e têm milhares de seguidores.

Estar comigo é estar em um caminho que não está trilhado. De alguma forma, é não estar em nenhum caminho de nenhum tipo..., e de repente, está em casa. Isto é o que me aconteceu, embora a meu redor também aconteceram milhares de coisas. E quem sabe o que desencadeia o que?

Note no Devageet. desencadeou-se algo dentro dele. Não podemos sabê-lo, algo pode começar um processo que te conduza até ti mesmo. Não está nem longe nem perto; está exatamente onde está você. Por isso os budas se riram às vezes, ao ver a completa estupidez de todo esforço; a estupidez de todó o que estiveram fazendo. Mas para vê-lo tiveram que acontecer muitas coisas.

Que horas são?

-As dez e sete minutos, Osho. As dez e sete?

-Sim.

Bom.

Em nosso último encontro, Masto disse muitas coisas; possivelmente algo do que disse lhe seja útil a alguém em alguma parte. Estava a ponto de partir, por isso me contou tudo o que me tinha que contar. Como tinha que ser muito breve, utilizou máximas. É estranho porque era um orador muito prolífico, e usando máximas?

-Não compreende -disse-, tenho pressa. Escuta nada mais, não discuta, porque se começarmos a discutir não serei capaz de cumprir a promessa que fiz ao Pagal Baba.

É obvio, quando mencionou ao Pagal Baba» sabia que esse nome significava tanto para mim que nunca discutia com ele. Podia dizer inclusive que dois e dois são cinco, e eu lhe escutava, e não só lhe escutava mas também lhe acreditava, confiava nele. «Dois e dois são quatro» não requer confiança; mas «dois e dois somam cinCO» sem dúvida requer um amor que está além da aritmética. Se Baba o dizia, devia ser verdade.

Assim que lhe escutei. Estas foram suas palavras. Não foram muitas, mas sim muito significativas.

Disse:

-Em primeiro lugar, nunca forme parte de uma organização.

-De acordo -respondi.

E nunca formei parte de uma organização. cumpri minha promessa. Nem sequer sou parte, quero dizer membro, do neo-sannyas. Nou posso formar parte por uma promessa que fiz a alguém a quem queria. Somente posso estar entre vós. Mas por muito que me esconda sigo sendo um estranho, inclusou entre vós, por uma promessa que vou cumprir até o final.

-Em segundo lugar -disse-, não deveria falar contra as instituições.

-Escuta, Masto -adverti-lhe-, estou absolutamente seguro de que isso é de sua própria colheita, não do Pagal Baba.

riu e disse:

-Sim, é meu. Só estava tentando ver se podia separar o grão da palha.

-Masto, não se preocupe por isso -disse-lhe-. Me diga o que me foste dizer porque tinha muita pressa. Eu não vejo a pressa mas se você o disser (também te

quero) me acredito. me diga nada mais o estritamente necessário; se não, podemo-nos ficar sentados em silêncio até que você queira.

Permaneceu um momento em silêncio e depois disse:

-De acordo, é melhor que nos sentemos em silêncio, porque já sabe o que me disse Baba; também lhe deve haver isso dito a ti.

-Conhecia-lhe tão a fundo -pinjente- que não precisava me dizer nada. Inclusive se voltasse lhe diria: «Não te incomode, simplesmente fica comigo.» Por isso está bem que te tenha decidido mas mantén sua promessa.

-Que promessa? -perguntou.

-É uma promessa muito singela: estar em silêncio comigo até que te queira ir -respondi-lhe. .

Esteve ali outras seis horas mais e manteve sua promessa. Não cruzamos nenhuma só palavra, mas houve muito mais do que podem comunicar as palavras. O único que me disse quando partiu para a estação foi:

-Posso dizer uma última coisa? Talvez não te volte a ver.

Embora ele sabia que se ia para sempre.

-Com muito prazer -disse-lhe.

-Só uma coisa: que se necessitar que te ajude sempre me poderá informar nesta direção -disse-. Se estiver vivo me dirão isso imediatamente.

E me deu uma direção que jamais teria pensado que tivesse nada que ver com o Masto.

-Masto! -exclamei.

-Não pergunte nada-dijo ele-, simplesmente informa a este homem.

-Mas se trata do Morarji Desai -disse-lhe-; não posso lhe informar, e você sabe.

-Já sei -disse ele-, mas é a única pessoa que estará no poder dentro de pouco, e me poderá contatar em qualquer ponto dos Himalayas.

-Crie que será o sucessor do Jawaharlal? -perguntei-lhe.

-Não -respondeu-. Acontecerá-lhe outra pessoa, embora esse homem não viverá muito, a seguir virá Indira e depois ele. Dou-te seus gestos porque durante esses anos o vais necessitar mais; em outra situação, se estivesse aí Jawaharlal, ou Indira...

E entremedias dos dois, do Jawaharlal e Indira, houve outro primeiro-ministro, um homem magnífico; era pequeno no que ao corpo se refere, mas era uma grande pessoa. Lal Bahadur Shastri. Mas só esteve uns meses. É curioso, mas quando foi renomado primeiro-ministro me informou que me queria ver, dizendo:

-Vêem ver-me assim que possa.

.Fui ao Delhi porque sabia que Masto tinha metido mão nisto. De fato, queria lhe encontrar a ele. Adorava tanto ao Masto que teria ido até o inferno, e Nova Delhi é um inferno. Mas fui porque me tinha chamado o primeiro-ministro, e era uma boa oportunidade de saber onde estava Masto, e se estava vivo ou não.

Mas o destino quis que a entrevista que me tinha dado... Estava previsto que ele chegasse a Nova Delhi desde o Tashkent, na União Soviética, onde tinha ido assistir a uma conferência cúpula sobre a Índia, Rússia e Paquistão, mas só voltou seu cadáver. morreu no Tashkent. Eu tinha viajado até o Delhi para lhe perguntar pelo Masto e ele chegou, mas morto.

-Isto realmente é uma piada -pinjente-, uma piada prática. Agora já não posso perguntar pelo Masto.

Mas ele já sabia, e Masto -se é que ainda está vivo- também, que não pediria ajuda ao Morarji Desai embora me fizesse falta. Não o vou fazer. Não é que esteja contra sua política ou sua filosofia -que é superficial-, estou contra sua própria

estrutura. Não é um homem com o qual poderia ter uma conversação, nem sequer uma discussão.

Aconteceu várias vezes, pelas circunstâncias, embora eu não fosse o iniciador, mas nunca lhe perguntei pelo Masto. Não lhe perguntei nada, embora me encontrei com ele em sua casa, mas há algo... como o diria, esse homem é repulsivo; te dá vontade de vomitar. E a sensação é tão forte que embora me deu entrevista para ficar uma hora, tive-me que partir aos dois minutos. Até ele se surpreendeu e perguntou: -por que?

-me perdoe -disse-lhe-, surgiu um imprevisto e me tenho que ir para sempre, certamente não nos voltemos a ver.

Estava escandalizado, porque nessa época estava muito perto, estava a ponto de converter-se em primeiro-ministro do país. Mas já me conhecem: especialmente quando a presença de alguém é desagradável, sou o último em ficar. Inclusive os dois minutos que agüentei não foram mais que por cortesia; teria sido muito descortês entrar na habitação, farejada e partir.

Mas em realidade é o que fiz. Dois minutos..., porque me tinha estado esperando e era velho, e indubitavelmente tinha importância política, o qual não significa nada para mim, mas para ele significava muito. Isso é o que me repelia. Era muito político.

Adorava ao Jawaharlal porque nunca falava de política. Vimo-nos três dias consecutivos, sem mencionar nenhuma só palavra de política, e em questão de dois minutos, a primeira pergunta do Morarji Desai foi:

-O que opina dessa mulher, Indira Gandhi? Foi tão feio o modo em que disse «essa mulher». Ainda ouço sua voz..., «essa mulher». Não posso acreditar que um homem possa usar as palavras de uma forma tão desagradável.

Sessão 45

De acordo. A história da morte da Mahatma Gandhi e de como Jawaharlal pôs-se a chorar pela rádio comoveu a todo mundo. Não era um discurso preparado; estava falando de coração, e o que podia fazer se lhe caíam as lágrimas? Se houve alguma pausa, não foi por sua culpa mas sim por sua grandeza. Embora tivesse querido, nenhum outro estúpido político podia ter feito isto, porque seus secretários teriam tido que escrever isto no discurso que lhe tinham preparado:

-Por favor, agora tem que começar a chorar; chora e deixa uma pausa para que todo mundo se cria que é real.

Jawaharlal não estava lendo; de fato, seus secretários estavam muito preocupados. Mais tarde, muitos anos depois, um deles se fez sannyasin e me confessou:

-Tínhamo-lhe preparado um discurso mas nos atirou isso à cara e nos disse: «Idiotas! Pensam que vou ler seu discurso?»

Imediatamente me dava conta de que este homem, Jawaharlal, era uma dessas estranhas pessoas em todas as épocas do mundo que são muito sensíveis, e apesar de tudo, estão em uma posição para ser úteis, não só para explorar e oprimir, A não ser para servir

Disse ao Masto:

-Eu não sou um político e nunca o serei, mas respeito ao Jawaharlal não porque seja o primeiro-ministro, mas sim porque é capaz de me reconhecer,

embora só seja minha potencialidade. Talvez me aconteça ou talvez não, quem sabe. Mas a ênfase que pôs em que me proteja dos políticos indica que sabe mais do que aparenta.

O incidente do desaparecimento do Masto, tendo sido esta sua última declaração, tem-me aberto muitas portas. Entrarei em uma delas ao azar, como é meu estilo.

O primeiro foi Mahatma Gandhi. Jawaharlal o acabava de mencionar, porque me queria comparar, e naturalmente com a pessoa que mais apreciava. Mas estava indeciso porque também me conhecia , ao menos um pouco, o suficiente para me ter em conta quando estava fazendo sua declaração. Daí que duvidasse. Sentiu que havia algo que não era exatamente como teria que ser, mas não lhe ocorreu outro nome. Finalmente, soltou abruptamente:

-Algum dia poderá chegar a ser outro Mahatma Gandhi.

Masto protestou em meu nome. Conhecia-me muito melhor que Jawaharlal. Tínhamos discutido milhares de vezes sobre a Mahatma Gandhi e sua filosofia, e eu estava em contra. Inclusive Masto se surpreendia de que estivesse em contra, com tanta insistência, de um homem ao que só tinha visto duas vezes quando era menino. Lhes vou contar a história do segundo encontro. Foi interrompido de repente... e nunca sabe o que vem depois: não esperava que fora isto.

Lembrança o trem. Gandhi estava viajando, é obvio em terceira classe. Mas sua «terceira classe» era muito melhor que qualquer primeira classe. Em um compartimento de sessenta pessoas não estavam mais que ele, seu secretário e sua mulher; acredito que eram as únicas três pessoas. Todo o compartimento estava reservado. E tampouco era um compartimento corrente de primeira classe, porque não tornei a ver um compartimento como esse. Devia ser um compartimento de primeira classe, e não só de primeira classe, mas também de primeira classe especial. Simplesmente, modificaram o letreiro por um que dizia «terceira classe» e desta maneira ficava a salvo a filosofia do Gandhi.

Somente tinha dez anos. Minha mãe (de novo quero dizer minha avó) tinha-me dado três rupias.

-A estação está muito longe -disse-me- e talvez não esteja de volta para a hora de comer, nunca se sabe com estes trens: pode chegar dez ou doze horas tarde, de modo que te guarde estas três rupias.

Naqueles tempos na Índia três rupias eram quase um tesouro. podia-se viver comodamente durante três meses.

Tinha-me feito uma túnica realmente bonita. Ela sabia que eu não gostava das calças largas; como muito podia me vestir com calça de pijama e uma kurta. Uma kurta é uma túnica larga que sempre me encantou, e a calça foi desaparecendo pouco a pouco, ficando só a túnica. Por outra parte, não só se dividiu o corpo em parte superior e inferior mas sim inclusive se feito objetos diferentes para cada parte. Naturalmente, a parte superior deve ter algo de melhor qualidade, e a parte inferior do corpo simplesmente se cobre, isso é tudo.

Fez-me uma kurta preciosa. Era verão, e na zona central da Índia o verão é muito duro porque o ar quente, que entra pelos orifícios nasais, parece fogo. De fato, a gente só pode descansar em metade da noite. Na Índia central faz tanto calor que tem que beber água fria constantemente, e se conseguir um pouco de gelo é o paraíso. O gelo é uma das coisas mais caras nesta zona; naturalmente, porque quando chega da fábrica que está a cento e cinqüenta quilômetros já quase desapareceu. Terá que transportado o mais rápido possível.

Meu Nani me disse que podia ir ver a Mahatma Gandhi se queria, e preparou uma túnica de musselina muito fina. A musselina é uma das malhas mais artísticas e antigas no que a roupa se refere. Encontrou a melhor musselina. Era tão fina que era quase transparente. Naquela época tinham desaparecido as rupias de ouro e tinham sido substituídas pelas de prata. As rupias de prata eram muito pesadas para o pobre bolso de musselina. Para que o estou contando? Por que se não, não poderiam entender o que vou dizer.

O trem chegou como de costume, com treze horas de atraso. partiu-se quase todo mundo menos eu. Já me conhecem, sou teimoso. Até o chefe de estação me disse:

-Menino, é um caso. foi-se todo mundo e você está disposto a esperar toda a noite. Não há nem rastro do trem e leva esperando desde esta manhã cedo.

Para chegar à estação às quatro da manhã tive que sair de casa a metade da noite. Mas não tinha gasto as três rupias porque todo mundo levava muitas coisas consigo e foram muito generosos com este menino pequeno que tinha vindo de tão longe. Ofereceram-me fruta, doces, bolo e de tudo, de modo que não passei fome. Finalmente, quando chegou o trem, eu era a única pessoa que ficava, ¡Y que pessoa! Um menino de dez anos nada mais, ao Iado do chefe de estação.

Apresentou a Mahatma Gandhi e disse:

-Não o considere somente um menino. Estive-lhe observando todo o dia e como não tinha trabalho, falei com ele de muitas coisas. É o único que se ficou. Veio muita gente mas faz tempo que partiram. Respeito-lhe porque sei que se teria ficado até o dia do julgamento final; não queria partir até que chegasse o trem. Se o trem não tivesse chegado, acredito que não se teria ido. teria ficado vivendo aqui.

Mahatma Gandhi era um homem maior; disse-me que me aproximasse e me olhou. Mas mais que me olhar me olhou o moedeiro, e isso me dissuadiu para sempre.

-O que é isso? -perguntou-me.

-Três rupias -respondi-lhe.

-as doe -disse-me. Estava acostumado a ter a seu lado uma caixa com um buraco. Quando fazia uma doação, colocava as rupias pelo buraco e desapareciam. Naturalmente, a chave a tinha ele, e as podia fazer aparecer de novo, mas para ti desapareciam para sempre.

-Se tiver valor, as agarre -disse-lhe-. Aí está o moedeiro, as rupias estão aí, mas te posso perguntar com que finalidade está compilando estas rupias?

-Para os pobres -respondeu.

-Nesse caso não há nenhum problema -respondi-lhe. E eu mesmo joguei as três rupias na caixa. Mas foi ele o que se surpreendeu, porque quando me estava indo levei a caixa.

-Por Deus -exclamou-, o que está fazendo? Isso é para os pobres.

-Já te ouvi -disse-lhe-, não faz falta que te incomode em repeti-lo. Levo-me esta caixa para os pobres. Em meu povo há muitos. me dê a chave, por favor; do contrário, terei que procurar um ladrão para que abra o cadeado. São os únicos peritos no tema.

-Isto é estranho -disse e olhou a seu secretário. O secretário era tolo, como revestem ser todos os secretários; se não, não seriam secretários. Olhou a Kasturba, sua mulher, quem disse:

-encontraste a seu semelhante. Engana a todo mundo, e agora ele se leva a caixa inteira. Bem! Está bem, porque estou cansada de vê-la por aqui como se fosse uma esposa!

Deu-me pena este homem e deixei a caixa dizendo:

-Não; parece-me que o mais pobre é você. Seu secretário não tem inteligência, e parece que sua mulher não te tem nenhum carinho. Não me posso levar esta caixa, fique a Mas tenha presente que vim a ver um mahatma e só me encontrei com um homem de negócios.

Essa era sua casta. Na Índia, baniya ou negociante é exatamente quão mesmo vós chamam judeu. Na Índia temos nossos próprios judeus; não são judeus, a não ser baniyas. Para mim, com os poucos anos que tinha, Mahatma Gandhi não era mais que um homem de negócios. falei contra ele milhares de vezes, porque não estou absolutamente de acordo com sua filosofia de vida. Mas o dia que lhe assassinaram (eu tinha dezessete anos), meu pai me descobriu chorando.

-Você, chorando pela Mahatma Gandhi? Se sempre estiveste em seu contrário -disse. Toda minha família estava a favor do Gandhi, todos tinham ido ao cárcere por apoiar sua política. Eu era a única ovelha negra e todos outros eram, como não, brancos imaculados. Naturalmente me perguntou: -por que chora?

-Não só estou chorando, mas também além disso quero participar do funeral -respondi-lhe-. Não me faça perder o tempo, porque tenho que agarrar o trem, e este é o último que chega a tempo ali.

Isto lhe causou maior surpresa.

-Não posso acreditar! -disse-. Tornaste-te louco?

.-Isso o discutiremos mais adiante -respondi-lhe-. Não se preocupe, voltarei logo.

E sabem que estava Masto me esperando na plataforma quando cheguei ao Delhi? Disse-me:

-Pensei que por muito que estivesse contra Gandhi ainda tinha alguma consideração por ele. Tinha o pressentimento... Pode ser que seja assim e pode que não -disse a seguir- mas tinha que confiar. E este é o único trem que passa por seu povo. Se vinha, sabia que seria neste trem; não viria de outra forma. Por isso vim a te receber, meu pressentimento era certo.

-Se me tivesse falado antes do que sentia pelo Gandhi -disse-lhe-, não teria discutido contigo, mas sempre estava tratando de me convencer, e não é uma questão de sentimentos, só é pura discussão. Ou ganha você, ou ganha a outra pessoa. Se tivesse mencionado, embora só fosse uma vez, que se tratava de uma questão de sentimentos, nem sequer haveria meio doido o tema, porque não teria havido discussão.

Particularmente (só para que conste neste registro), quero lhes dizer que há muitas coisas da Mahatma Gandhi que apreciava e eu gostava, mas toda sua filosofia de vida me resultava desagradável. Havia muitas coisas que apreciava nele, que, entretanto, foram esquecidas. Ponhamos as coisas em seu sítio.

Amava sua sinceridade. Ele não mentia nunca; inclusive em meio de todo tipo de mentiras, permanecia ancorado em sua verdade. Provavelmente, eu não esteja de acordo, mas não posso dizer que não fosse veraz. Fora a que fora sua verdade, estava transbordando dela.

Que eu pense que sua verdade não tinha valor é um assunto totalmente distinto, mas é meu problema, não o seu. Ele nunca mentia. Respeito sua sinceridade, embora ele não saiba nada da verdade a que lhes estou incitando para que saltem constantemente.

Não era um homem que pudesse estar de acordo comigo: «Salta antes de pensar.» Não; ele era um homem de negócios. Era capaz de pensar cem vezes antes de sair pela porta, e muito mais para saltar. Não podia entender a meditação, mas

não era culpa dela. Nunca se encontrou com um professor que lhe pudesse falar da no-mente, embora nesse momento existiam pessoas assim.

Em uma ocasião, inclusive Meher Baba escreveu uma carta ao Gandhi. Não a escreveu ele exatamente; alguém a deve ter escrito porque ele não falava nem escrevia, e unicamente fazia signos com as mãos. Havia poucas pessoas capazes de entender o que Meher Baba queria dizer. Mahatma Gandhi e seus seguidores riram da carta porque nela Meher Baba lhe dizia:

-Não perca o tempo cantando Hare Krishna, Hare Ramo. Isso não te vai ajudar absolutamente. Se realmente quer conhecer, faça-me saber e te avisarei para que venha.

Todos riram; pensaram que era uma arrogância. Assim pensam as pessoas correntes; por isso, naturalmente parece arrogante. Mas não o é, só é compaixão, em realidade, muita compaixão. Ao ser tanta, parece arrogância. Gandhi não a aceitou, e lhe mandou um telegrama que dizia:

-Obrigado por seu oferecimento, mas seguirei meu caminho -.. .como se tivesse um caminho. Não tinha nenhum. Mas há algumas dele costure que admiro e respeito, como seu esmero. Agora bem, vós dirão:

-Respeito por um pouco tão insignificante...?

Não era insignificante, particularmente na Índia, onde se pensa que os Santos, os que se dizem Santos, vivem entre todo tipo de imundícies. Gandhi tentava ser limpo. Era o ignorante mais limpo do mundo. Adoro sua limpeza.

Também eu gosto de seu respeito por todas as religiões. É obvio, meus motivos e os seus são diferentes. Mas ao menos as respeitava; claro que por razões equivocadas, porque não sabia o que era a verdade, de modo que como podia opinar o que era o correto, se havia alguma religião que era a correta, se todas eram corretas ou se podia existir alguma que fosse correta? De maneira nenhuma. Além disso, era um homem de negócios, para que incomodar a ninguém, para que chateá-los?

Todos dizem o mesmo: o Corán, o Talmud, a Bíblia, o Gita, e ele era o bastante inteligente -recordem «o bastante», não o esqueçam- para encontrar similitudes entre eles, o qual não é nada difícil para uma pessoa inteligente, lista. Por isso digo que era «o bastante inteligente», mas não verdadeiramente inteligente. A verdadeira inteligência sempre é rebelde, e ele não era capaz de ser rebelde frente ao convencional, o tradicional, o hinduísmo, o cristianismo ou o budismo.

Surpreenderá-lhes saber que houve um tempo em que Gandhi tinha a intenção de converter-se ao cristianismo, porque serve aos pobres mais que nenhuma outra religião. Mas logo compreendeu que seu culto não é mais que uma fachada para encobrir a questão real que há detrás. O verdadeiro assunto é converter a gente. por que? Porque lhes dá poder. Quanta mais gente tem, mais poder tem. Se pudesse converter a todo mundo ao cristianismo, ao judaísmo ou ao hinduísmo, então, é obvio, essa gente teria mais poder de que tenha tido ninguém jamais. Alejandro empalideceria a seu lado. É uma luta de poder.

Assim que Gandhi se deu conta disto, e volto a dizer que era o bastante inteligente para dar-se conta, deixou de lado a idéia de converter-se ao cristianismo. Em realidade, na Índia é muito mais útil ser hinduista que ser cristão. Os cristãos só são um por cento; o que poder político lhe ia conferir? Menos mal que seguiu sendo hinduista, quero dizer para seu status espiritual. Mas foi o suficientemente inteligente para entender-se e inclusive influir em personagens cristãos como C. F. Andrews, nos jainistas, budistas e muçulmanos, como por exemplo, ao homem que era conhecido como o «Gandhi da Fronteira».

Este homem que ainda está vivo pertence a uma tribo especial, os pakhtoons, que vivem na região fronteiriça da Índia. Os pakhtoons são gente realmente formosa e também perigosa. São muçulmanos; quando sua líder se fez partidário do Gandhi, eles lhe seguiram.

Na Índia, os muçulmanos nunca perdoaram ao «Gandhi da Fronteira» porque acreditavam que tinha traído a sua própria religião.

Não me interessa se tiver completo ou se tiver traído; o que estou dizendo é que o mesmo Gandhi, ao princípio, pensou em converter-se ao jainismo. Seu primeiro gurú foi um jainista, Shrimad Rajchandra, e os hinduistas seguiam doídos porque se prostrou aos pés de um jainista.

O segundo professor do Gandhi -isto ofenderá mais ainda aos hinduistas- foi Ruskin. O grande livro do Ruskin Lubrifico this Last trocou a vida ao Gandhi. Os livros podem fazer milagres. Possivelmente não tenham ouvido falar do livro Lubrifico this Last. trata-se de um pequeno panfleto que lhe deu de presente um amigo quando ia sair de viagem, para que o lesse no caminho porque lhe tinha gostado de muito. Gandhi o aceitou embora realmente não pensava lê-lo, mas tendo tempo suficiente pensou:

-por que não lhe jogar uma olhada? -e o livro lhe transformou. Este livro lhe proporcionou toda sua filosofia.

Eu estou contra sua filosofia, embora o livro é magnífico. A filosofia do livro não vale a pena mas Gandhi era um colecionador de lixo; era capaz de encontrar lixo até nos lugares mais belos. Há um tipo de pessoas, sabem, que embora as leve a um formoso jardim, de repente chegam a um sítio e lhe mostram algo que não deveria estar aí. Têm um enfoque negativo. E logo há outro tipo de pessoas que somente coleciona espinhos, os colecionadores de lixo; chamam-se a si mesmos colecionadores de arte.

Se eu tivesse lido esse livro como o fez Gandhi, não teria chegado à mesma conclusão. O que importa não é o livro, a não ser a pessoa que o lê, escolhe-o e seleciona. Embora tivéssemos visitado o mesmo lugar sua seleção teria sido totalmente distinta. Para mim sua seleção não teria nenhum valor. Não sei nem sabe ninguém, o que lhe teria parecido a minha. Que eu saiba era um homem muito sincero. Por isso, não posso dizer se diria do mesmo modo que eu: «Esta coleção é um lixo». Possivelmente o poderia haver dito ou possivelmente não, isto é o que eu gostava deste homem. Também era capaz de apreciar o que lhe era alheio e tratava de permanecer aberto, de absorver.

Não era como Morarji Desai, que estava totalmente fechado. Às vezes me pergunto como respirava, porque para fazê-lo, pelo menos tem que abrir o nariz. Mas Mahatma Gandhi não era o mesmo tipo de pessoa que Morarji Desai. Não estou de acordo com ele mas, entretanto, sei que tem algumas qualidades que valem milhões.

Sua simplicidade..., ninguém podia escrever de uma forma tão singela nem esforçar-se tão só para que sua escritura fosse singela. Podia estar tentando simplificar uma frase durante horas para fazê-la mais telegráfica. Podia-a reduzir ao máximo e tentava viver sinceramente todo aquilo que acreditava verdadeiro. Que não fosse verdade é outro assunto mas o que lhe ia fazer? Ele acreditava que era verdade. Respeito-lhe por sua sinceridade e porque a viveu sem ter em conta as conseqüências. Perdeu a vida precisamente por essa sinceridade.

Com a Mahatma Gandhi a Índia perdeu todo seu passado, porque na Índia jamais se assassinou a alguém de um disparo nem se crucificou a ninguém. Não era a forma de ser deste país. Não é que sejam pessoas muito tolerantes, mas são tão

esnobes que não acreditam que valha a pena crucificar a ninguém... estão por cima disso.

Com a Mahatma Gandhi a Índia finalizou um capítulo e começou um novo. Chorei, não porque lhe tivessem assassinado, pois todo mundo tem que morrer, isso não é uma grande coisa. E é preferível morrer como morreu ele que morrer na cama de um hospital, particularmente na Índia. Nesse sentido foi uma morte limpa e formosa. Não estou protegendo ao assassino, Nathuram Godse. É um assassino e não posso dizer dele: «lhe perdoe porque não sabia o que fazia.» Sabia exatamente o que estava fazendo. Não pode ser perdoado. Não é que seja duro com ele, a não ser objetivo.

Mais tarde, quando voltei, tive que lhe explicar tudo isto a meu pai. Levou-me muitos dias fazê-lo, porque minha relação com a Mahatma Gandhi era muito complicada. Normalmente, aprecia a uma pessoa ou não a aprecia. Mas para mim não funciona da mesma maneira, e não só com a Mahatma Gandhi.

Realmente sou um ser estranho. Sinto-o em cada momento. Pode-me gostar de uma determinada coisa de uma pessoa e, de uma vez, pode haver outra coisa que odeie; tenho que decidir porque não posso cortar à pessoa em dois.

Se decidi estar contra Mahatma Gandhi não é porque não tivesse coisas que eu gostava, tinha muitas coisas mas havia muitas mais que tinham implicações de comprimento alcance para a humanidade. Tive que decidir estar contra um homem que podia ter amado se -e este «se» for quase infranqueável- não tivesse estado em contra do progresso, a prosperidade, a ciência e a tecnologia. De fato, estava contra quase tudo o que eu estou a favor: mais tecnologia e mais ciência, mais riqueza e abundância.

Não estou a favor da pobreza, ele se o estava. Não estou a favor do primitivismo, ele o estava. Mas, apesar de tudo, quando vejo um ingrediente de beleza, por pequeno que seja, aprecio-o. E nesse homem havia umas quantas coisas que valia a pena entender.

Tinha uma capacidade imensa de sentir o pulso de milhões de pessoas juntas. Não há nenhum médico que o possa fazer; é muito difícil sentir o pulso até de uma só pessoa, especialmente de uma pessoa como eu. Pode tentar sentir meu pulso; mas perderá o teu, e se não perder o pulso perderá a bolsa, que é ainda melhor!

Gandhi tinha a capacidade de sentir o pulso da gente. É obvio, não me interessam essas pessoas, mas isso é outra questão. Há milhares de coisas que não me interessam; o qual não quer dizer que não valore a todos os que estão trabalhando genuinamente, aos que estão aprofundando inteligentemente. Gandhi tinha essa capacidade e a valoro. Me teria encantado lhe poder ver agora, porque então era um moço de dez anos e só pôde receber de mim essas três rupias. Agora lhe poderia dar o paraíso inteiro, mas não tinha que acontecer, ao menos nesta vida.

Sessão 46

De acordo. Posso começar com meu segundo dia de escola primária. Quanto mais pode esperar? Já esperou muito. O segundo dia foi meu verdadeiro ingresso no colégio porque tinha sido expulso o professor Kantar e todo mundo estava feliz. Quase todos os meninos estavam dançando. Eu não podia acreditar, mas me disseram:

-Não conheceste ao professor Kantar. Se morrer, repartiremos caramelos por todo o povo e queimaremos milhares de velas em nossas casas -receberam-me como se tivesse realizado uma grande façanha.

Em realidade, o professor Kantar me deu um pouco de pena. Provavelmente, fosse muito violento mas, ao fim e ao cabo, era humano, e tinha todas as debilidades às que é propenso o ser humano. Ter um só olho e uma cara repugnante não era, absolutamente, culpa dela. E eu gostaria de dizer algo que não hei dito anteriormente porque pensava que ninguém me acreditaria. .. mas o criam ou não, não estou procurando crentes.

Nem sequer era culpa sua sua crueldade -faço ênfase em dela-, era algo natural nele. Da mesma maneira que só tinha um olho, tinha ira, uma ira muito violenta. Não podia tolerar nada que fosse contra suya em nenhum sentido. Inclusive o silêncio dos meninos era suficiente para lhe provocar.

Olhava ao redor e dizia:

-por que há tanto silêncio? O que acontece? Seguro que há algum motivo para que estejam tão calados. Darei-lhes uma lição para que não me voltem a fazer isto nunca mais.

Os meninos se assombravam. Tinham estado calados para não lhe incomodar. Mas o que podia fazer? Incomodava-lhe inclusive isso. Necessitava tratamento médico, e não só físico mas também também psicológico. Estava doente em todos os sentidos. Deu-me pena porque eu fui, aparentemente ao menos, a causa de que lhe despedissem.

Todo mundo desfrutava da ocasião, até os professores. Eu não podia acreditá-lo quando inclusive o diretor do colégio me disse:

-Obrigado, meu filho. começaste sua vida escolar fazendo algo muito bonito. Esse homem era como uma dor de pescoço

Olhei-lhe e lhe disse:

-Então, possivelmente deveria te extirpar o pescoço.

Ao dizer isto, imediatamente ficou sério e replicou:

-Vê e faz seu trabalho.

-Olhe -disse-lhe-, você está feliz, celebrando que despediram de teu companheiro, e você te diz companheiro? Que classe de amizade é esta? Nunca lhe há dito o que sentia à cara. Não o tem feito porque te teria amassado.

O diretor era um homem miúdo, não media mais de um metro e médio, talvez menos. E esse gigante de dois metros que pesava cem quilogramas lhe podia ter amassado facilmente, sem necessidade de uma arma, simplesmente com os dedos.

-por que te comportava como um marido com sua esposa quando estava diante dele? Sim, estas foram exatamente as palavras.

Lembrança quando lhe disse:

-Comportaste-te como um marido dominado. Recorda que, embora só seja por acaso, provavelmente eu tenha sido a causa de sua demissão, mas não estava planejando nada contra ele. Acabo de ingressar no colégio; ainda não tive tempo de organizar uma comissão de planejamento. E você leva toda a vida planejando contra ele. Ao menos, poderiam-lhe ter mandado a outro colégio.

Nesse povo havia outros quatro colégios mais.

Mas o professor Kantar era um homem forte, e tinha ao presidente agarrado das orelhas.

O presidente do povo estava disposto a que lhe agarrassem pelas orelhas. Possivelmente gostasse, não sei, mas o povo inteiro se deu conta em seguida de que este excremento de vaca sagrada não ia ser de grande ajuda.

Era um povo de vinte mil habitantes, onde não havia estrada que merecesse esse nome, nem eletricidade, nem parque nem nada. A gente se deu conta imediatamente que isto se devia a este excremento de vaca. Teve que demitir, de modo que durante os dois anos e meio que ficavam ocupou seu lugar o vice-presidente.

Shambhu Babu transformou e lhe deu um novo aspecto ao povo. Devo lhes dizer uma coisa que graças a mim chegou ou seja que um menino pequeno não só pode se despedir de um professor, mas também inclusive criar uma situação tal que tenha que demitir o presidente do povo. Estava acostumado a dizer jocosamente: -Tem-me feito presidente.

Mas, posteriormente, houve momentos em que diferimos. Seguiu sendo presidente durante muitos anos. Quando o povo viu o trabalho que tinha feito durante esses dois anos e meio lhe voltaram a escolher por unanimidade uma e outra vez. Quase fez milagres com as mudanças que efetuou no povo.

Construiu as primeiras estradas asfaltadas de toda a província e trouxe eletricidade para nossos vinte mil habitantes. Isso era muito estranho; nenhum outro povo desse tamanho tinha eletricidade. Plantou árvores aos lados da estrada para contribuir um pouco de beleza a este povo tão feio. Fez muitas coisas. Estou-lhes preparando para lhes contar que houve outros tempos nos que não estive de acordo com sua política. Então me converti em seu adversário.

Não lhes poderão imaginar como se pode ser o adversário de um menino pequeno, de ao redor de doze anos. Eu tinha minhas próprias estratégias. Podia convencer às pessoas com muita facilidade, simplesmente porque era um menino, e que interesse podia ter na política? E, efetivamente, não me interessava absolutamente.

Por exemplo, Shambhu Babu implantou um imposto sobre o consumo. É compreensível:.,sem dinheiro como ia conseguir levar a cabo seus projetos de embelezamento, estradas e eletricidade? Necessitava dinheiro, naturalmente. Para isto se precisava de alguma forma de tributação.

Eu não estava contra o sistema tributário, mas estava contra o imposto sobre o consumo porque o peso recai sobre a cabeça dos mais pobres. Os ricos se voltam mais ricos e os pobres mais pobres. Não me oponho a que os ricos sejam cada vez mais ricos, mas indubitavelmente me oponho a que os pobres sejam cada vez mais pobres. Não acreditarão, mas até ele se surpreendeu quando lhe disse:

-Irei casa em casa lhe dizendo às pessoas que não volte a votar ao Shambhu Babu. Se se mantiver o imposto sobre o consumo, então Shambhu Babu se terá que partir. Se Shambhu Babu quer ficar, o imposto sobre e! consumo tem que desaparecer. Não permitiremos que estejam os dois de uma vez.

Não só fui casa em casa, mas também pela primeira vez falei em um comício público. A gente desfrutava vendo um menino falar com tanta lógica. Sentado em uma loja próxima estava também Shambhu Babu. Ainda o recordo aí sentado. Era seu sítio; estava acostumado a estar aí todos os dias. Era um sítio estranho para sentar-se mas a loja se achava em um lugar proeminente, no mesmo centro do povo. Por isso se estavam acostumados a celebrar ali todos os mítines; enquanto isso, ele fingia estar sentado na loja de seu amigo como se não tivesse nada que ver com o comício.

Quando me ouviu -já me conhecem, sempre fui igual-, assinalei para o Shambhu Babu que estava sentado na loja e pinjente:

-Note !Está aí sentado. veio a escutar o que tenho que dizer. Embora tenha em conta, Shambhu Babu, que a amizade é uma coisa, mas eu não vou apoiar seu

imposto. Oporei-me embora tenha que perder sua amizade. Saberei então que não tinha muito valor. Se podemos seguir sendo amigos, embora não estejamos de acordo em determinados pontos ou inclusive cheguemos a entrar em conflito público, só então terá alguma importância nossa amizade.

Realmente era um bom homem. Saiu da loja, deu-me uns tapinhas nas costas e disse:

-Terei em conta seus argumentos. Quanto a nossa amizade, este conflito não tem nada que ver.

Nunca o voltou a mencionar. Pensei que provavelmente o tiraria reluzir algum dia e diria-me:

-Foi muito duro comigo e isso está mau. Mas não o voltou a mencionar. O mais maravilhoso de tudo é que revogou o imposto.

-por que? -perguntei-lhe-. Poderia estar em contra, mas nem sequer tenho idade para votar. É a gente a que te escolheu.

-Não é essa a questão -respondeu-. Tem que haver um pouco equivocado no que estou fazendo se inclusive você te opõe. O vou revogar. Não me dá medo a gente, mas se uma pessoa como você não está de acordo..., respeito-te apesar de que é muito jovem. Seu argumento é correto, qualquer que seja o imposto que se aplique sempre recai sobre os pobres, porque os ricos som o bastante inteligentes para engenhar-lhe -No podía creer que estuvieses hablando contra él.

O imposto sobre o consumo coleta sobre todas as mercadorias que entram no povo. Então, estas mercadorias se vendem a um preço mais elevado. Não pode evitar que o pobre camponês tenha que pôr de seu bolso o imposto que pagou o lojista. É obvio, o lojista não o chama imposto; simplesmente o incrementa no preço.

Shambu Babu disse:

-Compreendo seu raciocínio e por isso revoguei o imposto.

Durante seu mandato não se voltou a aplicar o imposto e nem sequer se voltou a mencionar. Mas jamais se sentiu ofendido; ao contrário, voltou-se mais respeitoso comigo. Encontrei-me em uma situação comprometida quando me tive que opor ao que poderia dizer que era a única pessoa do povo que eu gostava.

Até meu pai estava surpreso e disse: -Faz coisas estranhas. Ouvi-te falar em público. Imaginava que faria algo assim, mas não tão logo. foste muito convincente, inclusive contra seu próprio amigo. Todo mundo sentiu saudades de que falasse contra Shambu Babu.

Todo o povo sabia que não tinha mais amigos que o velho Shambu Babu, que devia ter ao redor de cinqüenta anos. Agora sim seria o momento de ser amigos, mas a diferença de idade não estava em nossas mãos, de modo que a passamos por cima. E ele tampouco tinha outros amigos. Ele não podia permitir o me perder nem me podia permitir isso eu. Meu pai me disse:

-Não podia acreditar que estivesse falando contra ele.

-Não hei dito nenhuma só palavra em seu contrário -respondi-lhe-. falei contra os impostos que estava tentando pôr. Certamente, minha amizade não inclui isso; o imposto ao consumo fica excluído. E o havia dito ao Shambu Babu com antecipação, tinha-lhe avisado que lutaria contra tudo o que não estivesse de acordo, inclusive contra ele. Por isso se encontrava presente naquela loja, para escutar o que estava dizendo contra seu imposto. Mas não disse nenhuma só palavra contra Shambu Babu.

O segundo dia de colégio parecia que tinha feito uma grande proeza. Não podia acreditar que a gente tivesse estado tão oprimida pelo professor Kantar. Não

se tratava de que estivessem ditosos de minha presença ali; naquela época já podia captar a diferença. Agora também posso recordar perfeitamente que estavam felizes porque já não tinham que suportar ao professor Kantar.

Embora atuassem como se se alegrassem por mim não tinha nada que ver comigo. No dia anterior tinha ido ao colégio e ninguém me havia dito nem «Olá». Entretanto, agora se tinha reunido todo o colégio para me receber junto à Porta do Elefante. O segundo dia de colégio me tinha convertido em um herói.

Mas nesse mesmo instante os pinjente: -lhes disperse, por favor. Se querem celebrá-lo vai ao professor Kantar. Dancem frente a sua casa, celebrem ali. Ou também podem ir ver o Shambhu Babu, que foi o verdadeiro artífice de sua expulsão. Eu não sou ninguém. Fiz-o sem nenhuma expectativa, embora às vezes acontecem coisas na vida que não espera nem merece. Esta é uma dessas coisas, por isso lhes peço que o esqueçam.

Mas não o esqueceram em toda minha vida acadêmica. Nunca me aceitaram como a um menino qualquer. É obvio, não me importava absolutamente o colégio. Noventa por cento do tempo estava ausente. Aparecia, de vez em quando, por algum outro motivo, mas não para ir ao colégio.

Aprendi muitas coisas, embora não no colégio. Aprendi coisas estranhas. Interessavam-me, por dizê-lo de algum jeito, as coisas pouco correntes. Por exemplo, estava aprendendo a caçar serpentes. Naquela época vinha muita gente ao povo com formosas serpentes que dançavam ao som da flauta. Isto me impressionava muito.

Toda essa gente desapareceu, porque eram muçulmanos. Ou se foram ao Paquistão ou foram assassinados pelos hindus; provavelmente tenham trocado de profissão porque isso era como declarar publicamente que eram muçulmanos. Os hindus não praticavam essa arte.

Eu seguia aos encantados de serpentes durante todo o dia e os fazia pergunta:

-me conte o segredo de como caças as serpentes.

E pouco a pouco se deram conta que não me podiam dissuadir de nada. Comentavam entre eles:

-Se não o dizemos o tentará por sua conta.

Uma vez disse a um encantado de serpentes:

-Ou me conta isso ou o vou tentar eu só; se morrer você terá a culpa.

Ele me conhecia porque lhe tinha estado incomodando e dando a lata dia detrás dia.

-Vêem, te vou ensinar -disse. .

Levou-me aos subúrbios do povo e começou a me ensinar como capturar serpentes e como lhes ensinava a dançar enquanto tocava a flauta. Ele foi a primeira pessoa que me disse que as serpentes não têm ouvidos, que não podem ouvir; entretanto, quase todo mundo acredita que os afeta a flauta do encantado.

-A verdade é que não ouvem absolutamente nada -disse-me.

Então lhe perguntei:

E por que começam a dançar quando toca a flauta?

-Porque estão treinadas -respondeu-. Não te deste conta que quando toco a flauta, movo a cabeça? Esse é o truque. Movo a cabeça e a serpente começa a mover-se, se não se move ficará sem comer. quanto antes o faça, antes comerá. O segredo é a fome, não a música.

Os encantados de serpentes me ensinaram a capturadas. Em primeiro lugar, o noventa e sete por cento das serpentes são inofensivas, não são venenosas; pode-as apanhar sem nenhum problema. Claro que remoem, mas como não têm veneno só

será uma dentada, não morrerá. O noventa e sete por cento não tem glândulas para o veneno. E três por cento restante tem um estranho costume: remoem o justo para deixar um oco para o veneno, logo se dão a volta. A glândula do veneno se encontra de barriga para baixo em sua garganta, de modo que primeiro fazem a ferida e depois se giram para verter o veneno. Pode-as capturar antes de que lhe remoam..., e a melhor maneira é as sujeitando muito forte da boca.

Eu não sabia que terei que sujeitar a boca, mas isso tem que ser o primeiro. Se enguiços e lhe remoem, não se preocupe: sujeita as forte e não lhes deixe que se dêem a volta. A ferida se curará e não morrerá. Estava aprendendo, e isto não é mais que um exemplo.

Desgraçadamente, tiveram-se que ir da Índia todos os encantados de serpentes. Havia magos que faziam todo tipo de coisas incríveis, e indubitavelmente me interessavam mais os magos que o pobre professor com suas classes de geografia ou de história. Ia detrás dos magos como se fosse seu criado. Não me separava deles até que me ensinavam algum truquito.

Não deixava de me surpreender que tudo o que parecia incrível era somente um pequeno truque. Mas, se não saber o truque, tem que aceitar a grandeza do fenômeno. Quando já conhece o truque é como um globo que se desincha: faz-se cada vez mais pequeno, só é um globo cravado. Finalmente, só tem nas mãos uma parte de plástico e nada mais. Esse globo tão grande só era ar quente.

Estava aprendendo, a minha maneira, coisas que me foram ser de grande ajuda. Por isso digo que Satya Sai Baba e a gente como ele não são mais que magos guias de ruas; nem sequer são muito bons, a não ser magos correntes. Mas os magos desapareceram que as ruas da Índia porque também eram muçulmanos.

Na Índia terá que entender uma coisa, que a gente perpetuaram uma estrutura determinada há milhares de anos. Geralmente, a gente recebe sua profissão dos pais; é uma herança, não pode trocá-lo. É difícil de entender para um ocidental; por isso surgem tantos problemas de compreensão e comunicação com o oriental.

Eu estava aprendendo, embora não no colégio, e nunca me arrependi. Aprendia de toda classe de pessoas estranhas. Estas pessoas não ensinavam nos colégios; isso é impossível. Estive com monges jainistas, com sadhus hinduistas, com bikkhus budistas e com todas as classes de pessoas que, supostamente, a gente não trataria.

me dar conta de que não tinha que tratar com alguém era suficiente para que tratasse com essa pessoa, porque devia ser um marginal. Como era um marginal, daí a proibição; adoro aos marginais.

Odeio aos que se integram. Fizeram tanto dano que já é hora de parar este jogo. Os marginais sempre me pareceram um pouco loucos, mas belos; loucos mas inteligentes. Não com a inteligência da Mahatma Gandhi (que era um integrado perfeito), nem com a inteligência dos que se dizem intelectuais: Jean-Paul Sartre, Bertrand Russell, Karl Marx, Hugh Bach...; a lista é interminável.

O primeiro intelectual foi a serpente que deu começo a tudo isto; de não ser assim, não teria havido nenhum problema. Foi o primeiro intelectual. Não vou chamar o diabo, chamo-lhes diabos a vós, a seu grupo. Possivelmente não compreendam o sentido que dou a esta palavra. Para mim «o diabo» quer dizer «divino». Provém da raiz do sânscrito deva, que significa «divino». Por isso denominei «os diabos» a seu grupo.

Mas a serpente era intelectual, e fez o truque que fazem todos os intelectuais. Convenceu à esposa para que fosse comprar algo enquanto o marido estava no escritório, ou talvez em algum outro sítio, porque os escritórios apareceram mais

tarde; devia estar pescando, caçando ou fazendo qualquer outra coisa que lhes ocorra. Certamente, não estava enganando-a, isso é seguro, porque não a podia enganar com ninguém. Tudo chegaria, embora mais tarde.

A serpente sustentava que: -Deus me há dito que não coma da árvore da sabedoria...Só era uma macieira. Às vezes acredito que ninguém pecou tanto como eu, porque como mais maçãs que ninguém no mundo. As maçãs são tão inocentes que me pergunto por que tiveram que escolher a maçã, que dano lhe tem feito a Deus? Não me posso imaginar isso.

Há algo que sim posso dizer: que o homem chamado «serpente» deve ter sido um grande intelectual, tão grande que demonstrou que comer maçãs era pecado.

Mas para mim a inteligência não procede da mente...

Sessão 47

Estava falando sobre a escola primária. Estranha vez assistia a aula, e isso era tal alívio para todo mundo que o queria proporcionar sempre que fora possível. por que não podia lhes dar um cem por cem de descanso? Pela singela razão que também lhes queria, refiro-me às pessoas: os professores, os criados, os jardineiros. de vez em quando, gostava de lhes fazer uma visita, especialmente quando lhes queria ensinar algo. Um menino pequeno ansioso de ensinar tudo o que tem às pessoas que quer... mas, em ocasiões, essas coisas eram perigosas. Inclusive agora não posso deixar de rir.

Lembrança um dia com muita claridade. Sempre esteve aí, esperando até que lhe chegasse seu momento. Provavelmente, chegou o momento de contá-lo e compartilhá-lo. trata-se de uma série de sucessos. . .

Acabava de aprender a caçar serpentes. As pobrecitas são inocentes, belas e muito vivas. Não lhes podem fazer uma idéia do que estou dizendo a menos que tenham visto duas serpentes apaixonadas. Talvez lhes perguntarão como fazem o amor as serpentes. Não o fabricam (só o homem fabrica), mas sim o fazem. Quando estão apaixonadas são como chamas. Isto é surpreendente porque não têm ossos e, mesmo assim, mantêm-se erguidas para beijar-se! Como se podem ficar erguidas? Não têm patas mas ficam de pé sobre a cauda. Se tiverem a ocasião de ver duas serpentes beijando-se erguidas sobre a cauda já não lhes voltarão a incomodar em ir ver um filme de Hollywood.

Acabava de aprender a caçar serpentes e a distinguir as serpentes venenosas das que não o são. Há algumas tão pouco venenosas que poderíamos dizer que se trata de um tipo de peixe, já que muitas delas vivem na água. As serpentes de água são as mais inocentes, ainda mais que os peixes. Os peixes são ardilosos enquanto que as serpentes de água não o são. Tinha experiente com todo tipo de serpentes, de modo que quando o digo não é que esteja contando a experiência de outro, a não ser minha própria experiência.

Acabava de capturar uma serpente. Tinha que ir ao colégio. «Que estranho.. .», dirão. Normalmente estava tão ocupado que não tinha tempo para perguntas e

respostas estúpidas e mapas ridículos. Já naquela época me podia dar conta de que os mapas são um disparate, porque na terra não vejo que haja linhas em nenhuma parte; nem nas regiões nem nos municípios. Por isso, as nações não são mais que excremento de vaca, e nem sequer sagrada, a não ser excremento de vaca profana. Se é que algo assim existe -excremento de vaca sagrada e de Vaca profana, os dois de uma vez- é a política. A política criou os mapas.

Eu não pensava perder o tempo com isso. Estava explorando a autêntica geografia: indo às montanhas, desaparecendo vários dias. Só meu Nani sabia quando voltaria. Durante vários dias não me ouviam nem me viam, porque não estava ali. E acredito que todos se alegravam, exceto meu Nani. Já lhes inteirarão de por que...; além disso, tinham razão, sobre isso não me cabe nenhuma dúvida.

Tinha capturado uma serpente e era a primeira vez que tinha êxito. É obvio, quis ir à escola imediatamente. Dava-me igual não levar o uniforme, ninguém esperava que o fizesse; nem sequer o usei na escola primária. Adverti-lhes:

-vim a aprender, muito bem, mas não lhes permitirei que me destruam; não posso aceitar usar esse uniforme, que além disso escolhestes sem ter nem idéia da beleza e a forMA; não posso aceitá-lo. Causarei-lhes muitos problemas se me tentam impor isso.

-Ten preparado se por acaso vem o inspetor -advertiram-me-; se não o fizer, nos vais meter em uma confusão. Não queremos te incomodar porque não queremos que nos incomodem. É um assunto delicado te causar qualquer moléstia -disse meu professor-. Sabemos o que lhe ocorreu ao professor Kantar; isso lhe poderia ocorrer a qualquer. Mas, por isso mais queira, tenIo preparado.

Surpreenderá-lhes saber que o próprio colégio me proporcionou o uniforme. Não sei quem se fez cargo de pagá-lo, nem me importa. Guardei-o, sabendo perfeitamente que, matematicamente, era quase impossível que minha visita ao colégio e a do inspetor coincidissem na mesma data. Não era possível, isso era o que eu pensava, mas guardei o uniforme. Era muito bonito, esmeraram-se, embora não insistiram em que me pusesse isso.

Sempre fui estranho. Inclusive agora, entre minha própria gente, não uso uniforme. Não posso. Nem sequer posso me pôr o uniforme que escolhi para vós. por que? Aquele dia surgiu a mesma pergunta. Hoje também surge esta pergunta. Simplesmente, não me posso amoldar. Podem pensar que é um capricho; mas não é absolutamente nada caprichoso, é existencial. De todas formas, não vamos entrar nisso; se não, lhes escaparia o que estava dizendo. Não voltarei a mencioná-lo.

Tinha capturado minha primeira serpente. Foi uma grande alegria, e era uma serpente muito formosa: tocá-la era como tocar algo muito vivo. Não era como tocar a sua esposa, a seu marido, a seu filho ou inclusive a seu genro, aos que toucas e benze mas não sente nada; só quer te pôr a ver a televisão, especialmente se estiver na América, e se estiver na Inglaterra te vais ver um partido de críquete ou de futebol. A gente está louca de muitas maneiras diferentes, mas louca apesar de tudo.

A serpente era de verdade, não era uma serpente de plástico como as que vendem em qualquer loja. É obvio, as serpentes de plástico podem estar muito bem feitas, mas não respiram; é o único inconveniente porque, se não, seriam perfeitas. Deus não as poderia ter feito melhor. Só os falta uma coisa, a respiração, e para que reclamar por um pouco tão insignificante? Mas este algo o é tudo. Acabava de caçar uma serpente autêntica, tão bonita e tão lista que tive que pôr a trabalhar toda minha inteligência para apanhá-la..., porque não tinha nenhum interesse em matá-la.

O homem que me estava ensinando era um mago guia de ruas corrente; na Índia lhes chamamos madari. Fazem todo tipo de truques sem cobrar. Mas o fazem tão bem que ao final só estendem um lenço no chão e dizem:

-E agora algo para meu estômago.

Pode que a gente seja pobre, mas quando vêem uma coisa tão bem feita sempre lhes dão algo.

De modo que este homem era um madari corrente, um mago guia de ruas. É a tradução mais aproximada que posso encontrar da palavra, porque não acredito que no Ocidente exista um pouco parecido aos madaris. Em primeiro lugar, no Ocidente não permitem que se concentre a gente na rua; instantaneamente aparece um carro da polícia dizendo que está obstruindo o tráfico.

Na Índia não se expõe esta questão, não existem leis de circulação! Pode caminhar em meio da estrada; pode ir, literalmente, pelo justo meio. Pode ir ao estilo americano, pode ir à extrema direita ou à extrema esquerda. A extrema direita é a alternativa americana, a extrema esquerda é a alternativa russa: pode escolher, ou pode escolher qualquer posição intermédia. Toda a estrada é tua; pode-te instalar aí. Surpreenderão-lhes se lhes digo que na Índia, na rua pode fazer todo o imaginável e o inimaginável. Também incluo o inimaginável no caso de.

Os madaris provocavam verdadeiros atascos, mas quem tinha inconveniente nisso? Até o policial era um de seus admiradores, e aplaudia quando o madari fazia algum truque. Vi amontoar-se todo tipo de pessoas obstruindo a estrada. Não; os madaris não poderiam existir do mesmo modo no Ocidente, e são seres realmente formosos; singelos, correntes, mas «sabem algo», como eles mesmos dizem.

O homem que me estava ensinando me disse:

-Tenha em conta que é uma serpente perigosa. Estas não se devem caçar.

-Você Libero da responsabilidade -disse-lhe-. São as únicas que vou caçar.

Jamais tinha visto uma serpente tão bonita, tão colorida, viva em todas as fibras de seu ser. Naturalmente, não me pude resistir (só era um menino), e fui correndo ao colégio. Queria evitar lhes contar o que aconteceu, mas, como me estou acordando, o vou fazer.

reuniu-se o colégio inteiro em minha classe, toda a gente que cabia, e outros estavam fora na galeria olhando através das janelas e a porta. Havia outros que estavam mais longe no caso de escapava a serpente ou passava alguma coisa, posto que este menino tinha sido, do primeiro dia de classe, um bagunceiro. Mas os de minha classe, uns trinta ou quarenta meninos pequenos, tinham medo, estavam de pé gritando, e me divertia.

Há uma coisa que lhes resultará divertida e que eu não podia acreditar, e é que o professor estava de pé em cima de sua cadeira! Ainda me lembro dele subido à cadeira e gritando:

-Vete! Vete!, nos deixe em paz! Vete! -Baixa lhe primeiro da cadeira -disse-lhe. ficou calado, porque era perigoso baixar-se da cadeira com uma serpente tão grande. A serpente devia medir ao redor de dois metros ou dois metros e médio, e a levava arrastando, escondida em uma bolsa para poder tirá-la de repente e acostumar-lhe a todo mundo. Quando a tirei foi um caos! Ainda me lembro do salto que deu o professor para subir em cima da cadeira. Eu não podia acreditar o que estava vendo.

-Isto é fantástico -pinjente.

-O que é fantástico? -perguntou ele. -Como saltaste em cima da cadeira -respondi-lhe-. A vais romper!

Ao princípio os meninos não tinham medo, mas assim que lhe viram tão assustado...; para que vejam que os meninos se impressionam com a gente estúpida e má. Quando me viram entrar com a serpente transbordavam de alegria: «Aleluia!» Mas quando viram o professor subir à cadeira..., durante um momento houve silêncio total, somente o professor estava dando saltos e gritava:

-Socorro!

-Não vejo o motivo -disse-lhe-. A serpente está em minhas mãos. que está em perigo sou eu, não você. Você está de pé em cima da cadeira. Está muito longe para que esta pobre serpente te possa alcançar. Eu gostaria que te alcançasse e tivesse um pequeno bate-papo contigo.

Ainda me lembro da cara que pôs. depois deste episódio só nos voltamos a ver uma vez. Para então já tinha renunciado a meu cargo de professor e havia me tornado um mendigo..., embora nunca mendiguei. A verdade é que sou um mendigo, mas um tipo especial de mendigo que não mendiga.

Terei que procurar uma palavra para defini-lo. Não acredito que exista em nenhum idioma, uma palavra que descreva minha situação, simplesmente porque nunca estive aqui antes, desta forma, desta maneira. Tampouco houve ninguém mais assim: que não tenha tido nada e viva como se fosse o dono de todo o universo.

Lembrança que disse:

-Não me posso esquecer do dia que trouxe essa serpente à classe. Sigo sonhando com isso, e não posso acreditar que um menino assim se converteu em um buda. Impossível!

-Tem razão -disse-lhe-. «Esse menino» morreu, e ao que há depois da morte do menino o pode chamar buda, pode escolher outro nome ou pode escolher não chamá-lo de maneira nenhuma. Simplesmente, já não existo da forma que me conheceu. Me teria encantado, mas o que lhe vou fazer? morri.

-Vê? -disse-. Estou falando a sério e você lhe toma a brincadeira.

-Faço tudo o que posso -disse-lhe-, mas não só é você o que se lembra. Sempre que tenho um mau dia, quando não faz bom tempo ou coisas assim -quando o chá não está muito bom ou quando a comida está tão malote que parece que me querem envenenar-, então me lembro do dia que te subiu à cadeira e gritava pedindo ajuda, e isso me devolve a alegria. Embora me esteja morrendo, serve-me de ajuda. Estou-te muito agradecido. Só ia ao colégio para passar estes momentos. Em realidade, só houve umas quantas..., deveria-as chamar «ocasiões». Para a felicidade de todos era necessário que eu não estivesse ali todos os dias. É curioso que o bedel, o homem cuja tarefa é... Como o chamam vós? Peão? Não têm uma palavra para chamá-lo: p-e-ou-n, peão? Na Índia se chama peão. Seja qual seja o nome, é o mais subordinado de um escritório. Devaraj, como se diz?

-O zelador?

Não; isso é outra coisa, mas se parece. Acreditava que «peão» era uma palavra inglesa; não é de origem hindi. Talvez não a esteja pronunciando corretamente. Já o averiguarei, mas se escreve p-e-ou-n.

O peão era a única pessoa que estava triste quando não ia..., porque todos outros se alegravam. Ele me queria. Nunca vi a um homem tão velho como ele: tinha noventa anos ou mais. Possivelmente já tinha completo um século. Poderia ter inclusive mais anos, porque sempre se tentava tirar todos os anos que podia para poder seguir trabalhando um pouco mais..., e seguiu.

Na Índia não sabe a idade que tem, particularmente se nasceu faz cem anos; não acredito que tivesse certificados ou documentos, é impossível. Mas jamais vi a um homem tão velho mas com tanto vigor, realmente vigoroso.

Era o único de todo o colégio ao que lhe tinha algum respeito, embora era um subordinado e ninguém se fixava nele. de vez em quando, por consideração a este homem, visitava o colégio, mas só ia a seu posto.

Seu posto estava na esquina da Porta do Elefante. Seu trabalho consistia em abrir e fechar a porta, e tinha um sino pendurando diante de sua guarita que tinha que tocar a cada quarenta minutos, deixando unicamente duas pausas ao dia de dez minutos para tomar um chá e uma hora para a comida. Esse era todo seu trabalho; além disso, era um homem totalmente livre.

Eu estava acostumado a ir a sua guarita, e ele fechava a porta para que ninguém nos incomodasse, e para que não me pudesse escapar tão facilmente. Então me dizia:

-Agora me conte tudo o que passou da última vez.

Era um viejecito adorável. Sua cara tinha tantas rugas que até tentei as contar, embora, é obvio, não o disse. Fazia como que lhe escutava e enquanto isso contava todas as linhas da frente (e tinha uma frente muito grande porque tinha perdido todo o cabelo), e quantas linhas tinha nas bochechas. Em realidade, toda sua cara, de qualquer forma que a dividisse, não era mais que rugas. Mas depois das rugas havia um homem de amor e entendimento infinitos.

Quando não ia ao colégio durante muitos dias, indubitavelmente, começava-se a aproximar o dia em que me deveria buscar. Isso significava que meu pai se inteiraria de tudo: que não ia nunca a classe, e que me tinham dado uma permissão de assistência simplesmente para que não fosse. Tínhamos chegado a esse acordo. Eu os pinjente:

-De acordo, eu não virei, mas o que passa com minha permissão..., porque, quem vai falar com meu pai?

-Não se preocupe por sua permissão -disseram-me-. Daremo-lhe uma permissão para o cem por cem do tempo, incluindo as festas, de modo que não se preocupe.

Por isso sempre estava pendente de ir a sua guarita antes de que lhe ocorresse ir a minha casa, e de algum jeito, outra vez tenho que usar a palavra «sincronicidad»: ele sabia quando ia vir. Sabia que se não ia ver lhe esse dia, deveria perguntar por mim, e tinha adquirido uma precisão matemática.

Começava com esta sensação desde pela manhã:

-Escuta.

Não lhe digo isso a ti, estou contando como despertava.

-Escuta, se não ir lhe visitar hoje, Mannulal (assim se chamava), te deverá buscar esta noite. antes de que aconteça isto, tem que fazer ato de presença.

Exceto uma vez, sempre segui o conselho de minha voz interior, refiro-me no que se refere ao Mannulal. Só uma vez. . ., e já me estava começando a cansar desta história. Era uma espécie de tortura: tinha que ir, ia porque tinha medo de que o contasse a meu pai e a minha mãe, e de que isto fizesse estragos.

-Não -pinjente-. Esta vez não vou. Aconteça o que acontecer, não vou. Já quem me encontrei? Nada menos que ao Mannulal, ao velho que se aproximava. Talvez tinha mais de cem anos mas o dissimulava. Sempre me pareceu, e sigo insistindo, que tinha mais de cem anos; talvez cento e dez ou até cento e vinte. Parecia tão ancião que não podia acreditar. Nunca vi uma coisa tão antiga. fui a museus, vi

todo tipo de coleções de objetos antigos, mas nunca vi nada tão pré-histórico como Mannulal.

aproximava-se! Saí correndo bem a tempo para evitar que entrasse na casa.

-vim a te buscar -disse-me-, porque você não vinha para ver-me. Já sabe que sou um velho. Poderia-me morrer amanhã, quem sabe. Só queria verte. Me alegro de que esteja mais são e mais vivo que nunca -dizendo isto, benzeu-me, voltou-se e se foi. Lembro-me de suas costas, com o estranho uniforme que têm que levar os bedéis.

Me vai custar muito descrevê-lo. Primeira a cor: era de cor cáqui, acredito que o chamam caqui, verdade? Em segundo lugar: tinha uma cinta enrolada nas pernas até o joelho, também de cor cáqui, mas separada. Era para lhe dar um aspecto mais vigilante, mais alerta, ou melhor dizendo, «assine». De fato, estava tão apertada, que o que outra coisa podia fazer a não ser estar firme!

É curioso como a roupa pode trocar seu comportamento. Por exemplo, levar uma túnica ajustada, quero dizer um vestido ajustado, não uma túnica, ou calças ajustadas como os que usam os adolescentes, tão ajustados que te pergunta como os podem pôr... Eu não me poderia pôr isso isso é seguro. E embora tenham nascido com eles postos, como fazem para tirar-lhe Mas isso são questões filosóficas. Não lhes preocupa. Cantam canções pop e comem popcorn, que mais se pode fazer neste mundo! Mas, indubitavelmente, a roupa pode modificar seu comportamento.

Os soldados não usam uniformizem folgados; se não, não seriam guerreiros. Quando usa um pouco ajustado, tão ajustado que te dá vontade de lhe tirar isso naturalmente, entram-lhe vontades de brigar com todo mundo. Sempre está zangado. Não é objetivo, não está dirigido contra ninguém em particular, simplesmente é uma sensação subjetiva. Só tem vontades de lhe tirar isso O que pode fazer? Uma boa briga. Isso, sem dúvida, relaxa às pessoas. Então, naturalmente, a roupa ajustada fica mais folgada.

Por isso todos os amantes, antes de fazer o amor, têm que passar primeiro pelo ritual da briga de travesseiros, pela discussão, por dizer-se coisas desagradáveis. Logo, é obvio, é uma comédia: tudo termina bem. Que lástima! por que a gente não poderá amar-se desde o começo? Mas não; a estreiteza o impede. Não podem afrouxar-se.

me dêem três minutos... Tinha muito que dizer, mas tenho que fazer outras coisas. Vêem a lágrima. . ., sequem-me isso por favor. foi precioso, obrigado.

Isto é fabuloso... (risilla afogada). Pode continuar, Ashu, está-o fazendo muito bem. Você segue por seu caminho e ele pelo seu. Os caminhos diferem e não acredito que se encontrem em nenhum lugar.

acabou-se? Muito bem! (renda-se).

Sessão 48

Estava falando de minhas visitas ao colégio. Sim; chamo-o visitas porque, indubitavelmente, não se pode dizer que assistisse à escola. Só ia fazer alguma travessura. De alguma estranha maneira, sempre me encantou estar comprometido nas travessuras. Provavelmente, era o princípio de como ia ser o resto de minha vida.

Nunca me tomei nada a sério. Não posso, agora tampouco. Inclusive quando me mora soltarei uma gargalhada, se me permitirem isso. Mas durante os últimos vinte e cinco anos na Índia tive que desempenhar o papel de homem sério. foi o papel mais difícil, e o lance mais largo. Mas o fiz de tal maneira que, embora tinha que estar sério, não permitia que estivessem sérios os que estavam a meu redor. Isso manteve a flutuação; por outra parte, a gente séria é muito mais venenosa que as serpentes.

Poderá apanhar serpentes, mas as pessoas sérias lhe apanham. Tem que te afastar delas o mais rápido que possa. Tenho sorte de que as pessoas sérias nem sequer tentam aproximar-se de mim. Fiz-me notório bastante logo, e tudo começou antes de que soubesse até onde me ia levar isto.

Quando me viam chegar todo mundo estava sobre aviso como se fosse criar algum perigo. Pelo menos lhes devia parecer perigoso. Para mim só era uma diversão; esta palavra resume toda minha vida.

Por exemplo, este é outro incidente da escola primária. Devia estar em quarto, o último curso. Nunca me suspendiam, pela singela razão que nenhum professor queria que voltasse a estar em sua classe. Naturalmente, a única forma de desfazer-se de mim era que acontecesse outro curso. Ao menos, durante um ano inteiro, seria um problema para outro professor. Assim me chamavam, «o problema». Por minha parte, não podia entender que problemas lhe causava eu a ninguém.

Queria lhes dar um exemplo. A estação estava a três quilômetros de meu povo e separava a meu povo de outro pueblecito que se chamava Cheechli, a nove quilômetros.

Cheechli, dito seja de passagem, era o lugar de nascimento do Maharishi Mahesh Yogi. Ele nunca o menciona, e tem motivos para não mencioná-lo, porque pertence à casta dos sudras (casta mais baixa da hierarquia hindu) na Índia. Simplesmente basta mencionando que é de um determinado povo, de uma casta determinada ou de certa profissão; os hindus são muito ignorantes respeito a isto. São capazes de te parar em meio da rua para te perguntar:

-A que casta pertence?

A ninguém lhe ocorre pensar que seja uma intromissão. Maharishi Mahesh Yogi nasceu ao outro lado da estação; como só é um sudra, nem sequer pode mencionar seu povo -porque é um povo unicamente de sudras-, nem usar seu sobrenome. Isso também revelaria instantaneamente sua origem.

Seu nome completo é Mahesh Kumar Shrivastava, mas o nome «Shrivastava» acabaria com todas suas pretensões, ao menos na Índia, e isso afetaria também a outros. Não é um sannyasin iniciado em nenhuma das ordens antigas, porque de novo só há dez ordens de sannyasins na Índia. Eu tentei as destruir; por isso estão todos zangados comigo.

Estas ordens são castas de sannyasins. Maharishi Mahesh Yogi não pode ser sannyasin porque os sudras não se podem iniciar. Por essa razão não pode pôr «Swami» diante de seu nome. Não pode pô-lo porque ninguém lhe deu esse nome. Tampouco escreve detrás de seu nome Bharti, Saraswati, Giri, etc., como fazem os sannyasins hindus que têm dez nomes.

inventou-se seu próprio nome: «Yogi». Não significa nada. Qualquer pessoa que fique de barriga para baixo, e que, é obvio, caia uma e outra vez, pode-se chamar um yogi; sobre isso não há restrições.

Um sudra pode ser um yogi, e o nome Maharishi está aí para substituir ao Swami»; porque na Índia as coisas funcionam de tal modo que, se falta a palavra

«Swami», a gente suspeitaria que há algo estranho. Tem que pôr algo aí para suprir a falta.

inventou-se o nome «Maharishi», mas nem sequer é um rishi. Rishi significa «vidente», e Maharishi significa «grande vidente». Ele não vê além de seus narizes. Quando lhe faz perguntas relevantes só se sabe rir. De fato, chamamo-lhe «Swami Risitananda»; concorda muito com ele. Seu risita não é algo respeitável, mas sim é uma estratégia para não responder às perguntas. Não é capaz de responder nenhuma pergunta.

Conheci-lhe, por acaso, em um sítio muito estranho, Pahalgam. Ele dirigia um campo de meditação, e eu também. Naturalmente, minha gente e a sua se conheceram. Ao princípio tentaram trazê-lo para meu campo, mas pôs muitos inconvenientes como que não tinha tempo, e que gostaria mas que não era possível.

Logo disse:

-pode-se fazer uma coisa: podem trazê-lo de forma que não se veja interrompido meu tempo nem meu programa. Pode falar comigo em meu estrado. Eles assentiram..

. Quando me contaram isso lhes disse:

-Isto é uma estupidez. Agora me verei em um apuro desnecessário. Estarei diante de sua gente. Não me preocupam as perguntas; o único problema é que não está bem que o hóspede agrida a seu anfitrião, especialmente diante de seus discípulos. E assim que lhe veja não poderei resistir lhe agredir. Qualquer decisão que tome para não lhe agredir desaparecerá.

Mas eles disseram:

-O prometemos.

-De acordo -pinjente-. Não me incomoda, estou preparado.

Não estava muito longe, a um par de minutos andando. Só tinha que entrar no carro e voltar a sair, essa era a distância que havia. De modo que pinjente:

-Bom, irei.

Fui até ali mas, tal e como supunha, ele não estava. Mas me dá igual tudo. Comecei o campo, Seu campo de meditação! Ele não estava, tentava me evitar em todo o possível. Alguém lhe deve ter avisado..., pois se alojava no hotel do Iado e devia estar ouvindo o que dizia desde sua habitação. Comecei a lhe atacar duramente, porque ao ver que não estava aproveitei para lhe atacar tudo o que quis e desfrutá-lo ao máximo. Provavelmente, dava-lhe com tanta dureza que não foi capaz de manter-se à margem. aproximou-se renda-se.

-Deixa de rir ! -disse-lhe-. Isso estará bem para a televisão americana mas não me vale!

Então desapareceu seu sorriso. Nunca tinha visto tanta raiva. Era como se a risita não fora mais que uma cortina detrás da qual se escondia tudo o que não devia estar aí.

Foi muito para ele, naturalmente, e disse:

-Tenho outras coisas que fazer, me desculpe, por favor.

-Não faz falta -disse-lhe-. No que a mim respeita, é como se nunca tivesse vindo. vieste por motivos equivocados, e não vou entrar nisso para nada. Mas recorda que tenho muito tempo.

Então foi quando lhe ataquei de verdade, porque sabia que se foi à habitação de seu hotel. Inclusive podia ver sua cara olhando pela janela. O disse inclusive a seus seguidores:

-Note !Diz que tem muito trabalho. Esse é seu trabalho? Olhar pela janela para ver como trabalha outro por ele? Ao menos, podia-se esconder, da mesma maneira que se esconde detrás de seu risita.

Maharishi Mahesh Yogi é o mais ardiloso de todos os chamados gurús espirituais. Mas a astúcia triunfa; não há nada que triunfe tanto como a astúcia. Se não acertar é porque te topaste com alguém mais ardiloso que você. Mas a astúcia segue triunfando.

Jamais menciona seu povo; acordei-me porque lhes ia contar uma anedota. Esta anedota tem algo que ver com seu povo, minhas histórias sempre vão em todas as direções.

Cheechli era um pequeno estado que não formava parte da soberania britânica. Era um estado muito pequeno, mas ao fim e ao cabo, o rei era um rei embora não pudesse ter mais que um elefante. Assim se estava acostumado a medir a realeza, pelo número de elefantes que possuíam.

Já lhes falei que a Porta do Elefante que havia diante do colégio. Uma vez, sem nenhum motivo, aproximei-me do marajá do Cheechli e lhe perguntei:

-Eu gostaria que me emprestasse o elefante, embora só fosse uma hora.

-Como! -exclamou-. O que quer fazer com meu elefante?

-Não quero seu elefante -respondi-sólo-lhe quero fazer que a porta se sinta bem. Seguro que conhece essa porta; provavelmente você também terá estudado ali!

-Sim -respondeu-. Em meus tempos só havia uma escola primária. Agora já há quatro.

-Quero que a porta se sinta bem embora só seja por uma vez-disse-. Chama-se a Porta do Elefante mas por ela não passa nem sequer um burro.

-É um menino estranho -respondeu-, mas eu gosto da idéia.

-O que quer dizer, como que você gosta da idéia? Se estiver louco -saltou seu secretário.

-Os dois têm razão -pinjente-, mas louco ou não, vim a te pedir o elefante durante uma hora. Quero montar nele até o colégio.

Gostou tão da idéia que disse:

-Seu montará o elefante e eu te seguirei em meu velho Ford.

Tinha um carro Ford muito antigo, provavelmente o modelo T; acredito que o Ford T é o mais antigo. Queria vir para ver o que acontecia.

Quando atravessei o povo, é obvio, montado no elefante, surpreendeu-se todo mundo, e a gente se reuniu e comentou:

-O que acontece? Como conseguiu um elefante esse menino?

Quando cheguei ao colégio já havia uma grande multidão. Inclusive o elefante teve dificuldades para passar entre tanta gente. Os meninos estavam dando saltos, sabem onde? No telhado do colégio! Gritavam: -chegou! Sabíamos que gastaria alguma brincadeira, mas esta é muito grande!

O diretor do colégio lhe teve que dizer ao bedel que tocasse o sino para avisar que se fechava o colégio; se não, a multidão teria destroçado o jardim ou teria cedido o telhado com tantos meninos em cima. Até meus próprios professores estavam em cima do telhado! E o mais curioso é que, absurdamente, inclusive eu me queria subir ao telhado para ver o que acontecia.

fechou-se o colégio. O elefante entrou e cruzou a porta, e assim foi como lhe dava renome à porta. Ao menos, agora poderia lhe dizer às demais grades:

-Uma vez me cruzou um menino montado em um elefante, e se reuniu uma grande multidão para vê-lo..

É obvio, a porta dirá:

-Para ver-me para mim, a porta.

Também chegou o rajá. Quando viu toda a gente, não podia acreditá-lo. Perguntou-me:

-Como conseguiste reunir a toda esta gente tão rápido?

-Não tenho feito nada -respondi-lhe-. foi suficiente com minha entrada no colégio. Não cria que foi por seu elefante; se for o que pensa, pode vir você manhã montado no elefante, e verá como não virá até aqui nem uma alma.

-Não quero fazer o ridículo -respondeu-. Venham ou não venham, faria o ridículo sentado em cima de meu elefante diante da escola primária, sem nenhum motivo. Você, pelo menos, é do colégio. ouvi falar de ti, contaram-me muitas histórias. Então, quando me vais pedir o Ford?

-Espera e verá -respondi-lhe.

Nunca o pedi, embora ele mesmo me tinha devotado isso, e teria sido uma boa ocasião porque era o único carro que havia em todo o povo. Mas este carro era..., como o diria? Cada vinte metros tinha que te sair e empurrá-lo; por isso não o pedi nunca.

-Que classe de carro é este? -perguntei-lhe. -Sou um homem pobre -respondeu-me-;

Sou o rei de um estado pequeno. Tenho que ter um carro, e este é o único que me podia permitir.

Era totalmente imprestável. Ainda me pergunto como conseguia avançar mais de uns metros. O povo estava acostumado a divertir-se e riam quando viam passar ao rajá em seu carro, e é obvio, todo mundo tinha que empurrar!

-Não -disse-lhe-. Agora mesmo não estou em situação de te pedir o carro, mas possivelmente algum dia.

O disse para não lhe ferir. Mas ainda me lembro do carro: certamente segue estando ali em sua casa.

Na Índia têm uns carros tão velhos... Como o chamam? Um clássico. O governo hindu teve que promulgar uma lei para que não se pudessem tirar os carros clássicos da Índia. Não fazia falta promulgar nenhuma lei; de todas formas, os carros não podiam ir a nenhum sítio. Mas os americanos estão dispostos a comprados ao preço que seja. Na Índia pode encontrar inclusive o primeiro modelo de muitas marcas de carros. De fato, em Bombay ou Calcuta se vêem uns carros tão antigos que não pode acreditar que está no século XX.

Uma vez, dito seja de passagem, o rajá e eu nos encontramos, por acaso, em um trem e a primeira pergunta que me fez foi:

-por que não veio?

Ao princípio não me lembrava do que queria dizer com «não veio»..., de modo que lhe disse:

-Nem sequer me lembrava que tinha que ir.

-Sim -disse-; deve ter sido faz quarenta anos. Prometeu vir e ir com meu carro ao colégio.

Então me lembrei! Tinha razão.

-É maravilhoso... -pinjente, porque devia ter perto de noventa e cinco anos e seguia tendo muito boa memória. depois de quarenta anos: «por que não veio?»-. É um milagre -disse-lhe.

Acredito que se me voltasse isso a encontrar no outro mundo a primeira pergunta que me faria seria a mesma:

-por que não veio?

Porque o voltei a prometer dizendo: -Esta bem, esqueci-me. me perdoe. Irei.

-Quando? -perguntou-me.

-Quer que te dê uma data? Para esse carro? depois de quarenta anos! -exclamei-. Se fizer quarenta anos, de carro já só ficava o nome, como estará depois de outros quarenta anos?

-Perfeitamente -respondeu.

-Genial! -pinjente-. por que não diz que está como novo, como se o acabasse de tirar do concessionário? Mas irei de todas formas; tenho vontades de subir a esse carro.

Desgraçadamente, o dia que cheguei já se morreu o rajá..., ou felizmente, porque vi como estava o carro! Quarenta anos antes, pelo menos, andava uns metros; mas agora, embora o rajá tivesse estado vivo, o carro estava morto.

-chegaste um pouco tarde -disse o velho criado-. O rajá se morreu.'

-Graças a Deus! -pinjente-. Do contrário, esse insensato me teria feito me montar no carro, e certamente nem sequer funciona.

-É certo -disse-. Nunca o vi funcionar, embora só estive a seu serviço os últimos quinze anos, mas nesse tempo não se moveu. Está no alpendre para fazer ver que o marajá tem um carro.

-Teria sido um passeio magnífico -pinjente-, e muito breve também. Entra por uma porta e sai pela outra, sem perder o tempo.

Os professores que ainda estão vivos ainda se lembram destas visitas ao colégio. Nenhum deles podia acreditar que tivesse sido o primeiro da universidade, porque sabiam como tinha aprovado sua disciplina. Graças a seu favor, a seu medo ou ao que fosse. Simplesmente, não podiam entender como tinha chegado a ser o primeiro de toda a universidade. Quando voltei para casa, em todos os periódicos informavam disto com uma foto que dizia: «Este estudante obteve a medalha de ouro.» Meus professores estavam assombrados. Olhavam-me como se fosse de outro planeta.

-por que me olham assim? -perguntei-lhes. -Não podemos acreditar -disseram-. Deve ter feito alguma armadilha.

-Em fecho sentido têm razão; foi uma brincadeira. .

Eles sabiam, porque não tinha feito mais que lhes gastar brincadeiras.

Em uma ocasião chegou ao povo um homem com um cavalo. Possivelmente tenham ouvido falar de um cavalo muito famoso na Alemanha; acredito que se chamava Hans.

Como se pronuncia, Devageet? Hands?

H-a-n-s.

-Hunts, Osho.

De acordo:

-Hands.

Hans se tinha feito mundialmente famoso naquela época, tão famoso que foram conhecer seu cavalo grandes matemáticos e cientistas, e toda classe de pensadores e filósofos. A que se devia tanto alvoroço? Eu sei, embora me inteirei do «caso do Hans» muito mais tarde, porque em meu povo havia um homem com um cavalo que sabia fazer o mesmo truque. Insisti-lhe tanto que ao final aceitou me ensinar como o fazia.

Seu cavalo..., mas antes me deixem que lhes conte o do famoso cavalo da Alemanha, para que possam entender como pode um cavalo enganar inclusive a grandes cientistas. O cavalo Hans sabia resolver qualquer problema matemático. Se lhe perguntava quanto é dois mais quatro, dava seis golpes com a pata direita.

Realmente era assombroso o que fazia este cavalo, embora fosse um problema singelo: quanto é dois mais quatro? Mas o cavalo resolvia sem equivocar-se. Pouco a pouco, começou a resolver problemas mais difíceis, com cifras maiores. Ninguém se podia figurar qual era o segredo. Inclusive começaram a dizer os biólogos que possivelmente os cavalos tinham inteligência, como o homem, e que só necessitavam adestramento.

Eu também vi um cavalo como esse em meu povo. Não era mundialmente famoso; pertencia a um pobre homem, mas sabia fazer o mesmo truque. O cavalo era seu único ingresso. Estava acostumado a ir de povo em povo com o cavalo, e a gente o fazia pergunta. Às vezes respondia que sim, e às vezes respondia que não, movendo a cabeça; mas não como os japoneses, mas sim como todo o resto do mundo. Os japoneses som os únicos estranhos.

Quando dava sannyas a um japonês, sempre era uma confusão. Movem a cabeça ao contrário que todo mundo. Quando a movem para cima e para baixo significa que não, e viceversa. Embora já sabia, sempre me enredava tanto conversando com eles, que quando diziam que sim acreditava que estavam dizendo que não.

Durante uns instantes ficava surpreso; então Nartan, o tradutor, dizia:

-Nem eles aprendem, nem você. Encontro-me em uma situação difícil, porque sei que vai acontecer. Inclusive lhes empurro e os beliscão para que se lembrem. Eles me asseguram que vão se acordar, mas quando lhes faz uma pergunta...

O costume se volta parte de sua estrutura. por que só acontece com os japoneses? Possivelmente pertencem a outro tipo de bonitos; é a única explicação. Ao princípio havia dois bonitos, um deles era japonês.

Não fazia mais que lhe pedir ao homem do cavalo que me ensinasse o truque. Seu cavalo sabia fazer quão mesmo o famoso Hans. Mas este era um homem pobre; eu sabia que era seu meio de vida, embora finalmente o homem aceitou. Fiz-lhe uma promessa dizendo:

-Nunca lhe contarei seu segredo a ninguém, mas me tem que fazer um favor: tem-me que deixar seu cavalo uma hora para que o possa levar a colégio. Nada mais que isso, e eu guardarei silêncio.

-De acordo -disse.

queria desfazer de mim de algum jeito, por isso me contou o truque. Era muito singelo: tinha adestrado ao cavalo para que movesse a cabeça na mesma direção que o fazia ele. Todo mundo estava observando ao cavalo, é obvio, e ninguém se fixava no dono que estava de pé na esquina. Ele movia ligeiramente a cabeça, de modo que não o notava embora lhe olhasse, mas o cavalo se dava conta. O cavalo tinha sido adestrado para que movesse a cabeça de um lado ao outro quando seu dono não movia a cabeça. O mesmo acontecia com os golpes.

O cavalo não sabia nada de números, e muito menos de aritmética. Quando lhe perguntavam:

«Quantas são dois mais dois?», dava quatro golpes no chão e se parava. O truque era que o cavalo deixava de dar golpes quando o dono fechava os olhos; enquanto o dono tinha os olhos abertos, o cavalo seguia dando golpes.

Era o mesmo truque que usava o famoso Hans, mas este homem era pobre, e vivia em um povo pobre, enquanto que Hans era um cavalo muito famoso, e além alemão. Quando os alemães fazem algo o fazem a consciência. Um matemático alemão investigou durante três anos para descobrir o segredo que lhes contei.

Quando aprendi o truque fui ao colégio com o cavalo. É obvio, os meninos estavam alvoroçados, mas o diretor do colégio me disse: -Como lhe as acertas para

encontrar coisas tão estranhas? vivi no povo toda a vida e, entretanto, não conhecia este cavalo.

-Só necessita um pouco de acuidade, e terá que estar à caça continuamente. Por isso não venho ao colégio todos os dias -respondi-lhe.

-Isso está muito bem -disse-me-. Não venha. Está muito bem para todo mundo que explore; porque quando vem significa que se altera todo o dia. Seguro que faz algo que transtorna tudo. Nunca te vi sentado fazendo seu trabalho como outros.

-Não vale a pena fazer esse trabalho -disse-lhe-. O fato de que todo mundo o esteja fazendo é prova suficiente de que não merece a pena. Nesta escola todo mundo está fazendo o mesmo trabalho. Há sete milhões de povos na Índia, e todo mundo está fazendo o mesmo em todos os povos. Não vale a pena. Eu estou tentando procurar algo que não façam outros, e lhes ofereço isso grátis. Cada vez que venho é quase um carnaval, mas me olha com cara de pena. Estou perfeitamente.

-Você não me dá pena -disse-me-; dou-me pena eu, que tenha que ser o diretor desta escola.

Não era mau. Os últimos dias de escola primária me tocaram em sua classe. Ele era de quarto curso. Nunca lhe dava grandes problemas, bastava com os pequenos; me os encontro sem os ter que procurar. Mas lhe olhando aos olhos, disse-lhe:

-Muito bem, agora não te vou trazer nada que te incomode; isso quer dizer que não vá voltar aqui. Só virei aqui por meu título ao final de curso. O pode deixar ao bedel, e ele me dará isso, assim não terei que voltar a entrar no colégio.

Não entrei para recolher meu título. Encarreguei-lhe ao bedel que o recolhesse. Disse-lhe ao diretor:

-O menino há dito: «por que vou pelo título se alguma vez agradeceram minhas visitas? Pode ir buscá-lo e me trazer isso à Porta do Elefante.»

Adorava a esse bedel. Tinha um espírito muito belo. morreu em 1960. Eu estava no povo, por acaso, mas foi como se estivesse ali por ele, para ver morrer. Isso foi o que mais me interessou desde que era pequeno: a morte é um mistério muito grande, muito major do que possa ser a vida.

Não digo que lhes tenham que suicidar, mas tenham presente que a morte não é um inimigo nem tampouco o final. Não é um filme que termina com «Fim». Não há final. O nascimento e a morte são sucessos no curso da vida, são ondas.

Sem dúvida, a morte é mais rica que a vida, porque o nascimento está vazio. A morte é toda nossa experiência na vida. Depende de quão relevante queira que seja a morte. Depende do que vivas, não em términos de tempo mas sim de profundidade.

Voltei para a escola primária muitos anos mais tarde. Não podia acreditar que tivesse desaparecido tudo exceto a Porta do Elefante. Tudas as árvores -e havia muitos- foram destruídos. Havia árvores preciosas cheias de flores mas já não ficava nenhum.

Havia tornado pelo bedel, que se acabava de morrer. Ele vivia ao Iado da grade, junto à escola. Mas teria sido melhor não ir, porque guardava uma formosa lembrança em minha memória, e o teria seguido recordando assim; entretanto, agora era mais difícil. Parecia uma fotografia esvaída, tinham desaparecido as cores, inclusive as linhas; como uma fotografia velha, da que só se conserva intacto o marco.

Uma vez veio para ver-me um homem a Punha, que tinha sido meu professor nesse colégio. Já era muito carinhoso comigo nnaquele tempo, naquele tempo, mas

nunca pensei que viria para ver-me a Punha. É uma viagem comprido e caro para um homem pobre.

-O que te impulsionou a vir? -perguntei-lhe.

-Só queria ver que era certo o que, no fundo, sempre tinha sonhado -respondeu-me-, que você não foi o que aparentava ser. É outra pessoa.

-Que estranho que não me haja isso dito antes -disse-lhe.

-Inclusive me parece estranho lhe dizer a uma pessoa que não é quem aparenta ser -disse-me-, por isso o guardei em segredo. Mas uma e outra vez me voltava este pensamento; agora já sou velho, e queria ver se era certo, ou se simplesmente eu era tolo e estava perdendo o tempo pensando nisto.

antes de ir se fez sannyasin.

-Agora já não tem sentido não me fazer sannyasin -disse-. Vi-te e vi a sua gente. Eu sou velho e não viverei muito tempo, mas sentirei que minha vida não foi em balde se for sannyasin, embora só seja uns dias.

me deixem só dez minutos...

foi muito bonito, mas já basta. Fica um pouco de tempo; entretanto, tenho outras coisas que fazer.

Sessão 49

De acordo. Estava tentando recordar a esse homem. Lembro-me de sua cara mas, como nunca me interessou saber seu nome, não recordo como se chamava. Contarei-lhes toda a história.

Meu Nani, vendo que era impossível me educar e que me mandando à escola só originava mais problemas, tratou de convencer a minha família, a meu pai e a minha mãe, mas eles não estavam dispostos a lhe fazer caso. Embora tinha razão quando dizia:

-Este menino é um estorvo desnecessário para os outros mil meninos -isso era quando ingressei na escola superior-, e todos os dias está tramando algo novo. Seria preferível que tivesse um professor particular. de vez em quando, pode «visitar> a escola, como diz ele, mas isso não lhe vai ajudar a aprender nada que mereça a pena, porque sempre está incomodando aos outros meninos e a si mesmo. Não fica muito tempo.

Fez todo o possível por me ensinar as coisas mais básicas, mas minha família não estava disposta a me atribuir um professor particular. Para que? Dizia toda a família:

-Para que estão os colégios se logo tem que ter um professor particular?

-Mas não pode contar a este menino como se fosse um dos outros -disse minha avó-; não é porque lhe queira, mas sim porque sei que é um autêntico problema. Vivo com ele, e o levo fazendo tantos anos que sei o que fará todo o possível por incomodar. E não há castigo que o possa impedir.

Mas discreparam meu pai e minha mãe, e todos os irmãos e irmãs de meu pai, quer dizer, discrepou tudo e! Arca do Noé, todas as criaturas. E se escandalizaram quando viram que eu estava de acordo.

-Tem razão -pinjente-. Nunca vou aprender nada nesses colégios de terceira categoria. De fato, assim que vejo os professores, me dá vontade de lhes dar uma lição que não esquecerão em toda sua vida. E os meninos, todos esses meninos sentados em silêncio..., é antinatural. Por isso se impõe a natureza assim que faço qualquer cosita, e fica atrás a educação com toda sua cultura. Ela tem razão: se

quiserem que pelo menos aprenda língua, matemática ou um pouco de geografia e história têm que lhe fazer caso.

Isto lhes sobressaltou mais ainda que se tivesse atirado um petardo..., porque isso o teriam esperado. Toda a gente de minha família e de meu bairro estava esperando alguma travessura, até tal ponto que me começaram a perguntar:

-O que está tramando hoje? Eu lhes dizia:

-É que não me posso tirar férias? O que estão tramando vós? Acaso me estão pagando? Todo o povo me deveria pagar se é que tem algum valor. Posso-me inventar o que quiser.

Quão única estava interessada era meu Nani, por isso disse a minha família:

-Deveria saber as coisas básicas. lhe façam caso. Terei um professor particular embora não façam conta. Só necessita minha conformidade, e eu estou completamente de acordo.

-ouvistes o que esperavam ouvir?-perguntou-. Não é o que esperavam, mas esse é precisamente seu rasgo distintivo: o inesperado. De modo que não lhes escandalizem nem lhes sintam insultados, porque seguirá fazendo este tipo de coisas. Façam o que lhes digo: lhe atribuam um professor particular.

Meu pobre pai -pobre porque todo mundo ria dele- disse-lhe:

-Queria-te dar a razão mas tinha medo do resto da família, inclusive de sua filha: minha mulher. Tinha medo de que se zangassem comigo. Tem razão, necessita uma educação básica. E o verdadeiro problema não é se a necessita ou não, mas sim se poderemos encontrar um professor particular que esteja disposto a lhe ensinar. Estamos dispostos a pagar; busca o você um professor particular.

Ela tinha em memore a alguém. Inclusive me tinha perguntado se eu gostava desse homem.

-Parece boa pessoa -respondi-lhe-, embora pareça que a mulher lhe tem um pouco dominado.

-Isso não é teu assunto -respondeu-me-. por que se preocupa? É um bom professor. recebeu o título de melhor professor da província de parte do governador. Pode confiar nele.

-Isso depende de sua mulher -pinjente-; e sua mulher depende de seu criado e seu criado é tolo; por que deveria confiar nele? É uma cadeia! É um bom homem, mas não me faça confiar nele. Em todo caso, me peça que esteja disposto a estar com ele; isso é suficiente para poder ensinar. por que confiar? Não é meu chefe; de fato, eu sou o chefe.

-Olhe -disse-, como lhe diz isso partirá imediatamente.

-Você não sabe como é -esclareci-lhe-. Eu sim. Não se iria embora lhe pegasse na cabeça, porque eu sei quem lhe tem sujeito pelas orelhas.

Na Índia se captura aos burros pelas orelhas. Têm as orelhas largas, é obvio, e é a parte pela que resulta mais fácil capturados.

-É um burro. Possivelmente seja culto, mas conheço sua mulher, é uma mulher de verdade. Tem sob suas ordens a muitos burros como ele. Se houver algum problema, eu me encarregarei dele, não se preocupe. E recorda que o pagamento mensal que lhe tem que dar a darei diretamente a sua mulher.

-Conheço-te -disse-. Agora entendo a que te refere.

-Pois adiante -concluí.

Avisei a este homem. Estava realmente soumetido, não só um pouco, mas também multidimensionalmente. Quando o levei a meu Nani se tentou escapar.

-Escuta -adverti-lhe-, se te tenta escapar irei ver sua mulher imediatamente.

-Como? -exclamou-. Não! por que a minha mulher?

-Então te cale -disse-lhe-, e o salário que te pague meu Nani (porque o sobre estará selado) o entregarei a sua mulher. Já o acordamos assim. Não me interessa a questão do dinheiro, mas o sobre tem que chegar à mãos de sua mulher, não às tuas. portanto, antes de escapar lhe pense isso duas vezes.

Ele tinha tentado negociar que lhe pagássemos o máximo possível mas então aceitou imediatamente. Lhe pisquei os olhos um olho a meu Nani e lhe disse:

-Note !Este é o professor particular que me procuraste. Me vai ensinar ele ou lhe terei que ensinar eu? Quem vai ensinar a quem? Já fixamos o salário; agora vem a segunda pergunta que é muito mais importante para mim.

O homem disse:

-O que significa quem vai ensinar? Me vais ensinar você a mim?

-por que não? -respondi-lhe-. Estou-te pagando; obviamente, eu te deveria ensinar e você deveria aprender. Com dinheiro se pode fazer tudo.

Meu Nani lhe disse ao homem.

-Não te assuste, não é tão mau. Não te causará nenhum problema se prometer que não lhe vais provocar de maneira nenhuma. Se lhe provocar, então não poderei fazer nada para impedir-lhe porque não está a salário. De fato, tenho-lhe que convencer para que aceite dinheiro para comprar guloseimas, brinquedos e roupa porque ele é muito resistente. portanto, tenIo em conta; se não querer ter problemas, não lhe provoque.

Mas o parvo foi e o fez, exatamente o primeiro dia.

Chegou pela manhã cedo. Era um reitor aposentado, embora acredite que nunca teve cabeça. Mas em todo mundo a gente se divide assim: em cabeças e mãos. Aos operários lhes chama «mãos», mãos nada mais, como se não houvesse ninguém detrás das mãos. E aos intelectuais, a esses que se dizem a intelectualidade, lhes conhece como «cabeças», tanto se tiverem cabeça como se não a têm. conheci a muitos dos chamados cabeça de departamento e sempre me perguntei se era esta a lei: que se nomeia cabeça do departamento ao que menos cabeça tem.

O dia que começavam as classes, este homem fez exatamente o que minha avó lhe havia dito que não fizesse. Agora entendo o que fez. Naquela época, é obvio, não podia entender toda a psicologia do fato, mas agora entendo por que se comportou como o fez.

quanto mais me conheço mesmo mais entendo a «robotización» da gente. Funcionam como máquinas. Realmente são porcas e parafusos, algumas vezes porcas e outras parafusos, mas são as duas coisas. Se se necessitarem porcas, são porcas; se se necessitarem parafusos, são parafusos. Sabe quem som as porcas, mas os quais são os parafusos?

Bom, isto vai ser complicado, levaria-me a uma larga dissertação, e provavelmente me esqueceria do homem que está aqui, diante de mim, com as mãos enlaçadas. De modo que falarei sobre os parafusos em algum outro círculo. Mas antes, este homem...

Entrou em minha habitação, em casa de meu Nani. Em realidade, toda a casa era minha exceto seu quarto, e a casa tinha muitas habitações. Não era uma casa grande mas tinha, pelo menos, seis habitações, e ela somente necessitava uma; as outras cinco, naturalmente, pertenciam-me. Não havia ninguém mais na casa.

Dividi as habitações segundo o tipo de atividades. Alguém o reservei para estudar; estudava toda classe de coisas nesse quarto, por exemplo, como capturar serpentes, como lhes ensinar a dançar com a música, o qual não tem nada que ver

com a música. Aprendia todo tipo de truques de magia. Era meu quarto. Nem sequer podia entrar minha avó, porque se tratava de um lugar sagrado de aprendizagem, e ela sabia que aí dentro ocorria de tudo menos o sagrado. Mas ninguém podia entrar. Pus um pôster na porta: NÃO ENTRAR SEM PEDIR PERMISSÃO.

Tinha encontrado o pôster adequado no despacho do Shambhu Babu. Simplesmente lhe disse:

-Levo-me isso. -Como? -exclamou.

-No pôster não diz que terei que pagar para levar-lhe disse-lhe-. É grátis. Entende, Shambhu Babu?

Então se pôs-se a rir e disse:

-Este pôster esteve diante de meus olhos durante anos, e ninguém me tem feito notar que não estivesse pontudo o preço. O podia ter levado qualquer. Só estava pendurando de um prego; não terei que fazer nada. Lhe pode levar isso.

-É um amigo -disse-lhe-, mas não interponha a amizade nestes assuntos.

Coloquei o pôster na porta de minha habitação. Possivelmente ainda esteja ali.

Aquele homem, cujo nome não consegui recordar em todo este tempo... Enquanto lhes falava, estive tentando fazer todo tipo de exercícios de cor. Tampouco me pode ajudar ninguém, de modo que esqueceremos como se chamava. O que importa não é o nome, a não ser a matéria da que parecia: era de borracha. Não poderia encontrar outro como ele. Veio vestido com traje e gravata, em um caloroso dia do verão! Desde o começo deu amostras de sua estupidez.

Na Índia central, durante o caloroso verão, começa-se a transpirar antes de que saia o sol. Ele vinha embelezado com meias três-quartos, gravata, calças largas; já sabem que nunca me gostaram das calças largas. Provavelmente, esta classe de pessoas originaram em mim uma espécie de aversão às calças largas. É como se o tivesse diante de mim: posso descrever até os detalhes mais minuciosos.

Tossiu ao entrar na habitação, colocou-se a gravata, tentou endireitar-se e disse:

-me escute, moço, ouvi contar muitas histórias sobre ti e te quero advertir que eu não sou um covarde.

Olhou a um e outro lado para assegurar-se de que não lhe escutava ninguém que se o fora a contar a sua mulher, mas não se precaveu de que eu era amigo de sua mulher. Olhava continuamente em todas as direções.

Sempre acreditei que os covardes se comportam dessa maneira. As generalizações não são verdades absolutas mas, sem dúvida, têm algo de verdade. Se não, a que se devia que olhasse em uma e outra direção se diante dele só havia um menino sentado? Entretanto, olhava para todos lados menos a mim: para a porta, para a janela, embora estivesse falando comigo. Era tão gracioso e tão lamentável que lhe disse:

-me escute você também. Diz que não é um covarde. Crie nos fantasmas?

-O que? -exclamou.

Olhou a seu redor, olhou inclusive detrás de sua cadeira e disse:

-Fantasmas? O que têm que ver os fantasmas com isto? Estou-me apresentando e você começa a falar de fantasmas.

-Ainda não lhe apresentei isso -respondi-lhe-. Esta noite apresentarei a um.

-Sério? -perguntou. E parecia tão assustado que começou a transpirar. Era uma calorosa manhã do verão e estava paralisado, inclusive mais que eu agora.

-Começa a me dar a classe -disse-lhe-. Não perca o tempo porque tenho muitas coisas que fazer.

Olhou-me totalmente incapaz de compreender o que lhe estava dizendo: que tinha muitas coisas que fazer. Mas eu não lhe interessava, nem lhe interessava se tinha que fazer coisas ou não.

-Sim; começarei a classe -disse-; mas o que tem que os fantasmas?

-Te esqueça agora dos fantasmas -disse-lhe-. Esta noite lhe apresentarei isso.

Então se deu conta que estava falando a sério. ficou a tremer tanto que não lhe entendia o que me estava dizendo, só via como lhe tremiam as calças largas. depois de me ensinar bobagens durante uma hora lhe disse:

-Passa-te algo nas calças.

-O que lhes passa? -perguntou. Olhou para baixo e se deu conta que estavam tremendo, e então começaram a tremer ainda mais.

:Parece como se houvesse algo dentro -disse-lhe-. Eu não posso vê-lo daqui, mas você certamente deve sabê-lo. por que está tremendo? Não são só as calças largas, é você.

partiu sem terminar a lição que tinha começado dizendo:

-Tenho outra entrevista. Amanhã terminarei a lição.

-Por favor, amanhã vêem em calças curtas e assim saberemos se foi você o que tremia ou se eram as calças. Eu estou às ordens da verdade, porque agora mesmo é um mistério. Eu também me pergunto que classe de calças são esses.

Tinha um bonito par de calças, ao menos parecia que fossem deles, mas nunca soube se eram deles ou não, porque essa noite se acabou tudo; nunca voltou. Assim é como partiu meu professor particular, como lhe chamavam. O disse a minha avó.

-Crie que há alguém que por muito que lhe pague seja capaz de me agüentar?

-Não danifique as coisas -respondeu-me-. De algum modo, consegui convencer a sua família, e você estava de acordo. De fato, consegui-o graças a ti.

-Não -disse-lhe-. Não farei nada, mas se ocorrer alguma coisa, o que lhe vou fazer? Tenho-te que dizer isto porque esta noite se decidirá se lhe tem que pagar ou não.

-Como? -saltou-. vai se morrer ou algo assim? Tão logo? Se tiver começado esta manhã, e só trabalhou uma hora.

-Provocou-me -pinjente.

-Tinha-lhe advertido que não te provocasse -insistiu ela.

No pátio da casa de meu avô havia uma grande árvore de neem. A casa nos seguiu pertencendo depois da morte de minha avó. Era uma árvore enorme, muito velho, e era tão grande que abrangia toda a casa. Quando chegava a temporada e se cobria de flores de neem, a fragrância o invadia tudo.

Não sei se em outros lugares existirá uma árvore como o neem, porque necessita um clima muito quente. As flores têm um aroma muito cortante; «cortante» é a única palavra que me ocorre. Não posso dizer que seja um aroma porque é amargo. É fresco e agudo ao cheirá-lo, mas logo te deixa um sabor amargo na boca. Isso é inevitável, porque o chá de neem é o mais amargo do mundo. Mas quando te começa a gostar de é como o café. Tem que praticar um pouco; você não gosta instantaneamente.

Embora possa encontrar café instantâneo no mercado, primeiro tem que conhecer seu sabor. Acontece o mesmo com o álcool, e com milhares de coisas mais. Tem que assimilar o sabor pouco a pouco. Se tiver vivido em um bosque de neem e conheceste seu aroma do primeiro momento, então não te resulta amargo ou embora seja amargo também o encontra doce.

Na Índia se considera um dever religioso plantar tudas as árvores de neem que seja possível. Que estranho! Mas se conhecer a árvore de neem, seu frescor tonificante e seu poder desinfetante, então não te burlará deste costume. Índia é pobre e não se pode permitir muitos dos artefatos desinfetantes, mas a árvore de neem é natural e cresce com facilidade.

A árvore de neem estava detrás de minha casa. Estava acostumado a chamar «minha» casa à casa de minha avó.

A outra casa era para todos outros, qualquer tipo de criatura; eu não formava parte. de vez em quando ia ver meu pai e a minha mãe, mas saía correndo assim que me era humanamente possível. Quero dizer que assim que tinha completo as formalidades ia. Eles sabiam que não queria estar em sua casa. Sabiam que a chamava «essa casa». Assim que minha casa, com aquela gigantesca árvore de neem, era um lugar realmente belo, embora não sei quem criou o mundo nem quem se inventou esta história da árvore de neem.

A história conta -e faz que a árvore de neem seja realmente belo-, conta que tem poder para apanhar os fantasmas. Não sei de que maneira conseguia fazê-la, e minha iluminação não me ajudou a averiguá-lo. De fato, é o primeiro que quis saber depois de me iluminar, mas não me chegou nenhuma resposta. Provavelmente, não fazia nada de nada. Na Índia qualquer história se volta uma verdade, e em pouco tempo uma verdade absoluta.

Mas a história é que se te houver poseído um fantasma só tem que te sentar debaixo de uma árvore de neem e te levar um prego, quanto mais grande melhor; depois lhe tem que dizer à árvore: «Te vou cravar meu fantasma.» Também tem que te levar um martelo, ou agarrar uma pedra próxima para lhe dar um forte golpe ao prego. Uma vez que cravaste o fantasma à árvore está livre. Nessa árvore havia mil pregos pelo menos. Ainda me dá pena, embora já não exista.

Todos os dias vinha gente, inclusive tinham aberto uma tiendecita ao outro lado da rua para vender pregos, a conseqüência da demanda que havia. O mais importante é que o fantasma desaparecia quase sempre. A conclusão natural é que estava parecido à árvore. Ninguém tirava nenhum prego porque se o fazia possivelmente se liberasse o fantasma e se te encontrava perto te podia possuir.

Minha família estava muito preocupada comigo e pela árvore. Disseram a meu Nani:

-Está bem que durma em sua casa. Não temos nada em contra. Tampouco passa nada porque vírgula aí. Deve ver a sua família em contadas ocasiões; está bem, sabemos que está bem cuidado, mas tome cuidado com a árvore e com o menino. Se saca um prego, será desgraçado o resto de sua vida.

O conto segue dizendo que uma vez que um fantasma se liberou da árvore não o pode voltar a cravar porque já conhece o truque e não lhe pode enganar duas vezes.

De modo que meu Nani sempre estava pendente de que não me aproximasse da árvore. Mas não se deu conta de que estava tirando todos os pregos que podia; se não, quem lhe subministrava os pregos ao lojista de em frente? Tinha um bom negócio. Ao princípio, inclusive o lojista estava assustado.

-Como? -perguntou-me-. Está tirando os pregos da árvore?

-Sim -respondi-lhe-, e não há fantasmas. Somos amigos, muito amigos.

Não queria que se sentisse inquieto porque se se inteirava minha avó haveria problemas. Por isso lhe disse:

-Os fantasmas me querem muito. Somos muito amigos.

-Isso é um pouco estranho -disse-. Não tinha ouvido nunca que aos fantasmas gostasse dos meninos pequenos como você. Mas o negócio é o negócio. . .

Estava-lhe proporcionando pregos na metade de preço que no mercado. Era uma verdadeira ganga. Pensou que se eu podia tirar os pregos sem que me incomodassem os fantasmas, devíamos ser muito bons amigos, e que não se tinha que inimizar comigo. O menino é um pesado, mas se os fantasmas lhe ajudam, ninguém está a salvo.

Ele me dava dinheiro e eu lhe dava pregos. O contei a minha avó:

-Para falar a verdade, tudo isto é um engano. Os fantasmas não existem. Levo vendendo os pregos há um ano pelo menos.

Ela não podia acreditar. Durante um instante ficou sem respiração. Depois exclamou:

-Como! estiveste vendendo os pregos? Não tinha que te aproximar dessa árvore. Como se inteiram seu pai e sua mãe lhe levarão a casa.

-Não se preocupe -tranqüilizei-lhe-, sou amigo dos fantasmas.

-me diga a verdade -disse-. O que passou? -nesse sentido era uma mulher muito simples. Era muito inocente.

-É verdade -disse-lhe-, isso é o que acontece.

Mas não jogue a culpa ao pobre lojista, porque é uma questão de negócios. Se ele escapar ou se assusta se acabou meu negócio. Se realmente me quer ajudar em meu pequeno negócio lhe poderia mencionar, deixar cair algo como: «É curioso como gostam do menino aos fantasmas. Nunca lhes tinha visto tão amigáveis com ninguém. Nem sequer eu me posso aproximar da árvore.» Diga-lhe quando passar por aí.

Na Índia constróem umas plataformas de tijolo para sentar-se ao redor das árvores. Esta árvore tinha uma grande plataforma. Era uma árvore enorme: na plataforma que havia debaixo cabiam facilmente cem pessoas, e debaixo de sua sombra pelo menos mil pessoas. Era uma árvore gigantesca.

-Não incomode ao pobre lojista -pedi a meu Nani-. É minha única fonte de ganhos.

-Ganhos? -exclamou-. Que ganhos? Que classe de assunto é este? E nem sequer me havia dito nada!

-Tinha medo de que se preocupasse -expliquei-lhe-, mas agora te posso assegurar que não há nenhum fantasma. Vêem comigo, tirarei um prego e lhe demonstrarei isso.

Ela disse:

-Não. Acredito-te -assim é como cria a gente. -Não; assim não está bem, Nani -disse-lhe-.

Vêem comigo. Tirarei um prego. Se passar algo mau acontecerá comigo, e de todas formas vou seguir tirando pregos embora não venha. Já tirei centenas de pregos.

Pensou durante uns instantes e disse: -De acordo, irei. Tivesse preferido não ter que fazê-lo, mas então sempre pensará que fui uma covarde, e não aceito que me associe com isso. Vou contigo.

Veio. Ao princípio, é obvio, olhava desde certa distância. Era um grande pátio. Em outra época, a casa tinha pertencido a um pequeno imóvel. Debaixo da árvore de neem havia belas estátuas, e umas quantas dentro da casa. As portas eram antigas mas belamente esculpidas. Lhe teriam encantado ao Asheesh. Faziam muito ruído, embora isso é outra questão. A casa devia ter sido desenhada por algum arquiteto antigo. Pudemo-la adquirir a um preço muito baixo por causa dos

fantasmas. Quem estava interessado em viver em uma casa com uma árvore cheia de fantasmas? Saiu-nos quase de balde, por quase nada, a um preço simbólico. O proprietário estava feliz de desfazer-se dela. Meu pai lhe havia dito a meu Nani: -Aí estará sozinha, como muito com este menino que é pior que um fantasma. Com tantos fantasmas e com o menino, vai ser um problema para ti. Mas já sei que você gosta do rio, as vistas e o silêncio que há nesse lugar.

Era como um templo. À exceção dos fantasmas, não tinha vivido ninguém ali desde fazia muitos anos. Disse a meu Nani:

-Não se preocupe. Vêem comigo, mas não lhe incomode ao pobre lojista. Ele vive disto e eu também; em realidade, mantenho a muitos meninos de meu colégio graças aos fantasmas, assim, por favor, não o danifique.

Mas ela seguia um pouco afastada.

-Venha... -insisti-lhe-. Isso é o que estive fazendo após, lhe dizer a todo mundo: Venha, lhes aproxime um pouco. Não lhes preocupem, não tenham medo.

Então se aproximou e se deu conta que tudo era mentira.

-Mas, como funciona? -perguntou-.

Vi a milhares de pessoas, não só a uma... Vinham de lugares longínquos, e os fantasmas desapareciam. Quando vêm estão loucos; quando se vão, depois de ter posto um prego na pobre árvore, estão totalmente cordatos. Como funciona?

-Agora mesmo não sei como funciona -respondi-lhe-, mas o averiguarei. Estou em vias de descobri-lo. Não posso deixar aos fantasmas sozinhos.

A árvore estava entre minha casa e o resto da vizinhança, olhando para um beco. De noite, é obvio, não passava ninguém por esse beco. Isso me vinha muito bem; de noite não havia bulício. De fato, ao ficar sol, a gente se apressava a voltar para suas casas antes de que se fizesse de noite. Quem sabe, com tantos fantasmas.. .

O pobre professor particular vivia a poucas casas detrás da casa de meu Nani. Tinha que passar por esse beco; não havia outro caminho. Organizei-o essa noite. Durante o dia era difícil porque passava muita gente pela rua, e não podia convencer aos fantasmas de que fizessem algo de dia, mas de noite podia fazê-lo.

Mandei a um menino a casa do professor particular. O menino teve que ir, porque em meu bairro, qualquer menino que não seguisse meu conselho ou o que fosse, teria problemas constantes, as vinte e quatro horas do dia, um dia atrás de outro. De modo que faziam o que lhes pedia embora sabiam que era perigoso, porque eles também acreditavam em fantasmas.

-Vete a casa do professor particular -disse-lhe-, e lhe diga que seu pai (que vivia em outra rua) está muito doente, que possivelmente não sobreviva. Diga-lhe muito sério.

Naturalmente, se seu pai se está morrendo não te lembra dos fantasmas. O professor particular saiu precipitadamente. Eu tinha disposto tudo: estava sentado sob a árvore. Era meu, ninguém se podia opor. O professor particular passou ao lado com seu abajur de querosene; lhe deveu ocorrer que, ao menos, tinha que levar um abajur de querosene para que os fantasmas não lhe aproximassem muito ou que se se aproximavam os veria a tempo e se poderia escapar.

Saltei da árvore e caí em cima do tutor! O que aconteceu depois foi incrível, realmente incrível! Nunca me teria imaginado isso... (rendo-se a gargalhadas). Lhe caíram as calças! Saiu correndo sem calças! Ainda me lembro dele.. (rendo-se estrepitsamente).

Sessão 50

Menos mal que não posso ver..., mas já sei o que está passando. O que posso fazer? Tem que seguir com sua própria tecnologia, e, naturalmente, com uma pessoa como eu te encontra com grandes dificuldades. Estou pacote e não te posso ajudar.

Ashu, pode fazer uma coisa? Se te rir um pouco, ele se calará. É algo muito curioso: quando outra pessoa se começa a rir, a primeira deixa de rir. A razão está muito clara para mim, não para eles. A pessoa que se estava rendo automaticamente pensa que estava fazendo algo mal e por isso fica séria.

Se vir que Devageet se está desencaminhando um pouco, ria, lhe derrote. É uma questão de liberação feminina. Se soltas uma boa gargalhada, em seguida começará a tomar apontamentos. Ainda não começaste e já voltou para seus cabais.

Contava-lhes ontem que aquela noite saltei da árvore; não queria machucar ao pobre professor, mas sim queria que soubesse a classe de aluno que era. Mas me excedi. Eu também me surpreendi quando lhe vi tão assustado. Era medo puro. O homem desapareceu.

Por um instante, .estive a ponto de pôr fim à brincadeira quando pensei:

-É um velho; possivelmente se mora ou um pouco parecido, ou se volte louco, ou possivelmente não volte nunca para sua casa. Porque para voltar para sua casa tinha que passar outra vez por diante da árvore; era o único caminho. Mas já era muito tarde. Tinha fugido deixando atrás suas calças.

Recolhi-os, fui onde estava minha avó e lhe disse:

-Estas são as calças, e crie que era capaz de me ensinar? Este par de calças?

-O que ocorreu? -perguntou-me.

-ocorreu que tudo. O homem fugiu nu, não sei como as arrumará para voltar para sua casa. Eu tenho pressa, contarei-te toda a história depois. Fica com as calças. Se vier, os devolve.

Mas extrañamente nunca voltou para nossa casa para recolher as calças que se ficaram aí. Inclusive os cravei à árvore de neem para que os pudesse agarrar sem necessidade de me pedir isso Mas, para recuperar suas calças, tinha que liberar o fantasma que ele supunha que se equilibrou sobre ele.

Milhares de pessoas devem ter visto as calças ao passar diante da árvore. A gente vai a esse lugar para fazer uma espécie de psicanálise muito efetivo; como se diz, Devaraj? um plassbo?

-Placebo, Osho.

Plassba?

-Pla-c-bo.

De acordo, eu seguirei chamando-o «plassbo». Pode corrigi-lo no livro. «Placebo»está bem, mas eu o chamei «plassbo» toda a vida, e é melhor ajustar-se ao que já sabe, esteja bem ou esteja mau. Pelo menos é teu. Devaraj deve ter razão, e eu devo estar equivocado, mas faço bem em seguir chamando-o «plassbo». Não o nome, a não ser para amadurecê-lo com meu comportamento.

Nunca tomei em consideração o certo e o errôneo. O que eu gosto de é acertado; não quero dizer que seja acertado para todo mundo. Não sou um fanático, só sou um louco. No máximo.. ., não me posso atribuir mais que isso.

O que estava dizendo?

-Falava de que a gente vai à árvore como uma espécie de placebo do psicanálise, Osho.

O matrimônio é um placebo. Funciona, isso é o curioso. Dá no mesmo que seja verdade ou não. Sempre apóio o resultado; o que o origina não tem importância. Sou pragmático.

Disse a minha avó:

-Não se preocupe. Pendurarei as calças da árvore, e pode contar com o resultado.

-Conheço-te, e conheço suas estranhas idéias -insinuou-. Agora todo o povo saberá de quem são as calças. Embora queria voltar para por suas calças, não voltará aqui de novo.

Essas calças eram famosas porque os usava nas ocasiões especiais.

Mas que passou com este homem? Busquei-lhe por todo o povo mas, naturalmente, não o pude encontrar porque estava nu. De modo que pensei:

-Melhor esperar. Provavelmente, volte tarde de noite. Talvez se tenha ido ao outro lado do rio.

Era o lugar mais próximo onde não podia ser visto.

Mas o homem não voltou. Assim é como desapareceu meu professor particular. Sigo-me perguntando o que terá sido dele sem suas calças. Não é que esteja muito interessado, mas como as arrumou sem calças? E aonde foi? Naturalmente, me ocorrem algumas ideia. Possivelmente morreu de um ataque ao coração; mas então teriam encontrado o corpo, sem as calças. E embora se morreu, qualquer que lhe visse se teria rido. Suas calças se fizeram tão famosos que inclusive lhe chamavam «Senhor Calça». Nem sequer recordo seu nome. Tinha tantos pares de calças; no povo corria o rumor que tinha trezentos e sessenta e cinco pares de calças, um para cada dia. Não acredito que fora verdade, era só uma intriga. Mas o que foi dele?

Quando perguntei a sua família disseram:

-Estamo-lhe esperando, mas não lhe tornamos a ver desde essa noite.

-É estranho... Definitivamente, seu desaparecimento às vezes me faz suspeitar que os fantasmas existem -disse a meu Nani-.

.. .Porque só lhe estava apresentando aos fantasmas. Menos mal que suas calças estão penduradas da árvore.

Meu pai se zangou muitíssimo de que fora tão malintencionado. Jamais lhe tinha visto tão zangado.

-Mas eu não o tinha planejado assim -desculpei-me-. Não me ocorreu pensar que o homem ia se evaporar. É muito, inclusive para mim. Fiz algo muito inocente. Sentei-me na árvore com um tambor, dava-lhe um forte golpe para que emprestasse atenção ao que estava passando e se esquecesse de todo o resto, e então saltei ao chão.

Era uma tática habitual. Já tinha assustado a muita gente. De fato, minha avó estava acostumada dizer:

-Provavelmente, esta seja a única rua do povo onde não caminhe ninguém de noite mais que você.

O outro dia alguém me ensinou uns adesivos para o carro. Havia uma preciosa que dizia: «me acredite, em realidade, a estrada me pertence.» Enquanto estava lendo este adesivo, lembrei-me da estrada que passava ao Iado de minha casa. Eu era o dono ao menos de noite. Durante o dia era uma estrada estatal, mas de noite era absolutamente minha. Inclusive agora, não consegui ver nenhuma estrada tão silenciosa como essa de noite.

Mas meu pai estava tão zangado que disse:

-Aconteça o que acontecer, vou cortar esta árvore e acabar com a atividade a que te estiveste dedicando.

-Que atividade? -perguntei-lhe. Estava assustado pelos pregos já que eram meu único ingresso. Ele não se dava conta do que estava dizendo:

-A detestável atividade a que te estiveste dedicando, assustar às pessoas... E agora, a família desse homem me está perseguindo constantemente. Todos os dias vem um deles para me dizer que faça algo. O que posso fazer?

-Posso-te dar as calças -disse-lhe-, que é quão único ficou que ele. Quanto à árvore, não acredito que ninguém esteja disposto a cortá-lo.

-Não deve preocupar-se por isso -acrescentou. -Não me preocupo. Só te estou avisando para que não perca o tempo -insisti.

Aos três dias chamou para me dizer:

-Certamente, é muito. Disse-me que ninguém quereria cortar a árvore. É curioso, perguntei a todos os que poderiam fazê-lo (neste povo só há uns quantos lenhadores) mas ninguém está disposto a fazê-lo. Todos me responderam:

-Não. O que acontecerá os fantasmas?

-Já lhe havia isso dito -pinjente-, não conheço ninguém no povo que se atreva a tocar a árvore, a menos que o eu faça mesmo, mas então terá que contar comigo.

-Não posso contar contigo porque nunca se sabe o que te propõe fazer -respondeu-me-. Pode-me dizer que vais cortar a árvore e depois fazer outra coisa. Não; não lhe posso pedir isso.

A árvore ficou aí, sem que aparecesse ninguém que estivesse disposto a cortá-lo. Eu acossava a meu pobre pai lhe dizendo:

-Dada, o que há da árvore? Ainda está

aí; vi-o esta manhã. Segue sem encontrar um lenhador?

Olhou em todas as direções para ver se nos estava escutando alguém e depois me disse:

-por que não me deixa tranqüilo?

-Te devo ver em contadas ocasiões. de vez em quando, venho para te perguntar pela árvore. Diz que não encontra a ninguém que o queira cortar. Sei que estiveste perguntando, e sei que se negaram. Eu também lhes perguntei.

-Para que? -perguntou.

-Não; não é para que cortem a árvore, a não ser para lhes advertir do que há dentro da árvore: fantasmas -disse-lhe-. Não acredito que ninguém aceite cortá-lo a menos que me peça isso .

É obvio, não estava disposto a fazê-lo.

De modo que lhe disse:

-De acordo, então a árvore seguirá aí.

E seguiu aí enquanto estive no povo. Quando me parti, meu pai conseguiu encontrar a um muçulmano de outro povo para que cortasse a árvore. Aconteceu uma coisa curiosa: cortaram a árvore mas como podia voltar a crescer, decidiu fazer um poço para eliminá-lo definitivamente. Foi em vão, porque a árvore e as raízes tinham aprofundado tanto que e! água era mais amarga do que lhes possam imaginar. Ninguém queria beber a água desse poço.

Quando, por fim, voltei para povo, disse a meu pai:

-Não me fez conta. destruíste uma árvore preciosa e feita este poço horrível, do que serviu? Gastaste-te o dinheiro para fazer um poço, e agora nem sequer se pode beber a água.

-Possivelmente de vez em quando tem razão -reconheceu-. Dou-me conta, mas já não se pode fazer nada.

Teve que cobrir o poço com pedras. Ainda segue ali, coberto. Se tirar umas quantas pedras, umas lajes, encontrará o poço. Mas, a estas alturas, a água será totalmente amarga.

por que queria lhes contar esta história? Porque o primeiro dia de classe, o professor particular quis dar a impressão de que era um homem muito valente, um intrépido, ao me dizer que não acreditava em fantasmas.

-De verdade? -perguntei-lhe-. Não crie nos fantasmas?

-Claro que não -disse. Mas enquanto o dizia já estava assustado.

-Cria-o ou não, esta noite lhe vou apresentar isso -disse-lhe. Nunca pensei que a apresentação lhe faria desaparecer. O que lhe aconteceu? Sempre que voltava para povo passava por sua casa e perguntava-: voltou para casa?

Respondiam-me:

-por que te interessa tanto sabê-lo? abandonamos a idéia de que possa voltar.

-Não posso me esquecer, porque o que vi era muito belo, e só lhe estava apresentando a alguém -disse-lhes.

-A quem? -perguntaram.

-A alguém -respondi-, e nem sequer pude terminar de lhes apresentar. E o que tem feito seu pai não foi cavalheiresco absolutamente -disse-lhe ao filho-"--: saiu correndo perdendo as calças.

A esposa, que estava cozinhando algo, riu e disse:

-Sempre lhe estava dizendo que se atasse bem as calças, mas nunca me fazia caso. Agora suas calças desapareceram, igual a ele.

-por que lhe dizia que se atasse bem as calças? -perguntei-lhe.

Ela me disse:

-Não o entende. É muito singelo. mandou-se fazer tudas suas calças de jovem, e agora ficavam grandes porque tinha perdido peso. Por isso, sempre tinha medo de que algum dia se metesse em uma situação comprometida ao cair as calças.

Então recordei que sempre levava as mãos nos bolsos. Mas, naturalmente, quando te encontra com um fantasma não te lembra de colocar as mãos nos bolsos para te sujeitar as calças. Quem se lembra das calças quando há um montão de fantasmas atirando-se em cima de ti!

antes de ir-se fez uma coisa mais... Não sei onde se foi; neste mundo há muitas coisas que não têm resposta, e esta é uma delas. Não sei por que, mas antes de ir-se apagou seu abajur de querosene. Essa é outra pergunta que ficou sem responder.

A sua maneira, era um grande homem. Freqüentemente me pergunto por que apagou o abajur; até que um dia escute uma história, e achei a resposta. Não estou dizendo que ele retornasse, mas o segundo interrogante resolveu.

Seu filho pequeno não queria ir ao quarto de banho se sua mãe não ficava na porta, e se era de noite, naturalmente, tinha que ter ali um abajur. Estava de visita na casa quando escutei à mãe lhe dizer ao menino:

-Pode agarrar você o abajur?

-De acordo -disse-, levarei-a porque tenho que ir. Não posso esperar mais.

-por que usa o abajur de dia? -disse-lhe-. Conheço a história do Diógenes; não será outro Diógenes? por que leva o abajur?

A mãe riu e disse:

-Pregúntaselo a ele.

-Para que quer o abajur de dia, Raju? -perguntei-lhe.

-Dá igual a seja de dia ou de noite; há fantasmas por todos lados. Quando leva um abajur pode evitar te chocar com eles.

Esse dia entendi por que o professor particular apagou o abajur antes de sair correndo. Provavelmente, pensou que se a deixava acesa, o fantasma lhe encontraria. Mas se a apagava -e é só minha própria lógica- pelo menos não lhe veria e poderia esquivá-lo e escapar.

Mas a verdade é que fez um bom trabalho. Para falar a verdade, parece ser que sempre quis fugir de sua mulher e esta era sua última oportunidade. E a aproveitou. Este homem não teria terminado assim se não tivesse começado com sua ousadia, dizendo:

-Nem sequer tenho medo aos fantasmas.

-Mas -disse-lhe- não lhe estou perguntando isso.

Mas quando pronunciou a palavra «fantasmas» lhe tremiam as calças.

-Senhor, tem umas calças muito estranhas -disse-lhe-. Nunca vi uns que tremessem assim. Parece que estão vivos.

olhou-se as calças -ainda me lembro- e suas pernas se agitavam enloquecidamente.

De fato, meus dias na escola primária tinham terminado. É obvio, aconteceram milhares de coisas que não se podem contar aqui..., não é que não tenham importância -na vida não há nada que não tenha importância-, é que não temos tempo. Basta-nos com alguns exemplos.

A escola primária só foi o princípio da escola de ensino médio. Ingressei em ensino médio, e a primeira lembrança que tenho. .. Conhecem-me, vejo coisas estranhas.

Minha secretária coleciona toda classe de adesivos para o carro. Uma delas era: «Aviso-freno por alucinações.» Eu gostei. É muito bom!

A primeira coisa que lembrança é esse homem que -afortunada ou infelizmente, porque é difícil saber qual das duas- não estava, absolutamente, em seu são julgamento. Nem sequer estava louco como eu; estava autenticamente louco. No povo lhe conheciam como Professor Khakki. O significado de khakki é muito parecido ao que para ti significa cucu, louco. Ele foi meu primeiro professor na escola medeia. Possivelmente nos fizemos amigos imediatamente porque estava autenticamente louco.

Em muito estranhas ocasiões me tenho feito amigo dos professores. Há algumas tribos como os políticos, os jornalistas e os professores que simplesmente não podem me gostar de embora, por separado, alguns deles eu goste. Jesus diz: «Ama a seus inimigos.» De acordo, mas ele nunca foi à escola e por isso não sabe nada de professores, isto pelo menos é seguro; se não haveria dito: «Ama a seus inimigos, menos aos professores.»

É obvio, não havia nem jornalistas nem políticos, de algum modo gente cujo trabalho consiste em te chupar o sangue. Jesus estava falando de seus inimigos, mas e os amigos? Não disse nada de amar a seus amigos... Porque não acredito que um inimigo possa te fazer muito dano; o verdadeiro dano o fazem os amigos.

Simplesmente, odeio aos jornalistas e quando odeio não quero dizer nenhuma outra coisa; sem interpretações, simplesmente, ódio! Odeio aos professores! Não quero que haja professores no mundo... ao menos professores no velho sentido. Possivelmente terá que encontrar um tipo diferente de amigo mais velho.

Mas este homem, que era um louco conhecido, imediatamente se fez meu amigo Seu nome completo era Rajaram, mas era conhecido como Raju-Khakki, «Raju o louco». Me esperava que ele fora o que diziam que era.

Quando lhe vi, não lhes acreditarão isso, mas esse dia pela primeira vez me dava conta que não é bom estar realmente são em um mundo insano. lhe olhando,

durante um momento foi como se o tempo se deteve. É difícil dizer quanto durou, mas tinha que terminar de escrever meu nome, direção e demais dados para me inscrever, por isso me fez algumas pergunta.

-Não nos podemos ficar em silêncio? -perguntei-lhe.

-eu adoraria -disse-, mas vamos acabar o trabalho sujo primeiro, depois nos podemos sentar em silêncio.

Da maneira que disse «vamos acabar o trabalho sujo primeiro...» foi suficiente para que me desse conta que, pelo menos, era um homem que sabia o que era sujo: a burocracia e a papelada interminável. Terminou em seguida, fechou o registro e disse:

-Muito bem, agora nos podemos sentar em silêncio. Posso-te dar a mão?

Não me esperava isso de um professor, por isso lhe disse:

-Ou tem razão a gente quando diz que está louco ou talvez é verdade o que sinto: que é o único professor cordato de toda a cidade. -É preferível estar louco -disse-; economiza-te muitos problemas. Rimo-nos e nos fizemos amigos. Durante trinta anos até que morreu, fiz-lhe visitas constantemente só para estar sentados. Sua mulher dizia:

-Acreditava que meu marido era o único louco da cidade. Não é verdade; você também está louco. Pergunto-me por que vieste a ver este louco. Era um louco em todos os sentidos.

Por exemplo, podia-lhe ver chegar ao colégio montado a cavalo. Isso não era tão estranho por essas terras, mas montado ao reverso...! Isso é o que eu adorava dele. Montar a cavalo, não como o faz todo mundo a não ser olhando para trás é uma estranha experiência.

Mais tarde lhe contei a história de Amacie Nasruddin, de como estava acostumado a montar ao reverso em seu burro. Seus alunos sentiam vergonha quando saíam do povo, por não mencionar coisas piores. Finalmente, um de seus alunos lhe perguntou:

-Amacie, todo mundo vai em burro, não há nada mau nisso. Pode ir em burro, mas montar ao reverso.. .! O burro vai em uma direção e você vai olhando em direção contrária, por isso a gente ri e diz «Olhe ao louco de Amacie!», e nos dá vergonha porque somos seus alunos.

Amacie lhes respondeu.

-Lhes vou explicar isso. Se vou dando as costas, estaria-lhes insultando. Não posso insultar a meus próprios alunos, é inaceitável. Há outras possibilidades. Ao melhor, podem andar vós de costas diante do burro, mas é seria muito complicado, e lhes daria mais vergonha ainda. Assim estaríamos de frente, e não nos faltaríamos o respeito. Mas seria muito complicado andar de costas, e o caminho é largo. portanto, o mais natural e a solução mais singela é que me sente de costas no burro. Ao burro não lhe importa se não lhes vê. Pode ver para onde vamos e chegar a nosso destino. Não quero ser pouco respeitoso com vós, por isso o melhor é que vá sentado ao reverso no burro.

É curioso, mas Lao Tzu também se sentava ao reverso em seu búfalo; ao melhor o fazia pela mesma razão. Mas não se sabe qual foi sua resposta. Os chineses não respondem às perguntas deste tipo, e tampouco as fazem. São gente muito educada, sempre estão fazendo-se reverências.

Eu tinha decidido fazer tudo o que não estivesse permitido. Por exemplo, quando ia à universidade usava uma túnica que não tinha botões e calças de pijama. Um de meus professores, lndrabahadur Khare..., ainda lembrança seu

nome embora faça muitos anos que morreu, mas não o posso esquecer pela história que lhes vou contar.

Era o encarregado de todas as celebrações da universidade. É obvio, graças a todos os prêmios que estava obtendo para a faculdade, decidiu que me tinham que fazer uma foto com todas as medalhas, as placas e as taças, assim fomos a um estudo. Mas surgiu um grande problema quando disse:

-te grampeie os botões.

E eu lhe respondi:

-Não posso.

-Como? -perguntou-. Não te pode grampear os botões?

-Olhe, pode vê-lo, os botões são falsos

.-disse-lhe-. Não tenho casas; não se podem grampear. Eu não gosto de grampear botões, por isso pedi a minha alfaiate que não lhe fizesse casas à roupa. Os botões estão costurados, já o vê, de modo que sairão na foto.

zangou-se muito, porque -como se diz, preocupar?- preocupava-lhe muito a roupa e essas coisas, por isso disse:

-Assim não se pode fazer a foto.

-Muito bem, então me parto -disse-lhe.

-Não refiro a isso -disse. Porque tinha medo de que armasse alguma confusão ou fosse ao diretor. Sabia perfeitamente que não havia nenhuma lei que dissesse que me tinha que grampear os botões para me fazer uma foto.

O recordei lhe dizendo:

-Que saiba que manhã estará em um apuro. Não há nenhuma lei que o diga. te dedique a lê-lo esta noite, busca o, faz os deveres, e amanhã nos encontraremos no despacho do diretor. me demonstre que não me posso fazer a foto sem me grampear os botões.

-Certamente -disse-, é um aluno estranho. Sei que não lhe posso demonstrar isso, assim vamos terminar de fazer a foto. Eu irei, mas lhe têm que fazer a foto.

Essa fotografia ainda existe. Um de meus irmãos, o quarto, Niklanka, coleciona todo o relacionado comigo desde que era pequeno. A gente ria dele. Inclusive eu lhe perguntei:

-Niklanka, por que te incomoda em guardar todo o encontra sobre mim?

-Não sei -disse-, mas tenho a profunda sensação que algum dia necessitaremos todas estas coisas.

-Adiante -disse-lhe-, se o sentir assim, segue fazendo-o.

Graças a Niklanka se salvaram algumas fotos de minha infância. guardou coisas que agora são importantes.

Sempre estava guardando coisas. Inclusive se atirava algo ao cesto de papéis, rebuscava para ver se havia algo escrito. Guardava algo que tivesse escrito. Todo o povo pensava que estava louco. A gente me dizia:

-Você está louco, i E ele parece que está ainda mais louco!

Mas me queria mais que ninguém na família, embora todos me queriam, mas nenhum como ele. Provavelmente, também tenha essa foto, porque o colecionava tudo. Lembro-me de havê-la visto em sua coleção, com os botões desabotoados. Lembro-me de quão irritado estava Indrabahadur. Era um homem muito meticuloso, mas eu também tinha meu próprio caráter.

-te esqueça da foto -disse-lhe-. vai ser minha foto ou a tua? Você te pode fazer as fotos com os botões grampeados, mas já sabe que eu nunca me grampeio isso. Se me grampeasse isso para a foto seria falsa. me faça a foto ou te esqueça do tema!

esteve muito bem, foi formoso... mas sei vertical. Comigo não se pode aplicar a horizontalidade. Muito bem. Quando as coisas vão tão bem é melhor parar. Devageet, esteve bem mas já é suficiente. Devaraj, lhe ajude. Ashu, faz-o o melhor que possa. eu adoraria poder seguir mas nos acabou o tempo. Em algum momento terá que retirar-se

Tradução (utilizando delta translator) e formatação

Advaita Samtusti
a_r_z_@terra.com.br